

[REDACTED]
G869.8 M764B LAC



THE LIBRARY
OF
THE UNIVERSITY
OF TEXAS

G869.8

M764B

111

CALL NO.

G869.8

M764b

JAN 11 1947

TO BIND PREP.

DATE 1-8-47

NEW BINDING [✓]

REBINDING []

REGULAR [✓]

RUSH []

STORAGE []

BUCKRAM [✓]

SPECIAL PAM. []

AUTHOR AND TITLE

Monteiro Lobato, Jose Bento
... A barca de Gleyre.

CATALOGUER **Wilson**

RETURN BOOK TO **Latin American**

GLUED-ON []

LACED-ON []

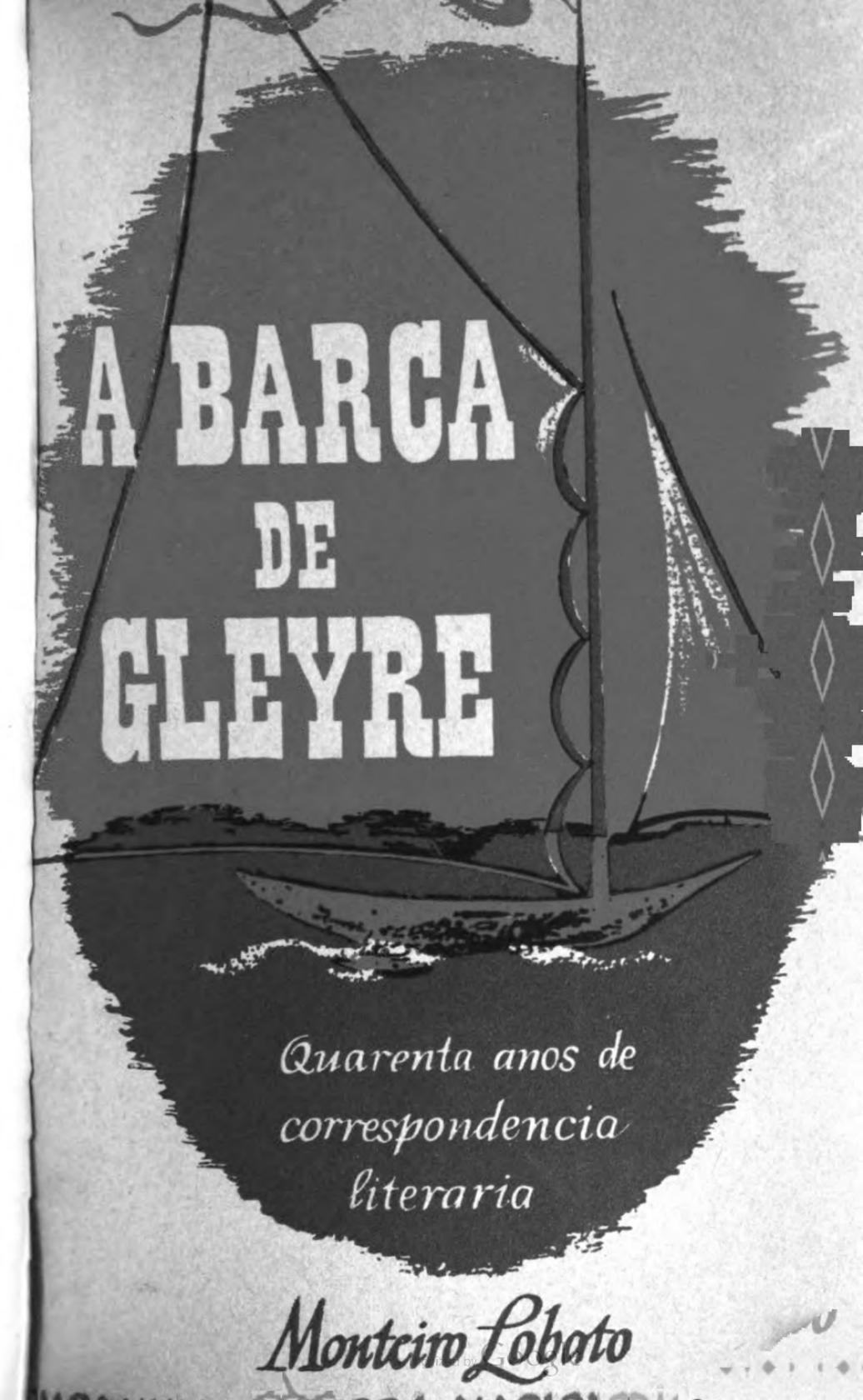
STUB FOR:

T.-P. AND I. []

LACKING NOS. []

SPECIAL BOOK PLATE []

CATALOGUE DEPT. BINDING INST.



A BARCA DE GLEYRE

*Quarenta anos de
correspondencia
literaria*

Monteiro Lobato

**A BARCA
DE
GLE YRE**

3476

Impresso nos Estados Unidos do Brasil
Printed in the United States of Brazil

Estas memorias....

Edgard Cavalheiro

QUANDO, ha cerca de um ano, Monteiro Lobato me proporcionou a leitura de um punhado de folhas datilografadas contendo parte da correspondencia trocada com Godofredo Rangel, vi logo o originalissimo livro que seria a sua reunião em volume. O livro sae agora e, não sei bem por que agradavel designio, cabe-me a grande alegria de precede-lo de algumas palavras. Neste portico deveria estar Godofredo Rangel — o assiduo correspondente, o amigo de tantos anos, aquele que acima de todos melhor poderia explicar a genese e o desenvolvimento de uma amizade que constitue, dentro da nossa literatura, um caso original, unico.

Caso unico, na verdade, e talvez não só na historia literaria do Brasil. Cartas de escritores — aos amigos, parentes, bem amados, colegas, etc. — são comuns. Os volumes da correspondencia de Flaubert são em maior numero que os da sua produção original. E ninguem desconhece as centenas de cartas de Victor Hugo á sua noiva. Mas uma troca de cartas entre dois amigos, e sobre o mesmo assunto, que tenha durado quarenta e tantos anos, parece-nos coisa inedita.

Se o fato em si é original, as consequencias são originalissimas. Pois aqui estão as "memorias" de um homem, escritas sem ele saber, compostas sem plano preconcebido, realizadas com um maximo de fidelidade e isenção de animo. Sabemos todos como são falsas, duvidosas ou apaixonadas as historias dos homens que escreveram sua propria vida.

Nem Santo Agostinho ou Kropotkin, Rousseau ou Goethe, escaparam ao perigo das "poses", dos "gestos" para a posteridade. Aliás, o proprio autor do *Fausto* reconhecia que só

540525

FEB 10 1947
Digitized by Google

FLB 18 1946
X
1.6
X

ironicamente podemos falar na primeira pessoa do singular. Uma coisa é preparar laudas de papel para encher com recordações do passado, mesmo com a mais pura das intenções. Outra, muito outra, é chegar ao fim de uma acidentada existência e receber de um amigo, com o qual nos carteamos durante quarenta e tantos anos, centenas e centenas de páginas, com os tipos de letras mais variáveis possíveis e os mais estranhos papéis, e verificarmos que essas cartas nada mais representam senão a nossa própria existência, pormenorizadamente contada. Páginas amareladas pelo tempo, mas todas elas tão vivas pelo que revelam de duas personalidades! Uma — alma tímida e timorata, encaramujada em longínquos lugarejos, aparentemente satisfeita no ramerrão de uma vida sem tropeços, sem altos e baixos. Outra, inquieta, insatisfeita, buliçosa, desambientada em Areias ou Taubaté, em São Paulo ou Rio de Janeiro, ambicionando sempre campos mais vastos, passando por grandes experiências, precisando cair no bruhaha de New York para encontrar campo propício para os seus altos sonhos. Enquanto Godofredo se conforma ou parece conformar-se com a vidinha de juiz nos inacessíveis municípios mineiros, Lobato aventura-se na capital paulista, mete-se em negócios, chega a nosso adido comercial em New York, funda companhias para a exploração do ferro e do petróleo, numa eterna inquietação, numa febril atividade. São almas dispares, aparentemente nada têm de comum.

Um, espírito interiorizado, dominado por complexos de inferioridade, escrevendo muito (chegando a numerar romances com a facilidade com que o outro numerava contos) mas nada ou muito pouco publicando, nem quando o amigo, dono de uma editora e de uma grande revista, insiste nos originais. Outro, com grandes intervalos na produção; mas divulgando muito, até mesmo ligeiras notas de cadernos íntimos, pois, algo cético por natureza, tem momentos de febricitante entusiasmo. Se o primeiro raramente se eleva e grita, o segundo está sempre gritando, e jamais aceitará situações intermediárias. Onde, então, o ponto de contacto a uni-los? Que estranho élo terá sido esse que os ligou tão intimamente? Em que regiões personalidades tão contraditórias poderiam tão harmoniosamente se encontrar? É fácil a resposta: ambos eram visceralmente literatos. A literatura que os uniu nas tertulias boemias do "Minarete", manteve-os ligado para sempre. Como um visgo que neles grudasse, a doença literaria não mais os deixou e,

vítimas do mesmo mal, nesses amplos, estranhos e misteriosos dominios eles se irmanavam, numa fraternidade isenta de malícia, fonte perene de compreensão, encantamentos e alegrias insuspeitadas. As "belas letras", como era habito dizer, levou-os ás primeiras conversas quando estudantes. Formados, seguiram destinos diversos. Mas o "virus" estava inoculado e do mal literario poucos se livram a tempo, embora a ausencia de ambiente e estimulo tornem a tendencia quase sempre um martirologio.

É ainda com os pseudonimos da republica de estudantes que trocam as primeiras cartas. O ano está recuado. 1903. E Lobato vai prevenindo: "Sigo logo para a fazenda e quero de lá corresponder-me contigo longa e minuciosamente em cartas interminaveis; mas é coisa que só farei se me convencer de que realmente queres semelhante coisa."

Desde então não cessam as cartas. Muitos anos depois o habito tornara-se uma segunda natureza. Não se tratava, porém, de uma amizade no sentido comum, dessas que exigem a presença fisica da pessoa querida. Reclamam, sem duvida, visitas, planejam viagens em conjunto, convidam-se mutuamente. Mas não ha uma necessidade por assim dizer organica do encontro pessoal, da conversa verbal. Tanto que Lobato podia acentuar que o habito "de escrever-nos desdobrou-te em dois Rangeis: o de carne, professor, marido e lá sei que mais; e o Rangal epistolografo. Este é que é o meu. Deste é que conheço as ideias e as manhas."

De que tratam eles em tantas cartas? De tudo. Especialmente de livros e autores. De vez em quando uma ligeira incursão sobre assuntos domesticos, politicos ou sociais, mas a preocupação absorvente é quasi sempre de ordem literaria. Impressões de leituras, discussões em torno de obras, estilos, tendencias. As leituras são muitas. Uma miscelanea de autores e assuntos, todos sofregamente devorados. Por vezes pequenas pausas. Enfardados, procuram produzir. Trocam então criticas, submetem um ao outro suas produções, estimulam-se, sem, no entanto, abdicar do direito de critica.

Contando — numa linguagem despida de pretensões, sem o publico como elemento controlador, sem outro censor que o amigo certo — suas inquietações espirituais, suas preocupações artisticas ou descobertas nos campos da estilistica ou da filologia, Lobato vai traçando a linha seguida pelo seu espi-

rito tanto no terreno do estilo propriamente dito, como no da concepção da arte, suas causas e efeitos.

O simples fato de não cortejar qualquer especie de leitor permite-lhe abrir-se com a mais absoluta franqueza, com certa rudeza mesmo. Que importa se o que está escrevendo irá prejudica-lo aos olhos do publico? A carta é intima, não chegará até mãos profanas. Isso não só valoriza imensamente estas "memorias", como é a mais segura garantia da autenticidade dos sentimentos nelas expressos.

Aliás, nada comprova melhor este aspecto do livro do que as contradições, os vai-e-vens em que se debate o escritor. Sobretudo nos anos de formação, quando ainda em Taubaté ou Areias, tateia caminhos, procurando o genero a que se dedicar, debatendo-se na incerteza da verdadeira vocação. As notas, neste sentido, são preciosas, e com elas podemos reconstituir a estrada percorrida até a publicação de *Urupês*, momento em que as cartas assumem outra feição e o escritor, abandonando a pacatez de uma cidade morta ou a vida sem grandes atropelos de uma fazenda, aventura-se aos altos negocios, transformando-se nessa coisa algo absurda para o nosso meio: o profissional da pena, o intelectual que faz da intelligencia arma social, nobilitando o vocabulo até então pejorativo e quasi somente aplicado a seres aereos, subjetivos, sem contacto com a vida ou sem nela se integrarem como partes ativas do mecanismo social. Mais do que esse periodo, porem, interessará aos "fans" de Lobato o conhecimento minucioso das suas experiencias para chegar a *Urupês* ou *Cidades Mortas*.

Aos jovens escritores de hoje, ou a esses rapazes que datam quinhentas paginas de poesias feitas em dois meses, e que antes da maioridade já ostentam numerosa bagagem literaria, o aprendizado do escritor Lobato, que este livro revela, servirá de severa advertencia, de preciosa lição. O ex-estudante que em 1904, com o canudo de bacharel debaixo do braço, seguiu para a cidade de Taubaté, talvez já tivesse escrito contos suficientes para encher um ou mais volumes. A publicação de um livro trar-lhe-ia, com toda a certeza, prestigio entre os companheiros que ficavam, garantindo-lhe invejavel situação na cidade que o aguardava com o orgulho de mais um filho doutor. Mas ele não tem pressa. Sabe que está irremediavelmente condenado a ser um literato. "Ten-tei", escreve em junho de 1904, "arrancar de mim o carneção

da literatura. Impossível. Só consegui uma coisa: adiar para depois dos 30 o meu aparecimento". Contava então 22 anos de idade. Muitos sonhos enchiam-lhe as noites. Planos não faltavam. Mas ele bem sabe que para se fazer boa literatura é necessário, antes de mais nada, esta coisa simplíssima: viver. "Estamos moços", escreve ao amigo, "e dentro da barca. Vamos partir. Qual é a nossa lira? Um instrumento que temos de apurar, de modo que fique mais sensível que o galvanometro, mais penetrante que o microscopio: a lira eolia do nosso senso estetico. Saber sentir, saber ver, saber dizer. Nada de imitar seja lá quem for. Temos de ser nós mesmos... Ser nucleo de cometa, não cauda. Puxar fila, não seguir."

É todo um programa esse trecho. Saber sentir, saber vêr, saber dizer... Dentro desse triptico, a coerencia do aprendiz de escritor é perfeita. Modelar. Nada o afastará. Nem mesmo as glorias que os primeiros trabalhos lhe trazem. É facil ir respigando, aqui e ali, dia-a-dia, semana-a-semana, mês-a-mês, ano-a-ano, as aquisições feitas, as lições aprendidas e decoradas, os tropeços vencidos. As descobertas que vai fazendo ao longo do caminho são apontadas com a alegria das grandes descobertas, dos grandes achados, ou a constatação melancolica dos rumos errados, dos fracassos em perspectiva. "Na propriedade de expressão está a maior beleza: dizer "chuva", quando chove, "sol", quando soleja. Acho o "percutir" muito de gatilho de espingarda, muito metalico; monjolo é pau e pau que bate noutro não percute, dá um choque balofo". Ou então: "Nos grandes mestres, o adjetivo é escasso e sobrio — vai abundando progressivamente á proporção que descemos a escala dos valores." Agora uma auto-critica: "Tenho um defeito grave: espremo e encurto demais o enredo, não o esclareço bem, não dou coloridos de transição, faltam-me tons, passo bruscamente duma coisa para outra, de modo que eu me entendo mas não me entendem os outros." As ambições são amplas: "Quero contos como os de Maupassant ou Kipling, contos concentrados em que haja drama ou que deixem entrever drama. Contos com perspectivas. Contos que façam o leitor interromper a leitura e olhar para uma mosca invisível com olhos grandes, parados. Contos estopins, deflagradores das coisas, das ideias, das imagens, dos desejos, de tudo quanto exista informe e sem

expressão dentro do leitor. E conto que ele possa resumir e contar a um amigo — e que interesse a esse amigo. Tenho examinado os ultimos livros de contos aparecidos. Nada como quero. Nada alem de amorécos e adulteriosinhos de Paris. Isso fede. Serão como os de Kipling — com paisagens, arvores, céu, passarinhos, negros...” Mas não basta querer. Ele bem o sabe... “O meu conto, agora... Que tristeza, Rangell Reli-o depois que chegou e achei-o tão seco, tão magro. As tuas observações me abriram os olhos. Vou seguir os conselhos.”

Chega o desanimo, a insatisfação, a perspectiva do fracasso: “Sou incapaz de produzir um conto.” “Creio que não passo de um cronista.” “Hoje, que positivamente já falhei...” Foge para a leitura. Devora livros sobre livros. “Ando vogando em Anatole...” “Tenho lido um milhão de coisas.” Descobre a literatura inglesa e ela o deslumbra. Kipling, Dickens, Shakespeare, Wells... Mas os contos continuam não saindo como deseja. Outras fugas, outros derivativos. ““Nasci pintor e pintor morrerei”, comunica ao amigo, acrescentando: “e mau pintor.”

Reside então em Areias, onde é promotor publico. “Areias, Rangell Isto dá um livro á Euclides. Areias, tipo da ex-cidade, de majestade decaida. A população de hoje vive do que Areias foi. Fogem da anemia do presente por meio de uma eterna imersão no passado.” Está longe de pressentir que o lugarejo sem vida, do qual “nem Shakespeare tiraria sequer um titulo de drama” fornecer-lhe-á motivos para um dos seus mais deliciosos livros. No momento aquilo é um suplicio. Sente-se apodrecer. Somente a leitura o salva. Os livros e a correspondencia com o amigo, que lhe é de muito valor como incentivo, “como enchimento do tempo vasio, como occupação mais nobre do que discutir politica na farmacia ou caçar as moscas do imperador Domiciano.”

Mas um dia morre-lhe o avô, e ele herda uma fazenda, passando de promotor a fazendeiro. Começa então o contacto directo com a terra, com os pobres caboclos. E aos poucos vai sentindo que algo se está “gestando” nele. “Gesto uma obra literaria, Rangel, que, realizada, será “algo nuevo”. Anota, então, que entre os brasileiros cultos e as coisas da terra ha um divorcio absoluto. Não sabe ainda como será essa obra que sente nascer num processo inconsciente. Pensa

num romance. Ou numa serie de contos e coisas com uma ideia central. "Nessa obra aparecerá o caboclo como o piolho da serra, tão espontaneo, tão bem adaptado como nas galinhas o piolho de galinha... Já te escrevi sobre isso: e se a ideia volta e insiste é que de fato está se gestando, bem vivinha e será parida no tempo proprio."

A ideia não mais o abandonará. Algumas linhas mestras repontam aqui e ali: o grande incendio das matas nas queimadas de agosto; a obra de pilhagem e depredação inconsciente do jéca; a tristeza e depauperamento de uma raça fadada a desaparecer. Observa que a nossa literatura é fabricada nas cidades por sujeitos que jamais penetraram nos campos. Falseiam o caboclo e sua miseria, tudo colorindo com as tintas roseas de um otimismo criminoso. "Se eu não houvesse virado fazendeiro e visto como é realmente a coisa, o mais certo era estar lá na cidade a perpetuar a visão erradissima do nosso homem rural." Sente que não é de um livro, e sim de um libelo que a nossa literatura está precisando. O livro sairá quando tiver de sair. "Não procuro escreve-lo, ele é que tem de formar-se dentro de mim como um tumor." Mas os trabalhos que irão compor *Urupês* ganham contornos, corporificam-se em forma de contos ou cronicas. Primeiro é o artigo "Velha Praga". Depois "Mata-pau". Em seguida "Chóo-Pan". Refaz pela quarta ou quinta vez "Os Faroleiros". Se divulga algum desses trabalhos em revistas ou jornais, é com a intenção de reve-lo mais tarde, pois nada melhor do que a correção em texto já impresso.

A repercussão e o começo de gloria que ameaçam envolve-lo com a divulgação dos primeiros contos, em lugar de estimulo somente servem para refrear-lhe os impulsos. Volta, por uns tempos, a usar os velhos pseudonimos dos tempos de estudante. Agrada-lhe, porém, o efeito produzido pelos artigos. Nele vê um despertar de consciencias adormecidas. Resiste, porém, á tentação do livro, que ainda não está maduro. "Não tenho pressa, nem entusiasmo. Já estou muito longe do assanhamento dos 18 anos", afirma em 1917.

O aprendizado fôra arduo. As cartas nos dizem que passou uma temporada debruçado no dicionario de Aulete. "O que mais aprecio num estilo é a propriedade exata de cada palavra e para isso temos de travar conhecimento pessoal, direto, com todos os vocabulos, um por um, em demorada,

pensada e meditada vocabulação dicionarística.” A esse demorado passeio pelo país dos vocabulos, seguem-se outros passeios: a obra de Machado, a centena de volumes de Camilo, Camões, todo o Balzac, Stendhal, Kipling, Euclides — quantos outros mais! Não frequenta filólogos, preferindo aprender diretamente nos mestres. Confessa sua ignorância em questões gramaticais, afirmando guiar-se pelo tacto e pelo faro, pelo aspecto visual e auditivo da frase. Camilo apaixona-o. Chega mesmo a transforma-lo em base de operações, para as incursões em outros setores. Convida o amigo para um passeio através do mundo camiliano, como “remedio contra o estilo redondo dos jornais, que somos obrigados a ingerir todos os dias. Camilo é laxante. Cada vez que mergulho em Camilo saio lá adiante mais eu mesmo — mais topetudo. E o topete filosofico eu o extraio de Nietzsche.” Estranha combinação, na verdade, mas que se harmonisava perfeitamente com o espirito irrequieto, insatisfeito, buliçoso e combativo do panfletario de “Velha Praga”. E por isso mesmo contraditorio. Tanto assim que logo percebe estar abusando de Camilo, e alerta o amigo: “Abusamos de Camilo como certos sifiliticos abusam do mercurio. O espiroqueta morre, mas ficamos com os dentes estragados. Temos que eliminar todas as cascas e ficarmos em carne viva”. Ser aquilo que numa enfatica advertencia o rapazinho de 22 anos aconselhava: “Seja você mesmo, porque, ou somos nós mesmos ou não somos coisa nenhuma. Ser exceção e defende-la contra todos os assaltos da uniformisação: isto me parece a grande coisa.”

Mas fugir á bitola comum não significa desprezo pelo que nos precederam. Se é verdade que estilos não se fabricam nem se ajustam por influxo de regras, não é menos verdade que o desprezo ás experiencias e conquistas feitas só denotará ausencia de espirito critico, falta de senso. Aprendendo com os mestres, Lobato não se submete, porém, a eles. Consome anos na procura do meio de expressão mais adequado ás suas ideias, pois quer vesti-las decentemente. Refaz quatro ou cinco vezes o mesmo trabalho. Longos romances são reduzidos a exiguos contos. Anota que tanto ele como o amigo estão dando espaço demais ao cenario, com prejuizo das figuras. Quantas outras observações não vai anotando no decorrer dos longos meses de incubação, até o momento em que se sente maduro, com o instrumento já amolado, em forma. A afirma-

tiva feita em 1905 — “ou dou um dia coisa que preste, que esborrache o indigena, ou não dou coisa nenhuma” — vai, enfim, ser concretizada. *Urupês* está no ponto.

Não é este o lugar para comentários sobre o que se seguiu á barulhenta estreia que foi a publicação desse livro, nem para acompanharmos o autor através dos anos que vieram depois, anos cheios de realizações e glórias, fracassos e decepções. As cartas ora divulgadas mostrarão o que foram as lutas de mestre Lobato, nos varios setores em que empregou sua extraordinaria capacidade de trabalho. Industria de livros, ferro, petroleo, traduções, literatura infantil... São capitulos de uma vida a ser contada para exemplo das gerações vindouras.

Por ora, acentuemos tão somente a lição proporcionada pelo contista, na inquieta busca a que se entregou, de crear um estilo, de erguer uma obra literaria que no setor conto só iria encontrar paralelo na de mestre Machado. Que importa se mais tarde ele proprio, no mar das suas contradições, tão humanas e por isso mesmo tão comoventes, abandone o genero que tantas glórias lhe trouxe? A lição aí está: a arvore deu os frutos esperados! Estas cartas — se tantas outras coisas não nos dissessem de um homem que é uma das mais puras expressões da nossa vida intelectual — serviriam de excelente roteiro aos moços que ora começam e que, deslumbrados pelo exito facil, se entregam á illusoria notoriedade das grandes bagagens literarias, como passaporte para a immortalidade. Além de sinceridade e experiencia, honestidade e talento, arte é também esforço, é também, principalmente, arduo aprendizado. “Noventa por cento de transpiração e dez por cento de inspiração, eis o genio”, dizia Edison.

Que os moços procurem nestas cartas o caminho percorrido pelo mestre, não para imita-lo ou submeter-se passivamente ao seu modo de ver e de sentir as coisas, mas sim como ponto de partida para outras aquisições e outros feitos. Procurem, sobretudo, não só a lição do conteur, mas do mestre da vida, daquele que já no fim da carreira podia escrever ao amigo: “Tenho sido tudo e creio que minha verdadeira vocação é procurar o que valha a pena ser”. Insatisfação, inquietude, inconformismo...

Ai dos satisfeitos, dos suficientes, dos conformados!...

TRES NOMES...

Nesta casca de arvore quero escrever tres nomes: o de PUREZINHA, a Mater Dolorosa com a qual vou descendo o morro, de mãos dadas e saudades em comum; o de MARJORI, a creaturinha que simboliza todas as que se lembram de mim e me escrevem; e qual seria o terceiro, senão o de RICARDO o Inesquecivel?

ESCUSATORIA

Estas cartas se salvaram, das que escrevi ao Godofredo Rangel no dilatado espaço de quarenta anos. Quarenta anos do mesmo amigo e mesmo assunto, que fidelidade! . . . E a consequencia foi se tornarem uma rarissima "curiosidade". Não sei em nenhuma literatura de tão longa correspondencia, sobre o mesmo assunto, entre só dois sujeitos.

O genero "carta" não é literatura; é algo á margem da literatura. . . Porque literatura é uma attitude — é a nossa attitude diante desse monstro chamado Publico, para o qual o respeito humano nos manda mentir com elegancia, arte, pronomes no lugar e sem um só verbo que discorde do sujeito. O proprio genero "memorias" é uma attitude: o memorando pinta-se ali como quer ser visto pelos posteros — até Rousseau fez assim — até Casanova.

Mas cartas não. Carta é conversa com um amigo, é um duo — e é nos duos que está o minimo de mentira humana. Ora, como da minha conversa escrita com o Rangel se saltassem quasi todas as cartas, tive ensejo, um dia, de rele-las — e sinceramente achei que constituíam uma "curiosidade editorial" de bom tamanho. E que teriam interesse para o publico justamente porque ao escreve-las nunca me passou pela mente que jamais fossem dadas a publico. Mas vacilei. Dá-las ou não? Tão intimo tudo aquilo. Tantas perversidadesinhas para com os amigos, tanta piada para cima do Nogueira — o companheiro que no fundo mais admiravamos. . . Alem de que isso de cartas é sapato de defunto. Depois que o autor morre é que elas aparecem.

Pensei, pensei, pensei. Por fim, vá lá. Tenho serias duvidas sobre se estou ainda vivo — e se as cartas sairem com a minha revisão de semi-vivo, apresentar-se-ão podadas de muitas inconveniencias que um semi-morto já não subscreve.

1903

Primeira visita de Lobato a Rangel

(Bilhete deixado no Minarete para Ricardo e Rangel, os dois muezzins iniciais).

TÉ, MUEZZINS!

Asas da saudade abertas ao vento! Por elas arrastado transportei-me hoje — sabado — ao Minarete fecundo.

Estava deserto. No ar parado moscas zumbiam. Moscas zumbiam no ar parado... Tristeza. Desolação. Sobre a mesa dormiam um Flaubert e um Coelho Neto. Não os despertei. Mas dum companheiro de soneca, Bruno de Cadiz, furti alguns sonetos desconhecidos. Era o *Album do Minarete* e nele revi a cena inicial dos Domingos Boemios, e nele encontrei recordada a “memoravel farpela côr de pinhão do Lobato”.

Boa farpela! A mais espetacular que ainda possui. *Alfaiataria Galo*. Mereces na verdade mais que uma simples menção — mereces biografia, ó veneranda companheira da “veechia zimarra”, da famosa capa de borracha do Lino e da “fatiota verde do Tito”. Se algum dia me acudir engenho e arte, juro-te, farpela côr de pinhão, que te narrarei a mocidade, a maturidade e a melancolica velhice.

Havia ainda sobre a mesa... Ceus!... Que prodigioso acontecimento! Que jamais prevista prodigalidade! Havia tinta!...

.....

Silencio. No ar parado não canta o sino. Só voejos de moscas e o leve sussurro do vento na folhagem da paineira. As folhas do coqueiro aflam ao vento. Silencio... Subito, um apito distante corta o espaço e, triste e melancolico, vem ferir-me o ouvido. É a Central... E em meu coração brotam

pungentes saudades da minha infância em Taubaté. O' infancia minha na roça, quanta poesia, etc. etc. O meu passado que não volta mais, etc. etc. Adeus, vou-me embora, vou-me levado para outras terras. As recordações angustiam-me, etc. etc. Adeus, muezzins ausentes, que deixam as portas abertas. E se eu fosse um ladrão?

Em resumo: O Lobato veio visita-los e perdeu o latim. Volta amanhã. Deixa *Lendas e Narrativas* e *Robert Helmont*. Está de férias por todo um mês. Adeus. Té, Bezuquet! Vé, Tartarin!

LOBATO.

Segunda visita

Rangel:

Estive hontem e voltei hoje. Ninguem ainda. Só as moscas, o Flaubert e o Coelho. Muezzins infieis que desertaram o Minarete! Por Alah que já é serem errantes — beduinos dos desertos da boemia. Que a ira do Profeta vos caia sobre a cabeça. Volto amanhã á mesma hora.

LOBATO.

Primeira carta

S. Paulo, 9, 12, 1903, ou 9 de Yewsky do ano II do nascimento do Cenaculo (A ideia foi do Tito. Os meses ficaram assim: Janeiro, Bruno. (1) Fevereiro, Raul. Março, Tito. Abril, Lino. Maio, Rangel. Junho, Julio. Agosto, Nogueira. Setembro, Albino. Outubro, Candido. Novembro, vago. Dezembro, Yewsky).

Rangel, anjo do Cenaculo:

Acabo de profanar a palavra "anjo", pois ao escreve-la arrotei. É que saí do almoço com as ingestões ainda mal assentadas lá dentro. E por que escrevo em momento assim improprio? Porque amanhã, sabado, entro em exame oral e

(1) Bruno de Cadiz, pseudonimo de Ricardo Gonçalves.

estou com os minutos contados, a recordar definições e textos desta horrível séca que é a "materia". E escrevo hoje, em vez de após ao exame (como seria o natural), porque acabo de ler no *Minarete* (2) a tua primeira joia, meu Rangel, o teu

(2) *Minarete*, o jornalzinho que Benjamim Pinheiro manteve em Pindamonhangaba de julho de 1903 a julho de 1907. Benjamim havia se formado em direito e como pretendesse derrubar a situação municipal dominante, tinha necessidade dum "ariete" demolidor. Discutimos o assunto. Surgiu o problema do nome. Eu, que morara com o Benjamim numa republica, estava nesse tempo morando no *Minarete* do Belemzinho. "Pois dê ao jornal o nome de *Minarete*, sugeri, e no primeiro numero explicaremos aos povos o que é minarete — aquelas esguias torres das gentes islamicas, de cujo topo, ao cair da tarde, os muezzins convocam os fieis á prece. Um jornal é um minarete de cujo topo o jornalista dá milho ás galinhas da assinatura e venda avulsa. Fica muito bem esse nome — e é nome que não está estragado. *Tribunas do Povo*, por exemplo, existem centenas." Benjamim aprovou a ideia e o *Minarete* veio ao mundo em formato 25x35. Esse calibre revelou-se logo insufficiente para abalar a fortaleza do situacionismo político local; era uma Flaubert de matar sanhaço. Seis meses depois Benjamim punha o *Minarete* no calibre 30x43 — e a fortaleza empalideceu. Com quatro anos de bombardeio, a situação veio abaixo e, gloriosamente chamuscado de polvora, Benjamim subiu á Prefeitura.

O *Minarete* começou com escandalo e foi um perpetuo escandalo na pacatez da "Princesa do Norte", como se cognominava Pindamonhangaba. Essa cidade fôra rica outrora, no tempo do Imperio, mas atravessava o peor periodo da sua decadencia, nos tragicos anos anteriores ao Renascimento do Vale do Paraíba, começado com a introdução da cultura do arroz e das industrias. Pinda morria, coitada; Pinda desabava. Os recursos da Camara não davam nem para reparar uma parede do teatro, que estava aluindo. E Benjamim, de Pinda, me fazia encomenda de pelouros por carta. "Zé Bento: Preciso de um artigo bastante severo, atacando a Camara por causa duma racha na parede do teatro. E outro sobre o capim que ha nas ruas. Ataque de rijo". E eu atacava, mesmo sem conhecimento pessoal da extensão da racha, nem da quantidade do capim das ruas. Outra carta dizia: "Ha um chafariz sem agua em tal largo. Meta o pau". Outra dizia: "E' preciso pôr culpa na Camara do preço da carne. Quero um artigo intitulado *Carnes Verdes*. Imagine só o escandalo: os açougueiros andam ganhando 50\$ em cada boi! A carne está por um absurdo. A mil réis o quilo, a de primeira! Mil réis, sim, Zé Bento! E a banha, a 800 réis! Inda ontem compramos aqui em casa dois quilos de lombo de porco, sabe a como? A 800 réis o quilo! Meta o pau na Camara".

Eu me divertia fazendo o *Minarete* quasi inteiro de longe. Quantos numeros totalmente escritos por mim — o soneto, os con-

primeiro vagido literario impresso, pois que manuscritamente tens vagido muito. Não calculas como aquilo está bom, so-

tos, o "humorismo", as "variedades", o rodapé, o artigo de fundo! Isso me forçava a um grande sortimento de pseudonimos, para dar ao publico a impressão de que o jornal dispunha de um exercito de colaboradores: Lobatoyewsky, Yewsky, Pascalon o Engraçado, Guy d'Hã, Helio Bruma, Enoch Vila-Lobos, Matinho Dias, B. do Pinho, Osvaldo, P., N., Yan Sada Yako, Mem Bugalho, She, Antão de Magalhães, Nero de Aguiar, Bertoldo, Marcos Twein, Olga de Lima, etc. etc. E todos lá do Cenaculo nele escreviamos. Bruno de Cadiz publicava as saudosas cronicas do *Album do Minarete*. Raul de Freitas, as suas tão sentimentais *Recordações*. Candido appareceu nos primeiros numeros com a coluna *Fen dé Brut*, assinando Bompard. Rangel assinava Bezuquet. Albino assinava Ruy d'Han. Ricardo tambem publicou no *Minarete* muitos dos seus sonetos e as traduções de Rostand e Lecomte.

Os artigos de encomenda — os "pelouros" — eram os classicos "Melhoramentos Municipais", "Cemiterio Municipal". "O Calçamento", "Fechamento de Portas", "Policciamento", "Iluminação Publica". Um dia aconteceu um caso curioso. Eu estava em S. Paulo, morando na republica do Candido, e lá recebi uma carta do Benjamim: "Preciso dum artigo sobre a iluminação publica. Pinda está ás escuras. O pessoal da Camara quer iluminação a alcool; nós da opposição temos de querer outra: lampeões belgas, por exemplo. Meta o pau no alcool e defenda o lampeão belga".

Eu ia saindo para a aula quando recebi a carta, e disse ao Candido que estava de folga: "Leia isso e faça o que o Benjamim quer". Quando voltei, de tarde, vi umas tiras na mesa do Candido.

— "Escreveu o que pedi?"

— "Sim", respondeu ele lá da cama, onde lia o *Tartarin de Tarascon*.

Corri os olhos. Infame! Havia feito uma molecagem. Propusera o lampeão belga, mas viera com um exemplo da França, pura brincadeira no qual figuravam personagens do *Tartarin*. Dizia ele: "Em 1893 a cidade de Beaucaire, na França, passou pelas mesmas indecisões que nós. Queriam substituir a luz baça e insufficiente das feias e mal cheirosas lampadas de azeite por coisa melhor. A Camara Municipal, de que era presidente Mr. Pegoulade, o mesmo que depois tanto se notabilizou na construção de pontes sobre o Rodano, abriu concorrência. Os projetos vieram aos milhares: a elegante luz electrica, o alcool, o gás, tudo. Havia entre eles um mais humilde: o da iluminação de Beaucaire por meio de lampeões belgas, e tão vantajoso eram os seus termos, que a Camara se deteve no estudo. Foi aceito esse projeto, e dali a seis meses, no dia 14 de julho de 1894, ocorreu a inauguração com a presença do Prefeito e mais pessoas gradas. O effeito foi magnifico, com grande pesar dos despeitados (que existem em toda parte) e hoje raras são as cidades sobre o Rodano que não sejam iluminadas a lampeões belgas. Suas vantagens são enormes, e te-

bretudo na primeira parte. Todos, sem exceção, gostamos imenso — e foste proclamado o *primus inter pares* do Cenaculo.

mos a certeza de que, aceito o nosso alvitre, dentro em pouco veremos as nossas ruas claras em vez de escuras, e não teremos a vergonha de dizer com que a Princesa do Norte é iluminada. Etc.”

— “Ora, Candido! exclamei desapontado. Pedi um artigo serio e você me vem com brincadeira. Beaucaire, Mr. Pegoulade, pontes sobre o Rodano... Não posso mandar isto.

— “Mande. Eles não percebem...”

Cocei a cabeça, indeciso. Mandar ou não mandar? Por fim, com preguiça de escrever outro, mandei. O Benjamin que decidisse.

Dias depois recebemos o *Minarete* de 16 de Julho de 1903, com o artigo de fundo “AS ESCURAS” exatinho como Candido o escrevera. Lá estava Mr. Pegoulade, um dos heróis do romance de Daudet, transformado em Presidente da Camara de Beaucaire, a cidade de Tartarin... E o curioso é que foi tiro e queda. Lida em sessão da Camara por um vereador oposicionista, homem do Benjamin, a brincadeira do Candido causou sensação. Se Beaucaire, uma cidade da França, resolvera assim o seu problema da iluminação publica, por que Pindamonhangaba não faria o mesmo? E o situacionismo foi derrotado. A Camara aprovou a solução apresentada pelo artigo de fundo do *Minarete*. “E requeiro senhor Presidente”, disse o vereador oposicionista, “que este artigo seja transcrito nos anais da Camara, para memoria da posteridade”. Foi aprovada a transcrição — e lá deve estar nos Anais da Camara de Pindamonhangaba o artigo de brincadeira do Candido...

Foi essa a primeira vitoria de Benjamin nos negocios municipais. Abriu caminho para outras, e quando chegaram as novas eleições ele derrotou estrondosamente o situacionismo e virou o Mr. Pegoulade da Princesa do Norte.

O *Minarete* foi um jornal *sui generis*, inteiramente fora dos moldes do jornalismo do interior. Escreviamos para nós mesmos, para brincar uns com os outros, e os leitores pindamonhangabanos viviam tontos com aquelas incompreensibilidades. O primeiro numero abriu com o rodapé dos LAMBEFERAS, um romance absurdo, de capitulos curtos e esquizofrenicos. Amostras: “CAPITULO V. Chegamos. Almoçamos. Descançamos. Dormimos”. — “CAPITULO XII. *Em que em vez da “rapariga interessante” se fala no destino que teve uma dalia murcha*” — “CAPITULO XVII. *Que não passa dum parenthesis aberto no anterior para tratar do inconveniente de se encherem demais os bules de café.*” — “CAPITULO XXXV. (Suprimido a pedido do bom senso.)”

Tambem no *Minarete* saiu “O QUEIJO DE MINAS ou HISTORIA DE UM NÓ CEGO”, “romance joco-serio, em capitulos curtos e português de lei, com duas mortes tragicas e outras coisas interessantissimas, no qual os autores deixam de escrever os pedaços que os leitores habitualmente pulam”. Era meu e do Rangel, mas não chegou a bom termo. Em dado momento impliquei-me com um dos personagens do Rangel e matei-o. Rangel revidou,

Enquanto o resto dessa cainçalha se amofina por aqui, infecunda e lorpa, só alcançando sucesso pela furia, como o Lino ou com desordens, como o Bruno, lá num socavão mineiro nosso Anjo progride desembaraçado e já apresenta contos dignos de Daudet. (3)

Franqueza, Rangel, invejo-te e muito! Nesse andar *chegarás*. Quem leu os teus comezinhos n' *O Combatente* (4) e

matando um dos meus — e assim foi até ficarmos em campo só nós dois, os autores. *Et le combat cessa, faut de combatants...*

Da minha colaboração no *Minarete* extraí mais tarde quasi todo o material de *Cidades Mortas*, e o livro que Rangel lá deixou enterrado sempre fez falta em nossa literatura.

(3) Primeiro conto de Godofredo Rangel no *Minarete*, "Simbolico Vagido", no qual descreve o seu proprio nascimento e o seu primeiro vagido...

(4) Artur Breves, sizudo funcionario dos Correios, mantinha um jornaleco desses de "pegar anuncios" — *O Combatente*. Um dia os rapazes do Cenaculo "invadiram" o jornal de Artur Breves e transformaram-no em algo supremamente vivo. Nele publicou Rangel um longo itinerario de viagem, *De S. Paulo ao Guarujá*, um primor de descritivo em que denunciava o seu talento. Rangel empreendera essa viagem com apenas 7 mil réis no bolso, e teve de voltar de Guarujá a Santos a pé, assustando os caranguejos da lama preta do mangue e alimentando-se de pão e bananas. (*) O nosso introdutor n' *O Combatente* fôra o Ricardo, pelo qual o Artur Breves tinha uma admiração em que metade era medo. Fez parte do "comando" invasor o Tito Franco, um rapaz sem peçoço, atarracado, famoso em S. Paulo pelo seu extraordinario talento e pelo horror que tinha aos banhos. Tito Franco inventou logo uma "scie". Em cada numero d' *O Combatente* ele tomava à conta um figurãozinho qualquer da mocidade elegante de S. Paulo e "serrava-o". A primeira vitima foi Heraclito Viotti, moço muito evidente e feio. O até então austero jornal do Breves, tão respeitador de tudo, incapaz de rir-se, sempre cheio de artigos severissimos (como a série "Gremios da Defesa Nacional" do proprio Breves), appareceu inopinadamente com versos do Ricardo, cronicas e brincadeiras dos outros e o tal itinerario do Rangel. Mas o peor foi que entre um artigo e outro vinha um "bigode" com uma frase em negrito dentro — artes do Tito Franco — e todas as frases cantavam, com variante de forma, sempre a mesma coisa: a feiura do Viotti. Um dizia: "Como é feio o Viotti!"

(*) Consultei-o sobre este ponto, e em carta de outubro de 1943 veio esta nota: "Viajel com 7\$000 no bolso, o que dava para a passagem de 2.ª e para comer alguma coisa pelo caminho (deu para umas sardinhas e um café); o "café", tomado em Santos no dia da volta, consistiu numa media de 60 reis e um pão de 40 reis, se não me falha a memoria. Como unica bagagem levei um cobertorzinho e a escova de dentes..."

agora lê o teu *Vagido*, apalpa o progresso. Mas deixemos isto, porque tens a mania da modestia e o sestro de me considerar ironico. Sigo logo para a fazenda e quero de lá corresponder-me contigo longa e minuciosamente, em cartas intermináveis — mas é coisa que só farei se me convencer de que realmente queres semelhante coisa.

Mando um *Estado* com o discurso do Ramalho Ortigão, e o começo do meu *Diario*. E vai uma revista com capa minha.

Responda sem demora se está disposto a ser caceteado á distancia — telecaceteado! Pode dirigir a carta para Taubaté, para onde sigo nestes tres dias.

YEWSKY.

S. Paulo 15-11-1903.

Rangel:

Ainda com os dedos tropegos dum interminavel ponto de Direito de Falencias que acabo de copiar, venho responder á tua carta, que esteve encahada no Minarete, do qual eu e Ricardo fugimos e está agora habitado só pelo Nogueira. Anda o Nogueira injetando vida e calor no corpo apalermado do Cenaculo, espantando o tedio mortal que nos ia consumindo. Vive a citar Voltaire e Max Nordau, todo ideias “cahoticas e proteicas”, como ele mesmo as classifica. Ricardo batisou-o de “anacronismo ambulante”. Será, mas é antes de tudo um fole, um insuflador de vida. O depauperado Cenaculo reviveu, coisa que parecia impossivel. Todas as noites, no café Guarani, tres,

Outro dizia: “Mas é muito feio o Viotti!” E outro: “E’ feio demais o Viotti!” e assim por diante. O Breves, coitado, ficou muito vexado com aquela quebra de compostura, mas como reagir contra toda uma alcateia de cães terribilissimos? E acovardou-se. No numero seguinte a vitima foi um Benedito de Sales Guerra, moço da moda. Tito Franco implicou-se com a sua elegancia e fez os “bigodes” assim: “Como é elegante o Sales Guerra!” — “Mas é muito elegante o Sales Guerra!” — “Para elegancia, o Sales Guerra!” e vinte vezes isso pelo jornal inteiro. E desse modo viveu *O Combatente*, a publicar as nossas maluquices, até que o Breves foi chamado à policia e teve de fechar o pobre jornal. A razão da “scie”, na explicação do Ricardo, era que, para justificar o titulo, *O Combatente* tinha de combater qualquer coisa — e não somente a gramatica, como quando o Breves o escrevia sozinho...

quatro, cinco e ás vezes todos os cenaculoïdes nos reuniamos, e nos olhavamos sonolentos, chupando cigarros silenciosamente, sem que uma palavra, uma ideia, viesse sacudir os nervos da cainçalha embotada. O Candido puxava mais uma historia dos seus famosos tios; o Tito lançava á mesa um trocadilho nojento. Ricardo não tirava os olhos de moscas invisiveis; o Albino bocejava. Só a força do habito nos arrastava áquela mesinha para mais noites de tédio em comum. Nem o Raul tinha animo de vir com “uma do Eça” — e Lino, o irascivel, desertara. Pois bem: o Nogueira aparece lá uma destas noites e tudo se transforma. Trava-se logo violentissima e intermina discussão em que saiu tudo, desde o Jeová biblico até o Macuco. Choque electrico! Todos nos lançamos contra o Nogueira, todos nos acotovelavamos para “lapidar” o Nogueira! Até o Lino emergiu da rua Quinze em garôa e veio berrar. O Candido zumbia como mamangava. O Albino gania. Tito zurrava. Pandemonio puro. Té, Nogueira!...

LOBATO

S. Paulo, 20-11-1903.

Bezuquet:

Não és capaz, nunca, de adivinhar o que estou comendo. Estou comendo... Tenho vergonha de dizer. Estou comendo um companheiro daquilo que alimentava S. João no deserto: içá torrado! Sabe, Rangel, que o içá torrado é o que no Olimpo grego tinha o nome de ambrosia? Está diante de mim uma latinha de içá torrado que me mandam de Taubaté. Nós, taubateanos, somos comedores de içás. Como é bom, Rangel! Prova mais a existenc:ª do Bom Deus do que todos os argumentos do Porfirio de Aguiar. Só um ser Onipotente e Oniciente poderia crear semelhante petisco.

Mas deixemos de lado o Içá e o seu Excelso Creador e falemos do teu cartão do dia 17. Sabe quando consegui agarrar-lo? Ontem, 11! E sabe onde? Na insondavel profundidade daquilo que com tamanha modestia o Nogueira chama “bolso”. O Bolso do Nogueira! Tremei, futuros cartões do Rangel! Aquilo é o Baratro! É o Elevador do Jacinto Galião. O que lá cai, engancha como o peixe do Grão Duque.

A pesca do teu cartão processou-se no Guarani sob a expectativa ansiosa de toda a Cainçalha. A mão do Nogueira desceu ás profundas do Baratro como um escafandro; e lá dentro, com muita pericia, aqueles dedos teologicos agarraram o soterrado e o foram tirando, lento e lento, num esforço de forceps. Respirações suspensas. A musica para! Por fim surge á luz do gás o teu cartão, Rangel — o primeiro chegado daí.

Lemo-lo com unção. No pedacinho em que dizes: “Dia e noite éro por montes e vales...” Tito desfechou o trabuco do trocadiho: “Ah, ele *erra* por montes e vales? Como *acertou* indo para lá!” Pausa para a pancadaria grossa; só depois da chacina do Tito é que a leitura prosseguiu.

O nosso Minarete havia desabado, (5) mas com a entrada lá do prodigioso ermitão Nogueira as ruínas “desarruinaram-se”. É uma prodigiosa trombeta de Josué ás avessas. O Nogueira é a Guerra, é a Teologia Beligerante! É Louis Veillot! É novamente Ezequiel! A Cainçalha anda agora cheia de projetos grandiosos. Em janeiro vamos nos meter pelos sertões da Mantiqueira para apalpar o terror cosmico e ler Nietzsche berradamente do alto das massaranduvias. E pan-teizar. Em fevereiro, uma algara contra Buenos Aires. Em março, o lançamento d’*O Gato*, todo unhas e mios famelicos. Em junho ...

Exames adiados para dezembro. Companhia de operetas num successo doido. Tito falou hoje na aula do Lessa sobre a morte do Ferreira Viana. O Largo do Rosario, firme no mesmo ponto (6): Raul mais cheio de “ohs” do que nunca.

(5) Alusão a um artigo do Rangel, “*Se o Minarete desabasse...*”

(6) O Largo do Rosario, assim chamado porque ficava ali a igreja do Rosario, traz hoje o nome de Praça Antonio Prado. S. Paulo tinha naquele tempo uns 400 mil habitantes. O Triangulo, formado pelas ruas 15 de Novembro, Direita e S. Bento, era a sala de visitas da cidade, e o Largo do Rosario, ponto de confluencia da rua 15 com a de S. Bento, constituia a capital do Triangulo. “Fazer o Triangulo”: expressão das mais comensinas. Depois do jantar toda gente ia fazer o Triangulo, e lá todo mundo encontrava todo mundo. O ponto de parada das rodinhas era o Largo do Rosario — as rodinhas literarias, as esportivas e as elegantes. O primeiro de nós que chegava, parava — ficava á espera dos outros. E vinham os outros — era infalivel. Depois de reunidos, iamos para o Café Guarani, no começo da rua 15, e lá ficavamos até tarde, a bebericar “laranjinhas” (100 reis o calice). No Guarani tinhamos a “nossa mesa”, a primeira da entrada, á direita.

Ricardo, um cocktail de sambuca, versos, tédio e extravagâncias. Candido, magro e intragável, todo tios. L.no, nervoso como sempre e felidido: arreganha e morde. São as notícias da terra e do bando.

LOBATOYEVSKY

P. S. — O *Minarete* vai sair em formato maior.

S. Paulo 13,12,1903

Rangel:

Venho da casa do Ricardo, que esteve uns dias de cama, tomado de febre: ressaca dum idílio com uma moreninha do Braz. E deu-me um papel dizendo: “Carta do Rangel.” Meti aquilo no bolso e v’m. Depois de refestelado, abri e *Qu’ est ce que c’est que ça?* Papiro egípcio? Coisa cuneiforme da Babilonia? Mas como não sou Champollion examinei o papel e fiquei na mesma. Em todo caso, como Bruno classificara aquilo de “carta do Rangel”, fui obrigado a admitir que sim — mas não em consequencia dos meus esforços decifratorios. Depois tive a intuição de tudo. Você leu que Zola havia perdido as suas primeiras obras por impossibilidade de decifra-las e quer que aconteça o mesmo com as tuas primeiras cartas. Pois está acontecendo — e pelo menos nesse ponto estás igualado a Zola.

Amanhã entro em exame. O Albino já rodou para Ribeirão Preto com lata ao rabo — um miseravel grau 4. E aquele Sheridan (7) que nos desancou a todos, menos a você, é mesmo

(7) Pseudonimo de Lino Moreira. com o qual assinava os artigos publicados no *Minarete*. O primeiro artigo de Sheridan foi um tremendo ataque ao Cenaculo, do qual só foi poupado Godofredo Rangel, o mais querido de todos pela sua extrema bondade e delicadeza. O ataque de Sheridan appareceu no 21.º numero do *Minarete* sob forma de carta ao Redator: “Eis em dois traços, senhor Redator, quem sou: um neurastenico, doente febril, alucinado; na cabeça, um caos de visões sombrias e fantasmas; na lingua, o prurido da difamação; na alma, odio e fel; e nas resfolegantes narinas, o faro do ridiculo, do ignobil, do imbecillizante. Modificando algo da minha terrivel indole, consegui conviver algum tempo com meia duzia de precoces temperamentos lite-

o Lino. Bem que tentou esconder-se, desancando-se tambem a si proprio — mas o estilo é o homem, e o Lino está mais

rarios já dignos de analyse. Desabrocham esses espiritos tenros e notavelmente pretenciosos dentro dum vocabulo engraçado e cristão — o Cenaculo. Estudei-os com requintado regalo de feros apreciador da pretensão humana: meia duzia de rapazes fundamentalmente parvos... E note, Egregio Redator, que nesta inculcissima Pauliceia eles são o escol, a gema purissima do espirito nacional, o seletto pensamento latino em seu maximo esplendor. Vejamos com rapidez o desfile dos silhuetados:

"1) Yewsky (Lobato): baixinho, miudinho. Moreno e rosto de expressão incolor. E' o "magister dixit" da comandita de elogios mutuos. Espirito multiforme e versatil, elastico e scientifico (supõe-se ele). Muda de opiniões mais ou menos filosoficas com a sofreguidão dum comboio celere através de florestas. Intolerante e extremado no que escreve. Cultiva o mais escabroso genero literario, a critica. Estuda muito. Lê obras ponderosas... Escreve romancêcos e esboça infames aquarelas. Quando fala, ou preleciona (o mais comum), numa vozinha alambicada, expremendo as mãos, deixa transparecer nos labios sarcasticos uma ponta de superioridade, seguro de si, orientado solidamente pela meditação de pesados autores e provoca silencio ou sono. Chama todo mundo de imbeci-l-l. Em resumo: farofas de filosofo num cerebro de literato á Machado de Assis.

"2) Candido Negreiros: o mais irritante de todos. O mais aristocratico, o que mais bem se veste. Mania de viagens. Feio e antipatico, e seco no trato. Voz pausada e todo ele pretensões. Fumaças de escritor elegante ou, melhor, galante... Possui tios aos milhões e todos esses tios são heróis, fidalgos, talentosos. Amigo de caçadas. Filhote espurio do Graça e do Eça.

"3) Bruno de Cadiz (Ricardo): Seria um apreciavel tipo de meridional se não fosse um pequeno defeito fisico num dos braços e o ar gingado de capoeira. E' poeta... sentimentalismo piegas cheirando a caipira e atrazo. Tem alguns sonetos sofríveis. E' um gritador socialista, de um nihilismo vermelho e desorientado. Não é orador, não é polemista, não tem a solidez, robusta de preparo, dos paladinos das grandes ideias. Lirico sedição e incaracterístico. Victor Hugozinho da roça...

"5) Martinho Dias (Tito Brasil): Este é pavoroso! Vem das noites sombrias da historia do Curso Anexo e vai para a eternidade das reprovações. Estudante cronico. Alto, corpulento, o andar mais impagavel do mundo: parece um regulo da Hotentocia, balançando a majestosa figura por entre a turba de basbaques que o temem, cheios de espanto. Tipo vulgar, plebeu e porisso popularissimo. É, ou diz-se, jornalista. Desde menino de tres anos que "desbastava" o estilo. Falador, de pessima dicção e grotesca expressão, muito afetada. Faz trocadilhos tão monas que só a Inqui-

ali do que na rua Braulio Gomes. (8) Ricardo entristeceu com a referencia ao defeito do braço — e de toda a descalçadeira foi o de que não gostamos. O resto está otimo — e estimulante. E aquele Souza Castelo, que nos “A pedidos” do *Minarete*, surgiu em defesa do Cenaculo, é o Tito. Está uma defesa peor que o nariz dele.

LOBATO

Taubaté, 28,12,1903.

Rangel:

Escrevo ao pingar duma chuva miuda e sem fim que nos alaga ha dois dias. As ruas são passagens de lama bem amassadinha pelas rodas dos carros e patas dos animais. Sair é um impossivel, e chega a ser rasgo de ousadia pôr o nariz fora da janela. Estamos encarcerados numa prisão de fios de chuva — coisa mais aprisionante que grades de ferro. Leio, leio

sição lhe daria as penas merecidas” — e por ai alem. Lino desanca a todos, arraza-os a todos, menos ao Rangel, do qual diz:

“11) Rangel, o anjo do Cenaculo. Muitissimo simpatico, grande pureza de linhas. Olhos grandes e bons, meigos, de grande ternura. O fulgor de seus magnificos olhos tem qualquer coisa de paternal e ironico, mas de uma ironia leve, fina, aerea, encantadora. Bondosissimo. Trato de moça, cativante, suave, irresistivel. Generoso, modesto, duma modestia sincera. Belo e robusto talento. Tem contos e descrições admiraveis. Ha de notabilizar-se na literatura como o maior e mais brasileiro dos nossos contistas. Agora estuda a natureza da montanhosa Minas. Belas paginas! Seu estilo nervoso e cantante tem em cada cenaculoide um apaixonado saboreador. Muito de Bourget e tudo de Daudet”.

A bomba de Sheridan foi o grande sucesso literario de Lino Moreira, e o fato de em onze retratos só poupar ao Rangel prova que encanto era o Rangel para todos nós. Mas Lino tambem traçou o seu proprio retrato, otimo como caricatura: 4) L. M. Este moço tem muito de arlequim e palhaço, com excessos de ademanes, trejeitos e parolice estouvada e estafante de arengador romantico. É o mais acabado tipo do “falador” nacional. Barulhento e superficial. Fala por todos os poros. Mania de discursos; celebrou-se como fazedor de brindes e artigos sibilinos, inextrincaveis, fabulosos. Falta-lhe imaginação poetica, nutrida de metáforas, calor, vida, brilho, elevação. Não tem nada disso. Se crescer e aparecer, será mais um papagaio chato e nulo numa cadeira de deputado...”

(8) A familia do Lino morava na rua Braulio Gomes.

interminavelmente. Meus olhos já estão cansados. Lamartine me faz ver a Revolução Francesa, com Mirabeau, Theroigne de Mirecourt, Lafayette e o resto; recita-me arengas de Lameth, Robespierre e Marat; descreve-me o carater altivo de Mme Veto, de par com a molenguice toicinhenta de Luiz 16. Quando Lamartine me cansa, mudo-me para Zola na historia de Gervaise Coupeau, dos invejosos Lorilleux, da promissora Naná-zinha. Ainda ha pouco, ao fechar o *Assomoir*, estava Zola a descrever-me o jantar da *blanchisseuse avec un tas d'amis ouvriers, polissons pleins de gaieté, de debarbouillements, de fripouilles emousseuses*. Farto de Zola, pulo para Michelet na sua visão da India primitiva; ele começa bem mas entusiasma-se a ponto de dar pinotes; e eu, assustado, fecho o livro — fecho a boca de Michelet. Vou então para Renan — o sereno evocador da verdade. Renan é agua clara e filtrada. Descansa-me. Ainda hontem estive a explicar-me o Ecclesiastes, esse tão amado livro do Jacinto Galião — e lá vi eu a fonte em que Nobre & Cia bebem inspirações. Aquele: “e isto não será também vaidade?” é uma novidade velha como Matusalem. Hoje pedi uma conferencia ao Sr. Oliveira Martins, e nem bem começou ele: “O socialismo é a evolução...” alguém me chamou e lá deixei o homem latindo. Hontem o amigo Eça me enfiou a historia dum frei Genebro, santo sem nariz que se rebolava em estrume de boi para castigar a carne inocentissima, e que apesar disso foi para o banho-maria do Purgatorio. Um leitãozinho de tres pernas (a quarta ele assara e comera) havia pesado mais na balança do Supremo Juiz do que todo o esterco do refocilamento. Eça está muito querido cá em casa; todos o “adoram”. A semana passada apareceu-nos um comediografo, José Piza, e durante tres dias só lidamos com o Eça. Meu avô lê a *Cidade e as Serras*, minha irmã lê a *Ilustre Casa dos Ramires*, eu leio suas historias de santos — e como somos só tres neste imenso casarão, não erro dizendo que a casa inteira lê o Eça.

E você? Conta-me tudo — os planos, as novas ideias, a influencia do queijo em tua mentalidade. Lino entra em exame amanhã. Tito arrancou um plenamente em Filosofia e deixou o resto para março. Candido extorquiou plenamente em todas as cadeiras. Do Ricardo e do Raul nada sei.

LOBATO

1904

Taubaté, 4 de Bruno, de 1904.

Rangel:

Acabo de ler tua carta e dou parabens pelo "bisbilho". Ótimo! Vou adotar. Não está em nenhum dicionario. Sonoro e lindamente onomatopaico. Uma floresta vive cheia de bisbilhos.

Queres a minha opinião sobre a *Canaã* e a *Chacara*, e insistes nisso. *Canaã* é o que chamam uma obra-forte, e obra-forte quer dizer obra-fraca. Não é paradoxo. As obras-fracas no presente são as incompreendidas, ou de compreensão só possível no futuro. E as fortes são as que de tal modo satisfazem ás exigencias de presente que provocam estouros de entusiasmo — obras despoticas. Mas passam com a passagem dessas exigencias. Acho a tese de *Canaã* muito atual: imigração, colonização, absorpção, etc. Quando tudo mudar, daqui a cem anos, quem vai interessar-se pelas ideias de Milkau e Lentz? Quem hoje lê os romances sobre a escravidão? Os argumentos da *Cabana do Pai Tomás* nos fazem sorrir — e eram tão fortes no tempo que deflagraram uma guerra. Os romances da Mme de Stael nos dão ideia de anquinhas, saia balão. *Canaã* será um grande livro enquanto perdurarem os nossos problemas imigratorios; depois irá morrendo — e os futuros leitores pularão os pedaços de Lentz e Milkau. Já o *Braz Cubas* é eterno; enquanto o mundo for mundo, haverá Virgílias e Brazes; mas Milkau é um metafisico de hoje, tem ideias de hoje e filosofa hojemente; amanhã só será lido pelos futuros Melos Morais.

Quanto á tua *Chacara*, está primorosa — mimosa, bem lapidada. Ha umas coisinhas. Aquela "cabeça derrubada sobre o colo" me sôa mal. Derrubar uma arvore, derrubar um trono; para a cabeça duma pobre velhinha fica melhor "pendida". Na propriedade da expressão está a maior beleza; dizer "chuva" quando chove — "sol" quando soleja. É a porca que entra exata na rosca do parafuso.

"Balbucio adoravel". É preciso expulsar do teu vocabulario este adjetivo que o Macuco e a pandilha do Braz puseram a perder. O "adoravel" está babado demais, gosmento. "Doidas saudades": é um perigo este adjetivo; fatalmente o tipografo comporá "doidas" e o revisor deixará passar. "Espaços tremulos de asas *ruflantes*": restos do nefelibata; coisa sonante, harmoniosa, mas *trop litteraire*. "O baque dos monjolos *percutia*": acho o "percutir" muito de gatilho de espingarda, muito metalico; monjolo é pau e um pau que bate noutro não percute, dá um choque balofo. O "sem fim das colinas" está magnifico. É teu? Quanto ao fecho (a pergunta final), não compreendo bem a sua razão de ser. Tudo mais, otimo.

Sapho, de Daudet, tenho. Mais alguns Maupassants, aceito. Dos romances só li *Bel Ami* e *Notre Coeur*. Ha outros? Pierre Loti é uma besta. Afeta simplicidade. Em agua assim rasa, só temos guarús e sapinhos rabudos. Mas nas profundidades dum Dostoievsky ha todos os peixes — pesadelos do mar — e até aquela serpente marinha de Kipling, que não existe.

Recebi os retratos e o desenho. Cultive. Pegue no lapis e desenhe do natural. Nada de copias. Croquis só.

Li 1500 páginas de Lamartine e estou saturado. Mais tarde te contarei a minha doença: *delirium legens*, especie do *delirium tremens* dos bebados. Leio tanto, que quando vou para a cama meu cerebro continua a ler maquinalmente.

Tenho muitas novidades. Quando tua provisão aí escassear, dá o brado. Tenho um Renan inteiro — e que homem! Que estilo de fonte!

Comecei no *Minarete* "Memorias dum Velho". Imagi-no-me velho e de retorno da Europa, e conto o estado em que encontrei todos os cães.

LOBATO

S. Paulo 10,1,1904.

Rangel:

Tua carta é um atestado da tua doença: literatura errada. Julgas que para ser um homem de letras vitorios

faz-se mister uma obsessão constante, uma conciente martelão na mesma ideia — e a mim a coisa me parece diferente. Tenho que o bom é que as aquisições sejam inconcientes, num processo de sedimentação geologica. Qualquer coisa que cresça por si, como a arvore, apenas arrastada por aquilo que Aristoteles chamava entelequia — e que em você é o range-lismo e em mim o lobatismo. Deixa-te em paz, homem, não tortures assim o teu pobre cerebro. Andas a fazer com ele como os comilões ininteligentes que comem até adoecer. Esqueça que ha literaturas no mundo e viva aí uma vida bem natural. Ande muito a pé ou a cavallo, converse com toda gente, coma bem, namore caboclinhas nas estradas, vá aos serões do senhor Cura, arrote — e quando dormir, ronque. Verás que boa é a vida sem literatura. E tambem verás como fica boa a literatura quando o corpo está contente.

Já notei que esses constantes e permanentes contactos com as Grandes Ideias e os Grandes Prestigios operam do mesmo modo que aqueles inumeros “confortos” do Jacinto Galião das *Cidades e as Serras*. Enfaram, esmagam. Pensamos que aquilo saiu da cabeça dos autores como Minerva da cabeça de Jupiter e achamo-nos inferiores, com grande dor do nosso amor proprio. E, perturbado, com os olhos tontos pela doença, chegas até a ver em mim *algo nuevo*, quando na realidade o que ha é um pouco da coisa saborosa que o Sieur de Montaigne inventou (literariamente): bom senso, *horse sense*, como dizem os ingleses — senso de cavallo. O Bom Senso é a filosofia da justa medida, do ver-claro, do enxergar até de noite, como os cavalos.

Perguntas quantas horas “literatizo”. Nem uma, meu caro, porque só leio o que me agrada e só quando estou com apetite. Não troco uma conversa com uma macaquinha (o sexo na mulher corrige a banalidade, no homem agrava-a, diz Machado) pela melhor tragedia de Euripedes, porque por mais banal que seja a moça é sempre mais humana que um livro — e o humano quer o humano. Ler e comer, só quando ha apetite; fora daí é uma insuportavel *corvée*. Tambem não escrevo por obrigação. Escrevo quando os dedos comicham — ou quando o Benjamim me *força* a escrever. Neste caso é o meio de ver-me livre do Benjamim. Não tenho horas prediletas — minhas horas são as que coincidem com a disposição. Ha horas em que nos sentimos extraordinariamente aptos para pensar e tudo nos vem facil e claro. Outras ha

em que estamos imaginosos, todo cheios de casulos a picarem, como ovo na hora de sair o pinto. Queira você tirar o pinto antes do tempo — o pinto morre. Estomago e cerebro: duas respeitabilidades. Respeitemo-los, Rangel.

Estou de viagem para Taubaté, onde vou ganhar dinheiro e junta-lo para o sonhado *tour du monde*. Podias mudar para lá e organizaríamos o trust da advocacia no Norte de S. Paulo. O Benjamim seria o nosso representante em Pinda e o Pereira de Matos em Caçapava. *Sare*, homem! Estás malissimo de engurgitamento literario. Vomite o Flaubert.

LOBATO

P. S. — Hontem, no Largo do Rosario, classificamos a Cainçalha (não é mais o Cenaculo). Ricardo: Cão Lirico que ladra á lua; Tito, Cão Rafeiro ou, como propôs o Raul, Cachorro, só, sem mais nada; Lobato: Buldogue; Edgard: Cão de Fila; Raul: cachorrinho de estimação; Candido: Cão de Raça; Rangel: Cãozinho de Colo; Lino: cachorro que late e não morde; Tito Franco: Perro Imundo; Nogueira: Podengo de Clerigo; Julio Costa: Cachorro Ensinado; Albino: o Cunegundes. Lembra-te o Cunegundes, aquele vira-lata que vivia pelos cafés e restaurantes, um velho cachorro atôa, sem dono?

LOBATO

Taubaté, 20.1.1904.

Rangel:

Tua carta veiu como aragem. Eu estava com saudades dum vôo e aqui não ha asas — só se discutem coroneis politicos e namoros. E eu estava cansado, esmagado pela genial estopada do maçante Zola no *Travail*; andava descontente comigo mesmo, com as minhas ideias, com estes miolos que quanto mais aprendem menos sabem, e a pensar na morte — todo odios e invejas. Tua carta foi um sopro em queimadura. Vou responder longamente, porque enquanto escrevo as ideias-morcego não me perseguem; e vou dar largas ao meu magisterdixismo. Bem que eu procuro humilhar essa feição do

meu espirito. Ela teima. Mas acho que hoje amarrei o magister na argola do canil.

Meu Soriano de Sousa está em S. Paulo, no fundo dum caixão, ou dum dos meus caixões, o que é peor; impossível te servir. De Daudet só tenho aqui *Nababo*, *Tartarin*, *Jack* e *Sapho*. E as cartas do moinho. E tenho ainda algum Machado de Assis, algum Eça, Herculano e... os *Dez Contos* do Goulart. O Goulart é o meu Montaigne — o livro de cabeceira. Ali aprendo como não se deve escrever. A biblioteca de meu avô é ótima, tremendamente historica e científica. Merecia uma redoma. Imagina que nela existem o *Zend-Avesta*, o *Mahabarata* e as obras sobre o Egito de Champollion, Maspero e Breasted; e o Larousse grande; e o Cantú grande; e o Elysée Reclus grande; e inumeras preciosidades nacionais, como a coleção inteira da *Revista Ilustrada* do Angelo Agostini, a do *Novo Mundo* de J. C. Rodrigues e mais coisas assim. Ha uma coleção do *Journal des Voyages* que foi o meu encanto em menino. Cada vez que naquele tempo me pilhava na biblioteca do meu avô, abria um daqueles volumes e me deslumbrava. Coisas horriveis, mas muito bem desenhadas — do tempo da gravura em madeira. Cenas de indios sioux escalpando colonos. E negros achantis de compridas lanças avançando contra o inimigo numa gritaria. Eu ouvia os gritos... E coisas horrorosas da India. Viuvas na fogueira. Elefantes esmagando sob as patas a cabeça de condenados. E tigres agarrados á tromba de elefantes. E indios da Terra do Fogo, horriveis, a comerem lagartixas vivas. E eu via a lagartixa bulir... E tragedias do centro da Asia e lá das Guianas. O rio Orinoco me impressionava muito. Eram os romances de aventuras de Gustave Aimard e Mayne Reid. Certa vez encontrei naquela biblioteca um album de fotografias que me tumultuaram o sangue: só mulheres nuas!... Mas não eram mulheres nuas, Rangel: eram nus do Salon. Eu não sabia distinguir. Tambem encontrei lá todas as obras de Spencer. Essa biblioteca, pela maior parte, fôra dum filho de meu avô que depois de formar-se em S. Paulo deu de correr mundo, andou pelo Egito e outros paises historicos, apanhou febre na campanha romana e morreu num hotel de Napoles. Secretario de legação. Sua bagagem veio para Taubaté, com os mais preciosos e curiosos livros, comprados aqui e ali.

Obrigado pelo *Mont Oriol*. *Pierre et Jean* já li. *Toine*, não. Escreveste á margem: "Sigo para S. Paulo a 1.º de Raul." Que mês é Raul?

E agora, um puxão de orelhas: Por que usas etiqueta comigo? Tuas cartas vivem cheias de "faça o favor", "se não for incomodo", e mais formulas da humana hipocrisia. São tropeços. Quando te leio, vou dando topadas nisso. Faça como eu. Seja bruto, chucro, enxuto.

Tuas cartas me são um estimulante; obrigam-me a pensar, abrem-me perspectivas. Mas estás um homem cheio de vícios mentais e cacoetes. O peor é a mania (que acho ironica) de te rebaixares e me pores nas nuvens (como o Rei dos Judeus), quando na realidade não passamos, os dois, de duas "sêdes de saber", de duas "fomes de expressão" em tudo equivalentes. Que graça, botar a minha sêde acima da tua! Sêde é sêde. Outro vicio teu é a tal modestia. Parece que você faz da modestia palanque donde melhor regalar-se com a vaidade humana. Seja todo portas e janelas abertas, homem!

Queres mais impressões sobre *Canaã* (note que não digo "minha humilde opinião", "meu fraco parecer". Para que?) Li *Canaã* num exemplar do *Candido*, faz tempo, e achei um livro forte, sadio, certo — e com excelentes paisagens. Na pintura de cenas Graça Aranha é creador. Tudo vive. Na cena do teodolito, ao lado do magistral desenho do carater de Felicissimo — que é a vasta classe dos mulatos pernostiecos — ha na boca do alemão um "Estes mulatos!..." que pega muita gente. Outra cena que me ficou: a do caçador morto no ranchinho, rodeado dos cães amigos que lhe defendem o corpo contra a invasão dos *padres*. Originalissima e com uns toques epicos. Suas descrições de florestas fazem-me sentir um mormaço e um cheiro de folhas e musgos molhados. Não é mais a mata descrita com as receitas de Chateaubriand. É mata, mato de verdade. Os escuros dos verdes, os humidos, os fofos, a calma dos troncos, a paciencia de tudo, a paulama, a cipoeira, os farfalhos — todo o "jogo de futebol parado" da botanica. Equivale a Antonio Parreiras — o nosso unico pintor que pinta matas certas.

A nossa justiça está ali "escarrada"; posso dar outros nomes a todos aqueles tipos forenses.

O livro conduz duas coisas paralelas, uma realista, outra simbolica. Milkau e Lentz são dois *revenants* do tempo de Byron vestidos á moderna, que passam pelo romance como

nuvens, filosofando ao modo de Goethe no *Wilhelm Meister*, defendendo ideias polares — mas ligados pela mesma superioridade mental; Milkau simboliza a boa Alemanha contemplativa e musical, e Lentz simboliza a Alemanha perigosa que eu tenho medo surja de Nietzsche. São os Froments dos “Evangelhos” de Zola. Em baixo desse nevoeiro de filosofia, a boiar mansamente por toda a obra, vemos a vida brasileira sem nenhuma deformação patriótica, com todas as suas chincinhas — e personagens apequenados pelo contraste com a violentíssima natureza tropical.

Acho Graça Aranha novo. Abre caminho para o artista-filosofo, o artista de cultura moderna que ha de substituir os meros naturalistas descritivistas á Zola (mas sem o genio esmagador de Zola). Zola me lembra o martelo-pilão das fabricas de ferro; os seus imitadores são martelos de quebrar coquinhos. O naturalismo foi uma reação violenta contra os exageros do classicismo. Mas o naturalismo passou da conta e por sua vez está provocando reações. O naturalismo acabou em fotografia colorida. O adjetivo de que o Macuco mais gosta deve ser o “nitido”, e não ha cretino que ao dar opinião sobre *qualquer* pintura (a *Gioconda* ou um Corot) não venha com o classico: “Como está nitida!” Pois foi isso. O naturalismo morreu no nitido fotografico.

Graça Aranha é um artista e um sociologo; este passará mas aquele fica; os sociologos lidam com problemas passageiros; só os artistas lidam com coisas eternas.

Se gosto de Stendhal? Imenso. Amigo velho na historia da pintura, nas viagens, nas “promenades” em Roma, no *Le Rouge et le Noir* (um assombro!) na *Chartreuse de Parme*. A descrição que Stendhal faz da batalha de Waterloo é a maior das maravilhas. O heroi não viu nada, só viu a si mesmo e aos companheiros mais proximos, e as cercas que andou pulando na fuga. Mais tarde é que veio a saber que *aquilo* fôra a famosa batalha de Waterloo. No *Le Rouge et le Noir* o vermelho é o espirito napoleonico e o preto é o padre — a Reação. Stendhal tem relampagos; é sempre original, quasi sempre sincero e poucas vezes atraente (atraente á moda dos “faceis”). Genio.

Estou agora em Shakespeare, a *Tempestade* e Oliveira Martins, *Teoria do Socialismo*.

De Goethe só tenho o *Fausto* na tradução de Gerard de Nerval, o *Wilhelm Meister* — e as conversas com Erckmann.

Ando com ideia de traduzir o *Principe* de Machiavel. Nossos tempos são corruptos sem estilo e sem filosofia. Com o Machiavel bem difundido, teríamos um tratado de xadrez para uso destes reles amadores.

Chega. Não tenho tido noticias de ninguem do Cenaculo.

LOBATO

Taubaté, 5,2,1904

Rangel:

Salve! Aplaudo com viva satisfação a tua ideia de zefernandear jacinticamente na doce paz desses vinhedos de Caldas, entre bons queijos e tijelões de leite gordo, a respirar o cheiro dos capins-melados e a morrinha do senhor Cura. Mas não te desleixes do Horacio e do Virgilio das *Bucolicas* para irrigação das flores do espirito nas noites calmas, depois de jantares bem arrotados. Que concilies sabiamente a dupla cultura do cerebro e do estomago. Sei que andas firmado em bons principios, embora a alguns eu possa opor opiniões em contrario, como á tua ideia do mal de vinho e leite juntos no estomago, "porque vira queijo". Que importa que o queijo entre feito ou seja feito lá dentro? Um velho curandeiro instruiu-me nestas ciencias. Quanto á "quentura do abacaxi", diz ele que os organismos variam, e o que é equador para um pode ser polo para outro. E documentou o asserto com o pão, que é quente para o forneiro e fresco para o freguês. No mais, de pleno acordo. E que tal o *Tratado das Couves*? Vou mandar-te uma assinatura do *Boletim da Agricultura*, que é de graça e ensina coisas substanciais.

Esta carta, Rangel, está sendo interferida por um pssiu...

Aquele "Um Literato" que saiu no *Minarete* está bom; não digo otimo, mas bom.

Onde anda o Nogueira?

Impossivel, Rangel. A interferencia continua. Adeus.

LOBATO

S. Paulo 2,6,1904.

Mas, Rangel amigo,

— você se complica demasiadamente! A primeira pagina da tua carta parece um fragmento do *Assim Falou Zaratustra* cá do meu Nietzsche.

— ?

— Chegou, sim. Chegou-me o Nietzsche em dez preciosas brochuras amarelas, tradução de Henri Albert. Nietzsche é um polen. O que ele diz cai sobre os nossos estames e põe em movimento todas as ideias-germens que nos vão vindo e nunca adquirem forma. “Eu sou um homem-toupeira que cavo subterraneamente as veneráveis raízes das mais sólidas verdades absolutas.” E é. Roi o miolo das arvores — e deixa que elas caiam por si. Possui um estilo maravilhoso, cheio de invenções e liberdades. Para bem entendê-lo temos que nos ambientar nessa linguagem nova.

Nietzsche me desenvolveu um velho feto de ideia. Veja-se entende. O aperfeiçoamento intelectual, que na aparência é um fenómeno de agregação conciente, é no fundo o contrario disso: é desagregação inconciente. Um homem aperfeiçoa-se *descascando-se* das milenarias gafeiras que a tradição lhe foi acumulando n’alma. O homem aperfeiçoado é um homem descascado, ou que se despe (daí o horror que causam os grandes homens — os loucos — as exceções: é que eles se apresentam ás massas em trajes menores, como Galileu, ou nós, como Byron, isto é, despídos das ideias universalmente aceitas como *verdadeiras* numa época). “Desagregação inconciente”, eu disse, porque é inconcientemente que vamos, no decurso de nossa vida, adquirindo, ou, antes, colhendo as coisas novas — ideias e sensações — que o estudo ou a observação nos deparam. Essas observações, caindo-nos n’alma, lavam-na, raspam-na da camada de preconceitos e absurdos que a envolvem — a camada de anti-naturalismos, enfim.

É assim, meu Rangel, que eu explico o fenómeno da *inconfundibilidade* dos grandes artistas, e o fenómeno da *passosa confundibilidade* da caravana imensa dos Goularts e Macucos. E foi assim que cheguei á minha ideia do aperfeiçoamento humano, a *concientização do inconciente*, na qual

medito. Penso nela como Newton — só isso. Senti a maçã cair e penso no que a fez cair.

Perdoa-me o pedantismo ou imodestia deste discurso. Mas estou pai presuntivo dessa ideia — e que não faz um pai com o primeiro filho? Ainda não ataquei os meus novos Nietzsches porque é coisa que requer silencio e concentração, e este S. Paulo, com seus italianos que anunciam coisas *fric-cas*, mais os bondes e os autos, anda um horror de barulho. Felizmente as ferias estão chegando, e naquele placido remanso de Taubaté posso dar um mergulho de todo um mês no meu filosofo.

Que crueldade a tua, Rangel, com essa mania de explorar o meu magisterdixismo! Queres agora que eu diga de Byron... Que diga o que penso... Byron era um como nós, Rangel, mais bonito, aristocrata, com muito dinheiro e coxo. Revoltou-se contra o *temple enseveli* que todos temos dentro de nós (Maeterlinck). E como fosse poeta, pôs a revolta em versos. Taine estuda-o lindamente na *Historia da Literatura Inglesa*, que tenho aqui. Queres? O mais especial de Byron, para nós, foi a sedução que exerceu nos nossos revoltados poeticos daquele tempo. Todos byronizaram. Era a moda. Como depois todos hugoaram, quando a moda virou Hugo. "Talhado para grandezas, para crear, crescer subir..." Depois parnasianamos com Raymundo e Alberto. E zolaizamos com Aluizio, etc. Chega.

Sabes que o Nogueira reapareceu? Mas está outro. Está *ex*. Corado, gordo, sem a cartolinha verde em cima da cabeça e sem o Volney por dentro. Veste-se á positivista. Mas o templo incendiado ainda fumea e ha brasas sob os escombros. As vezes deita uma chama — mas é fogo fatuo. Hontem o vi presenciando a demolição da igreja do Rosario. Que quadro! Eram dois demolidos um diante do outro — a velha igreja e o Nogueira. Olhavam-se com ternura e entendiam-se.

A proposito dessa igreja disse o *Diario Popular*: "Quem sabe se não é o som dos sinos o que vai depois transformar-se em canto de ave, murmurio de aguas, cicios de brisas, etc." Aquelas corruilas do Belemzinho talvez fossem ex-sons, Rangel.

Ricardo, o nosso maravilhoso Ricardo, descamba como um sol. Se continua a viver, é capaz de acabar Cadete ou Joa-nito — tocador de modinhas. Foi reprovado em exame de

geometria e eufemizou, dizendo que se havia levantado. Não demonstre que sabe da sua bomba; finja, como nós, que acredita no levantamento. Ricardo é sensível como todo um pé de sensitiva. Este mundo não serve para ele, este nosso mundinho idiota. Querer que Ricardo, uma arvore de imagens e sensibilidades ultra-humanas, saiba o quadrado da hipotenusa e outras indecencias! Todos nós, Lino, Albino e Tito, andamos agora rebelados contra o socialismo e a atacar com os mais sordidos argumentos o maravilhoso socialismo-sentimento do Ricardo — e ele, em vez de refutar-nos, sofre, vê nisso hipotenusas atacando um perfume. A mim o que me está fazendo vacilar nas velhas ideias é um livro de Le Bon: *Psicologia do Socialismo*.

Albino filosofa com a superior intuição de Hegel. Acho-o uma cabecinha de ouro — mas serio demais para a nossa roda. Lino, depois da reprovação, parece que assentou; estuda e trabalha. Foi bomba que em vez de destruir construiu. Tito irradia felicidade. Atingiu o ideal supremo: virou o Cabo Eleitoral, o general Glicerio da Academia. Catequizou duas turmas de calouros e impera, papiza infalivelmente, sempre a bambolear o corpanzil como marinheiro recém-desembarcado. O João Ramos continua trabalhando naquele seu terrível serviço de procurar emprego. Planeja agora uma ida ao Acre, donde voltará derramando dinheiro pelo caminho, como lata furada. Artur jura que o Ricardo é um genio e ai de quem duvide! O prolixo Breves, sempre atento na Patria; hontem me disse que vai “compor um pequeno artigo de interesse geral em que aventará a ideia, bastante evidente aliás, de, como medida preventiva de futuras incursões bolivianas, promover-se a colonização do Acre com elementos etnicos brasileiros, quais sejam (para frisar a ideia com um exemplo) o sempre infeliz e vitimado elemento cearense, que, como a experiencia de longos anos cabalmente o comprova, etc. etc.”

Tenho lido o teu *Guarujá* e nada digo, porque dizer algo é elogiar e elogiar é estragar. Quanto á *Ave-Maria*, perfeita. Todos aqui fomos unanimes no adjetivo, inclusive o Edgard Jordão. Já combinamos o nosso encontro contigo daqui anos: nas galerias da Academia de Letras por ocasião da tua posse. Tens de te precaver é contra os desequilibrios á Ricardo. Essa instabilidade conduz ao tombo. Repare no maravilhoso equilibrio de Olavo Bilac. E veja o calmo Zo'a, o calmo

Goethe, o calmo Machado de Assis, o calmo Daudet. Ando com ideia de que os tais desequilíbrios amalucados, a tal bohemia á *outrance*, é falta de confiança em si próprio e preparo de escusas para o fracasso. “Coitado! Seria o maior prodígio do século, se não fosse o alcool, se não fosse a desordem, etc.” E quanto a programa, Rangel, só conheço um que te sirva: rangelizar-te sempre e cada vez mais. Escreve na tua porta isto da *Gaya Scienza* de Nietzsche:

VADEMECUM — VADETECUM

*Mon allure et mon langage t'attirent,
Tu viens sur mes pas, tu veux me suivre?
Suis-toi toi même fidèlement
Et tu me suivras, moi! Tout doux! Tout doux!*

Estou prestes a fechar o meu curso. Entro na “vida pratica” em dezembro e creio que realizarei o meu sonho: ser fazendeiro. A minha vida ideal (isto é, de ideias) está a pingar o ponto final. Vou morrer — vai morrer este Lobato das cartas. E nascerá um que te fale em milho e porcos, e te dê receita para acabar com o piolho das galinhas.

Está um frio de fim de vida. Meus dedos enregelam-se. Vou sair, andar, tomar sol. Adeus.

LOBATO

S. Paulo, 16,6,1904.

Rangel:

Sairam daqui ha minutos o Ricardo, o Albino e o Lino. Desde o meio dia, uma interminavel conversa por entre numeros d' *O Combatente* e chicharas de café. Sete horas de parolagem. Foste lido e vivamente discutido. Uns põem-te logo abaixo de Machado de Assis; outros arrumam-te em cima dele e achatam-no. Houve berreiros. Albino afirmou sob palavra de honra que ninguem escreve com a tua “propriedade”. Ricardo jurou que tens o segredo do termo insubstituivel. Eu pus o *De S. Paulo ao Guarujá* ao lado das viagens de Maupassant — ao lado direito! Todos fanatizados por você — e eu com medo que isso te perca. Estás sendo vitima duma *gavage*

de elogios — como em Strasburgo fazem com os gansos do *foie-gras*. Cumpre que resistas, sereno, impassível, superior.

A tua operosidade contagiou o Ricardo, que anda a trabalhar num poema — *O Minarete*. Albino amigou-se com a metafísica alemã. Nogueira, no fundo do Braz, arranca do cranio as primeiras faiscas da “Positividade Hindú.” Tito gesticula dia e noite: é ensaio para o grande discurso do dia 18. Eu matuto naquela lei da “Concientização do Inconciente”. Em suma: o Cenaculo renasce, tumido de esperanças, apoplectico de coragens. Uma ansia de caminhar! Incubar, é o grande lema. O “Trabalhai, mancebos”, de Zola. E todos viramos formiguinhas.

Tentei arrancar de mim o carnegão da literatura. Impossível. Só consegui uma coisa: adiar para depois dos 30 o meu aparecimento. Literatura é cachaça. Vicia. A gente começa com um calice e acaba pau d’água de cadeia.

Aqui até 20; de 20 a 1.º, Taubaté.

LOBATO

S. Paulo, 11,7,1904.

Rangel:

Quanta atribulação meu caro! Tua ultima chegou no momento em que eu partia para Taubaté, na folga do mês de greve que nos deu esta nossa inefavel academia. Fui com planos de responder de lá — mas sobrevieram atribulações. Andei leguas a cavalo, lá pelos sertões do Buquira, e cheguei até ás raias de Minas. Voltei para Taubaté derreado, bambo. Tive lá o Candido uma noite por vinte minutos, elegante, raro, com projetos de tres meses em França. E cá estou de novo em S. Paulo — mas ainda atribulado. Mudei-me para um quarto de frente na rua Araujo 26, com um lampeão de rua bem junto á minha janela. Tenho luz de graça. E defronte ha uma vizinha janeleira que já piscou. Em vez de namora-la, meti-me pelo futebol — Palmeiras. Joguei varios dias seguidos e fiquei mais derreado que com as leguas do sertão. Estou cheio de pisaduras e dodóis.

Isto deve ser o que na *Vida Intensa* o Th. Roosevelt quer. O futebol empolgou-me de alma e corpo; escrevo cronicas de futebol e jôgo. Diz o Tito que é mania — e diz-lhe o Raul:

“Jacques, tu es un âne.” Seja como for, asseguro-te que o futebol apaixonava e contunde.

Ricardo viveu duas semanas de sonhos com *O Corvo*. O mesmo *Gato* de outrora com mudança de nome apenas. E com o mesmo calor com que miavamos o *Gato* em nossa mesinha do Café Guarani, passamos a crocitar o *Corvo*. O Breves andava querendo reviver *O Combatente* e Ricardo propôs-lhe que mudasse o nome para *O Corvo*. Breves devia ter amarelado por dentro, mas de medo não contrariou. Concordeu e foi preparar a traição. Ricardo precisava dum *Corvo* para demolir um poeta Simões Pinto que de vez em quando espicha um sonetinho aqui e ali. O primeiro vôo estava marcado para o dia primeiro; na mesinha sabíamos de cór todas as maravilhas do numero. Havia até um artigo do Mario Corvo, aquele corvo legitimo de Minas. Pois no melhor da historia o Breves acovarda-se e foge — desiste de lançar o jornaleco! Grande furia do Ricardo. Bufos. Raul suspira. Albino dá de ombros. O caso do *Minarete* foi uma sorte grande nossa, Rangel. Não se repete. Não ha dois Benjamins no mundo e nunca haverá outro diretor de jornal tão passivo como aquele. Eu era para ele um dogma. Era eu dizer e era ele executar. Ficou de tal modo submisso, logo no começo do nosso curso naquela republica da Alameda dos Andradas, que até seus namoros eram conduzidos por mim. Benjamim recebia as cartas da namorada em Pinda e eu preparava as respostas. Certa vez ia ele saindo para a aula quando o carteiro chegou. Havia carta de namoro. E o Benjamim entregou-me a carta fechada: “Estou sem tempo, Lobato. Leia e responda.” E eu conduzi tão bem esse amor, fiz cartas tão progressivamente amorosas, que quando chegaram as ferias e ele se foi, eu disse cá comigo: “Encontram-se e casam-se galopantemente.” Mas saiu o contrario. No ano seguinte, quando terminadas as ferias o Benjamim voltou, a primeira carta que do namoro recebeu foi de rompimento. Dizia na essencia isto: “Tudo está terminado entre nós. Alguma outra mulher anda metida no meio. Você não é o mesmo das cartas, Benjamim. Em vez do ardor que eu esperava, só encontrei um gelo...”

Bom, a cama está a chamar este corpo contuso. Adeus.

LOBATO

S. Paulo, 24,8,1904.

Rangel:

Antes de mais nada, resposta ás perguntinhas. 1) Bilhetes de loteria comprei tres em tua intenção, todos alvos como a neve. 2) O artigo d'O *Combatente* é do Tito Franco, um apendice do *Cenaculo*, um chato, atarracado, sem pescoço e fedorento, mas prodigiosamente culto e inteligente. Será um perigo para as instituições no dia em que tomar o primeiro banho. 3) O artigo de João Chagas vem n' *O Paiz*.

O meu romance é a coisa mais complicada do mundo. Começa com duas gravidezes na mesma casa: a da mulher do fazendeiro, da qual sairá Cristina, e a duma preta cosinheira, da qual sairá Bocatorta. A linha sismografica das sensações (considero o romance uma coordenada de sensações) pode ser traçada assim: (falta pedaço)

.....

Rangel: ha muito que quero insistir em Nietzsche, e dele te mando um volume que lerás e devolverás, e então mandarei outro. Não ha Nietzsches nas livrarias desta Zululandia. Estes me vieram de França. Considero Nietzsche o maior genio da filosofia moderna — e o que vai exercer maior influencia. É o homem "objetivo". O homem *impessoal*, destacado de si e do mundo. Um ponto fixo acima da humanidade. O nosso primeiro ponto de referencia. Nietzsche está *au dela du bien et du mal*, trepado num topo donde tudo vê nos conjuntos, e onde a perspectiva não é a nossa perspectivazinha horizontal.

Dum banho em Nietzsche saimos lavados de todas as cracas vindas do mundo exterior e que nos desnaturam a individualidade. Da obra de Spencer saimos spencerianos; da de Kant saimos kantistas; da de Comte saimos comtistas — da de Nietzsche saimos tremendamente nós mesmos. O meio de segui-lo é seguir-nos. "Queres seguir-me? Segue-te!" Quem já disse coisa maior? Nietzsche é potassa caustica. Tira todas as gafeiras.

E que estilo, Rangel! Aprendi nele mais que em todos os nossos franceses. É o estilo cabrito, que pula em vez de caminhar. O estilo de Flaubert é estilo de tatorana: vai indo até o fim. O de Nietzsche nunca se arrasta, vóa de pulo em pulo — e chispa relampagos, e chia, urra, insulta. É a mais

prodigiosa irregularidade artistica. Quando leio Nietzsche sinto odio contra Flaubert o Impecavel. Nietzsche é o Grande Pecador.

No começo você estranhará, por que ele é ele excessivamente ele e até joga com uma porção de palavras a que dá sentidos especiais — e daí tanto grifo no texto. Eu acho que Nietzsche te vai curar de todas as doenças do intellecto que acaso tenhas e das que possas vir a ter. A chave de Nietzsche você a tem no aforismo 178 onde ele inconcientemente se retrata como um “semeador de horizontes” — e é. E no *Assim Falou Zarathustra* ele se define assim (definindo um personagem ideal): “J’aime tous ceux qui sont comme de lourdes gouttes qui tombent une a une du sombre nuage suspendu sur les hommes: elles annoncent l’Éclair qui vient, et disparaissent en visionaires.” Ele é isso. Corre na frente com o facho, a espantar todos os morcegos e corujas e a semear horizontes. É o absinto verlainiano da filosofia do Futuro Proximo. Se não me entendes, demite-te do cargo de meu amigo n.º I. Nietzsche *anunciou* e afogou-se numa dolorosa loucura, que sua irmã conta num livro. Fico impaciente pelas tuas reações quimicas em face dessa Catalise feita homem. Se não vierem como quero, merecerás a Presidencia de Minas, ao lado do Francisco Sales e do Bressane.

LOBATO

P. S. — Mais uma vez insisto em que acabes com as deliciazas e rodeios. Tuas “formulas” já me enjoam as tripas. Amabilidades são coisas de caixeiro de loja. Olhe que eu e você, na sincera opinião do Ricardo, somos as grandes esperanças do Cenaculo — e Ricardo, como vate que é, vaticina. Temos que não nos enganar com adjetivos.

L.

S. Paulo, 2,9,1904.

Rangel:

Já te deve estar assustando a minha negra ingratidão: quasi um mês sem carta! É que me vieram atribulações. Mudança de casa, uma ida ao Rio e outra a S. Vicente com o

Lino; e por cima disso tudo uma espessa nuvem de desanimo e horror á pena. Mas o sal marinho restituiu-me o equilibrio e pus-me a escrever a todos os amigos.

Muito nos lembramos de você lá em Santos, e verificamos o bom descritivo da tua viagem ao Guarujá. Os buracos de caranguejos na lama preta do mangue, o homem do escarro no trem, a barca. O meu plano era ir a Guarujá a pé, como fizeste, mas o Lino e o Sancho Pança que ha em mim não concordaram. Minha irmã mostrou-me hoje o teu "postal". É a mania de agora. Ha quem deite no correio vinte, trinta "postais" por dia, com "pensamentos". Circulam muitos retratos da Lina Cavallieri, da Bela Otero e da Cleo de Mérode, amante do rei Leopoldo da Belgica, um insigne tranca realengo.

O mundo está se amaricando, Rangel. Até o Tito — tradicionalmente sensato — afundou no "postal" da politicagem academica e nos enche os ouvidos com historias: "Porque o Vergueiro...", "Porque o Bias Bueno..." Totalmente obcecado pela politica e pela palavra "marnel". Tito só vê hoje no mundo marneis — e paus, charcos, lodo, lama, atascas, sentinas, cloacas, chafurdeiros, e até em sonhos atola-se em tudo isso. Veja no *Minarete* os artigos de Martinho Dias, que é o Tito literario.

E o Lino anda obcecado pelo Euclides da Cunha. Durante toda a nossa estada em Santos só me deu Euclides — a mim que só queria siris e agua salgada. Determinou esse estado d'alma um seu ditirambo sobre o academico saído no *Onze de Agosto*.

E por falar: esse jornal abriu um concurso de contos. Vim a saber disso tarde, sem tempo de te avisar. Concorri. Os juizes são um Silvio de Almeida e um Amadeu Amaral. Se me derem o premio, suprimirei o "um" a ambos; em caso contrario, passarão a ser "um tal" Silvio e "um tal" Amadeu.

Ricardo traduziu o primeiro ato do *Cyrano de Bergerac*. Bateu o Rostand longe. Ah, se ele leva a obra até o fim!... Mas não creio. Ricardo não tem folego. Acho-o bem melhor de nervos agora. Mais ordeiro, mais reconciliado com a vida. Já deixou aquela republica da rua General Osorio, onde morava com o Raul, o Tito e outro. Que republica, meu Deus! Ricardo entrava de madrugada e metia o pé na porta. Mais simples arromba-la do que tirar a chave do bolso. E o Edgard Jordão fez o mesmo, uma noite em que apareceu por lá acompanhado, apesar de não ser cidadão dali. Por fim dormiu lá uma noite

o Tito Franco, — e disso veio a derrocada final da já vacilante republica. Tito Franco é essencialmente porco, como o Brasil é essencialmente agricola. Tresanda como toda uma tribu de hotentotes. O ultimo banho que tomou foi ás mãos da parreira. É um tipo chato, atarracado, sem pescoço, inteligentissimo, mas com idiosincrasia pela agua. Levou a sujeira ao epico. É o Carlos Magno da gafeira. Uma só vez dormiu lá, mas foi o suficiente para impregnar a republica de tal cheiro que o remedio foi entregarem as chaves á Saude Publica. Dizem que nessa noite o outro Tito, o nosso, passou acordado até á madrugada, preparando o discurso para a sessão do clube Onze de Agosto. E que passeava de lá para cá, de tiras em punho, com paradas diante do intruso semi-bebado espapaçado no chão: “É preciso tomar banho, Tito Franco!” E este; “Boa piada! Boa piada!”

O Nogueira progride, assenta as ideias, descasca-se, começa a aceitar a civilização e o positivismo; já encostou a metafisica e agora filosofa com Spencer. Mais uns meses, e está mandando fazer roupa no Carnicelli. O Raul continua Mario a chorar sobre as ruinas de Cartago. O Cartago do Raul é o Cenaculo.

Vou mandar: *Roman Brésilien*, de Adrien Delpech. Bem bom.

LOBATO

S. Paulo, 30,9,1904.

Rangel:

Impossivel escrever hoje. Esta pena está de fato enfeijada porque anda muito sem uso. Não me compreendo. Ha tinta, ha papel, ha vontade de escrever — e a pena enfeijada porque a vontade não tem pernas. Está *cul-de-jatte*. Tenho duas cartas do Candido a responder e nada me sai. Tenho milhões de coisas a te contar — coisas do Raul, do Nogueira, do Lino, e tudo vai ficando para quando vieres. Tua ultima carta martelava longamente sobre a tua paixão, mas só me conseguiu provar uma coisa: que não amas. Isso é literatura, Rangel, não é amor. Quem ama não é derramado assim. E, depois, nesse buraco de Minas, a quem has de amar,

Moura? Se aqui não aparece mulher que corrobore e vivifique, aqui que é S. Paulo, que esperar dessas terras que só expluem queijos?

O *Combatente* tem trazido o teu *Guarujá*, e o Artur Breves continua sempre “apurado” — e tremendamente prolixo.

“Adeus, meu anjo, meu eterno amor, meu galhinho de alecrim; lembra-te sempre daquela que no fundo desta cidade, noite e dia, o coração palpita por TI.” É assim que termina a carta de amor que recebi da vizinha fronteira.

LOBATO

S. Paulo, 27,10,1904.

Rangel:

Exames na janela! A chave pende do prego n.º 4 e eu com duas cadeiras vazias e sem coragem de enche-las! E pretendo o grau 8! “É o cumulo da presunção”, diria o Artur Breves — homem inferior que só apanha o verniz das coisas. “É o cumulo da confiança”, dirá v., homem superior que sabe descer ao fundo das psíquicas. E acertarás, meu grande, meu arqui-precioso, meu divino Rangel! Seja como for, voltei hoje para meu quarto cheio de tremendíssimas intenções, disposto, como nunca, a empanturrar-me de ciência. Mas assim que abri o Paula Batista, o cão do visinho á esquerda prorrompeu em nivos á lua que nem um poeta; os filhos do visinho da direita vieram brincar sob a minha janela; e a filha dos visinhos da casa fronteira veio á porta da rua para o seu habitual dedo de namoro noturno. De modo que essas tres irredutíveis instituições humanas — o visinhato, o cão e o namoro noturno — interpuseram-se como uma trindade de aço entre mim e a ciência do Paula Batista, e com tal prepotencia que me vi forçado a afastar o poço de sabedoria e matar o tempo com uma quarta instituição humana: conversar por escrito.

Não quer isto dizer que te escrevo apenas porque não posso estudar, dando-te uma posição de secundariedade. Ha uma fina nuance escolastica no caso. *Distingo!* Mas não me aprofundo na materia de medo de ter de recorrer a citações do Doutor Iluminado, ou do Doutor Maravilhoso, ou do Doutor

Serafico. Evidentemente foi o Nogueira quem me instruiu sobre todos estes opiatos.

Rangel, Rangel! A tua personalidade periga. Andamos todos apreensivos. A velha Tarasca soluça e chora (9). Para mim, tu estás noivo, homem infame! Para o Candido, tu estás casado, homem secreto! (Na carta que recebi ontem me dizia ele: “Rangel casado, Lobato! Tudo perdido!” e vinha com umas tantas considerações da mais sã moral. Chegou até ao patetico — ele, Candido Negreiros!) Para o Ricardo, estás viuvo — e viuvo já de luto aliviado. O Raul teima em ser padrinho do teu filhote Barbarin de Minaron, (10) que o Tito jura ser parecidissimo contigo — e o Lino move pausinhos para que o pequeno seja batizado segundo o rito maçom. Eu, como de espirito mais pratico, procuro obter do Dr. Franco da Rocha um bom lugar para você no Juqueri. Decididamente estás louco ou em vertiginosa via disso. Tua ultima carta é um prodromo. Ideias de suicidio...

Mas, como ia dizendo, tu és um homem admiravel. O teu talento é desses em que uma epoca se cõa todinha para a Posteridade. Aqui nesta taba de nome Brasil, etc. etc. A tua *Viagem de S. Paulo ao Guarujá* dada n' *O Combatente* é uma dessas coisas que etc. etc. Rangel: falemos serio. Pelo amor de Barbara escreva alguma coisa quanto antes. Ando sequioso por elogiar-te, por pagar a divida de bombons que tenho para com você. Quero retribuir. Quero afogar-te em mel. Tenho uma pipa de elogios ineditos para te derramar em cima, para te ungir, como outrora se ungiam os reis — e não me proporcionas ensejo, não escreves nada, cultivas a esterilidade absoluta! Falar da tua ultima obra prima é repetir um ditirambo já safado. Glozamo-la em tantos tons que já não resta nenhum. Chegamos a ir ao Guarujá, a refazer a tua viagem para melhor nos certificarmos da perfeição descriptiva. Fizemos tudo — e em paga de tanto, emudeces como peixe! Nenhum outro primor pingou da pena tão exaltada...

Avidos, todos os dias corremos jornais e revistas e estudamos os pseudonimos, desconfiados de que te escondas nalgum novo. Nada, nada...

(9) Alusão ao Cenaculo, aqui comparado ao monstro Tarasca, da cidadezinha de Tarascon, referido no *Tartarin de Tarascon*, de Daudet.

(10) Evidente alusão ao nome de Tartarin de Tarascon e ao de Barbara, namorada de Rangel.

Vamos, Rangel, exsolve-te em luz que nos dissipe a crosta de decepção que se forma e me alivie a mim dos remorsos. Minha divida para contigo está grande demais. Esmaga-me. Minha divida de elogios retribuidos... As tuas cartas são puras delicias do genero humano. Sabes tocar valsas inebriantes nas cordas sensiveis do meu Fraco. Dá-me aso, pois, ó meu prodigioso amigo, de tambem dedilhar um bocadinho a guitarra do teu Fraco.

Adeus. O cão cessou. As crianças recolheram-se. A filha dos visinhos deixou o resto para amanhã. É a calma que se restabelece. Volto ao Paula Batista. Fica o Chatterton e mais coisas para outra vez.

Um abraço do teu

LOBATO

P. S. — Concorre ao concurso de contos da FOLHA NOVA. Condições: 1 — Conto com enredo; 2 — que não exceda de 200 linhas; 3 — que chegue lá até o dia 15 de novembro; 4 — que preste.

Ha tres premios.

Mexe-te.

L.

S. Paulo, 3,11,1904.

Rangel:

Os ditirambos epistolares denunciavam em você um futuro chefe politico de Caldas, ou futuro deputado federal pelo Francisco Sales. Com tal arte e labia no jogo dos adjetivos-bombons, um homem engatinha até muito longe, até aos cimos da politica, do magisterio ou da arte oficial. Tens pés de lã e mãos de veludo e uma bela tropa de adjetivos! Se eu fosse Presidente da Republica, ao receber tua carta telegrafaria em resposta: "Rangel, corre, vóa, vem ser meu Ministro da Fazenda". Como não posso dar-te uma pasta, mando-te um livro (creio que em cada carta prometo um livro). Gosto de prometer, Rangel, mesmo que não tenha intenção de dar. Quem promete já dá alguma coisa. É um livro maravilhoso: "Relatorio sobre os Filtros Rápidos", do Dr. Ferreira Ramos.

Dizes que progredi no francês e é verdade: aprendi uma coisa. E sabes como? O Silvio de Almeida, um dos juizes do concurso de contos, votou no meu, mas com uma advertencia: "Primeiro lugar, apesar do titulo". Sabe qual era o titulo do meu conto? *Gens ennuyeuses!*... Alguem lá da casa do Silvio me deu a informação. Corei como romã e fui ao meu velho Sevène (Lembra-te? *Calypso ne pouvait pas se consoler du départ d'Ulysses...* — "*La rue du Savon*" — "*Pend-toi, Crillon, nous avons vaincu e tu n'y etais pas*") e verifiquei que "gens" em francês é macho e não femea, como pus no titulo. Voei á tipografia para fazer a correção. Era tarde...

Queres noticias daqui? Tragicas!... Raul, mais surdinho ainda, mais recurvo, mais humilde, é um *épave* do Cenaculo. Perambula á noite pelo Triangulo, entra nos cafés e espia os grupos; mete-se nas multidões e afuroa, sempre á cata dum fragmento qualquer do Cenaculo. Raul está engurgitado de "Ohs" e não encontra ouvidos em que os deposite. E esbarra em mim e não me vê; esbarra no Tito e não o vê; esbarra no Lino e não o vê — e assim por diante até o Ricardo. Ao Ricardo tambem não vê, mas a atração de iman que Ricardo sempre exerceu sobre ele puxa-o — e Raul adere e sorri com beatitude. Surdinho e tonto dos olhos.

Por puro milagre, hontem reunimo-nos tres no Progredior, Lino, Albino e eu. Não demorou muito e o Raul entrou. Entrou e espiou todas as mesas. Nós amoitamos, "para ver". Raul suspirou e saiu. Vinte minutos depois reaparece. Espia de novo, esbarra-nos com a ponta da capa e sai, suspirando. Querido Raul!

Ricardo deu em rabula. Está outro; já olha a vida mais burguesmente; defendeu um reu em Pindamonhangaba, citou Lombroso, enorme triunfo.

Lino prepara-se para novamente atacar o seu Porto Artur — aquele inexpugnável Primeiro Ano.

Tito... Lembra-se, Rangel, daquele eterno "Jacques, tu es un âne", do *Petit Chose*, de Daudet? Pois o Tito virou o nosso Jacques. "Tito, tu és uma besta", é o que todos lhe damos — e ele sorri aquele tremendo sorriso rabelésiano. Grande alma o Tito!

Nogueira sumiu depois da morte do pai e Albino anda esplendido de filosofia. Dá de ombros com a maior perfeição. O Edgard sempre assombroso, genio tetrico, todo miste-

rios — *Noite na Taverna* feita homem. Que olhos tem! Candido, na fazenda, diz que toca violão e canta modinhas. Julio aparece ás vezes de relance (11). Adeus, tempos do Minarete! Aquelas “manhãs de rosa com alacridade de festivos sinos...” “Os saraus do Recreativo...” O Belemzinho... Adeus! Adeus!... (12)

Suspiros do

LOBATO

S. Paulo 7,11,1904.

Rangel:

Triste coisa o desanimo... Devido a um atroz acesso de desanimo, desses que nos transformam em budistas, deixei de escrever-te, de rir, de ler — de viver, em suma. Mas passou e já tenho animo de pegar nesta realmente enferrujada pena para contar assombros do Nogueira. Esse homem formidavel, filho do conubio danado de Duns Scott e do Caraça, do qual o ano passado guardaste tão profundo ressentimento a ponto de em tua ultima obra o mimoseares com tres aceradas ironias, o Nogueira demoliu-se todinho e reconstruiu-se de novo. Está o assombro de S. Paulo. Usa hoje, externamente, colete branco, terno cinza, colarinhos Santos-Dumont, botinas de pelica, pince-nez, ares doutorais; e inteiramente usa habilidades sinuosas, pruridos de gentleman, Marcel Prévost e as ideias politicas do Tito. Grudou-se á politica municipal do Belemzinho, da qual é figura obrigatoria com o seu fraque (tem fraque, sim), com o seu pince-nez de ouro (ouro de verdade, sim); e nas jantas partidarias de varios coroneis desforra-se dos jejuns do Minarete. Afez-se ao carolismo do mulherio — e elas o adoram pela sutileza com que destrincha um caso de consciencia ou explica uma nuanca do dogma. Reza em pu-

(11) Julio Costa, um quasi-cenaculoide: Cão ensinado (era professor).

(12) A primeira cronica do Raul publicada no 3.º numero do *Minarete*: “Manhãs de rosa com alacridade de festivos sinos! Manhãs de céu de porcelana, azues e claras! Oh as madrugadas de maio, frescas e cheirosas — como eu vos adoro!...” Raul está inteiro nessa cronica. Aos 20 anos já era uma saudade feita homem.

blico com grande contrição, confessa-se com um padre que é também influencia politica, tira o chapéu até para as bananas de São Tomé e vive num regalo, com dinheiro no bolso e amizades femininas. Está quasi civilizado. E quasi, porque aquele celebre gesto das mãos penduradas á altura dos sovacos ainda persiste. Basta um minuto de distração e pelo menos o braço direito vai se encolhendo em forma de V e a mão pendura. Já beijou uma mulher casada e anda pensando em comprar monoculo.

Saltando de Norte a Sul, direi que o Breves morreu — o Breves jornalista, porque o outro, da “burocracia biologica”, esse vive e viça, sempre apagado, na concha. O Tito Franco deu de fazer n’ *O Combatente* piadas contra o Chefe de Policia, e o Chefe — diz o Ricardo — chamou o Breves para explicações e Breves as deu com desesperante prolixidade. Dizem que começou assim: “Senhor Doutor e conceituado Chefe do Policiamento Local, a mamãe...” e enveredou por aí, com a eterna mamãe puxando fila. E o caso é que *O Combatente* morreu. Perdestes o unico editor, meu caro Rangel. Onde outro que tome a serio o teu, o nosso preconisadissimo talento? O Breves publicou o teu *De S. Paulo ao Guarujá* apenas por sugestão do Ricardo. O poeta abriu-se diante dele em exclamações sobre a tua genialidade. Ele sorria aquele celebre sorriso postal que era uma obra prima de incredulidade, e de *medo do Ricardo* te publicava. Agora, de medo do Chefe de Policia, nem sequer edita mais o jornaleco. O Breves é todo medos — da mamãe, da esposa, do Ricardo, do Tito Franco, da policia, do administrador dos Correios. O futuro biografo do Breves tem que pôr entre as suas obras primas (os artigos “Gremios da Defesa Nacional” e os “Conselhos Uteis”) o prodigioso sorriso, tão discreto, com que ele duvidava da tua genialidade, Rangel. Breves, o Infame!...

LOBATO

P. S. — Apontas-me, como crime, a minha mistura do “você” com “tu” na mesma carta e ás vezes no mesmo periodo. Bem sei que a Gramatica sofre com isso, a coitadinha; mas me é muito mais comodo, mais lepido, mais saído — e, portanto, sebo para a coitadinha. Ás vezes o “tu” *entra* na frase que é uma beleza; outras é no “você” que está a beleza — e

como sacrificar essas duas belezas só porque um Coruja, um Bento José de Oliveira, um Freire da Silva, um Epifanio e outros perobas “não querem”? Não fiscalizo gramaticalmente minhas frases em cartas. Língua de cartas é língua em mangas de camisa e pé-no-chão — como a falada. E, portanto, continuarei a misturar o tu com você como sempre fiz — e como *não faz* o Macuco. Juro que ele respeita essa regra da gramática como os judeus respeitavam as vestes sagradas do Sumo Sacerdote. Logo, o dever nosso é fazer o contrario.

L.

S. Paulo 15,11,1904.

Rangel:

É cheio de passado que te escrevo. Imagina que fui ao Rink (coisa que não conheces: patinação) e lá encontrei numa roda de quatro a moça mais bela que a Natureza ainda produziu. Bela, fina, elegante... Estes adjetivos já não dizem nada por causa dos abusos do Macuco. Sabe o que é o belo, Rangel? É o que alcança uma harmonia de formas absolutamente de acordo com o nosso desejo. Se um mínimo senão na asa dum nariz rompe de leve essa harmonia, a creatura pode ser linda, bonita, encantadora — mas bela não é. Pois aquela moça era bela, Rangel. Chamava-se nos meus 14 anos, Belita, Isabelita — Isabel. Foi o meu primeiro amor, em Taubaté.

Mas falemos de coisas profanas. Li o teu ultimo artigo... Nunca viste reprodução dum quadro de Gleyre, *Ilusões Perdidas*? Pois o teu artigo me deu a impressão do quadro de Gleyre posto em palavras. Num cais melancolico barcos saem; e um barco chega, trazendo á proa um velho com o braço pendido largadamente sobre uma lira — uma figura que a gente vê e nunca mais esquece (se ha por aí os *Ensaios de Critica e Historia* do Taine, lê o capitulo sobre Gleyre). O teu artigo me evocou a barca do velho. Em que estado voltaremos, Rangel, desta nossa aventura de arte pelos mares da vida em fora? Como o velho de Gleyre? Cansados, amargos, desarvorados, rotos? As ilusões daquele homem eram as velas da barca — e não ficou nenhuma. Nossos dois barquinhos estão hoje cheios de velas novas e arrogantes, atadas ao mastro da nossa petulancia. São as nossas ilusões. Que lhes acontecerá?

Somos vitimas de um destino, Rangel. Nascemos para perseguir a borboleta de asas de fogo — se a não pegarmos, seremos infelizes; e se a pegarmos, lá se nos queimam as mãos. Nós tres, eu, você e o Edgard, sofremos da mesma doença e, pois, trilharemos as mesmas sendas e voltaremos ao cais na barca de Gleyre — com aquele mastro caído, a lira largada, a bussola sem agulha. E por que isso, Rangel? Porque em nós tres ha uma coisa que nos obriga a partir, a caçar a borboleta, embora certos de que o retorno será na barca de Gleyre. Essa coisa dentro de nós é o que explica a imensa disparidade entre você e o Breves, entre o Edgard e o Goulart, entre eu e o Macuco. O que não impede que Breves, Goulart e Macuco nos olhem com profundo desprezo. Somos para eles o que eles são para nós.

Estamos moços e dentro da barca. Vamos partir. Que é a nossa lira? Um instrumento que temos de apurar, de modo que fique mais sensível que o galvanometro, mais penetrante que o microscopio: a lira eolia do nosso senso estetico. Saber sentir, saber ver, saber dizer. E tem você de range-lizar a tua lira, e o Edgard tem que edgardizar a dele, e eu de lobatizar a minha. Inconfundibiliza-las. Nada de imitar seja lá quem for, Eça ou Esquilo. Ser um Eça II ou um Esquilo III, ou um sub-Eça, um sub-Esquilo, sujeiras! Temos de ser nós mesmos, apurar os nossos Eus, formar o Rangel, o Edgard, o Lobato. Ser nucleo de cometa, não cauda. Puxar fila, não seguir.

O trabalho é todo subterraneo, inconciente; mas a Vontade ha que marcar sempre um norte, como a agulha imantada.

Esses nossos desalentos, esses nossos tedios iterativos, esses nossos desesperos, provam a favor, Rangel, não provam contra. São reflexos da misteriosa gestação subterranea. Como vem isso? Sempre como éco do constante processo analítico inherente á gestação. Você lê uma pagina genial de Hugo e a comparação inconciente que fazes entre ele e você desnuda-te uma aparente inferioridade. Eu vejo uma cena, procuro o meio de transmiti-la por meio de palavras, não consigo e perco a confiança em mim. O Edgard sente uma sensação nova, estranha, jamais sentida por ninguem no mundo; analisa-a, não a apreende — e ei-lo de dia estragado, azedo sem saber por que. Mas esse eterno "procurar", Rangel, é que é a grande coisa que ha dentro de nós e não

ha no Macuco. O Macuco não procura coisa nenhuma, porque está certo de que é um genio e não precisa de coisa nenhuma.

Cansado de desanimar, eu não desanimo mais, depois que apanhei a causa dos meus desanimos. Trabalho ás occultas lá no subconciente. Em que? Na afinação da lira e na fixação com palavras do que ela apanha. O sonho, sabes qual é — o sonho supremo de todos os artistas? Reduzir o senso estetico a um sexto sentido. E, então, pegar a borboleta!

Você me pede um conselho e atrevidamente eu dou o Grande Conselho: seja você mesmo, porque ou somos nós mesmos ou não somos coisa nenhuma. E para ser si mesmo é preciso um trabalho de mouro e uma vigilancia incessante na defesa, porque tudo conspira para que sejamos meros numeros, carneiros dos varios rebanhos — os rebanhos politicos, religiosos ou esteticos. Ha no mundo o odio á exceção — e ser si mesmo é ser exceção. Ser exceção e defende-la contra todos os assaltos da uniformização: isto me parece a grande coisa. Se a tomarmos como programa, é possivel que um dia apanhemos a borboleta de asas de fogo — e não tem a minima importancia que nos queime as mãos e a nossa volta seja como a do velho de Gleyre.

LOBATO

S. Paulo, 9,12,1904

Rangel:

Esta é a ultima que te escrevo como estudante. Amanhã a estas horas estarei bacharel em ciencias juridicas e sociais — doutor Lobato! A sensação ha de ser a que me causou a primeira calça comprida. Que vergonha de todo mundo, meu Deus! A impressão era de que o universo inteiro cravava os olhos em mim e sorria ironicamente. Adeus. Receba lá o ultimo abraço do Lobatinho que vai ser guilhotinado ao meio dia — e por antecipação receba tambem o primeiro abraço do breve e grave Dr. Monteiro Lobato.

LOBATO

P. S. — Veio de retorno o meu Nietzsche. Chegou bem de viagem e através das notas marginais disse-me que... que... que só te procurará em novos volumes alguns anos mais tarde, depois que o meu amigo Rangel amadurecer um pouco mais. Impertinente este alemão, não é verdade?

Emerson é americano — e grande. Estou á espera de *Representative Men*. O seu ensaio sobre a Natureza ensinou-me algo bastante curioso: se você olhar uma paisagem por entre as pernas, quero dizer, com os olhos de “cabeça para baixo”, a paisagem fica uma coisa nova. Experimente.

L.

Taubaté, 30,12,1904.

Rangel:

Aqui no exílio a modorra é um mal ambiente que derruba até os mais fortes. Exílio, Rangel, pura verdade! Saltar da liberrima vida estudantina de S. Paulo e cair neste convencionalismo de aldeia, com trabalhos forçados... Sinto-me rodeado de conspiradores; todos tramam o meu achatamento. Tudo quanto mais presavamos — o nosso individualismo, etc. é crime de lesa-aldeia, de que o Vigario, os parentes e as mais “pessoas gradas” nos querem curar. O ideal é fazer de nós mais uma pessoa grada, mais um “cidadão prestante”. É arredondar-nos como um pedregulho, lixar-nos todas as arestas — as nossas queridas arestas! Um homem aqui só fica bem “grado” quando se confunde com todos os outros e é irmão do Santissimo Sacramento.

Hontem insinuaram-me que eu *tinha* de ir á missa dum coronel que morreu e nunca vi mais gordo; insinuaram de leve, porque a conspiração é jesuítica. E se não me defendo heroicamente, acabo papa-missa, papa-defunto, papa-sermão — e freguês da chimbica no fundo da farmacia.

Logo que cheguei (que cheguei “formado!”) mimosearam-me com uma manifestação; foguetes (Taubaté não faz nada sem foguetes), a banda de musica, molecada atrás e oito discursos, nos quais se falou em “raro brilhantismo”, “um dos mais”, “as venerandas arcadas” e outras macuquices que tive de aguentar de pé firme em casa de meu avô. Eu per-

cebia o jogo: a manifestação era mais dirigida a ele do que a mim, porque ele é um grande visconde e eu não passo dum simples “neto do visconde”.

Não respondi macucalmente, como era esperado. Declarei que não havia razão para homenagem, porque se tratava dum bacharel mais pelo Largo do Rosario do que pela Academia, no qual as ciencias do Triangulo superavam as do Corpus Juris. Disse ainda que um novo advogado não passa de mais uma filoxera social que sai do casulo — e por aí alem. Os manifestantes entre-olharam-se. A lingua era nova e desconhecida na terra, mas a cerveja que o avô mandou servir (e creio que era ao que realmente vinham) reconciliou-os com o neto.

Não imaginas a extranheza da minha emoção quando estourou lá longe o primeiro foguete e alguém ao meu lado disse: “É a manifestação que vem vindo.” Um foguete soltado por minha causa...

Mudando: hontem peguei um numero d’O *Combatente* e reli o capitulo 11 do teu *De S. Paulo ao Guarujá*, “Terra Efervecente”. Viajei de novo de S. Paulo ao Guarujá com aquella descripção que é um cinematografo com fonografo ao lado, ou, melhor, que é um extraordinario “biografo”. Quando nos darás mais coisas como essas?

Veio o Maeterlinck.

Do teu desolado.

LOBATO.

1905

Taubaté, 24,1,1905.

Rangel :

Recebi tua ultima a caminho da estação, e li-a entre Cachoeira e Guaratinguetá, com olhadelas para o tortuoso Paraíba que acampanha a Central. E como tinha diante de mim a Natureza, gostei das tuas referencias á paisagem dessa Caldas. Porque, meu velho Rangel, não perdi ainda esse nosso mau costume de analisar tudo quanto tem a desdita de nos cair sob os olhos; e dentro daquelle pó federal me pus a analisar tua carta, teu estilo, tua maneira de dizer, as qualidades que abotoam, etc. E notei um desembaraço maior, mais topete, mais desgarre da pena outrora tão encolhidinha.

Os teus ataques á Natureza me fizeram sorrir com saudades daquelle Rangel tão timido, tão moça, que só quando a coisa era demais arriscava uns atomos de ironia mansa ou de discreta revoltazinha. Já agora rompes contra a Natureza como Norma Absoluta e criticas até o exagerado azul do ceu. Otimo! Só resta que não abuses como os que se metem a si mesmos como a Norma Absoluta.

Lembro-me de que ha anos tambem andei brigado com certas mediocridades da Natureza. Eu ia para a fazenda a cavalo, e atravessava um trecho de capoeira onde tudo era chinfrim, desde os aromas da "balsamina em flor" até o relevo do solo. Eu olhava e nada via ali das decantadas excellencias de Mãe Natura. E ia marchando, aborrecido com tamanha chateza, coisa inadmissivel na Norma de Tudo. Logo adiante a topografia mudou e vi-me em zona montanhosa — a Mantiqueira — em trecho onde a estrada em zigiguezague corta a floresta virgem. Senti então a tal coisa alegre e radiante da saude moral em pletora — e num relampago apreendi tudo. É que a Natureza copia o homem; desdobra-se numa gama inteira. Tem os seus pedaços shakespeareanos para equilibrio dos seus pedaços acacianos. O trecho visto um kilometro atrás era o Conselheiro Acacio-paisagem. Aquele ali

era no minimo Ibsen no *Peer Gynt*. O teu mal, Rangel, é que moras num pedaço de natureza *Helena* de Machado de Assis.

Perguntas da minha vida. Completa. Euforica. Tres amores, cada um dum tipo. Leio. Estudo. Trabalho. Engor-do. Digi-ro admiravelmente e até tiro sortes da loteria (ontem, 500\$000). Feliz como um leitão em dia de abobora. E estou transformado na “ultima palavra” da critica local, depois duns artigos sobre os trabalhos da minha namorada numero 2 — a de função estetica. O povo olha-me com uma especie de terror sagrado, tantas foram as coisas bonitas que, em estilo de atelier de Paris, eu disse na analise dos quadros de Georgina — chama-se Georgina. O meio de sermos admirados pelo povo é não sermos entendidos. Outros artistas da terra, geniosinhos municipais, procuram-me; querem tambem que eu diga deles coisas incompreensiveis. E o diretor do jornal fez-me a honra de declarar que sou a “unica autoridade critica da terra”. Quer dizer que tambem não me entende.

Hontem houve concerto no teatro e uma comissão veio implorar que do alto da minha Competencia eu derramasse a potassa da Critica sobre as gorduras do Desempenho. Desfiz-me em frases feitas desmerecedoras do meu Merito e por fim prometi. E acabo de encher cinco tiras com quanto argot musical assimilei em S. Paulo nas criticas do Camarate e do Barjona. (13) Falei em vocalização, registro de voz, eurrhythmia, tonalidades cromaticas e outras pilherias do caso. Saiu-me coisa tão boa que, relendo-a, eu mesmo não entendi nada. Imagine o sucesso que vai ser!

LOBATO.

Taubaté, 2,2,1905.

Rangel:

Tenho cá a tua opinião sobre Flaubert, Zola e a definição de arte deste — e como minha opinião precedeu a tua, estamos entendidos nesse ponto. Vamos a outro. Na penultima carta dás como definição de arte do Taine a sua definição de obra d’arte, coisa muito diferente. Definição de arte foi coisa que o sensato e cautelossissimo Taine teve o espirito de não tentar, para não dar a topada que todos os definidores

(13) Criticos de arte em S. Paulo.

vem dando desde a Grecia. Todas as definições de arte que conheço degeneraram em *noção*, e isto pelo absurdo de aplicar o processo definitorio, coisa puramente scientifica e logica, ao fato mais incientifico e ilogico da humanidade — a Arte. Com os sextantes mede-se a altura das estrelas, mas não se medirá nunca a altura do amor duma menina. Quanto á tua questão de “arte scientifica”, não pesco um xiz. Ciencia — conjunto de conhecimentos sobre as leis dos fenomenos; arte — concretização de emoções. Misturar essas coisas é tentar a combinação quimica de ovos e batatas.

Eu não disse (e se disse retrato-me) que Flaubert não é artista, e sim que Flaubert me desagrada, me maça seriamente, e que me tem sido uma pura *corvée* a leitura de seus livros. Idiosincrasia de temperamento, vulgaridade de espirito, qualquer inferioridade minha, enfim — mas sinceridade, coisa de que te divorciaste na critica a Zola, onde fizeste esgrima de epigramas e ironias — ou *boutades*, como lá diz o francês. O teu “Gouache” do ultimo “Minarete” (o prodigioso revisor do Benjamim deixou sair “Gonache”, palavra sem significação que deve estar dando dor de cabeça nos pindamonhangabanos), o teu “Gonache” é uma pura imitação pastichada desse Flaubert que te anda estragando as tripas do estilo. Entre a maneira de Flaubert e a de Rangel a diferença é nula — o que seria otimo para você, se você houvesse vindo ao mundo antes de Flaubert.

Escapaste da imitação do Eça, mas sem sentir imitas o abominavel Flaubert. Coisas assim, assinadas por Flaubert, seriam admiraveis — em você não passam de engenhosos écos

A conclusão é que você ainda não se pariu de todo a si mesmo, pensa que é uma coisa e é outra, e para prova leia o conto que mando, dum extraordinario Emigdio de Oliveira. Não sei quem é. só sei que é dos tais que souberam achar-se e são tremendamente si mesmos. Veja como é potavel, e que linda pastoral á Longus é isso. E quem sabe ou fala desse homem? Estará nascendo agora? Emigdio de Oliveira! Esse nome não me diz nada, nem a ninguem daqui. Encontrei isso dele, li — e nunca mais necessitarei olhar para o seu nome em baixo para saber se uma coisa é de Emigdio de Oliveira ou não.

Adeus. Sinto-me rabujento. É a chuvinha que não para. Chove, chove, chove. Até sol.

LOBATO.

Rangel:

O teu amor pelos rícochetes é para mim neste momento uma preciosa qualidade, pois o argumento que mandei — “uma obra d’arte não é a arte” — voltou com a tua sanção nos seguintes termos: “um inglês não é a raça inglesa” e mais este reforço: “isto me parece uma grande verdade”. E como o ponto de litigio era essa desigualdade que você negava, dou-me parabens pela tua conversão á aritmetica e á logica. Quanto ao resto, onde ha citações de Taine e Zola, fatos implicantes e implicados, explicitidades e implicitidades, pg. 227 de *Mes Haines*, logos, etc., reservo-me para depois que houver assimilado Duns Scott e Scaligero.

Que faz o Nogueira por aí? Fale-me dele. Estou com saudades daquelas nossas polemicas sem fim sobre as causas primarias e ultimas.

A noticia que dás da Cainçalha é a que eu esperava. Por falta de caça esses cães assarnentam-se, e vivem pelos cantos a bocejar e coçar as pulgas. Vejo que estão todos parados. O Tito até parece que voltou atrás, e só muito de longe em longe sente um calorzinho na pena. Está a escrever molemente, com grande afluxo de lugares comuns. Parece que aquele seu antigo e sagrado horror á Chapa não existe mais. “Jacques, tu es un âne.” Do Ricardo só vi a ultima tradução do *Cyrano de Bergerac*. Pede-lhe por mim que me mande a bagagem de recortes poeticos que puder, para a propaganda que ando a fazer dele perante duas magnificentissimas representantes do sexo oposto. E tambem preciso que me mandes dizer quando você e o Lino prestam os exames. Quero chegar até aí com os parabens.

O Albino escreveu-me das profundas de Sertãozinho! Albino escrever! Isto é portento como quando lá em Herodoto aparecia a fenix. Que estará para sobrevir?

LOBATO.

Rangel:

Conversemos enquanto chove. Veio *A Ilustração* e ao le-la me lembrei das famosas revistas que fundamos no Guarani: *O Gato*, *O Corvo*. Depois foi como se relese um numero da primitiva fase do *Minarete*, o pequenininho, no tempo em que o Candido escrevia o *Fen dé brut*. Só faltou você e o Albino, esse relapsissimo Guy d'Han. E tambem o Ricardo. Reli a maupassanada do Tito e mais uma vez me convenci de que ele tem ali o seu *Vase Brisé*. O Tito de hoje não vale aquele. Lino, o eterno tropejamento de bombas. Sempre que o leio lembro-me do foguetorio da Semana Santa, quando estouram os morteiros. Estouros, chiados, chispas e depois rolos de fumaça branca rumo ao ceu. O Raul... Que coisas adoraveis esse adoravel Raul escreveria, se fosse arrancado daquela infame estrada de ferro e posto a cultivar-se num curso folgado! E faltou tambem o Nogueira, o Fréron. Tenho saudades do Nogueira! A sua cronica inicial no *Comercio de S. Paulo*... as novidades de cabelo branco que ele, como um Isaias, atirava ao mundo... a sua tremenda descoberta do Valmiky...

Muito piegas debes estar achando o "Dr. Lobato", este homem serio que ontem foi metido no corpo dos jurados e tambem já foi convidado para a Irmandade do Santissimo Sacramento, especie de Klu-Klux-Klan local, inofensiva e de balandrau roxo, em vez de branco á moda americana. Bem que me esforço por tomar tudo isto a serio, Rangel; mas não vale — todo este burguesismo, Rangel, não vale uma hora das nossas horas do *Minarete* no Belemzinho, nem aqueles "aborrecimentos" conjuntos no Café Guarani, entre cigarros e laranjinhas.

O Jonas de Barros é um amor — ou pelo menos ficou assim depois de coado através da imaginação descritiva do Ricardo. "O Incompreendido"! Ponha-o num conto, antes que eu o faça. (14)

Ah, Rangel, eu brinco, mas o desespero anda a assaltar-me. Meu processo de burrificação marcha firme. Este ar,

(14) *O Minarete* publicou um conto meu com esse titulo.

esta coisa chamada "interior", arraza uma creatura em poucos meses. Sinto que estou me tornando tapera — com pés de joás, erva de Santa Maria, cordão-de-frade e guanxumas no terreirinho outrora tão limpo... As ideias vem-me lorpas, com o carimbo local, ideias de boticario da roça. Sinto uma ferrugem no cerebro, tudo *grincheux*, difficil... Que suicidio lento é este viver de aldeia! Suicidio mental apenas, porque o corpo prospera lindamente. Faz-me falta o oxigenio metropolitano. Pelo Carnaval vou refocilar aí e matar as saudades — saudades sobretudo de vocês todos.

Que fim levou o Edgard Jordão?

LOBATO.

Taubaté, 13,1905

Rangel:

O que me tem retardado na resposta á tua ultima é a dificuldade de escolha do por onde começar — tanta coisa ha a dizer. Estive uma semana em S. Paulo e passamos notadas como as de dantes — mas sem o entusiasmo e a sinceridade de dantes. Por incapacidade de crear, a cainçalha repete. Encontrei o Candido magrela. Como tem com rara elegancia o pulmão "afetado", nós posamo-lo de tuberculoso, com risinhos complacentes dele. Meio sorumbatico, estacionario, neurastenico. Ricardo tambem está outro; já não recita nem produz nada. Sonambuliza. Tito desmorona. A Academia já se atreve a atirar-lhe pelas ventas com a nossa celebre sintese: "É uma besta". Seu prestigio academico degradingola. Na questão das candidaturas não foi ouvido — imagine! ele o Tito!... E isso o emagreceu e amarelou. Nogueira chupa balas, namora e passa miseria. O Beccari esplendido de confiança, burrice e genio. É uma floresta dos tropicos, todo fetos arborescentes. Atreve-se a achar o Ricardo um "moço banal". Albino, o eterno Albino. O Santa Rita cada vez mais roliço. Faz anos o mês que vem e está a organizar uma esbornia de tres dias. Vai alugar casa fora da cidade só para a festa. Como nem doses maciças de alcool o abalam, quer meter-se num

regimem de 72 horas de sambuca, “para ver se fica levemente toldado”. O ideal do Santa Rita é acabar como aquele Clarence de Shakespeare, afogado num tonel de malvasia. Convidaram-me para o porre historico — eu o homem dos tres chopos...

Paro aqui, Rangel. Estou fenomenalmente vasio e besta. Tens lido o *Minarete*? As primeiras paginas dos ultimos numeros são totalmente minhas. Apareça por lá.

LOBATO.

Taubaté, 13,5,1905.

Rangel :

Alegrou-me o correio de hoje, porque pressenti no calhaço resposta á penultima; mas como não fazes menção dessa carta, estou a supor que se desmandasse pelo caminho, como má carta que era. Se te queixas de trabalho em excesso, que direi eu, vitima do excesso oposto, *surménage de faineantise*? Como cansa, estafa, uma vida desocupada, vazia duma grande tarefa construtora, duma batalha a ganhar cujos detalhes nos encham do bom cansaço suarento e corado, criador dos sonos de pedra e de esperança aos montes! Esta nossa vida de grama branqueada sob um tijolo, que rastrea a luz de fora, vida toda cerebro, a ruminar ideias num merecismo de dromedario e afastada de toda a Ação — e dentro das leis organicas viver é agir — esta vida nossa, Rangel, é pura monstruosidade. Faz de nós plantas de estufa, falseia-nos a natureza, afrouxanos os andaimes. E tão falta de compensações! A maior compensação para uma vida que se desenvolve é a consciencia do progresso desse desenvolvimento; e como ter consciencia de qualquer progresso se a lentidão do nosso evoluir psicologico lembra a marcha do ponteiro pequeno dos relgios? A gente sabe que o ponteirinho está andando, mas não vê marcha nenhuma.

Você tem a grande *besogne*: o amor, um Moloch que devora tudo quanto nossas faculdades produzem, mas o teu mal está em que o teu Moloch é um Moloch literario. E fora do Amor, do Jogo e do Alcool, não sei de outra paixão que encha

por completo uma vida. Ricardo enche a sua com a tonteira do sonho; tirem-lhe isso e ele morrerá de *vacuo*. Tu pretendes encher a tua com Amor, mas esse teu amor é pouco para o teu tonel e daí a razão dos “enchimentos” — literatura, trabalho, etc. Inutil. Irás pela vida em fora, *cahin-caha, clopin-clopan*, e chegarás aos Sete Pés sempre com o tonel a meio.

Ando agora estudando Napoleão, o homem de maior tonel interno que jamais existiu. Em Santa Helena, a sua conversação com Las Casas, que o taquígrafou, é um continuo desenrolar de planos do que ele *ia* fazer, isto é, do que ele *necessitava* fazer para dar ao Moloch interno o repasto exigido. Privado da ação naquele penedo, o Moloch matou-o.

Que tanto Moloch! É que hontem estive conversando Salamboo com um velho filosofo daqui e hoje topei no *Minarete* com um artigo *Moloch*. Quer dizer que por estes dias o jongleur do meu trapezio do Braz Cubas vai ser essa palavra. Antes foi “*abatteur de besogne*”. Que expressão nossa diz o mesmo? Sugere-me um pescoço enorme, ombros colossais, uma coragem de trabalho á Balzac ou Dumas. E tens a audacia de atirar-me á cara essa expressão tremenda, a mim que sou graminea desclorofilada e murcha...

Vai o Darwin e um maço de *Minarettes*. Lê neles: “O Brasil, hoje”, a brincadeira Nero-Olga, “Côr”, “Trubsal? Trube” e “Pedro II e a Manada” (causou escandalo).

Adeus.

LOBATO.

Taubaté, 15,7,1905.

Rangel:

O bilhete postal — um beliscão — talvez me faça dar resposta á tua ultima e dizer o que penso do *Diario* e do autor — coisa que ha 15 dias pretendo mas não consigo fazer. Digo “talvez”, porque talvez esta carta fique a meio caminho. Conheces muito bem a doença periodica da grafobia que nos torna a pena odiosa e repulsiva. E estou adivinhando que durante essa demora, todos os dias, lá numa covanca de Minas, uma Vaidade de pernas ia esperar o correio, ansiosa, e a todas

as malas mordida os labios com os dentes da decepção. “Devia ter vindo (raciocinaria a tua Vaidade). É fatal que venham os deliciosos bombons com licor dentro. Mas por que tardam tanto? O pagamento antecipado já lá foi, sob forma de outros bombons marca “Elogio Mutuo” — e o infame Lobato demora!”

Meu caro Ragueneau: a explicação é que ando bilioso, cheio de pensamentos negroides, e não tenho feito pastéis de medo de trocar os ingredientes, metendo pedregulhos em lugar de azeitonas, como possível dano de algum dente incanto. Veja você que sabio é Ragueneau em deixar o forno apagado enquanto a bilis lhe amarela as ideias e o riso.

Ainda ontem enchi os ouvidos de uma das minhas namoradas com juras de arrebentar os miolos, e falei em revolver, faca e outras alavancas da indiferença feminina. Mas hoje, Rangel, minha intenção é molhar a pena em tinta côm de rosa — mas antes disso quero prolongar esse ar de decepção que estou vendo em tua cara, e em vez dos esperados bombons terá de ouvir de pé firme uma historia de dormir em pé. É inutil pular estas linhas e ir procurar algum bombom no fim, porque hoje não vai nenhum — estão a secar ao sol. (“Ora bolas!” estou ouvindo você dizer. Bolas não, amigo! Julga por acaso que é decente este torneio de elogio mutuo em que andamos? Pensa que já me esqueceu aquela tua carta que começa assim: “O teu estilo tem todos os fulgores...” Supões-me então ingenuo como um tal Godofredo Rangel que ouviu impavido uma *boutade* dum tal Ricardo Gonçalves, e manteve-a na boca como bala puxa-puxa, e anotou-a carinhosamente no *Diario* com que pretende escalar o morro da Gloria: “O teu estilo é o mais perfeito que ainda appareceu no Brasil”? Rangel, Rangel! Seja um bocadinho mais hipocrita e raspe aquilo. Que não dirá a Posteridade?

Estilos, estilos... Eu só conheço uma centena na literatura universal e entre nós só um, o do Machado. E, ademais, estilo é a ultima coisa que nasce num literato — é o dente do sizo. Quando já está quarentão e já cristalizou uma filosofia propria, quando possui uma luneta só dele e para ele fabricada sob medida, quando já não é suscetivel de influenciação por mais ninguem, quando alcança a perfeita maturidade da inteligencia, então, sim, aparece o estilo. Como a côm, o sabor e o perfume duma fruta só aparecem na plena maturação. Repare no Machado. Quando lhe aparece a côm, sabor,

o perfume? No *Braz Cubas*, um livro quarentão. Que estilo tem ele em *Helena* ou *Yayá Garcia*? Uma bostinha de estilo igual ao nosso. Ao Eça só o encontramos já estilizado e inconfundível nos Ramires. Antes de nos vir o estilo o que temos é *temperamento*. Ha na arte do desenho um exemplo claro disso na “estilização”, duma flor, suponhamos. A *flor natural* é o nosso temperamento; a *flor estilizada* é o nosso estilo. Enquanto esse temperamento não alcança o apogeu da caracterização, não pode haver estilo. O Eça nas *Prosas Barbaras* não tem estilo; usa e abusa barbaramente da “impropriedade” com o fim de irritar o Camilo Castelo Branco, o Bulhão Pato e os burgueses do Porto. Esse abuso da impropriedade, que á primeira vista parece ser a sua futura característica do estilo (tanto é alta a dose nas primeiras coisas), nos Ramires apparece homeopatico e felicissimo, e da mesma sabia dosimetria de Machado de Assis.

Poderás, Rangel, com os elementos basicos que ha em você, ter um estilo, e certo que o terás — mas ainda é cedo. Estás verdolengo. E o terás lindo, sobretudo se deres menos apreço ás lisonjas facéis dos amigos. Lembra-te que mutuamente já todos nos demos de genio lá no Cenaculo e no entanto bem pequena é a dose de simples talento de todos nós, reunidos e multiplicados uns pelos outros.

Proponho-te escrevermos com mais assiduidade no *Mina-rete*. Coisas leves com dialogos — o dialogo areja. Coisas que interessem aos leitores, coitados, sempre tontos com isto de escrevermos só para nós mesmos, sem a minima consideração para com eles, os sustentadores do jornal.

Os bombons ficam para outra.

LOBATO.

Taubaté, 18,7,1905.

Rangel:

Andas zangado comigo e com razão, pois num momento de bilis não achei valvula para a peçonha e derramei-a toda no focinho da tua vaidade. Mas as coisas mudaram e está hoje

uma lua tão bonita no ceu da minha janela, e um grilo pia com tanto gosto, e faz tão bom fresco, que chego a esquecer a ferida aberta em meu orgulho e, feliz, espero conversar contigo á moda bombonesca. Essa ferida...

Fizeram-me orador do nosso Clube Recreativo, e no ultimo domingo, em sessão de posse, meti-me por um longo discurso, que me saiu uma sucessão de caroços inacreditaveis. Tãmanha foi a minha vergonha que ainda hoje não posso ver, sem corar e baixar a cabeça, as infames creaturas que assistiram á catastrophe. Nunca poderás imaginar, Rangel, que horror é um desastre desses e que quantidade de nevralgias morais nos põe nas tripas do amor proprio. A artificial reputação de talentoso que com o meu sabio silencio fui criando aqui, aluiu como um castelo de cartas assoprado. Sou para Taubaté, doravante, "uma forte besta" — é o julgamento que leio em todos os olhos que me olham. Meu orgulho parece as ruinas de Pompeia. Humilhei-me. E tão humilde ando que não tenho coragem de falar do teu *Diario*. Que direito tem uma "forte besta" de andar emitindo opiniões?

Quanta razão tinha Esopo em meter a catana na lingua! No mundo dos peixes não me sobreviria tal desastre. Viva o peixe!

Mas sacudamos a ferida para um lado.

Dia 19.

Interrompi esta ontem para ler a tua ultima — e sinceramente confesso que me aborreci muito. Eu já estava arrependido de num momento de mau humor ter-te escrito aquella catilinaria, que não supus tomasses a serio. Infelizmente foi o que se deu. Voltemos atrás, amigo, e permaneçamos os dois ultimos abencerragens da velha panelinha.

"Em que te interessa a minha vida inteira?" dizes, amargo e ressentido. E eu te respondo que interessa apenas em grau logo abaixo da minha. Essa Barbara de quem vais ser, conheço-a no tanto possivel, e faz parte do meu *salon* imaginario; e o casamento que anuncias para abril enche-me de invejosa satisfação. Espero que no futuro ainda hei de chegar até aí com a minha metade pelo braço, e ouvir, na cosinha, D. Barbara ordenar á preta: "Mais dois talheres na mesa, que hoje tem visitas — o Dr. Lobato e a senhora".

Aquela carta, Rangel, me saiu num momento de bilis preta. Num desses momentos em que um acumulo de aborrecimentosinhos exige a abertura duma torneira qualquer. Uma especie de electricidade negra que nos entope os acumuladores e se metem a faiscar de todos os lados. Foi num desses dias aziagos, pretos até no ceu chuvoso. Deu-me um tal nojo da vida que me pus a brutaliza-la, como os maridos ciumentos fazem ás esposas inocentes. E não tendo a coragem dum rompimento definitivo com a vida por meio de bala nos miolos ou enforcamento na ceroula, brutalizei com mão nervosa a meia duzia de laços fortes que a ela me prendem, justamente os mais queridos e mais proximos. Um deles foi a minha maior amiga daqui, a Dona Edel do *Lambeferas*. Outro foi a minha namorada de S. Paulo. Outro foi você, Homem Sensível de Moura Rangel! Elas me perdoaram e tu, que és o unico Ele do bando, demoras em fazer o mesmo! Quero que queimes a tal carta e lances a cinza aos ventos, como Pedro Arbues fazia com a dos hereticos que torrava. Espero uma resposta que me tire da alma o peso deste remorso de Caim. E depois continuaremos, *bras dessus, bras dessous*, pelo macadam da vida afora, conversando nestas cartas que já duram mais de um ano.

Do teu lamentavel

LOBATO.

Taubaté, 19,8,905.

Godofredo:

Creatura perversa! Sabes os fins miserandos que andam tendo os Macucos e ainda açulas o Torres a escrever novelas... Esse Torres é meu conhecido de nome e façanhas de amor; mas que faz versos e tem "uma Canaã de sonhos literarios", é coisa nova para mim — e incompreensível. Gostei muito do preciosismo dele, mixto de Raul e Andrelino. A "vara de *vime* dos criticos" (por que *vime*, meu Deus?), "meu futuro literario", "burilo versos"... Que amor!

Gostei do teu tedio post-flaubertiano. É prova de mais um encontro nosso. A canseira que o excessivo trabalhado do

estilo dava a Flaubert penetra também o leitor. Cansaço por indução. Para mim é como se assistisse a uma operá em teatro de vidro, onde os cenários e as paredes transparentes deixassem ver toda a maquinaria oculta. Um anjo passa voando na apoteose final e toda a beleza do vôo lá se vai porque o espectador está vendo os arames de suspensão. O trabalhado de Flaubert transparece em toda a sua obra — ou é sugestão minha por saber que ele trabalhava demais as frases? Às vezes gastava todo um dia com uma delas, a esguela-la em todos os tons. Diz Faguet que Renan dissimula de tal modo a técnica de construir frases que deixa a ilusão de não ter nenhuma — e está aí um dos maiores encantos de Renan, o Dissimulado. Ainda hontem vi com um rapaz daqui um horroroso relógio de mostrador transparente, com toda a engrenagem — toda a barrigada — visível. Flaubert é assim. Imagine uma moça belíssima, mas de carnes diafanas, com as tripas, os bofes, o coração e todas essas coisas vermelhas aparecendo... E Flaubert ainda é, como dizes, “secante”. O pai foi médico e os avós também. O filho herdou a furia de escaldar. Aquilo dele pegar e dissecar tipos incaracterísticos como a Bovary, Homard, etc., acaba secando a gente. Eu gosto dum Tartarin, dum Besoukoy, dum Lantier, dum Ega.

A observação sobre os teus adjetivos pode ser generalizada. Apliquei-a aos teus porque me veio enquanto te lia. Nos grandes mestres o adjetivo é escasso e sobrio — vai abundando progressivamente á proporção que descemos a escala dos valores. Um jornalistazinho municipal, coitado, usa mais adjetivos no estilo do que Pilogenio na caspa.

Eles pingam adjetivos. Conteí os adjetivos em Montaigne, Renan e Gorki. Sobrios. Shakespeare, quando quer pintar um cenário (um maravilhoso cenário shakespeariano!), diz, seco: “Uma rua”. O Macuco diria: “Uma rua estreita, clara, poeirenta, movimentada, etc.” O Macuco espalhou mais adjetivos pelo Belemzinho do que gonococus — e nunca houve uma espingarda que o abatesse!...

Tolstoi só usa o adjetivo quando incisivamente qualifica ou determina o substantivo. Tenho que o maior mal da nossa literatura é o “avança” do adjetivo. Mal surge um pobre substantivo na frase, vinte adjetivos lançam-se sobre ele e ficam “encostados”, como os encostados das repartições publicas. A moda de hoje é o adjetivo eciano. Aquele “cigarro

languido" do Eça fez mais mal á nossa literatura do que a filoxera aos vinhedos da Champagne.

Isto me veio ao ler em teu *Diario* a "mancha" sobre o lampeão da sala. Se expulsasses dali todos os adjetivos encostados, aquilo ganhava oitenta por cento.

Lino manda-me um cartão. Diz: "Amo loucamente, faço discursos admiraveis, publico artigos sensacionais. Sou indubitavelmente uma gloria academica e incontestavelmente um reprovado no fim do ano." Ricardo estuda. Irei a S. Paulo para ve-los, logo que chova. O pó da Central!

Aqui está rugindo a festa do Tremembé.

LOBATO.

Taubaté, 27,9,1905.

Rangel:

Duas folhas de papel xadrez, cheios dessa coisa fantástica a que muito humoristicamente chamas "minha letra", jazem penduradas do ganchinho de parede rubricado pela papeleta "Cartas a Responder", e no ganchinho correspondente do meu encefalo está pendurada uma preguiça de quatro folhas. Estou de lombeira hoje — coisas que eu sei. Decifro os teus horrendos gatafunhos. Eles me dizem — oh desgraçado Mr. Lewisham mineiro! — que és todo a noivinha e te preparas para no altar de Venus transformar a noivinha em mulher. Vais renunciar ao Demonio e Suas Pompas em troca de uns tantos dias de carnal novidade e quarenta anos de bocejo a dois, cueiros amoniacaes, diarreias verdes, choradeiras, taponas... Renunciar ao Demonio, quando o Demonio é a unica delicia reconciliadora do homem com o Mundo. Renunciar ás suas pompas, isto é, a Paris, ás voluptuosidades egoistas da Carne e do Dinheiro, dos vicios amaveis, dos lindos pecados que a Santa Madre Igreja condena com o fim secreto de requintar-lhes o sabor. Renunciar ás aventuras perigosas. Renunciar ao Ideal que é ter uma gorda conta no Banco e nenhuma consciencia nas tripas. Renunciar aos amigos vivedores e descuidados, a um automovel com que atrolemos seis pedestres por ano, a duas

eguas inglesas como as dos romances do Eça, a uma biblioteca estofada no conforto inglês, com poltronas de couro macio, nas quais, refocilados, amavelmente possamos filosofar sobre a miseria humana, com um havana entre os dedos e um gato persa ao colo. E conciliar as tres aventuras amorosas que estamos conduzindo, como o cocheiro russo concilia os tres cavalos duma troika. E passar a noite na roleta, perdendo com a dignidade dos nobres ingleses. E ter uma obra d'arte em andamento e sem fim, que nos justifique aos nossos proprios olhos. Renunçar a tudo isso, ó Mr. Lewisham de Moura Rangel, para te fazeres galo duma galinha que te dá um ovo por ano e demonstra todos os dias que todos aqueles encantos de noiva não passavam de miragem do deserto...

Porque é aqui que está o Erro. A noiva é uma. Não tem fisiologia. E a mulher emergente da noiva tem-na terrivel. O que atrai numa é a secreta e misteriosa virgindade, um seio que apenas transparece no boleado do casquinho — e mais tarde degenera em ubere. O que atrai são os aromas capitosos da sugestão, o olhar cheio de promessas embriagadoras, é o coquetismo que o noivo não percebe que é coquetismo já do tempo de Eva e julga ser natureza. A noiva é o vinho; a esposa é o *vin aigre*. É a mesma creatura, mas sem os misterios, sem as electricidades, sem o *odor di femina*, sem os encantos do olhar — com tudo transformado em ranço e cinzas. As ultra maravilhosas qualidades da noivinha cessam de existir porque são armadilhas que a Natureza arma para pegar o tico-tico — e pegado o tico-tico, para que mais armadilhas? Agarrado o macho, que importa á mulher a conservação daqueles encantos? Em vez deles, em vez dessas miragens, ela dá ao esposo realidades: filhos, seios pendurados, ventre bambeado, talhe achamboado, sensualidade amortecida. E o bestalhão assombra-se... Pois foi então aquela, a creatura que o embeveceu de amor? Que o fez casar aos vinte anos? Que o fez deixar-se arrear e montar?

Que tombo o marido cai... Vê de noite a mulher de camisola e touca — aquele ser que ele só via enleado em gases e cassas afeiçoadas pela moda de Paris. E aquela mesma que corava de lhe mostrar o tornozelo, ele a vê abrir certo movel, tirar certo vaso e sentar-se em cima com certo ruido. E de manhã quando acorda ao lado da diva, sente á realidade do *odor di femina*. E nota que aquele halito que antigamente

rescendia a rosas da Persia, cheira agora a estomago azedo. E lembra-se dum soneto que escreveu "Á que me espera..." em que lhe cantava o "halito de Iracema" — agora um cheirinho de dente cariado.

E isso na melhor das hipoteses, porque ha o caso da noiva, que era "inconsutil", fechadinha, sem orgãos lá dentro afora o coração, dar numa mulher cheia de uteros doentes que metem o medico em casa, e mais uma porção de orgãos exquisitos que o homem não tem, com flores que não são de roseiras, e "geniosa", das que dão com o prato na cara do marido e passam a detesta-lo, e vivem eternamente ventrudas e a encher o mundo de fedelhos. E ha as que trazem de dote a sogra e a irmã tia, e mais uma velha tia que é manca; e que lê os folhetins do *Jornal do Brasil* e chora nos "lances", etc., etc., etc.

Dirás, com alegre entono, que não é esse o teu caso, que Ela é uma criatura "diferente", como jamais houve no mundo outra; e ao dizeres isso, com o ar de quem diz a mais absoluta novidade, estarás repetindo plagiariamente o que cem por cento dos noivos disseram, desde o Jacó da Biblia até o Mr. Lewisham de Wells.

Ha duas classes de homens na sociedade moderna: o que sabiamente faz como o Braz Cubas do Machado e não prolonga a miseria humana, e o que casa para que se perpetue no planeta a infinda procissão de bipedes que vêm do *Inde?* e vão como carneiros para o misterioso *Unde?* Escolheste o caminho da proliferação. Tua alma, tua palma. Mas depois não venhas chorar no meu colo.

E adeus. Vou mudar tua carta para o gancho das "Respondidas".

LOBATO.

Taubaté, 17,12,1905.

Rangel:

Chegaram os volumes do *Diario*, multados em 800 reis, e duas cartas. Não sei pela qual começar... Já li uns trechos do *Diario* e fiquei com ideia mais nitida dessa que te seduziu a cabeça e o coração. Deve ser uma creaturinha deliciosa,

comunzinha como centenas de outras, boazinha, bonitinha, engraçadinha, monopolizadora de meia duzia de diminutivos. E vejo tambem que é coisa liquida a tua "lewishação", como Wells a descreve naquele *Mr. Lewisham*: o mal não tem cura. Quero, porém, dizer-te ainda uma ou duas coisas sobre o casamento, apesar de ser latim perdido.

Se um homem casa-se aos 20 anos, que deixa para fazer aos 40! Aos 20 temos mil novidades tremendas a fazer, porque ainda estamos na "surpresa da vida". Temos as grandes "asneiras". Mas aos 40 estamos começando a passar, já arrefeidos, já com o farnel das asneiras exgotados, e então casar com uma menina de 18 é iniciar brilhantemente a segunda fase da vida. Aquele ditado do "quem casa quer casa" é muito sabio. Diz que para o bom casamento o homem deve estar estabelecido, rico, maduro, bem cristalizado, conhecedor de si proprio e do mundo — isto é, velhusco.

Casar criança é uma barbaridade, apesar das "pontinhas roseas dos dedos dela", apesar do "lindo moreno da pele", etc. Acho que é cabeçada, e porisso berro, apelo pelos esbirros d'El-rei, sempre que vir um homem de mente sã correr com uma braçada de coisas preciosas — liberdade, sossego, projetos de viagens, ideias — rumo á lata de lixo, para... para que, meu Deus?

O *Minarete* trouxe a tua languida "D. Fidalma". Ouça lá o que diz a medicina: "Durante esse tempo as mulheres mostram-se fracas, mais impressionaveis, de humor voluvel, apresentam exteriormente um aspecto soffredor, ficam com olheiras... movimentos mais morosos... sujeitas a caprichos singulares, a gostos bizarros, a mudanças no carater; umas inclinam-se á tristeza, outras tornam-se irasciveis ou sentimentais". Exatamente como estava a dona Fidalma quando a apanhaste. Rangel, você a plagiar o Chernoviz naquele desagradavel capitulo!

E o meu *Gilles de Rais*? Ando com ideias dumas coisas á Wells, em que entrem imaginação, a fantasia possivel e vislumbres do futuro — não o futuro proximo de Julio Verne. futurinho de 50 anos, mas um futuro de mil anos. Vou se-mear agora essas ideias e deixa-las se desenvolverem livremente por dez ou vinte anos — e então limito-me a fazer a colheita, caso a plantação subsista até lá. Se a terra dos meus canteiros mentais não for propicia a essas sementinhas, então é

que não estou destinado a ser o H. G. Wells de Taubaté, e paciência. Ou dou um dia coisa que preste, que esborrache o indigena, ou não dou coisa nenhuma. Ser um Garcia Redondo, que coisa mais quadrada e pifial!

E enquanto as sementinhas germinam, sabe em que penso agora? Em industria! Uma fabrica de doces em vidros, geleias inglesas, sistema Morton ou Teyssoneau. A firma será Lobato & Paiva. O Paiva é o Eugenio de Paiva Azevedo, meu companheiro de planos. E invadiremos o mercado com uma reclame verdadeiramente americana. Até por aí chegarão os almanaques, as folhinhas de parede, os cartazes de Lobato & Paiva. Nos cinemas, depois duma fita sobre a guerra russo-japonesa, em vez do retrato do Tsar ou do Filho do Sol em apoteose, lá aparece, num deslumbramento: "Para as lombri-gas, compotas Lobato & Paiva". E hei de ver a dona Barbara de Moura Rangel, atrapalhada com uma visita de ultima hora, dizer á criadinha: "Corra no sêo Chico da Venda e diga que mande uma lata de morango marca Lobato, que é a boa. E você não fique lá toda a vida namorando aquele cara de fui-nha. Ele que ponha na conta." Contrataremos o Raul para a seção de propaganda — para "Oh, as compotas de morango de Lobato & Paiva!" Ofuscar a gloria do Morton, o Shakespeare dos pickles e das geleias!...

Chamei-te Lewisham, não que sejas como M. Lewisham, mas porque quem ama é sempre mais ou menos Lewisham. E ainda ha uns pontos coincidentes — o collegio, a vida de professor, o Amor, Ethel e Barbara.

LOBATO.

Taubaté, 1905.

Rangel:

Espero catequizar-te para uma das coisas mais uteis a um homem que pensa por si mesmo. Porque quem pensa por si mesmo tem sempre á tona do pensamento coisas originais e novas — novas combinações, nuanças novas, tons novos, coisas que nos parecem ineditas e que realmente o são, caso contadas com todos os pelinhos com que brotaram. Esses pensamentos em geral se perdem — evaporam-se como as primeiras gotas de

chuva na pedra quente de sol. São como a forma das nuvens. Não calculas como me agrada recordar hoje o que pensei um ano atrás; e se é bom com a diferença de apenas um ano, que dizer quando ha dez ou vinte de permeio? Por que não grafar isso diariamente — não mariscar diariamente, de peneira, essa escumalha e po-la no papel para futuro regalo? essas ideias-nuanças, essas sensaçõesinhas-tons? Comecei a fazer isso o ano passado e esta noite, relendo trechos do primeiro caderno, já cheio e relegado para o fundo da gaveta, achei-lhes um estranho sabor de autenticidade e côr fresca — e aí vai a amostra para te induzir a fazer o mesmo. Infelizmente esses arrepios de momento são grafados em letra tambem de momento, indecifrável ás vezes, já que a letra segue o estado d'alma. Ha nelas um descosido, um desprezo de regras de enfurecer qualquer Catão da lingua. Pontuação, ortografia — nada atrapalha. A impressão só, nada mais — manchinhas, como se diz em giria de pintor.

LOBATO.



1906

Taubaté, 15,3,1906.

Rangel:

Espantou-me a tua promessa de vir. Assombro! Vem por dois ou tres dias. Avisa-me com antecedencia para eu varrer o quarto.

Acabo de ler o *Queijo* e acho que te alcandoras muito. Aquilo é esbanjar filosofia superior com quem só quer polenta grossa. Perguntas se tenho leitores no *Minarete*. Talvez o Benjamim me leia — o revisor garanto que não. Em S. Paulo, Purezinha tambem me lê. Bem vês que sou lido.

No nosso *Queijo* não cabe mais ninguem. Já ha lá gente demais. E até acho conveniente matarmos dois ou tres personagens. Lembre-se de que prometemos aos leitores “varias mortes tragicas” e ainda estão todos vivos.

Eu e o Eugenio andamos com furia devoradora de kilometros. Todos os dias saimos em nossas bicicletas e varamos quantas estradas ha. Penetramos até nos municipios visinhos. Eugenio quer te conhecer.

Tenho lido muito em inglês — viagens. Ha cá uma porção de numeros de *Wide World Magazine* e do *Strand*. Enjoei-me do francês. Quanto ao Bourget, minha opinião é que vendas os 18 volumes a algum fogueteiro. Não ha ar nessa literatura franceza. E lembra-te, menino, que a arte é longa e a vida breve. Como perder tempo com bobagens? Ler é coisa penosa; temos de mastigar, ensalivar e engulir — e que grande tolice comer palha! Alimentemo-nos dos Sumos — os Balzac, os Shakespeares, os Nietzsches, os Bains, os Kiplings, os Stuart-Mills. Theuriets, Ohnets, isso é palha. Bourget tem *Mensonges*. Fiquei aí. Dezoito volumes de Bourget! Como te foi nas unhas tamanha papelada?

Quanto aos epicos antigos, Dante, Milton, Homero, só com bons interpretes, com Virgílios ciceronicos. O proprio *Lusiadas* nunca li inteiro. Cansa-me. Já investi contra o

bloco cinco vezes. Começo achando-o bellissimo, e vai bellissimo até dez ou doze estrofes; daí por diante entram a amiudar-se os bocejos e a admiração vai morrendo. Na estrofe 16.^a volto as paginas para ver se o fim do canto ainda está muito longe. Na 20.^a acho meios de interromper a ingestão da obra prima e de encosta-la por seis meses ou um ano. Mas é admiravel o Camões, não resta a menor duvida. Nós é que somos uns fracalhões, uns dispepticos, uns degenerados netos de truculentissimos avós. Um dos nossos antepassados, Cunhambebe, comia um portuguez inteiro sem arrotar. Nós mal escoramos uma asinha de frango...

LOBATO.

Taubaté, 1906.

Rangel:

Animo de te elogiar não é o que falta — mas falta materia para elogio. Minha esperança é que o anunciado “Sebastião” seja a tão reclamada materia. O elogio, concordo, é o mesmo nectar dos deuses do Olimpo. O paladar da nossa mente reclama-o como o paladar fisico reclama sal na comida. Quando passamos algum tempo sem comer coisas doces ou salgadas, nosso organismo, ressentido, passa a reclamar sal e açucar por meio do apetite. Assim, secas as nossas fontes — aquelas fontes donde corria com tanta prodigalidade todos os méis do Himeto, só nos ficaram duas: você para mim e eu para você.

Mutuamente nos engambelavamos para que mutuamente nos enlambusassemos com o mel do elogio. Eu pincelava com ele a tua boca e você a minha. Nas nossas cartas os melhores pedaços eram os em que personalizavamos e permutavamos amabilidades chinesas. Juro que no no meu *Diario* só lestes os trechos que te dizem respeito. Como és humano, meu Rangel querido!

L'Egoisme c'est le propre de l'homme, não disse nenhum Chamfort, mas devia ter dito. Tudo quanto finge desamor proprio, altruismo, desprendimento, é anti-humano.

Soube que nos entreveros da grêve Ricardo apanhou uma bala no braço? Mas nada serio; ferimento leve. Lino e

Tito têm pintado o diabo — mas intra-muros. O heroismo deles prefere manejar a partazana da retórica a vibrar a marreta na rua, como o Ricardo.

Sê menos parco. Dá-me tripa a encher.

LOBATO.

Taubaté, 2,4,1906.

Rangel:

Por esta entediada Sexta-Feira Santa, em que Taubaté inteiro transpira na igreja em trevas, um pobre diabo que não aguentou o suadouro e raspou-se só vê duas coisas diante de si: dormir uma soneca ou escrever a um amigo. Eis como, Rangel, o fato dum suave galileu ter morrido na tortura lá nos fundos da Asia me leva a comunicar-me com você — já que não ha sono para a soneca. *Ela* está na igreja, mas a falta de luz é tamanha que não pudemos trocar olhares; e como me pareceu muito suportar tanto suor sem a compensação dos seus olhares, desertei. (Ha por aqui uma novidade na giria, o verbo “grelar”. Corresponde a “flirtar”, ou namorar com os olhos. Tome nota).

Aquele tédio antigo me voltou. Ando a ver tudo amarelo. Hontem reli coisas do teu *Diario*, mais analisadamente que da primeira vez. Estão lá os teus estados d'alma do tempo do namoro — esse primeiro degrau para o casamento. Tudo compreendo muito bem agora. A vida do celibatario numa capital justifica-se; nestas cidadinhas do interior é um absurdo. A absoluta ausencia do que fazer nos força a casar — é o meio de fazer qualquer coisa. Mas para quem pensa um bocado, o tal casar o põe vacilante como Hamlet. É uma combuca com dois dados dentro — unicamente a sorte nos faz pegar no branco em vez de no preto.

Ela ou é extremamente complicada ou extremamente simples. São dois modos de ser tão distantes que comumente se confundem — entenda. Dá a impressão da maxima fraqueza — mas pelo carnaval sustentou contra mim uma luta de lança-perfumes e me manietou as mãos com tanta força que

tive de bater em retirada — e com mais uma incognita a interferir na minha equação.

Rangel, quero que me escrevas com minucias sobre o teu novo estado, as novas esperanças e projetos — e se o casamento dá a sensação da estabilidade que um ente depois dos 20 anos começa a necessitar. Meu cansaço é esse: instabilidade, vida no ar. Acentua-se em mim o desejo de ancorar num porto. E que porto ha para o homem, senão a mulher?

LOBATO.

Taubaté, 5,5,1906.

Rangel:

De volta de S. Paulo, onde passei 15 dias, encontro um bilhete e uma tira na qual contas da tua iniciação em Balzac. A Casa Garraux tem lá um Balzac completo a 800 reis o volume, o que ha de barato. Encontrei na mesma livraria um magnifico Rabelais completo, num só e gordo volume, solidamente encadernado, por 3\$500. Trouxe tambem Petronio (4\$). Esquilo, *Contos da Rainha de Navarra*. *Reliquias da Casa Velha*, de Machado; *Cartas d'Inglaterra*, do Eça; *Cordon Pim*, de Poe; *Ivan o Imbecil*, de Tolstoi, e outros. Disponha.

Estive com o Beccari. Falou de você. “É um talento, não é um genio, porque é mais observador do que creador.” Hontem Beccari o Pavoroso agarrou-me em plena rua para uma injeção de Gioconda e Fornarina a proposito dum cartão postal. Tive de fugir e esconder-me num mictorio.

Ricardo, magnifico, dorme empavonadamente sobre os louros conquistados da ultima bernarda, na qual agiu com a marreta e levou tiro. Raul está excelente e com o repertorio renovado, cheio de coisas dum Lagreca de cabelo de fogo que o Cenaculo descobriu e explora. Quando appareceres por S. Paulo exige do Raul as “lagrecadas”. São da gente morrer de rir. Ha tres meses que não cultivam outra piada. (Falta o resto)

LOBATO.

Taubaté 17,6,1906.

Rangel:

Li, arrepiei-me de gosto e devolvo com esta a *Ilustração* que iluminaste com o Tito em chamas. Toque! Já fez você fotografia? Depois do banho revelador e do de fixagem, vem um banho em agua corrente de muitas horas para libertar a chapa dos traços do hiposulfito de sodio, que é a peste da fotografia. Um vestigio que fique desse impertinente e desagradavel sal e as chapas correm o risco de se deteriorarem com manchas horrorosas, que as inutilizam. Você, com a ironia dos moços pretenciosos, já deve estar farejando a moralidade. Pois o faro é bom e a moralidade é essa mesma. O teu estilo ainda revê traços dos hiposulfitos, que no caso são as influencias dos teus fatores. É por meio do hiposulfito que a chapa se faz, mas é tambem o hiposulfito sobejante o que a desfaz. Assim, do alto dos meus tamancos eu te digo, oh Homem Superior de Moura Rangel, que ainda debes dar muito banho de agua corrente em teu estilo, porque nele ainda restam traços da flaubertite gonococica e da ecite apanhada nos tempos do Minarete. Ria lá com os teus melhores risos de superioridade, finca-me as esporas da ironia — mas pensa no meu conselho. É filho da real admiração que me prende ao futuro “Imortal” mineiro.

Um feroz abraço do teu.

LOBATO.

Taubaté, 1906.

Rangel:

Hoje vai cartapacio; eston de veia e com sandades. Dirás: “Então por que não vens?” E’ que este habito de escrever-nos desdoubrou-te em dois Rangeis: o de carne, professor, marido e lá sei que mais; e o Rangel epistografo. Este é que é o meu. Deste é que conheço as ideias e manhas. Que fique com dona Barbara o primeiro. Eu só quero o segundo. Este é o Rangel longe — e bem sabes como o longe embeleza as coisas; faz a montanha, que é verde, parecer-nos azul; e torna

tambem azul um ceu de ar incolor. O meu Rangel e o de Barbara! O dela é o marido, o professor, o gastronomo, o dono de casa, o filho, o cidadão certamente muito igual a todos os outros maridos e professores e donos de casa, etc. O meu é uma coisa que só eu sei, porque só a mim se revela. É um que me manda todas as flores que lhe nascem no canteiro da intelligencia, como diria o Praxedes de Abreu, um jornalista daqui profundamente imaginoso.

Estou quasi a dizer que um é *la bête* e o outro *l'ange*. E ir ver-te será tambem levar para aí a *bête* que sou, a ti que só conheces o anjo que tambem sou. Mantenhamos só a comunhão dos anjos.

E hoje temos de discordar um pouco. Dizes que *Inocencia* não te agradou porque não tem muita arte. Mas que é arte senão esse dom de crear simpatias, provoca-las, revela-las, traduzi-las? Que valem as torturas artisticas dum Goncourt perto duma pagina de *Manon Lescaut* ou *Paulo e Virginia*? Arte, esse torturado de borzeguim medieval ou o encanto, a simpatia humana de *Manon*? Bem sabes que *Manon Lescaut* é livro eterno — e Goncourt já passou. A arte deste só o é para um punhado de homem afins, num certo meio, num certo tempo — a arte de *Manon* é para toda gente, todos os tempos.

A arte de *Inocencia* me parece eterna porque é simpatica, como a definiste — e que é simpatia? Uma correlação, uma corrente de indução entre A e B. Existe alguma arte que não produza esta corrente? E não deixa de ser artistica a obra d'arte que a produz. Quem lê hoje uma obra antiga, se esta obra não traz incubada a força da simpatia que se traduz no prazer da leitura?

E passando da simpatia á arte torva de Mirbeau: se tens aí, manda-me o *Jardim dos Suplicios*. O Nogueira anda a proclamar Mirbeau “o mais profundo revelador do homem” — e quero decifrar essa metafisica.

Sofrendo da vista? Que horror! Não será de ler muito á noite? A natureza vingá-se da infração de suas leis. Á noite ela quer que durmas. Conselho pratico: só leias na cama livros que saciem logo e arranquem bocejos. Eu, se fosse medico de olhos, receitava Artur Goulart para a cura da mania de ler á noite.

Ando a elaborar uma teoria da vida. Escuto a voz do corpo e a voz do espirito e ponho a Vontade ali de pé, muito solícita, para dar ás duas vozes tudo quanto elas pedem. Acho que não temos o direito de contrariar os desejos de nenhum dos dois cuja soma somos; se pedem algo, é por força de misteriosas elaborações alheias á nossa consciencia; e se não o damos, porque um tal papa assim o determinou, ou uma moda medica, ou um código quer, isso será levar desarranjos e desharmonias ao fundo das células e preparar desastres futuros. Uma espinha que nos brote na asa do nariz talvez seja consequencia de pequenina insatisfação dum pequenino desejo do espirito.

O metodo de atender a todas as exigencias da "dupla" traz calma e serenidade. Os instintos mais sutis da nossa maquina, vendo que seus irmãos mais fortes são sempre atendidos, arriscam-se a espichar os pseudopodos; e encontrando o caminho livre realizam suas impalpaveis ambições, desse modo contribuindo para a Vida Perfeita.

Que é que chamamos felicidade senão a perfeita harmonia entre corpo e alma, o perfeito funcionamento de ambos — a direção da vida entregue aos instintos — ou vozes misteriosas do nosso ignoto? Nunca entregue á razão. A razão é uma coisa cheia de padres e bispos, de professores e filosofos, de tiranias e sedimentações de vontades alheias.

Esta semana, num desastre que emocionou a cidade inteira, tive ensejo de verificar a sabedoria do meu metodo nesta parte da direção entregue ao instinto. O trole em que eu e meu colega Enéas, o prefeito da cidade, iamos a uma fazenda do municipio, disparou numa descida perigosa, no fim da qual havia uma porteira e depois da porteira uma ponte com quatro esportes, um em cada canto. Os animais tomaram os freios nos dentes, como diz o George Ohnet, e o cocheiro não conseguiu suste-los, porque o balancim, no ingreme, lhes ia batendo nas pernas. Se não sabes o que é balancim, informa-te. Era inevitavel o desastre: choque do trole contra a porteira e depois trambolhão na ponte e tudo para dentro do rio! Na iminencia do perigo, Enéas, que é um excelente advogado, raciocinou: "Vou pular porque..." Vi que era a razão que o governava naquele momento. O advogado arrazoava, todo ele razões e razão. "Não pule!" gritei-lhe eu. Só, sem "porque" nenhum e sem a menor consciencia de nada. Era a voz do instinto, que manda e não arrazoava. Senti que a

minha razão queria intervir, dar a sua opiniõzinha, mas não deixei. Amordacei-a, para que nada atrapalhasse o comando do instinto. E o trole a voar na descida qual um bolidel!

Como a consciencia não estava agindo, não sei o que se passou no momento do desastre. Quando a reinstalei e pude ver e compreender a cena, vi o seguinte: Eu, de pé á beira do caminho, ileso e intacto, sem ter caído, sem sequer ter tocado com a mão no chão. E os outros... os que arrozoaram: Enéas, caído lá adiante, gemendo. Havia se atirado logo depois que o meu instinto lhe gritou o "Não pule!" e esborrachara-se todo. O cocheiro e um menino que ia na boleia, idem: racionaram, arrozoaram e atiraram-se — e esborracharam-se e ficaram sem dentes.

LOBATO.

Taubaté, 13,7,1906.

Rangel:

Não tenho coragem de escrever-te. Ando pensando nisso desde que cá me chegou o teu *Diário*, e o mais provavel é que isto aqui seja apenas um começo de carta — tentativa — ovorado. Escrever é como comer, exige fome ou pelo menos apetite — e tenho andado dispeptico. E eu precisava prestar contas do que me sugere o teu *Diário*. Duma parte dele nada direi, porque a dizer alguma coisa seria falar mal: a parte escrita em fins de 1904, no periodo agudo da crise amorosa. Ver o amor dos outros é como ver comer quando a gente está de estomago cheio. Até enjõa. Porisso deixo de lado a tua verborreia amorosa, petisco muito gostoso mas só para quem o temperou. Coma-o lá você com a Barbara, quando casados; será um arroz-doce com canela por cima, otimo para as sobremesas do plenilunio de mel. O resto do *Diario* eu o dividiria em duas partes: uma escrita pelo Rangel literato e outra pelo Rangel pensador, e por força de afinidades está claro que pendo para o ultimo. O "Bem" do *Minarete* de hoje, veio cimentar essa preferencia. Mas em nada ta! pendor... (falta o resto).

LOBATO.

Rangel :

Que te direi do teu *Diario* que já não tenha dito? Devo-rei-o, coisa de começar e não largar, e a impressão foi a dum filme que alternasse fotografias de ideias com fotomontagens de cenas. Diz você na carta que o mandou como reflexo do teu Eu atual, e vejo que muito já se distanciou daquêl Rangel amoroso e em excesso descritivo dos anteriores volumes. Agora sim, está como compreendo um *Diario*: repositório de sensações de primeira mão, dos tais pensamentinhos que nos passam pela cabeça como relâmpagos, de ideias nascidas como em geração expontanea, insubsistentes, de vida curta como os fogos fatuos; poeira luminosa, pó de diamante da inconciente e ininterrupta lapidação da nossa intelligencia, mil coisinhas enfim que se perderiam se não fosse a pátena dum *Diario* a recolhe-las. Perguntas em francês o por que da coisa e afirmas que Robinson não cuidaria disso. *Qui lo sa!* O maior prazer do nosso egoismo é *gostar a sensação da nossa personalidade* — pelos ouvidos, ouvindo-nos — pelos olhos, vendo-nos — pela intelligencia, introspecionando-nos. O resto do mundo só nos importa pelos acrescimos, ou o “emproperamento” que traz para o nosso Eu. Porque, afinal de contas, somos cada um o centro do Universo. Ora, um *Diario* conserva a imagem do nosso Eu no passado, fomenta-nos portanto os instintos do egoismo, desse modo *redobrando a sensação do eu atual com a sensação dos eus passados*, isto é, das nossas fases evolutivas. Se um espelho comum já nos dá prazer, que valor enorme não é um espelho retrospectivo que nos dê a cara dia a dia, pelo espaço de anos! O *Diario* é esse retrospecto da nossa intelligencia. Por isso creio que, sendo como somos, ainda que fossemos Robinsons escreviamos *Diarios*.

Escreve-me, com 600 milhões de Barbaras! Já me debes quatro respostas.

LOBATO.

Rangel:

Recebi o *Jardim dos Suplicios*, com intimação de recambio para o Nogueira — mas onde paira o condor? Segue *The World*. Breve irá George Sand e mais coisas. Não andará por aí algum volume do meu *Diario*? Tenho ainda: *Le Rêve e Dr. Pascal*, de Zola, e *Là-Bas* de Huysmans e *Salma gundi* de Washington Irving. Escolhe. O *Tião* é novela ou conto? Combinamos, eu e o Pinheiro (o de S. Paulo), um romance a dois ou tres no rodapé do *Minarete* e fiquei de te convidar para a empresa: *O Boiadeiro Antropofago*, por Pinheiro, Rangel e Heliol! Nem plano, nem escola. Cenas obrigatorias: uma antropofagia, dois amores, um incendio, duas ou tres mães que *não* encontram a filha e em vez do Dedo de Deus no fim, o Dedo do Ouro esmagando a Inocencia e a Virtude! Coisa de derrancar Pindamonhangaba e fazer que aumentem as devoluções do *Minarete*. Cumpre desasnar o burguês.

Você negou a superioridade da vida com base na vontade diretamente assentada na rocha viva dos instintos. É que não me expliquei bem. Imaginaste que na minha teoria o papel da intelligencia era nulo, mas não foi o que eu disse ou penso. A intelligencia existe como complemento do instinto, como desenvolvimento ulterior deste. Exemplo: sinto uma irresistivel impulsão para destruir: vou e faço desse impulso a base dos meus estudos militares e da minha vida militar, e com a maior segurança e gloria torno-me Napoleão. Compreende? Agora, se prescindirmos da intelligencia, muito melhor ainda, porque nos tornaremos criaturas pura e exclusivamente naturais. Um tigre, um beijaflor, uma arvore são coisas absolutamente belas, perfeitas e felizes, porque só se movem levadas pelos impulsos do instinto. O pobre cachorro, só pelo fato de viver ha uns milenios com o homem, adquiriu um pouco de intelligencia e ficou uma coisa mais feia e infeliz que o lobo e sujeito a mais doenças — justo castigo de ter-se afastado da natureza. Diz você que é difficil saber o que o nosso instinto pede. Difficil saber quando temos fome ou vontade de mulher? Como, se o Instinto fala pelas maravilhosas bocas do Desejo, da Vontade e da Necessidade? E quero uma coisa: que você me aponte em tua vida um só ato

bom, feliz e saudavel, que não tenha alicerces no instinto. Até em teu programa diario de estudo vejo o instinto — um instinto que sabe que é á força de metodo, de pouco-a-pouco, de tijolo a tijolo, que se arquetetam as grandes obras. O mesmo instinto que creou o metodo inexcedivel das abelhas e formigas. O teu programa já existia no fundo dos formigueiros.

Li o *Le Jardin des Supplices* mas não vi lá nenhuma “revelação do coração humano” Em primeiro lugar, esse coração nunca esteve irrevelado. O que Shakespeare, por exemplo, revelou, todo mundo já sabia intuitivamente — e gostamos de Shakespeare porque ele traduz coisas que sabemos confusamente. Shakespeare não era fotografo nem deus-homem — as unicas entidades que *revelam*; o fotografo, chapas; e o deus, a “verdade”. Gostei do Mirbeau, mas não me deixo levar pelas suas blagues. No *Jardin* ele apenas explora o malsão. Cansados ás vezes de coisas belas, ceu azul, flores, marinhas, vem-nos a vontade de ir ver uma draga extrair o lodo de um fundo. Mas por descanso apenas, e breve. A obsessão do Nogueira pelo *malsain* me impressiona. O que anda a escrever ultimamente é hispido e hirsuto, isso em publico. Em particular escreveu-me algo tão crú que não tive desejos de responder, com receio de nova dose. É natural que se exalte com Mirbeau e outros do mesmo naipe.

Na “questão da simpatia” você me respondeu com argumentos *ad hominem*, o que em critica não sôa bem. Critica tem que ser ciencia, coisa alta, investigação dos fatos literarios apenas. Fora disso a Critica não passa de Impressionismo — ramo da literatura comum. Diz você: “Prefiro Goncourt a *Manon*.” Mas isso não prova superioridade de Goncourt sobre *Manon*. Do mesmo modo que se você preferir Silvestre Ferraz a Londres, não prova que Londres não seja a capital do Imperio Britanico. Voltaire preferia Scarron a Shakespeare, o que não impediu que a Posteridade preferisse Shakespeare a Scarron. Quem quer fazer-se critico deve por-se de lado, afastar o subjetivo; e se não for assim, faz literatura em vez de critica. Fiz mal em opor *Manon* a Goncourt — é correlacionar heterogeneos. Mas digamos Daudet em vez de *Manon*. A força de Daudet contra Goncourt estará sempre na força irradiante da sua simpatia — e desse modo fica o caso liquidado.

Diz você que admira Camões apenas por ser velho, como respeitas aos teus velhos avós. Mas olhe que além de velho ele é realmente grande e diz como nenhum poeta novo diz.

Dai-me huma furia grande e sonora
E não de agreste avena ou frauta ruda;
Mas tuba canora e belicosa
Que o peito acende e a côr ao rosto muda.

Ha arte aqui ás canadas, Rangel. E negarás arte ao:

Por estes vos darei um Nuno fero
Que fez ao rey e ao reyno tal serviço;
Um Egas, um Dom Fuas, que de Homero
A Cithara para eles só cubiço.

Ou ao:

Outro Joanne invicto cavalleiro
O quarto e Quinto Affonsos e o terceiro

Ou aos:

Um Pacheco fortissimo e os temidos
Almeidas por quem sempre o Tejo chora
Albuquerque terribil, Castro forte
E outros em quem poder não teve a morte,

...e porfia
A ver os berços onde nasce o dia
Quando Jupiter alto assi dizendo
C'hum trom de voz começa grave e horrendo...

Oh, Rangel, pelo amor de Deus!

LOBATO.

S. Paulo, 25,7,1906.

Rangel:

A Cainçalha vai indo, mas muito sem alma. Reune-se mais por força do habito do que por prazer — aquele nosso maravilhoso prazer de outrora. Sacrificavamos tudo para estar um com o outro. *Tout passe...* Ricardo é o divino de sempre. Á noite, quando a roda levanta acampamento do Café Guarani e se põe a perambular pelas ruas garoentas, a velha poesia volta. Ricardo diz versos e mais versos — e

como os diz maravilhosamente! Ricardo é a encarnação da Musa. Ricardo é a propria Poesia. Sabe mil sonetos de cór; e se acaso vacila em algum, Raul, a eterna sombra do poeta, vem-lhe em auxilio. Raul é a memoria suplementar do Ricardo.

Vinhamos subindo a rua Quinze. Já passava da meia noite. Tudo deserto e a garoa. Ali pelo Garraux cruzamos com um tilburi parado. Que tilburi triste! Que cavalo triste, de cabeça caída, a dormir de pé! Ricardo vinha derramando versos de ouro. Entreparou em frente do cavalo triste. Adiantou-se para ele num impeto. Abraçou-lhe o focinho e beijou-o, como talvez nunca haja beijado uma mulher...

Outra noite foi o comico. Tambem já bem tarde iamos descendo a rua Direita, rumo ao Viaduto, quando aparece o Sebastião Sampaio e adere. E como viu que o Ricardo recitava, mete a mão no bolso e diz, sacando o papel: "Eu tambem tenho aqui uns versos que vou ler..." Ninguem pronunciou uma palavra. Não houve comentario nem combinação nenhuma. No maior *una voce* mudo que jamais vi, todos nos pusemos a correr e só paramos para lá do Viaduto, no começo da rua Itapetininga. Só então nos voltamos. A garoa leve dava para distinguir o vulto do Sampaio no principio do Viaduto, com uma coisa branca na mão. Ninguem comentou. Reiniciamos a nossa perambulagem, com o Ricardo a dizer aquilo de Nobre:

Eu era um conde quando se era conde assim...

O Nogueira reapareceu, de olho cada vez mais astral, metido num fraque evidentemente silvestrino, (15) com uma novidade literaria no sovaco e frases na boca. Frases provocativas. A roda anda ultimamente muito utilitaria, cada qual com o seu negocio e sempre a discutir os *affaires*, como diz o Raul. Mas quando o Nogueira surge é um refrigerio. Os neo-negociantes abrem treguas aos *affaires* (e devo te dizer que nenhum acredita nos negocios do outro. Meras atitudes). Nogueira para, abana o rabo do fraque e ataca qualquer coisa — e vem a guerra. Nogueira nasceu errado. O lugar dele era no concilio de Niceia, discutindo um ponto da Transubstanciação.

(15) De Silvestre Ferraz.

Diz Ricardo que te tem respondido ás cartas — o que é fenomeno. Dei-lhe noticia do “Aguas e Arvoredos”, que ambos esperamos ansiosos. Ando tambem ansioso por uns meses na roça, para de lá debatermos umas tantas ideias novas. Uma delas: explorar literariamente o Beccari. Crear com ele um tremebundo tipo de romance. Se não estivesse morto o Daudet, podiamos mandar-lhe notas sobre o Beccari — para que ele o enxertasse no *Jack*, aquele ninho de genios *ratés*.

Leio afinal o ultimo romance do Anatole — *Les Dieux ont Soif*. Excelentissimo. *A Catedral* de Blasco Ibanez não sei por que não me atrai. Creio que nunca lerei esse homem.

LOBATO.

P. S. — Como esta demorou, vai com apendice. O Cenaculo tenta salvar-se com as mesmas historias contadas e recontadas todas as noites — e é um rir sem conta e sem gosto. Como ha o rler livros, ha o recontar historias. O curioso é que, como todos as sabem de cór, quando quem conta omite algum pedacinho é logo advertido. E ha as sugestões: “Conte, Raul, aquela do Reichert” e Raul conta e ha risos requentados. “Agora a da ponta do cigarro”, e Raul conta e soam as mesmas risadas da vespera.

Outra mania é ir ao circo de cavalinhos ver as celebres pantominas “Guerra de Canudos” e “Guarani” — ver e apreciar imensamente, e berrar de entusiasmo quando aparece o Cabo Roque, ou o Macambira, ou o “imorredouro” Carlos Gomes. Faz de Ceci uma mulata gorda e quarentona. Pery, por causa da voz, tem de ser italiano, de modo que fica um indio macarronico. Na “Guerra de Canudos” os soldados do governo aparecem metidos em fardas da guarda civica e apanham bordoadas velhas. O circo vem abaixo quando o jagunço destroça o governo. Lino compenetra-se e comove-se; chega a chorar quando Ceci e Peri somem no horizonte, montados na palmeira.

Tito continua mais rabelésiano do que nunca. Hontem na Ponte Grande devorou tres queijos de Minas, bebeu seis garrafas de cerveja União e comeu nos matos visinhos quatro jaboticabas.

Grande successo o teu *Sebastião* nas altas rodas literarias de S. Paulo (Cenaculo e mesas adjacentes). Todos aguardam ansiosos o resto. A razão verdadeira do meu eterno

adiamento da visita a você aí é o medo. Medo de tua mulher.
Rangel. Ponha-se no meu caso e compreenda.

LOBATO.

Taubaté, 8,8,1906.

Rangel:

Acabo de chegar de S. Paulo, leio por cima tua carta e raspo-me para o Tremembé. Amanhã ou depois escreverei contando coisas portentosas. Ricardo e Tito no Rio. Mate o Tião ou, melhor, encarne nele o boiadeiro. Mate-o, é melhor. Mas de morte inedita. Morto a dentadas humanas, por exemplo; ou caído do alto dum minarete e esborrachado na pedra. Vamos atacar o romance a duas mãos. Você, que é o nosso Machado de Assis, abre com o 1.º capitulo. Eu entro com o 2.º Titulo: *O Boiadeiro Antropofago* ou *Os Crimes do Abutre Negro*. Proponha outro.

LOBATO.

Taubaté, 17,8,1906.

Rangel:

Ressuscite o Tião, pelo amor de Deus! Tão engraçado, sobretudo no penultimo capitulo — a cena da natureza trocando as bolas. Faça-o sarar da queimadura, mas de um modo logico e aceitavel. O caso do boiadeiro fica para o fim natural do Tião, porque o fim de hoje é artificialmente provocado e não vale. Eu e o Eugenio (aquele gordo que falou contigo quando você passou por aqui de trem) esperamos ansiosos o *Minarete* por causa do Tião. Ressuscite-o depressa!

LOBATO.

Taubaté, 1906.

Rangel:

Achei otima a teoria do pendulo e já a verifiquei em mim. A felicidade sobrevem quando o pendulo se imobiliza de vez. Ainda agora passei dum extremo a outro — com o pular do horror ao casamento para o... casamento. O diabo é que o

pendulo só deixa de oscilar com a morte. Se o teu pendulo já tivesse parado, não andarias a desencovar deslises literarios, porque afinal de contas a harmonia do universo não se altera em nada com o erro dos 18 reis na soma de Machado de Assis, nem com os “pegureiros” do Coelho Neto. Acho tudo isso muito menos de espantar que o “Era por uma dessas tardes em que...” ou o “Gontran mordeu os beiços”, etc.

Segue mais um volume do meu *Diario*, com a condição de o excluir das vistas de tua consorte, pois esse volume ainda é daquele Lobato que odiava o casamento, e combatia o teu, e desairosamente falava dela sem a conhecer. E como as mulheres não percebem nada destas orgias intellectuais, tão inocentes, é capaz de tudo tomar ao pé da letra e zangar com o teu amigo.

Por que anda o *Minarete* mudo da tua voz, ó muezzim? Os crentes reclamam-na.

LOBATO.

Taubaté, 20,8,1906.

Rangel:

Vai um Bilhete Postal apenas porque não ha animo para carta. Ando num horror por tudo quanto é pensar por um minuto. Não leio ha um mês e não faço absolutamente nada, tal o enjô da vida que se apoderou de mim. Em S. Paulo a Cainçalha virou Corvoalha. Só falam n' *O Corvo*. Recebi deles um convite interessante: entrar num bolo para a compra do *Comercio de S. Paulo*, que morreu duma vez. Apesar da notoria caveira de burro desse jornal, Raul e Pinheiro teimam em que, se o comprarmos, faremos dele, em meses, um rival do *New York Herald!* Consideram-me rico e querem que eu seja o coronel. Os inocentes. Já ressuscitou o Tião?

LOBATO.

Taubaté, 10,9,1906.

Rangel:

Cheguei hoje de S. Paulo, meio depressa, porque devo por estes dias funcionar como promotor interino — e lá estive com toda a cainçalha velha. Transformações radicais. Ricardo, bonito, a pele boa, já não bebe, entra às 10 e estuda bastante. Já fez conhecimento com o Pedro Lessa, que também o admira — deu uma lição em aula, muito elogiada, e é candidato a duas distinções. Ao Lino não vi, mas soube que anda magro de amores secretos. Tito ainda cospe trocadilhos, com planos de montar um armazem de secos e molhados — todos querem que seja só de molhados. Candido, rodeado dos Coquelins da troupe José Ricardo, a Companhia Portuguesa; sempre magro e elegante. A mania geral agora é o reverso da antiga; em vez do horror ao burguês, burguesismo intenso. Todos procuram aburguesar-se como podem e o Raul (dizem) chega a meter um travesseirinho sob o colete de seda carmezim para simular abdomem incipiente. Do Nogueira sei que levou uma grande “barriga” como reporter do *Comercio* e, danado, demitiu-se. Barriga em giria de redação é engulir uma noticia falsa e faze-la sair no jornal. Foi assim. O pobre do Nogueira andava pernosticissimo, de tiras de papel em punho e dez lapis n.º 1 no bolsinho, a sulcar a cidade de norte a sul, de bonde e de tilburi, á cata de novidades sensacionais, e queixava-se em *argot* do João da Ega que isto aqui é uma pocilga, “não ha fatos, não ha desastres, não ha pernas esmagadas. Uma taba.” E vai e os colegas planejam-lhe uma barriga. Arranjam um atestado medico falso no qual se provava que o Agricio de Camargo fôra atropelado por um carro e tivera o pé esmagado. O Nogueira cai e tece uma noticia linda, com pormenores naturalisticos á Zola, coisa absolutamente *d’après nature*, de quem viu, ouviu e cheiron o chulé do homem. Sai a noticia e ha protestos. Agricio apresenta na redação o pé incolume. Os outros jornais “piam” sobre a leviandade do *Comercio* e Nogueira, furioso, vai para a seção livre e desce a marreta em meio mundo, e cita o Ramaiana e os Vedas, e até um latim de Juvenal. E demite-se — mas á moda dos politicos que quando resignam uma cadeira de deputado é porque já estão com um cartorio garantido.

Albino sacode os ombros, apatico, abulico.

Logo que desembarquei, imagine quem me agarrou no bonde? O Breves! O eterno, o imarcessivel, sempre com aquela vozinha baixa de conspirador. Contou-me toda a historia d' *O Combatente* desde o ponto da nossa saida de S. Paulo — a compra da tipografia, o emprestimo de 200\$000 que para isso obteve em “condições mui vantajosas”, as “dificuldades que assoberbam a manutenção dum periodico” ao tipo do dele, etc.

Ao Beccari felizmente não vi. Como cansa aquela teatralidade de raté do 1830 francês! Não posso ve-lo sem pensar nos camaradas do *Jack*, beccarissimos todos.

Palestra de Gautier com Goncourt que vem confirmar o nosso accordo sobre Flaubert: “... puis, très souvent, son rythme nous échape, il ne l'est que pour lui seul. Un livre n'est pas fait pour être lu à haute voix, et lui se gueule des siens à lui-même. Or, il y a des gueuloirs dans ses phrases qui lui semblent harmoniques, mais il faudrait lire comme lui, pour avoir l'effet de ces gueuloirs. Nous avons tous deux des pages... aussi rythmées que tout ce qu'il a fait, sans nous être donné tant de travail...” Fala depois que “le pauvre garçon” tem na *Madame Bovary* dois genitivos juntos — *une couronne de fleur d'oranger...*

Vacilas no Robinson, se ele operou como revelador ou educador. Educar não é crear, e eu creio que só a natureza crea. Tenho muito pouca fé na educação, porque nos educados só encontrei qualidades que a educação apenas pôs a nu, não creou, não justapôs. É como o banho revelador na chapa fotografica — tira o que está latente lá dentro.

Tenho lido alguma coisa — *Miss Harriet, Fors l'Honneur* (Margueritte) Ridder Haggard e Dickens — este em francês. E Camões, obras dramaticas, prosa e poesias liricas — 6 volumes! Encontrei em Camões um desaforo original: *fideputa*. Ando com um rodapé no jornal daqui, *Tijelopolis*, historia da celebre festa do Tremembé, escrito só para o entendimento dos personagens, meia duzia de namoros. Na feira ha muita rifa de tijelinhas com estampa do santuario e o classico “Souvenir”. Daí o titulo.

LOBATO.

Taubaté, 15,10,1906.

Rangel:

.....
Olhos sossegados,
Pretos e cansados
.....

Adivinhe de quem são estes versos, se é capaz! Do Grande Caolho, Rangel, que começaste a admirar logo que o começaste a entender. Lembras-te duma carta em que falavas nele e citavas a estrofe da “frauta ruda”? uma carta toda humor que hoje por acaso me caiu nas mãos e reli (e te mando para que faças o mesmo e a devolvas) ?

Ando atracado com as obras completas de Camões e volta e meia fisgo belezinhas. Não prefiro a poesia antiga á moderna, mas acho na antiga um sabor mais amavel, qualquer coisa como o cheiro dos velhos casarões de fazenda que a caseira abre para nos receber. A côr e o sabor da poesia moderna são mais ricos de torturas, têm mais pensamento, denotam mais materia cinzenta no cerebro humano e isso nos agrada, a nós complicados homens de agora. A antiga dá ideia de pés em sandalias. Veja estes versos:

Se curar não se procura
Uma coisa destas tais
Vem depois a crescer mais.

Camões está cheio de mimos assim — pena que seja mais cheio ainda de semsaborias e versos que nada dizem — endechas, glosas, vilancitos. (Um parentese antes que a ideia me fuja: na nossa pontuação falta um sinal necessarissimo, nuança do “?”. Este raio do “?” serve para as perguntas, mas para a “pergunta repetida” não temos sinal nenhum e somos forçados a usar o mesmo, com grave dano da entonação. “Que idade tens?” — “Que idade tenho? Só vinte anos.” A entonação do segundo “?” é totalmente diversa da do primeiro — e por pobreza diacritica somos forçados a empregar o mesmo ponto de interrogação, o que não deixa de ser um defeito da lingua escrita — porque na falada temos a variante da entonação. Vamos lançar o sinal que falta? *Ita parenthesis est.*)

A tua teoria da imagem tem o meu voto. Hudry vai mais alem. A tese dele é mais geral, mas dela se deduz a tua teoria dos defeitos e qualidades, e a das imagens.

O Platão de Andrade é o tipo que descreves e, coisa curiosa! tão semelhantes ele e o Beccari, no anacronismo, no medievalismo, que entre as 150 mil mulheres que ha em S. Paulo só encontraram uma que lhes coubesse no molde, e amaram-na juntos e brigaram... Está aí assunto para um dos teus contos. E lhe darás um fim hofmanico.

E por falar em contos... ando á espera dos que me prometeste. Já saíram da casca ou estão picando? Não, gostas de reler coisas velhas, cartas antigas — e é o meu maior prazer. Ontem passei umas horas nisso. Pilhamos evolução de ideias. Vemos as ideias de hoje ainda em botão, medrosas — assustadas como se fossem audacias. Hoje estão velhas em nossas cabeças cinicas.

Estou promotor interino. Visito a cadeia no fim do mês, converso com os presos, mando um memorandum ao governo dizendo que a paz reina em Varsovia — e tudo deslisa sobre mancais de bolinhas. Tenho no juri de acusar nove desgraçados...

LOBATO.

Taubaté, 3.11.1906.

Rangel:

Sinto-me doente — e já se enfronhou você sobre o que é a doença segundo as ideias de Metchenikof? Uma coisa que parece romance. Hontem me veio o mal-estar, a cabeça dolorida e a febre. Sabe o que é febre? Os fagocitos, globulos brancos que passeiam na corrente do sangue. como os soldados de policia rondam as ruas, são a defesa natural do organismo, o corpo de bombeiros, os mantenedores da ordem. Logo que um bicho estranho — bacilo, cocus, bacteria, microorganismo enfim — penetra em nosso corpo, os fagocitos caem-lhe em cima, agarram-no e devoram-no. No microscopio dum medico amigo já vi um fagocito engulindo um gonococo. Se os fagocitos vencem os invasores, restabelece-se a ordem e reentra em exercicio a autoridade legal, a Saude. Se não vencem, os micro-invasores alastram-se e fazem do organismo casa da sogra. É a doença. Segundo os mestres, um resfriado é isto: Quando uma causa qualquer resfria de subito a nossa epiderme

as paredes do nosso estomago, o frio, pela sua peculiaridade essencial que é contrair os corpos, interrompe bruscamente a constante eliminação de toxinas, que se faz por toda a zona periferica do corpo, dentro e fora, e as toxinas penetram na corrente do sangue e o envenenam. A febre não passa do ardor da luta, do calor produzido pela assombrosa atividade belica dos fagocitos. Combater a febre equivale a combater como causa uma inerme consequencia.

Pois bem: hontem assisti, observei, vi todos esses fenomenos. De noite, de repente, sobreveio-me uma onda de calor e suor á pele: era um acirramento qualquer lá nos campos de batalha, um redobramento de energia da fagocitose. E os sonhos então... (Para que me entendas, devo dizer como entendo os sonhos. Uma pulga nos morde; os nervos transmitem ao cerebro a impressão; mas como o conhecimento não funciona durante o sono e sim apenas a imaginação, esta recebe o despacho telegrafico trazido pelo nervo; e em vez de, como faria o Conhecimento, traduzi-lo na noção "pulga que morde", tradu-lo fantasmagoricamente em sonho. E em vez da noção "pulga que morde", temos o sonho dum facinora com o punhal erguido sobre o nosso peito, ou uma horrivel queda no abismo, etc. De modo que o sonho não passa da representação fantastica dos acontecimentos que se vão dando em nosso organismo imerso no sono, seja a mordedura de pulga acima figurada, seja uma certa impressão forte gravada na retina durante o dia, um mês ou ás vezes anos atrás.) Pois bem: os sonhos que tive eram dignos de estudo. Um caos de coisinhas inconexas e fugazes. Porque mal um episodio da batalha era transmitido ao cerebro e traduzido fantasmagoricamente, já vinha outra mensagem, e outra e outra, de modo que a Imaginação atarantava-se e só podia produzir aquele farelo caotico de traduçõesinhas — tal qual um orador assediado de apertistas e que não pode levar avante o discurso porque tem de responder a todos.

Leia os *Estudos da Natureza Humana* de Metchenikof, tome depois um bom resfriado e observe a serie de fenomenos da fagocitose. Nada mais interessante.

Mudando: Não pare com o *Queijo* (16) porque vamos indo muito bem. Precisamos agora acelerar a ação. Pare-

(16) *O Queijo de Minas* ou *História dum Nó Cego*, romance de colaboração publicado no *Minarete*.

ce-me tempo de matarmos um dos herois. Olhe que prometemos ao publico *varias* mortes tragicas!

Taubaté, 15,12,1906.

Rangel:

Estou em atrazo por culpa de não sei que. Desisto de entender-me, porque cada vez me entendo menos. O *Nosce te ipsum* é um conselho facil de dar. Ando atravessando um bom pedaço de vida, desses em que acompanhamos uma mulher de longe, divisando a larga estrada que conduz á casinha definitiva. Prelibamos, neste estado d'alma, a delicia de caminhar de mãos dadas pela vereda do noivado; antegosamos essa delicia e o antegoso é sempre mais cheio de requintes e menos sujeito a decepções que o goso. Sinto-me feliz, como quem encontrou o segredo da felicidade. Queres a formula? Deduz-a tu mesmo desta quadra de Bartrina:

Eu pergunto á Natureza
Segundo em seus filhos vejo
Por que fez o goso anão
E fez gigante o desejo.

Reduzir os desejos a proporções minimas, de modo que, nada ambicionando, tudo quanto nos chega de bom seja lucro e fonte de prazer. Hoje, por exemplo, meu ideal é receber cem mil reis que um alfaiate prometeu pagar. O ideal de amanhã será ver pronto um colete de seda verde encomendado. E assim por diante. Foram-se os tedios, os desesperos wertherianos. Compreender e aceitar a vida, e boiar em pequenas ondas. Pegar este ano uma promotoria, casar-me depois com um sonho de creatura — e ficar de papo para o ar, esperando... esperando heranças, sortes grandes, pepineiras, coisinhas. A aranha no centro da teia á espera de moscas. Tudo coisinhas, tudo felicidadesinhas.

Fiz um contrato com a Camara para cobrar os impostos atrazados. Negocinho. E animar-me-ia a ir visitar-te aí, se não fosse o medo que me inspira dona Barbara e a certeza da barbaridade sem igual que usaria para comigo. Tiveste a ingenuidade de mostrar-lhe os horrores que andei dizendo em cartas — e que mulher perdoa isso? Sinto saudades de você,

Rangel, mas sempre que nos encontramos metemo-nos a posar um para o outro, cheios de paradoxos e ironias. Vê se dilues o rancor de tua barbara consorte, pois do contrario nunca mais nos veremos.

Tenho lido meio milhão de coisas. Estou com uma coleção de David Corazzi — Bibliotheca Universal, antiga e moderna, uns 30 volumes vermelhos com boas coisas de Dickens, Poe, Balzac, Goethe, Byron, Bocage, Camões (não os *Lusiadas*), Karr, Fontenelle, Collins, Voltaire. Pura mina.

Adeus.

LOBATO.

1907

Taubaté, 18,1,1907.

Rangel:

Estou seriamente endividado para contigo, em cartas, livros, cumprimento de promessas, pedaços do *Queijo*... Mas explica-se a má finança. O mês de dezembro passei-o todo fora daqui, em S. Paulo e no Oeste. Corri as linhas da Paulista, Mogiana e Sorocabana, com paradas nas inconcebíveis cidades que da noite para o dia o Café creou — S. Carlos, um logarejo de ontem, hoje com 40 mil almas; Ribeirão Preto, com 60 mil; Araraquara, Piracicaba a formosa e outras. Vim de lá maravilhado e todo semeado de coragens novas, pois em toda a região da Terra Roxa — um puro oxido de ferro — recebi nas ventas um bafo de seiva, com pronunciado sabor de riqueza latente.

Em Ribeirão, a colheita do municipio foi o ano passado de 4 e meio milhões de arrobas — coisa fabulosa e nunca vista. Um fazendeiro, o Schmidt, colheu, só ele, 900.000 arrobas. Costumes, habitos, ideias, tudo lá é diferente destas nossas cidades do velho S. Paulo e da tua Minas. Em Ribeirão dizem que ha 800 “mulheres da vida”, todas “estrangeiras e caras.” Ninguem “ama” ali à nacional. O Moulin Rouge funciona ha 12 anos e importa champanha e francesas diretamente.

A terra-chão, porém, é uma calamidade — “enferruja”, isto é, avermelha todas as pessoas e coisas, desde a fachada das casas até o nariz dos prefeitos. Vai um pacotinho de amostra. Não pense que é tinta, não.

Lá ninguem *mora*; apenas *estaciona* para ganhar dinheiro. Esse meu passeio de 3.453 quilometros de via ferrea buliu muito com as minhas ideias. Tenho que estacionar lá também, Rangel. Estou apertando minhas cunhas para ser nomeado para Ribeirão ou coisa equivalente. Nesta cidade encontrei o Albino e o Tito como fiscal do tracoma, mas sempre alegre, feliz, gastronomico. Albino está na transição do 5.º anista para o advogado e já advoga.

Saiamos destas nossas cidades cloróticas, Rangel, onde não dá italiano. Se permaneces por aí nessa Minas, acabas criando urupês nas tripas da alma, ficas todo musgo e limos na faculdade da ação e quando deres acordo estás como o Rubião, apagado e sarrento como ele. E por falar no velho Rubião, não terá ele papelada antiga em que ninguém ainda mexeu? Vê isso, e se tem, pede-lhe para catar os selos. Dou-te uma coleção completa das obras de Balzac em troca dos selos que houver na papelada do Rubião. Dele ou de qualquer outro velho daí. Sempre tive a mania dos selos. Mando o 1.º volume dum Dickens. Se gostares irá o 2.º. E *Religiões do Rio*, do João do Rio — queres? Breve seguirá uma obra prima, o *Livro da Jungle*, do Kipling. É do Albino. Não ha nas livrarias de S. Paulo. E você o recambiará diretamente ao Albino, em Ribeirão.

Ha aqui meia duzia de meninas encantadoras com as quais dansamos no Clube. Ha a genial dona Stelia, pintora, que segue em março para o Velho Mundo, a cursar o Atelier Julien e voltar de lá genio de primeira classe. É a que me provocou aquele artigo: "No atelier de Dona Stelia" — leste? Outra é Miss Farfala, uma timidez toda brancuras de côco, ultra-fina, professora por luxo, como nós somos bachareis por defastio. Pastoral de Virgilio. E ha a Miss Flirt, e a Mercedes e a Guiomar, e a encantadora palmeirinha humana Bêbé — tantas, Rangel, e tão mimosas, tão casadoiras, que a gente acaba amaldiçoando a monogamia.

O clima daqui atrai gente de fora. Afluem familias do Rio e S. Paulo, gente fina, com botõesinhos assim. E dança-se muito. Você aqui produziria um tratado sobre o flirt nacional.

LOBATO.

Taubaté, 26,1,1907.

Rangel:

Recebi tua carta cheia de impertinencias e rescendente ao nogueirismo. Juro que o homem está aí, a te perverter! O teu tom, Rangel, não é aquele; e quando sais do teu tom, desafinas lamentavelmente. A imbecil apreciação sobre Kipling, que transcreves e adotas, fez-me jurar nunca mais

te mandar nada pelo correio, nem os Dickens já apartados, nem uns Mark Twains — nada. Ainda ontem te remeti — bobo que sou! — o *Segundo Livro da Jungle*, mas não ha mister de te atirares a ele com a amargura que a nogueirice te pôs na alma; basta refazer o endereço e expedi-lo para o Albino — porte por minha conta! Tambem do Beccari não vejo como puderam os belos versos te provocar tamanha ira. “Não sou plateia”, dizes — e é verdade. Estás te tornando insuportavelmente palco.

Afogue o Nogueira na piscina do collegio antes que ele te destrua todos os lados simpaticos do espirito. Já a tua naturalidade epistolar se ressentente. Não escreves como dantes, e sim para ter ensejo de *colocar* uns tantos paradoxos tipo 9 Santos, e mais uns reles desaforos. Você não nasceu para o desaforo; teus desaforos não desaforam. Tudo, mal que o Tonante te pegou! E outros males ineditos te irá ele pegando até te fincar uma lapide no tumulto — “Aqui jaz o Paz-Vobis que me ouviu.”

Não escrevi mais o *Queijo* porque entrei pelo 1907 jurado de não mais *fazer literatura*, essa sordicia. Se queres, acaba-o lá — mata todos os meus personagens — joga-lhes o Tonante em cima.

E adens ou ao diabo. Estou excessivamente mau hoje, e zangado com o falso Rangel.

LOBATO.

Taubaté 2,4,1907

Rangel:

Burro até aos fundamentos, infiltrado de incapacidades, com as ideias açucaradas, impenetraveis entre si, chocantes, de vidro fosco; o senso da nuança embotado, os dedos incapazes de tactear, as narinas só sensiveis aos cheiros mais violentos, um *engourdissement* geral; a lenta absorção do Helio Bruma pelo “Dr. Lobato”; uma aproximação já menos repugnada, já menos cortada de nauseas, da coisa forense, do tabelião, do auto, do juiz, da quadrilha inteira da Justiça de olhos vendados — uma lastima, Rangel, uma lastima sem nome o que me acontece, o que acontece a este teu amigo exilado neste lugar provinciano onde a Semana Santa assume

foros de Panateneia e o padre Valois é ouvido como outro Bossuet.

Enquanto te escrevo, o foguete e a musica atroam os ares, espantam os silfos invisiveis, matam a tiros de polvora e guinchos de latão essa incomparavel musica chamada Silencio. E passa uma bandeira vermelha, chamada o Divino, com fitas pendentes que vão recebendo os beijos de todas as beatas; e corre a salva do Divino para pingamento de niqueis. O Divino é um passarinho amarelo na ponta de um pau. Tudo Africa, neste seculo de Ruskin e do *arbor-day*.

Ha uma semana que estou preso em casa porque lá fora a semana é santa. Ha procissões de pretos e brancos a atravancar as ruas. Nas igrejas, muito consumo de agulhas e fumaças cheirosas, e litánias. Por toda parte, povo — o nosso povo, essa coisa feia, atinguda e suada. Sovacos ambulantes. A *cohue*, Rangel; a *bohue*, Rangel. A carapinha assanhada, a venta larga “fuzilando”, o coronel, o chale das mulheres, o chapéu-duro e a roupa preta das “pessoas gradadas”. Rangel, Rangel... Os olhos cansam-se de feiuras semoventes. Que urbs, estas nossas! As casas são caixões com buracos quadrados. E nem sequer os velhos beirais: inventaram agora o horror da platibanda. Reformar uma casa é tirar o beiral e botar uma platibanda. Não ha mulheres, ha macacas e macaquinhas. Não ha homens, ha macacões. Raro um tipo decente, uma linha que nos leve os olhos, uma côr, uma nota, um tom, uma attitude de beleza — nada que lembre a Grecia.

A Plebe, só ella, com o seu *fatras* democratico e religioso, a expluir vulgaridade e chateza. Eu vingo-me lendo Nietzsche, lendo o teu Goncourt, lendo até Kant e Hartmann. Vingo-me quebrando a cabeça nos enigmas insolúveis, Eu, Não-Eu, Sujeito-Objeto, Imperativos Categoricals, Inconcientes, coisas de Schelling, de Lotze, de Fichte — ideias-mumias, como diz Nietzsche. Vingo-me jogando xadrez.

Na sexta-feira santa peguei no xadrez quando o padre pegou na festa e só larguei do xadrez quando o padre largou da festa, entre estouros do sabado da aleluia e espedaçamento de judas.

O Goncourt... agora me lembro que... (perdido o resto)

LOBATO.

S. Paulo, 14,4,1907

Rangel:

O meu atrazo epistolar tem origem na "cavação de promotoria" em que me empenhei em fevereiro e só agora, 4 de março, consegui levar a efeito, com derrota de um exercito de candidatos. Estou nomeado promotor publico da comarca de Areias, que deve ser nalgum lugar. Mais reverencia, portanto, amigo, quando escreveres ao Lobato. Exijo DD. no envelope. Sou o DD. Promotor Publico de Areias, cidade que positivamente ha de existir. Cento e tantos candidatos para esse ossinho — informou-me o proprio secretario Washington Luis (com "s" — ele faz questão). Foi trunfo decisivo uma carta de meu avô ao general Glicerio. De lá — de Areias — passarei para uma comarca da Terra Roxa, a terra abençoada onde se ganha dinheiro... e então casa-se.

E tu, meu velho? Conto estar contigo em S. Paulo, pois me disse o Nogueira que vens em março, para o ultimo exame. Espero que me avises, como das outras vezes.

Encontrei o Nogueira no collegio do Luiz Antonio, impando de lente, o cão, no meio duma roda de outros lentes empavezados como navios de vela, gravissimos. A saleta estava gravida de lentes. Creio que o Nogueira trazia sobrecasaca; creio apenas; mas sobre a sua gravidade e o ar profundo, isso juro sobre dez biblias. Mas estou falando do padre-nosso ao papa. Você conhece a fundo a fauna dos "professores de ginasio".

Tambem estive com o Tito; anda empenhadissimo numa campanha para derrotar o Vitor Konder na Academia, apesar de reconhecer (veja que patife!) que é o Konder quem melhor se desempenhará do papel de orador do ano. Mas ha razões de estado...

Nogueira desmentiu-te com calor e endeusou Kipling. E jurou pelos manes de Buda que jamais comparou o *Livro da Jangal* a contos da carochinha.

Quanto ao nosso illustre marquês italiano, afirmo-te que é um grande porco. Imagine isto: a mana foi passar umas ferias em Taubaté e deixou a casa entregue ao marquês, autorizadamente imitado nas funções de "honorable" guardacasa, vulgo caseiro. Ele é um genio, bem sabes. Gaba-se de ser o Leonardo da Vinci do Bom Retiro e adjacencias. Pois apesar disso deixou a casa tão imunda que a mana teve

de alugar outra. Incorporou boduns indeleveis em tudo lá dentro, paredes, assoalho, moveis. É um hidrofobo, como o Tito Franco. Não se lava. Nunca se lavou. Logo, os versos que se fez são pessimos. Logo, tem você toda a razão e eu retiro os meus elogios.

Em Areias recomencarei com a leitura, porque é impossivel que haja lá criminosos que dêem trabalho a um promotor.

Diga a dona Barbara que um monsenhor Lobato que deixou fora a batina não sou eu.

LOBATO.

Taubaté, 1907.

Rangel:

Recebi a filosofia, os quesitos e a carta de dona Barbara. Vamos por partes. A filosofia não é novidade. Já Spencer definiu a lei da evolução como uma *complexidade*, uma crescente heterogenização de estruturas e funcionamentos, tudo alheio ás ideias de Bem e Mal, que são relativas, a despeito de todos os esforços escolasticos para que sejam absolutas. Ha fenomenos, causas e efeitos, radículas condicionais e condicionadas; mas finalidade, designio, é coisa que cai no "Incognoscivel" de Spencer. Os teologos "grilaram" essa terra devoluta, plantaram lá a taboleta do Designio e surgiu o tremendo negocio de terrenos a prestação chamado Igreja. Vender terrenos incognosciveis, indemarcaveis, que maravilha de negocio! Leia os *Primeiros Principios* de Spencer e lá verás tudo claro e no limpo — tudo matematicamente esclarecido. Todos os pontos, todas as "bocas-de-sertão" a que a Ciencia pode chegar estão lá; para adiante Spencer finca o leteiro famoso: INCOGNOSCIVEL (creando, aliás, a objeção: Como *sabe* que é incognoscivel? Como fecha a questão dessa maneira?)

E o fato de chegar você por mera intuição pessoal ás mesmas conclusões de Spencer, prova a força do teu senso filosofico. Nietzsche chama a isso (ter essa filosofia) colocar-se *alem do bem e do mal*, isto é, num ponto de vista objetivo, sem perspectivas que adulterem as coisas e donde se possa perceber a emaranhadissima rede das causas e efeitos das forças *indiferentes*. Um tiro no alvo, por exemplo; se acertou foi sorte, diz o povo comum; foi por obra e graça da entidade creadora do Designio — Deus, Divina Providencia, etc., diz o

teologo. Mas o sabio á Spencer diz que o fenomeno foi rigorosamente determinado pelas condições do atirador, da arma e do meio ambiente; um fenomeno, portanto, é determinado por condições. Dadas aquelas condições, o fenomeno fatalmente ocorrerá. Aconselho-te Spencer nos *First Principles*. É uma Suma.

Quanto a Nietzsche, meu conselho é que passes por ele a galope no cavallo da tua intelligencia; no rabo desse cavallo amarrarás o iman do teu temperamento, de modo que na galopada o iman só atraia, só aproveite, só chame, aquilo que te convier e que, portanto, te virá aumentar. Se o forças a atrair o que te *parece* bom, bonito, util, embora não seja essa a opinião do teu temperamento, ficas abarrotado, mas não aumentado. Faça isso e não me voltarás a dizer que achas Nietzsche "soporifero". Incrível! Talvez seja o unico adjetivo que nunca jamais caberá a Nietzsche. É o contrario — é um matador do sono, da estagnação, da lagoa verde. É um desencrostador.

E por falar, contarei uma. Eu estava um dia no Gazean, em S. Paulo, espiando livros velhos, e havia parado para folhear um volume de Nietzsche. E estava lendo lá um aforismo qualquer, quando atrás de mim, sobre meu ombro, uma voz desconhecida soou, dizendo: "Esse autor é dissolvente!" A resposta me veio instantanea, como se o proprio Nietzsche a dêsse por meu intermedio: "Tal qual o sabão!" E voltei o rosto para ver quem era. Um padre!...

Lembrei-me daquele aforismo em que Nietzsche dá a opinião dos teologos como o reverso pratico da verdade. Se o teologo diz que é branco, então é porque é preto. Sim, Nietzsche é um sabão, o melhor desengafeirador que encontrei na vida. "Eu sou uma toupeira que anda debaixo da terra roendo as raizes das velhas verdades". Ele podia tambem dizer que era o Grande Sabão dissolvente das velhas verdades.

As minhas marcas nos Nietzsche que mando representam o grafico da primeira impressão. Ha um grande B inacabado que marcou um vago pensamento que me veio ao ler aquele pedacinho, um pensamento associado a Bilac... E' uma psicografia estenografica que só eu entendo.

LOBATO.

Rangel:

Estou noivo. Pedi no dia 12 e obtive a 15 a mão de Purezinha, filha do Dr. Natividade que te examinou em Aritmetica no Curso Anexo, minha prima longe, professora completamentarista, loura, branca como petala de magnolia, linda. Combinamos casar um dia.

Cheguei de S. Paulo hontem e lá quasi que só noivei. Apenas uma noite estive com os Cães. Ricardo sobe como um cambio. O Joaquim Nabuco fez-lhe tremendos elogios. Foi Ricardo quem o saudou á chegada, num discurso de maravilhosa eloquencia. Lino tambem, de uma janela, atirou para cima de Nabuco um discurso de esmagar — mas engasgou no momento mais agudo da altiloquencia perorativa. Um italiano da rua, entusiasmado, berrara um hilariante “Viva Brazile!” que quasi fulmina o Lino de apoplexia colerica. Tito falou na manifestação dos estudantes, e bem, com periodos longos e bem boleados. Como vês, o velho Cenaculo faz figura quando quer. Todos ainda sabemos latir.

Quanto á nossa novela a dois, convenci-me de que a tua historia do Boiadeiro é burrice e proponho a que aqui vai. Se concordas, escreve a continuação e manda tudo para o Benjamin Pinheiro, a tempo de sair no *Minarete* proximo.

LOBATO.

Taubaté 1907.

Rangel:

Se ha no mundo um tranca integral é você. Que significa esse silencio de bezerro com lombrigas? Quantas tenho de escrever para obter a honra duma resposta? Ha dias reclamei com urgencia a remessa de meus *Diarios*, e hoje insisto e dou a razão. É que estou noivo já de um mês e boiando em plena lua de mel do noivado — e faço literatura amorosa ás carradas. Inda ontem mandei para S. Paulo 100 gramas de ternura grafica. E tenho de mandar mais, para completar a “*Historia Documentada do Meu Amor por Você*”, obra solidissima, baseada em excertos do meu *Diario*, nas referencias diretas ou indiretas que a Ela nele existem. E preciso dos vo-

lumes que estão aí. Apressa-te, Homem! Amor é impaciente.

Disse-me o Benjamim que já lhe mandaste mais capítulos do *Queijo* e estou ansioso por ve-los impressos. Vou esta semana a Pinda e le-los-ei lá.

Beccari manda-me uma carta em verso. Para provar que é mesmo o Leonardo da Vinci do Bom Retiro, faz pinturas, faz esculturas, escreve cartas em verso e agora vem com uma invenção — e está absolutamente convencido de que realmente inventou uma coisa. E' o "Transportador Aereo Instantaneo" para uso da policia. Consiste no seguinte. De uma torre central, ergue-se no topo um eixo ou gonzo, ao qual está articulada "a grande invenção", isto é, uma sanfona de aço que abre e fecha e gira em redor do eixo. Na extremidade exterior da sanfona vai um cubículo onde caibam varios homens. Ha um disturbio em qualquer ponto da cidade. A torre central recebe comunicação telefonica e tem que mandar soldados. Que faz? Vira a sanfona na direção do disturbio, com soldados dentro do cubiculo e *zás!* um maquinismo violento distende a sanfona até que o cubiculo fique bem a pino sobre o disturbio — e os soldados descem por cordas, tudo rapidissimo. Os perturbadores são agarrados, içados para o cubiculo e a sanfona então encolhe-se, trazendo tudo para a torre. As masmorras ficam na base, e por uma calha de lona a colheita policial é nelas despejada. Em tres minutos está completa a operação...

E se pusessemos o nosso da Vinci no *Queijo*, como material duma das prometidas mortes tragicas?

LOBATO.

Taubaté, 17,5,1907.

Rangel:

É espirrando, tossindo — o nariz transformado em olho d'agua e com um celebre pingó a insistir em colaborar nesta carta; é moido de defluxo que te escrevo, meu Rangel, para te avisar que sigo hoje para S. Paulo e só na volta direi as muitas coisas que tua ultima me sugere. Hoje, impossivel. As ideias, sinto-as tambem constipadas, revestidas dum inducto pastoso. Tenho-as penosas, de movimentos embaraçados como

moscas dentro de mingau. Uma cutilada deste traçoeiro vento de maio e os consequentes desarranjos nasais, metabolicos, pulmonares e espirituais. Mando-te um Mark Twain e um Gorki, e tambem um trecho da carta da F., para veres como o mar-quês anda posando para a pobre menina.

Adeus. O pingo está ameaçador.

LOBATO.

Areias, 14,5,1907.

Rangel:

Bemaventurado país, bemaventurada Minas! Bravos a você, a Minas, ao Zé Fernandes! O que me contas é prodigio singular, inedito talvez em todo o planeta. Um collegio que aumenta o ordenado do professor para rete-lo! O homem está louco. O certo seria regalar-se com a tua saida e contratar outro por menos. Sempre haverá no mundo quem trabalhe em qualquer serviço por dez mil réis menos. Para que um Zé Fernandes procurasse te conservar é que tu lhe dás um lucro enorme — mais que os dez mil réis que ganharia aceitando a tua retirada. Ora, se é assim, por que não lhe has de chegar a faca ao peito, exigindo mais? Coisa apenas de verificar quanto realmente vales para ele.

Acho-te extraordinario, Rangel. Formas-te hoje; no dia seguinte és nomeado promotor de Cambuí; no terceiro dia resignas sem sequer ires ver se Cambuí realmente existe...

O mesmo não posso fazer eu, pois vim ver se Areias existia e fiquei. Areias, Rangel! Isto dá um livro á Euclides (e, por falar, Euclides passou uns tempos aqui, ocupando exactamente o quarto que é o meu). Areias, tipo de ex-cidade, de majestade decaida. A população de hoje vive do que Areias foi. Fogem da anemia do presente por meio duma eterna imersão no passado. Ha casos, ha crimes estupendos do periodo da passada grandeza. Um capitão-mór que passou 80 anos a juntar moedas de ouro — patações. Um dia a variola o apanha — e da cama, morre não-morre, todo pustulas, assiste ao saque. A "escravatura" roubou-lhe tudo. O Processo, o juri, a condenação dos negros... Impossivel dar uma ideia do drama em simples carta a galope. Talvez eu a conte no *Minarete*.

Perto de Areias fica Bananal — com um passado escravo-crata que é um cacho de crimes lindos e muita banana ouro. Houve grossa riqueza por lá, quando aquilo era o Ribeirão Preto da época. Barões que usavam pinicos de ouro. Mulheres cinmentas que cortavam o seio das escravas. Cada casa lá — dizem aqui — é cofre duma lenda — aqueles casarões abandonados. Ainda ha misterios no ar.

O meu hoteleiro é um veterano da guerra do Paraguai. Gosta de falar e sabe tudo. Impossivel melhor memoria — ou imaginação. E que pitoresco é! Comendador da Ordem da Rosa. Erudição enciclopedica haurida nos vinte romances de Julio Verne que sabe de cór e me recita á mesa, aos capitulos — e com as ilustrações. “Aqui ha uma gravura representando um hindú de tanga amarrado á boca dum canhão. Em baixo diz: “*Amanhã, ao romper da aurora, pum!*”

Logo que cheguei fui para a berlinda. Fiquei o bicho raro da terra, o *fait divers* sensacional, a coisa importante, o escandalo do dia. “O Promotor!” Juntava gente nas janelas e esquinas quando eu saia a desembolorar.

Terra de tradições. Anteontem queimaram diversos judas. Ainda ha judas em Minas? Apareceu, de Euclides, um belo artigo sobre o judas no Acre (*Jornal do Comercio* de 31). Leia.

LOBATO.

Areias, 15,5,1907.

Rangel:

Creio na tua sinceridade quanto ao casamento, mas sob uma condição: creres tambem na minha. Estou de absoluto acordo contigo. O casamento é e não é o que dizemos. O casamento é o nosso serviço militar. Foste chamado — e estás a fazer o serviço. Fui chamado — tenho de servir, e está acabada a história. E depois, Rangel, isso de enfrentar o perigo, de procura-lo, de arrosta-lo, não deixa de ter certa grandeza. Não procede de outro modo o capitão que ataca um reduto poderoso. Está lá dentro o Desconhecido. A Vitoria ou a Derrota, a Felicidade ou a Vergonha.

Por que é que o homem bebe, sabendo que o alcool é um veneno? Por que se casa, sabendo que o casamento pode ser

um veneno? Porque o homem é fundamentalmente aventureiro e gosta de agir aos sopetões, sempre de encontro á experiencia e ao bom senso. O bom senso horripila-nos.

Não ha negar a higiene do casamento, e tambem ha a possibilidade de, ás vezes, crear-se por esse meio o que os ingleses chamam *home* — e parece que os ladinhos bons do *home* compensam as coisas perdidas com a destruição do celibato. O nosso grande cavallo de batalha contra o casamento é o sacrificio da nossa liberdade — mas para que nos serve a liberdade senão para perde-la nos momentos oportunos? Sem perdermos a liberdade, parcial ou totalmente, como saberemos que tal coisa existe? Só quem está sendo asfixiado aprende que o ar existe. E ha ainda o seguinte: a liberdade torna-se ás vezes um tal trambolho, um tal peso ás costas, que o desfazer-nos dela nos produz uma imensa sensação de alivio. Nada cansa mais do que ser livre — e isso explica as ditaduras. Os povos cansam-se da liberdade e pedem um ditador que a trucidie — e os individuos casam-se. Eu, por exemplo, vivo dentro dum tal excesso de liberdade que ás vezes me toma a nostalgia. Do que? Do tempo de prisão no collegio. Da horriavel sineta que me fazia levantar ás 6 horas. E, por fim, farto dessa liberdade pessoal, resolvi lança-la pela janela. Caso-me e pronto.

Vantagens? Oh, inumeras — e entre elas a de queixarme, como ouvi a um agora: “Eu iria em dezembro ao Japão, se não fosse casado.” Mentira. Ele não iria ao Japão nunca, mas hoje tem uma bela justificativa. A condicional acoberta maravilhosamente todas as fraquezas, dubiedades, incapacidades e inaptidões organicas dum homem. Justifica até roubos — “Casado, coitado; mulher e filhos!” Dizer, por exemplo, a um amigo credulo: “Zéca, eu tenho talento ás arrobas. Sou capaz de escrever um *Rocambole* — e escreve-lo-ia, se não fosse o casamento — a mulher, a barulhada das crianças. Zéca, Zéca, se queres cultivar a tua inteligencia e dela extrair produtos lindos, como os extrai da terra preta o galego da horta, não te cases, ó Zéca!” E o Zéca te olha arregalado, com admiração nova, concorda em não produzir mais que o galego da horta — e casa — e faz muito bem.

E ha a Especie, Rangel! Somos forçados a ter muita consideração para com a Especie. Que seria da Especie se não fossemos nós, individuos? A Especie nos impõe, por força

de razões misteriosas, esposa e prole. E emprega o Amor como um visgo de passarinho; e uma vez visgados, temos de proliferar, porque, "Oh, é tão galantinho um bêbê!... Casa sem chorinho de criança até doi..." As mulheres dizem isso e suspiram pelo bêbê, porque elas fazem parte do Serviço de Agentes Secretos da Espécie. São as encarregadas de arrancar do homem as misteriosas sementinhas hereditarias.

E, portanto, nada de resistir a essas obscuras injunções. Se a Mais Obscura das Injunções nos manda casar, é casar. Casar p'r'ali, como casou o avô, o bisavô, o tataravô e o macaco inicial.

O solteiro me lembra a mariposa que me vem dar cabeçadas no vidro do lampeão. O casado lembrará o passarinho na gaiola, bem arrumadinho, com alpiste, agua e folha de alface — e a regalar-se de ver, lá daquele seguro, a mariposa queimar-se na chama e o Romão volta e meia entrar do quintal com um canario solteiro na boca.

Já que estamos falando em casamento: já leu você a coisa mais espirituosa do mundo — *La Physiologie du Mariage*, de Balzac?

Vamos meter o Beccari no Queijo? E bem que cabiam lá dois tipos que diziam horrores do casamento e um casou-se caladinho e outro tenta retratar-se...

LOBATO.

Areias, 21, 7, 1907.

Rangel:

Chegou o Twain com tua carta dentro. Comecei a ler a historia do esquimó. De fato, *it is a very bewichful story*, como aliás tudo quanto Mark escreve. Kipling tem algumas coisas groenlandesas otimas, onde tudo, a partir do cenario, é dum ineditismo unico. *Os Inoitos* são uma — inuito é sinonimo de esquimau. Que felizes os homens que podem escrever uma novela europeia, outra americana, outra indiana, outra esquimó — haurindo as tintas em observações de primeira mão, feitas nesses meios tão variados! Tenho para mim que Kipling ainda não achou tempo de ler a literatura dos outros; os anos de sua vida devem ter sido poucos para ver e sentir do natural.

Nós dois somos o inverso. Somos crácas eternamente grudadas no pago natal. Somos cogumelos, chapéu-de-sapo, com o aparelho de locomoção destituído de rodinhas amarelas — libras ou dolares. Somos apteros. Pinguins!! Nossas capacidades embotam-se na mesquinhez da introspecção e na sordidez tacanha de meiosinhos roceiros pifios, onde não ha os caracteres fortes e *sintéticos* que o romance requer para não degenerar em teatrinho do João Minhoca; onde não ha dramas — (como imaginar os Atridas em Areias?); onde nada ha que não seja choco! Desta Areias onde apodreço ha tres meses, nem o gancho dum Shakespeare tirava sequer um titulo de drama.

Parece-me erro supor que o artista cria independente do meio. Meio pifio, artista pifio — obra d'arte pifia. Entre nós, só no Rio ha ambiente para alguma arte — e porisso todos que têm veia para lá acodem. Os que ficam no interior só dão de si agua panada. Veja, Rangel — estamos nós dois condenados a ser agua panada... Você casou; eu vou casar. Casamento: feixe de raizes que virão agravar ainda mais o nosso chapéu-de-sapismo. E, no entanto, nós temos talento, Rangel — sentimos isso, não? Ninguem sabe, ninguem percebe; talvez nunca desconfie disso o mundo — e no entanto temos talento!

Tu aí, eu aqui — duas touceiras segregadas de tudo que o nosso sonho de arte sonha. Eu, como absolutamente não me adapto ao meio, levo vida de recluso — frade unico do Convento do Meu Quarto. E quando me canso de tanto mascar e ruminar a mim mesmo cá intra-muros, fujo para a Serra da Bocaina, de Winchester no arção e kodak a tiracolo. Que desafogo naquela outra solitude!

Contigo é o mesmo. Esse Silvestre Ferraz deve embolorar todas as vocações. O que te salva é o tremendo ardor laborioso que tanto invejo. Começar uma novela é coisa das mais simples; leva-la por diante por 80 ou 100 paginas, isso só você. Breve estarás trabalhando em romance de 320 paginas. Assegurado o *entrain*, é facil chegar até lá — o problema é ganhar o *entrain*.

Você está feito, está na reta da chegada — e me distanciou por não sei quantas cabeças. Cabeças! Ah, se fosse! Por corpos... Nunca mais te alcançarei. Vivo esperando a *ocasião propicia* — essa ilusão. Não ha disso. Para quem de fato possui criatividade, todos os momentos são propicios.

Li hoje *Filosofias* (só agora o jornal me chegou) e envergonhei-me de haver achado aquilo bom. Tenho um defeito grave; espremo e encurto demais o enredo, não o esclareço bem, não dou coloridos de transição, faltam-me *tons*, passo brusca-mente duma coisa para outra, de modo que eu me entendo mas não me entendem os outros. O tal conto prometido vou escreve-lo com muita atenção a todos os defeitos notados — e você julgará.

O que dizes das coisas que nos agradam mais pela capacidade possível do que pela capacidade realizada, me parece um bela observação. Sinto-o comigo.

Vai o Hall Caine e junto um volume das minhas notas; ha-as preciosas, catadas ao correr das leituras.

Lembre-me na tua proxima da grande ideia a que cheguei á força de tanto pensar. Não cabe nesta. Uma ideia enorme. Ainda está em periodo de nebulosa.

Quanto á reforma ortografica, lê no proximo Minarete a minha opinião sobre o horror do homem sem H.

Hoje temos "escavalinho". Areias está arreitada. Imagine que ha quinze anos não aparece nenhum circo por aqui. O meu comendador da Ordem da Rosa anda de olho aceso. Ao almoço (sou o unico hospede do seu hotel) foi espiar se a dona Maria (a esposa) não estava escutando atrás da porta e me disse, com quinze anos de concupiscencia encruada no olho lascivo: "A moça do trapezio, sen doutor, tem umas coxas assim!" — e fez um grande tamanho no ar com os indicadores e polegares em curva e os outros dedos fechados.

LOBATO.

Uma coisa que ando para perguntar: tens sogra? Eu vou ter. Como o casamento nos aumenta!...

Taubaté, 1907

Rangel:

Seguem umas tantas cartas dela, da incomparavel, para que palidamente avalies que fina criatura é. Suas cartas,

seus modos e sentimentos, tudo são penugens, arminhos. Perfeita concordancia do moral com o fisico. Normalissima. Para uma coisa te chamo a atenção; o seu modo de grifar certas palavras. Não grifa brutalmente, com um traço em baixo, e sim com um breve e timido hifen, nuancando assim o grifo, dando cambiantes á intenção. Cartas, como verás, ao correr da pena, sem esta nossa imbecil preocupação literaria.

Mandei-te *O Filho Prodigio* de Hall Caine, com uma carta bastante comprida. Chegou?

Recomendações a D. B., á qual desejo um figado mais ordeiro.

LOBATO.

Areias, 31,7,907.

Rangel:

O que propões é simplesmente fazer a dois o que ha muito fazes sozinho; mas em má porta bates, amigo, porque o Lobato já desistiu de immortalizar o Helio Bruma, já desertou a falange beletриста — morreu antes de ter nascido. Isso não quer dizer que não aceite a proposta, mas o faz a frio, sem “sentir crepitar na alma o precioso fogo dos grandes entusiasmos e das grandes fês”. Você, sim, não tem o direito de arrefecer, já que sente o fogo nas tripas e em grau creador. O volume de contos o prova. Ha-os lá admiraveis, maupassanescos — embora a forma de todos, sem exceção, seja réles. E porisso mesmo mais os admiro, porque estão nús do encanto da forma bem trabalhada e perfeita. Borrões, vê-se — mas que magnificos borrões! E aprecio-os tanto que em varios deles vou assinalar o que me parece defeito de observação e forma.

A historia do cachorrinho sugere-me coisa semelhante de Maeterlinck. O final de *Ultimas Disposições* está otimo; o “Eram as más companhias”, da historia da velha e do menino (final), provocou-me grandes invejas; o *Destacamento*, o *Corvo Manso*, todos onde a vida está berrando em letra de

forma, otimos! Quanto ás paginas fotograficas, por que perder tempo com isso? Ha-as nos Goncourts inumeras. que o leitor pula, e faz muito bem, porque cenario com pretensão a *premier rôle* não é bem arte. E duvidando do meu senso critico passei os teus contos ao Julio (o meu Eugenio daqui), o qual gostou tanto que, havendo lido os marcados com cruz e entregue o caderno, voltou hoje para busca-lo "afim de ler o resto" — com saudades já do *modus faciendi* rangelesco.

No teu caso eu me dedicaria exclusivamente ao conto e os ia aperfeiçoando sempre; e muito naturalmente viria mais tarde o romance, sem forçar o temperamento — como veio ao Maupassant e ao Eça. O romance é um conto de 300 paginas e mais engalhado — e só ergue 100 quilos de peso quem durante anos se treinou em suspender halteres de 10. Que pressa a tua em saltar para o romance? Dizes que desanimaste no n.º 4. Põe-no de parte, homem, e apegate aos 10 quilos. E lança ao publico um livro de contos o ano que vem. O maior estimulo para fazer um segundo filho é já ter bem lepidido o primogenito.

Li esta semana o primeiro romance do Malheiro Dias, *A Mulata*, um livro horrivel. pesadelo enojante. Não ha claros ali, tudo escuro — e toda arte é um claro-escuro. Nem um só personagem bom, decente, que escove os dentes — só crapulas. Não ha cantinho de luz. Dá a sensação de bordel de janelas pregadas, onde tudo são mofo e fedores suspeitos. Ao terminar a leitura, o leitor corre á janela para ver se ainda ha ceu no mundo, e ar — morto de saudades desses tres preciosos elementos que o autor esqueceu de botar no livro. E veja os seus ultimos romances, que diferença!

Outro que me anda enchendo as medidas é a Julia Lopes — uma extraordinaria mulher. Contos maravilhosos, unicos em nossa literatura. Conhece-os?

O meu conto gorou — não tenho animo de tenta-lo: a desordem nos *ménages*, á passagem num lugarejo, como este aqui ou esse aí, duma estrela de "escavalinhos" — mulher cujas pernas dentro do *maillot* se preluzem admiraveis e que "ama" bem. Está no casulo. Eu sou uma arvore cheia de casulos pendurados, uns secos, outros em desenvolvimento, outros gorados, outros abertos e já vasio da borboleta. Mas quasi sempre dos mais belos casulos saem as mais feias borboletas. Dum casulo verde, todo estriado de ouro, bellissimo, saiu uma negra mariposa, lerda, mole, incapaz de vôo. De

maneira que me falta a coragem para provocar a eclosão dos demais casulos. Medo de mais mariposas pretas. Contento-me com as crisalidas e dou asas á imaginação para que ela idealize o maravilhoso irisado das asas que *podem* estar lá dentro.

O mesmo acontece com a "ideia" — a tal ideia filosofica. Não a ponho aqui porque seria estragar o casulo.

Estranhei o teu programa. Pois não é o que ha anos, com breves interrupções, vimos nós dois fazendo? Anota-o para mais tarde. Os botanicos agem com um sistema ottimo para os romancistas. Herborizam e classificam — isso antes, *preliminarmente*. Ponha o Fernandes no teu herbario; depois decalque-o.

Reli as minhas cartas que mandaste. Que desordem, que incoerencia, que instabilidade — no papel, na tinta, na letra, nas ideias... Isto me desanima. Quando me virá a cristalização definitiva? Tra-la-á o casamento, com a ordem e o metodo de Purezinha? Talvez, talvez. Tive, Rangel, com a leitura de tais cartas, a sensação de que somos como uma roseira — que, sempre a mesma do nascedouro á morte, varia sempre, varia incessantemente, e nunca dá duas rosas iguais. Embora identicas na essencia, as ideias que temos hoje não se mostram amanhã taisquaisinhas na forma. Falas em teu horror ao passado, mas que é o passado senão *toda a nossa vida*? Tens 25 anos; isso quer dizer que és 25 anos de passado, um decimo milésimo de segundo de presente e um negror de futuro adiante. E não amas ao passado?

Vou logo a S. Paulo e lá poderei comprar os livros que queres. As tuas observações sobre a reforma ortografica são simplesmente ineptas. Onde descobriste eliminação do "p", "t", nos grupos "pt", "tn"? O que houve foi coisa diversa, foi a simples supressão dessas letras quando mudas, isto é, quando inuteis, como em "escripta", "Ignacio". "Inepto" sempre conservará o "p" porque o "p" sôa (sem trocadilho). Lê no *Minarete* um artigo de Helio sobre o assunto — a coisa unica sensata até agora publicada.

Adeus. Parabens a D. Barbara pelo bom comportamento do figado. Lá diz o ditado que o "bom figado á casa paterna torna". Escreve-me. Recebo tuas cartas cheio de alegria.

HELIO.

S. Paulo, 9,8,1907.

Rangel :

Acabo de receber a tua de... (sem data), na qual me pedes que date as minhas; e recebi-a cá na Pauliceia, onde estou desde o começo do mês, com tenção de ficar até o fim. Estive com toda a cainçalha, menos Tito e Beccari. Ricardo parte para a Italia a 14 e despede-se da vida paulistana, sempre rodeado duma caterva reverente. Raul anda num roupão côr de estopa e calças boca de sino; paletó até os joelhos e chapéu espanhol. O Indalecio produziu essa caricatura que vai. Divina, hein? O Raul velho! Devolva-a. Pertence ao meu museu de curiosidades.

Vi o Nogueira mas não lhe vi as ideias. E também o Lino, o Pinheiro todo brumeliano, o Sampaio Freire, etc. Informei-os de tuas atividades. Insisto sobretudo no teu grego. Lecionas grego e lêes Aristofanes no original. Se não é verdade, caluda! Nunca me desmintas, porque é *ad majorem Dei gloriam*. Fiz tremenda propaganda dos teus ultimos trabalhos, mormente os contos. Pus-te na cabeça deles como um semideus.

E quanto aos contos, tenho ainda a te dizer que achei excelentes as historias das crianças, e das bonecas, e a do esconjuro — todas merecedoras de publicada, como diria o Nogueira. O que achas dos autores com os quais travamos conhecimento é o que se dá com as amizades pessoais. Quando topamos um amigo novo e com ele nos abrimos, não abrimos coisa nenhuma — tudo é reserva e vaga hostilidade. Só depois, quando o convívio desfaz esse velho sentimento do *hospes hostes*, é que começamos a conhecer o prazer da amizade. Por que tanto nos encantamos com Daudet? Porque é o nosso amigo literario mais velho — précenacular ainda.

Ando com um projeto magnifico que depois exporei: um romance admiravel de simplicidade e emoção. E não vai sair de nenhum dos meus casulos. Rebentou repentinamente em meu cerebro, já feito e completo. Estou sem tempo de mais. Adeus.

LOBATO.

Areias, 31,8,1907.

Meu caro Rangel:

Em Areias — cheguei ontem — reenceto a velha prosa, mas faço-o enervado por um livro de genio, o *Crime e Castigo* de Dostoiewsky. Que coisa grande e informe é a literatna russa!... Dum livro francês sai-se como dum salão galante onde todos fazem filosofia amavel e chocam-se adulterios. Dum livro inglês sai-se como dum garden-party onde ha misses vestidas de branco, zero peito e olhos de volubilis da bem azul. Dum livro alemão (alemão moderno, porque nos grandes antigos não é assim) sai-se contente — o inconciente contentamento do latino vicioso — contente com a brutal paspalhice do tenente Müller, com a arrogancia do feld-marchal von Bock, com a suficiencia feliz do Comandante Blatendorff, com o inapreensivel chiste das graçolas do major Frechutsbergen, com a inenarravel inocencia do anspeçada Kurtgraft — contente com o sorriso das Gretchens coradas de touca e carrinho nos jardins cheios de soldados em folga, contente com a dona de casa que faz bolos côr de chocolate; contente com as meninas em idade de namoro que discutem pontos de higiene e comem salsichas com mostarda. Do alto da sua ultra requintada corrupção de raça faisandée o latino sorri contente de todas as manifestações alemãs, sempre higienicas, scientificas, gordurosas. Mas sair dum livro russo é sair dum pesadelo!

Não mais impressão ceptica ou finamente agradavel, nem higienicamente scientifica — mas a formidavel impressão de quem põe o dedo na maquina infernal do Futuro. É tudo muito grande, desconforme, assimetrico, brontosaurico... Amedronta, esmaga. Exorbita do quadro comum das nossas concepçõesinhas caseiras de latinos.

Uma simples prisão na Russia é a Siberia. Uma simples menina é Sonia Perowskaia, é Annouchka. Um Ricardo Gonçalves lá é nihilista e já explodiu um tzar. Um general de brigada, um simples general de brigada, é Tropoff. Um chefe de estado, essa coisa tão simples, é o Tzar onipotente. Uma estação do ano, uma simples estação do ano, é o inverno de 1813, com os 600 mil homens de Napoleão congelados. Um

simples prefeito é Rostopchine — e põe fogo em Moscou. Um padre, um simples padre Gazineu, é o pope Gapone. Um camponês, um simples “caboclo da roça”, é um mujik com cincoenta mil piolhos na barba — e que piolhos! Um soldado, um simples soldado como os do destacamento de Areias, é um coosaco do Don — huno! Um crêdo, qualquer coisa como a religião que o Nogueira queria fundar no Braz, é o Nihilismo — e dinamita o Tzar Alexandre! Um motim de rua, um “fécha” popular, é o massacre da perspectiva de Newsky!...

A França é um velho jardim classico. A Inglaterra é um gramado lindo. A Alemanha é uma horta científica e adubada com pós quimicos, bostas sinteticas, urinas duma Werke. A Russia é a Grande Esterqueira onde fermenta o Futuro — os futuros valores, os futuros pensamentos, os futuros moldes sociais, as futuras normas de tudo. Toda a literatura russa me dá a impressão disso. Creio que é um dos livros de Turguenef que termina falando simbolicamente na *terra negra*. E’ isso. A Russia é a Terra Negra da Humanidade.

Não te posso dizer nada sobre *Crime e Castigo* porque não ha falar de coisas grandes com meios pequenos — com estas pulgas gloticas que são as “palavras em lingua portugueza”, esse produtinho lá de Portugal, onde tambem fazem tamancos e palitos. A nossa analise está aparelhada com medidas francesas, decimais — um sistemazinho decimal de ideias. Não pode, pois, não tem jeito, não consegue dar ideia das coisas russas. Quando leio as outras literaturas, eu sinto isto e aquilo — sentimentos analisaveis e classificaveis. Quando leio os russos, eu pressinto. *Guerra e Paz!*... *Crime e Castigo!* *Casa dos Mortos!* Gorki — Gogol — Turguenef — todos...

Passei agosto em S. Paulo e não digo fazendo o que porque não me compreenderias. Nós só nos compreendemos (ou fingimos compreensão) quando, *bras dessous, bras dessus*, passeamos pelas aleias remansosas do sibaritismo literario. Fora daí somos um para o outro a charada viva que um homem é sempre para outro homem. Nada te digo, pois, deste meu agosto d’aquí. Mas conto que o Ricardo lá se foi correr longes terras. Italia! Houve um botafora tremendo. As cabeças esquentaram-se no bar do navio e veio o “fécha”. Quasi tiro. Quasi faca. Mas só correu cerveja e whiskey. Não, estive lá. Contaram-me.

Quanta coisa nova! Coisas otimas do Beccari. Mas não cabem aqui. O papel chegou ao fim.

Adeus.

LOBATO.

Areias, 22,9,1907.

Rangel:

De um ano para cá tenho acompanhado o movimento literario da França de hoje e me parece que não decai do anterior — tão nosso conhecido, com Zola, Daudet, Goncourt, Flaubert; e hoje te mando um volume do Tristan Bernard, pequena obra prima de psicologia espiritiosa, com muitas semelhanças com teu estilo e alguns personagens evidentemente furtados dos teus borrões. Nascido em França, serias o proprio Tristan Bernard. Lê e julga.

Dos autores que venho lendo e acho que posso recomendar. tenho como o mais paradoxalmente fino o requintadissimo Marcel Prévost, nas *Lettres de Femmes* (3 vols), *Lettres à Francoise*, *Jardin Secret*, etc. Abel Hermant ironiza com muita superioridade em *Les Transatlantiques* (americanos em Paris), em *Confession d'un Homme d'Aujourd'hui*, em *La Carrière* (costumes da diplomacia) — são os que tenho aqui. E Anatole? Esse você sabe. Abafa tudo. Ha Paul Hervieu e Henri Lavedan na comedia. Henri Bernstein é um Shakespeare *up to date*. *La Raffale*, *Le Bercail*. *Todo coup de foudres*. Maurice Barrès, limpido como um cristal. Léon Frapié. Pierre Weber. Na poesia graúda, Verhaeren — o homem que associou ao polvo as grandes cidades. Quando alguém pronunciar perto de você esse horrivel nome, boceje enfasiado e murmure “Cidades Tentaculares” — e haverá arregalamento de olho. Nunca deixes de associar tentaculos ao nome de Verhaeren, porque desmoraliza.

Informe-me com segurança do que sabes do *Livro da Jungle* pertencente ao Albino, que o reclama a berros. Anda aí?

LOBATO.

Areias, 3,10,1907.

R.

Tua carta trouxe-me uma suspeita horrível. Teria ele mexido no pacote? Que imprudencia a minha! Esqueci-me de que a correspondencia daqui dá volta por S. Paulo. Mas será dele a letra do — “porque contem carta”? Fico sem saber o que pensar.

Tua ideia é absurda. Todas as tuas ideias são absurdas. Só tens ideias absurdas. O tal projeto nem se comenta, e duvido sequer que tentes realiza-lo. É tão absurdo como essa vida que levas, explorado pelo Fernandes, a te esfalfares nc ensinar meninos. A profissão do pedagogo é coisa para anal-fabetos. Um homem de algum valor só deve ensinar a si proprio — o mais é perder tempo e burrificar aos outros e a si mesmo.

O que tens a fazer é arranjar uma promotoria aqui em S. Paulo, na Terra Roxa. Enriqueces num apice. O meu antecessor cá na promotoria de Areias nunca foi outra coisa senão isso — e já tem 70 contos honestamente ganhos e bem empatados.

Tenho lido uns versos maravilhosos do Sampaio Freire, aquele grandalhudo e caladão. Veja esse soneto que mando. Só em Bilac e Alberto encontrarás dois tercetos assim.

Tu aturas o Torres Bernardo! Dispara com ele, homem, mete-o num conto. Meu sistema é esse: empalho meus odios. Manda-me uma carta desse desastrado. Sabes que o conheço? Pessoalmente não, mas através duma prima que em Caldas se apaixonou por ele ou viceversa. Um homem que provoca paixão em minha prima ou por ela se apaixona, deve ser intellectualmente menos que tipo 9 — quasi “escolha”. A prima dizia “Adoro-lhe o talento”. Quando certas mulheres descobrem talento num freguês, o caso é dos irrecorríveis.

LOBATO.

Areias, 18,11,1907.

Rangel:

Finalmente desembuchaste. Tua derrota estava prevista. O boletim postal telegrafico mentia como um boletim de Na-

poleão. A tua vitória reduz-se a uma batalha de Leipzig. Qual, Rangel, não poderás nunca enfrentar o Fernandes. Ele conhece os homens e a vida, e tu só conheces os livros. E isso é de tremenda importancia, porque o Fernandes não é um — é toda uma classe, é a classe detentora da Força, do Poder, da Riqueza. É o *Vincitore*, a Mão que Distribue, a Vontade que Manda, o eterno Senhor que em Roma tinha escravos nubios, na Europa feudal tinha servos da gleba, no Brasil monarchia tinha negro do eito e hoje, aqui e em toda parte, tem Rangeis...

Rangel, Rangel: é preciso que te bandeies para o lado em que esse Fernandes está, isto é, para a Boleia. A vida é um carro; dentro vão os cultores do *dolce far niente* da riqueza ou do diletantismo, o que herdou e consagra toda a atividade á Arte de Bem Comer os Juros; ou os contemplativos, os vagabundos mentais, os artistas. Na boleia vão os que nasceram com a sêde e vocação do mando, os *meneurs*, os gritadores, os meridionais, os voluntariosos. E na canga vai a turba inumeravel dos que puxam o carro, suam, gemem e levam rebenque. É preciso que te encoscores de audacia e venças o Fernandes — agora, na forma atual fernandesca que ele tem; e que o venças mais tarde sob todas as formas diversas sob as quais Fernandes, o irreductivel e eterno, se apresente diante de ti. Assim pularás para dentro do carro.

Vencer é sempre bom, mesmo que a vitória seja uma porcaria. Hontem gosei as delicias duma vitória, numa causa que me veio logo depois que estiveste aqui e que era acompanhada com grande interesse por toda a população — porque aqui o negocio de um é negocio de todos. Esmaguei literalmente a pretensão do Autor, cujo advogado é o C. Uma delicia.

Caso-me a 1.º de janeiro, passo esse mês em Taubaté, Santos ou Rio e depois sigo com a Promotora para a promotoria que for a minha, pois acho que vou ser promovido.

O Capistrano é um tipo que merece o banho de fixagem da tua arte de contar. Espero ve-lo breve no *Minarete*.

Pelos progressos no vestir — que é o estilo do corpo — parabens. Um homem mal vestido é um escritor sem estilo, especie de Silvio Romero. Tanta ideia tem ele, tanto valor, mas aquele indecoroso desalinhavado na maneira de expressar-se faz que todos o evitem.

Faço progressos no inglês. Li todo um livrão — 600 paginas: Robertson, *Discovery and Conquest of America*. Hernan Cortés é um soberbo tipo de bandido!

Mudei-me de casa e de pensão, farto e refarto das amabilidades de Ismael o Comercial. Estou sozinho num casarão com dez janelas para a rua. Sozinho, eu e os ratos do forro. Ninguém aqui me faz amabilidades — oh delicias!

LOBATO.

Areias, 7,12,07.

Rangel:

Li dum trago o teu N.º 5. O maior elogio que se pode fazer a um romance é esse. Embora com as falhas naturais dum borrão, os tipos parecem-me estupendamente observados e vivos. A sujeira da Clara anteposta á idealização angelical em que a vê Licínio está ótima. O tipo de Noemia, uma joia — pena que se demore tão pouco no palco. O episodio de Rufina e o de Sinh'Anão, ótimos, estupendos! A cena da macho-femea passando pela casa do doutor quando Licínio conversa com a velha, está de “não mexer mais ali”. A mulatinha safada é tipo de ficar, caso publiques esse capitulo de romance. Eu o considero a primeira parte dum romance de tres. As 80 e tantas folhas manuscritas darão as 100 primeiras paginas dum Eugene Fasquelle de 350, capa amarela. Maravilhosamente apanha você a vida de provincia e poderá, se não parar no caminho, tornar-se o Balzac da vida mineira — que ha de ser a mesma vida do país todo. Acho que em vez do n.º 6 você deve escrever a 2.ª parte do n.º 5. E depois, a 3.ª. Dá um romance mais retratante do que somos do que nenhum outro.

Ha, não resta duvida, tipos de mais, filhos demais na familia do doutor. Licínio está desigual. No começo da historia era um; do meio para o fim foi variando e virando você — esse você que você julga ser. A dona Rita, a velha apenas tolerada que ninguem atende! Mas é isso mesmo!

Eu lia o *Dorian Gray* do Oscar Wilde quando me chegou o teu romance. Wilde devia ter a tua idade quando escreveu aquilo — o seu unico romance. Vê-se que é o primeiro. Tem todos os belos defeitos — defeitos de excesso — duma estreia. Comparei-o com o teu. Radicalmente diversos; não opostos, mas polares, e enchi-me da mais solida confiança no teu futuro. Da sementeira do Cenaculo és a unica semente que vai dar coisa.

LOBATO.

1908

S. Paulo, 3,1,1908.

Rangel:

Os sorteados vão preencher o quadro do exercito que é de 20.000 e só tem hoje 15.000. De maneira que o país inteiro só terá de fornecer um contingente de 5.000 por ano; e como nos 25 milhões que somos metade é macha e desta metade só uns 3 milhões são sorteaveis (caso todos sejam alistados), resulta que só será sorteado 1/6%, se não me engana a aritmetica. Como vês, ha muito poucas possibilidades de termos de pegar no pau-furado por determinação da Sorte. A tua ideia do voluntariado é otima e estou pronto para adota-la — com a condição de fazermos o serviço juntos.

Que otimo se pudessemos nos engajar um ano como marinhairo, outro como soldado, outro como garçon de café, outro como cocheiro de tilburi — e assim vivermos nesses pitorescos e variados ambientes, vendo novas facetas da vida, em vez de nos estiolarmos com a fixidez num ponto da terra toda a vida, existindo mais que vivendo. Haverá nada mais sem sabor, mais agua — incolor, inodora, insipida — que a nossa vida actual, a minha aqui, a tua aí, especie de duas ostras gravitantes, você em redor do eterno Zé Fernandes, eu aqui com o meu sistemazinho planetario? Infelizmente o matrimonio é tambem coisa que não sabemos: ancora! Peou-nos a nós ambos a locomoção.

Escreveu-te a Julia Lopes? Isso é serio. Quero ver. Arre, que não estou sozinho no trombeteamento do teu valor.

Nogueira... Aquilo tudo que te diz é puramente attitude. O Nogueira vai mas é dar um marido otimo, archi-perfeito, incapaz do menor arranhão no codigo marital. Cão que late não comete adulterio. Nunca acredite nas coisas que o papel recebe quando é uma attitude que empunha a pena. Nogueira se julga um Gilles de Rais, um marquês de Sade — mas é tão

inocente como bala de goma. Como também nós dois, Rangel. Somos dois inofensivos. Somos todos inofensivos no Cenaculo. Não conseguimos nem ao menos matar o Macuco.

Estou lendo *Dom Casmurro*. Já notaste como o Machado do *Esaú e Jacob*, pelo fato de muito requintar o seu *modus*, prejudicou a obra e obscureceu-a? Machado de Assis tem tres fases: uma romantica (*Helena, Yayá Garcia*, etc.), insignificante como o que mais o seja — ilegivel; outra, a fase do *optimum* absoluto, onde surge a sua maneira famosa — *Braz Cubas, Dom Casmurro, Quincas*. E outra, a ultima, começada com *Esaú e Jacob*, em que sua maneira passa alem do *optimum* e entra a degenerar.

Ando a ler uns livros do Pinheiro, que os tem otimos e sempre bem encadernados. Ha lá poetas de topete — Verlaine, Baudelaire, Gautier, Eugenio de Castro. Ele afirmou-me que os lê — de vez em quando. Este “de vez em quando” veio em consequencia dum esboço de cara de duvida que sem querer eu fiz.

LOBATO.

Areias, 3,2,908.

Rangel:

É provavel que já me tenhas incluído entre os amigos de cruzinha na frente, e me suponhas lá pelo Lethes a disputar com Caronte. Erro. Estou mas é em Areias e a ler Homero. Só agora, neste interregno de 50 dias que me separam do casamento, e reentrado nesta calmaria absoluta de Areias, é que tive oportunidade e *mood* de enfrentar o incomparavel Homero — e lavo a alma das feias impressões do mundo moderno com este desfile sem fim de creaturas “belas como os deuses imortais”.

Que diferença de mundos! Na Grecia, a beleza; aqui, a disformidade. Aquiles lá; Quasimodo aqui. Esteticamente, que desastre foi o cristianismo com a sua insistente cultura do feio!

Estive uns dias no Rio. Que contra-Grecia é o Rio! O mulatismo dizem que traz dessoramento do carater. Dizem que a mestiçagem liquefaz essa cristalização racial que é o carater e dá uns produtos instáveis. Isso no moral — e no fisico, que feiura! Num desfile, á tarde, pela horrivel rua Marechal Floriano, da gente que volta para os suburbios, perpassam todas as degenerescencias, todas as formas e má-formas humanas — todas, menos a normal. Os negros da Africa, caçados a tiro e trazidos á força para a escravidão, vingaram-se do portuguez da maneira mais terrivel — amulutando-o e liquefazendo-o, dando aquela coisa residual que vem dos suburbios pela manhã e reflue para os suburbios á tarde. E como vão apinhados como sardinhas e ha um desastre por dia, metade daquela gente não tem braço ou não tem uma perna, ou falta-lhes um dedo, ou mostram uma terrivel cicatriz na cara. “Que foi!” “Desastre da Central.”

Como consertar essa gente? Como sermos gente, no concerto dos povos? Que problemas terriveis o pobre negro da Africa nos creou aqui, na sua inconciente vingança!...

Talvez a salvação venha de S. Paulo e outras zonas que intensamente se injetam de sangue europeu. Os americanos salvaram-se da mestiçagem com a barreira do preconceito racial. Temos tambem aqui essa barreira, mas só em certas classes e certas zonas. No Rio não existe.

Ha tempos assisti em Taubaté a uma cena muito illustrativa do que é essa defesa na America do Norte. Um americano desceu do trem e foi ao restaurante Pereira comer qualquer coisa. Sentou-se e pediu. Nisto entra um guarda-freio de boné na orelha, gaforinha, e senta-se-lhe ao pé. O americano ergue-se de impulso, atira a cadeira e some-se no trem. O país equiparava-o ao guarda-freio, mas ele não aceitava o presente. Filosoficamente me parece horrivel isto — mas certo do ponto de vista racial.

A razão do meu silencio está no meu andejismo. Em janeiro fiz mais de 2 mil quilometros de trem, cavallo e navio. Andei mais que Telemaco e se não encontrei Ulisses foi apenas porque o não procurei. O melhor desses passeios foi uma saída fora da barra a bordo do “Saturno”, no dia da partida da esquadra americana. Primeiro vimo-la sair, do “Saturno” parado perto da fortaleza de Vilegaignon; depois fomos atrás por umas trinta milhas. Tivemos mar calmo, mar grosso, ventania e chuva — uma bela exhibição de amostras.

E o "avança" que houve a bordo, na hora do lanche? Coisa inconcebível. Toda aquela gente fôra convidada, e claro que era o que se chama aqui "gente fina". Na hora de comer comportaram-se como cães famintos que se atiram contra um montão de bofes. O carioca ri-se e diz: "É o avança"... Isso de educação coletiva, só a vejo na pobre gente da roça. Na "gente fina" do Rio de Janeiro não existe nenhuma...

Sabe de alguma tradução de Homero em português? Leio na de Lecomte.

LOBATO.

Areias, 25,2,1908.

Rangel:

Chegou-me o Restif de la Bretonne com um bilheteinho. Pouco tempo antes, no cartorio do Julio, do qual havia eu recebido uns Maupassants, passamos muito naturalmente de Maupassant para o Rangel. E recordamos *O Destacamento*. Mas leio o bilhete e lá vejo o desanimo e outras atitudes. Estás proibido de te julgares. És suspeito. Isso compete a nós de fora. Toca a escrever e amontoar.

Este mês de fevereiro foi o meu mês de Homero. Li a *Iliada* e a *Odisseia*. Estou recheado de formas gregas, bebedo de beleza apolinea. Maravilhoso cinema, Homero! Gostei muito mais da *Odisseia*. A *Iliada* peca pelo inevitavel monotono do tema — a guerra, ou, antes, o combate. De começo a fim, gregos e troianos a morrerem como insetos, enquanto lá no Olimpo os divinos pandegos puxam os cordeis e intrigam. Diomedes, Ajax, Aquiles, Heitor, Sarpedon racham cranios estripam ventres, fendem ombros, decepam cabeças, amolgam capacetes, rompem escudos, tomados duma horrivel bebedeira de sangue. Aquiles é uma beleza. Paris, outra, mas de outro genero. Já na *Odisseia* o assunto é caleidoscopico e sempre empolgante. Lê-se tudo aquilo como um romance de Maupassant. Penelope é ótima. Ulisses, um divino pirata. A descida aos infernos, aos "campos de asfodelos", deixa ver a origem da *Divina Comedia*.

Finda a leitura, pus-me a pensar no quanto Homero influenciou e influencia ainda hoje o pensamento ocidental. Na linguagem corrente, quanto Homero, meu Deus! "Fulano é o meu mentor", "o teu calcanhar de Aquiles", "astuto como Ulisses", a "teia de Penelope", os "encantamentos de Circe" "entre Sila e Caribdes".

Estou agora ás voltas com a *Eneida* — mas, pelo que já li, Virgilio está para Homero como o jornalista está para o escritor.

Pelo Carnaval vou a S. Paulo com 3 meses de licença. A 28 me caso. Depois, não sei para onde — talvez Santos, S. Vicente, um mar qualquer, e de lá te escreverei.

Alternei aquarelas com Homero — e aqui seguem duas Adeus.

LOBATO.

S. Paulo, 10,4,1908.

Rangel:

A causa do prolongado silencio é outra que não a suposta. Casei-me a 28, e os dias anteriores ao casamento passei-os aqui em S. Paulo, atrapalhado com as mil coisas concernentes; e depois de casado fui luademelar á beira do oceano, em Santos, Zé Menino. Mas lá, um belo dia, ás 3 da tarde, quando tomavamos banho e brincavamos nas ondas como dois peixes nupciais, eis que pisamos num molusco venenosissimo. Senti aquela moleza. Logo depois sobreveiu um queimor na pele da sola; e veio uma comichão continua e por fim rebentou a infecção — purulenta e dolorosa. E isso em nossos quatro pés. — os dois meus e os dois de Purezinha.

Tocamos para S. Paulo e fomos para a cama. Um mês de medicinas e de pés em posição horizontal, incapazes de um passo, os dois a gemerem e maldizerem o mar com todos os seus moluscos. Só agora reentramos na posse do nosso direito natural de locomoção, se bem que ainda apoiados em bengalas e tropegamente.

Esse inesperado incidente insulou-me do mundo, desviando-me a atenção dos amigos para fixa-la toda nas bolhas de pús dos pés, que nasciam, cresciam e por fim expluam — com descascamento da pele. E das coisas que eu mais sentia era não poder escrever-te.

Por que? Porque para o Lobato você continua sendo o Rangel de sempre, especie de sosia morador em Minas, unico ouvido que hoje o ouve e unico cerebro que o atura. Porque somos como dois desertores da caravana da vida — dois desertores que abandonaram a estrada larga de Todo Mundo, pela qual seguem os homens taralhando como baitacas, e preferiram seguir por um carreirinho marginal, gosando a delicia de pensar livremente e livremente contar um ao outro o que de melhor os miolos pensaram. Que seremos nós daqui dez anos? Os mesmos de hoje, apenas mais acrescentados com os sedimentos da vida. Somos uma aluvião, Rangel. Uma coluna geologica. Dez, vinte anos — que é isso? Nada. Ha quantos anos somos os mesmos, apenas com mais depositos aluviais? A nossa essencia não muda. Fingimo-nos mudados, mas um exame de consciencia mostra-nos a imutabilidade essencial.

As estações do ano! Cái uma folha, nasce outra. Isso chama-se o perpassar do tempo. Somos como as manchas da pele, as sardas, as pintas; as celulas que as compõem sucedem-se indefinidamente; não temos hoje em nossas pintas uma só celula que lá estivesse alguns anos atrás — mas a pinta continua a mesma. Somos os mesmos. Nem o casamento, que parece um cataclisma geologico, teve força para nos mudar.

Nos dias de reclusão forçada li e reli *A Reliquia*. Que livro! E Fialho d'Almeida (*Lisboa Galante, País das Uvas*) Que charanga! Li tambem alguma coisa de Heine. Que liberdade! Não atende a nada, não tem escola, nem metodo, nem freio nenhum. Liberrimo e lindo. *Atta Troll, Germania, Mar do Norte*. Vou traduzir uns pedaços. E o *Intermezzo? O Livro de Lazaro?* É atico, fino, sutil, novo, original, *primesaut* — mais grego que francês, mais francês que alemão.

Tambem reli a *Campanha Alegre*, parte do *Eça nas Farpas*. É pura troça — mas que troça, que logica tão bem humorada!

Hoje vou ao Alves ver se me vieram os Stendhais. Já te falei de Stendhal? Hei de passa-los a você, depois de lidos. É outro liberrimo, que não atende a coisa nenhuma solidificada em dogmas.

E assim, meu Rangel, vou empurrando a vida, alternando as calmas da vida conjugal com calmas exaltações esteticas. A minha metade encanta-me cada vez mais. É intelligentissima e de tal finura de intuição que ao lado dela minha psiquica se torna pesada como um alemão gordo. Acho que sou perfeitamente feliz porque acertei com a metade certa. Tão felizes que vamos para Areias — aquele horror nos é indifferente.

E você? Ponha-me ao par das novas tiranias do tiranico Zé Fernandes, (17) manda-me mais “numeros” e bota fora essas ideias absurdas de nirvanismo. Nunca nos aproximamos tanto como agora — agora que o meu casamento veio apagar a nossa unica diferenca de vida.

Até fim deste, aqui, rua Santo Amaro 18; de junho em diante, Areias, com escala pelo Rio a ver a Exposição Nacional (o que tambem te aconselho. Podemos ir juntos, os dois casais. Uma semana lá, num hotel a 5\$000 por cabeça. Quatro cabeças, 20\$000.)

Adeus.

LOBATO.

S. Paulo, 10,7,908.

Rangel:

Ha morte em casa. Aproveito para esta cartinha o vacuo que vai do ultimo suspiro ao enterro. Ando em atrazo contigo — mas é que o tempo encurtou-se-me depois que casei. Aquelas horas vagas que em solteiro eu empregava na boemização espiritual, já lendo, já devaneando ou escrevendo, a esposa absorve-as. Quem casa adquire sombra — e sombra é sombra. As mulheres são seres colantes e como fugir aos seus manejos? E depois não querem saber de literaturas — têm ciumes dos livros que lemos, julgam-se lesadas com a meia hora que o marido lhes rouba para cartear com um

(17) Diretor do ginasio em que Rangel lecionava.

amigo. E como são praticas e positivas as mulheres! Como se entendem lá entre si quando é caso de doença, quando ha casamento ou alguém morre! Enfermeiras natas, casamenteiras natas, lidadoras natas de defunto...

Um homem desnorteia-se com o fenomeno morte. Larga-se da realidade presente e medita, inerte. Filósofa, em vez de lavar o defunto. A mulher faz tudo; arranja o morto, veste-o. Sabe qual é a toailete conveniente para a viagem ao Setepés. Sabe que as crianças se transformam em anjinhos e veste-as de cetim branco, com renda de filó e grinalda de flor miuda. (Eu era capaz de vesti-los de setim violeta, sem renda nenhuma e grinalda de rosas amarelas; falta de senso do certo).

A morta da casa é uma cunhadinha — Heloisa — de 7 anos. Vi tudo. Vi a ciencia infusa feminina em ação. Não ha o que não saibam, as danadas. Sabem que se deve pôr nas faces do defunto um lenço embebido em agua de Colonia — “para não pretejar”. Sabem que entre os labios é bom pôr um chumacinho de algodão — “porque pode subir alguma espuma”, etc. E têm toda uma filosofia pratica de grande comodidade, com a qual se consolam e consolam os outros: “Acabou de sofrer; agora é que ela está feliz. Vai para o ceu, lá com Deus.” “Que inveja tenho dela! Quando chegar ao ceu, Deus não achará isto de pecado na coitadinha!” e marcam o “isto” na unha.

Tudo previsto, determinado, fixo. Enquanto o homem engasga-se com filosofias e oscila de Büchner a Pascal, elas praticam com a maior simplicidade d'alma essa filosofia da comodidade chamada Religião. Ingentemente felizes!

Ricardo escreve da Italia uns cartões ardentes de saudades. Candido já chegou e andou por cá uns dias — todo gravatas, todo roupas inglesas e aquele ar de bondosa indulgencia rica para com os bororos. Com ele tambem chegaram uns tantos elegantes, caras conhecidas do Largo do Rosario, metidos em coletes ruidosos, mas zerissimos por dentro. Que nada faz aos espiritos pequenininhos uma viagem pelo Velho Mundo! Nada vêm do que ha lá de excelente — nem os rumos da arte, nem o estuar da ciencia, nem a sororóca da Ordem em vias de desabamento. Ha sempre uma Ordem condenada a naufragar, porque ha sempre uma Ordem Nova Que Vem Vindo. Nada disso eles pescam — mas trazem noticias do

hotel X. "o unico onde se come em Paris" — e do alfaiate Z, "o unico que sabe fazer uma gola" — e da Polaire, a unica uma porção de coisas tudo dum *dernier cri* já do tempo do Pitecantropo Erecto. O Candido, que é o Candido, insignificantiza-se quando está com eles. Vamos ver como volta o Ricardo. Anda em Florença, e baboso.

Adeus. A choradeira está muito grande. Impede-me de continuar.

LOBATO.

Rangel:

Ha tempos que ando para te dizer duma leitura que me pôs esbarrondado. *Lys dans la Vallée*, de Balzac, foi livro que sempre me afugentou por causa do sentimentalismo do titulo, mas agora, em falta de titulo de maior sugestão, fui-me a ele — e dele sai como quem sai dum mundo novo. Conheces Balzac? Se não leste o *Lys* posso afirmar que não, porque é ali que Balzac assume as proporções desmarcadas dum Shakespeare do romance. A principio me soou entediante e falsa a sua maneira de tratar o assunto; mas, breve, reconsiderando e mudando o sistema de ler — lendo-o como o fanatico lê uma enciclica e não como nós lemos um romance, a voar de ideia em ideia dentro do carro do estilo — lendo e pensando, lendo devagar, lendo palavra por palavra, frase por frase, cheguei a ponto de le-lo dum modo novo: ler admirando, ler em extase, ler com espanto, ler bebendo as frases com o terror sagrado da beata que ingere a hostia. Porque Balzac — só agora o percebi — é o Grande Genio da literatura moderna. Compreendes? Balzac é o genio da alma moderna, como Shakespeare foi o genio da alma antiga. Penetrar, como Balzac o fez, no fundo do pensamento moderno, e pôr a nu todas as almas, quem mais que Balzac o fez? Meu entusiasmo é tanto que só tenho um conselho a dar-te: Lê o *Lirio no Vale* e depois varre da tua cabeça o alfabeto, para

que nunca mais nenhum livro venha profanar essa leitura suprema e ultima. Lê o *Lirio*, Rangel, e morre. Lê o *Lirio* e suicida-te, Rangel. Se o não tens aí, posso mandar-te o meu — e junto o revolver.

LOBATO.

S. Paulo, 4-8-908.

Rangel:

Espero "Creaturas". Temos jornal. Tito assumiu a redação da *Tribuna* de Santos, com 700 por mês. Promete "pagar" a minha colaboração. Havemos todos de mamar na vaca. Aceito o convite para o "erckmanchatrianismo", mas para quando deixar S. Paulo e voltar ao sossego de Areias. Setembro. Ricardo chega amanhã. Adeus.

LOBATO.

Areias, 27,8,908.

Rangel:

Convite para uma boa maluquice. Aqui de Areias descortina-se um gigantesco amontanhamento de 3 mil metros de altitude maxima — as Agulhas Negras, azulissimas vistas de longe. Que tal galga-las para berrar lá de cima o nosso hino do Minarete,

Dé brin, dé bran
Cabussaran
Dou fenestron
dou Minaron
Dedins lou Paraiba

que lá em baixo, como serpentina de prata, corre entre S. Paulo, Minas e Rio? Pois esse projeto evoluiu e está a ponto de fazer-se realidade. A expedição apresta-se. Alpenstocks

cordas, guias e burros. Galgar o nosso Everest!... Já somos sete — um geologo, um fotografo, um Paganel, um Bom-pard, um botanico... Faltava o cronista: indiquei você, já famoso com o *De S. Paulo ao Guarujá*.

Tudo marcado para fins de abril ou meios de maio. Os que já lá estiveram derramam-se em "ohs!" do Raul. Dizem que ha no cume lagos de agua distilada, em concavos de pedra pura — lagos com a superficie congelada, côr de prata nova. E efeitos de luz inesqueciveis. Tudo a zero e abaixo de zero — 12°. E neves eternas (só durante o mês de junho). E para nós, os sublimes estetas, imagine quantas coisas mais! Estou cheio de entusiasmos.

Resolve e escreve.

LOBATO.

Areias, 15,9,1908.

Rangel:

Temos velhas contas a justar. No bilhete em que declinas do cargo de cronista da Ascensão, ha isto: "Não pude ler o *Sur la Pierre Blanche!*"

"*Não pude*". Impossibilidade material, como olho furado? Proibição da policia? Ou não pudeste ler por inferioridade da obra, ilegibilidade do Anatole France?

Não podendo tomar o "não pude" no primeiro caso, tomei-o no segundo — e sinceramente desejei que Hercules resuscitasse para fazer em teu cerebro o que fez nas cavaliças de Augias.

O pobre Anatole nasce com fortes aptidões filosoficas e esteticas; educa-se laboriosamente durante 50 anos de vida europeia; afinal, apura, lapida, as qualidades ingenitas de pensador e artista da expressão; consegue atingir a meta suprema — varios Everests ainda não atingidos, entre eles o de "associar ás verdades extensas da Ciencia ás verdades profundas da Poesia"; escreve o *Le Lys Rouge*, onde bate Dante e Petrarca na descrição do maior amor que jamais existiu; cria um genero em que ele ainda está só, uma arte nova — a de engastar raios de ironia na gema da forma; eleva o Paradoxo

à estratosfera, chega a desvendar o futuro — e ensina à França o Humor. E quando esse homem alcança o zenite e produz *Sur la Pierre Blanche*, onde, na mais cristalina das linguagens, diz todas as altas ideias que embaraçam as pernas dos Silvios Romeros — diz ideias que são como o sol de certas manhãs de maio — tu, Rangel, tu, pulgão verde da roseira literaria, tu, Silverio dos Reis, tu, queijo de Minas, dizes, com onze letras: “não pude le-lo!...”

Candido escreve-me do Egito, montado num camelo junto à Grande Piramide. Veja a maldade! Dar-nos em cima com tumulos de faraós. Mas o Egito dele é um cenario pintado de fotografo de Paris. Percebe-se.

Não te mando parabens pela entrada na maçonaria. Não ha mais sociedades secretas porque não ha mais o que derubar. Lembra-te da Bucha, na Academia, com todos aqueles panos pretos e caveiras, tibias e cirios? Eu ri-me sem querer. Caveira, tibias: calcareos inofensivos! E contas que lêes Manzoni!... Que estomago, Rangel! Manzoni é polenta cristã demais.

Contes Drôlatiques? Sim, conheço. Balzac é grande em todos os generos — e igualmente o contrario de Flaubert em todos.

Ando vogando em Anatole. Carlyle e Wells — este dum terrível mecanicismo. E tambem ando fazendo alpinismo na Serra da Bocaina — aprendizagem para a nossa projetada ascensão ás Agulhas Negras.

LOBATO.

Areias, 29,9,1908.

Rangel:

Não se aprende, senhor, na fantasia
Sonhando, imaginando ou estudando;
Senão vendo, tratando e pejeando.

Você que já leu o Camões inteiro diga lá se ha nele coisa melhor que esta — mais sabia, mais profunda, mais “pedagogia moderna”. Reduz tudo ao *ver*, *fazer* e *insistir*. Ao ler no livro da vida, em vez de nos de papel. Ao ver com

os nossos olhos, em vez de com os olhos dos outros. Ao pensar com a nossa cabeça, em vez de pensar plagiariamente.

E parece que Camões escreveu esses tres versos para nós dois, Rangel. Nosso mal é que já apuramos o nosso instrumento de expressão, já sabemos jogar um periodo para o ar e ve-lo, qual um gato, cair sobre os quatro pés. Pegamos toda a tecnica do escrever e educamos o nosso senso de observação — mas vivemos embolorados dentro de caixas. Esta Areias é uma caixa e essa tua comarca é outra. Nossas cartas são como o rabinho de rato que Hansel mostrava para a velha feiticeira. Somos a velha feiticeira um do outro. Você estira o rabinho de rato epistolar para que eu veja como está gordo e forte no estilo; eu faço o mesmo. Mas que assuntos, que temas, podem existir dentro de caixas?

Estamos como içás que derrubam as asas e afundam no buraquinho. O destino me deu este buraquinho de Areias e a você deu o de Machado. E invejamos Loti, o homem dos mares e do Japão. E Kipling, o homem todo Indias, todo jungles, todo Himalaias, todo feras. A unica fera daqui é um pobre facadista barato. “Fulano é um fera!” diz o Julinho. E a tua fera na vida, Rangel, o teu Mugger do Mugger Ghat, é o chapadissimo Fernandes...

Somos uns pelicanos, Rangel. Vivemos a arrancar penas, carne e coisas de nós mesmos para que não morram os nossos pobres filhinhos literarios. Os artistas subjetivos que só tiram de si em vez de tirar do mundo que os rodeia, ficam introspectivos em excesso e acabam satisfazendo um publico muito restrito: a si mesmos. Mas os artistas objetivos, os Kiplings, sugestionam e fazem estremecer de emoção grandes plateias — e o aplauso da plateia é o feijão com arroz de todos os artistas.

Casados, sem fortuna, com a coleira e a corrente do “ganhar a vida” presa ao pescoço e metidos na caixa de Hansel e Grettel, de que modo atendermos ao mandamento de Camões, do “vendo, tratando, pelejando?”

LOBATO.

Rangel:

Receba lá os meus pesames pela morte do João Pinheiro. Talvez nem você saiba quem foi esse João Pinheiro. Pois foi o autor das razões do veto contra a lei anti-rabula, e da carta ao chefe de policia a proposito do comparecimento da força publica nas procissões. E ha ainda dele um manifesto politico. Inteirado dessas coisas, a tua ignorancia sobre o João Pinheiro se transformará em veneração. Essas tres peças fizeram-me considera-lo o unico homem em condições de na Presidencia da Republica ser um verdadeiro republicano. Senti mais a sua morte que a do Artur Azevedo. Uma desgraça nunca vem só, diz o povo. Não bastava o desaparecimento de Machado de Assis. Foi-lhe na peugada o Artur Azevedo e agora o João Pinheiro. Seria possivel morrerem quasi ao mesmo tempo tres melhores homens? E houve nisso uma coincidencia. Machado de Assis era Diretor duma secretaria, e por sua morte foi promovido para o lugar o Artur Azevedo. Apareceu na repartição uma vez só. Parece lugar fatal. Tenho medo de que ponham lá o Euclides da Cunha...

Para onde vai você depois do mês de discursos? Sai do collegio? Alguma promotoria?

O Nogueira, o Nogueira...

O *Problema* é uma ideia feliz, se é como eu a compreendi. Mas você ainda não se libertou inteiramente do subjetivismo e já antevejo a resolver o problema, sabe quem?... O Rodrigo...

Ando a remoer uma observação que fiz ha tempos e insisto. A forma perfeita é *magna pars* numa literatura. Não basta a ideia, como a reação contra o classicismo nos fez crer — a nós naturalistas. Ha erro em querer que predomine uma ou outra. É mister que venham de braço dado e em perfeito pé de perfectibilidade. Ha pelo Norte uns escritores de talento que só querem saber da ideia e deixam a forma p'r'ali. Eu tambem já pensei assim — que a ideia era tudo e a forma um pedacinho. Mas apesar de pensar assim, não conseguia ler os de belas ideias embrulhadas em panos sujos.

Por fim me convenci do meu erro e estou a penitenciar-me. Impossível boa expressão duma ideia se não com ótima forma. Sem limpidez, sem asseio de forma, a ideia vem embaciada, como copo mal lavado. E o pobre leitor vai tropeçando — vai dando topadas na má syntaxe, extraviando-se nas obscuridades e impropriedades. E se é um leitor decente, revolta-se com os relaxamentos á Silvio Romero, os pequeninos atentados ao pudor da lingua — e com todas essas revoltas e extravios e topadas perde o fio da ideia e acaba com a sensação do caotico. Acho a lingua uma coisa muito seria. Rangel. Como a nossa mãe mental.

A forma de Silvio Romero e outros nortistas, Rodolfo Teofilo, Manuel Bonfim, etc., lembra-me uma estrada de rodagem sem pavimentação, toda cheia de buracos e pedras, e de difícil caminhar a cavallo — porque ler é ir o pensamento a cavallo na impressão visual e outras. Machado de Assis me dá a ideia duma estrada de macadam onde o nosso cavallo galopa tão maciamente que nem mais atentamos na estrada. Nos outros não tiramos os olhos da estrada, tais os perigos e a burocracia — e como ha de ver a paisagem marginal quem vai de olhos pregados no chão? O mau português mata a maior ideia, e o boa forma até duma imbecilidade faz uma joia.

O “diabolo” já é meu conhecido. Cheguei mesmo a ganhar um 1.º premio lá em S. Paulo, num concurso em familia, com 160 diaboladas sucessivas. E’ jogo interessante no começo, enquanto a gente progride. Depois monotoniza-se e enjoa. Ficamos tão habéis que lançavamos o diabolo a grande altura.

O Tito tem faro de perdigueiro. Depois que descobriu o plagio daquele senador Abranches, entregou-se ao esporte — e diz que está na pista de outros plagios ainda mais lindos.

Ando perdendo o gosto pela leitura e ganhando ultragosto pela carpinteiragem, pela horta e outras coisas manuais. Enchi-me de ferramentas e passo as horas fazendo jardineiras, mesas toscas, divãs estofados, molduras para quadros. Tambem pinto muito. Aquarelas como sempre. A razão de preferir a aquarela ao oleo é que com este sujo-me todo, inclusive a ponta do nariz. Vou mandar-te um mar.

Vivo aqui entre montanhas e pois muito sem horizontes — e sempre com grandes saudades dos horizontes marinhos. E pinto mar como derivativo. Invento mares, aquarelas de mar, com bases em pequenos estudos feitos no Guarujá. Invento mares para sentir o horizonte. O horizonte faz bem á alma. E quanto a escrever, nada de nada de nada. Só estas cartas, de quando em quando.

LOBATO.

Areias, 2,12,1908.

Rangel:

Estou tão endividado com você que já não me animo a fazer as contas. Vamos fechar a conta velha e abrir nova, com a entrada de 1909. Ando cheio de curiosidades — da tua nova vida, da tua nova profissão; e se não fossem estas raízes do casamento, em vez de escrever ia ver-te. Ver-te Juiz! Ver-te Meritissimo! Conheço-te sob todos os outros lados, menos esse — Juiz, Magistrado! O homem que rabisca nas petições o “Como requer” — e fatalmente o fazes piscando tres vezes. E usas oculos nessas solenidades, Juiz! Toga? A cabeleira dos ingleses — wig? Engraçados, os ingleses. *Justice* é ao mesmo tempo *justiça* e *juiz*.

Quanto a essa tua comarca do Machado, sei por informação que é um seiozinho de Abraão, mas com um grave defeito: não se ouve aí apito de trem. Eu divido o mundo em duas partes: a onde se ouve apito de trem e a onde não se ouve apito de trem. Uma é o inferno, outra é o ceu. Porque quando o trem apita temos uma sensação de ave com asas; e se não ha apito de trem, a nossa sensação é de prego fincado na parede. Esta minha Areias seria um areal monazítico, se um trem apitasse por cá. Mas temos que ir a Queluz — tres leguas em horrivel lombo de sendeiro — para nos regalarmos com o som do apito — o apito que anuncia S. Paulo, o Rio, a Europa, todas as tentações do mundo. E nós dois, senhor Juiz, metidos em comarcas sem apito! E quem tira os 500

contos é aquele sordido escriturario da alfandega — leu? Senti-me roubado. Aqueles 500 contos eram nossos. Eram as nossas asas, as nossas pernas. Para que quer ele essas asas e pernas, se mora no Rio, terra onde o trem apita? Evidentemente a Sorte é irmã da Justiça — tem a cegueira das minhocas.

As cartas do Edgard Jordão são preciosas para quem lhe conhece os antecedentes. Edgard é a maior vitima da boniteza. Se nascesse feio como eu ou careteiro como você, era provavel que fizesse a figura dum corisco nos ceus da literatura nacional. Mas como, se a boniteza não deixa?

Para neutralizar esta Areias sem apito tomei uma assinatura do *Weekly Times*, de Londres — edição semanal em que vem os melhores artigos do *The Times* diario, o grande, o velho, o tremendo *Times* de Londres — e com os pés na grade da sacada injeto-me de inglês, de pensamento inglês, de politica inglesa, enquanto pela rua passam os bipedes que vão mexer a panelinha da politica local na farmacia do Quindó, meu visinho. E tenho lido exclusivamente em inglês. O francês anda a me engulhar todas as tripas. Como cansa aquela eterna historinha dum homem que pegou a mulher do outro — como se a vida fosse só, só, só isso! A literatura inglesa é muito mais arejada, variada, mais cheia de horizontes, arvores e bichos. Não ha tigres nem elefantes na literatura francesa, e a inglesa é toda uma arca de Noé. Só em Kipling ha material para um tremendo jardim zoologico: Kaa, Baghera, Shere Khan, a macacada... E ha focas e pinguins. Estou lendo *The Water-Witch* de Fenimore Cooper, um Alencar americano, mas sem idealismo.

LOBATO

Areias, 10,12,1908

Rangel:

Magnificas as notas e muito prometedor o livro. Infelizmente a minha colaboração não sai; ando assoberbado de maçadas, que aliás rendem alguma coisa, sobretudo as traduções do inglês. Dito-as da rede e Purezinha escreve, e assim

vai rapido. Este mês deram-me 80\$000. E outra maçada são os preparativos para a ida a S. Paulo. Eis a razão das poucas notas lançadas no caderno, sob as tuas. O assunto é imenso, e novo entre nós. Precisamos reunir muito material. Os "falhos": são eles os autores dessa copiosissima flora cogumelar de jornalecos e revistecas que inunda o país inteiro e é a mesma no Maranhão e na Caçapava riograndense. Precisamos ler e joeirar essas folhas. Eles crearam uma lingua nova, de preguiça de estudar a velha; e erigem idolos novos, e expluem "ideias novas" ou pequeninos abortos que supõem ser ideias. Mas é preciso não perder de vista o Goulart. O Nó Vital do teu romance é ele. Aquela ideia blenorragica da sua ultima "novela" tem que constituir o ponto culminante d'*Os Falhos*.

Sigo nestes cinco dias. Queres os *Bem Casados*? Ainda não pude meter ali o bedelho. Duvido muito da minha colaboração. Ando ôco demais. Temos de discutir o entrecho. Com os valentões poderás fazer um livro profundamente nacional — como o *Cyrano* o é para a França. Tive ha dias uma visão desse livro, que me encantou. Adeus. Estou sem tempo. Em S. Paulo, rua Santo Amaro 18.

LOBATO

1909

S. Paulo, 2,1,1909

Rangel:

Tenho as duas cartas. Não ha duvida que é belo o teu programa e exequível, como o primeiro passo acaba de demonstrar. N'Os *Falhos* poderás fazer nas nossas o que nas letras de França fez Daudet com o *Jack*. Os pêcos, os chochos, as aguias sem asas. Cabem no quadro não só aqueles *ratés* do Braz, que eram a nossa perpetua ogeriza no tempo do Cenaculo, como a propria gente do Cenaculo, pois cada vez mais me convenço de que de todos eles um só não vai falhar: você. Ricardo é positivamente um genio, como aqueles botões de camelia que não se abrem são camelias. Ha um defeito qualquer dentro do Ricardo, e temo que não se limite a "falhar" burocraticamente, como o Macuco, em paz, manso e gordo. Temo que Ricardo falhe ás tragicas. Nunca me hei de esquecer da noite em que eu e o Artur o pilhamos, no Minarete, tentando enforcar-se com a gravata de seda. Ricardo me dá ideia duma creatura que não é deste mundo — caiu cá dum ceu qualquer e não se acostuma. Como poeta, quasi que se limita a se-lo na ação — pouco produz. Fez aquelas palhoças de caipira, tão cheias de saudade, caçou um amarelo papo de tucano, mexeu no *Cyrano de Bergerac*, montou nos *Elefantes* de Lecomte e ainda nisso está, cornaca tradutor, repimpado, com bocejos maiores que um bocejo de proboscida, todo tedio perpetuo, sem animo de descer e caminhar a pé. Conheci um pé de camelia que todos os anos "ameaçava" uma floração tremenda; vinham centenas de botões — e "melavam", ficavam nisso. Todos emboloramos á espera das centenas de camelias do Ricardo — e os botões vão caindo.

Raul é uma bromelia lirica em cima do Ricardo. Raul é um éco. Colhe as coisas que caem da boca do Ricardo, esti-

liza-se e no-las serve no Guarani entre dois chopos. Agora está virando bromelia do Candido. O Lino é um evadido da Convenção Francesa — vai falhar eloquentemente, como o Ricardo promete falhar tragicamente. Albino é o filosofo que fala sozinho na rua; vai falhar em soliloquio e dando de ombros. O Nogueira é o Padre Severiano de Rezende sem batina, sem veia poetica, um Severiano a serio e com olho arregalado de Ezequiel biblico. Vai falhar por excesso de Deus nas tripas. O Edgard Jordão é o eterno pode-ser-que-sim-pode-ser-que-não. Vai falhar por excesso de beleza fisica. Acho o Edgard bonito demais para que dele saia outra coisa senão produtos da beleza fisica. Homens assim acabam roídos pelas mulheres, como os queijos muito gostosos. Tito vai ser o nosso *raté* politico. Preconisa demais a labia propria, exalta demais a sua “perspicacia politica”, pisca muito o olho — e tudo lhe vai saindo ás avessas na vida. O atual hermismo do Tito é o tiro de misericordia que ele está dando no ouvido — pisca e acha que é um suprassumo de esperteza politica. Tenho dele tres cartas que são tres tiros de misericordia. Hermista! O galho hermista do Cenaculo... Candido, o menos ingenuo de nós todos, teve o bom senso de nunca querer ser nada; nasceu rico e foi gastando o dinheiro, como se tivesse a intuição da vida curtinha que teria. Não falhou porque não pretendeu ser nada. Lobato é o *raté* enciclopedico — o que falhou na pintura, vai falhar na literatura, vai falhar nos negocios — vai ser o D’Argenton do grupo, como Purezinha muito bem previu. A unica semente que grelou, brotou, cresce e dará alguma coisa é o Rangel — és tu, infame! traidor do grupo! desertor daquela combinação de fracassos...

E’ com entusiasmo, pois, que penso no teu romance *Os Falhos* e para ele quero contribuir com as minhas notas sobre os fracassos lobatinos, tudo coisas *d’après nature*.

A ideia dos valentões tambem é otima. A dramatização poderá culminar com o episodio que te mando, recortado dum jornal. Luta das crianças com os urubús por causa dum rabo de bacalhau.

Penso tambem, e ando coletando alguma coisa para um livro á Munchausen, de aventuras cinegeticas, como diria o tio do Candido. Mentiras de Caçador. Mas não tenho o teu genio, nem o teu metodo. Minha ação é desordenada, tonta.

Age por impulsos desligados e intervalados — muito ao sabor da veneta. Após um mês de paixão por Camilo — paixão cega e que me tomava os dias inteiros — engulhei, e engulhado estou até agora. Voltei ao desenho. Ha duas semanas não faço outra coisa. Tenho ideia de fundar uma especie de *Le Rire* em S. Paulo e ando a mexer nisso com um primo capaz da financiamento. *A Lua* morre logo — e é uma limpeza. Impossivel lua mais choca, mais mingoante eterna. Acho que se praticar no desenho por um ano inteiro, adquire mão. Desenho é como piano, questão de exercicio. Mas já sei que de um momento para outro tambem me engulho do desenho e então voltarei aos *Bem Casados*. Fora desses impetos intermitentes, não sou capaz de coisa nenhuma.

Seguem os discursos do Ruy aqui em S. Paulo. São catedrais de Chartres, Rangel! E aquele animal do Tito é hermista! Com catedrais destas, só admito o hermismo para os analfabetos e os safados.

LOBATO.

S. Paulo, 5,2,1909.

Rangel:

Não entendi a tua anotação do xadrez. P 2 CRb — *qu'est-ce que. c'est que cà?* Peão na 2.^a casa do Cavalo do Rei branco? Mas se a 2.^a do Cavalo é a casa primitiva do peão! Que cavalo me estás saindo... Mas para não perder tempo, começo eu com as brancas: 1 — P — R4. Mande as jogadas de acordo com o sistema do recortezinho junto, que tirei do *Weekly Times* — mas mande em português. Para quando o *Problema?* Vou propalar entre os Cães a grata nova do teu breve parto.

LOBATO.

Areias, 1,3,1909.

Rangel:

Ha dois dias que estou só e aproveito a solidão para esta. Purezinha foi dar á luz em S. Paulo, e cá o meu Juiz me

facilitou sair sem licença e só vir quando haja serviço. E como em meio janeiro e todo fevereiro não apparecesse serviço, só agora vim — e volto amanhã. Este é o meio de levar uma Promotoria como esta.

Tirante o Pinheiro, não tenho estado em S. Paulo com nenhum dos nossos amigos — e, a falar a verdade, ando saciado deles. Parecem-me futeis e vazios. Isto fique entre nós: Candido só leva a serio elegancias e modas de Paris; Ricardo embasbaca a sua turba de sempre com gestos vagos, palavras soltas, suspiros de tédio e nada. Raul anda adido ao Candido como um bicho de pé. Está agora com ele não sei onde, divertindo-o, concordando com o que ele diz — estribeiro-mór da-quele pequeno Luiz 14. Lino, a eterna carteira de traques. O Pinheiro é o menos brilhante, porém o mais capaz de todos. Realiza. É sincero, não põe acima de tudo o Remoque, a Perfidia, a Trepção, o *Bon Mot* á moda dos franceses.

Sabe que o Albino perdeu o pai? Está — coitado! — chefe da familia. Edgard tem-me escrito cartas absurdas que só o diabo entende, e eu ando mergulhado na *Ressurreição* de Tolstoi, algo tremendamente forte e sincero. Tambem tenho feito incursões pela literatura inglesa. *The Vicar of Wakefield* é qualquer coisa supremamente deliciosa — de Goldsmith, um tal que o Doutor Johnson classificou de “imbecil de genio”. E tambem estou em mergulho na *The Bride of Lammermoor*, do puntilhoso Walter Scott. Falam que o inglês é facil... Certo inglês comum, como o dos livros de ciencia, será facil; mas o de certas obras literarias é crepissimo.

Que diabo de fim levou o Nogueira? No Collegio ainda? Nogueira foi vitima dum fenomeno fisico — reação exagerada, consequente ao exagero duma ação muito prolongada. O Seminario manteve-o durante anos numa posição incomoda, como a do chinês na canga; quando conseguiu soltar-se, Nogueira reagiu violentamente em sentido contrario — e abusou dos Direitos do Homem, em vez de usa-los sabiamente como os homens que nunca estiveram em canga chinesa.

LOBATO.

P. S. — Li tambem *Memorial de Ayres* — o livro mais difficil de ser feito de quantos livros dificeis se fizeram no mundo. Do que nós chamamos *nada*, Machado de Assis tirou

tudo — tirou uma obra prima. Mas quantos compreenderão a beleza desse livro?

Areias, 20,5,1909.

Rangel:

Segue o meu n.º 1. Está pronto, só faltando a brunidura final. Quero que dele digas com a mais absoluta isenção. Meu fito principal é crear uma impressão fortissima no espirito do leitor — coisa de que ele não se esqueça nunca. Te-lo-ia conseguido? A cena final me parece inedita — não a encontrei nunca. A existencia do atoleiro é atestada por um naturalista alemão em livro de viagem, e foi dessa leitura que a ideia me veio. O melhor é passarmos os nossos contos á letra de fôrma do *Minarete*, para melhor os consertarmos. O *Minarete* tem a vantagem da exigua, infima, publicidade. Adeus.

LOBATO.

Areias, 3,5,1909.

Rangel:

De novo em Areias, donde estive ausente quatro meses, venho pedir contas de nossa partida de xadrez, do teu *Problema*, da tua vida. Escreve-me com abundancia. Estou cá com a "obrigação" acrescida da Senhorita Marta, uma menina grauda, gorda, que não chora, ri e vende saude. A paternidade... Nada tenho feito senão rejubilar-me diante deste primeiro produto do meu desdobraimento. Um filho, um livro: afirmação creadora. E como isso nos muda! Em quatro meses de estada em S. Paulo não achei uma hora para procurar os velhos camaradas e não raro deles fugia. Solteiros! Infames solteiros! Quando estou com eles agora, sacio-me depressa e afasto-me, como um ser que já pertence a outro mundo. Eles são a esterilidade. Só com o Pinheiro me sinto bem, porque o Pinheiro é fundamentalmente serio — e essa seriedade,

essa positividade do bom senso, é o *habitat* natural da familia. E, alem disso, ele tambem é pai. Só quero pais. Acho tremendo ser pai.

Estou com a *Legende des Siècles* do velho Hugo, o Jupiter Tonante. Aquele *William Shakespeare* que li no collegio, menino ainda, abalou-me fundo. Tambem trouxe a *Ana Karenina*, que te recomendo como absolutamente obra prima. Quanto mais leio Tolstoi e Stendhal, mais os tenho como dois picos supremos. São verrumas da alma humana. E *Ressurreição*, queres?

Aguardo a tua jogada de xadrez.

LOBATO.

Areias, 2,6,1909.

Rangel:

Seguem os teus *Mãe* e *Exame* e o meu *Bocartorta* refundido — e creio que melhorado. Teus conselhos abriram-me os olhos. Como estava infame o outro! E agora, vamos ao resto. Comecei umas ilustrações para o *Mãe*.

LOBATO.

Areias, 12,6,1909.

Rangel:

Recebidos os cartões. 5) P — 3BD. Estou refazendo o n.º 1, que breve seguirá. Uma coisa: Você é hermista ou o que é? Ou não sabe de politica?

LOBATO.

P. S. — Insistencia de ultima hora: publicarmos no *Minarete* os contos á medida que os escrevermos. Será uma especie de primeira prova tipografica.

L.

Rangel :

Das muitas belas coisas propostas não vacilo em aceitar o plano do livro de contos a dois — mas com leves modificações. Em vez de faze-lo á nossa custa, procuraremos editor. Ha no Rio o Garnier. Quem sabe se esse Garnier... Com boas cunhas, Rangel, acho que podemos interessar um editor. Só em caso contrario editar-nos-emos por conta propria. Minha ideia é que quem se edita por conta propria faz uma coisa anti-natural — como entre as mulheres o parir pela barriga, na cesariana. Mas, seja lá como for, proponho estes pontos: 1) Não haver pressa; 2) Apurarmos a forma, de modo que os criticos exigentes não descubram nem uma lendea de pronome mal colocado; 3) Ler um a produção do outro, comentar, criticar, sugerir, vetar; 4) As duas partes conformar-se-ão com as sentenças, mas ficam com o direito de rejeitar o veto; 5) A fatura material do livro será perfeita; prosa boa impressa em papel de embrulho vira carne seca da fedorenta; champanha em caneca de lata vira zurrapa. Sempre imaginei o nosso primeiro livro assim ao tipo daquela edição Guillaume do *Robert Helmont* com desenhos de Myrbach. Podemos lançar mão da bagagem já publicada, depois de devidamente brunida. E tambem enfiar coisas novas.

Eu ando com uma ideia a me perseguir como certas moscas em dia de calor. Espanto-a e ela volta. Um conto. Um farol com dois faroleiros. O mar sempre a bater nas pedras do enrocamento da torre. A vida solitaria dos faroleiros — o isolamento. As aves noturnas que se deixam cegar pela luz dos holofotes e se espedaçam contra os vidros. O objetivo é pintar o mar e as sensações de faroleiros isolados, mas para justificar a pintura ponho um drama qualquer — um mata o outro, algo assim. Faz uma semana que a ideia me está germinando lá num canteiro da cabeça, qual polho interno.

Sou partidario do conto, que é como o soneto na poesia. Mas quero contos como os de Maupassant ou Kipling, contos concentrados em que haja drama ou que deixem entrever dramas. Contos com perspectivas. Contos que façam o leitor interromper a leitura e olhar para uma mosca invisivel, com olhos grandes, parados. Contos-estopins, deflagradores das

coisas, das ideias, das imagens, dos desejos, de tudo quanto exista informe e sem expressão dentro do leitor. E conto que ele possa resumir e contar a um amigo — e que interesse a esse amigo.

Tenho examinado os ultimos livros de contos aparecidos. Nada como quero. O ultimo foi o do Veiga Miranda, que a imprensa elogiou. Uns contos ordeiros, exatamente nos moldes de todos os outros — coisa feita, não saída. Especie de presepe literario. Aqui, um boizinho. Aqui, um riozinho. Aqui, uma porteirinha para casar com a casinha lá adiante. E agora, uma mulherzinha com um homenzinho de olho nela, etc.

O nosso livro de contos será o contrario disso. Todo cheio de novidades, na forma e no entrecho. E nada de amorécos e adulteriosinhos de Paris. Isso já fede. Será como os de Kipling — com paisagem, arvores, ceu, passarinhos, negros... Eu gosto muito dos negros, Rangel. Parecem-me tragedias biologicas. Ser pigmentado, como é tremendo! Já leste *A mais Bela Historia do Mundo?* Impossivel novela mais rica de horizontes. Do mesmo grande Kipling traduzi para o *Minarete* o conto *Um Fato*. Prodigioso. Historia duma serpente do mar que em consequencia duma erupção vulcanica submarina rebentou lá no fundo e veio á tona, escabujando no desespero da “falta de pressão atmosferica”, especie de falta de ar. As serpentes vivem nas grandes profundidades e portanto sob tremendas pressões; trazidas á pressão menor da tona, elas estouram, soltam os pulmões pela boca, etc. Não pode haver pintura mais fiel, mais *d'après nature*, dessa serpente marinha que Kipling viu escabujar moribunda — que ele viu, apesar da serpente do mar ser apenas uma crendice de marinheiro! Ou Kipling ou Maupassant. Não ha maiores. Tenho aqui *Boule de Suif*, *La Main Gauche*, *Clair de Lune*, *Mlle Fifi*, *Sur l'eau*... Por falar neste: havia uma tradução portuguesa naquella coleção romantica, com uma moça na capa, lendo um livro á luz do lampeão, lembra-se? Traduziram o *Sur l'eau* por *Vogando*, e parece que foi o unico Maupassant que o Tito leu. Sempre que asava ensejo, lá vinha ele: “Como diz Maupassant no *Vogando*...”

O *Ana Karenina*, que li agora, ponho-o junto de *Guerra e Paz*, *Lirio no Vale* de Balzac e *Le Rouge et le Noir* de Stendhal. Como é grande Tolstoi! Grande como a Russia.

Mas, voltando ao assunto: a ideia de associar-nos é otima, porque um escora o outro; dois bebedos de braços dados têm

menos probabilidades de cair. Até no namoro é assim. Quando em meninotes passavamos pela janela da namorada junto com um companheiro, lá passavamos firmes, sem tropicar em pedras inexistentes. Mas se passavamos sozinhos e Ela estava com alguma outra, a orelha nos avermelhava e queimava, vinha uma comixão suada na cabeça, o passo perdia o ritmo normal, tornava-se, como dizem os ingleses, *self conscious* — e ou a bengalinha nos caia da mão ou era inevitável a topada na pedra inexistente. Se sairmos os dois no mesmo livro, vamo-nos aguentar um ao outro maravilhosamente.

Pode mandar o *Queijo*. Quanto ao espiritismo, não me preocupo. William Crookes, aquele inglês dos raios catódicos, fez experiencias rigorosas e concluiu pela existencia duma força mal conhecida que atua de varias formas, e a que ele, por comodidade, dá o nome de *força psiquica*. Foi do que li o que mais me satisfaz — e nisso fiquei, como em filosofia fisica fiquei na Evolução e na filosofia estetica fiquei naquele maravilhoso "*Vade mecum? Vade tecum!*" do Nietzsche. Essa força psiquica só agora começa a ser estudada pelos homens de educação scientifica; antes negavam-na. Outro fisico inglês, Oliver Lodge, tem coisas otimas a respeito, e estuda tais fenomenos com o mesmo rigor com que estuda os fatos fisicos. A palavra "sobrenatural" empregada em relação a essas coisas me parece impropria. O fato de não sabermos uma coisa não a exclue da natureza ou não a põe *sobre a natureza*. É apenas um aspecto da natureza que ainda não conhecemos. Um dia esses fatos psiquicos, hoje considerados sobre-naturais, estarão conhecidos e fichados, como tantos da quimica. A "ação de presença", por exemplo, sempre existiu e era um misterio — algo sobrenatural; hoje a ciencia dá-lhe o nome de catalise e utiliza-a para efeitos praticos. O feiticismo da Idade Media, o ocultismo, o espiritismo, o esoterismo, o eterno pendor do homem para o Misterio, tudo isso implica a existencia de qualquer coisa que coexiste ao nosso lado, que certas pessoas pressentem, etc. É o *au-delà*, o "outro mundo", como o mundo da luz solar é "outro mundo" para o cego, apesar de ser apenas um aspecto deste nosso mundo para os que enxergamos. Um sexto sentido parece que vem vindo, como foram vindo os nossos atuais cinco sentidos — e virá um setimo, um oitavo, etc. Evolução. E cada novo sentido nos descortinará um "outro mundo." O medium, que é senão uma creatura em quem o sexto sentido está se denun-

ciando? Um dia todos teremos esse sexto sentido — e adeus sobrenatural! Um dia os compendios de fisica trarão o capitulo novo da metapsiquica, como os compendios de hoje trazem o capitulo novo de termo-dinamica.

O radium, por exemplo. Não nos desvendou todo um “outro mundo”? Ha agora o 4.º estado da materia — o radiante. Haverá o quinto — o metapsiquico...

Ando a regalar-me com Macaulay nos *Essays*. É uma especie de Ruy Barbosa da historia e da critica — e por falar: leu o discurso de Ruy saudando o Anatole France? Este o classificou de mais uma bela pagina acrescentada á literatura francesa — e não o disse por amabilidade porque é mesmo. Ruy é positivamente grande como o mar.

E a *Careta*? Já viu? A melhor coisa que no genero humoristico já apareceu entre nós. Finissima.

A minha Marta está considerada a menina mais bonitinha de Areias — e não vai nisto babo de pai. Reação da Natureza. Pai feio, filha bonita. E onde foste cavar esse nome Nelo que deste ao teu menino? Mau nome, como o do Lino. Presta-se aos trocadilhos do Tito: “Viu o Lino?” “Descasque esse abacaxi, Nelo.” Não louvo o “Nelo”, como tambem não louvo o teu “Cain de Nazareth”. Cain, ainda passa; mas Nazareth lembra nariz constipado. Nome que se associa no som a certas palavras é feio. Não posso ouvir falar em “Corina” sem me lembrar de mictorio. “João” me sugere “sabão”, “feijão”. “Cornelio” lembra “corno”, etc. Os pais escolhem mal o nome dos filhos e muitas vezes perpetuam no mundo pequeninas tragedias. Conheço um “Medardo”. Uma criadinha lá da casa de meu sogro, sempre que esse Medardo aparecia (era cliente), atrapalhava-se e anunciava-o com o “r” fora do lugar...

Chega. Adeus.

LOBATO.

Areias, 1,7,1909.

Rangel:

Li *Bem Casados* duma assentada — e que quer você mais? Só as novelas muito empolgantes suportam essa prova. Todos

os personagens fisgados da vida; e cada um, um tipo. Dona Alipia, ótima! O Coutinho, o Licínio, todos, até a Flausina, ótimos! Só dona Ismenia me parece algo imaginada — poderá lá existir tamanha carneirice? Mas fica bem num livro de tanto realismo essa leve fuga á realidade. É sal na melancia. Está você, portanto, doutorado em romance! Falta apenas um pouco de focalização e o polimento final. Ha umas coisas fora de foco.

E ha a lingua. Acho que nisso de lingua a coisa é a mesma que nas argamassas fisicas. Se os ingredientes não forem de primeira ordem, bem limpos de impurezas e misturados nas exatas proporções, o cimento não pega, o reboco falha — e a obra esboroa-se antes do tempo. Contra o reboco o que atua é a chuva, a intemperie, a erosão natural; na obra d'arte é a critica. Quantos escritores classicos, vazios de ideias como potes sem agua, ainda vivem pela lingua em que puseram as suas semsaborias! O "são vernaculo", como é bonito! É como o asseio do corpo e das roupas. O escritor que escreve mal é um porco imundo, um fedorento, um chulepento. Não tenha pressa em publicar-se. Olhe os bons exemplos. Não digo o Flaubert, que aquilo tambem era demais — pura doença; mas os outros limpos. Doze anos levou Rostand a anunciar esse *Chanteclair* que anda agora bulindo com o mundo e já lhe rendeu um milhão de francos. Valeria a mesma coisa se fosse atamancado em dois meses?

Se você gastou dois meses no borrão dos *Bem Casados*, leve dois anos no polimento. E para dar comida á febre da criação, pode ir compondo o n.º 2 e o n.º 3. Mas imprimir, só quando estiver flaubertiano! Que tal a tradução do D. Quixote que andas lendo?

Meu estudo de português continua, mas em tom mais baixo. Tenho um inimigo á ilharga, que desfaz o que Camilo faz. É o jornal. Não dispenso a leitura diaria de tres ou quatro desses infames massacradores da lingua. Mas exercem uma função boa. Impedem-nos de nos afastar muito da realidade. Mesmo assim eu desejaria dispensa-los por uns anos. Bom lugar para estudo de lingua seria a prisão. Imagino as boas leituras de Camilo lá no fundo do carcere. Só num carcere podemos atacar, roer e digerir um Heitor Pinto ou outro freire encruado.

Tua proposta de colaboração me seduz — e talvez seja o meu unico meio de aparecer. Mas é tirar de um renome que

pode ser só teu uma parte para mim! Vou experimentar, embora uma coisa se dê: não tenho a tua operosidade, nem o tempo comprido e uniforme desse vilarejo. Logo irei a S. Paulo por seis meses e não sei se lá haverá a mesma disposição para o trabalho.

Tenho mandado uns artigos para *A Tribuna* de Santos e publicado n' *O Estado de S. Paulo* umas traduções do *Weekly Times* — esse meu meio de neutralizar Areias. Leio o *Times* em Areias! Informo-me todas as semanas da saúde de Her Majesty. Quando encontro coisas muito interessantes, traduzo-as e mando-as para o *Estado* e eles me pagam 10\$000. Acho estranho isto de ganhar um dinheiro qualquer com o que nos sai da cabeça. Vender pensamentos proprios ou alheios... Mas não tolero escrever por obrigação. Traduzo quando quero. Faço coisas para *A Tribuna* quando quero. Do contrario, sentir-me-ia escravo no eito. Vou fazer a prova da escrita a dois com um capitulo novo para os *Bem Casados*, que mandarei como amostra.

Do Ricardo nada sei. Parece-me que aquele nosso Cenaculo era um ninho de Maucos implumes. Tremendas promessas, e até agora, tirante você, nada de nada de nada.

A Lua, muito bonita e bem feita no material — mas como é insulsa e chata no texto, meu Deus! O tal caricaturista Yoyo, quer, coitado — mas a ponta do lapis o não ajuda. Um “curioso” ainda. Mande para lá duas semsaborias — e arrependi-me, apesar de serem semsaborias. Por enquanto só temos no país inteiro *A Careta*. O nosso *O Gato* era uma maravilha, apenas etereo demais; imprimiamo-lo no ar do Café Guarani... Tenho a impressão de que somos todos umas moscas azues, mas sem perninhas e asas. Moscas “depenadas”, como dizia um menino lá do collegio. O gosto dele era pô-las sobre um papel branco assim “depenadas” de pernas e asas, para “ver o que elas faziam”.

Então o Bernardo, como você previa, vasa os seus queixumes na forminha classica dos decassilabos? Não ha escapar ás influções de Caliope! Aposto que até você já versejou ás occultas, Rangel! É coisa que em certa idade nos vem como as espinhas.

Gastei 240 minutos ontem lendo o discurso de Juiz de Fora. Que assombro de homem, esse Ruy! Que cetaceo, neste nosso marzinho de arenques! Ele rege as frases como um cocheiro russo rege a troika! Que nababo! Pare com o

Camões e o Cervantes e pegue no Ruy: ele resume-os a todos e é do nosso tempo. Acho uma honra tremenda sermos coevos de tal homem, e duvido que tenhamos outra semelhante na vida. Aprendamos a degusta-lo como ao rei da lingua. É uma especie de Imperio Britanico do vernaculo. Eu saio dele mais chato que um percevejo.

LOBATO.

Areias, 6,7,1909.

3.^a — P x P (Se você jogar
B x P, eu respondo: BR — 3D)

Rangel:

Em mãos a tua de 1.º, chegada ontem. Ando com medo de começar. Nunca escrevi contos e não sei se me será coisa possivel. O que eu considerava contos, se releio agora me sabem a cronicas com pretenções humoristicas. No fundo não sou literato, sou pintor. Nasci pintor, mas como nunca peguei nos pinceis a serio (pois sinto uma nostalgia profunda ao ve-los — *sinto uma saudade do que eu poderia ser se me casasse com a pintura*) arranjei, sem nenhuma premeditação, este derivativo da literatura, e nada mais tenho feito senão pintar com palavras. Minha impressão predominante é puramente visual. Ora, sendo eu assim, vejo-me em apuros com os teus empurrões para a realização imediata.

Vou tentar — mas bem desesperançado. Se até aqui não produzi um só conto que mereça tal nome, isso demonstra minha inaptidão para esse genero literario. O unico livro de que me acho capaz é uma especie de *Journal des Goncourt*. E do meu Diario eu poderia extrair um volumezinho. Mas, contos, Rangel... Vejo-te, porem, tão animado que não me animo a vir com agua fria — e vou começar.

Não encontrei o Kipling. Onde parará? Como de Tolstoi só conheces a *Sonata de Kreutzer* vou mandar a *Ana Karenina*, que o Julinho anda a ler. E com o *Clair de Lune* mando *Boule de Suif*, que a critica dá como o melhor de Maupassant. Chamo a tua atenção para o ultimo conto, *Une Soirée*, uma coisa verdadeiramente unica. Mas faça-os

voltar, não como veteranos vindos duma guerra estropiadora, sim como turistas que voltam duma viagem de recreio. O pobre do Paul de Saint-Victor chegou bem "doente", apesar de ser todo superhomens e deuses. O *Filho Prodigio* do Hall Caine fez como o filho prodigo da Bíblia: chegou tão escallavrado e perrengue que lá baixou á enfermaria do encader-nador. Ao que parece, você só tem amor á substancia do livro. Despresa-lhe o corpo — a vil materia.

Quanto ao teu espiritismo, acho que deves encosta-lo e só pensar nos contos. Metido com mediuns e em sessões, acabas mediunico, astral, sideral e imprestabilizado para a literatura. Temos muito tempo de ser espiritos; aproveite-mos este momentinho em que somos carne. Divisão de tra-balho, especialização de funções. Se pudesse cochichar ao ouvido de dona Bar longe de você, dir-lhe-ia que te proibisse andar ás voltas com almas penadas, mormente agora que tens o Nelo e o Livro a te pedirem todos os cuidados.

O *Inferno Verde* é bom, mas não é essas coisas que o Ricardo anda dizendo. É um livro que seria original, se não existisse Euclides da Cunha, mas não é obra prima. O homem concentra coisas demais em cada frase, o que impõe ao leitor um grande esforço de atenção — e isso cansa. Coelho Neto precisa podar palavras. Alberto Rangel precisa desdobrar frases. O Ricardo não entendeu muita coisa do livro e porisso exaltou-o tanto. Eu tambem não entendi, mas tenho a co-ragem de não esconder a minha insuficiencia atrás do tamanho do homem. E adeus.

L.

Areias, 7,7,1909.

11) D D

12) Roque

Rangel:

Nada sei do Ricardo. Estará no *Comercio de S. Paulo*? Suspeitei-o, encontrando por acaso um numero desse jornal em que vinham os classicos e nunca assaz republicados *Ele-fantes* do Lecomte de Lisle da sua tradução e tambem

o meu *Gens ennuyeux*, que entra assim na quarta edição em jornal. A mim não convidou para colaborar. Donde recebi convite foi da *Tribuna* de Santos, jornal côr de rosa que o Valdomiro Silveira dirige, e já mandei como pano de amostra uma coisa cruel contra o Hérmes. Prometem pagar a colaboração logo que concluem lá umas reformas. É preciso que a literatura renda ao menos para o papel, a tinta e os selos. A primeira coisa paga que escrevi foram uns artigos sobre o Paraná, coisa de outiva. Renderam-me 10\$000 cada, uma assinatura da *Revue Philosophique* (33 francos), um Aristofanes completo e um belo canivete de madreperola com saca-rolha. Não foi mau o negocio, e assim pilhassemos tão alta remuneração para tudo quanto produzimos.

O que me dizes d'A *Gargalhada*, eu vagamente previa: havia ali coisa que me desagradava, sem que eu atinasse qual. Deve ser o que dizes. Vou refaze-la como indicas, e tambem dum jeito que ando cá a matutar. As vantagens do nosso sistema de mutualismo literario tornam-se cada vez mais evidentes.

Tuas observações sobre *Os Faroleiros* sossegaram-me e deram-me alento para pensar no n.º 4, do qual não tenho ideia ainda. *Os Faroleiros* escrevi sem plano; sentei-me á mesa e deixei-o escorrer de dentro de mim.

Quanto ao que propões sobre o português — interessante! — era o que eu ia propor-te nesta. Você foi o primeiro a alcançar o polo, como o Amundsen. Mandei vir o dicionario do Aulete, que ainda é o melhor, e estou a le-lo. Aventura esplendida, Rangel! Os vocabulos são velhos amigos nossos que, pelo fato de diariamente nos acotovelarem no brouhaha da Lingua, não nos merecem a atenção curiosa e indagadora que damos ás palavras estrangeiras. De tanto frequentar um parente, você chega a ponto de não poder descrever-lhe a cara — e no entanto é capaz até de desenhar de memoria a cara dum estranho que viu ontem. Deixam de nos impressionar as coisas habituais. Daf o valor da leitura de dicionario. Todo o povo tumultuoso da praça publica da Lingua lá o encontramos individualizado, como soldados em quartel, cada um com o seu numero, o seu posto, e perfilados e obedientes quando os defrontamos. Na rua vemos passar cavalos. No dicionario encontramos um CAVALO. “Quem é você?” E ele, muito serio: “... substantivo masculino. Quadrupede domestico, solipede; ramo ou tronco em que se enxerta; banco

de tanoeiro, etc. etc.” A gente regala-se com o mundo de coisas que o cavalo é, e muitas vezes tambem nos regalamos com as cavalidades do dicionarista. Se o cavalo é um “quadrupede domestico”, como se arranja o dicionarista para denominar um *equus* selvagem? E vamos assim mentalmente retificando aqui e ali o dicionario, enquanto ele nos faz o mesmo aos inumeros pontos vocabulares em que claudicavamos sem o saber. Quantos novos sentidos de palavras, das quais sabiamos um só? Quanta construção bonita de frase com a forma intransitiva de verbos habitualmente transitivos? E as antigualhas merecedoras de restauração? Que deleite seguir em mente a evolução dum vocabulo! Ver, por exemplo, *agora* sair de *hac hora*, como a borboleta sai da crisalida; e *preto* sair de *pyraites* (queimado), como sai preto o papel branco depois que o fogo o queima. *E caravançará* sair do persa *Karvan sarai*. Essa leitura nos vai dando firmeza, com o conhecimento da exata propriedade dos vocabulos.

Euclides da Cunha foi um grande ledor de lexicos. Nos *Sertões* eu notei como ele fugia á vulgaridade sem cair no abstruso, por meio do emprego de palavras que o jornalismo não estafou (porque a cachamorra que achata todas as palavras da lingua é sempre o jornalismo). Em vez de prematuro, *imaturo*. *Implezo* por complexo, etc. Uma variação do prefixo, o afastamento dos prefixos habituais da imprensa — e a frase fica mais fina, toda petulante de distincção. A desgraça em tudo é a vulgaridade — o “toda-gente”.

Estou lendo e marcando as palavras uteis para o meu caso, os sentidos figurados aproveitaveis nesta “nossa” litteratura, etc. Ainda estou no “A” e já tenho belos achados. É um verdadeiro mariscar de peneira. Deves fazer a mesma coisa, e depois trocaremos as notas.

Não tenho nenhum bom retrato de Purezinha e da Marta. Por Areias passou antigamente um photographo — e toda gente recorda-se com saudades do tempo em que podiam fixar as caras. Lá pelo fim do ano vamos para S. Paulo e então terás o que pedes. Tambem Purezinha tem muita vontade de saber como é a cara de dona Barbara. Se tem retrato que dê ideia, venha.

Precisamos ler Camilo. Vou mandar vir um sortimento. Saber a lingua é ali! Camilo é a maior fonte, o maior chariz moderno donde a lingua portuguesa brota mijadamente, saida inconcientemente, com a maior naturalidade fisiologica.

Eu tenho a impressão de que os outros *aprenderam* a lingua e só Camilo a *teve ingenita* até no sabugo da unha de todas as células de seu corpo.

LOBATO.

Areias, 22,7,1909.

Rangel :

Recebi a carta e o *Exame de Conciencia*, no qual mais uma vez voltas para o Rodrigo. Sinceramente acho que é um exame de conciencia e nada mais — não é conto. E exame de conciencia dum fracassado. Não vejo ali a tua maneira habitual. Aquela retorica, aqueles lugares comuns — aquilo não é Rangel, tenha paciencia. A “pedra angular” logo na segunda linha já me pôs de orelha em pé, e a coisa vai até o fim sem uma novidade, sem um imprevisto, sem nada interessante. Paiva raciocina sem nenhuma elevação, como o Goulart ou o Macuco raciocinariam em identicas circunstancias, e você comete o erro de não fixar esse raciocinio como coisa dum *raté*; parece que encampa aquilo e acha muito bom. O meio de melhorar o *Exame* é esse — dar aquilo como coisa de *ratés*. Mas meio melhor ainda é guarda-lo na lata de lixo. Lembro-me dos contos tão finos, tão originais e ricos de psicologia que já escreveste. Por que não aperfeiçoas essas coisinhas velhas e otimas? O *Destacamento* melhorado dá um Maupassant legitimo.

Dia 23.

Acabo de receber o *Clair de Lune*, o meu e o teu primeiro conto. Li este. Otimo! Aquela mãe está esplendida — é muito comum essa perversão do amor que degenera em injustiça e causa os peores males. Todos os tipos estão bem accentuados de carater e colhidos ao vivo. Só me parece fraca a cena do fim em que Prospero procura emprego. Ele deve procurar tal ou tal emprego. Como está, fica a cena rapida demais — curta como umas calças curtas. Outro senão: “luxo asiatico”. Chega de luxo asiatico, Rangel. Pobre Asia!

Na pg. 5 acho muito abrupto o atletismo de Prospero. Não havia tempo. Na pg. 9, depois daquele chôro, ele não devia prometer "tornar-se um bom filho e bom irmão". O idiota já era tudo isso; ruins, só os seus irmãos. E outras coisinhas assim. Mas está ótimo.

O meu conto, agora... Que tristeza, Rangel! Reli-o depois que chegou e achei-o tão seco, tão magro. As tuas observações me abriram os olhos. Vou seguir os conselhos. Defeito principal que só agora percebi: *são tão curtos os períodos que o leitor não tem tempo de apanhar o que eles dizem*. Fica tudo empastelado lá na compreensão do leitor, tudo "telescopado", como nos desastres da Central quando os trens se chocam e uns vagões entram pelos outros. O leitor salta para um período novo, onde tudo muda, antes de apreender totalmente o que o período anterior disse. Vou consertar. Coisa curiosa! No momento em que escrevemos, o nosso espírito *acostuma-se* com os defeitos, não os vê. Mas se passados uns dias relemos, já os defeitos se visibilizam.

Estou escrevendo o n.º 2, genero totalmente diverso do *Bocartorta: A Casinha de Rotula*. Mando-té mais umas ilustrações.

LOBATO.

P. S. — Ando a colaborar no *Fon-Fon*. O que aparece lá assinado H. B. é meu. Desenhos e caricaturas.

Areias, 3,8,1909.

Rangel:

De volta de Taubaté, restabeleço o contacto. Acabo de ler tua *Prosopopeia*. Tipos bem apanhados, e ótimo o perfil de Tata — a mocinha vulgar, mansa e apagada. Deste-lhe um fim que lembra o Maupassant da ultima fase, antes do *Le Horla*. Ficaria mais estranho e empolgante se o protagonista visse Tata não em sonho mas numa visão astral. No fim, aquela quasi loucura ficaria melhor se contada por um terceiro; um amigo, por exemplo, vai visita-lo e em carta conta a outro o estado do doente. Porque é difícil, naquele estado

de quasi loucura, alinhar pensamentos calmos que historicam a marcha gradativa do seu mal.

Estou escrevendo na *Tribuna*, de Santos, jornal côr de rosa, a 10 mil réis o artigo. Mande para lá hoje o *Bocartoria*.

LOBATO.

E o xadrez? Por que paraste?

Areias, 6,8,1909.

Rangel:

Magnifico *O Destacamento* como caricatura, mas noto uns senões. O fim, aquela apoteose a foguetes de lagrimas e confeti, e aquela *imensa multidão* num lugarejo daqueles, isso estraga. Corte, que melhora cem por cento. E temos varias coisinhas. *Quasi todo o domingo* não; *todos os domingos*, sim. *Famigerado salteador*; dá ideia da Calabria, aqui só temos bandidos; Antonio Silvino é um bandido. O periodo "*Toniquinho, você não faz bem, etc*", precisa melhor torneio; "ques" demais. "*A concorrência foi enorme, etc.*": aqui já você começa a carregar muito a mão; como está fica engraçado, mas não humorístico, que é o tom que deve guardar o conto. Fale na concorrência das pessoas gradas, do coronel, do padre, do coletor, mas não exagere. Dizes: "*todo o povo concorria para lá*"; ora, isso não é exato e estraga o efeito. Em vez de "*longas barbas brancas*" ponha barba amarela de sarro — fica menos S. Nicolau. O desembarque do destacamento eu o contaria assim: "... desembarcaram no meio da população alvoroçada dum sentimento novo entre panico e regozijo". *Foi de ver-se o alarma*; acho "alarma" muito forte. Se o Miguelzinho estava tramando a dissidencia, como podia fazer protesto de nunca mais pisar no Carmo, onde ia ser o campo da luta? *Olhares derretidos*, só entre namorados; para soldados tens de escolher outra especie de olhares. *Espipocar da guerra*: guerra espipocante, só a guerra do Alecrim e da Mangerona. Espipoca um tiroteio; a guerra tumultua, refere, ou outras coisas assim. *O destacamento afinal era seu, etc.*: está obscuro este pedaço. Dizes que a Camara exultava com o reforçamento da sua autoridade, pois o *Capitão Toniquinho não saia, etc.* Não percebi esta consequencia. E como podia ele considerar a vinda das praças como um desprestigio da sua autoridade, se vivia clamando contra o governo porque não as enviava? Quando os soldados

convidam o cabo para um pega no baiano, não está boa a transição entre a sua colera e bravura de momentos antes e o repentino medo que você lhe atribue. Daí até o fim vai tudo muito carregado, muito fantastico.

São as observaçõesinhas que me ocorrem, mas o conto é dos melhores, talvez o melhor que você fez, com situações dum comico extraordinario. E depois dos retoques, irá ficar em Nosso Livro como aquele *Soirée* no de Maupassant. Será nele um oasis de humor onde o espirito cansado de tragedias se espojará regaladamente.

LOBATO.

Areias, 15,8,1909.

Rangel:

Já mandei para o Ricardo aquele conto. Ando a passear pelo oceano das palavras, isto é, ando a ler o Dicionario de Aulete, e vou tomando notas. Já descobri tres ou quatro palavras que eu pronunciava erradamente, como "probóscida" e "litanía". Descobrimo as minhas batatas! E interrompi a fabricação de contos até que haja terminado esta leitura tão divertida. Pena serem tão pifios os nossos dicionarios.

Estou sem ideia para o conto n.º 4. Mande-me um tema.

Recebi: C — 2D. Respondo: P — 3BR. Você: P — 4CR. Eu: P — 5R. Se você tomar o P com o C ou com o P, eu jogo: B4R.

LOBATO.

Areias, 22,8,1909.

Rangel:

Perdi o meu xadrez e com dificuldade reconstituo o jogo no ponto deixado. Verifique isso e mande-me a serie de jogadas. E se estou certo, a minha jogada é P — 5R.

Recebi a *Desforra*, que me encheu as medidas, principalmente no fim, da cena do sapeçal em diante. Esta é a primeira impressão; depois lerei mais analiticamente.

Consolou-me a tua opinião sobre *Bocatorra* e isso me anima a pensar no N.º 2, que já está no utero. Não tenho feito outra coisa senão ler Macaulay nos *Essays* com um encanto cada vez maior, e também pinto projetos de cartazes para um concurso no Rio, ao qual arrojadamente vou concorrer. O *Fon-Fon* vai dar umas caricaturas minhas. Do teu *Mãe* ainda tenho aqui umas ilustrações, que seguem.

N'A *Desforra* ha otimos temas para desenhos que vou tentar.

Dia 23.

Reli *Desforra* e a primeira impressão se confirmou. Otimo, forte, bem construido. Merece dar o nome ao volume. Não tenho objeções contra o entrecho, e o desenvolvimento segue de rota batida, lindo.

"Rota batida"... Aprendi esta expressão aos 15 anos, com um meu professor do Colegio Coração de Jesus — Dr. Eliseu não sei o que. Um baixotinho, gorduchinho, que falava muito na Isolina Monclar, uma atriz em moda naquele tempo. Rota batida! O Dr. Eliseu chefiou o grupo que no fim do ano foi a exames em S. Paulo. Improvisamos uma "república" na rua Conselheiro Furtado, presidida por ele. O Dr. Eliseu... Um dia mostrou-se afobadissimo, precisado de 30 mil reis — "Quem tem aí 30 mil reis?" Eu tinha e dei. Dias depois, nova afobação — e mais 30 mil reis. O bom Dr. Eliseu esqueceu-se completamente desses 60 mil reis, mas eu não me esqueci. Era o primeiro calote — e quem esquece as primeiras coisas?

— "De rota batida! Vamos agora terminar frações e depois seguiremos de rota batida até o fim."

Aquelas duas afobações eram para pegar um trem e mais não sei que. Hoje sei que a afobação é um dos mais velhos truques para pegar 60 mil reis.

RASA (do latim *rasus*) medida antiga maior que o alqueire; rasoura: certa quantidade de linhas contida numa pagina de autos, etc. No sentido em que a empregaste não vem no Aulete.

LOBATO.

Areias 2,9,1909.

Rangel:

Ando a reclamar do correio a carta e o conto perdidos. Talvez estejam na agencia de Taubaté. Quanto ao xadrez, aconteceu um desastre; como levei para lá o taboleiro de papelão com as pedras de cartolina enfiadas, desprenderam-se algumas e não consigo recoloca-las propriamente. Se fazes questão de levar por diante essa interminavel partida de xadrez, mande-me a posição do jogo no ponto em que paramos.

O meu negocio com a *Tribuna* é pequeno: cinco artigos por mês. Talvez tambem entre na *Gazeta de Noticias*, onde está agora o Sebastião Sampaio — você não o conhece — aquele da nossa corrida no Viaduto. Mas o negocio mais importante em que ando ás portas é a compra, por um grupo, dum jornal de S. Paulo e eu iria para o comando literario. Se isso se realizar, meu Rangel, tu estás feito. Tens jornal e colaboração paga por tabela especial, mais alta que para os outros. Em fevereiro ou março vou passar seis meses em S. Paulo, para cuidar disso e mais coisas. Basta de Areias, Rangel.

Eu bem que vivia a berrar louvores a Tolstoi, sem que me desses ouvidos. Tolstoi é genio, de sentar á mão direita de Shakespeare. Leia depois de *Ana Karenina* a *Guerra e Paz* — a novela panoramica de maior folego que jamais foi escrita, toda ela genio, genio e mais genio.

A Marta está uma turuninha, engatinha muito bem, diz papai e mamãe como as bonecas e já mostra dois dentes. Percorre a casa inteira com uma curiosidade sem fim, vendo e pegando tudo. E leva á boca o que encontra. Hontem, num momento de descuido da pagem, pegou uma lagartixinha tonta e levou-a á boca. Se Purezinha não aparecesse no momento, comia-a...

Que heroi da coragem literaria és tu, Hercules de Moura Rangel! Já no n.º 11! Onze coisas grandes — onze romances... Isso me achata. Vejo que não nasci para a coisa

Vou atacar uns livros tremendos: *Anais de D. João III*, de Fr. Luiz de Souza e *Vida de S. Francisco Xavier*, de Lucena. Tambem vou afundar na *Historia Universal* de Laurent.

E o Vilalva? De que morreu? Foi pena — sabia português como pretendemos sabe-lo. Mas era mau de entranhas

Sarcastico e implacavel. Com certeza fez alguma “perversidade” contra a Morte, e esta, danada, o levou.

Tens acompanhado a polemica *pour rire* do Vicente de Carvalho com outro Carvalho muito pouco Vicente? J. J. Carvalho é medico e secretario duma Academia Paulista de Letras que anda tentando existir. Esse J. J. foi o parteiro dessa academia, a qual veio (diz ele na plataforma inaugural) como uma *protestação* contra o mau habito da Academia Brasileira de Letras (que ele chama Academia do Rio) de não recolher em seu seio os J. J. estaduais. E fez uma nova academia de 40 imortais. As academias hão de ser de 40, como as venezianas hão de ser verdes. Vicente ri-se do homem e o homem bate o pé e arreganha para o Vicente.

*Olhos encantados, olhos côr do mar
Olhos pensativos que fazeis sonhar...*

Como é linda a *Rosa, rosa de amor...* do sublime Maneta! Vilalva, se estivesse vivo, diria que o Vicente se fez Maneta para nem nesse ponto ficar abaixo de Camões — que era Caolho.

LOBATO.

P. S. — Li em Taubaté a *Pairão da Maria do Ceu*, do Malheiro Dias, o mesmo que produziu o horrivel *Mulata*. Estilo lindo, claro, de meter inveja. É escrito em português de Portugal, do bom, do que corre como regato em leito de pedras lá da fazenda do meu avô. Vale a pena le-lo só pelo português. Queres que o mande?

L.

Areias, 6,9,1909.

Rangel:

Nossas cartas andam desencontradas. Temos que assentar numa coisa: um nunca deixará de responder ao outro dentro de dois dias, e se não puder responder acusará o recebimento por um bilhete-postal.

O teu plano do louco está de arrepiar. Purezinha ficou horrorizada e sonhou. Acho-o otimo, convenientemente podado e atenuado. Coincidencia notavel: um dos episodios do teu louco figura no conto n.º 1 que estou escrevendo e está me agradando. O arcabouço já se vai revestindo de carnes.

Quanto a arcabouços, minha ideia é que todos são bons. A fatura, o revestimento é que é tudo. E não vale a pena discutir planos ou arcabouços. É o mesmo que discutir esqueletos. A grande coisa é a carne que os reveste. Com o mesmo esqueleto a natureza faz uma Laís ou uma bruxa. Quanto ao que deva ser o livro, acho que deve ser o que sair. Nada de *parti pris* ou ergastulos. Gosto de ser livre como um passarinho. O programa é um só: *fazer bom* — tragico ou neutro ou comico, e o livro sairá bom.

Mando amostra das illustrações que estou procurando fazer. Genero novo, com uns pequeninos truques, ao qual depois de algum exercicio espero *m'y faire*. Mande-me a toda brida o teu *Robert Helmont*, caso seja edição Guillaume. Não esqueça, é importante.

LOBATO.

Areias, 6,9,1909.

Rangel:

Tenho recebido regularmente os teus cartões, e tambem as notas. Só não me veio a tua jogada depois da minha ultima T4BR. Festas, hospedes e mais embolias têm atrapalhado a minha tarefa e me impedido de escrever-te alguma coisa sobre os projetos que propões. Mesmo assim dei conta do primeiro volume do Aulete e de mais duas letras do segundo. Antes de terminar esta viagem pelo país dos vocabulos não pretendo pensar no n.º 3 nem no 4. Queres que continue a mandar as notas? Em geral só nos sabem bem quando por nós mesmos colhidas — porque sem o perceber só colhemos aquilo muito afim com o nosso temperamento ou a nossa personalidade. E mando agora a *Ana Karenina*, do Tolstoi. Grande, Rangel, grande...

LOBATO.

Rangel:

Boa nova: chegou a salvamento a historia desgarrada e apresso-me em dar a noticia. Li — e acho que o teu verdadeiro genero é aquele. Está pura e simplesmente otima. A melhor coisa que produziste. Mas acho deficiente o teu português. Nós não sabemos essa maldita lingua, Rangel, e manejamos achavascadamente, plebeamente, um barro, um caolim de primeira, com o qual se podem modelar as mais leves e finas coisas. Só agora ando alcançando a extensão do meu erro nesse ponto. Até aqui me repastei, quasi que exclusivamente, no francês, e “ouvia falar” da “lingua de Fr. Luiz de Sousa”. Meu português era o caseiro e o de jornal. E eu ficava de olho grande: “Que linda não ha de ser, meu Deus, a lingua de Fr. Luiz de Sousa!” Mas não tinha coragem de investigar. Agora, sim, a coragem me veio e entrei. Estou, Rangel, dentro da lingua de Fr. Luiz, embora ainda longe lá do centro, onde ele deve figurar como um Deus, com Herculano á mão direita e Camilo á esquerda. E sei que ha uns frades tremendos da mesma familia de Fr. Luiz — um Fr. Pantaleão do Aveiro, um Lucena, um Fr. Heitor Pinto, e um “delicioso” Bernardes. Aquilo lá é uma especie de Olimpo da Lingua, todo deuses e semideuses e deusa nenhuma. Não havia mulheres em materia de lingua antiga, Rangel, como ainda as ha tão poucas hoje — a Julia Lopes e quem mais?

Parei com as minhas leituras de lingua estrangeira. Não quero que nada estrague minha lua de mel com a lingua lusiada, que descobri como o Nogueira descobriu a Patria e o Macuco o verbo “apropinuar”. E sabe o que mais me encanta no português? Os idiotismos. A maior beleza das linguas está nos idiotismos, e a lusa é toda um Potosi. A parte que as linguas têm de comum é como a estrutura ossea das varias raças humanas, coisa que não varia apreciavelmente; o que as distingue, o que faz o inglês, por exemplo, ser tão diverso do italiano, são as feições, os trajés, os modos e as modas de cada um, isto é, os *idiotismos fisionomicos*. Note, observe. Fulana, a moça mais graciosa de rosto de todas que enfeitam a essa tua cidade do Machado, que é que nela a distingue das demais e lhe dá aquela graça especial? O idiotismo com que a natureza a dotou: o narizinho arrebitado, a curva da boca, o mo-

delado do queixo; particularidades essas, todas, que fogem á correção ideal e classica das linhas dum rosto normal. Por que é o português de Portugal tão superior ao português do Brasil? Porque é muitissimo mais *idiotizado* pela colaboração incessante do povo, ao passo que aqui o povo praticamente não colabora na lingua geral — vai formando dialetos estaduais como na Italia.

Mandei vir *Noites de Insonia*, de Camilo, 12 volumes, e ainda apanhei uns em Taubaté. E leio anotando os jeitos. Palavras novas não me interessam. A grande coisa não é possuir montes de palavras; se assim fosse, um dicionarista batia Machado de Assis. É saber combinar bem as palavras, como o pintor combina as tintas e o musico o faz ás notas. Beethoven só dispunha de sete notas — e com elas abalou o mundo. Corot só jogava com as sete cores do arco-iris, que aliás são tres. Dêem cem notas a mim, que sou um cretino em musica, e dêem duzentas cores ao Jonas de Barros, que é em pintura o que sou na musica, e não sáí nada!

Já li um volume das *Lendas e Narrativas* de Herculano e releio o ultra-bom *Eusebio Macario* de Camilo — Camilo a fazer fosquinhas para os naturalistas! E tenho um livro de Fr. Luiz, uma hostia sagrada, Rangel: *Anais de D. João III*. O N6 Vital é ali com esse frade, o verdadeiro dono moral da lingua. Quantas vezes tenho lido, "A lingua de Fr. Luiz de Sousa"... Ando por Herculano, Camilo e outros, como quem anda sobre as lages que se aproximam do templo.

Já encetei a serie de artigos para a *Tribuna* e já fiz jus a 40\$000. Com isso pago dois meses do aluguel da casa. Pagar a casa com escritos — que maravilha, hein?

Recebi carta dos fundadores dum semanario ilustrado em S. Paulo, genero *Fon-Fon*, pedindo colaboração. Eles montam as revistas e saem com o pires... Chama-se *A Lua*. Promete mundos e fundos — menos morrer do mal dos sete numeros. A primeira fase dessa lua será para janeiro. Posso meter lá o teu conto? Mas quero entraja-lo por um figurino novo que lhe irá bem. Simples experiencia. Como já não contavas mais com ele, tomo-o para uma experiencia *in anima nobile*.

O trecho que mandaste sobre a *algolagnia* é bastante curioso; ha um interessante estudo a se fazer por aí, no sadismo.

Em ortografia estamos num caos — e numa encruzilhada. O que penso a respeito está no artiguete que incluo — mas

entre pensar assim e agir de acordo vai um passo, e eu me debato no pelago da indecisão, como diria o Macuco.

Tens os discursos do Ruy? Que maravilha! Que deslumbramento! Que incomparavel mestre e que artista da palavra! É o grande classico que nos dispensa de lidar com os velhos classicos — tudo que neles ha de bom aparece em Ruy, e melhorado. Tem todas as energias e todas as suavidades. Ruy é um Everest.

Não ha motivo para indignação, mesmo mansas como as tuas. "Talvez você, se compreendesse e se se penetrasse de minha ideia, etc." Exprimi essa duvida, enervado, zangado, aborrecido por não saber exprimi-la a contento. Era natural que você não alcançasse, bem, bem, bem, uma ideia que o pai expressou tão mal.

Aprovo as ideias sobre a composição e nada tenho a aditar.

Voltam as tuas notas. Não é bom o sistema de colher petalas de flores, em vez da flor inteira e com cabinho. Quem quer apenas vocabulos exóticos ou raros, não precisa ler auto-res, é ler o Aulete. Lá estão todos, e já anotadinhos. Adote o meu processo, que é o unico.

LOBATO.

Areias, 22,8,1909.

Rangel:

Minha impressão de *Creança*: ótima na primeira parte até pagina 11; boa para o resto, menos o desfecho, que me decepcionou. Não deve ser um medico o noticiador da morte; fica muito arranjado, muito *Irmãos Zanganno*. Além disso, o povo que invadiu o picadeiro era natural que se derramasse também pelo interior da barraca onde estava o menino. Nesses lances o povo não faz distinções, nem respeita nada. Ficaria muitissimo melhor se Siá Chica irrompesse lá de dentro do povo com o menino morto ou moribundo para depo-lo as pés do assassino, em meio a uma chuva épica de invectivas rubras de colera com que vingasse a morte do filho adotivo. O Lopes está muito bem, e com a velha de

bigodes, mais a Zizi, dá muita côr á cena. Em summa: aprovado!

Que letra pessima tens — ainda peor que a minha! Precisamos arranjar maquinas de escrever. Mas eu, quando quero, escrevo legibilissimamente, e você quanto mais capricha peor fica.

Vou ver se ataco o n.º... 3 O teu n.º 4 envergonhou-me e meteu-me em brios. Estou lendo *Memoires d'Outre Tombe*, de Chateaubriand. Acabei o Albat. Bom, mas de pouco valor para nós aqui. Discreteia sobre o estilo francês, e as coisas mudam quando em português. A parte referente ao estilo descritivo em Homero é ótima, e boa para nós. A conclusão que tirei do livro é que estilos não se fabricam, nem se ajustam por influxo de regras; são o que são, como o nariz das pessoas. O mais, arrebiques, sobrecargas, postições que só aparentemente melhoram o natural ingenito e expontaneo de cada um. Gostei do meu juizo sobre Chateaubriand coincidir com o de Albat. Em Taubaté tenho *O Genio do Cristianismo*, *Atala*, *René* e excertos. Deixe em repouso o numero 4 para reve-lo mais tarde. Isso é bom.

Areias, 23,9,1909,

Rangel:

O meu xadrez estava errado, mas já retifiquei a posição e continuo: 9) C3BR — D3CR (na tua carta vem D3CD, mas como não é possível, atribuo-o a engano, troca de R por D). Minha 10) C4T.

A tua operosidade envergonhou-me e fez-me vomitar o n.º 2 e o n.º 3. *A Casinha de Rotula* encalhou, como tambem outro sem nome. Espero que alguma forte maré os safe. O Edgard Jordão escreve-me essa carta que mando. Ha nele muita originalidade e capacidade metafisica. Talento real. Já temos materia para a metade do livro, umas 150 paginas. Vou ver se faço coisas menos sanguinarias, sem mortes. Temos que variar de nota, senão a critica nos toma por uns Troppmans que erraram de vocação.

LOBATO.

P. S. — A Marta está um rolete de carne, com roscas no braço e covinhas pelo corpo. E está saindo uma danada! Creio que o segundo já está a caminho. Será Edgard Guilherme. Donde tiraste o nome do Nelo? Do Goncourt, aposto...

L.

Xadrez: 21... P5 BR; 22) C x C —
T x C; 23) B x P ch — R T; 24) P4TD

Areias, 23,10,1909.

Rangel:

As minhas “batatas”, referidas em carta anterior, são: Congérie, Cábrea, Caramanchão (eu dizia carramanchão), Cérbero, epifanía, hábitat, hílare, homília, homizío, dulía, hiperdulía, índigo, litanía, liturgía, mándria, mnemotecnia. Das mais não me recordo. Eu acentuava-as errado. Com exceção da terceira, nunca as empreguei na conversa; mas se viesse a emprega-las pronunciaria errado. Começo a perceber o meu relaxamento com o português. Quando calouro, furtaram-me um Aulete que fôra de meu pai e eu levava para S. Paulo, e desde essa ocasião (dez anos!) fiquei sem dicionário! De gramatica sou a personificação da ignorancia. Depois que me vi livre do exame, botei fora a infernal gramaticorra do Freire da Silva, que tanto me martirizou e me valeu uma bomba, e nunca tive comigo nem a gramatiquinha do Coruja. E estou convencido da inutilidade delas, como tambem pensa o rei dos gramaticos, o Candido de Figueiredo.

O exemplo que citei foi apenas para frisar a beleza da palavra propria. Talvez por simpatia minha, acho o *circunvagar* mais proprio para designar o movimento *lento e circular* dos olhos em torno duma coisa do que o *correr*. Correr dá sempre a sensação de pressa. “O moribundo circunvagou os olhos”. Quando o movimento é rapido, então sim, cabe melhor o correr. “Corri os olhos pelo jornal”.

O *Jack* é bem o que dizes, romance otimamente bem arquitetado, bem travado. Otimo como *modelo de fatura*. Purezinha, que o leu, me viu no tipo de D’Argenton, e quando

briga comigo me chama D'Argenton... Que tristeza, Rangel...

Não concordo com a tua ideia de que todo critico é um *raté* da literatura, porque a critica é um ramo da literatura para o qual certos sujeitos nascem com aptidões especiais. Olhe Taine, Sainte Beuve, Macaulay. Mas não deixa de ser certo que muitos criticos de segunda são literatos fracassados em outros generos. Sentem o prazer satanico de se suporem numa sacada, e lá de cima cuspirem nos que passam pela rua. Prazer de juiz sentenciador — mas juiz que se nomeia a si proprio, não é nomeado pelo governo. Vingança, picuinha contra a Fatalidade. “Falhei no meu poema? Pois esperem que vou desancar todos os poemas alheios”. O Albat me parece dos tais. Aquilo de só admitir Homero, e ir filiando um estilo a outro até chegar ao de Homero, aquilo me parece odio aos seus contemporaneos donos de estilo.

Has de notar a minha insistencia em *Bocatorta*, mas é que ainda não me fiz compreender. O meu conto com esse nome não dá plena ideia da *Ideia*, porque tive de poda-la muito, só deixando o essencial. A minha ideia completa é a seguinte: um monstro hediondo no fisico, mas homem de sentimentos normais por dentro. Afora a teratologia visivel, ele é um homem como todos os outros. Não é negro, não é rudimentar de espirito como o do conto. Quando chegado á puberdade, nasce nele o desejo de mulher e em consequencia o amor. Mas ao mesmo tempo vai cada vez mais adquirindo a consciencia da sua horrivel condição de monstro, e ele, que em menino vivia na fazenda do pai de Cristina a vê-la todos os dias, ao tornar-se homem, e bem conhecedor da sua disformidade, entra a sofrer um martirio horrivel e afasta-se. Vira bicho do mato, foge dos homens; e os sentimentos normais que a natureza lhe deu vão, por influxo duma surda revolta contra o Destino, se avinagrando. O amor por Cristina (resultante da sua sexualidade expandida) transforma-se em odio. Ele a espia do mato. Chora. Escabuja em acessos de colera epileptica. Pintar a vida dele na mata. Suas relações com a mata. Sua simbiose com a mata, mental e fisica. Amizade e antipatia por certas arvores (ha mil coisas a desenvolver aqui). Algo daquele Mowgli do Kipling. Ensejo de pintar a natureza florestal com cores novas e processos novos — em que pese ao Albat. Chateaubriandizar, mas com ciencia, com biologica, com botanica. A floresta deste país de florestas que

é o Brasil *nunca* foi pintada, nem interpretada! Não temos nada *d'après nature* em materia de mata. Tudo é imaginado e tratado com receitas, com frases feitas — e sem ciencia nenhuma. O grande triumpho de Euclides foi meter um pouco de ciencia na literatura. Os papuas arregalaram o olho! Lá de dentro da mata Bocatorça acompanha o movimento da fazenda. Tira conclusões. Induz, deduz. Recompõe em espirito a vida de Cristina, que ás vezes vê de longe, num passeio a cavallo. Chega a ir espia-la num dos seus banhos na cachoeira. Nua! O inferno do drama interior... Um dia passa o trole que vem da cidade, e no trole vem um moço desconhecido. Bocatorça adivinha nele o namorado, o noivo. Sua dor. O ciume. Contrastes constantes. Na fazenda a alegria radiosa do noivado; na mata, um circulo dantesco de impotencia e ciume e desespero. Bocatorça desabafa nos animais, trucidá-os, tortura-os, esmaga as flores que encontra, gasta dias quebrando os brotos novos das arvores eervas, na ansia de aniquilar a vida, de vingar-se da natureza, etc., etc. Depois, o casamento — o macabro casamento de Cristina, não com o noivo, pois morreu, mas com ele, Bocatorça, no cemiterio, de noite. Cristina desenterrada! Imagino uma coisa fortissima — Bocatorça sempre latente na mata, *naquella* mata, como o proprio genio da mata, o seu Caliban, a sua alma secreta e *noturna*. Quanta coisa, Rangel!

Mas da ideia á realizacão o caminho é aspero. Talvez você tirasse do assunto a coisa que imagino. Eu não me atrevo — porisso reduzi o romance a conto — um conto que é apenas um frouxo programa do romance.

Toda gente considera o conto um genero leve — e tomam o leve como sinonimo de facil. Mas note que em todas as literaturas só emerge do conto um Maupassant para dez romancistas. Mesmo assim, achas que é possivel meter Maupassant na plana de Balzac, Dostoiévsky e Tolstoi? Não creio. É mister fazer bom e grande e o contista, embora alcance o bom, não pode chegar ao grande. E' ourivesaria, não é arquitetura. Cellini faz o Perseu, mas faria o Taj Mahal? O meu Bocatorça conto é pobre maquete em gesso dum terrivel monumento. Miniatura.

Viver um ano, dois, tres, dentro dum romance, construindo um romance, como Flaubert. Que folego exige! Que saude — e nós somos uns doentinhos. Mas quanto aos contos

que projetamos, absolutamente não penso em desistir, quando mais não seja, ao menos para habituar-me a conduzir uma tarefa do começo ao fim. Que saiam bons ou não, que se publiquem ou não, que amarelecem eternamente ineditos, nada disso importa: o que importa é a satisfação de não havermos procedido como *ratés* que planejam, delinham, começam... e só.

Outra vantagem, e não menos preciosa, é obrigar-nos a esta correspondencia, coisa que me é (e para você também) de muito valor como incentivo, como enchimento de tempo vazio, como ocupação mais nobre do que discutir politica na farmacia ou caçar as moscas do imperador Domiciano.

Para o mês vou passar duas semanas em Taubaté e das notas que lá tenho extrairé os tipos e observações aproveitadas. Se não me presto para desentranhar tipos, tenho em Purezinha uma perfeita mestra na arte. Ainda ontem ela me contava duma familia de gente excessivamente acaipirada, lá numa chacara em Taubaté, na qual só o pai, um velho de posses, tinha desembaraço e coragem de mostrar-se. Quando vinha alguma visita, as moças filhas do homem ("solteironas") não apareciam na sala; o pai explicava que elas "havam acabado de sair naquele momento". Mas enquanto o velho conversava, a visita as pressentia (eram tres) a se *revesarem* num velho buraco de fechadura. E Purezinha desenvolve o tema: "O buraco já estava grande, gasto, e cada vez maior; por ele via-se um olho inteiro e uma rodela de cara". E enfeita: "A porta, de casa antiga, era curta, ficava a meio palmo da soleira, e pela fresta viañ-se pés — seis pés — pés que mudavam de posição, "sofregos e impacientes os de lado, e *quietos*, sem pressa, os que ficavam na linha vertical do buraco".

Purezinha começa com base num fato real e insensivelmente vai acrescentando apêndices logicos que o frisam, com uma arte que me dá inveja.

Vou anotar as coisas assim que ela me conta e te mandarei.

Andei metendo o nariz na questão das candidaturas presidenciais, como verás do artigo incluso, da *Tribuna*. Repugna-me esse militarismo que certos jornais do Rio defendem... Mas não falemos nisto.

LOBATO.

Areias, 14,8,1909.

Rangel:

Chegaram os contos e a carta. Meu processo é outro: quando topo palavra que desconheço, ou conheço mal, ou que também se usa em sentido diferente do familiar, anoto-a com toda a frase em que está metida, frase que lhe entremostra a significação e a propriedade. Assim, já de começo o espirito pode utilizar-se da aquisição — é uma especie de apresentação da nova personagem á intelligencia, e passo primeiro para a familiarização entre ambas e consequente assimilação. Anotar apenas a palavra é perder tempo: só a mão lida com ela, e o faz maquinalmente, como copista automatica que obedece a uma ordem do cerebro; e o cerebro não trabalhou para a fixação da novidade, limitou-se apenas a dar ordem á mão para que a grudasse no papel.

Já percorri este ano as primeiras 700 paginas do Aulete e breve chegarei ao fim, porque está me agradando o passeio. Mas depois do enriquecimento vocabular é preciso que aprendamos a bem gastar o accumulado, senão viramos *nouveaux riches* e insensivelmente nos metemos a ostentar riqueza vocabular. Machado de Assis é o mais perfeito modelo de conciliação estilistica; seu classicismo transparece de leve e nunca ofende os nossos narizes modernos. Como vivemos neste seculo e neste continente, não podemos, sem uma habil e manhosa tactica, usar expressões lusitanas e de tempos já muito remotos.

Esse Albalat que o Ricardo te mandou anda interessando muito á rapaziada de S. Paulo que pretende lugar nas letras. Tenho a impressão de que é obra vã e perigosa, talvez das que ensinam um certo estilo — e neste caso teremos estilo postiço, como ha dentes postiços. Estilo é cara; cada qual tem a sua e o que fazemos para modificar o nosso estilo natural e congenito é igual ao pouco que podemos fazer para modificar nossa cara — em geral mexemos nos pêlos, barba e grenha, e podemos sair um bigodudissimo Umberto I ou um cara rapada á americana. O mais do nosso rosto não se sujeita a *travestis*. No estilo também ha algo de imutavel, de ingenito, de inalteravel, a despeito de tudo o que fazamos para deforma-lo. Não as exterioridades, mas essa *alma-mater*, esse eixo central, é que verdadeiramente constitue o estilo.

De Camilo Castelo Branco tenho alguma coisa em Taubaté e aqui só o *Regicida*. Quanto áquele conto do F., desagrudou-me em absoluto; parece pornografismo puro, digno de figurar no *Rio-Nu*. E teve a coragem de dar-se como protagonista! Chego a crer que é pilheria. Dar-se como capaz de “amar” uma bodinha da rua, o tipo da coisinha atôa... E o entrecho e tudo mais, e aquele cinico desdobrar aos olhos do leitor das “doenças vergonhosas”... O nosso F. a contar uma aventura de alcoice com uma negra, onde espera na antecamara, todo mordido de ciumes, que o desconhecido que “ocupava” o “amor” saísse e lhe cedesse a praça. E tudo acompanhado de velhos sordidos e sargentos podres de sífilis que tressuam mercúrio... Palavra, tenho lido muita coisa, mas em nada vi tão pesada atmosfera de bordel do mais reles...

Em literatura a condição básica é haver beleza, nem que seja o belo horrível, e que beleza naquilo existe? Numa prostituta negra, na vida imunda que leva, no “amor” que inspira, nas “doenças vergonhosas” que espalha, nos sargentos que enrabicha — onde qualquer resquício da beleza salvadora? Em nome da Arte veto esse conto e lamento que F. seja suscetível do estado de animo necessário para a produção de tal coisa. .

LOBATO.

Areias, 30,8,1909.

Rangel:

Veio o 5, acompanhando o Albat. Comecei a ler este e a gostar. Não é o bestalhão que imaginei. Parei com os contos e segui com o Aulete. Dá-me mais prazer isto, além das vantagens que traz — prazer pitoresco, variado, como o de um general que assistisse ao desfile de 70 mil homens não uniformizados, cada um vestido dum jeito e lá com sua cara diferente. Outra vantagem está sendo a retificação de muitas palavras que eu *pensava* que eram uma coisa e são outra; e também já cavei 24 vocabulos que eu pronunciava erradamente. São 24 “batatas” de que fico liberto. Estou no M. O que mais aprecio num estilo é a *propriedade exata*

de cada palavra e para isso temos de travar conhecimento pessoal, direto, com todos os vocabulos, um por um, em demorada, pensada e meditada vocabulação dicionarística. Só pelo conhecimento exato do valor de cada um é que alcançaremos aquela qualidade de estilo.

E quanto circunloquio, quanto rodeio, esse conhecimento vocabular nos evita! Em vez de: "F. correu os olhos em torno da mesa" como fica melhor dizer: "F. circunvagou os olhos". Mas no uso dum vocabulario abundante torna-se mister o mesmo habil discernimento de boa applicação que distingue os Camilos dos Camelos — dos camelos plumitivos á Macuco, o fundador do *Profundismo*... É necessario aprender a bem gastar, como faz o rico inteligente, que gasta simultaneamente em proveito proprio e alheio, não á moda do perdulario inepto. O Macuco aprendeu um dia a palavra "apropinuar" e escreveu toda uma historia só para ter ensejo de empregar dez vezes o grande achado — e apropinhou-se mas foi das cocheiras do Braz.

Não conheço melhor modelo que Machado de Assis. Camilo ainda me choca, é muito bruto, muito português de Portugal e nós somos daqui. Machado de Assis é o classico moderno mais perfeito e artista que possamos conceber. Que propriedade! Que simplicidade! Simplicidade não de simplorio, mas do maior dos sabidões. Ele gasta as suas palavras como um nobre de raça fina gasta a sua fortuna e jamais como o *parvenu*, o *upstart*, que começou vendeiro de esquina e comprou um titulo de barão do papa.

Os Macucos adquirem vocabulario unicamente para fazer alarde da "riqueza vocabular"; os Machados, para da riqueza reunida só gastarem os juros. E, pois, espero terminar meu passeio pelo país dos vocabulos para em seguida retomar a tarefa dos contos.

Os tres tipos de "falhos desenganados" são otimos e merecedores de hiposulfito de sodio. Não os perca de vista. Achei boa a observação dos que fazem literatura na vida por impossibilidade de a fazerem no papel. Você fala nos *ratés* de Daudet meio de outiva, como quem os não conhece pessoalmente. Se queres o *Jack*, tenho-o cá. Eles acreditavam em si mesmos, não eram desenganados, como os teus.

O Mario Roberto era meio ligado a mim no tempo da Academia; ás vezes, depois da aula, iamos juntos até á casa do Silvio de Almeida, onde ele morava, e eu lhe ouvia um

otimo Beethoven na penumbra da sala; tenho saudades desses dias musicais; eram um extase.

Da tua proposta acho aproveitavel uma parte: colecionamento de tipos a dois, visto como ação e local são coisas consequentes e determinadas pela psicologia dos tipos. Dado o carater deste ou daquele tipo, a ação tem que ser esta ou aquela, e o meio tambem está *ipso facto* predeterminado — são sequencias logicas. Vamos aos tipos. Você tem facilidade em ver o tipo dentro do homem comum. Uma especie de raio X. Tambem o Ricardo é maravilhoso nisso. Instantaneamente ele capta o tipo das creaturas — e com que finura! Grande Ricardo! Dá-me ideia daqueles sujeitos da California, especialistas em conhecer, sem outro recurso alem duma rapida inspeção, se em tal sitio ha ou não ha ouro. Esse faro natural de perdigueiro você tambem o tem, Rangel. Já foste podengo em outra encarnação. Associemo-nos, pois.

Num romance, quando as radículas da nervura central são constituídas por tipos discretamente pintados, de modo a não projetar sombras na coisa principal, o efeito é maravilhoso. Em *Jack*, por exemplo. Como aviva a pintura do carater de D'Argenton aqueles *ratés* secundarios que o rodeiam! Em Machado de Assis lembro-me do Dias, o homem dos superlativos, tão discreto. Ás vezes o que salva um romance é isso — esse fundo.

Ando frio com o conto. Acho um campo muito restrito, coisa só para os grandes mestres. Engano pensar que por ser mais curto seja mais facil, mais proprio de principiante. Este deve começar com um *Rocambole* e só depois de bem maduro fazer um continho. A proposito, lembro-me dum plumitivo de Pindamonhangaba, que me abordou um dia e contou da sua ideia de publicar um livro de pensamentos. E explicava: “Nós, principiantes, devemos começar pelo principio, pelo primeiro grau; coisinhas leves, *pensamentos*; depois *sonetos*; depois contos e por fim novelas e romances”. Ele andava com uma trena no bolso.

Proponho uma coisa: concatenarmos um entrecho, armarmolo como ao arcabouço duma casa; depois vamos metendo dentro os habitantes, os herois e tipos. Não sei o que sairá dessa casa a dois pedreiros — temos que fazer a experiencia — é o que Bacon exige. Um entrecho de romance que sempre me seduziu é o de *Bocatorta*, por causa da originalidade do

desfecho — a necrofilia do negro e a morte por afogamento no barro. Imagino-o do modo que vai no papel anexo.

Um tipo que peguei aqui: o do homem eufemico, extremamente delicado, que evita dizer as coisas como são e usa dos mais suaves circumloquios. Não diz que F. estava bebado, e sim que estava *doente*, e grifa com sutil entonação o “doente”. Não diz “morreu” e sim “deixou-nos”, “descansou”. As prostitutas são as “infelizes” — e assim por diante. Podemos dar como mãe desse homem uma dona Eufemia.

Mando *Karenina*. Livro de genio como haverá pouquissimos no mundo. E adeus.

LOBATO.

Areias, 1,9,1909.

Rangel:

Volta a *Desforra* com algumas ilustrações. Estou melhorando e espero fazer coisa que não nos envergonhe. O meu N.º 2 são dois, um em meio e outro pedindo passagem a limpo. O quanto me dá prazer desenhàr, aborrece-me escrever. E o Euclides da Cunha? Que horror, hein? Aquilo não me sai da cabeça. É como se eu houvesse levado a bala. Euclides naquele meio — com um inferno na cabeça...

LOBATO.

1910

Areias, 12,1,1910.

Rangel:

Vai por quatro o numero de vezes que me ponho a escrever e estarrece-se-me em meio a pena, tolhida de subida vergonha. E' o caso que leio e leio e leio Camilo, com o afã dum Henry Morgan a remexer as arcas dum galeão espanhol abordado no mar dos Caraibas. Leio-o e penetro-me de Camilo, ensabô-me com as riquezas do maior sabedor da lingua d'aquem e d'alem mar, Algarves e Colonias; e, com a "descoberta" que fiz do que *realmente é* a lingua portuguesa, espanto-me do atrevimento da filha bastarda que vingou vicejar nestas paragens, tomou-lhe o nome e vive a dar-se como sua sucessora!

Num romance de Julio Verne ha um Tiago Paganel, geografo de má memoria, ao qual succedeu o caso, que hoje não me espanta, de aprender o espanhol pelo portugués. Quando deu pelo engano, abriu a boca. Não me espanto porque fiz o mesmo: aprendi por cá uma lingua bunda pensando que era a nobre e fidalga lingua portuguesa.

Sempre vivi atolado nesse elegante atascal da lingua franceza, no qual me cevava de literaturas exoticas, eslava, britanica, escandinava e até hindustanica — sem me lembrar que isso só deve ser permitido aos que já perlustraram a fundo as provincias da literatura patria. E tão encrostado me pôs o longo patinhar por anos á fio nesse engano ledo e cego, que não creio em cura para o mal. Tenho sifilis no idioma, da incuravel! Mas é provavel que encetando agora o estudo da Grande Lingua, aos oitenta anos menos leigo serei de suas louçanias, que hoje. E como ajustado ao intento me pareceu Camilo, a ele me arremeti. Fiz vir um fardel de 50 volumes, que trago (tragar, engulir) em parcelas de meio por dia. E espero encomendas feitas a varias livrarias lusitanas, que me abasteçam de Francisco Manoel, um sujeito que deve valer muitos Stendhais e Taines. E de Almeida Garret, o

visconde resgatador de todas as alimarias viscondadas, baronadas, acondadas, marquesadas com que o moderno Portugal atravancou o mundo. E de mais Camilo, e Herculano, e Tolentino, e Garção... Que cohorte!

E enquanto de todos me não tornar amigo intimo em diurno e noturno conversar, protesto não admitir amizades barbaras (no sentido romano, isto é, estrangeiras). Não me mandes, pois, o teatro francês que te delicia; muito tempo hei perdido com esses deliciosos pechisbeques — cocadas que atendem ao paladar mas empecem a alma. Tenho deles em Taubaté um metro de estante, e acodem-me os nomes de Robert de Flers e Caillavet, o seu irmão siamês; e Tristan Bernard o Barbinegro, espirituosissimo e safadissimo; e Maurice Donnay, todo sutilezas de bordel e salão; e Alfred Capus, consolador dos que tudo esperam da Sorte; e Rothschild, e Paul Hervien, e Lavedan, e Henri Cain, e o Octave Mirbeau do Nogueira, e Henri Bataille, e o traumatizante Bernstein, e Dario Nicodemi, o amante da faisandée Réjane; e Porto-Riche, e Tarride, e o Edmond Rostand do Ricardo... Acho que em França ha mais teatrologos do que espectadores.

O Acre... Para remeter dinheiro tanto vale o Correio como o Banco. Prefira o banco. No correio o provavel é esbarrarmos na má vontade pachola dessa gentè federal. O Acre... A *Lua* é um pobre Satellite. Têm-te valido alguma coisa as minhas notas? Mando mais uma dose. Se te enfadaram, diz. Joeiro agora belezas de Camilo. Que Eldorado! A gente tropeça em perolas. Tudo ali rutila e canta. Custa-me no Alves 1300 cada um desses Camilos vermelhos da Parceria. O Acre... Você sabe o que é o Acre, Rangel? E' fazer o que fez um Ricardo Arruda de S. Paulo, que comprou um bilhete inteiro da loteria de Espanha e meteu-se num premio de 6 milhões de pesetas... (Falta o resto)

S. Paulo, 30,4,1910.

Rangel:

Recebi tua carta. Não posso responder já porque ando á procura de casa para onde me mude, já que aqui no meu sogro uma hora de silencio é sonho inatingivel. Meti-me em

coisas industriais e creio que deixo Areias e me fixo em S. Paulo. Não tenho tido tempo nem de me coçar. Muitas novidades.

LOBATO

S. Paulo, 20,5,1910.

Rangel :

Não é por falta de tempo que te não escrevo e sim por falta de sossego. Estou em casa de meu sogro, onde ha muita gente, filhas que estudam piano (uma toca o dia inteiro o *Chiribiribi*) e onde ha tres pessoas surdas, ou de "ouvidos duros", de modo a produzir-se muito falar gritado. E ha as mulheres, que surdas ou não, falam demais e sempre alto — e não ha um cantinho sossegado onde um pobre cerebro possa pensar pensamentos como os nossos. Eis a razão pela qual não te escrevo, nem leio, nem faço nada alem de ouvir. Ouço, ouço e mais ouço. Outra coisa que me rouba o tempo é a Rua — coisa que não existe em Areias. Passo do torvelinho da Rua para o borborinho da Casa e viceversa — e assim me vão correndo os dias.

Ando querendo dar nova direção á minha vida, e por causa disso tomei mais tres meses de licença. Tua carta me chegou como voz do outro mundo ou pelo menos do mundo em que eu estive ha quatro meses passados.

Depois que saí de Areias, não pude nem sequer pensar nos nossos deliciosos planos, coitadinhos! Não sei que fazer de mim, se vou para Caçapava, se fico em S. Paulo ou retorno para Areias. Também ando a pensar em Ubatuba, por causa do mar. Todo um ano só mar, mar, mar, como no *Joie de Vivre* de Zola, em que o mar marulha desde a primeira pagina até a ultima!

Estive ontem em Taubaté, onde a morte de uma parents me fez herdar uma estatueta de Sèvres, Venus nua com Eros bêbê a querer alcança-la — uma perfeição de beleza. Namoro-a todos os dias, e queria que a namorasses também. Esse Sèvres fez-me curioso da porcelana, e eis-me atolado nuns volumes eruditos.

Ando ansioso pelo reatamento da nossa vida secreta, sempre lá pelos intermundios literarios, tão longe deste mun-

do de carne e ossos. Lembrei-me de te convidar para concorrermos ao premio da Academia e tua carta veio bater na questão. Deves concorrer sozinho — eu não presto máis para essas aventuras. Teus contos dão para o volume requerido. Faça uma coisa: refunda no quantum necessario os melhores e mos mande para uma inspeção final antes de subirem aos julgadores. Podias mandar *Bem Casados*, mas parece que é concurso só de contos. Mande-me o que está pronto do livro novo. Estou com saudades de te ler. Adeus.

O meu Edgard chora, o piano toca o *Chiribiribi*, as mulheres falam, os surdos gritam, um canario trina. O barulho não é uma ficção, Rangel.

LOBATO

P. S. — O teu conto *Historia de Bonecas* não pode ir porque ficou em Areias.

Areias, 18,7,1910.

Rangel:

Cá abicou o monstro. Caspité! Hurras pela coragem do empreendimento e tenacidade da execução. Pena não usares a escrita mecanica. Compra-se hoje uma Oliver por cento e tantos mil reis e é dinheiro sapientissimamente bem empregado no caso dum sujeito de letra martirizante como a tua. Ando com ideia de realizar essa proeza — uma Oliver!

LOBATO.

S. Paulo, 22,7,1910.

Rangel:

De conformidade com tuas ordens voltam *Os Pioneiros da Luz*. Li de um gole a parte enviada e notei seria melhorir no processo narrativo e no estilo. Mais maleavel este, ou com a fluidez dos estilos que escondem as tecnicas da fature. Sinto nele, entressachadas sem esforço e sem quebra de nivel, todas aquelas nossas aquisições nas leituras camilianas. Na narrativa, muita ordem logica e grande clareza — qualidade que em você é um dom — e observação constante, inin-

terrupta. Quem te lê percebe a honestidade literaria. Advinha que todos aqueles tipos foram estudados do natural, e até a pouca paisagem que ali aparece é *d'après*. Grande qualidade essa fidelidade ao natural, e quem a possui vence. Em suma: ha progresso em teu novo romance; tua evolução literaria tem sido constante, sem hiatos ou recuos, e tua personalidade se cristaliza. Já és bastante Rangel em quasi todas as frases. Já és uma *realidade!*

Este teu romance, se prosseguires com o *impeto* de até aqui, merecerá a honra de ser publicado. Será o numero 1, a estreia. Que beleza!

Pena não poder da-lo a ler ao Manoel Carlos, que me pediu e que de você só conhece um conto e dos menos bons.

O primeiro livro de Spencer que li? *Educação*, em meu tempo de calouro. Como todas as mais obras desse Aristoteles moderno, é uma suma da mais alta e nobre sabedoria.

Minha vida continua furta-côr. Ia voltar para Areias esta semana mas resolvi tirar mais licença. Ando empenhado em ser socio duma empreitada de 60 quilometros de estrada de ferro. Se não falhar, será tacadazinha. E ainda tenho outros negocios em marcha, que me animam a esperar breve o ensejo dum suculento pontapé na promotoria.

Escrevo na sala de visitas desta casa da rua Formosa 53, em meio a um barulhão do inferno. Na sala de jantar, seis damas, visitas, falam todas ao mesmo tempo — e entendem-se! Atrás de mim quatro pessoas graves rosnam coisas serias. Na rua passam constantemente os infernais bondes da Light. Já não sei o que está para traz, nem tenho animo de reler. Ando a pensar em refugiar-me no porão da casa, onde ha um fundo escuro e silencioso. Lá, sozinho, terei uma sensação de Areias e talvez possa escrever-te á moda antiga.

LOBATO.

S. Paulo, 30,7,1910.

Rangel:

Respondo á tua de 21. Os defeitos de *Pioneiros*, a que de leve me referi, são coisinhas tão pequenas que nem merecem debate. Entusiasmo-me com a marcha em que vai a tua obra, não só a literaria como a erudita! Refiro-me ao dicionario.

Pode estar nele o germen duma coisa tremenda. As mais tremendas coisas começam assim. O proprio Shakespeare começou dum espermatozoario. Tambem a mim me ocorre ás vezes a ideia de fazer algo de ciencia e desistir da literatura. Uma gramatica historica e filosofica, que me vingue da bomba que tomei no meu exame inicial. Comecei minha vida de estudos, bem sabes, com uma inhabilitação em português. Ou um vocabulario brasileiro. Coisas assim de paciencia. O perigo é nos meterem no Instituto Historico. Não tenho ideia do que seja o Instituto Historico, mas me represento um museu de mumias vivas, tossindo, escarrando. Antes disso talvez publique a minha tradução do *Anticristo* do Nietzsche, para a qual já tenho editor. Depende duma correção final do manuscrito que só poderei fazer quando acabar esta minha interminavel estada em S. Paulo, consumidora de todo o meu tempo em coisas profanas.

Achei heresia a comparação do *Braz Cubas* com as *Memorias de um Sargento*. Conquanto estas memorias sejam um dos pouquissimos livros bons da nossa literatura inicial, falta-lhe a ironia e o pessimismo sibarita e anatoleano de Machado. E falta estilo. Tenho a impressão de que as *Memorias Postumas de Braz Cubas* foram escritas por um conjunto de mestres: Sterne, Anatole, Xavier de Maistre e Stendhal. Não sei á conta do que levar, mas livro nenhum, daqui ou de fora, jamais me soube tanto ás minhas mais intimas e misteriosas tripas esteticas. Parece um livro ateniense, anacronicamente rebentado no Rio de Janeiro — essa coisa berrantemente tropical! As *Memorias de um Sargento* têm contra si, no confronto, a vulgaridade plebeia das coisas ditas; e nem podia deixar de ser assim, pois que esperar dum sargento de milicias? Já o doutor Braz Cubas é fina floração de fim de raça, um *faineant* como aqueles das côrtes luizescas de França. Flor de fim de Ordem Social. Ao primeiro sopro das Revoluções, os Braz Cubas morrem como passarinhos.

A minha ideia do porão falhou, porque uma creada ocupa a repartição proxima, e como é preta põe lá um bodum peor que o barulho da sala. Ando a ler uma batelada de coisas, entre elas a correspondencia de Taine, a *Conduta da Vida*, de Emerson, uns Anatoles e um romance de Marion Crawford. Este mês decide-se o negocio da empreitada; e, se não falhar, mudo de vida. Meu dilema agora é este: ficar aqui metido em negocios ou remover-me para Ubatuba e passar um ano

diante do mar, a namora-lo, a cheirar-lhe as maresias, a comer-lhe os camarões e ostras, a pintar marinhas, a ouvir histórias de pescador, a pescar nas pedras, a tomar banhos e ficar ao sol da praia de mãos cruzadas sobre os olhos, como um caranguejo feliz.

Creio que foi aquela *Joie de Vivre* de Zola que me fincou na cabeça tal ideia. E caso meu plano se realize, que tal ires também passar lá uns tres meses de licença, com a tua Barbara? Ela ha de estar precisadissima de banhos de mar. Arranjo-te casa móbiliada junto á minha, se não couberem as duas familias na que irei tomar — caso escape do hotel. E viveremos uns meses no mar, para o mar, do mar, pelo mar, com abandonos de mulher que se entrega ao amante. Levaremos uma batelada de literatura marinha, Lotis e Conrads, e faremos literatura, contos e novelas cheias de mar, com muito verde-cana e muito azul do céu.

Ubatuba é uma grande tapera á beira duma sucessão de praias lindas. Anda-se lá de pé no chão, com chapeirões de palha, sem paletó, a comer coco verde na rua e a sentir de todos os modos o mar, o mar, o mar — nos banhos, nas refeições, nas pescarias, nas leituras dos escritores marinheiros.

O juiz de lá é meu tio por afinidade e velho companheiro de collegio, de academia, de tudo. Aquele Enéas que se atirou do trole no desastre da ponte, lembra-se?

Uma estada assim em Ubatuba será coisa de marcar epoca em nossas vidas, Rangel. Seduz-me tanto a ideia que, podendo ser removido de Areias para Araraquara, estou negociando permuta com o promotor de Ubatuba. Talvez haja incompatibilidade por causa do tio afim. Já consultei a Secretaria e espero resposta. Mar, mar, mar... Ha sempre saudades do mar na obscura trama do nosso imo. Já fomos filhos do mar, nos inicios da nossa evolução, quando eramos o peixe *amphioxus*...

LOBATO.

Taubaté, 27,9,1910.

Rangel:

Tua ultima me pegou neste Taubaté para onde vim por tres dias em virtude da morte de meu sogro, a 13 do corrente. Esta morte atrapalhou-me um tanto os calculos e talvez me leve de novo a Areias, e então retomaremos os fios. Coincide andarmos a ler o mesmo livro, *A Margem da Historia*. Como é novo, como são ineditos entre nós a ideia, o pensamento, o estilo, a lingua de Euclides! E por causa duma simples mulher esse Homem Estupendo desapareceu numa voragem...

Certo o que dizes do Candido. Teve elementos para tudo, mas o excesso de dinheiro o perdeu. Candido pobre daria algo precioso. O dinheiro dessora e dá a preguiça. Outro que está se estiolando e de quem nem o Raul espera mais nada é o Ricardo — o genio da nossa rolinha. Vive em S. José dos Campos.

O "literatinho da tua terra" definiu muito bem os falhos. Isso mesmo! Hoje, sarado já da catarata, coloco-me no lugar devido e nada mais espero de mim. Antigamente, a simples ideia de falhar me dava ansias de desespero. Hoje, que positivamente já falhei, nem mais me acodem á mente os sonhos de outrora. Perguntas que tenho feito. Uma coisa só: *procurado* ganhar dinheiro, *procurado* mudar o rumo da minha vida — mas não espero nada este ano. A coisa não é facil como eu supunha.

Ando ansioso por Areias — parece incrível! Mas aquele sossego me faz bem á alma e ao cerebro. Não ha lá este dispersivo das grandes cidades; podemos cultivar uma horta. Aqui nada produzo. Meu jardinzinho do cerebro está cheio de mato. Sinto-me entorpecido dos miolos, como ficamos entorpecidos dos musculos quando muito tempo acorados. Só de você espero ocasionalmente algum lubrificante. Literariamente, vivo pendurado em você, como quem caiu num abismo e se segurou a uma raiz. Se você me larga, vou ao fundo.

LOBATO.

1911

Taubaté, 4,4,1911.

Rangel:

Tua carta chegou-me ao voltar eu da missa de 7.º dia da morte de meu avô. Faleceu a 27 de ruptura de aneurisma, como se previa. Um grande homem, o meu avô, e grande amigo meu. Esse fato vem mudar minha vida. Já não volto para Areias — abandono a carreira. E com pesar. Aqueles dias lá passados, sem serviço como promotor, todo entregue ao mais absoluto borboleteio mental, ora em caça de coisas no Camilo, ora a ler e anotar o Aulete ou a traduzir artigos do *Weekly Times*, ou a tentar um conto, ou a ler um livro novo — tudo isso, dentro da nossa eterna troca de conversa escrita, é coisa de deixar saudades, pois não. Minha vida agora vai ser a de “proprietario”. Em estudante eu *tinha* uma cama, uma cadeira de balanço, uma canastra e uma agulha — minhas propriedades paravam nisso. Essa agulha me fôra dada aqui, certa vez, por uma velhinha de nome Nh’Ana Rosa. Conservei-a toda vida espetada na gola e com ela preguei todos os meus botões caídos. Chegou a entortar de tanto uso, a coitadinha. Pois has de crer Rangel, que logo que me casei a primeira coisa que Purezinha faz foi perder a minha agulha historica e tão amiga? Conservei-a comigo, na gola, oito anos! Depois que me casei assumi mais propriedades — mulher, filhos, a responsabilidade de pai de familia. E agora vou ser proprietario de coisas — casas, terras, fazenda. Mas a “nossa agulha” será conservada e continuaremos *quand même* a costurar as nossas secretas literatices.

Isso é raro e bom, Rangel. A mim me descansa da materialidade da vida e a você garante uma opinião sincera neste mundo de opiniões insinceras. Ainda não sei que rumo vou tomar. O mais provavel é ir viver naquela fazenda onde escrevi o hediondo *Lambeferas*. O lugar tem a calma propicia ás letras — embora, dada a amostra, as produza pessimas.

Produzirá melhor, feijão e milho. E lá me has de visitar um dia, você, dona Bar e a prole. Prometido?

Os preços de impressão do Lello são realmente convidativos, mas de mim sou contra o teu lançamento agora. Eu queria que aparecesses com os seis romances ao mesmo tempo, de jacto, todos perfeitos, inatacaveis! Coisa de achatar a critica indigena e dar uma tremenda prova de consciencia do valor proprio. Essa historia de vir com o primeiro livrinho e submeter-se á piedade da critica, e ouvir que somos uma "bela promessa", isso não vai comigo. Ou entro e racho, ou não entro nunca. A coisa ha de cair na taba como um bolide.

Quanto a ganhar dinheiro com livro, e essas esperanças de crear um "nome vendavel", uma marca de fabrica que tenha saída, varra isso da cabeça! Tão cedo o livro não será negocio de dar dinheiro no Brasil. Sabe que o peor negocio do Garnier foi a edição completa do Machado de Assis? O Paulo, gerente da livraria Alves em S. Paulo, disse-me que "o Alves não quer a obra de Machado de Assis nem de graça, porque não passa dum entulho de prateleiras" — tão divorciados andam entre nós a Gloria e o Valor Comercial.

Pescar! Coisa deliciosa. Foi na minha infancia o meu maior prazer. Em menino, o anzol, a tres-malhas e o côvo me faziam esquecer o mundo. Ainda hoje é com emoção sagrada que levanto um modesto mandí. Em Areias eu pescava com o Fidias, delegado. O riozinho de Areias dá muito acará. Este capitulo é longo e com muito prazer a ele voltarei.

Hei de ler o Conan Doyle que recomendas. Gosto do homem. Leio-lhe tudo quanto pilho.

LOBATO.

Taubaté, abril, 1911.

Rangel:

Li a ultima parte dos *Soldados do Livro*. Não resta a menor duvida: estás romancista. Possues todas as qualidades necessarias: 1) capacidade de trabalho, coragem de começar na I.ª e ir até á página 350; 2) instinto da composição, da arquitetura, da montagem, do enredo; 3) habilidade de manter até o fim o carater dos personagens; 4) estilo e correção de

lingua. Resta agora a lapidação de todas essas qualidades, que é um trabalho do tempo.

Noto no romance umas tantas excrescencias, que o aumentam de tamanho e o diminuem de harmonia — uns tantos excessos que cumpre podar. Uma cara só é bonita quando nada tem de mais ou de menos. Suprima, por exemplo, ou atenua, a cataquese dos botocudos pelo Marolo. Materialmente não havia tempo, da sua saída do ginasio até o dia dos exames, do homem catequizar indios e padecer martirios. Faça a conta. Não dava tempo nem dele chegar a Cuiabá. Além disso, muito mais consequente com o carater de Marolo será sair do ginasio e agregar-se parasitariamente ao bispado, em cargo que um leigo possa desempenhar.

O capitulo 16 pede refusão. Está prolixo, cheio de coisas que não dizem com o tom geral. Desafina. Noto que nos dialogos você se vulgariza um pouco. O dialogo no romance é o enxerto das coisas vivas, frisantes, engraçadas ou aticas, que por associação vão ocorrendo ao escritor. A cena dos conspiradores em casa do Dadico pede reparo. Como, da rua, portas e janelas fechadas, podiam eles ver e ouvir tudo quanto se passava lá dentro? Muito melhor deixar *entrever* a situação do que narra-la ás cruas. E assim outras coisas.

Em muitos pontos é preferivel entremostrarmos a mostrar, diluir os contornos duros, substituir luz por meia-luz ou penumbra. Ha ganho de sugestão.

Nossos estudos de classicos deram um resultado curioso: tua linguagem ficou metade seculo 20 e metade seculo 15. Parece um homem de cartola e bofes de renda, ou de paletó sacco e sapatos de fivela. O que eu achava melhor é que decantasses o estilo. Que o deixasses filtrar e assentar por si mesmo, porque estilo não é uma coisa que se faça deliberadamente de acordo com certos moldes; estilo é cara, é feição, é fisionomia, é nariz. O amanho da cara não vai além do asseio da pele, do pentear ou não os cabelos, do cortar ou não os bigodes. Se alguém passa além disso e usa cremes e ruges, perde a cara e vira "maquillage".

Quer que mande já o livro ou prefere que o anote? Se insisto em apontar os defeitos é que muito o apreciei no todo e desejava ve-lo sem senão. Às vezes olhos alheios enxergam melhor em nossos filhos do que nós mesmos. Ha aquela fabula dos filhos da coruja — e tudo quanto produzimos é filho de coruja. Porisso meus olhos, embora não sejam mais

apurados que os teus, verão no que escreves defeitos que não vês — e, viceversa, os teus verão no que escrevo muito melhor que meus olhos de pai. E' da vida. Minha opinião é que podes aparecer em publico com este romance. Tema empolgantissimo. Será uma grande estreia.

Os *Bem Casados* continuam aqui. Quer que os devolva? Apesar do meu atarefamento atual, estou pronto para receber o teu romance, pelo menos em parte.

O Nogueira escreve-me sobre a sua novela sideral. Vacila na nuança do papel, na largura das margens, na côr da capa, etc. Coisas evidentemente de muita importancia nos intermundios. E quer umas ilustrações minhas — imagine...

LOBATO.

Taubaté, 6,5,1911.

Rangel:

Venho por-me em dia. Não ha duvida, os teus *Pioneiros* ganharão com algum desbaste a foice, sabiamente feito, nalguns trechos que me parecem muito copados. É o que estou fazendo aqui numa chacara que foi de meu avô: desbastando, derrubando tudo quanto é arvore inutil. Só ficam as arvores que dão renda. Pés de cambucá que produzem mal e frutas enferrujadas — machado neles! Mangueiras maninhas — machado nelas! No romance tambem é assim. Tudo que for inutil ao progressivo efeito central pede foice e machado. Podar, podar! Eis o grande segredo. Desbastar. O que fica eleva-se, ganha realce.

O Sebastião andou tão arredio do colegio que será bom alija-lo do livro. Está lá sem fazer nada. E não é possivel uma coisa daquelas — um tal troglodita filho de gente fina. Poderás dar-lhe muita liberdade, para mostrar a desordem do colegio, mas não a ponto de fazer dele um Robinson. O Dario e o Meira estão pedindo poda. Em Adelia não toques. É um tipo muito corriqueiro na vida, que a gente sempre entrevê occulto no fundo das casas. Os velhos são a nota emotiva do livro e coisa realmente otima.

Tens uma impressão do *Robinson* que é tambem a minha, com a diferença que nunca o reli — nem relerei. Ganhei-

de presente num memoravel dia de Natal e li e reli aquilo com um deleite inenarravel. Conservo essa impressão infantil com o carinho que um poeta deve conservar a sua primeira produção. Que maravilha não será o *Robinson* para a formação do carater dum menino inglês, que em moço vai para a India, a Australia, construir uma vida de que Robinson é o espelho! Para nós não é tanto, porque não temos Indias para ir — somos ostras.

Os Lambeferas... Deixemos aquilo em paz. Horrido.

Vou-me á vida livre do fazendeiro, crear porcos em vez de acusar reus, viver como bicho ou arvore em vez de como chapu-de-sapo que o Dr. Washington desloca daqui p'r'ali.

Não sei se o *causar especie* é locução vernacula. Talvez um idiotismo — e idiotice é. Será francesismo? “Tres-malhas”, no tempo em que eu pescava na Fazenda do Paraiso (9 a 12 anos) era uma redinha de malha que atravessavamos no ribeirão á tarde e na qual na manhã seguinte encontravamos peixes enroscados — peixes que desciam o ribeirão de noite. Se o nome aí é outro, a coisa é a mesma.

Recebeu os prospectos do novo dicionario? Imagine que são 23 volumes de 500 paginas cada um. Está sendo feito por um Jeronimo de Azevedo da Biblioteca Publica de S. Paulo. Vinte mil reis o volume. Irá saindo aos poucos.

LOBATO.

Taubaté, 22,6,911.

Rangel:

Será que a tal carta de meia legua se perdeu pelo caminho? Já estou cansado de espera-la.

O mês passado fundei aqui um collegio para aproveitar duas coisas: um casarão imenso deixado pelo meu avô e um parente que não conseguiu estudar. Que fazer de quem não conseguiu aprender, senão po-lo a ensinar? Já inauguramos o externato — o internato fica para o ano que vem. Temos agentes pelas cidades visinhas. E aí? Não me poderás conseguir um bom?

E estou planejando o lançamento dum sanatorio em S. José dos Campos. O lugar é ótimo e ninguém ainda teve a ideia. Tenho cá um tratado sobre os sanatorios suíços e o engenheiro Huascar está me fazendo um ante-projeto.

Mas a grande ideia não é essa: é a de um collegio que não existe, só para meninos ricos. Um collegio onde só se ensinem coisas de rico — esporte, poker, bridge, dansas, linguas vivas faladas, elegancias, pedantismos, etiquetas e as tinturas de literatura, ciencia e arte necessarias para as conversas de salão. O café está a 10\$000, o fazendeiro nada em ouro — que fazendeiro não quererá os filhos educados assim? O passadio do collegio será excelente. Mesas redondas, garçons de casaca. E podemos até introduzir as cartolas de Eton. Estatutos luxuosissimos, com maravilhosas gravuras. Agentes por toda parte onde haja ricos. Grandes reclames nos jornais, diretos e indiretos. Para professores, só medalhões, “imortais”, homens bem postos, aristocratas estrangeiros; e o Beccari, que é marquês, poderá entrar como maitre d’hotel. E temos ainda o conde Lorenzaro para a equitação. Importaremos até um duque da Italia — ou um grão-duque da Russia.

Preços exorbitantes, que enchem de orgulho os pais, porque ter filho em tal collegio será o mesmo que ter frisa de assinatura permanente na Opera: atestado de riqueza.

No fim do ano, excursões dos alunos pelos paises de turismo classico, com professores que expliquem a Esfinge e mostre as melhores “boîtes” de Paris e as mais afamadas casas de joias da Rue de la Paix. Em suma, ensinar aos meninos ricos o que eles vão necessitar pela vida afora — porque não sei de maior imbecilidade do que meter logaritmos na cabeça dum futuro herdeiro de milhões. Mas ensina-los a ser ricos com decencia e proveito social.

O rico educado! O rico treinado na sua alta função social! Pense nisto, Rangel. O rico forçado a ter altas obrigações, como aqueles nobres dos começos da nobreza.

A ideia me veio porque ha aqui um rico (aliás mineiro) que tem boa alma, é decente, etc., mas está transformado na craca mais inutil do mundo porque não sabe como gastar — porque nunca lhe ensinaram a arte de ser rico. Um rico educado em meu collegio será um nobre embelezador do mundo com a sabia arte de bem gastar em proveito proprio e alheio, que o collegio lhe ensinará.

Não comunique esta ideia ao Fernandes, que ele corre a executa-la. Incrível que um genio da marca do Fernandes ainda não se tenha lembrado disto!...

LOBATO.

Taubaté, 7,8,1911.

Rangel:

Já andava saudoso de algo sem conseguir precisar o que fosse, quando tua carta veio abrir-me os olhos. Era a falta das nossas palestras epistolares, nas quais nos chafurdamos no assunto que não cansa. Ha quantos seculos interrompemo-las! Desde Areias. Mas como vou breve para a fazenda com o fito de demorar pelo menos um ano, e você de novo afundou nesse tremendo Machado, a distribuir justiça, é de crer que tenhamos ambos disposição e tempo para... Para que? Que será realmente isto que fazemos? Devanear! Para mim o sabor de tudo está em que só nos momentos em que te escrevo, ou te leio, é que vivo a minha "vida insuspeitada" — uma vida velha, boa, cara e rara; uma vida proibida e unica, de espanejamento de ideias, de espojamento mental. Observe como as bestas de carga se espojam no pó, quando, depois de longa viagem, o tropeiro as alivia das cangalhas. É o que fazemos epistolarmente, sem que o Mundo desconfie. Pobre Mundo! Como nós o enganamos...

Ah, eu no Mundo sou outro. Converso sobre o café, a alta do açúcar, raças de gado, politica municipal. Mas com você, eu ressuscito um Lobato alma de gato que não morre nem a porrete e literateja ás ocultas — Lobato *quand mème*. E ha quantos anos já dura esta conversa misteriosa, de que o Mundo jamais desconfiará? Quanta coisa nos dissemos, quanto projetamos, quanto nos espojamos... Enquanto isso, fomos vencendo estirões na estrada da vida. Vencendo fases. Namoramos. Noivamos. Casamos. Proliferamos. Descobrimos o primeiro fio de cabelo branco...

Mas ando curioso de conhecer o teu pedaço de vida que vai da saída de Machado até a volta para Machado. Tanto machado, Rangel — não receias um fim á Ana Bolena? Conta-me lá esse pedaço de vida. Foi pena não queres te

associar ao meu collegio aqui. Vai de vento nas costas. Dei-o de presente a um cunhado, e diz ele que já lhe está rendendo um conto de lucro por mês, o que é alguma coisa para collegio começado este ano e aqui. E ele não é dos que têm grande jeito. Mas com você dentro — com toda a tecnica que aprendeu do Fernandes...

Agora que te voltou o sossego tens de prosseguir no romance. Lembra-te que a ti cumpre salvar a Tarasca, já que és a unica semente que não falhou. Todos nós vivemos de olhos grudados em você, como naufragos num penedo da costa. Quando algum dos cães pergunta de você (porque sobre o Rangel sou eu a grande autoridade), respondo com misterio: “Nada de pressas. É de lá que vem a coisa!” E o “a coisa” é dito em tom que os comove; os olhos do Raul brilham de amor. É que todos do Cenaculo esperam de você e de você só. O resto da cainçalha vive na voragem, esquecidos das ideias e juramentos de outrora. Ricardo engorda e em vez de sonetos produz filhos. Raul ainda se mantém o ultimo abencerragem — ainda é um produto residual das leituras do Eça. Ainda emite aquele “oh!” quando ouve o nome do Eça. Albino policia Ribeirão Preto. Lino, Tito, eu... Até erva-de-passarinho me deu no estilo. Perdi o jeito de escrever, por força deste delicioso habito de não escrever que estou adquirindo. Atualmente, sabe em que lido? Arquitetura... Fiz o projeto de uma capelinha que uma de minhas irmãs quis construir em sua chacara aqui da cidade — e peguei a empreitada! Estou arquiteto e construtor! Ha tres meses que vivo essa vida nova; passo os dias, desde as 6 da manhã até noitinha, na “obra”, dirigindo e fazendo. Ajudo o carpinteiro e o pedreiro. Eu mesmo peguei todas as telhas “Eternit” do telhado, porque o pobre pedreiro não entendia dessa novidade. Hontem, quando entrou lá na chacara o correio com tua carta, eu estava no alto da escada ajustando uns lambrequins (que não figuram no desenho que te mando, o qual porás fora depois de visto, para que não fique vivendo nos erros de perspectiva que o afeiam). Que felicidade construir! Não me esquecerei nunca destes dias passados a lidar com a torrinha em ponta de flecha, a dez metros do solo, sob o sol. Nunca meu tempo correu tão depressa. Os pedreiros e carapinas não sabem como são felizes. A felicidade humana é diretamente proporcional á velocidade com que passamos o tempo — ou ao “andante” da vida. Pedreiro e carapina

e mais operarios manuais são ultra-felizes porque vivem “prestissimo”. O mais desgraçado dos homens é o preso de cadeia, porque vive no “lentissimo”, com dias de cem horas. Meus dias da capelinha têm, sabe quantas horas? Nem seis. E a minha impressão é de serem horas de vinte minutos apenas.

A verdadeira vida dum artista deve ser esta que estou levando — vida de aprendizagem, como a teve o Wilhelm Meister de Goethe. Viver todas as vidas — depois pintar a Vida. Uns tempos como pedreiro, outros como carapina, vivendo no meio deles, com o aroma das madeiras morando-nos no nariz, e os cheiros das telhas e da cal e do reboco, com a unha do polegar da esquerda sempre negra das marteladas em falso. E depois marujo, uns tempos de mar — e engajado em barco de vela, cantando e apanhando bofetadas tremendas do capitão — um capitão de suíças. E depois, cocheiro de *cab* em Londres, ou de *fiacre* em Paris, ou mesmo de tilburi em S. Paulo. Depois, criado, maquinista, guarda-freio da Central, motoneiro da Light, vendedor de frutas no carrinho, e de bilhetes de loteria, e caixeiro, e faroleiro, e *camelot*, e farol de roleta... Viver as principais “vidas coloridas” e realmente vivas — e só depois então casar. Só assim um homem tornar-se-ia honestamente casavel.

Mas sempre com dinheiro escondido no banco, para não passar a tal necessidade que gosa fama de ter cara de hereje. Vivo pensando nesse projeto, para quando alcançar a independencia economica — e sempre contando com você para companheiro. Sem você sinto-me podado, com falta de pedaço.

Se não todas, ha entre essas vidas que citei algumas que teimo em viver. Uma é a do faroleiro. Não imaginas, desde aquele conto tentado em Areias, que profunda nóstalgia me ficou da vida em farol. Ainda hei de passar dois meses num farol — e com você ao lado.

Quanto aos *Falhos*, creio que vão ser a tua obra prima. Nada observaste tão bem e tão ao vivo, talvez por superabundancia de modelos. Estas cidadocas são cachos de *ratés*.

Não conheço o *Inocente* de D'Annunzio — nada tenho lido ultimamente, fora uns malucos de genio como o Aretino e o horrivel louco que foi o Marquês de Sade. E por falar: desconfio que este marquês é a fonte donde Nietzsche emana — o olho d'agua de Nietzsche. Sade está no Index, e é de

fato a coisa mais anti-cristã que possa ser imaginada. Mas é um genio!

E como vais de filhos?

LOBATO.

Taubaté, 11,9,911.

Rangel:

Volto ao Euclides. Estive a le-lo e pareceu-me que a sobria e vigorosa beleza do seu estilo vem de não estar cancelado de nenhum dos cancros do estilo de toda gente — estilo que o jornalismo apurou até ao ponto-de-bala academico, tornando-o unctuosos, arredondado e impessoal. 1) Euclides evita prepor o adjetivo ao substantivo, o que contraria a logica percepção cerebral. Por exemplo: “exaustivas correias”, “pauperrimas choupanas”, “esguia palmeira”. O que na mecanica da leitura o cerebro tem de representar ao receber a impressão dum desses adjetivos (sem ter ainda recebido a impressão do substantivo posposto), é uma qualidade *vaga e dissipada* em extremo, capaz de mil articulações diversas; ao passo que na forma contraria — “palmeira esguia”, por exemplo — a impressão é de extrema nitidez e vigor; o cerebro representa a coisa indicada pelo substantivo e imediatamente a qualifica ou determina com o adjetivo posposto. Ora, em Euclides *não ha* adjetivos prepostos aos substantivos, ao passo que no estilo de jornal é esta a forma que predomina (“nosso inteligente colaborador”, “o distinto amigo”, a “gentil senhorita”, a “virtuosa consorte”, o “honrado comerciante desta praça”, etc.).

2) Os verbos em forma composta, essa nojenta coisa de agregar o “ter” e o “haver” ao resto da verbalhada. E’ outro vicio dessorante, que enfraquece o estilo com amortecer a nitidez da impressão cerebral (“havam feito”, “tinham estado comendo”, etc.). As formas verbais simples são esplendidas de energia e Euclides só emprega as compostas quando indispensaveis. Já o estilo de jornal só quer saber das compostas, justamente porque meliflue a frase, fa-las de salão de Clube Recreativo. Abro um *Minarete* e encontro:

“andaram percorrendo”, “tiveram começo”, “estavam reclamando”, “foram verificados”, etc. A explicação do fato é a mesma do adjetivo preposto — dispersão, dissipação.

3) Os advérbios em mente, outra asquerosa invenção do jornal com o fito de adocicar o estilo por causa das leitoras folhetinistas, normalistas, pianistas, feministas — todo o hospital dos cloróticos para os quais o jornal é um pão de cada dia — pão doce. A razão ainda é a mesma. Claro que têm mais força as formas — “de leve”, “á larga”, “á sós” — do que o “levemente”, o “largamente”, o “solitariamente”. Euclides é alérgico aos advérbios em mente e o estilo de jornal não quer outra coisa. Pela-se por eles.

Veja este trecho: “A deiscencia das vagens das catingueiras, abrindo-se com *estalidos secos e fortes*, soava-lhes como percussões de gatilho ou estalo de espoletas, dando a ilusão de *descargas subitas* de alguma *algara noturna inopinada* — e as *grinaldas fosforescentes* dos cananãs fulguravam *ao longe*, esbatidas nas sombras, como restos de fogueiras quasi apagadas, em torno das quais velassem, em silencio, *expectantes, tocais numerosas...*” E compare como ficaria em jornalismo: “A deiscencia das vagens das catingueiras abrindo-se com *secos e fortes estalidos*, soava-lhe como *agudas percussões* de gatilho e *secos estalidos* de espoleta, dando a ilusão de *subitas descargas* e alguma *inopinada algara* noturna, e as *fosforescentes grinaldas* dos cunanãs fulguravam *remotamente*, esbatidas nas sombras, como restos de fogueiras quasi apagadas, em torno ás quais *estivessem velando, silenciosa e expectantemente, numerosas tocaias*, etc. (Falta o resto).

LOBATO.

Taubaté, 10,10,1911.

Rangel:

Ora a tua versão do “enigma do Olivais!” Ele assume atitude de enigma e vocês caem e tentam decifra-lo. O fato é que Olivais anuncia, mas nunca mostra nada de bom que haja escrito. O cavalo de batalha é agora o Alberto de

Oliveira — a famosa carta do Alberto! Quem precisava duma carta do Alberto, conferidor de talento, é o Dantas Barreto. O Paiz transcreveu uns trechos da *Guerra de Canudos* desse imortal, simplesmente hilariantes. Que pena! A Academia vai descendo...

Escreveu-te o Edgard. Donde vem tua ligação com o Edgard? Sei que ele reproduziu no aniversario de Euclides aquela celebre carta sobre o *Eternel Retour* nietzscheano, desta vez precedida de uma apreciação minha. O *Eternel Retour* do Edgard parece o soneto d'Arvers, um canto do cisne.

O que na Revolução Francesa me interessa é o que os estupidos historiadores á moda classica não contam. Eu quero fatias de vida da epoca, conservadas aqui e ali em memorias, em panfletos de despeitados. Interessa-me o *bas-fond* da revolução, o formigueiro dos interesses inconfessaveis, a trama secreta dos bastidores, os fios que movimentavam os polichinelos politicos — os subornos. A historia fala no patriotismo de Danton, na virtude de Robespierre, mas o que me interessa conhecer é o apetite de Danton, a ambição de Robespierre. Os grandes homens aparecem infinitamente mais interessantes, mais homens, quando despidos das falsas atitudes com que os veste a Historia — esse reposteiro. Anatole acaba de dar um livro com drama da revolução, tal como gosto. Infelizmente os exemplares que vieram para S. Paulo derreteram-se como sorvetes. Cheguei tarde.

Quanto ao que me propões, não sei... Sou incapaz de literatura; convenci-me disso em Areias, onde tinha todo o lazer possivel e não produzi nada. Minha literatura não é de imaginação — é pensamento descritivo; não crea — copia do natural. Em suma, sou pintor; nasci pintor e pintor morrerei — e mau pintor! Nunca pintei nada que me agradasse. Quando escrevo, pinto — pinto menos mal do que com o pincel. Copista, portanto, e só. Talvez seja capaz dum livro de viagens, de impressões e até de pensamentos, porque meu cerebro pensa — mas é só. E no tenho folego. Escrever aborrece-me — mas quando estou desenhando ou pintando, esqueço de mim e do mundo.

LOBATO.

Taubaté, 9,11,1911.

Rangel:

Apavora-me a lonjura da tua toca, menos pela distancia do que pelo tempo necessario para lá chegar. Não posso arredar-me daqui por mais de tres dias, e para visitar-se é preciso no minimo o dobro. O burro da canastrinha não trabalhará por minha causa — pelo menos por enquanto. Mas guardo o itinerario e o convite, e quando houver jeito irromperei por aí como você irrompeu em Areias. Quanto a malas, sossega; não sou parente do Jacinto Galião nem do Candido. Levo uma só, e pequena.

Muito facil — basta que a tua visão do Cenaculo não seja do nosso cenaculo e sim dum cenaculo teorico, epitomático, e estará a tua consciencia em paz com os amigos que te serviram de modelos e que — o livro sendo cruel — não se reverão nele. Pinta-os sem dó, a largas espatuladas, e farás livro novo e muito vivido. E é livro necessario.

Por que? Ora, porque ha cenaculos em toda parte e em todos os tempos. O cenaculo é um tumor. Basta que meia duzia de vaidades afins se juntem e pronto — está ali um cenaculo em estado fetal. Nós dizemos “cenaculo”; o povo diz “panela”.

O livro que v. planeja sobre bandidos do sertão, capangas, etc., tambem é dos necessarios. O assunto foi tocado pelo velho Bernardo Guimarães e outros — gente de pouco realismo, e romantismo em dose maior que o *quantum satis*. O folião está virtualmente virgem.

Uma das vantagens do romancista brasileiro é poder lidar só com virgindades. Nenhum tema nosso tem “barriga suja”. A literatura faz *pendant* com a lavoura; ambas só lidam com matas virgens, terras virgens. Tudo está por fazer. Aqui em S. Paulo, quanto elemento de primeira ordem á espera dos Balzacs e Zolas, pedreiros que saibam assentar tijolos! A Terra Roxa, o caboclo queimador de mato, o bandoleiro *avant coureur* da civilização representada pelo colono italiano: o bandoleiro espanta o “barba-rala” e permite que o calabrês se fixe na terra grilada; a invasão italiana nas cidades, o Braz, o Bom Retiro; a fusão das raças nas camadas baixas — e na alta; o norte de São Paulo invadido pela decadencia do Estado do Rio e a migração dos fortes para o Oeste...

Mas quem pensa em escrever romance quando a senha é só o pega-pega do dinheiro? Era preciso que o romance também desse dinheiro.

A ideia do livro fragmentario não é má — aproxima-se da *Lanterna Magica* de Th. de Banville, uma serie de quadrinhos sem outra ligação entre si alem da paternidade comum. Tudo serve, tudo presta, tudo é material — a questão toda está na fatura.

Um livro de piraquaras, entremeado de lendas ribeirinhas (como a do Minhocão do Paraiba, comparavel á Serpente do Mar dos velhos marujos; ouvi-a contar em Queluz), a atmosfera ambiente, o cheiro da agua doce, dos guapés apodrecidos; e o marasmo da vida, o sol parado das 2 horas, com cigarras, com a lombeira, com a menina estudando piano — batendo no piano uma escala de Czerni...

A empreender a coisa, eu faria assim: estudava o rio desde a humildade do olho d'agua — o ovulo donde ele saiu, até que se fundisse no Nirvana de todos os rios, o mar. Acompanhava-lhe o curso todo, o despejar de todos os afluentes, e as inumeras coisas que o rio vem criando ou modificando pelo caminho. O nosso piraquara é uma criação do Paraiba, tal qual o lambari, o taiabocú de rabo vermelho, o nhacundá pintadinho. É o homem em função do rio; accessorio, portanto; materia que o rio plasma, que o rio folga nos anos de bom peixe ou esfomeia nos de penuria — e que envenena nas enchentes, quando a agua em redor do piraquara apodrece nas lagoas verdes. Dramatizar o fluir do rio, as tragedias passionais e outras, os afogamentos, etc. E para comodidade da composição, podíamos pôr toda a historia na boca dum atomo do Hidrogenio componente duma molecula d'agua do Paraiba que se dissociou, abandonou o Oxigenio e foi escrever suas memorias...

Rangel: esta carta foi interrompida ha dias, e desde então corri tanto de cá para lá que perdi todos os fios. É que estou me mudando para a fazenda, o que me vai tomar todo o mês. E só depois de lá bem instalado é que poderei reatar a nossa prosa sem fim. Fica pois adiada a resposta á tua ultima e a continuação dessa historia do rio. Isso não impede que você me escreva outra, uma vez que já estas

definitivamente afundado, ou encravado numa pedra, como pretendo fazer com a minha mudança para a fazenda.

Adeus.

LOBATO.

Fazenda, 10,12,1911.

Rangel:

O problema que propões é de tal ordem intrincado que para solve-lo só um Balzac — e acho até que só o Balzac da *Fisiologia do Casamento*. Creio que a atitude do marido tem que ser um reflexo natural do seu temperamento. O bilioso, o linfatico e o sanguineo agem de modos diversos. Mas como a classe dos biliosos, linfaticos e sanguineos se desdobra num infinito de variedades, assim tambem variam as atitudes maritais diante do flirts publicos de que a consorte é objeto. Em tese, uma cara bonita que passeia pela rua por um braço masculino faz parte da paisagem; e, portanto, todos os transeuntes de bom gosto estetico têm o direito de encher o olho com ela. Uma bela arvore, uma bela fachada de casa, um bonito jardim particular, uma bonita mulher na rua (ainda que com o Cerbero ao lado), são coisas para os olhos de todos — e o marido, tal qual o dono da fachada ou do jardim, só deve orgulhar-se das olhadelas admirativas e invejosas. A questão complica-se quando o olhar é mais que olhar. Ha olhar e olhar. *Est modus in rebus*. Ha o olhar atrevido do conquistador de esquina, coisa muito nossa e sobretudo carioca. No Rio abundam profissionais do olhar atrevido. Moram na rua e contra todas as mulheres que passam ao braço dos donos chispam eles o tal olhar magnetico, na eterna esperança do *coup de foudre* (que ás vezes sobrem). Muito adulterio deve ter-se gerado desses coriscos. O fim remoto e secreto de tais peixes electricos é esse: caçar as Bovarys.

Mas vamos á atitude marital. Ha o remedio homeopatico: para olhar atrevido e insistente, olhar ainda mais atrevido e insistente. *Similia similibus*. O defeito deste sistema está em que enquanto o marido encara o gajo, este está encarando a esposa e não percebe coisa nenhuma. Se, entretanto,

percebe, enfia e some-se. Ha a attitude linfatica: fingir que não vê e quando em casa a mulher queixar-se do "mal educado", enfurecer-se, ameaçar — e ir discretamente azeitar o tambor do revolver, mas de modo que a mulher o perceba. Ha a attitude nervosa, ou sanguinea, em que o marido perde a tramontana e agride o insolente a bengaladas. Tudo acaba com explicações na policia e entusiasmo da esposa. Ha a attitude biliosa na qual não sei o que se faz, visto como sou bilioso e os homens não se conhecem.

A melhor solução me parece a de um sabio ecletismo. coisa muito ponderada: fingir que não vê enquanto isso é possível; encarar com insolencia provocadora, quando isso aproveita; quebrar a cara do olhador, quando não houver perigo do feitiço voltar-se contra o feiticeiro. Faz-se mister um grande tacto na applicação deste ecletismo, só possível, pois, para os homens que não perdem a cabeça.

Um meio que dá bons resultados é abordar o olhador e dizer-lhe qualquer coisa finamente mordaz.

Eu tive um companheiro de republica, o Mateus, que se viciou em encarar e fulminar com fluidos magneticos todos os palmos de cara bonitinhos com que se cruzava nas ruas. Uma vez estrepou-se. Foi no Largo do Rosario. O palmo vinha acompanhado do irmão, o qual entreparou e disse amavelmente ao Mateus, extendendo-lhe o cartão: "Moramos na rua tal, numero tanto, onde teremos muito gosto em receber sua visita e onde poderá encarar minha irmã com toda a comodidade. Parece-me que aqui na rua o lugar é improprio." Mateus, apesar de cinico, engasgou. Ao "Patife, eu te quebro a cara!" ele sabia reagir, mas de que modo reagir contra um convite tão amavel?

É esta a reacção que sugiro. Amavel, limpa, decente, sem policia no meio. É o sistema francês — atender a todas as situações da vida com um *bon mot*. E eles levam o processo ao extremo. O marquês de Gallifet, figura das mais altas na aristocracia francesa, vingou-se do chifre que *un tel* lhe pôs, dizendo numa roda lá no club, quando *un tel* entrou: "*Je viens de le faire cocu.*" E esclareceu a surpresa dos ouvintes: "*J'ai couché avec ma femme.*"

O inglês, dizem, resolve o caso com um murro — no que eu não acredito. E dizem que o italiano o atende com uma facada — o que é natural.

A você aconselho que guarde o revolver. Matar gente, além de contrario a um dos mandamentos de Moisés, deve ser uma tremenda maçada — o juri, o libelo, as imbecilidades do promotor e da defesa. Também não aconselho que finja que não vê, porque é desmoralizante. Tire o troco da tua veia de humorismo. Faça espirito. Não somente ficarás satisfeito contigo mesmo, lisongeadado com a mordacidade do *bon mot*, como deixarás o gajo “interdito” — e é até possível que tua mulher passe a te admirar. Elas lambem-se por qualquer forma de superioridade do esposo.

Estou na fazenda ha já uma semana, lidando com doenças de bestas, bicheiras de carneiro, roças de milho e mais coisas. Ainda não adquiri o olho exclusivamente utilitario. Uso muito o estetico — e temo que isso me dê prejuizo no fim do ano. É a opinião do meu utilitarissimo administrador.

Quanto ao *Romance do Rio*, havemos de voltar ao assunto. Ideia já velha, mas boa. N'Os *Lambeferas*, de execravel memoria, o melhor pedaço é o em que essa ideia bruxoleia. E cá a tenho ainda no utero mental, para o mais belo e original romance brasileiro do seculo 20 — “O PARAIBA”.

Sabe quem andou por aqui? Um emissario daquele famoso coronel João Francisco do Rio Grande. Está com ideias dum saíadeiro em Caçapava e pensa em comprar-me a fazenda.

LOBATO.

1912

Fazenda, 7,2,1912.

Rangel:

Na Ilha da Trindade ha um conto esquecido a Edgard Poe. É um *Escaravelho de Ouro* ás avessas. Na literatura de tesouros enterrados a inevitavel *boite à surprises* é o encontro final do tesouro depois de mil e uma peripecias e decepções. Corresponde ao casamento no quinto ato dos dramalhões do amor contrariado pela "prepotencia paterna". Ora, um conto ou novela em que, no desfecho, quando o leitor ansioso já sente o "afinal!" aliviador de suas angustias, tudo lhe saia ás avessas, será interessante — senão para o leitor, ao menos para o autor. E não é mister ir á ilha. Daqui mesmo você faz a coisa. Por que te lembro a ideia? Porque eu sou incapaz de produzir um conto.

Lino escreve-me. Conta que para te publicar *Os Legionarios da Ciencia* arranjou *O Paiz*. Felizardo! Com passinhos de lã vais caminhando para a Academia, para rehabilitar aquilo... E eu cá a crear galinhas e porcos. Minha academia vai ser a Sociedade Nacional de Agricultura.

Por falar em galinha: estou de avicultor novo, um grego legitimo, contratado no Rio. É da ilha de Tinos e recém-chegou do Acre. Para valorizar minhas Leghorns, dou-o como descendente bastardo de Homero. Purezinha vive a perguntar-lhe como é em grego isto e aquilo, e vai formando vocabulario. E como o Lino me promete um lote de Orpingtons pretas da preciosa creação de luxo do Pedro de Toledo, Ministro da Agricultura, veja que produtos vou obter: aves aristocratas, ministeriais, de bom pedigree inglês e criadas por um neto de Homero — talvez um Atrida! Em tempo te mandarei um casal da maravilha, para que assombres Minas com o requinte.

Quanto ao teu Caio... Manda-me todos os sintomas que eu o curo.

Idade certa, se mamou leite materno e até quando, que regimen está seguindo, ha quanto tempo veio a diarreia — consistencia, côr, cheiro e acidez (verificada com papel de turnessol), quantas vezes evacua por dia, se chora muito etc., etc.

Virei medico á força por causa dos filhos, e tenho obtido curas maravilhosas. Em diarreia sou mestre. E como sou “doutor”, todos aqui me procuram e tomam meus remedios e saram ou morrem — tal qual com os medicos de verdade.

O peralta é o Edgard. Põe-me doido e é escandalosamente protegido pela mãe e a tia Anastacia, a preta que eu trouxe de Areias e o pegou desde pequenininho. Excelente preta, com um marido mais preto ainda, de nome Esaú.

Sim, se não fosses casado não estavas fazendo nada do que dizes; estavas correndo atrás duma mulher para casar. O *Homo sapiens* é uma besta, Rangel.

Já te expus a minha teoria do caboclo como o piolho da terra, o *Porrigo decalvans* das terras virgens? Ando a pensar em coisas com base nessa teoria, um livro profundamente nacional, sem laivos nem sequer remotos de qualquer influencia europeia. Muito possivel que te vendo impresso n’ *O País* a Inveja, essa fecunda espora, me force a escreve-lo. Se não sair, será mais um casulo que seca sem dar borboleta.

LOBATO.

Fazenda, 9,4,1912.

Rangel:

Anda o Nogueira com livro em Portugal! Ha de ser o Venerando, historia já minha conhecida. Nogueira tem preoccupações comicas — a qualidade do papel, o tamanho das margens, ilustrações, como se um livro valesse por outra coisa que não o miolo. Quem procura essas galantezas estranhas á literatura não mostra confiança no que escreve. E’ procurar muletas. Veja se um Machado, um Anatole, um Euclides lá vão pensar nessas bobagensinhas. E por dizer-lhe eu isto, anda ele agora zangado.

Vou ver se consigo escrever um conto, o *Porrigo decalvans*, em que considerarei o caboclo um piolho da terra, uma praga da terra. Mas não garanto coisa nenhuma. A vida de fa-

zenda é absorvente; pouco lazer me sobra para pensar em coisas alheias á faina.

Apareceu um novo livro do Anatole, com um drama da Revolução Francesa. Parece que já te falei nisto. Duns tempos para cá ando muito interessado nessa convulsão social. Li a historia da Revolução de Michelet e estou lendo uma coisa enorme e enormemente boa — *As Origens da França Contemporanea*, do Taine. Pontos de vista opostos aos do Michelet, mas estou com Taine.

Infame. Andas então preparando os dentes para trincar o casal de Orpingtons que prometi? Saiba que nos criadores do Rio não obtens um casal dessas galinhas por menos de 200 mil reis. Tens que criar, barbaro, fazer do casal prometido o nucleo da tua galinhada futura, isso sim.

LOBATO.

Fazenda, 19,8,1912.

Rangel:

Deu-me inveja a vida desse A. Silveira que você pintou tão bonita, a viajar de serra em serra, de bacia em bacia. Ha de ser solteiro, evidentemente. Casar é cortar as asas, ou melhor troca-las por feixes de raizes cada dia mais fortes. E com certeza esse felizardo anda instintivamente a forjar as grilhetas que o vão ligar a uma mineirazinha. Quanto mais difficil se me vai ficando o viajar, mais ardo por isso. Com familia é impossivel. Já notou que a maior parte dos artistas são largados da mulher? Explica-se o caso. Casam, na idade de casar, porque o casar é como o sarampo — coisa que vem. Mas depois de casados a mulher enciuma-se da arte do marido, e este ou abandona a arte ou abandona a mulher. Em Taubaté havia um pintoreco que um dia se casou. Viu logo a incompatibilidade entre a pintura e a mulher, mais os consequentes filhos e falou-me do seu mais ardente desejo: um sobrado para morar; no primeiro piso punha a familia, no segundo punha a pintura — e nada de comunicação entre os dois andares a não ser um buraco no forro que ele atravessasse “arranhando-se todo”; e para que a mulher não fizesse o

mesmo, ele a manteria perpetuamente grávida de sete meses — “impassável” pelo buraco.

Quanto á ortografia, procedi de modo inverso ao teu. Atacaste-a pela *Lanterna*, e adotaste-a em publico. Eu defendi-a em publico mas não a adotei. Por que? Preguiça, incapacidade. Acho que deve ser *difícilima para mim*. Ter de aprender de novo, na minha idade, isso é duro. E ha ainda uma razão estetica. Acho razoabilissimo que se escreva, por exemplo, “estetica”; mas acho fidalgo, distinto, cheiroso, escreve-la á antiga, com aquele inutil “h” a flanar no meio da palavra. Tenho paixão pelo “h”. Dá-me ideia duma letra nobre, de muita raça, com avô barão rapinante nas Cruzadas. Só trabalha quando quer, e só para modificar o som de outras letras. Age por ação de presença. O “n”, se o “h” lhe surge pela frente, mijá-se todo e fica “nhe”. O “l”, coitado, que é tão nitido, baixa a crista e fica “lhe”. E fora de casos assim, o “h” só aparece nas palavras por puro esporte, por uma especie de parasitismo — para arejar-se, ou para exhibir-se quando puxa fila, como em “Homem”. E o que dá dignidade ao Homem é o “H”. Imagine se o Gonçalves Viana propusesse mudar-nos para “Omeme.” Até eu, daqui, ajudava a linchá-lo.

Adotas a reforma desse Viana? Se eu puder decorar regras é possível que faça o mesmo — apenas para acompanhar o movimento, não que a ache bonita. Boa, sim, é. Ou então persistirei na antiga, contribuindo para vitoria da nova com o criar os filhos nela. O Le Bon que te serve é o sobre a evolução da materia. Não aceito o oferecimento do Poincaré porque agora só leio coisas agricolas e com imenso encanto. Hontem a *Galinocultura* de Delgado de Carvalho me enlevou as tripas da alma, como outrora as enlevava um romance de Daudet. Não calculas, Rangel, como tomo a serio a lavoura, nem que belezas ha na vida do solo. O cruzamento das raças, a hibridação, a seleção — mundos! Tudo biologia ali na fonte. Estou empenhado em fixar uma nova raça de galinhas por meio do cruzamento da Wyandotte Silver-laced com uma raça crioula que encontrei aqui, muito rustica e adaptada. Aplico os processos americanos, que nisto são incomparaveis e têm formado raças maravilhosas. Adoro uma ninhada de pintos — penugentas biologias vivas. Que pena não te interessares pelo assunto! Ensejo de trocarmos cartas utilissimas. Poderás começar criando galinhas — ha de haver

aí lugar para elas, Minas é grande. E apurarás uma raça, selecionarás. Impossível melhor distração, e mais nobre, para um homem de letras. Paderewsky é um dos primeiros criadores do mundo. Tem uma *basse-cour* avaliada em 2 milhões de francos. Pintos que piam em sustenido e galos que cantam em lá menor.

Colecione as ideias do Nelo, suas agudezas e ingenuidades. Dará materia para um livro que nos falta. Um romance infantil — que campo vasto e nunca tentado! A ideia do Nelo, de matar passarinhos com foguetes de espeto na ponta, é de se requerer patente.

Mando uma fotografia dos meus pintos empencados no pai. E a da capelinha. E a de Purezinha feito Madona.

LOBATO.

Fazenda, 19,9,1912.

Rangel:

A Academia está descendo porque a sina deste país é a descida. O primeiro erro da Academia foi fixar em 40 o numero de membros. A unica razão para a escolha desse numero, ou dum numero qualquer, só pode ser um precedente — a menos razoavel de todas as razões. Por capricho dum rei, a França organizou uma academia de 40 — e os nossos pitecos, zás, academia de 40! Mas se a França, por um criterio bastante cabo de esquadra, acha que os imortalizaveis devem ser 40, parece-me pretensão bastante pitecoide que um país como o nosso tambem pretenda tanto. Vem daí que para um Machado de Assis, um Bilac, um Neto, valores reais, torna-se necessario meter lá “enchimentos”, como o Dantas e outros. E a propria Francesa recorre a enchimentos — uns marqueses, uns duques, uns prelados. O resultado vai ser, cá na nossa, que acabarão entrando até presidentes da Republica, porque não ha razão para que a um general Dantas Barreto não se siga um marechal Hermes da Fonseca. E assim a nossa Academia irá descendo, como tudo mais em nossa terra, até ficar uma panelinha de gente equivocada. Acho, pois, que um homem de letras visceral como você não deve nunca pensar em academizar-se. Muito preferivel que de fato se imorta

lize com tres ou quatro romances á Flaubert, dos solidos e imperituros. A Academia está ficando a Guarda Nacional da Literatura Indigena.

Se sou maçon? Não. E não porque não tenho temperamento religioso nem politico, e a maçonaria me parece uma religião politica. E a maçonaria da roça ainda é menos que isto — é a botica do Eusebio Macario portas a dentro. Acho, Rangel, que tudo quanto seja contacto com os netos do Pitecantropo que têm tres olhos deve ser evitado pelos que têm quatro — os tres de todos os netos e o quarto, o olho estetico que falta a tantos academicos de letras perras. *Turris eburnea!* E dela só sair para estudos do primata — para analisa-lo, daguerreotipa-lo, nunca para confraternizar com ele.

A maior delicia da minha vida de roça aqui é justamente lidar com pintos, com perús, com bois e cavalos, e do bipede humano só me meter com esta insuficiencia mitral que é o caboclo da roça. Mesmo assim só lido com eles através do “administrador”, a ponte de ligação. E o caboclo ainda é a melhor coisa da nossa terra, porque analfabeto, simples, muito mais proximo do avô Pitecantropo do que os que usam dragonas ou cartola, e se dão ao luxo de ter ideias na cabeça, em vez de honestissimos piolhos.

Tambem não desisti do retorno á literatura. O Dantas Barreto encoraja-me, mas não acho ocasião — vou protelando. Hontem deliberei-me. Fecundei o cerebro com uma ideia e penso que com 15 dias de gestação sairá alguma coisa.

Ando, ás furtadelas, escondido de mim mesmo, a reler Kipling, e meu proximo conto será feito sob sua egide. Um conto de animais, aves. Fiz um grande lago perto da casa e enchi-o de marrecos de Pekin, patos indigenas, gansos, mergulhões. E estou estudando o palmipede para escrever a historia do tanque. Contar a historia do fio d’agua que primitivamente alimentava um brejo e hoje me alimenta o tanque — um brejo todo capituvás, peris, tabôas — todo um pedaço da miuda flora aquatica. E com guaruzinhos nos rasos, e trairas amigas do lodo, e baturas e saracuras amigas das minhocas e vermes paludicos. Fechei a saida da agua e ela foi crescendo a afogando as capituvás, expelindo as baturas — e por fim os meus marrecos tomaram conta da superficie. Tudo isso olhado do ponto de vista dum pequeno picapau de cabeça vermelha que mora num velho esteio fincado ali na agua antigamente, não sei com que fim. Ele abriu na

madeira, que é de lei, um buraco assim do tamanho duma jaboticaba das grandes e escuro como elas. Mora ali. Ha de ter ninho lá dentro, e espia pela entrada do buraco redondo, com apenas a cabecinha vermelha de fora. Evidentemente se julga dono da minha lagoa e dos meus marrecos. E' a sua janelinha, aquele buraco. A qualquer ruido estranho, uma grita de gansos, uma pedra que eu atire contra o esteio, lá aparece a cabecinha vermelha a ver o que é.

Em suma: a cronica do tanque, porque creio que não passo dum cronista.

Parabens pela confiança. É a base de tudo. Sobre põe o teu juizo ao de todo mundo, inclusive o papa. Crê em ti mesmo, como o Cristo cria em si — e afirma que és o Filho de Deus, e acabarás Filho de Deus — se conseguires escapar do Juliano Moreira.

LOBATO.

1913

S. Paulo, 9,5,913.

Rangel :

Casualmente encontrei hoje a tua de 25 de abril, que um dos meus pimpolhos recebeu do carteiro e encafuou numa gaveta. E deu-me alegria saber que não degenerarei — pelo menos na tua opinião — embora eu não perceba o que te levasse a tal conceito. Infelizmente, meu caro, ainda sou o mesmo; não consegui os belos resultados do Mario Roberto, apesar da fazenda, do jogo do bicho, do Beccari e do Hermes. Imagine que ao julgar-me completamente sarado, entro na livraria Alves para comprar um tratadinho de Salmon sobre *L'Élévage du Cochon dans l'Amérique du Nord* e saio com 200\$000 de Paul de Saint Victor, de Taine, Henri Fabre, etc. E mergulhei, literalmente chafurdei, no vício antigo, para grande escandalo dos meus canastrões, caracús e Leghorns. Que revanche! E no dia seguinte compro uma tal *Biblioteca Internacional de Obras Celebres* e estou agora organizando uma lista de memorias para mandar vir. Parece que ando na idade de ler memorias. Só nelas temos o que é possível de historia verdadeira, com os *bàs-fonds* e as cosinhas e copas da humanidade. A historia dos historiadores coroados pelas academias mostra-nos só a sala de visitas dos povos. É um *garni* uniforme, incolor, tanto na França como na Turquia e Russia. Mas as memorias são a alcova, as anaguas, as chinelas, o pinico, o quarto dos criados, a sala de jantar, a privada, o quintal — a pele quente e nua, ora macia e lisa, ora craquenta de lepra — da humanidade, a grande humanidade com “h” minuscuro, esse oceano de machos e femeas que come, bebe e ama — e supõe que faz mais alguma coisa que isso.

O meu grande sonho literario, jamais confessado a ninguem, é um livro que nunca foi escrito e talvez não o seja nunca — porque Rabelais o esqueceu. É uma visão da humanidade extra-humana ou sobre-humana. O homem visto pelos olhos dum ser extra-humano, um habitante de Marte, por

exemplo, ou dum atomo, ou da Lua. Um quadro da humanidade feito com ideias de um não-homem (que maravilhoso absurdo!) Uma pintura objetiva apenas, nada de julgamento de juiz. Toda literatura, todo romance, todo poema, por mais impessoal que procure ser, não passa de um julgamento. A ideia moral, que domina mesmo o autor mais liberto de tudo, *não permite* a simples pintura objetiva. E essa pintura seria um susto e um assombro para o homem, que não consegue jamais conhecer-se a si mesmo porque ninguem o desnuda. Livro de um louco. Livro para o Marquês de Sade, se não fosse a sua obsessão sexual — ele tinha genio para tanto. Sinto que se apenas esboçar esse livro, metem-me no Juqueri. Encostemos por enquanto o pesadelo.

O Beccari nos tem aborrecido tanto que a nossa roda já fala em roda de pau. Até Raul, o inofensivo, quer ter o gosto de colaborar na surra com a sua elegante bengala de junco. Que fim do Cenaculo! Os sub-genios atacando em massa, e deslombando, o Genio Maximo, o Leonardo da Vinci do Cambuci!

Se visses o Ricardo no escritorio de advocacia que armou com o Luiz Maia e outros... O Luiz, como visinho que é, e homem de 1m80 de altitude e 90 quilos de tonelagem, tornou-se o chefe, o dirigente mental, o assessor e o motor do Ricardo. Empreendeu desenrabiça-lo das musas e casa-lo com a machorra da Advocacia. E para isso força-o a assinar o ponto ás 11 horas e a ficar sentado a uma secretaria até ás 4, diante de autos, de papel marcado, de cartões do escritorio e de um *Assessor Forense*. Como unica transigencia admite, na estante que lhe fronteia a secretaria, atochada de Lobões, Mafras, Bento Farias, Trigo Loureiro, Aveias e Coentros, bem em cima, em lugar pouco visivel, uma coleção da *Kosmos*. Todos os dias ás 11 em ponto Ricardo assoma á porta, entrepara, arranca um suspiro e entra. Pendura no cabide a capa e o chapéu, ouve uma descompostura do Maia e uns conselhos paternais (genero do D'Argenton no *Jack*): "A vida não é um romance. Dr. Ricardo Gonçalves. A advocacia é coisa seria, de grandes responsabilidades, etc." Ricardo, sem um pio, abanca-se, escreve uma petição ou razão, para afazer-se á forma tabeliôa. O Luiz passeia pela sala e dita:

— "...e assim requer que o dito mandado..."

— "Dito mandado!" geme o poeta. Já ha um "dito" atrás e está tão claro que é sempre o mesmo mandado...

— Escreva, escreva! É preciso muita clareza, senão o juiz não entende. Isto não é poesia, Dr. Ricardo Gonçalves. É coisa seria. A vida não é um romance.

E no papel, que outrora recebia os seus lindos sonetos, Ricardo lança aqueles odiosos “ditos”, e safadíssimos “referidos”, suspirando. E fora sôa um chorinho abafado, no corredor. São as musas que não podem entrar e de longe espiam aquilo...

Como consolo aparece de quando em vez um abencerragem literario — em regra o Raul, que foge da repartição e vai ve-lo, todo smart, com um tédio superior no canto da boca e gestos de dedos espetados, mas já sem os “ohs,” sem Eça e até sem Fialho. Também aparece um Joaquim Correia, critico de pintura e versos que o Raul outrora hostilizava mas que o Ricardo considera boa pessoa. Também o Nogueira deixou lá rastro luminoso — e as musas quasi entraram com ele. E como dissertou bem! “Porque o Alberto me disse... Porque o Artur me escreveu”. O Alberto é o Alberto de Oliveira. O Artur deve ser o Rei Artur. Você não lhe pilha mais a camaradagem, Rangel! Serias para ele agora uma *mésalliance*. O Nogueira de agora é só ali no “imortal” e não faz por menos. E você, ingenuo, ainda lhe escreve! Mas não espere resposta. Nogueira só atende de Alberto para cima.

Pobre e bom Nogueira! É um excelente rapaz. Estas minhas maldades talvez sejam no fundo inveja do seu *Amor Imortal*. Inveja do que já é editado (ou “edicionado”, como ele diz) pelo ainda não editado. Assim o tivessemos sempre por aqui, para agitação e desempoeiramento das nossas ideias!

LOBATO.

1914

Rangel:

Estavamos no exame de consciencia. Em virtude do teu desastre comercial com as galinhas, da tragedia intima, do romance craniano, etc., deste balanço nos miolos e concluíste: "Sou meio curto de inteligencia e meio bobo". Nesta conclusão, sim, tu te revelaste um alarve. Não tens tino comercial e porisso não és esperto como o rato, como o vendeiro da esquina, como o Afonso Coelho. Negocio é essa esperteza infame, Rangel. Mercurio era um espertalhão. Os gatunos são espertissimos. Comercio e gatunagem são os polos duma mesma atividade humana; o primeiro exige mais folego e se faz dentro da lei, hypocritamente e com toda a segurança; o outro se faz fora da lei, heroicamente, entre mil perigos e sem honra nenhuma. O vendeiro abusa-nos da fisiologia; vê a fome em nossa cara e acena-nos com um rabo de bacalhau, e entoa do fedorento peixe nos tira do bolso uma certa quantidade do nosso sangue-dinheiro. O gatuno tira-nos a carteira sem tentar a nossa fisiologia; é muito mais discreto, gracioso e comodo. Ora, as tuas experiencias apenas demonstram que não és negociante matriculado, nem gatuno. Se o fosses, Rangel, se o teu negocio de galinhas dêsse resultado, estavas logo aí a fazer um "corner" de galinhas, e a açambarcar os ovos todos de Sapucaí, e a perturbar o mundo com a tua ganancia, e a tentar a fisiologia humana, etc., com grave dano dessa coisa tremenda que se chama Literatura. Parabens, pois, pelos desastres comerciais. Não fojes, meu caro, ao destino de Messias do Cenaculo. Tu és o Esperado. Tu és o que prometeu e deu. Todos os mais não granaram, como as espigas do meu arrozal do Barro Branco.

O Cenaculo — um pardieiro já, Rangel. Procura escorar-se com admissão de sangue novo. Andam querendo atrair o Roberto Moreira e o Plínio Barreto, mas acho-os muito pouco tartarinescos. Não tiveram a iniciação da Tarasca, como nós.

O teu prestigio na rodinha cresce na proporção da tua demora em aparecer. “Ele que tarda é que vai ser formidavel”, informo eu, o iniciado nos segredos do Rangel, e sussurro coisas, conto que pões romances como as minhas Leghorns põem ovos — ás vezes até perdes um ou dois na rua de caminho para o forum. (Sabe que com o Coelho Neto aconteceu isso? Perden um original de romance no bonde...) E descrevo o entrecho e a filosofia dos teus romances numerados, e o teu modo de trabalhar, e os prodigios que andas arrancando da lingua. “O N.º 7 é assim” — e vou contando. “Ele escreve como Gautier, com um gato preto ao colo e um boi zebú no quintal. E está com um estilo que é mais que a musica da Guiomar Novais. Se descreve um sol quente, o leitor súa. Se fala numa piabanha recheada, ninguem domina os arrotos da beatitude gastronomic. Eu lá na fazenda engordo os porcos de ceva lendo-lhes todos os dias um capitulo do Rangel sobre o milho vermelho”. E todos ficam pensativos, com os olhos humidos de ternura. Porque eles todos traíram a Tarasca, Rangel. Senão, veja lá onde pairam.

Ricardo não é mais o nosso Ricardito do Minarete — é o Dr. Ricardo Mendes Gonçalves, vereador da Camara Municipal de S. Paulo!

Lino já não é o Lino da rua Braulio Gomes — é o Dr. Lino Moreira, tabelião de notas na cidade do Rio de Janeiro!

Albino o Filosofo não é mais isso — é o Dr. Albino de Camargo, lente de psicologia e logica do Ginasio de Ribeirão Preto!

Tito baba.

Raul, o ultimo abencerragem, sempre surdinho, continua com os famosos coletes de seda e está acarrapatado numa Secretaria qualquer.

O Correia... bom, o Correia não é do teu tempo.

Candido está transformado em Carbono, Oxigenio, Hidrogenio e outros gases, e calmamente incorporado aos pinheiros da Suíça.

Edgard Jordão sumiu-se no maelstrom carioca.

Lobato enternece-se com os porcos numa fazenda da Mantiqueira.

Todas as luzes se apagaram — só resta a do electricista de Sapucaí.

LOBATO.

P. S. — Veja se pode reduzir o teu endereço. Ha palavras demais.

Fazenda, 30,4,1914.

Rangel:

Incrível, mas ando sem folga para uma carta. É que estou construindo um chiqueirão, consertando a maquina de beneficiar café e remodelando americanamente as acomodações das minhas Leghorns. Isso me ocupa o dia inteiro, ora aqui, ora ali, e á noite estou deliciosamente cansado e sem animo de te escrever — e ha muita coisa de que não te informei, sucedida no meu atochado ano de 1913.

O negocio do viaduto tem dado pano para as mangas. Aquela Casa de Orates que é o cerebro do Beccari fez dum negocio muito simples — pedido de concessão para um viaduto e nada mais — um tremendo *affaire*, com rompimento de relações, com parlamentares de lá para cá, advogados no meio, ameaças. Tudo porque de um momento para outro resolveu não contentar-se com a quota de lucros que num contrato previo lhe atribuímos. Só agora ficamos vendo como funciona aquele cerebro. Dum modo absolutamente diverso do normal. Coisas que para nós são clarissimas e evidentes, não entram nos miolos do Beccari. E' louco, Rangel, e só agora o descobrimos! Se eu fosse contar o negocio inteiro com detalhes, lá se me ia uma resma de papel. Temos que meter o nosso da Vinci num conto, não ha remedio. Tipos assim a gente empalha e guarda no museu.

Quanto aos *Legionários*, se esse romance ainda não foi publicado a culpa é só tua, Rangel, que recorres a estranhos em vez de á prata da casa. Manda-me isso, que tenho elementos para fazer que saia num dos diarios de S. Paulo, *Estado, Correio, Comercio*. Manda-mo que sairá, já, já, já. O R. Manso é um lorpa (e parece-se comigo, dizes — que lastima!). Chamo lorpa todo sujeito que faz espirito por empreitada. Espirito é sabor e perfume acompanhando uma fruta ou uma flor. Destacado da flor ou da fruta temos sabor em lata e agua florida. Quando numa conversa, ou numa coisa escrita, surge de repente um "espirito" bem a proposito, sem denuncia

de encaixe a martelo, sentimos o mesmo prazer de quem recebe uma lufada de perfume da flor que está colhendo. Mas se um sujeito nos agarra e nos enfia pelas narinas uma serie de perfumes, e isso diariamente, o que temos a fazer é fugir desse sujeito — meter leguas entre ele e as nossas narinas. Conquanto eu ache o R. Manso muito engraçado e espi-rituoso, raro o leio, porque minha impressão é de que o homem está pago para nos fazer sentir cheiros á força.

Deves andar muito aumentado com a tal electricidade. Que tempo te sobra para a literatura? Temos que voltar a ela, Rangel, você e eu, porque estamos envelhecendo e o destino nos deu essa função na vida. O que não compreendo é como acumulas a função de juiz com a de electricista. É então permitido isso aí em Minas? Casamento de Mem Bugalho Pataburro com Thomas Edison?... Que minerio não haverá em Minas Gerais, Rangel!...

Sinto-me estafado hoje. Escrevo-te para não esfriar a nossa corrente alternada com o prolongamento da demora. Mas creio que com mais uma semana, acabo estes serviços todos e então conversaremos á moda antiga.

Mande os *Legionarios*.

LOBATO.

Fazenda, 15,5,1914.

Rangel:

Que estranha é a alma humana! Vivo de tempos com intenção de escrever-te e não escrevia, embora o *far niente* fosse absoluto. Agora que ocorreu por aqui uma revolução e estou abarbadado de serviços e problemas, acho tempo para esta carta! Imagine você que ha dias, cansado de ser hospede em minha fazenda, cansado da minha literatura a *batons rompus*, cansado de fazer fotografia e pintar aquarelas e de ler uns Balzacs um tanto maçadores, deliberei repentinamente mudar, e da reserva me passar para a ativa. Expus a situação ao meu administrador e dispensei-lhe os serviços. Mas o homem estava aqui de pedra e cal. Sorriu-se da minha ingenuidade de diletante e, fingindo ceder, pediu uma semana de praso e pôs-se a conspirar nas minhas ventas sem que eu o percebesse. E sugestionou os camaradas e colonos todos, ameaçou aos que

não pôde convencer (ele é parente do Moreira Cesar de Canudos), preparou tudo para uma embolia geral dos serviços. justamente agora que tenho de dar começo á colheita. E finda a semana do prazo me disse com a maior segurança: "Seu doutor, sem eu aqui a colheita deste ano está perdida. mas continuo sempre ás suas ordens", e partiu na besta calçada, *pac, pac, pac.*

Eu então solenemente desci da Casa Grande e fui para a Casa da Administração assumir o governo da fazenda em que até aquela data estivera como hospede. E o que ocorreu foi abracadabrante. Começaram a chegar das fazendas e logarejos visinhos carros de boi e burros de tropa, que vinham buscar "meus camaradas", "meus colonos". E todos começaram a retirar-se, sem virem me dizer coisa nenhuma. Eu não entendia aquilo. Por fim um velho italiano, o Raimundo, que está na fazenda ha trinta anos e cuida da criação e dos serviços do terreiro, veio despedir-se de mim.

— "Então você vai tambem, Raimundo?"

— Que remedio! Tenho de ir..."

— Tem de ir? Como? Não entendo..."

— "Eu não posso falar, seu doutor. Tenho de ir, tenho de ir..."

O caso começou a intrigar-me. Apertei o Raimundo, o qual, por fim, com muito medo, tudo me contou: o administrador passara aquela semana do prazo conspirando contra mim. Arranjara colocação nas fazendas visinhas para todos os meus colonos, devendo a mudança se fazer no dia em que ele fosse embora, de modo a ficar um exodo em massa. E a ele Raimundo e a outros ameaçara de morte, se não saíssem tambem naquele dia. O plano era deixar-me impossibilitado de colher o café — a não ser que eu o readmitisse como administrador, caso em que todos os colonos voltariam e ficaria tudo como dantes. Ou eu cedia ou arruinava-me!

Retesei todos os musculos da alma e virei heroi.

— "Raimundo, vai-te para o inferno! Que todos vão para o inferno! Não preciso de ninguem aqui. Eu sabia de tudo, escrevi para S. Paulo e mandei contratar lá cincuenta colonos novos. Você vá dizer para essa gente que está saindo, ou vai sair, que o que quero é que saiam todos o mais breve possivel, para desocupar as casas. Preciso delas para os colonos novos."

O Raimundo ainda contou que o administrador ia voltar no dia seguinte para ver se alguém o havia desobedecido. E eu: “Se voltar, não passa daquela porteira! Mato-o como quem mata um cão!”

O pobre homem assombrou-se e foi contar aquilo aos outros. Todos se convenceram de que o patrão era um homem tremendo, que matava de verdade, e começaram a mudar de ideia, a perder o medo ás ameaças do administrador. E como no dia seguinte o truculento administrador não reaparecesse para “ver quem o havia desobedecido”, o pessoal todo foi voltando, muito desapontado. Dias depois estavam todos cá, sem exceção dum só — e eu vencedor e dono afinal da minha fazenda.

Isso aumentou muito a consideração que eu merecia de mim mesmo. Vi que sei agir com firmeza e psicologia nas emergencias tempestuosas.

Hontem perdi o sono e conclui a leitura do *Cousine Bette*. Rangel, Rangel! Balzac me assombra. É genio, dos absolutos. Lembro-me duma imagem de Zola, comparando a obra de Balzac a um colossal edificio inacabado — tijolos nús, andaimes, só o arcabouço externo. Não é nada disso. Não tem nada de inacabado — mas Balzac não é homem que desça a truques, remates, ornatos secundarios. Pinta a largas espatuladas. Diz o essencial, crea blocos apenas, formidaveis blocos, mas não alisa a pedra, não usa lixas, não lhes enfraquece a grandeza. Que tipos! Que prodigios! Que coerencia! Que fertilidade! Que mina! Que celeiro de ideias e imagens! Que multidão de gente viva estua dentro de seus romances! Como perto dele é palido e artificial Zola, com sua arte mecanica, sua logica invariavel, seu romantismo despido das belezas heroicas do romantismo! Balzac nem em capitulos divide a narrativa. Aquilo rompe e rasga, e vai numa catadupa tumultuosa, numa avalanche, até o fim. *Quel puissance!* Já li *Cesar Birotteau* e a *Cousine* e afundo-me agora em toda a sua obra, como num mar. Já não dispenso todo Balzac!

Adeus. Meu ajudante de ordens me chama para resolver qualquer coisa. Vou decidir, impor sabiamente a minha vontade. Sou o rei deste territorio de 1800 alqueires de montes e vales

Continuemos. Já atendi ao caso. Foi assim: “Que ha Chico?” comecei. O Chico Eusebio coça a perna e diz: “Não

vê que parece que o homem vem mesmo amanhã. Mandou dizer." Levei o Chico Eusebio para minha sala e mostrei-lhe uma carabina Marlin de doze tiros. Carreguei-a e descarreguei-a diante de seus olhos atonitos. "Doze?" "Doze, sim, Eusebio, e veja que balas." E ele: "Boas para matar queixadas". "Ou parentes do Moreira Cesar de Canudos", emendei eu. "Mande dizer a esse homem que pode vir, mas trate de fechar o corpo primeiro".

Balzaqueano, hein?

LOBATO.

Fazenda, 7,6,1914.

Rangel:

Temos contas a justar. Pena é que a Odete, um restolho feminino que veio engordar aqui, me esteja azucrinando os ouvidos com uma valsa do *Malho*. Titila-me a ideia, dá-me nós no fio das ideias. E vem-me uma interrogação: será que a existencia de Guiomares Novais compensa a existencia de Odetes pianoteiras? Alem do piano da Odete ha uma pulga que conspira contra você, Rangel. Está nas minhas costas, lá onde a mão no alcança. Odete e pulga não querem que eu te escreva...

Da tua carta, modelo de ironia fina aliás, vejo que o jui-zado, mais Sapucaí, mais a luz eletrica, estreitaram um tantinho o ambito das tuas ideias. Acenas-me com um tipo, com um molde, com uma fôrma de literato que é a que conformou o Artur Goulart e que hoje é o *garni* de inumeros pretendentes á gloria. De passagem para a Vida, recém-saidos da Cartilha, é habito da nossa rapaziada, ao mesmo tempo que fuma o primeiro cigarro e se inicia com a primeira mulher, fazer o primeiro soneto ou conto. Se o rapaz é de boa estirpe e sadio, faz essas coisas e passa adiante, entretido com outras muito diferentes. Convence-se por intuição de que a Gloria é um pau-de-sebo com uma nota falsa na ponta. Mas se é um taradinho, se é um Macuco, insiste em subir no pau-de-sebo para pegar a nota — e bezunta a cara e a roupa, enseba-se. E se é um tarado integral como o velho Goulart, que Deus haja, fica naquilo a vida inteira, obcecado pela nota falsa. Goulart

morreu ao pé do pau-de-sebo, e morreu ensebadissimo. Será Rangel, que você me inclui nessa classe?

Vou explicar-me. Acho que quem escapa de ser uma simples unidade na mediania do *vulgum pecus* é porque tem lá nas circunvoluções cerebrais um boleadozinho mais favoravel — disso vem a essa creatura o anseio e o direito de viver a sua vida, e não a do rebanho. Este viverá a vida preestabelecida pela tradição ou pelo interesse dos pastores que o tangem. Ora, nós dois, Rangel, temos a coisa favoravel lá nas circunvoluções; e portanto nós gosamos da regalia de seguir no rumo da estrada real por onde seguem os carneiros, mas fora de forma, fora da massa de “més”, por atalhos ou picadas laterais que vamos abrindo. Temos direito ás nossas venetas!

Viver a sua vida é o supremo programa da vida. Mas o clan dos que vivem a sua vida é da mais tremenda variedade. Antonio Silvino, Olavo Bilac, Pinheiro Machado, Godo Rangel, coronel Rondon, Maria Lina, Edú Chaves, Monteiro Lobato, eis alguns representantes dessa classe de privilegiados que criam os deuses á sua imagem e caminham na vida como franco atiradores, vendo de longe o desfile dos batalhões cerrados que ao som dos tambores da Moral e da Religião marcham suarentos para o grande destino comum da Morte. Nós tambem vamos para lá — mas não em nenhum passo-de-ganso. Vamos caminhando gostosamente. Aqui nos detem uma flor. Colhemo-la, aspiramos-lhe o perfume, e ficamos a analisar as associações de ideias que a côr, o aroma e a forma das petalasy nos provocam. O nosso cerebro sente o prazer de tal exercicio. Mais adiante, um pôr-de-sol nos faz sentar numa pedra e lá nos acodem os devaneios. Se somos Antonio Silvino, vamos enfrentar uma escolta do governo que vem em tal direção — e antegosamos a delicia da vitoria. Se somos Rondon, o que nos interessa agora é descobrir uma nova maloca de indios nós. Para Maria Lina será mais uma vez convencer-se de que é linda e serpentina, pelos olhares babosos que vê nos homens da plateia. E Edú sonha varar de S. Paulo ao Rio pelo ar sem cair pelo caminho. E que faz Rangel lá num fundão mineiro? Aperfeiçoa o seu instrumento de expressão, como Stradivarius aperfeiçoava os seus violinos. E que faz Lobato no Buquira? Vive contente como um passarinho, a debater com Rangel coisas de que o mundo não desconfia — e que para o mundo não têm o minimo valor.

Nós, Rangel, nós todos do Atalho vivemos as nossas vidas. Uma revolução muda as instituições dum país? Nós perscrutamos a essência recondita do fato, vemos as coisas que o rebanho não vê e passamos adiante, com a atenção atraída por um beijaflor evidentemente parado no ar. Sim, eles e as varejeiras sabem ficar paradinhos no ar, por meio da vibração das asas. Por que não também o homem, o qual já começou a voar? E ou nós nos metemos na peleja e vamos chefiar o movimento e colher os despojos da vitória, ou vamos escrever os *Sertões*. Ora roubamos, ora matamos, ora somos o Marquês de Sade, ora Cesar Borgia. O que não somos nunca é ovelha — fiel ovelha do Santo Padre, de S. M. o Rei, do Partido, da Convenção Social, dos Codigos da Moral Absoluta, do Batalhão, de tudo que mata a personalidade das creaturas e as transforma em numeros.

Destes discolos, que a massa humana a seguir pela estrada real olha com desconfiança e inveja, um, como você, escolhe como instrumento da afirmação propria o livro, e com livros gritará para o mundo: “Sou assim, vejo assim, imagino, quero, sonho assim”. A tua prancha de saltar é o prelo; o teu fim, uma imposição da personalidade. Vitória ou derrota virão do bom ou mau malabarismo que fizeres com as palavras. Outros, como o Antonio Silvino, queimam fazendas e beram para o país: “Eu sou assim, mato e esfolo!” O fim de Silvino é identico ao de Rangel: afirmar-se. Apenas usa a faca e o trabuco em vez do malabarismo dos vocabulos. E como se afirma o Pinheiro Machado? Fazendo e desfazendo leis, servilizando um Congresso, maquiavelizando, subjugando uma nação como o domador faz a um potro. E grita: “Eu sou assim. Domino, quero e mando. Afirmo a minha personalidade e divirto-me com fazer-me leão desta sordida carneirada legislativa”. Outros desprezam a plateia; são o que são para si sós, sem publico, e vivem suas vidas individualissimas por força do incoercível individualismo e nada mais. Quantos fazendeiros não ha por aí tremendamente eles-mesmos, superiormente eles-proprios perante a sua consciencia, os seus colonos, os seus porcos de ceva? Estes homens dispensam plateias. São indiferentes ao barulho chamado “palmas” e ao barulho “assobios”. *Sono sodisfato da me e basta*. Eu, Rangel, ainda ando nesta turma, contente comigo mesmo e vivendo uma bela vida mental, tendo á minha disposição maravilhosos livros

e passarinhos, perfeita companheira e flores, porcos que engordam gostosamente na ceva e uns filhinhos viçosos. Vivo no mar da *Joie-de-Vivre* de Zola. Às vezes passa-me a ideia de agarrar palavras, fixa-las e, ao teu modo, dizer ao mundo: "Sou assim, quero assim, não tenho contas a te prestar, irmão, não te lisongei nem te satisfaço ao paladar, ó carneirada feia! Não escrevo para ti, nem aspiro ao teu aplauso. Apenas satisfaço uma necessidade organica, sem visar coisa nenhuma. Pura fisiologia. Tal qual o homem que nos braços duma mulher chega ao momento da explosão da Via Latea por amor do amor, por pura fisiologia — não vendo o provavel filho resultante".

Rangel, Rangel, o piano da Odete continua a esfuracar-me os miolos. Ela malha-me com a valsa do *Malho*. Proibir o piano ao *vulgum pecus*, como a Igreja lhe proibe a liberdade de pensamento... Em S. Paulo ouvi Guiomar Novais em casa do Gelasio Pimenta; sentei-me ao lado dela para bem ver e ouvir — e a proposito escrevi um artigo no *Correio Paulistano*, a primeira coisa na vida que assinei com meu nome inteiro. Que divina pianista! Desses mesmos sons azucrinantes da Odette ela faz uma nuvem de gaze em que a nossa alma se rebola em deliquio. Assim tambem com as mesmas palavras com que o Geraldo saúda a bandeira, Olavo Bilac nos conta divinamente o julgamento de Frineia.

Rangel, Rangel! Receio que os autos forenses, que Sapucaí e a luz electrica te hajam encolhido as ideias, já disse. Julgas-me então um *raté* pelo simples fato de não haver nas livrarias uma brochura amarela com o meu nome na capa? F. F. tem lá brochuras com o seu nome e esse, sim, Rangel, é o *raté* dos *ratés*. *Raté*, eu? Mas como, meu bobinho, se *vivo a minha vida*? *Raté*s são os que querem uma coisa e sai outra. O Goulart e o Macuco eram *ratés* porque queriam ser genios e os quatro pés não deixavam. Um rebelde nunca é um *raté*. Só o será se quiser ser rebelde e permanecer escravo.

Recomecemos, caro Rangel. Vamos por diante com a nossa eterna correspondencia. Eu prefiro um leitor como você aos tres milhares que vais ter n' *O Paiz*. Dá-me mais prazer escrever-te do que escrever livros. Talvez que um dia, quando não te tiver mais como o meu publico, talvez eu tome para meu uso o Publico. Sei que será passar de cavalo

a burro, mas é corrente aqui na roça que trocar de montaria descança. Vamos lá, meu publico, meu leitor unico! Aguenta-me em teu lombo! Sigamos os dois como até aqui, peripateticamente, a debater frivolidades e a repastar as misteriosas exigencias mentais dos nossos eus, apesar das centenas de quilometros que nos separam. A separação é apenas geografica — a menos separante das separações. Esta nossa caminhada já vem de dez anos. É provavel que um dia nos separemos *nel mezzo del camin...* na encruzilhada da Sacidade ou no pouso do Nada-Vale-a-Pena. Mas em que quilometro ficam essa encruzilhada e esse pouso? Não sei. Talvez para alem da nossa vida — e morreremos sem te-los alcançado.

Continuemos, Rangel. A grande coisa duma viagem não é o chegar — é o ir.

LOBATO.

Fazenda, 22,10,1914.

Rangel:

Ora graças que nos encontramos de novo. Porque não tinha graça nenhuma que depois de tão comprida caminhada nós nos “estranhassemos”, num quasi divorcio, só porque você se meteu a electricista e eu a fazendeiro. Vida em fazenda antes personaliza do que uniformiza. E argumento por argumento, os teus podem aplicar-se a você mesmo, que na classificação social tem a ficha de juiz mineiro. Quantos elementos cá na roça encontro para uma arte nova! Quantos filões! E muito naturalmente eu *gesto coisas*, ou deixo que se gestem dentro de mim num processo inconciente, que é o melhor: gésto uma obra literaria, Rangel, que, realizada, será *algo nuevo* neste país vitima duma coisa: *entre os olhos dos brasileiros cultos e as coisas da terra ha um maldito prisma que desnatura as realidades*. E ha o francês, o maldito maqueamento do francês.

Não sei como vai ser essa obra. Talvez romance. Talvez uma serie de contos e coisas com uma ideia central. Nessa obra aparecerá o caboclo como o piolho da serra, tão exontaneo, tão bem adaptado como nas galinhas o piolho-de-galinha, ou como no pombo o piolho-de-pombo, ou como no besouro o

piolho-de-besouro — especies incapazes de viver em outros meios. O caboclo, piolho-da-serra, tambem é incapaz de outra piolhagem que não a da serra. Já te escrevi sobre isto; e se a ideia volta e insiste, é que de fato está se gestando bem vivinha e será parida no tempo proprio.

Atualmente estou em luta contra quatro piolhos desta ordem — “agregados” aqui das terras. Persigo-os, quero ver se os estalo nas unhas. Meu grande incendio de matas deste ano a eles o devo. Estudo-os. Começo a acompanhar o piolho desde o estado de lendea, no utero duma cabocla suja por fora e inçada de superstições por dentro. Nasce por mãos duma negra parteira, senhora de rezas magicas de macumba. Cresce no chão batido das choças e do terreiro, entre galinhas, leitões e cachorrinhos, com uma eterna lombriga de ranho pendurada do nariz. Ve-lo virar menino, tomar o pito e a faca de ponta, impregnar-se do vocabulario e da “sabedoria” paterna, provar a primeira pinga, queimar o primeiro mate, matar com a picapau a primeira rolinha, casar e passar a piolhar a serra nas redondezas do sitio onde nasceu até que a morte o recolha. Constroi lá uma choça de palha igualzinha á paterna, produz uns piolhinhos muito iguais ao que ele foi, com a mesma lombriga nas ventas. Contar a obra de pilhagem e depredação do caboclo. A caça nativa que ele destroi, as velhas arvores que ele derruba, as extensões de matas lindas que ele reduz a carvão. Havia uma gameleira colossal perto da choça, arvore centenaria — uma pura catedral. Pois ele derrubou-a com “tres dias de machado” — atorou-a e dela extraiu... uma gamelinha de dois palmos de diametro para os semicupios da mulher! Tambem extraiu da gameleira morta um pilãozinho de moer sal. Como aproveitou a gameleira, assim aproveita a terra. Queima toda uma face de morro para plantar um litro de milho. E assim por diante. Um dia aparece o pó da Persia que afugenta a piolhada: o italiano. Senhorea-se da terra, cura-a, transforma-a e prospera. O piolho, afugentado, vai parasitar um chão virgem mais adiante.

Como você vê, não é fantasia nem carocha. É uma coisa que está aí e ninguem vê por causa do tal prisma. Rangel, é preciso matar o caboclo que evoluiu dos indios de Alencar e veio até Coelho Netto — e que até o Ricardo romantizou tão lindo:

Cisma o caboclo á porta da cabana...

Eu vou contar o que ele cisma. A nossa literatura é fabricada nas cidades por sujeitos que não penetram nos campos de medo dos carrapatos. E se por acaso um deles se atreve e faz uma entrada, a novidade do cenario embota-lhe a visão, atrapalha-o, e ele, por comodidade, entra a ver o velho caboclo romantico já cristalizado — e até vê caipirinhas côm de jambo, como o Fagundes Varela. O meio de curar esses homens de letras é retificar-lhes a visão. Como? Dando a cada um, ao Coelho, á Julia Lopes, uma fazenda na serra para que a administrem. Se eu não houvesse virado fazendeiro e visto como é realmente a coisa, o mais certo era estar lá na cidade a perpetuar a visão erradissima do nosso homem rural. O romantismo indianista foi todo ele uma tremenda mentira; e morto o indianismo, os nossos escritores o que fizeram foi mudar a ostra. Conservaram a casca... Em vez de indio, caboclo.

Entrementes, colho café, planto feijão, milho e arroz, acompanho a guerra, leio Albalat, fumo cigarros de palha, não pago dividas, carteio-me de longe em longe com o Rangel e, sempre magro, vejo engordar á vista d'olhos a legião de parentes e amigos que hospedei este ano e hospedo ainda. Agora que te puseste fora da electricidade, que vais tu *começar* ou que tencionas *concluir*? Ando saudoso dos tempos de Areias, em que o correio me trazia os teus famosos romances numerados. Quando me mandas o ultimo? Vamos, Rangel, toca a andar. Quem sabe se estamos *perto*? Às vezes a gente chega inopinadamente.

LOBATO.

Fazenda, 22,11,1914.

Rangel:

Chove. Aproveito a interrupção dos serviços para pôr minha correspondencia em dia. Creio que desta feita a montanha parará. Sinto cá dentro as agitações do filhote. O

diabo é que não é um filho só, sim ninhada — assuntos a dar com pau. Publiquei a semana passada um artigo no *Estado* e, com surpresa, recebi a proposito 5 cartas e um convite da Sociedade de Cultūra Artistica de S. Paulo para fazer uma conferencia lá. Em vista disso, eu e minha mulher fomos ler o tal artigo, cheios de vontade de gostar — e nada vimos que provocasse o entusiasmo dos paulistas. Fiquei na duvida, porque cá no intimo, Rangel, acho o meu talento muito problematico; o que tenho é jeito, habilidade; e assim como sem ser pintor pinto minhas aquarelas, sem ser caricaturista faço minhas caricaturas, sem ser relojoeiro conserto relógios (dps grandes), e conserto fechaduras, e Faço toda uma mobilia tosca, como fiz em Areias, e construo uma capelinha com torre, como construi em Taubaté, assim tambem, por força desse mesmo jeito para tudo, escrevo artigos e contos sem ter o real, o solido, o bom talento do escritor que veio ao mundo só para escrever. Sinto-me capaz de tudo, mas sempre por força da habilidade e da manha, não pela força ingenita do artista que crea inconcientemente e de jacto. Sou, em suma, o tipo do “curioso” — e acho uma beleza de expressão esta palavra popular, equivalente a “amador”. Eis Rangel, o que no fundo penso de mim.

A obra capital da minha literatura, Rangel, o porco macho da ninhada, é ideia muito velha em minha cabeça: o homem visto por um não-homem — e para comodidade este não-homem pode ser a alma duma montanha. Livro fragmentario. Impressões. Jactos. Manchas. Notas dum não-homem. Tenho algumas e mandarei para que ajuizes.

Outro feto que sinto no utero é um romance comiço onde se desenvolva o quatrienio Hermes, visto por um Zé Ninguem que o hermismo plantou num cargo publico — de agente do correio, suponhamos. Outro feto que já me dá pontapés no utero é a simbiose do caboclo e da serra, o caboclo considerado o *mata-pau* da terra: constritor e parasitario, aliado do sapé e da samambaia, um homem baldio — inadaptavel á civilização.

Por hoje bastam essas tres amostras da barrigada. Mas antes delas o que vai sair é um estudo da guerra dum *ponto de vista novo*. Novo, imagina tu! A *hostefagia*, Rangel! Não dar comida aos soldados para que lhes venha agua á boca á lembrança da *carne dos inimigos*. O grande premio do ven-

cedor não é o saque — é a satisfação da fome velha com a carne assada dos inimigos. Napoleão trocará os quarenta seculos por quarenta mil bifés. “Camaradas, atrás daquelas piramides, quarenta mil mamelucos assaveis vos esperam!”

LOBATO.

1915

Caçapava, 16,1,1915.

Rangel:

Meu atrazo para côm você vem da bacanal domestica que se chama "mudança". E a mim a coisa triplicou. Resolvemos passar uns meses nesta cidade, mas com a pressa tomei casa errada — uma daquelas coisas horriveis em que moravam os nossos bisavós, com alcovas escuras, sem jardim, sem ar, sem nada. Depois que vim com a familia e a bagagem, é que dei pelo erro. Começaram os suspiros da esposa. Tive de levar a familia para Taubaté até que concluíssem cá a pintura de outra casa, moderna e como se quer. E como só ontem me instalei, só hoje posso pôr em dia a correspondencia.

O que me dizes do artigo *Urupês*, á parte os exageros de amigo, é sabio. Só discordei da floração do ipê. Não haverá engano meu ou teu nisso? Tenho por ipê uma arvore que no outono toda se desfolha e fica amarelinha de flores. É esse o teu ipê ou impingiram-me como ipê outra arvore de flores amarelas? Se é, não vejo mal em comparar uma floração de ipê a chuva de ouro parada no ar. É comparação tipo 7 Santos, como a da lua com um queijo que boia no ar. No mais, dou as mãos á palmatoria. De volta para cá, relendo aquilo, assombrei-me com um ror de coisas que hoje eu diria melhor — hoje, Rangel, um mês depois da ejaculação. Como mudamos a galope!

Sobre a materia temos muito que falar — para dizer sempre a mesma coisa. Estilo é como o nariz na cara: cada qual o tem como Deus o fez e não ha dois iguais. A miragem está nisto: a gente procura, por efeito de mil influições, *aperfeiçoar* o estilo — aperfeiçoar o nariz. No entendimento dessa *perfeição* é que nos transviamos. Ha a estrada real, ampla, macadamizada, frequentadissima, e ha as picadas que podemos abrir marginalmente no matagal chapotado. Quasi todo mundo toma pela estrada real e pouquissimos se metem

pelas picadas. Resultado: engrossam-se as fileiras do estilo redondo e só um ou outro conserva o nariz que Deus lhe deu. Por “aperfeiçoar o estilo” temos de entender exaltar-lhe as tendências congeniais, não conforma-las segundo um certo padrão da moda. O estilo padrão mais em moda hoje desfecha no estilo de jornal, nessa “mesmice” que floresce, igualada no genio, na côr, no tom, no cheiro, tanto no *Monitor Paraense* de Belem como na *Tribuna do Povo* de D. Pedrito, e é o mesmo no *Estado* e no *Correio da Manhã*. Quem conduz a humanidade a esse estilo é o Mestre-Escola, é o Gramatico Letrado, são os mil “Conselheiros” que no decorrer da vida nos vão podando todos os galhos rebeldes para nos transformar naqueles tristes platanos da Praça da Republica — arvores loucas de vontade de ser arvores de verdade.

Mas se somos bons jardineiros de nós mesmos, o que nos cumpre á matar as lagartas, extirpar os caramujinhos e brocas, afofar a terra e bem aduba-la. Em materia de poda, só a dos galhos secos. E a arvore que cresça como lá lhe determina a vocação. Isso, concordo, é aperfeiçoar o estilo. O mais desnatura-o, troca o nariz natural por um nariz de carnaval.

Minhas incursões pelos romances do Camilo tem duas intenções: uma, passarinhar naquela desordenada mata virgem, apanhando as boas locuções que não tenho em meus viveiros; outra, mariscar os idiotismos, que são as perolas da lingua. E tambem me é um descanso andar pela floresta do grande malabarista — descanso desta nossa crise monetaria de vocabulos e graça, que nos envolve neste país em que a leitura do jornal mata a do livro. Não ha livros, Rangel, afora os franceses. Nós precisamos entupir este país com uma chuva de livros. “Chuva que faça o mar, germen que faça a palma”, já o queria Castro Alves.

Na tua carta levas ao extremo o estudo camiliano. Levas-lo ao extremo de esfarela-lo num glossario metodicamente disposto para a rebusca de frases feitas. Condenas aquele meu terreirinho limpo onde caíam as sementes que o vento traz. Com o teu sistema do glossario, sabe o que acontece? Tornamo-nos uns camilos enfezados, uns puros camelinhos, quando o que eu quero é que de Camilo tu saias mais Rangel do que nunca e eu saia bestialmente Lobato — embora sem as brocas e lagartas para as quais o melhor veneno é justamente Camilo.

O meu processo é anotar as boas frases, as de ouro lindo, não para rouba-las ao dono, mas para pegar o jeito de também te-las assim, próprias. Dum de seus livros extrai 60 frases de encher o olho. Não releio mais esse livro — não ha tempo — mas releio o compendiado, o extrato, e aspiro o perfume e me saboreio. Formo assim um florilegio camiliano do que nele mais me seduziu as tripas esteticas. E não discuto nem analiso, porque seria fazer gramatica, do mesmo modo que não analiso botanicamente um cravo ou uma gostosa laranja mexeriqueira. Cheiro um e como a outra.

Resumindo: meu plano é ter uma horta de frases belamente pensadas e ditas em lingua diversa da lingua bunda que nos rodeia e nós vamos assimilando por todos os poros da alma e do corpo. Um jardim de flores simpaticas á nossa estesia inconciente. No meu passeio pelas *Vinte Horas de liteira* apanhei isto: "*Um corujão berrou no esgalho seco de um sobro*. Detive-me; fiz pouso nessa frase enchedora de olhos e ouvidos. E não anotei, por que anotada ficou para sempre em meu cerebro. Não a analiso, não a comento; ponho-a apenas em uma lapela do cerebro, como pus naquele prego um ninho de beijaflor encontrado no barranco. Se Camilo houvesse dito: *Uma coruja piou no galho seco de uma arvore*, eu deixava no barranco esse ninho de beijaflor. O "berrou" é que me seduziu. Toda vida, para toda gente, as corujas piam — só em Camilo aparece uma que "berra". Lindo!

Filosofando: coletar modos de dizer, jeitos de expressão afins com esse misterioso *quid* que me leva a olhar com enlevo para os brincos-de-princesa que vejo pela janela, e com arrepios de asco para uma barata que apareça. E isso apesar da ciencia que ha dentro de mim dizer que ambos, brinco-de-princesa e barata, são duas prodigiosas obras primas da Natureza.

O para que te convido não vai mais longe desse alegre varejar por Camilo e outros a dentro, saindo de seus livros como quem sai dum jardim, com a braçada de flores que nos caíram no gôto. E enfeitarmos com elas o nosso ambiente de trabalho. Pendura-las pelos pregos, como ao ninho de beijaflor — em vez de herboriza-las num glossario. (Esta palavra até me fede). E de vez em quando olharmos para os "pendurados". E sentirmos-lhes o aroma. A velha

bohemia cenacular, em suma. Nosso estilo — nosso nariz literario — fica assim num banho-maria ambiente.

Outra coisa que precisamos debater é a afinação do senso estetico afim de que ressoi ás vibrações imperceptíveis ao vulgo. Para as almas gordas e coradas, bem simples é a classificação do mundo. Em materia de visualidade, as 7 cores do arco-iris; em som, as 7 notas da escala. E ha as 3 virtudes teologais, os 3 poderes do estado, os 10 mandamentos da lei de Deus. E com tudo reduzido a 3, a 7 ou a 10, o bipede vive, ama, pensa que pensa e perpetua-se. O imensissimo mundo das cambiantes escapa-lhe. E ha ainda o mundo das sub-cambiantes, das infra-vibrações, das coisas que só o tísico ouve ou só os perdigueiros farejam. Ha o mundo sub-liminal dos historicos, artistas e loucos. E ha as estratosferas e as toposferas. E ha o *Au-delà*, Rangel. Temos que nos tornar harpa eolia de mil cordas, finas como os cabelos de Berenicé.

Ainda não conclui a leitura de *Agua e Arvoredo*. Andei numa longa estagnação de brejo e me arrependo. Ficou-me por tanto tempo pendurada ao cabide a harpa, que tenho de afinar novamente todas as cordas. Você me veio arrancar do letargo. Aquela carta marota que me classificava no genero “fazendeiro pai de familia”, foi um pontapé nos brios adormecidos.

Ando no *Cancioneiro Alegre* e recém-saído do *Amor de Salvação* — e lá receberás as flores colhidas.

Conheces o Cornelio Pires? Contradiz-me num jornal de S. Paulo. E’ um dos D. Magriços do caboclo menino-Jesus. Frageis demais os argumentos, mais que isso — tolos. A *Velha Praga* não cessa a peregrinação. Já foi transcrita em sessenta jornais, conforme me informa o Sinesio Passos, redator dum jornal de Guaratinguetá. Acho muito, e se o consigno é para frisar a ignorancia em que andamos de nós mesmos: a menor revelação da verdade faz o publico arregalar o olho. Só não gostei dos teus elogios, Rangel. Impossivel que sejas sincero. Exageraste — e para que, meu juiz? Andas, com os elogios a meu respeito, como esses doentes de urina solta. O remedio é Atropina, um constringente de esfincteres. Lembra-te que, ao contrario da sabedoria popular, *quod abundat nocet*...

Uf!... Adeus.

LOBATO.

Rangel:

Confundes bobamente duas coisas: classicos e Camilo. Camilo não é classico no sentido gramaticoide do termo; e para afundarmos os dois no mar do classicismo, nunca te convidaria eu, porque os aborreço sobre todas as coisas. Convidei-te para o passeio através de Camilo como remedio contra o estilo redondo dos jornais, que somos forçados a ingerir todos os dias. Camilo é o laxante. Faz que eliminemos a "redondeza". E' a agua limpa onde nos lavamos dos solecismos, das frouxidões do dizer do noticiario — e tambem nos lavamos da adjectivação de homens copados como Coelho Neto. Camilo é a lixivia contra todas as gafeiras. E alem desse papel de potassa caustica, ele nos dá essa coisa linda chamada topete. Camilo nos "desabusa", como aos seminaristas timidos um companheiro desbocado. Ensina-nos a liberdade de dizer fora de qualquer forma. Cada vez que mergulho em Camilo, saio lá adiante mais eu mesmo — mais topetudo. E o topete filosofico eu o extraio do Nietzsche. Agora estou fazendo uma viagem com o meu topetudo estilistico em *Vinte Horas de Liteira*.

Tenho escrito alguma coisa, mas ando exigente e refaço muito. Vai sair no *Estado* um estudo sobre a *Caricatura*, em duas partes.

Quem é esse Bernardo que te escreve? Falas dele como se fosse meu conhecido. De Bernardos só conheço o Bernardo del Carpio, do *Carlos Magno e os Doze Pares de França*, e o Monte S. Bernardo, o dos cachorrões peludos, na Suíça.

O Pinheiro me escreve e proporciona-te um cartão de ingresso nas letras paulistas. S. Paulo já é alguma coisa, e vale a pena entrar no Palco por essa porta. E iremos juntos. Eu atirei-me. Imagine que estou arrolado no rol dos conferencistas da Sociedade de Cultura Artistica, para este ano. Que tema vou escolher? Ah, um otimo: "O estadulho na vida e na obra de Camilo". A historia de todas as sovas que Camilo apanhou no lombo ou sacudiu no lombo alheio. Camilo foi um grande mestre em surras. Descia o porrete com a mesma elegancia com que manejava a pena. Em todas as polemicas, quando a coisa chegava a certo ponto, ele largava a caneta e dizia: "Agora é a pau!" E era. Ia esperar o contendor numa esquina e deslombava-o. Já marquei em

seus livros todas as cenas de pancadaria. São maravilhosas. Parece que em cada uma ele recorda uma briga real e a descreve — vinga-se dando de novo, literariamente, as pancadas que deu materialmente. O estudo da pancadaria na obra de Camilo dá todo um livro.

Outro assunto interessante seria o estudo da influencia de Alexandre Herculano e de Eça de Queiroz na literatura da roça, a qual abre suas flores nos jornaisinhos locais. “Era por uma dessas tardes de verão em que o astro-rei no horizonte, etc.” Eles não acham jeito de começar de outro modo. Sempre os começos de *Lendas e Narrativas* e do *Eurico*. E agora é o Eça. Só agora é que o Eça está chegando ao interior e é um espanto. “Olá, Gonçalo amigo!”

Mande-me dizer que devo declarar ao Pinheiro. Ele lá te ofende, supondo-te incapaz, financeiramente, de ficar com uma quota da sociedade em organização para o lançamento da revista. Respondi que deves estar riquinho. Se te convidares, entra. Precisamos de portas, Rangel.

LOBATO.

Fazenda, 30,1,915.

Rangel:

O negocio de anotar Camilo só convem nas sobrexcellencias, do contrario é copia-lo inteiro. Livros ha em que ele é uma roda de fogo de artificio, a chispar fagulhas do começo ao fim. Não cuidemos de quantidade, nem façamos disso tarefa. O meu sistema é le-lo com atenção e marcar á margem as frases que me *encantam* e me *aproveitam*. Depois de terminada a leitura, encosto o livro; mais tarde abro-o e releio as coisas assinaladas — e copio num caderno as que *ainda* me impressionam.

Meu habito em tudo é por de lado metodos e seguir as intuições da veneta. Acho a veneta algo muito serio e misterioso, Rangel. E' como se uma força dentro de nós cochi-chasse.

Talvez tenhas razão em criticar a ortodoxia do *Estado*, mas cumpre ter em mente que é o unico que possui tiragem —

40 mil exemplares, com provavelmente 100 mil leitores. E' das nossas escadas regionais a de mais degraus e a mais solida.

Aguas e Arvoredos: se é borrão, posso anotar nas costas, não é assim? Um defeito meu, teu, nosso: damos espaço demais ao cenario, com prejuizo das figuras. Em Camilo quasi não ha cenario; as almas vão logo entrando em cena. Shakespeare pinta-o com uma palavra. Nós nos perdemos nas *mignardises* da paisagem, a copiar até as perninhas dos carrapatos — vicio que vem do tempo em que o Naturalismo zolaiesco nos seduziu. Mas aquilo era exagero propositado. Eles estavam botando a lingua para o Romantismo. Tu tens paisagens bellissimas, mas estragadas pela abundancia dos detalhes. Queres descrever tudo, quando o certo é apenas sugerir — é dar um rapido relevo estereoscopico com meia duzia de pinceladas rapidas e manhosas. Pinceladas-carrapicho, nas quais se enganchem as reminiscencias do leitor. Forçamo-lo assim a colaborar conosco — ele vê mil coisas que não dissemos, mas que com os nossos carrapichos soubemos acordar dentro dele.

O mais belo e sugestivo cenario que conheço é um de Shakespeare no *Henrique IV*, ato 3.º, suponho: "*A street*". Nessa rua eu pus toda a impressão sugerida pelo transcorrer dos dois primeiros atos. Vi uma velha rua de cidade inglesa, como naquele *meu momento* me parecia deverem ser as ruas trafegadas por Falstaff. Quelquer outra indicação prejudicaria a ideia pre-sugerida lá nas minhas tripas, colidindo. Isto mostra como a extrema sobriedade, quando habil, desentranha maravilhas da imaginação do leitor — e o tolo as vai atribuindo ao romancista esperto. Em suma, o caso é de esperteza, como nas fabulas do jaboti. Fazer que o leitor puxe o carro sem o perceber. Sugerir. Arte é isso só.

Estou a suar em bicas. Faz calor como no inferno. E aí? Em Santos, ontem, derreteu-se o asfalto das ruas e correu para o mar como um rio de lava negra.

LOBATO.

P. S. — "Retrucou de pancada" — bom substituto do "respondeu imediatamente".

Quanto ao “no Brasil ninguem imita o Eça”, do João do Rio, pode-se opor o “no Brasil toda gente imita o Eça.” São tollices equivalentes. Eu já li e gostei do João do Rio; hoje parece-me tolo, *plaquet* chocalhante, maracá, cuia com pedrinhas dentro. Insubstancial. Tem umas elegancias de *rastacueiro*. Tem uns barões de Belfort que ele acha mais elegantes que os barões do Pilão Arcado ou um barão do Jambreiro da minha terra que não dava jambos. Não ha mulheres em suas historias, ha *madames* — coisa muito parecida com *madamas*. E descobriu um homem inglês de nome Oscar Wilde que ninguem sabia e que eu acho que é mentira dele. *Dorian Grey!* Potoca. Carcere de Reading! Potoca. *Salomé!* Potoca. Esse misterioso “Oscar Wilde” (nome inteiro, Oscar Fingall O’ Flahertie Wills Wilde) é uma pura mistificação do João do Rio. Outra novidade dele foi o lançamento do adjetivo “inconcebível” e do “up to date” em vez de “na moda”. João descobriu tambem uma tal lingua inglesa, que igualmente me parece potoca. Tudo nele são potocas — tudo nele é Rua do Ouvidor. Não fica.

L.

Fazenda, 3,2,1915.

Rangel:

Noto que a feição maciamente ironica de teu espirito — entregue ao estudo das almas boas da roça que se deixam viver ao sabor das correntezas da vida, sem revolta nem reação — é a tua feição predominante, Rangel. Em *Agua e Arvoredos* vejo-te em casa. Um suave cepticismo de paina. Paisagista dos seres humildes. Na cena da porteira eu senti a alma das porteiras — de todas as porteiras. Na cena final da mosca pintas como um mestre do claro-escuro, tal é o contraste entre as palavras e a ação. O que ali dizes habilmente converge para entremostrarmos o que não dizes — e no que não dizes está tudo quanto queres dizer para a compreensão total duma alma toda paradoxos.

Do que não gostei foi do *som* — o estilo. Noto uma preocupação de simplicidade que me parece excessiva, como quem quer escrever de chinelas para ser lido por homens em chi-

nelas. O som é meia vitoria, meia gloria, meio valor total dum obra. Talvez mais — talvez tres quartos.

O que Anatole conta no *Silvestre Bonnard* entra por um quarto no total obra prima; os tres quartos restantes forneceram o modo de dizer, o *som*.

Mas isto de opinião é como nariz, cada qual tem a sua e essa é a boa, como o bom e certo é o nosso nariz. Tu és maior em letras, e eu me saio um tolo com estas pedagogias. Lá tens tua arte; cá tenho a minha. Criticar é sempre dizer: "Eu faria assim." Ao que pode o Autor objectar, como o Maneco Lopes: "E que tenho eu com isso?" Por essa razão não me meto a criticar as *Aguas*. Dou apenas a impressão geral que pediste. E a impressão é esta: Tom, otimo; som, fraco. Coisa reparabilissima para quem está senhhor de todas as gamas cromaticas da lingua. E' só calçar os punhos de renda de Buffon, pôr no colo o gato de Gautier e sacudir os excessos de virtude que puseste ali — a chãnice excessiva. Entre os picos de Gongora e o fundo do vale está a meia encosta, a Região Certa, cujo clima te recomendo. Ora, tu tens os magnificos punhos de renda de Buffon. E' usa-los.

LOBATO.

Fazenda; 6,2,1915.

Rangel:

Estou á espera dum americano que vem ver a fazenda. Se acaso sair negocio, talvez eu realize uma ideia: ir espiar o vulcão europeu de uma aldeia do Minho que seja toda ela Camilo. Quero ler Camilo em Cabeceiras de Basto, para ver se é assim mesmo. Isso será comer curau dentro do milharal. E conto contigo lá; alugarei uma quinta espaçosa onde caibam você, dona Barbara, o Nelo e mais os gatos que, á imitação do Silvestre Bonnard, has de ter. E lá comeremos os divinos figos minhotos e ouviremos latejar os olhos d'agua donde todos saimos, e restauraremos as nossas virgindades esteticas, gafadas pelas superfetações cosmopolitas. E voltaremos, depois de dois anos de assimilação da lingua ambiente, dois tremendos escritores, para assombro destes papuas.

Já li o segundo fascículo da *Vida Ociosa* e agradou-me ver os tipos se irem definindo, firmes. Emergem do limbo. Até o Americo, que na primeira parte me pareceu informe e incapaz de varar todo um romance como tipo, sem recorrer a muletas, aprumou-se e vai numa beleza. O negrinho aluno está uma pura maravilha; conheço uns tantos desses pretos de pastinha, brancos por dentro, pretos só por fora. Zé Correto! Até o nome não podia ser melhor. A cena das galinhas: muito pitoresca, embora prejudicada pelo desenvolvimento excessivo, como farei ver em nota no original. E tudo mais no mesmo diapasão.

Recebi hoje uma carta do J. Carlos a proposito do meu artigo sobre a Caricatura. Carta cheia de adjetivos. Decididamente estou a caminho de gloria nacional, coisa que a gente sabe pelo numero de adjetivos que chove sobre nossa cabeça. Uma revista feminina de S. Paulo (até elas, Rangel!) transcreve-me qualquer coisa e em nota chamariz me trata de "flamante colorista". Ha quatro seculos atrás chamar-me-iam "flamivomo".

E' a Gloria que começa, Rangel. Os adjetivos vão se chegando, como ratinhos ao queijo. Vêm primeiro os camondongos de todos os dias. Depois começam a aparecer as ratazanas, os ratos raros. "Flamante!" Isto me cheira a rato rarissimo, já é coisa ogival, *flamboyant*, das que queimam e tiram o sono á gente. Como irei dormir em paz, Rangel, se sou flamante, chamejante, uma especie de tição em brasa? Pobre Purezinha...

Tambem a *Cigarra*, á qual mandei uma historia das minhas crianças, me chia ao ouvido coisas deliciosas; infelizmente sei que esse mel procede do Gelasio Pimenta, que o derrama a torto e direito rumo a quanto cretino literario lhe defeca na revista. Apesar disso, lá te mandarei como documento essas primeiras ondulasinhas, para que todo te remordas de inveja da minha Gloria. Aqui na roça planta-se o feijão, e depois de nascidinho chega-se-lhe terra. Minha gloria está nascidinha e chegam-lhe terra.

O momento é pois o mais oportuno, Rangel, para vender a fazenda e, montado na cobreira, irmos refestelar no Minho, onde, em vez de Pimenta, teremos figos rachados de tão maduros; e em vez de meninas revisteiras que nos flamejem,

teremos cachopas coradas, divinamente estupidas, como as pintam Camilo e Fialho.

Isto de hoje não é carta. E' apenas aviso de que chegaram a *Vida Ociosa* e o retrato dos meninos. Responderei de verdade depois que liquidar este caso do misterioso americano.

LOBATO

Fazenda, 12,2,1915.

Rangel:

Que carta escreves! Se me fosse licito receber tudo aquilo pelo valor nominal, ou mesmo com quebra de 50%... Mas ha ali muita visualidade de amigo. Ainda que sejas sincero, é sinceridade eivada duma simpatia atenuadora das arestas. Mas estive em S. Paulo tres dias e todos me falaram da minha literatura com certo calor, achando que eu sou coisas. Ouvi os elogios de pé atrás, como sempre. Quem de cara não elogia? O que vale é o cochicho ás costas. Pinheiro é amigo e me ficou atrás do quadro, como Apeles, para pegar o que de mim dizem pelas costas. Contou-me que na sala do Nestor, no *Estado*, houve uma seria discussão sobre aquele artigo *Urupês*, no qual poucos concordaram comigo totalmente, mas todos foram unanimes em que sou "novo de forma" e uma "revelação." Será Rangel, que com tão pequena amostra se possa chegar a esse veredito? E disse mais o Pinheiro que cada um me atribuia uma filiação. Um provou que eu imitava o Eça. O Armando Prado, que eu imitava o Fialho. A maioria, porém, achou que eu me revelava pessoal e sem filiações aparentes. E disso resultou que o *Estado* vai pagar-me os artigos a 25 mil réis, logo que a folha volte á normalização financeira e se refaça dum desfalque de 150 contos que lá deu um velho gerente — foi o que ouvi. Atualmente não pagam a ningnem, razão de terem desaparecido o Silvio de Almeida, o Feliciano, o João Grave e outros. Isto são misterios dos bastidores da nossa "grande imprensa".

Dizes bem quanto á disseminação do nome por intermedio de outras folhas. Isto é como eleitorado. Escrevendo no

Estado, consigo um corpo de 80 mil leitores, dada a circulação de 40 mil do jornal e atribuindo a media de 2 leitores por exemplar. Ora, se me introduzir num jornal do Rio de tiragem equivalente, já consigo dobrar o meu eleitorado. Ser lido por 200 mil pessoas é ir gravando o nome — e isso ajuda. Já tirei a prova. Indo ontem falar com um medico do Instituto Paulista, Enjolras Vampré, recebeu-me ele de dois modos: o primeiro, frio, indiferente, o modo de receber aos que na vida não passam de numeros — mas depois que dei o meu nome, a cara do homem clareou.

— “Aquele que escreve uns belos artigos no *Estado?*” e ao ter a confirmação tratou-me como *alguem*.

Veja você como para o mundo tem peso um nome que assina artigos no jornal. A gente passa de servo da gleba á classe dos senhores. O “senhor” é o homem armado, que pode desta ou daquela maneira tornar-se ofensivo. A grande desgraça da vida é ser inofensivo, Rangel. Veja as minhocas. Por essas e outras, não concordo com o teu afastamento do jornal. Para quem pretende vir com livro, a exposição periodica do nomezinho equivale aos bons anuncios das casas de comercio — e em vez de pagarmos aos jornais pela publicação dos nossos anuncios, eles nos pagam — ou prometem pagar.

Quem mais anuncia, mais vende. E eu tenho sido o teu anuncio vivo, Rangel. Tal propaganda faço cá em nossas rodas paulistanas, que eles te têm como um canhão 42 oculto em Minas, e que quando atirar mete os obuzes até aqui e tudo arromba — e eles esperam o tiro. E serás o rei dos tolos, se não surgires na arena com uma serie de “anuncios” do nome que breve aparecerá na capa das brochuras amarelas. O Pí-nheiro conta com o teu romance para a *Cultura* (18) e, apesar do que me escreveste, tambem conta ver-te empoleirado no “grande orgão”. (18-a)

Apareceu-me um editor, isto é, apareceu-me um papudo com esta proposta: reunir em livros varias coisas publicadas, *Bocatorta* refundido, com ilustrações minhas, a sova *Urupês*, a *Caricatura no Brasil* com reprodução dos desenhos de Angelo Agostini lá referidos, *Jardim da Roça*, inedito, e mais

(18) Primeiro nome proposto para a *Revista do Brasil*.
(18-a) *O Estado de S. Paulo*.

uma morte carnavalesca, também inédita. Não é um editor profissional, é um “cara”. Ora, cara por cara, por que não a minha? Editor de verdade não creio que apareça, nem eu procuro. Chegar com os originais dum livrinho, isso me dá ideia de chegar com o pires. E se ele vem com o “Deus o favoreça, irmão!” com que tromba ficamos?

Andas a me fazer vir água á boca com a *Mlle. Maupin*. Li-a muito mal, num tempo em que não sabia ler, e de bom grado a releria agora — se não fosse a guerra. Estou de mal com a França em tudo — e sabe por que? Porque a rodinha do *Estado* é aliadofila demais, fora de toda conta e medida. Para equilibrio, pus-me contra — o unico lá. Numa roda em que estavam o Bilac e o Pujol, alguém falou da minha germanofilia, e o Pujol disse: “Mijando, sara.” Estou com isso atravessado na garganta. Pobre Gautier! Vitima do Kaiser, do Clemenceau e do Pujol.

A tua observação sobre a Maupin é exata. E’ preciso alento para um escritor ir até o fim num tom forçado que assumiu no começo. Muito mais facil fazer como Fialho, que não assume tom nenhum — é si mesmo no livro todo e vai ás do cabo, nada o impede; diz “puta” e “fideputa” quando ha mister e onde toda gente poria discretos sinonimos ou rodeios preservativos dos arminhos e catarros moralisticos.

Ando meio enjoado do *Estado*, daquela gravidade conselheiral. Eles se têm como o umbigo do universo; num necrologio ou noticia qualquer, pesam numa balança de farmacia o adjetivo a dar ao sujeito — “distinto”, “notavel”, “conceituado” — e ha neles a convicção de que se não derem ao sujeito o adjetivo matematicamente certo, Sirius pisca lá em cima e pode nascer uma lendea na Cabeleira de Berenice. Aquela bisca do Fialho inoculou-me o virus do tudo dizer sem papas, e pôs-me sem valvulas controladoras. Não sirvo para jornal. Meu campo é o livro, o panfleto — ou um jornal meu cá como o entendo. Também tenho escrito umas diabruras para *O Povo*, o jornalzinho de Caçapava, no qual sou livre como o era no *Minarete*. Sou lá o Mem Bugalho. Mando-te o ultimo numero para que vejas o tom da folha que eu queria ter aqui em S. Paulo. Esse tom é o meu tom natural, normal — qualquer outro será forçado. E o diabo queira escrever forçado! E’ o mesmo que andar arcado. Nada emperra mais a pena, e tolhe tanto o correntio da frase, como

sentir sobre os ombros alguém a espiar-nos. A “feição” do *Estado* é um Censor que me espia sobre o ombro quando para ele escrevo. A Opinião Publica é outro Censor. A dos amigos, idem. As conveniencias... Como vivemos amarrados, Rangel!...

Que belo jornal ou revista panfletaria fariamos nós, do nosso grupinho, acrescido do Plinio Barreto, do Heitor de Moraes e mais uns tantos rebeldes sem medo de chegar fogo aos estopins!...

E o nosso livro de contos a dois? Chegou o tempo. Refaçamos o que tivermos de melhor e publiquemos. Mandame a tua parte, coisa que dê aí umas cem paginas ou mais. Eu me encarregarei do resto.

LOBATO.

Fazenda, 30,9,1915.

Rangel:

Não mandes nada para a *Cultura*. Aquilo ainda é um espermatozoide do Pinheiro na madre de um projeto. Muito cedo. Ainda procuram acionistas de 300\$ a quota. Em todo o caso, se queres te coçar ao feto dirige-te a J. M. Pinheiro Junior, Redação do *Estado*.

Grande bem me fazes com a denuncia das ingramaticidades. De gramatica guardo a memoria dos maus meses que em menino passei decorando, sem nada entender, os esoterismos do Augusto Freire da Silva. Ficou-me da “bomba” que levei, e da papagueação, uma revolta surda contra gramaticas e gramaticos, e uma certeza: a gramatica fará letrudos, não faz escritores. Depois, quando cheguei á puberdade estetica e sobrevieram as curiosidades mentais, pus-me a ler — mas só em francês e isso até depois dos 25 anos. Até essa idade conto nos dedos os livros em nossa lingua que li: um pouco de Eça, uns cinco volumes de Camilo, meio Machado de Assis. E Euclides e jornais. Como vês, ensarnei-me a fundo na sarna galica. A reação vem dos tempos da *Velha Praga*. Ali ainda sou o antigo. Em *Urupês* aparecem uns clarões ricocheteados de Camilo — o grande Camilo que me *revelou* a lingua portuguesa e me fez ver as balisas que a extremam da lingua

bunda dos jornais e deputados. Língua de Cafra para Cafriarias, diz Camilo. De *Urupês* em diante tacteio, na luta das transições, procurando saltar para o outro lado. Esse pulo não vai assim ao jeito dos pulos ginásticos; é pulo metafórico, pulo imperceptível de ponteiro pequeno de relógio. Estou com o pé direito na Cafra e outro no ar, a descer com lentidão e medo sobre a língua lusa verdadeira. Conto saltar. Hei de saltar. No intento de apressar a coisa, voltei-me para a gramática e tentei refocilar num Carlos Eduardo Pereira. Impossível. O engulho voltou-me — a imagem do Freire e da bomba. Dá-me ideia duma *morgue* onde carneiros de olhos e avental esfaqueiam, picam e repicam as frases, esbrugam as palavras, submetem-nas ao fichário da cacofonia grega. A barrigada da língua é ali mostrada nua como a dos capados nos matadouros — baços, figados, tripas, intestino grosso, pustulas, “pipocas”, tenias. Larguei o livro para nunca mais, convencido de que das gramáticas saem Silvios de Almeida mas não Fialhos. Mil vezes (para mim) as ingramaticalidades destes que as gramaticalidades daqueles. E entreguei-me a aprender, em vez de gramática, *língua* — lendo os que a têm e ouvindo os que falam expressivamente.

Quando releio o que escrevi no *Minarete* vejo que já me arranquei ao lodaçal em que os jornais e o francês me lançaram de cabeça para baixo. Mas mesmo assim grande serviço me prestas com o me ires apontando falhas.

Alegrou-me deveras a tua nota sobre o progresso da minha assimilação vocabular e da construção portuguesa. Receava andar iludido e só haver enricado de algumas palavras de bom cunho.

Tua análise do estilo *rompente* de Euclides me satisfaz. A ossatura e o musculo, ele os consegue como dizes. Mas não bastaria isso. Sem a rede de nervos dum pensar original, fortemente enfibrado pelo *metal deployé* das ciências naturais e sociais e da filosofia moderna, bem digeridas e assimiladas, Euclides não seria esse fenómeno novo que nos esbarronda, um homem que tem o que dizer, sabe o que diz e o diz — assombro! — em português de verdade. Porque a língua de Euclides já é a Língua. E, pois, apartados um momento, eis-nos de novo de braços dados na estrada real. Que importa que a massa nos não entenda? A massa compete admirar. O entender é só das minorias. Atente neste belo clarão de Fialho:

“Tomou as mãos do agonizante, um marmore molhado.” A minoria entrepara, atonita com essa beleza. A maioria não para, passa, mas admira, porque não entendeu — e o ininteligível é o supremo pasmo das multidões. Vejamos agora isso dito no estilo bunda: “Tomou as mãos do agonizante: estavam geladas por um suor frio.” O clarão da frase de Fialho vira aqui luzinha de vela de sebo; entendem-na todos; a clareza democratica atinge o apogeu — mas que *anidade!* Língua bunda, estilo anal, ideias de toda-gente, aninhadas como piolhos dentro de bolas de escaravelho. O escaravelho da adjetivação dessorada pelo adverbio. O adjetivo sempre *medio* (porque *in medio virtus!* O *in medio* em tudo na vida só dá o *medio-cre*). Nunca o adjetivo extremo, e para desenervar o adjetivo medio de suas ultimas fibrilas ainda não flacidas, um *auxilio* pre ou posposto. Este auxilio é sempre muleta. É um modificativo que dessangra e empalidece o adjetivo, cambando o vigor da frase.

Em Camilo noto uma curiosa evolução: nos ultimos livros, velho e doente, é ele um feixe de ossos amarrados por uma rede telefonica de nervos mais vibrateis que cordas eolias. Seu estilo reflete o Camilo do fim. Não ha ali celulas de gordura. Nada balofo, só durezas. Veja na *Bohemia do Espirito*:

“Se o adversario Rodrigues almeja desferrar-se da justiça dura e rude com que o incomodo, haja-se por vingado na repugnancia com que lhe replico. Tenho pesar de haver sacudido com a pena a luva que me atirou. Enganaram-me uns fementidos jornais que para aí inculcaram o teologo com a adjetivação economistica das pilulas de familia. Caluniaram-no. A sua ignorancia dava-lhe jús a uma sossegada irresponsabilidade em coisas de letras. Colocaram-me nesta attitude de lutador pimpão, em mangas de camisa, obrigado a defender-me das vaias de ignorantes ao cabo de 36 anos de estudo apenas interrompido pelas dores de todas as especies e pelas prostrações das longas vigílias, etc.

.....

Pelo contrario, escrevo com tristeza dos velhos que, na penultima estação da viagem, olham para o passado e não avistam na via dolorosa clareira onde não avulte um grupo de miseraveis. A Teologia era a unica potencia que me tinha deixado passar sem pedrada; mas afinal nem essa... Ela depois disso raros filhos desova que não venham gafos da oftalmia purulenta que os não deixa encarar as frechas aflitivas da luz. Alguns, porém, conheço com a iris normal, são, remirando a fito todos os esplendores da ciencia, etc.

Temos aqui 13 adjetivos para 198 palavras — 6%! Não pode haver linguagem mais virilizada, mais enxuta, mais ossos e nervos — e gordura nenhuma. Nada amolengante. Lembra vergalho de boi estorricado ao sol. Só 13 adjetivos e todos matematicamente exatos. Vejamos em Fialho:

“Tomou as mãos do agonizante, um marmore molhado. Está a amanhecer lá fora, e os cinzentos azues dessa madrugada de inverno entram no quarto como albescencias funerarias que me espantam.”

Temos aqui 3 para 30 palavras — 10% e em descritivo!

O peor vezo nacional é cevar o estilo como se cevam porcos. O ideal literario parece que é a banha. Está gordinho? Ah, então está lindo.

Toca a jejuar até emagrecer ás justas proporções — jejuar de adjetivos *modificatorios*. São a gafa. O qualificativo é tinta boa, viva, crua; o modificativo é agua diluente, dessorante: “*Radiava um ceu azul*”; o azul está forte, na pureza com que sai dum tubinho do *Ceruleum Blue* do Windsor & Newton. Posponha-se-lhe um “desmaiado”.

Radiava um céu azul desmaiado...

Adeus, vigor! Junte-se mais um “diafano,”

Raiava um céu azul, desmaiado e diafano...

e do Portugal nervoso de Camilo saltamos para o Brasil toucinhento de João do Rio. Já é aquarela, agua rala, agua panada, pintura de moça. Dirão: “E’ um genero como outro qualquer”. Sim, mas que não sobrevive, como sobrevivem os fortes claro-escuros de Rembrandt — e o tudo na biologia é sobreviver. O que já nasceu desbotado, continua a desbotar pela ação do tempo. Cumpre notar que a coisa descrita perde, na passagem do cerebro do autor para o do leitor, uns 30% de força pictural, como a corrente electrica perde de intensidade na passagem do gerador para o quadro de distribuição.

Chega. Quando me meto por estas vias, séco — e não digo o que quero. Mas tu me entendes, ó grande Rangel, tu que conheces de longo o meu *modus explicandi*.

Já notaste como é mais vivo o estilo das cartas, do que o de tudo quanto visa aparecer em livro ou jornal? Acho maravilhoso o *prime saut* das cartas. Eu queria ver em todos os

teus livros o elance *primesautier* da ultima carta que me mandaste. A caraça do publico, a “feição” do jornal, os moldes do editor, sempre antepostos aos nossos olhos quando “escrevemos para imprimir”, acanham-nos a expressão, destroem-nos a alerteza do *élan*. Eu, por mim, só lia cartas e memorias como as do Casanova.

LOBATO.

Fazenda, 23,10,1915.

Rangel:

Est modus in rebus — nem tanto a Candido, nem tanto a Graça. Olhe que se este nos autoriza ao “fazer com que”, ao “cumprir com o dever” etc., é o caso de nos mudarmos para o bairro dos que o não autorizam. Ha sempre uma alta nobreza no estilo que se põe nos moldes sintaticos dos grandes antigos, procurando tomar como regra o que neles for regra, e não se autorizando a constituir como regra geral uma exceção, uma cinca, um desleixo de Vieira ou Camilo, quando é certo que até Homero cochilava. Quanto ao meu erro do “se o pratica” é coisa tão soez e chata que escusava te alongares tanto na demonstração. Já o expungi. Não fujo á pecha de ignorante em gramatica, e até proclamo essa ignorancia. E na realidade guio-me pelo tacto e o faro, pelo aspecto visual e auditivo da frase. Se algum periodo me tôa falso, releio-o em voz alta para perceber onde desafina. E achada a corda bamba, não a analiso, dispenso-me de saber que preceito gramatical foi ali ofendido: aperto a cravelha e afino a frase. O metodo não será dos melhores, mas é o meu. É o mau mas meu. Topete, hein? E queres ver que ilações tiro desse topete? Não arquiteto a frase: despejo-a sobre o papel no jeito, no tom, no rebarbativo, no elance com que me acode á pena. Depois barbeio de leve, sem escanhoar. Raramente substituo os adjetivos que saltaram á tona, como peixes. Chamo a isto *doigté* e está acabado. E isto porque dia a dia mais me enjoa a “fôrma” — tanto na composição da frase como no “raconto”, como diz o Fialho em seu volapuk. Tomei-me de tal engulho pelo naturalismo formalistico, impessoal — pedaços da natureza vistos através dum molde — que o considero maquina de fabricar linguaça. Entra pela boca Zola, Aluizio e *tutti quanti*, sobraçando o assunto; dá-se á manivela e sai do outro lado sempre a

mesma linguça, na forma e no comprimento, apenas com leves diferenças no tempero interno.

O meu primeiro livro será minha primeira veneta. Talvez um misto de Sterne, Machado, Camilo, etc. Um capítulo de uma linha, outro de 100 paginas, ora numerado, ora com um "De como..." maior que o texto, com digressões e a diabo. Mira suprema: 1) não estafar; 2) convergencia disfarçada, não forçada, para realce da ideia-mater; 3) assuntos universais com côr local; 4) quando pintar um homem, dar a sombra do Homem; 5) evitar por sistema o descritivo que matou o Naturalismo e é quasi masturbação. E pôr aí vou. Outra: o livro sairá quando tiver de sair; não procuro escreve-lo, ele é que tem de gestar-se dentro de mim como um tumor. Se o tumor endurecer e não vier a furo, paciencia — pesames ao mundo pelo aborto da obra prima.

Noto de ha muito tempo que essa tua vida isolada te vai pondo muito introspectivo. Vives num perene exame de consciencia literario, e agora vais te submeter a processo — horror! — a juri talvez. Mas sairei a defender-te. Essa introspeção, se não mata, esfola — e nada aproveita. O tribunal ainda é o publico. Faze-te julgar por ele. Se te condenar, apelas para a Posteridade e derrancas os juizes. Nada, porém, desse eterno julgares-te, condenares-te, penitenciaries-te, absolveres-te. O que te falta é restaurar a saude da alma comprometida por esse bioco de Santa Rita, sufocante. Estás aí como um vulcão arrolhado. Precisas rebentar, irromper. Com a boa erupção dum livro, saras dos hipocondrios inflamados. As amas quando aleitam, se acontece que a criança lhes recusa o seio por algumas horas, sentem-no tão turgido e dolorido que têm que ordenhar-se como vacas. Assim tu, Rangel. Ordenha-te com a publicação dum livro, e voltarás á plena saude.

Eu cá adotei um sistema: quando o humor negro vem chegando com os seus pés de lã, escrevo qualquer coisa e publico: provo assim ao venenoso demonio da desconfiança que ainda ha lá dentro fibra rija e bons ovarios, os quais um dia darão coisa seria. O tudo é a convicção permanente de que *somos capazes*. Adota este sistema: emissões periodicas de papel-moeda declaratorio de que na Caixa da Conversão ha uma grande reserva de ouro. Esse papel-moeda entra a circular, e ainda na hipotese de não haver nenhum ouro na Caixa da Conversão (hipotese que não é a nossa), produz efeitos fiduciarios e enriquece o emissor.

Ha no *Pirralho* uma enquete sobre o Fradique Mendes do Eça. Queres falar? Convidaram-me a mim e me pediram o retrato, e vou fazer que tambem te convidem. Boa ocasião para, deixando de lado o Fradique, darmos uma amostra do nosso pano. “Vejam como falando de Fradique eu habilmente falo de mim e me pinto lindo!” é o que se depreende de todas as respostas. Atende ao *Pirralho*, Rangel. É preciso um pouco de comercialização.

LOBATO.

Fazenda, 30,3,1915.

Rangel:

Grandes novidades me dás. Irão demitir-te a bem do serviço publico, como o original do protagonista de *Vida Ociosa*, o juiz que perde inquirições de testemunhas por amor ao *otium cum dignitate* da roça? Irão suprimir essa comarca? Seja o que for, parabens. Será arrancar um urupê desse pau podre aí. Não ha nada como um tranco do Destino. Revira-nos de pernas para o ar — parece o fim de tudo, e acabamos ganhando. Eu continuo firme na minha ideia do artista deambulatorio, errante como aqueles *chemineaux* de Maupassant, harpa eolia de pernas a varar mundo e a ressoar a todos os ventos. A você e a todos os Eleitos só desejo uma coisa: movimento. A inação apodrece tudo, cria bolores, musgos, visgos.

Agora, tudo isto é muito interessante em tese, mas *il faut manger*, e ha ainda a mulher e os filhos... Eu não disse que não casasse? Toma. Casar, só bem maduro e rico. Enfim, lá sabes da tua vida. Quanto a mim, o que hoje mais me seduz é afundar num convento de patios frescos, arcadas, grande biblioteca de livros iluminados, bom vinho e bom irmão cosinheiro — vida de frade gordo. Palavra d'honra, isso vale mais que este corre-corre moderno atrás do dinheiro ou da gloria. Por desgraça nossa, nem conventos do bom tipo ha hoje. Ou frade ou soldado. Tambem o soldado vive a crua vida que remexe as profundas barbaras da alma humana — *quando ha guerra*. Na paz é um triste boneco que ás vezes até se suicida *tired of buttoning and unbuttoning*, como um tal coronel inglês.

Não tenho voltado ao *Estado* porque me enfada aquele tom casacal. Até dos jornaisinhos amigos fugi, porque não me suportam o tom. Está me ganhando um azedume que só terá exgotos em jornal proprio. Acabo montando um, ou uma revista na qual só eu mande e desmande. Talvez seja influencia de Camilo e Fialho, esses dois impenitentes. Sobretudo Fialho, que chega a tornar-se antipatico de tanta ferocidade. Uma hiena com cirrose no figadó e enjaulada não estilaria tanto fel como a pena desse tranca. Que estilo! Barbaro como um huno, belo como a saude. Estilo que não dá satisfações a ninguem — que não manda dizer. Quanto a Camilo, vejo-o sempre o mesmo e unico. E cada vez mais me dá Eça a ideia dum creme Chantilly, muito gostoso. Camilo é o rosbife quasi crú, vermelho. A semana passada li dum folego *Agulha em Palheiro*. Que garbo! É um romance saído de dentro dele como um rato sai dum buraco. É um jacto. E sabe que anda em Portugal um vivo movimento de reacção pró-Camilo? O cambio do Eça cai, e como não ha nenhum “grande novo”, o remedio é retroceder umas estações e parar em Camilo. Amiudam-se os estudos camilianos. Recebi mais um de Pimentel e ha dias o *Jornal do Comercio* trouxe colunas sobre ele.

Eu de mim não quero outro mestre. Leia isto:

“As portuguezas caem de maduras, ou porque a lascivia as serveu antes de sezonadas, ou porque vem ao chão, de velhas. As indigenas são pardas como pão de rala, têm uns palavriados que travam a hervilhaca e gelam os mais escandescidos desejos. São carnes de ralé onde amor não acha em que pegue. Lembra-se (é de Camões que Camilo fala) das lisboetas que chiam como pucarinho novo com agua.”

Que desgarre!... “Chiam como pucarinho novo com agua...” E mais adiante:

“Mas entrevejo na cerração de tres seculos que o poeta, na apoteose do Albuquerque terribil e do Castro forte, elaborando a epopeia que sagrou em idolatria de semi-deuses uma falange de piratas, escrevia com as mãos lavadas de sangue inocente do indio, a quem os conquistadores apenas concediam terra para sepultura como precaução contra a peste dos cadaveres inseputos, quando não exhumavam os dos res indigenas, na esperança de que lhos resgatassem com aljofar e canela. Façanhas de Camões não sei decifra-las nos seus poemas; eles, os poemas, só por si sobejam na sua historia como ações gloriosissimas.”

Isto, Rangel, não é dizer passando por alambíque, mas mijado! Nada aqui da impecabilidade estafante de Flaubert.

anti-natural, anti-humana, anti-artística, toda *ficelles*, receitas, fôrmas. As *ficelles* do Eça também transparecem muito, e começam a enjoar quando percebemos que são *ficelles*. Camilo é floresta virgem, irregular, com perambeiras e espigões, com taquaruçús, bromelias, borboletas de azul celeste em vôos boiados, e mamangavas tremendas, e sapos que espirram leite venenoso. Eça é jardim francês daqueles que Le Nôtre deseinhava. É possível levantar a planta dum jardim, mas quem tira a planta duma floresta virgem — dum Camilo? Eu recomendo a *Bohemia do Espirito* aos que sofrem de lazeira de estilo.

Os tais americanos cá estiveram e se foram e — diz carta — o comprador vem em maio ou junho. Sairá disto minha viagem ao Minho, santo Deus? Praza aos ceus. A estupidez por aqui não é crúa, santa e solida como a das aldeias minhotas. A estupidez nacional não tem estilo; acho-a mal ajambrada e frouxa. Até nisso degeneramos.

Em materia feminina, estou que a boa mulher, a certa para esposa, é a quituteira, mentalmente divorciada do marido e que lhe dá liberdade de esvoaçar. A monogamia não é agradavel a Deus. O que Deus quer é a forma grega: esposas procreativas no gineceu e Aspasia no jardim. O francês resolve o problema com o *ménage à trois* e um tacito consentimento individual e social que sorri da combinação. Mas não ha negar que o sistema binario existe entre os passarinhos. E também entre os homens, quando encontram esposas merecedoras de devoção, como as nossas.

LOBATO.

Fazenda, 3,4,1915.

Rangel:

Leste a carta da Marina? Será possível que haja sinceridade ali? As mulheres fingem com tanta perfeição... Sincera ou não, se ela seguir meus conselhos vai lucrar imenso. Eu andava a suspeitar das tuas faculdades criticas, tais os ditirambos com que me apresentaste a moça; agora compreendo a delicadeza da situação. Como seu tutor literario,

has de saber guia-la. Conte-lhe que Flaubert levava dez anos para fazer um livro. E quanto a mim, estou quasi a meter-me por um romancê a dentro só para reagir ás tuas aguilhadas. Porque, dizes muito bem, nossa vida é um eterno provisorio. Isso de esperar o advento duma era de paz e prosperidade é tolice da grande. O mundo é eternamente guerra e desordem. A' guiza de exercicio, vou começar.

Vá parabens pelo cuidado com que levas a vida economica, de modo que mesmo atarrachado numa juizança mineira fazes vós livres, "com a familia guardada em Machado". Otimo. Nada introverte mais calorias do que estes periodicos despejamentos do lar — ferias conjugais. Se fossem creadas, como temos as forenses e as escolares, muito melhoraria o mundo. Conheço um rapaz que reagiu contra o aprisionamento conjugal desde o primeiro dia. Chamava-se Doutor Sebo, porque era muito chereta. Casou-se em Taubaté com uma mocinha modesta, dona duma casa. Dias depois encontrei-o em S. Paulo. "Então, por aqui?" — "Sim, estou em viagem de nupcias." — "E a esposa, como vai? Está gostando de S. Paulo?" — "Ela ficou; eu viajo sozinho." — "!!!" — "Sim, vendi a casinha e, como deu pouco dinheiro, sai em viagem de nupcias sozinho. Quero ver se chego até Montevideu." Este Doutor Sebo é que podia escrever de cadeia sobre a emancipação dos maridos.

Ando todo mergulhado na *Ana Karenina* e desmealhando o processo de Tolstoi. Que prodigio de vida! Como a Russia inteira palpita e freme ali! Como Tolstoi bate longe Flaubert e os relatorios dos Goncourts...

LOBATO

Fazenda, 17,5,1915.

Rangel:

Após um interregno de negocios, de americanos que chegam, correm á fazenda e não resolvem, volto á vida antiga. Diz o agente do Rio, tramador de tudo, que seguiram informações para os U. S. A. e que em junho virá o comprador. Quarenta mil dolares. De posse dos dolares: negocios, ta-

cadás, coisa de enriquecer duma vez e sossegar com o dinheiro. Em materia de vida moderna acho que ha dois termos: ou nada ou bastante. Ou montar numa boa cobreira ou falar — as duas coisas sossegam. Vidinha a meio pau, terá encantos para Horacio. Se não fosse a estúpida crise de 1914 e a guerra, eu estava neste momento rico; a ventania europeia mudou o rumo do meu barco.

Mas deixemos isto, que dinheiro é coisa que fede. Lembro-me que você é selenita puro, dos a quem a palavra “business” causa mal estar. E eu que acho poesia nessa infamia? Fugamos desse setor. A nossa “joint account” é só literaria.

Hontem emergi do *Turbilhão* do Coelho Neto — um livro simples, sem esparramo de adjetivos, sem pompas orientais, dum Coelho Neto evidentemente podado a podão e tesoura (“shear” em inglês é tesoura de podar; nós não temos a palavra). Os tipos são fotograficamente montados e de tudo resulta a montagem fotografica do avacalhamento moral e social da familia carioca. Documento, enfim mas (falta o resto).

LOBATO

Fazenda, 20,5,1915.

Rangel:

Veio afinal a carta contando da saude. Na verdade, a doença que te arriou foi das mais sordidas. Envenenamento pela nicotina! Puah!... Sarrodepitose!... Quanto á neurastenia, não compreendo como possa ser vitima de tal coisa um homem dotado da triplice felicidade de ser casado, juiz e morador de Santa Rita do Sapucaí. O casamento! Só esta delicia deve afugentar para muito longe as borboletas negras das psicoses depressivas. Ser casado é gosar uma tremenda superioridade sobre essa infame gente solteira. E’ ser um toco de pau solidamente agarrado ao solo pelas subterraneas raizes, em vez dum miseravel passarinho que anda voando pelo céu e vai para onde quer. Uma mulher nossa, só nossa, sempre nossa, eternamente nossa, celestialmente nossa — isso é

sublime comparado á triste vida de D. João Tenorio, sempre a pular duma Elvira para outra, como o beijaflor vai de rosa em rosa. Desgraçados os mortais que não se saboreiam com a ambrosia do casamento! E o infame Byron atreve-se a dizer que o casamento transforma em vinagre o vinho do amor. Iconoclasta!

Ser juiz: outra felicidade suprema. Tôco social, piúca bem enraizada na terra fofa duma Comarca e com a nobre função de dar a A o que é de A e a B o que é de B. E do alto dessa suprema função, ver de palanque o turbilhão da vida agitar-se em redor.

Morar em Santa Rita... Imagino que seja um tonel de Diogenes, um tonel de paz perpetua num mundo feroz em luta permanente, essa Santa Rita em que moras e onde dás a A o que é de A e a B o que é de B.

Como és feliz — e mesmo assim a neurastenia te engrifa! Que mais quererá do mundo Rangel o Incontentavel?

Pois, meu caro, essa depressão nervosa não ficou por aí, anda tambem cá a me rodear. Sofro do mal do tôco, do excesso de raizes e da falta de asas. Às vezes faço esforços convulsos para me arrancar destas serras e pelo menos ir morar onde a natureza seja mais completa, com terra, céu e mar. Falta-me aqui o mar, e nós temos sempre saudades sublímimas do mar, porque já fomos peixes — tu já foste um *amphioxus*, juiz! — e o fomos por milhões e milhões de anos, e só de muito pouco tempo somos mamiferos de terra. Estamos tão perto do mar ainda, que lhe não dispensamos o sal. O sal é o meio de termos algo marinho dentro de nós. O *amphioxus* que ha dentro de mim anda a pedir sal.

Coelho Neto queixa-se de que recebe poucas "missivas". Isso é sinal de reação, *assoupissement*. Neto é aquela jaboticabeira que vejo daqui. A folhagem excessiva não me deixa ver o desenho nervoso e bonito do tronco e dos galhos. Se Neto tivesse a coragem de podar-se, que lindo não ficaria! Ha nele 200 mil adjetivos a mais.

— E o romance?...

— O romance, Rangel? Ah, nunca mais pensei nisso. Ando farto de letras, lidas ou escritas. Escrever apavora-me, como em criança me apavorava tomar oleo de ricino. E' algo fisicamente doloroso — e por que procurar a dor? Todo

este mês foi de desenho e aquarelas — com a literatura de castigo no canto. E se comparo o meu estado de beatidão quando desenho ou pinto, com o ar de mulher parindo quando me ponho a escrever um conto, convenço-me de que sou uma besta de andar a insistir na senda errada. Não escrevo mais. Nunca mais. Se ha quem escreva nos outros países é que existem por lá compensações serias, renome e dinheiro. Desde que entre nós não aparece compensação nenhuma, escrever não passa de pura manifestação de cretinice. Machado de Assis não fez outra coisa, e qual foi o premio? Ouvir o Alves dizer: “Não quero a obra dele nem de graça; viria atravancar estas prateleiras, tomando o espaço das minhas cebolas.” O Brasil ainda é uma horta, Rangel, e em horta o que se quer são cebolas e cebolórios, coentros e couves tronchudas, tomates e nabo branco chato francês. Não somos ainda uma nação, uma nacionalidade. As enciclopedias francesas começam o artigo Brasil assim: “*Une vaste contrée...*” Não somos país, somos região. O que ha a fazer aqui é ganhar dinheiro e cada um que viva como lhe apraz aos instintos.

LOBATO

Fazenda, 3,6,1915.

Rangel:

Recebi mais *Vida Ociosa*. Só darei opinião quando me vier o fim.

A razão de estar a escrever n'*O Povo* com uma assiduidade de que nunca me julguei capaz (três columnas e pico por semana), é bem curiosa. *O Povo* imprime 200 exemplares; quer dizer que tem 100 leitores. Entre esses 100 leitores ha um velhinho de 70 anos, que não me conhece, nem é meu conhecido. E' só para ele que escrevo.

Foi magistrado e ha muitos anos que não sai de casa, ali a esperar a morte como o tio Maheu do *Germinal*. Um genro desse velhinho me disse um dia:

— Sabe quem não pode mais passar sem *O Povo*? O meu sogro. Quando recebe o jornal, vai logo em procura de

artigo seu; e se não encontra, fica jururú. Lê tudo quanto é seu e nos chama para apreciar certos pedacinhos.

Isto me calou, Rangel, e nunca mais deixei de mandar coisas para *O Povo* e sempre no genero que o velhinho gosta. Às vezes não estou disposto e resolvo falhar — mas me vem o remorso de decepcionar o velhinho e escrevo. Desanco o Hermes — é o de que ele gosta. Sinto mais prazer nisso do que na vaidade dos 100 mil leitores do *Estado*, e a verdadeira razão de nada mais meu aparecer no *Estado* é que *tenho* de escrever para *O Povo*. Não é um soliloquio no ermo, como dizes, mas dialogo com uma sombra.

Quanto a livro, Rangel, não sei se me sairá algum, algum dia. Porque isso de encher o mundo de livros é facil — o difficil é produzir um livro que seja UM LIVRO. Note que não aparece nem um só por ano. Se em algum tempo me sentir capaz de produzir UM LIVRO, então aparecerei. Do contrario será aumentar com mais uma pedrinha a imensa montanha da Mediocridade.

Hontem li *Historias sem Data*, de Machado, e ainda estou sob a impressão. Não pode haver lingua mais pura, agua mais bem filtrada, nem melhor cristalino a defluir em fio da fonte. E ninguem maneja melhor tudo quanto é cambiante. A gama inteira dos semi-tons da alma humana. E' grande, é imenso, o Machado. E' o pico solitario das nossas letras. Os demais nem lhe dão pela cintura.

Você queixa-se, Rangel, e no entanto quem produziu mais que você, homem ingrato para consigo mesmo? Quem tem parido mais e com mais afinco? Falta-te apenas publicidade. No dia em que sair o teu primeiro livro, juro que sararás dos muitos males que te atormentam. E já é tempo de soltar o livro. Tens no minimo tres romances altamente merecedores de impressão. Que esperas? Eu não esperaria coisa nenhuma. E, por falar, que noticias ha do livro do Nogueira? Não compreendo a demora.

Encontrei hoje umas ilustrações feitas em Areias para o livro de contos que iamos fazer de colaboração, e a ideia desse livro me voltou. Seria um *In memoriam* da nossa convivencia mental. Um livrinho leve, bem impresso, bem ilustrado, com o que tivessesmos de mais fino e pessoal. Seriamos um o publico do outro — o velhinho um do outro. Mando os desenhos a ver se eles te comovem e te fazem voltar á ideia.

Quarta sigo para S. Paulo e sexta para Santos. Escreve para Ponta da Praia, 55.

LOBATO

Santos, 24,6,1915.

Rangel:

Cheguei hoje e encontro cartas aqui. E' que enalhei mais duma semana em S. Paulo. Não respondo hoje mesmo porque estou me adaptando á casa, ao mar (que ouço pelas janelas abertas). O *amphioxus* está feliz. Tenho belas coisas a contar-te, o livro do Nogueira, o projeto do meu, o do Ricardo — a combinação que temos para que tudo venha no mesmo dia, um dia de desova geral! Muita coisa. Enquanto isso, tome lá esse recorte de jornal para a tua coleção de atitudes beccarianas. A *Revista do Brasil*, ex-*Cultura*, sai em agosto, e nela cabe um dos teus contos ou romances. Manda o *Estado Maior*. São eles proprios que pedem.

LOBATO

Santos, 30,6,1915.

Rangel:

Viva o ressuscitado! Eu já andava compondo um "Adonais" para o extinto juiz e electricista (19) de Santa Rita do Sapucaí.

São 9 horas de manhã fria e sem sol. Sinos repicam lembrando o dia santo — Corpo de Deus. ("Deus tem corpo?" — "Não, é um puro espirito", dizia o meu catecismo). Fumo um cigarro, com as pernas estiradas sobre uma gaveta entreaberta e sinto na alma o dia santo; estou feliz, contente, amigo dos homens e das coisas, num estado d'alma merecedor de eternização. Olho para aquele vaso ali e me entorneço. Coitadinha da porcelana! Por que, Rangel? Sei lá. Não sei

(19) G. R. desempenhava o cargo de gerente da empresa de luz da cidade de S. Rita, para onde fôra removido.

nem quero saber, porque nestes momentos de felicidade misteriosa fujo de raciocinar. Parece que a felicidade é a animalidade contente, e raciocinar vale por desanimalizar-se. Nietzsche diz que a felicidade é a sensação de que a nossa força cresce. A roleta do Miramar fez crescer a minha. Ha uma semana que jogo todas as noites e ganho.

Sabes o que é a roleta, juiz? Durante a ação, uma luta tenaz entre o Homem e a Sorte. Depois, uma alegre ou melancolica ressaca, em que relembramos os lances bons ou maus, as coincidencias e mil coisinhas que só os jogadores entendem. Como no xadrez. Explique você a um leigo a beleza dum cavalo que come a dama e dá cheque — e o leigo não vê beleza nenhuma. Mas no xadrez temos como adversario a ciencia do parceiro e na roleta o adversário é o Destino. A deusa Sorte rodeia a mesa do pano verde (ha que ser verde, como as venezianas que se prezam) e ora se reclina sobre o ombro de um jogador, ora sobre o de outro, e aqueles momentaneos beneficiados pelos reclino ganham — e é *l'ebrezza*. Hontem perdi sistematicamente durante uma hora. Parei. Deixei transcorrer dez bolas nas quais os meus palpites não deram. Na decima primeira rebentou um deles. “É hora!” disse comigo e voltei a jogar. Sentí no ombro a pressão dum seio — era a deusa que dera a volta e parara atrás de mim. Joguei forte no 17. Deu. Parei um instante, sondando. Nova pressão no ombro. Joguei forte no zero. Deu. Repeti o jogo. Deu. Carreguei no double zero. Deu. Arregalamento de olhos da assistencia. Eram as melhores boladas da noite, e “em seco”, o que é raro. Creio que vem dessa noitada o meu estado d'alma de hoje — uma ressaca feliz.

Não conheço nenhum estudo psicologico do jogo. Em geral, sobre ele só escrevem os moralistas, gente bocejante e sermonaria. Cheira-me que o jogo não é o que esses Catões dizem, já que se entronizou tão solido na vida humana, como pé duma tripeça: Bebida, Mulher e Jogo. Dizem os teologos que é a trindade do Diabo — mas a Ciencia mostra que o verdadeiro nome do Diabo é *Homo sapiens*. O homem não pode viver sem uma certa ebriedade — *l'ebbrezza*. Bebida é *ebbrezza*. Mulher é *ebbrezza*. Jogo é *ebbrezza*. Fisiologica e psicologica. Bemaventurada sejas tu, ó humanissima trindade!

Por que tanta *ebbrezza* em vez de ebriedade? É que ando com a Italia dentro de mim, como azeitona em pastel. Leio Edmundo d'Amicis, senhor juiz, esse homem que é um

encantador sem par (tomo a palavra encantador no sentido que tem na magia). Sabe quantas edições já teve o *Cuore*? Quatrocentas e cinquenta e uma! A *Vita Militare* teve 93. *Idioma Gentile*, 46. *Constantinopla*, 30. Que explica isso? A sedução, a magia do homem. É um visgo. A gente começa a le-lo e vai embora. Magia, magia. Ha a Magia Negra, a Magia Branca — e a Magia Literaria. D'Amicis é um grande Mago Literario. E sabe, Rangel, que aqui no Brasil tambem ha um livro com o poder de me enfeitigar assim? Creio que já o li, espaçadamente e de uma assentada, oito ou dez vezes, e sempre com o mesmo encanto: *Memorias Postumas de Braz Cubas*. Outra "obra prima" que pelo jeito vai longe, sabe qual é? Aquele meu artigo *Velha Praga*, que continua a ser transcrito pelo país afora, precedido de elogios como esses do recorte incluso (e não precisas devolver porque está tolo). O homem só diz asneira, e a mais curiosa é a que vai grifada e na qual tens parte, como pai do adjetivo. Diz o couve tronchuda que eu chamo aos politicos "matracolejantes carissimos!" Como conseguiu ele jungir na mesma canga essas palavras? O jornalismo entre nós é perpetrado pela ralé da incompetencia. Isso explica a apoteose que andam a fazer do Alberto Torres, cuja genialidade não passa de simples desvario. Diante de tantos louvores, comprei-lhe os livros e li-os; e não me contive, mandei para o *Estadinho* dois rodapés de analise. Demonstro a insubsistencia das ideias desse homem de miolo atrapalhado, que querem equiparar a Euclides da Cunha e já anda com maiusculas no rotulo: Alberto Torres o Grande Pensador Nacional. *Le Penseur*, de Rodin. Ha no Pará ou no Amazonas um politico, Eduardo Ribeiro, que tambem tem o cognome de Pensador.

Eu não sabia das tuas relações com a Julia Lopes! Parabens.

Cá espero a *Vida Ociosa*. Purezinha tem faro estetico mais fino que o meu e fa-la-ei ler tambem — e o que ela disser, é! Hontem abriu a *Casa de Pensão* do Aluisio e logo depois a largou por haver encontrado, na descrição dum mocinho, que "grossa cadeia de ouro pendia-lhe do ventre" Como essa cadeia e esse ventre envelhecessem o moço, ela fechou a casa de pensão para evitar maiores calotes.

Estou ha um mês de viagem engatilhada e não desfecho. *Ubi bene ibi patria*. Em plena lua de mel com o jogo, do qual andava afastado de tres anos, vou-me ficando. O unico

bom e respeitavel criterio da vida é a Veneta. Tudo mais, servidão e moralismo.

Conheces a *Vita de Benevenuto Cellini*? O que diz d'Amicis despertou-me a fome. Lembro-me de ter lido uma redução da obra por Lamartine. Uma ovelha a reduzir um leão! Quero conhecer o leão *dapinto da se*.

LOBATO.

Ponta da Praia, 3,7,1915.

Rangel:

Eu havia deliberado não escrever a ninguem nesta minha visita ao mar, nem ao administrador lá da fazenda, nem a você, nem ao papa. E conservei-me nesse proposito até hoje, quando o correio me trouxe a tua. Por Netuno! Que redada de cinzas de gramatica apanhou você em meus escritos. Ó gramaticão de má morte, ó Candido de Figueiredo de Santa Rita! Dou as mãos á palmatoria — exceto quanto a *vieiro*, que Aulete autoriza; e a undecimilla, de *undecimus-a-um*; e a *soerquer-se*, que é tambem erguer-se a custo (Aulete). E dou-me parabens de conhecer no mundo um crustaceo tão meticoloso como o meu amigo juiz.

Confesso, Rangel, a minha ignorancia do portuguezs-gramatica e mais camarões da filologia. Guio-me pelo faro, como o pescador que *sente* que ali naquelas pedras ha garoupas. Infelizmente, faro é nariz; e em dias de resfriado lá se nos vai o faro. Mas o vento que me leva hoje a escrever-te é o Bernardo Torres — esse extraordinario Bernardo o Eremita de Caldas. Escreve como fala e é tão nosso igual que tanto faz a mim escrever a você como a ele. Foi fabricado da mesma massa e no mesmo molde e com o mesmo ponto de forno de todos nós lá do Cenaculo. E é psicologo. Diz uma grande verdade de que eu andava suspeitando ás escondidas — que somos todos uns Jecas Tatús. Pura verdade. Com mais ou menos letras, mais ou menos roupas, na Presidencia da Republica sob o nome de Wenceslau ou na literatura com a Academia de Letras, no comercio como na industria, paulistas, mineiros ou cearenses, somos todos uns

irredutíveis Jecas. O Brasil é uma Jecatatuasia de oito milhões de quilômetros quadrados.

As observações do Bernardo sobre *Urupês* são muito justas. E algumas das inexatidões apontadas são proposições. A história do caboclo... Aquilo foi fabricação histórica para bulir com o Cornelio Pires, que anda convencido de ter descoberto o caboclo, como o Nogueira se convenceu de ser o descobridor da Patria. O caboclo de Cornelio é uma bonita estilização — sentimental, poetica, ultra-romantica, fulgurante de piadas — e rendosa. O Cornelio vive, e passa bem, ganha dinheiro gordo, com as exhibições que faz do “seu caboclo”. Dá caboclo em conferencia a 5 mil reis a cadeira e o publico mija de tanto rir. E anda ele agora por aqui, Santos, a dar caboclo no Miramar e no Guarani. Ora, o meu *Urupês* veio estragar o caboclo do Cornelio — estragar o caboclo. Se tens aí mais cartas do Bernardo, não confidenciais, manda-mas.

A grande besta G. B, que se corresponde com o Nogueira, não será uma que zurra no *Correio Paulistano*?

Recebi o resto de *Vida Ociosa*. Ainda não comecei a ler. Mas li o *Amor Imortal* e pretendo escrever a respeito. Aqui é impossível. Sou todo mar, roleta, aquarelas — não tenho repouso. Hontem passamos o dia em Itanhaem. Fomos de auto, beirando a fimbria das ondas. Encontramos varios pingüins arremessados por algum temporal. Havia um vivo que levei para casa. Morreu, coitadinho, no dia seguinte, Amanhã vamos á Bertioga. Depois, a um farol. Depois... Cada dia, uma festa. Mar, mar, mar. O amphioxus regala-se. O Heitor de Moraes, meu cunhado, tem uma esplendida biblioteca — uma biblioteca que seria o meu encanto... longe do mar. Porque quando caio no mar, sou só mar, mar, mar.

LOBATO.

Quem é esse Bernardo? Que faz? Onde mora?

Santos, 15,7,1915.

Rangel:

Hontem e hoje dei folga ao mar para reler o livro do Nogueira, que me parece uma obra extraordinaria. Fora os

dialogos, que são em regra deselegantes, o resto é ótimo. A última novela, *Os Deuses Morrem*, é uma obra prima. Nunca supus no Nogueira tamanha profundidade. Tem muito de Edgard Poe. Mas acho que bem pouco pode esperar do publico. Não será lido pelas massas. Falta-lhe a nota do pitoresco e da comedia humana — da humanidade ao alcance da humanidade. Todos os personagens do Nogueira são exceções, coisas de Ibsen, astralidades. Já escrevi uma critica do livro, bastante encomiastica.

O que me contas do Bernardo é realmente assombroso. Eu o imaginava um bacharel grudado como craca numa promotoria de Minas. E no entanto cultivava a vinha e tem venda de estrada!... Está mais bem situado que nós, Rangel, para o estudo de almas humanas. Está mergulhado na massa do povo, e nós bestamente vivemos entre titeres que não são povo nem coisa nenhuma. É pasmoso como a *sociedade* esconde o homem em carne viva, todo instintos crus. A burguesia não tem alma. Educação e riqueza são mascaras de desindividualização. Que delicia nadar nas ondas da plebe, como num mar! Como Gorki nadava!

Hontem fomos á Bertioga, onde ha um velho fortim escalavrado do tempo de Tomé de Souza. As primeiras ruinas que vi em minha vida. Mas nada sugerem aquelas ruinas de convento em Itanhaem e estas da Bertioga. Que havia ali antigamente? Frades por dentro e indios por fóra. Mato e indios. Ruinas são as da Europa, da Escocia. Aqueles castelos cheios de dramas e até com fantasmas. As nossas ruinas são muito recentes. Os frades são os mesmos de hoje, os jesuitas de batina; e os indios são os caboclos de agora. Não sinto grandeza nenhuma, nem tragedia.

Nas pedras de S. Vicente peguei outro pinguim, de asinha machucada. E por causa desse coitadinho tive de brigar no bonde. Eu o trazia ao colo. O condutor, um português bem merecedor de que Cunhambebe o houvesse comido, implicou. “O regulamento *purive* conduzir aves nos bondes”. Eu quis discutir calmamente. “Ave tem penas, meu senhor, e onde estão as penas deste vivente?” aleguei. Ele teimou que era ave. Eu jurei que pinguim era filhote de foca, segundo a opinião de todos os zoologos ou exploradores ao tipo de Amundsen, etc. — uma coisa comprida. Minha ideia era manter a discussão até que me aproximasse da casa do Heitor,

mas o raio do mondrongo teve uma ideia luminosa. Fazer parar o bonde. "Com ave o bonde nan segue!" Eu ainda fiz chicana: "E se o Ruy estivesse aqui? Seguia ou não o bonde?" "Que Ruy?" perguntou o alarve. "Ruy, a aguis de Haia." Ele desconfiou que eu estava a "mangaire" e fez parar o bonde e foi a um telefone "falar á Companhia e pedir *pruvidencias*." Voltou. Continuou o bate-boca. O bonde estava se atrazando. Havia mais gente dentro. Tive de ceder. Insultei-o á portuguesa e descí. A casa do Heitor não estava longe. Depois de exhibido lá o meu pinguin, soltei-o de novo no mar. Com que gosto se meteu a nado! Quando vinha uma onda, enristava o bico e furava-a. E lá foi nadando e sumiu-se ao longe. Talvez tenha sido o unico pinguim do mundo que jamais andou de bonde.

Quero agora visitar o farol da Moela, para captar impressões e refazer um velho conto de faroleiros que fiz em Areias. Pena é não estares aqui, Rangel. Não sei fazer nada sem você. Com os meus olhos somados aos teus, havíamos de ver muitas coisas a mais das que vejo.

O Gorgulho é outro prodigio aí de Minas. A historia da algebra da Idade Media numa cidadoca mineira vale todas as do Beccari.

Já enviou os manuscritos ao Pinheiro?

LOBATO.

S. Paulo, 1,8,1915.

Rangel:

Acabo de ler a ultima parte de *Vida Ociosa* e corro ao papel para que nada se perca do calor da primeira impressão. Confesso que as partes anteriores me deram a suspeita de que em vez de um romance com *desenlace*, a coisa te saisse simples cronica da vida roceira. Enganei-me. Parabens! O Capitulo do Sô Quim está magnifico de observação e graça: é da gente rir como em Mark Twain. Aquele "ajutorio", aquele "fazer companhia", oh, aquilo é ouro. O remate, a séca do cliente, a surpresa do anel e a criação da escola, são uma obra prima de beleza, emoção e arte. A publicação desse

livro vai ser um acontecimento literario. Coelho Neto, nada! Academicos, nada! Você vale todos os romancistas da Academia de Letras.

Vou levar ao Ricardo o manuscrito, porque faço questão de que ele se convença por si mesmo do que sempre eu disse do Rangel. E desde já te dou o meu voto para o 1.º do Cenaculo, lugar que deixo de aspirar, já que o PRIMEIRO é você. Homem feliz! Empreendeste uma viagem longa e desalentadora e chegaste á meta. Hoje estás no ponto em que é só escrever e publicar: a critica só terá carinhos com você. Uma coisa ainda aconselho: podar as camilices enxertadas na primeira parte. Estou convencido de que o vocabulo fora da moda, fossil ou raro, é “pedra” de banana-maçã. O teu estilo é o desta ultima parte. Nela não ha ressaibo de Camilo nem de ninguem: tudo ali é Godofredo Rangel até ao sabugo das unhas.

Adeus, Grande!

LOBATO.

S. Paulo, 4,8,915.

Rangel:

A carta que mandei hontem não se referia ao ultimo capitulo, que é de fato uma excrescencia. Deves aproveitá-lo para um conto, porque o livro acaba maravilhosamente no penultimo capitulo. Lemos o teu manuscrito hontem, eu, o Ricardo e o Adalgiso Pereira. Grande entusiasmo. Aclamamos-te o Dickens do romance nacional.

É indispensavel que apareças, já, já, em letra de fôrma, Rangel! Conquistas tudo de pancada. Vamos dar um capitulo, o penultimo, em rodapé no *Estadinho*, sem consentimento teu. Purezinha tambem gostou e louvou — ela é exigentissima e incorruptivel. Tem aquele faro infalivel da cosinheira de Molière.

O pinguim tambem me decepcionou. Quando topei o primeiro, morto na praia, a surpresa foi enorme — surpresa literaria: o Polo Sul, a tragedia do vendaval que o arrastara até ali, Rudyard Kipling, o capitão Scott. O encontro do outro, semi-vivo, foi o requinte da surpresa. O terceiro,

apanhado no mar, nadando, já não me produziu grande sensação. Já era coisa vista. Hoje já não me abalo com pinguins, tantos encontrei mortos nas praias de Santos. A sociedade.

Dos pinguins de Santos passei á *Ilha dos Pinguins* do Anatole France, que comprei e vou ler.

Adalgiso te louvou o estilo nas partes onde as "aquisições camilianas não empecem de arqueologia a atualidade da lingua". Condenou os trechos onde Camilo está demais. Também acho que debes raspar o excesso de Camilo. É forçoso que ele não fique com as orelhas de fora. Na segunda parte da *Vida Ociosa* está mais diluido, homeopaticamente, mas na primeira parte está alopatico, em doses cavalares.

Emfim, Rangel, estás consagrado no nosso grupo como o grande romancista que o país esperava — e a nossa roda sabe o que diz, e o que ela diz é a opinião de amanhã. Queres negociar comigo a publicação da *Vida Ociosa*? O Monteiro Lobato editor do Godofredo Rangel — que maravilha!

LOBATO.

S. Paulo, 7,9,1915.

Rangel:

Quantas respostas estou a dever-te, meu Deus! Consequencia da corrimaça. Este mês volto para a fazenda e lá me ponho em dia. Recebi um teu bilhete-postal acompanhando o *Minas Gerais* e te remeti o *Estadinho* em que saiu o capitulo da *Vida Ociosa*. Como não estava revisto, veio-me a liberdade de, ao copia-lo, fazer umas correçõesinhas, do que humildemente te peço perdão.

O Nogueira tem-me escrito com assiduidade. Ingenuo!... Esperava que com o aparecimento do *Amor Imortal* até a lua arregalasse o olho, surpresa do novo sol que surgia. A lua não arregalou, o mundo não parou e Nogueira, estomagado, com pisaduras de sangue preto na alma, queixa-se no meu colo. Consolei-o, mostrando que o mundo não pára para ninguém, como os bondes, porque é cego, analfabeto e invejoso, sendo isso um modo natural de ser do Mundo e não acinte pessoal, picuinha malevola contra ele, Nogueira, como o nosso filosofo sideral santamente supõe.

Ainda não devolvi teus manuscritos porque metade está em Caçapava. Quero que vá tudo junto. Guarde isto do Araripe Junior: "Milton um dia, definindo a sua estetica, disse: *Poet must be a true poem*. Com isto quis dizer que a obra literaria que não é uma pura resultante dum organismo, pode ser tudo, menos obra artistica. As verdadeiras regras estão no sangue, nos nervos, na estrutura do individuo, na cerebração inconciente." Grande verdade. Por que o Ricardo não compõe um poema? Porque ele é em si um poema — um poema de pernas. E nós sentiamos isso e adoravamo-lo como a encarnação de um poema de Musset. Que é que faziam o Raul e o Artur, sempre com os olhos no Ricardo? Liam aquele poema vivo e semovente. *Poet must be a true poem!* Eu queria esfregar Ricardo no nariz de Milton para que ele visse como acertou.

LOBATO.

S. Paulo, 21,9,1915

Rangel:

Tens razão quanto á minha vida de cigano. Já me está cansando, e volto para a roça a semana que vem, saturado desta civilização. A minha estada aqui, graças á popularidade que o *Estado* deu ao meu nome, foi fertil em conhecimentos novos, entre os quais Emilio de Menezes o Viperino. Estive numa comilança a ceu aberto a ele oferecida pelos 30 de Gedeão das letras paulistanas, lá no Bosque da Saude — *sub tegmini as fagi*, como disse o Juó Bananere. Emilio tem fama do homem de mais espirito deste país. E é o motu-continuo da graça. Ri-me tanto, que voltei para casa com os musculos faciais doloridos e talvez inchados. Alem de grande poeta satirico, é Emilio ator de incomparavel mascara e senhor de todos os truques psicologicos que desmandibulam os homens mais sisudos.

Mas volto para o mato, Rangel. Aqui nada se faz. O nosso tempo todo se some na vidinha social — visitas, palestras, teatro, rodinhas, Triangulo. Leitura, só de jornais e

algo de fugida. Houve uma festa do *Pirralho* que deu nota. Mando-te o numero. Veja as caricaturas sonetadas do Emilio. Ha um continho meu feito a galope, do qual gosto e pretendo refazer decentemente. O desfecho agrada-me. Recebi a revista mineira. Julguei que fosse teu o artigo sobre o *Amor Imortal*, mas vi logo que não.

A *Revista do Brasil* aparece em janeiro e pelos modos vai ser coisa de pegar, como tudo que brota do *Estado*, empresa solida e rizomatica. Razão para aderirmos. Prometi um estudo sobre Almeida Junior e você pode entrar com um dos romances. Continuaremos assim juntos. O Bernardo escreve-me de vez em vez e eu lá vou respondendo de corpo mole. O fato de me corresponder com você, Rangel, não me obriga a fazer o mesmo a quem queira corresponder-se comigo. Tenho comprado muitos livros para ler na roça. Entre eles a coleção *Les Mille Nouvelles Nouvelles*, de que te mando amostra. São os melhores contos modernos. Oitocentos reis o volume.

LOBATO

Fazenda, 7,12,1915.

Rangel:

Sinto pruridos, ansias de vomito, exquisitices. Consulto o Chernoviz e meu quadro de sintomas encaixa-se no artigo GRAVIDEZ. Estou gravido, Rangel, Gravido do livro — o LIVRO!... Interessante o meu pendor pelas letras. Vem e vai. Tem fluxos e refluxos. Um pendulo. Depois de meses de engulho, em que apenas assimilei inconcientemente, sinto que a Necessidade de Produzir vem chegando com pés de lã. Neste andar espero que em janeiro ou fevereiro estarei em fase. E dos meus uteros hei de extrair um livro que não me ponha na lista do D'Argenton, do Labassindre e mais ratés do Jack.

Enquanto isso... que episodios sabes das travessuras do Pedro Malazarte? Estou a coleciona-las. Conheces alguma coisa de critica sobre esse tipo do ladino? Dá um livro popular no genero *Barão de Munchausen*. Mas não é este o meu livro.

Releio *Os Maias*. Como é grande, no sentido de volumoso! Dava dois, tres livros diferentes. Acho que *Os Maias* seriam um belo romance se fosse traduzido em português e levasse poda de foice. Ha frases como esta: “Desde moço fôra celebre, na capital, por pôr casas a espanholas; a uma mesmo dera carruagem ao mês.” Acho o Eça o culpado de metade do emporcalhamento da lingua no Brasil, onde o lido e o imitado é só ele, ele e mais ele. Mas Eça progrediu muito no fim. A *Ilustre Casa dos Ramires* já está escrita em lingua que escova os dentes.

Da tua carta vejo que coincidem as nossas opiniões sobre o Nogueira. Está se formando dentro dele uma poça de vaidade onde nadam todos os peixinhos do orgulho mariscados no *Assim Falou Zaratustra*. E a poça é em cima da promotoria de Baependi, o que agrava o caso. Nogueira me dá aflição. Vôa muito alto, bate as asas muito forte. Assusta-me. Estou acostumado a esta nossa andadura de egua de silhão, escondidos do mundo, pelas humildes veredas ermas dum matagal onde não aparecem intrusos nem guarda-caças. Desadorno cavalarias de alto vôo, eloquencias, atitudes diante da camara fotografica da Posteridade. Já sou mais velho que moço, e nada me vale este gamão que jogo ha mais de dez anos com o Meritissimo Juiz de Santa Rita do Sapucaí. Quando me surge um novo que quer andar comigo pelos mesmos caminhos, sinto-me esquerdo, fujo, enxoto-o. Estas veredas, Rangel, têm dono — são só nossas. Ha um Menotti que anda querendo invadir a nossa propriedade, esse Menotti de que já tanto me falas. Estou com ciumes. É um *braconnier*, senhor Juiz! Ele está violando o nosso Paradou. O que eles procuram são as flores do elogio para enfeite das lapelas da vaidade. Não as colhem impressas em quantidade suficiente e metem-se a pescalas manuscritas. Eu resisto. Quando me entra na tapada um *braconnier* novo, todo modesto mas com cheiro de quem procura tais flores, enxoto-o com o porrete da sinceridade. O ultimo enxotado foi um Quintino de Macedo, que você, mole que é, me recomendou.

Para o trabalho do estilo, a primeira empreitada é mundifica-lo, como diz você, das “maneiras” consagradas. Fugir sobretudo da maneira do Eça, a mais perigosa de todas, porque é graciosissima e muito facil de imitar. “Cigarro languido” — “Caneta melancolica” — “Tinteiro filosofico”.

Tambem o descanso nas linguas exoticas é preciso — sobretudo no inglês. A literatura alemã tambem ensina muito. Sudermann revelou-te um grande segredo, e a mim quem mo revelou foi Hauptmann. O *Caminho dos Gatos* é romance de deixar sementes em nosso terreirinho, quanto á composição e ao modo de dizer.

A literatura francesa infeccionou-nos de tal maneira que é um trabalho de Hercules remover as suas sedimentações. É gafeira lamelar. Temos de ir tirando aquilo casca por casca. Da casca haurida em Zola já nos alimpamos; a flaubertina e a goncourtiana ainda subsistem em você. Temos depois as casquinhas auridas aqui — a casca eciana, a fialhana, a euclidiana e até a camiliana. Abusamos de Camilo como certos sifiliticos abusam do mercurio. O espiroqueta morre, mas ficamos com os dentes estragados. Temos que eliminar todas as cascas e ficarmos em carne viva. Será possivel, Rangel? Certas cascas nos ficam como pele e doi o arranca-las.

Li a *Caveira da Martir*, onde ha uns tipos soberbos. Ter de arrancar a casca camiliana, como isto doi! É ter de apear.

Diga ao Gorgulho que não seja bobo — que eu não sei desenhar nem pintar. Desenho e pinto como me coço, porque vem a coceira — mas só me coço portas a dentro, para mim mesmo. Eu sei o que é desenho — pintura. Sou velho assinante do *The Studio*, de Londres. Diga-lhe que o Lobato não desenha, apenas se coça com o lapis quando lhe aperta a urticaria cronica.

LOBATO.

1916

Fazenda, 5,1,1916.

Rangel:

Não. Em materia de "contra", o rei é o Manequinho Lopes. Lembra-se dele? Nunca o vi a favor de coisa nenhuma — está sempre contra. Certa vez numa roda Maneco estava a arrazar tudo, completamente tudo — os alemães e os aliados, o Brasil e a Argentina. Eu perguntei-lhe:

— Mas, Maneco, que é que você é, afinal de contas?

— Sou antitudista, respondeu ele num daqueles seus prodigiosos repentos.

E realmente é o que ele é. As historias do Maneco! Davam um livro. Ele gosta de beber, e uma noite voltou para casa de madrugada, toldadissimo. Sacou do bolso a chave da porta da rua e tentou abrir. Mas o buraco da chave ia subindo, subindo. Maneco insistiu na tentativa até que, já na ponta dos pés, não o alcançou mais. Era um besouro... (Falta o resto)

LOBATO.

Fazenda, 20,1,1916.

Rangel:

Foi bom me chamares a atenção para o "jugular", que, não sei porque, empreguei como "subjugar." O meu Moraes e o meu Aulete são deficientissimos e especializados em não dar justamente as palavras que eu procuro.

Já viste a *Revista do Brasil*? É caso de tomares uma assinatura. Nasceu de boa estirpe, esta bem aleitada pelo *Estado*, é a unica nesse genero em todo o país — e é *nossa*. Já no segundo numero devo ocupar-lhe dez paginas com um conto de monjolos e monjoleiros, coisa muito buquirana, daqui — *Chóó-pan*. Vou acampar na revista e ficar lá á tua espera, para gloria do Cenaculo (que no ultimo numero da *Revista da Semana* foi incidentemente citado).

Peguei de Garrett estes dias. E' elegante, vivo, chistoso, e liberrimo, no sentido de fugir a cangas de escolas e metodos. Estou em *Arco de Sant'Ana* e *Viagens*. Falta-lhe a genial truculencia de Camilo. Tambem tentei umas leituras de classicos, Vieira nas cartas, Lucena, Fr. Luiz de Souza... Não vai. Não me dão prazer nenhum. Jurei ler todo um volume de Fr. Luiz e fiquei perjuro. O mesmo que subir um Himalaia. Por maior que seja a decisão, a gente arreja a meio morro. O sono não deixa. Dormi dez paginas do maravilhoso Fr. Luiz de Souza. E que sono, Rangel! Dos incoerciveis. Duns que eu tinha em menino, quando me levavam ao teatro, de camarote. Lembro-me duma *Traviata*. Eu fazia esforços inauditos para ver o que acontecia áquela mulher, e consegui manter os olhos abertos até lá pelas onze horas. Aí não aguentei mais. Lembro-me que fiz um esforço prodigioso para ficar acordado — mas o sono me derrubou. Fiquei toda a vida com essa impressão na memoria — a incoercibilidade do sono — e agora, nesta idade, vejo a coisa repetir-se. nesta fazenda, por obra e graça do “mavioso”, do “maravilhoso” Fr. Luiz, o classico que recebe os melhores adjetivos! Tanto adjetivo me faz desconfiar. Quando a gente dorme no meio duma coisa, o remorso nos faz dizer maravilhas dessa coisa. Impossivel que os outros leitores desse frade tambem não hajam sentido o “sono da *Traviata*” que eu senti.

O merito de Camilo está em que nos ensina todas as acrobacias da lingua, e nos mostra todas as “bravuras” e ainda nos diverte. Quando se põe a troçar é enorme! Quando vira palhaço e vai descambando para o reles, sai-se com um disparate de genio e salva tudo... Em materia de dialogos de gente do povo, não sei de nada igual. Veja isto, do *Onde está a Felicidade?*

O João Antunes, por alcunha o Cágado, natural de Lixa, viera rapazito de 12 anos para Lisboa, conduzido pelo seu tio materno, o tio Antonio Cabeda, com destino de embarcar para o Vrazil. Achando-se no cais da Ribeira com o dito seu tio, admirando o tamanho de um hiate, que o bom Antonio Cabeda denominava uma *anau de guerra maritima*, com grande espanto do rapaz chegou-se a eles um homem gordo, de jaqueta de ganga amarela e chinelos de ourelo, perguntando ao tio Cabeda se o rapaz embarcava. A resposta afirmativa, disse o homem gordo, mandando que se cobrissem os admiradores da *anau de guerra maritima*, que era dono de duas lojas de mercearia na Fonte Taurina, e muito dese-

java meter em uma delas um rapaz que tivesse boa pinta para o negocio.

— A respeito de pinta, ela aqui está como se quer, disse o tio, levantando com orgulho a cara do sobrinho, como o troquilhas que mostra os dentes duma cavalgadura.

— Não tem mau olho, não, disse o merceeiro. Quer V. deixa-lo comigo? O Brasil é em toda parte. Tenha ele cabeça e boa aquela para o negocio, que em toda parte se arranja dinheiro.

— Tu queres ir ou ficar, rapaz? perguntou o tio, atirando com a perna direita sobre o pau de lódo.

— Eu... resmungou o rapaz, fazendo em torcidinhas a borda do barrete.

— Vá... E' decidir! Isto é maré de encambar enguias. Assim como assim, este senhor diz bem: o Brasil é em toda parte. Queres ou não queres?

— O que vosmecê quiser; eu antes queria ficar mais perto da minha gente. Acho que o Brasil é por aí abaixo muito longe. Etc.

Qual é o naturalista que apanha vivo assim uma cenazinha destas, de todos os dias? Eis porque incursiono nos outros, mas em materia de estilo minha base de operações é Camilo.

Tua carta vem com uma frase absurda: "Sinto necessidade de arrepiar carreira em estilo e recomeçar pelo principio." Equivale a: "Examinei ao espelho minha cara e sinto necessidade de voltar atrás os bigodes, o nariz, o ar, e refaze-la segundo um molde que me bacoreja cá dentro." Olha, Rangel, enquanto te preocupares com o estilo, não o terás. Estilo é o jeito da gente. E todo jeito artificialmente procurado desajeita uma pessoa. O que devemos é comportar-nos com grande decencia no trato da lingua, e só a aprendermos no trato dos mestres. Que preocupação de estilo ha nesse Camilo que transcrevi? E que estilo! Donde a conclusão: Têm-no os que não o procuram — os descuidosos.

Para o diabo o estilo, pois — e toca para frente. A frente agora é a *Revista do Brasil*.

LOBATO

Rangel:

Chegaram a salvamento *Os Farolciros* e a carta. Aproveitarei muitas das observações. Como borrão que é, ainda está cheio de "cracas." Meteste esta palavra num circulo floreado, mas sem razão. No Moraes a encontras com o sentido que lhe dei, de marisco que reveste as pedras e os cascos de navio. De craca vem "craquento", aspero, adjetivo de muito curso a beiramar.

O meu artigo *Nitrogenio* teve a sorte de cair em graça. Recebi cartas elogiosas, entre elas uma do Dr. Luiz Pereira Barreto. Ai vai ela. Fez-me bem essa opinião dum homem que eu venerava desde a sua famosa polemica com o Eduardo Prado, e que sempre admirei pelo muito que alia a ciencia com as mais altas qualidades literarias. Tem o tal estilo que prende o leitor.

E por falar em estilo: quando deixamos a ideia correr ao fio da pena, sem nenhuma pre-concepção quanto a "maneira" ou regra e, pois, não procuramos "fazer estilo", é justamente quando temos estilo. Receita: Quem quiser estilo, jamais o procure.

Escrevi tambem em prol do Wash Rodrigues, um pintor que ia passando despercebido. *Ia*, mas o brado valeu. Quebrou-se o gelo. A critica tomou-o em consideração. Mas antes ninguem piava sobre ele, o que levou o pobre rapaz a mandar-me uma carta triste, pedindo socorro. Pelo *Correio* o Oswald de Andrade me combateu as ideias "anti-litoralistas". e o caso foi que a exposição do Wash está muito frequentada e os quadros vendem-se. Já compreendi o nosso publico. Para interessa-lo, é preciso vir com bombas na mão e explodi-las nas ventas de alguem, ou meter a riso qualquer coisa, farpear um grande paredro da politica (o meu alvo predileto é o Freitas Vale, o morubixaba da estetica oficial) — ou então falar do caboclo. Em havendo caboclo em cena, o publico lambe-se todo. O caboclo é um Menino Jesus etnico que todos acham engraçadissimo, mas ninguem estuda como realidade. O caipira estilizado das palhaçadas teatrais fez que o Brasil nunca pusesse tento nos milhões de pobres creaturas humanas residuais e sub-raciais que abarrotam o Interior. Todos as têm como enfeites da paisagem — como os anões de barro de certos jardins da Pauliceia.

O *Estado* é cauteloso. Poda-me os pedaços mais atrevidos e portanto melhores. Baixa o tom das minhas violencias. Em compensação, vingo-me n' *O Queixoso*, revista quinzenal de "pau no lombo." Lá não me cortam coisa nenhuma. É tudo á Camilo, quando brigava. Uma curiosa empresa, o *Estado* Emite galhos, ou rizomas, como certas gramineas. Depois corta-os e deixa que os galhos vivam sozinhos. A *Revista do Brasil* é um galho do *Estado* que acabará autonomo. Talvez aconteça o mesmo com o *Estadinho*, o galho travesso e garoto do *Estadão*. E' o mesmo com *O Queixoso*, a revista onde agora me expando.

No segundo numero da *Revista do Brasil* apareço com a *Vingança da Peroba* — um conto de monjolos e monjoleiros que termina sangrentamente. Acho que o sangue em golfos tragicos e o amor são as unicas coisas que nunca saem da moda em todas as literaturas. A ideia desse conto me veio ha pouco tempo, quando mandei um monjoleiro da zona fazer um monjolo cá para a fazenda. Eu passava horas na "obra", vendo aquele serviço de escavamento a enxó e provocando conversa com o carapina e o seu ajudante. Eles fizeram-me o monjolo e eu fiz o conto. Saiu escudado com uma bela citação de Camilo nas *Vinte Horas de Liteira*. Leia isso, seu Rangel, e achate-se.

"Onde devo ir? Nas cidades é que já não ha sentimento de originalidade nenhuma. As paixões de lá, boas ou más, têm tal analogia, que parece haver uma só manivela para todos os corações. Esta identidade é grande parte na monotonia dos meus romances. Ha duas ou tres situações que, mais ou menos, ressaem do enredo de vinte dos meus volumes cogitados, estudados e escritos nas cidades. Quando quero retemperar a imaginação gasta, vou caldea-la á incude do viver campesino. Avoco lembranças da minha infancia e adolescencia, passadas na aldeia, e até a linguagem me sai de outro feitio, singela sem afetação, casquilha sem os requebrados volteios que lhe dão os invezados estilistas bucolicos. Assim que descaio em dispor as cenas da vida culta, lá vem a verbosidade estrondosa, o tom declamatorio, tirados á força da violentada consciencia a umas inocencias e virtudes que me têm grangeado descreditos de romancista da lua. Conta-me, pois, uma historia sentimental, amigo."

Isto é o tal estilo "pão com manteiga" de que não ha enjoar nunca.

Quanto ao livro projetado, faço questão de que seja de nós dois. Anda você a me fugir com corpo, a essa ideia. Por

que? Como não viso carreira literaria, quero, apenas por capricho, ter um livro que seja isto mesmo das nossas cartas sob o aspecto publico. Desse livro só me interessarei por meia duzia de exemplares, que oferecerei á meia duzia de pessoas que estimo neste mar de milhões de creaturas que é a humanidade. Como somos restritos!

LOBATO

Fazenda 10, 3,1916.

Rangel:

Estás mais adiantado que eu. Leste *O Poeta* e eu ainda o não vi. Não sei a que proposito me publicaram no *Estado* essas linhas escritas para prefacio duma edição microscopica dos sonetos do Ricardo, da qual só se tirariam 10 exemplares. O editor era o Joaquim Correia. Não sei se a ideia foi por diante. Os Cães não me têm escrito, e até você passou tempo sem faze-lo.

Ando ás voltas com o rebento n.º 4, desta vez uma menina de nome Ruth nascida a 29. Purezinha não passa bem e eu estou como enfermeiro.

Tenho muita coisa a contar, e o melhor é como sempre do Nogueira. Sabes que ele empreendeu a serio a salvação da patria? Em artigos varios — o ultimo dos quais magnifico — Nogueira injecta coragem, emite *Sus! Eias!* para que nos afastemos da beira do abismo. Trocou comigo varias cartas em estilo assimfalouzaratustra, “concitando-me” a salvar a patria junto com ele. Quer uma salvação a quatro mãos. Quer companheiros bem palavrosos para a arrancada — porque é só com palavras que vamos salvar a coitadinha. Eu a principio pus-me serio; depois ri-me nesse artiguete que mando. Pois has de crer que o Nogueira ficou seriissimamente maguado, como se a Patria fosse avó dele, sogra dele, qualquer coisa lá da casa dele? Mandou-me a carta que junto, onde ressurge o velho Nogueira fundador da religião do Braz, e parece que rompeu comigo. O seu artigo *Pessimismo* é uma indireta a mim. Nogueira leu-me e não me entendeu. O caso é este. Depois do grito de Bilac,

a imprensa repisou de tal modo o assunto, que só é lido hoje quem, desta ou daquela maneira, foge ao tom serio geral. Ora, justamente depois que os paladinos do Sorteio Militar ensarilharam as armas e o assunto foi tirado do cartaz, o Nogueira chega atrazado lá dos cafundós de Minas e vem botar a sua acha de lenha na fogueira já reduzida a cinzas. Eu caçoei no tal artigo e ele está agora a cortar as nossas relações epistolares. “Não admito que brinquem com a minha sogra”, parece dizer.

Não ápareci no 2.º numero da *Revista do Brasil* porque o Veiga Miranda estava na frente com *O Margarida*, aquele conto de que te mandei um trecho. Fui transferido para este mês. E agora faço questão fechada de que o conto do mês de abril seja teu. Cada numero só traz um. Manda-mo cá, que eu o encaminharei. Falas em “conquistar” a *Revista*! Mas a *Revista* é nossa, bobo... Unicamente por que não tens relações com o Plinio, que é quem manda lá dentro, proponho isso de entrares por meu intermedio. Funcionarei apenas como introdutor diplomatico. Deste no *Minarete* uma obra prima — aquella cena das visitas. Quer que a copie e mande para a *Vida Moderna*?

Tenho cá o Payot — mas não largo o cigarro. Ha tão poucos vicios no mundo — e na roça, então?! É quasi o unico. A mim não me faz mal; quando fizer, conversaremos. Já uma vez passei dois anos sem fumar, só por capricho — para tomar o pulso á força da vontade.

A proposito de que falas no *Fausto* do Castilho? Justamente agora ando a traduzir para meu uso uns pedaços da tradução franceza do Gerard de Nerval (que o Goethe gostava mais que o original) e quero cotejar a tradução do Castilho com a minha. Escrevi ao Pinheiro encomendando o livro mas fiquei sem resposta. Estão todos lá em S. Paulo ás voltas com Mómo. Tambem acho Castilho uma perfeição de homem. Que lingua! Que riqueza! Infelizmente dele só tenho *Sonho duma Noite de S. João*, tradução do *Midsummer Night's Dream*, e não sei como Castilho mete a noite de S. João no meio do verão. Minha livraria é duma pobreza incrível em livros em lingua portuguesa. Quasi tudo francês. Uma vergonha.

Adeus. O estafeta vem vindo. Apontou lá na curva do morro.

LOBATO.

Rangel:

Vai um recorte do *Minarete* como claro indicio dos tempos. Não te gabo a pachorra arqueologica e inutil. O que essas minhas cartas pedem é fosforo. Toca-lhes fogo e pronto. Quanta pretensão lá dentro!

Está bem definido o Nogueira como ator. Isso. E se acrescentarmos, ator de melenas de trinta anos atrás, ficará bem viva a definição. A ultima coisa dele por aqui foi uma Carta-Bilhete assim endereçada: "*Excelentissimo Sr Dr. Monteiro Lobato — morador em uma fazenda — Caçapava.*" O que veio dentro revê a mesma altissonancia de divodigno a deixar cair palavras para que as aparem orelhas de papúa. Em materia de patriotismo está o homem uma galinha choca de pinto novo. O pinto é a Patria. Nogueira arrepia-se e cacareja, se alguém olha para o pinto. O Albino e outros fundaram em Ribeirão Preto uma *Patria* mensal, de 50 paginas, onde doutores locais desovam e incubam os pintos do patriotismo. Pois lá das profundas de Minas o Nogueira farejou e correu a empoleirar-se. E lá está com os seus pintos na primeira pagina, nas colunas de honra, com entrelinhas, e ele todo ouriçado e de bico afiado para desferir botes contra quem sorria de qualquer coisa deste nosso amado Brasil. Nogueira virou o Alberto Torres de Ribeirão Preto, mas um Alberto Torres apocaliptico, mestiçagem de Saint-Just, Deroulède e Santo Agostinho. No fundo é sempre aquele seminarista egresso que nos apareceu em S. Paulo a citar os Vedas, e procurou crear no Belemzinho uma religiãc nova. É o monge Schwab, descobridor de uma polvora já descoberta pelos chineses seculos antes, que no teatro Sant'Ana, naquele 11 de Agosto, assomou a um camarote, de melena caida na testa, e começou um discurso com uma objurgatoria á divindade: "Não ha Deus!" As risadas e apupos impediram-me de ouvir o resto, mas me lembro que o Nogueira continuou na invectiva. Todo descobridor de polvora tem fé integral na primazia de sua descoberta. Nogueira naquele tempo acreditava sinceramente que negar Deus era o Himalaia, como hoje crê que o Himalaia é proclamar aos mundos uma coisa tremenda chamada Patria. E para isso veste-se de D. Quixote, põe na cabeça o elmo de Mambrino, monta um pangaré e sacode no ar uma lança, que na realidade é vara de bambu com faquinha de matar porco na ponta. Nas duas ocasiões esqueceu de que

já na India Buda suprimira Deus, e que as armas de D. Quixote só existem hoje nos museus retrospectivos. Nogueira é personagem fugido de romance romantico. Eu gosto imenso dele e fujo de brigar; prefiro cultiva-lo como a um cactus espinhento do deserto. Ha cartas suas que são prodigios de megalomania espiritual. "Por que descrever da Patria?" diz numa delas, "se no Brasil ha um Nogueira e um Lobato?" Está a preparar um livro tremendo, em que ele aparece como o Wagner do patriotismo. Segunda decepção que prepara, maior talvez que a do *Amor Imortal* — que apesar de todo o seu grande merito, como eu e você reconhecemos, não deteve o curso do sol.

Recebi *O Poeta*. Que asneira darem a publico aquilo que é só nosso; e com aquele entre parentesis: (*Pagina de saudade*). Vexou-me o ser autor de "pagina". Quem lê pensa que eu me chamei "pagina". Uma coisinha tão sincera e intima... Para mim Ricardo é o Poeta. Não produz, não publica, mas é poeta no modo de olhar, no falar, nos atos minimos da vida. Que grande e bela alma a do Ricardo!

Ando a estudar a historia do Brasil. Ha nela bons blocos de marmore a serem entalhados. Os bandeirantes, Borba Gato, Fernão Dias — que bandidos soberbos! Estou a imaginar a Doença do Ouro no Brasil. O periodo das minas gerais, a avidez dos homens, a cubiça louca, a ação e a reação desse ouro aqui e no Velho Mundo — lá, envenenando Portugal e enriquecendo a Inglaterra. Um romance historico feito naturalisticamente. Já notaste que o romance historico nem sequer ainda balbuciou entre nós? Imagino-o á maneira de Walter Scott, mas com as tintas modernas de Kipling. Não te sabe uma arrancadinha passado a dentro? O obice maior será a restauração da fala dos personagens. O cenario é a mesma mata virgem de hoje, com as mesmas peças, o mesmo gavião-pato, os mesmos espinhos de brejauva. Não conheço *As Minas de Prata* do velho Alencar, mas juro que tambem lá ele falsifica o homem — embelezando-o. Os indios de Alencar no *Guarani* são pescados na *Iliada* de Homero.

Agora que ando com o espirito voltado para as coisas nossas, envergonho-me do pouco que possuo de obras nacionais de historia. Que desleixo!

Mudando de assunto: leu a critica do Adalgiso Pereira ao portugûês do Afranio? No *Estado*. Que perigo escrever

com desleixo num mundo cheio de carácaras como o Adalgiso! O carácará é um gaviãosinho que frequenta os bois no campo, afim de lhes apanhar os carrapatos.

Incluo uns recortes do Dantas Barreto e do T., dos quais verás que a "imortalidade" não é incompativel com a suprema chateza literaria. Lê, pasma e devolve-me tudo.

LOBATO.

Fazenda, 20,3,1916.

Rangel:

Comecei a extrair dum caderno de recortes o teu *Visitas*. Interrompi o serviço. Retomei-o e agora noto que me está faltando um pedaço do começo. Cá o devolvo. Recompõe isso e manda para a *Vida Moderna*. Não sei de quem será o conto do 4.º numero da *Revista do Brasil*. Se não é teu, é preciso que o do 5.º numero o seja. Faço questão de te ver lá, metendo de chancas para o ar os contistas anteriores.

A minha estreia foi bem acolhida. Dentre varias apreciações mando-te a dum jornal italiano de S. Paulo. Tambem recebi varias cartas a proposito de algo saido no *Estado*, uma delas curiosissima. Aí vai para que decifres a psiquica da creatura. Respondi gabando-lhe... a letra! É realmente um primor caligrafico. Não imaginas como o meu artigo *Pecuaría Suína* agradou! Exultação entre a fazendeirada. Um conde hungaro, recém vindo da guerra e já afazendado por aqui, foi procurar-me em casa de minha sogra — para conhecer-me e dar-me parabens. Como não me encontrasse, ficou de escrever. Estou curioso do que me dirá esse homem — conde, hungaro, soldado da guerra... Um fazendeiro de Itatiba escreveu-me hontem e outro da ... Lagoa dos Patos! Por que interessou assim essa tal *Pecuaría*? Porque é ironia para cima do governo — e quem não detesta os nossos governos? Meti a riso o sistema oficial de criar porcos á custa do Tesouro, porcos que saem uma beleza, mas a um custo de produção tres vezes maior que os meus aqui — e contei o meu sistema. Meu sistema de criar porcos é uma ofensa á biologia, mas contado em letra de forma fica bonitinho. A letra de forma, Rangel, é como o azul das montanhas.

LOBATO.

Rangel:

Recebi a de 12, com os recortes da parelha de "imortais" que mandei e sobre os quais silenciaste. O Frango Sura está me cheirando a literato dos bons. Ah, que gente! Que perús recheados com a farofa da vaidade! Enfarei-me deles em S. Paulo. O maioral da taba é o Vicente de Carvalho, poeta dos maiores da lingua — mas que pena ser também perú recheado! Seus amigos formam-lhe uma côrte luizesca; Vicente não solta um simples borborigma sem que eles, em redor, não arregalem o olho e murmurem em extase: "Não é arrotto, é Camões!" O Amadeu Amaral é excelente creatura e esforça-se por ser modesto — mas de todos os lados "gavam-no" demais. Sabe o que é gavar? É tradução do "gaver" francês — comer demais, ou fazer comer demais. Em Strasburgo os produtores do "Pâtê de Foie Gras" prendem os gansos em gaiolas, pregam-lhes os pés para imobiliza-los e gavam-n'os, isto é, metem-lhes pela garganta a dentro um angú, afim de superalimenta-los forçadamente. A maior vítima dessa violencia alimentar é o figado do ganso, que incha, fica enorme — exatamente o que os fabricantes de pâtê querem. Pois o excelente Amadeu deve estar com o figado bem inchado, tal é a "gavage" a que o submetem. Anda mais cevado de ditirambos que um imperador romano. O Emilio de Menezes disse que para Amadeu entrar na Academia era necessario que se diminuísse a si proprio com um ano de banhos de pedra-hume! O Otavio Augusto, o Julio Cesar, todos — aquilo é um mutuo endeusar-se que está a pedir lenha. O Amadeu tem as chaves d'O Estado e recebe hosanas de toda parte — até de Baependi. O Nogueira manda de lá os seus gravetinhos para o fogacho propiciatorio — mas Amadeu não murmura o *Sancta simplicitas* de João Huss na fogueira.

Tenho observado que não ha resistir ao agradável — e que mais agradável que o elogio? Dá-nos a sensação de que somos ovos de duas gemas.

Quanto ao Frango Sura, saiba que me escreveu. Anda agora a reunir um florilegio de elogios, certo de que também é um ovo de duas gemas — ovo de galinha preta. É conseguiu um do Bilac, que ele anda a passear pelo nariz da gente, como um perfume. É dos tais que levam o livrinho ao critico e

ficam ao lado para assistir á leitura, com o "Que tal?" nos lances de efeito. Mas apesar de vir já apadrinhado por Bilac e outros "imortais", em vez de cocada dei-lhe erva de Santa Maria — e para ele virei "aquela besta do Lobato".

Conheces a Carolina Michaelis? Estou na leitura da sua *Saudade Portuguesa*, onde o raio da mulheraga prova que uma alemã vale tres alemães. Eruditissima e elegantissima. Profunda. É a maior autoridade em lingua portuguesa de Portugal, apesar de patricia de von Mackensen. E chama a contas aos maus lusiadas: "Como explicar que ainda hoje os interpretes da alma lusiada desdenhem tanto do saber linguistico? Como explicar que espiritos cultos como Bruno, Afonso Vieira, Tomás Borba, não se persuadam de que a lingua é a base, e é a mais genial, a mais original e nacional obra d'arte que cada nação crea e desenvolve?"

Apesar da pulga geografica que é, Portugal nos bate quantitativa e qualitativamente — se pusermos de fora Machado, Rui e Euclides. A produção intelectual é lá maior que a nossa, e hoje refervem na furia dum pequeno Renascimento. Renascem, e nós nem conseguimos morrer... O jornal nos sufoca todas as tentativas de literatura, com os seus reporters analfabetos, com a sua meia lingua engalicada, com os seus criticos de camaradagem ou de "passa cá cinco mil reis", com paredros a receberem de genio para cima (*O Paiz*) ou de gatuno para baixo (*Correio da Manhã*). Um "nome novo" consegue nos jornais amigos um "lançamento" igual ao do Tropon ou do Gelol. Parece que o mesmo homem que lança um Gelol lança um novo genio — e o publico "passa" os dois, a panacea e o genio: Balcão e camaradagem — eis a nossa imprensa. Ha um "cafagestismo" que invade tudo — já invadiu o governo e vai invadindo toda a intelectualidade.

Mas o Nogueira vê "auspiciosos traços de capacidade racial" em toda essa decadencia. E sabe por que? Porque Quatrefages disse, e disse Gobineau, etc. Para bem penetrar nesses misterios da Patria, não ha como o Nogueira. Tem consultorio.

Minha ogeriza contra o "patriotismo" e o "nacionalismo" que o Nogueira, o Bilac, o Sura e outros andam a lançar, vem duma coisa organica em mim: o "Amicus Platus, sed magis amica veritas". Ponho sempre a verdade no topo — e não ha verdade possivel em nada visto através dos olhos des-

naturadores de qualquer apaixonamento — seja patriotismo, nacionalismo, hermismo, civilismo, etc. Tudo isso não passa de politicas partidarias, de que os filosofos naturalmente se afastam.

LOBATO.

Fazenda, 23,4,1916.

Rangel:

O Frango Sura saiu-me melhor que a encomenda. Chapado! Publicou no *Estadinho* uma pagina sobre a Mulher, merecedora de Academia por aclamação — para *pendant* do... Aqui incluo a frangorreia. Agora me lembra quem é ele. O Zé Correto da tua *Vida Ociosa*, o discipulo amado do Americo! Exatamente isso...

Comecei a ler *Exaltação* da Albertina Berta, o livro que *assombrou* o Araripe Junior. Caso curioso. A mulher tem talento e até genio, mas consegue destruir a ambos á força dum amaneirado de estilo que raia o grotesco. Lembra uma obra de d'Annunzio que um Zé Cantinho ou um Frango Sura reescrevesse na linguinha deles. Que pena! Com uma tesoura de podar, picando o livro e reduzindo-o á metade, eu faria dele uma coisa excelente. A mulher tem um grande talento mas nenhum tacto plastico.

Fora disso recebi visitas. Tive um mês de casa cheia. O ultimo que se foi — acaba de partir agorinha — um pintor, Wash Rodrigues. Vinham com ele o Ricardo e o Raul, mas doença na filha do primeiro gorou o projeto. Raul não veio sozinho porque é a sombra do Ricardo.

Aguardo os contos refundidos, e positivamente eston ansioso de ver-te em letra de forma na *Revista do Brasil*. E é bom que te apresses, porque as revistas no Brasil têm a duração das rosas de Malherbe; e quando morre uma, passam-se anos sem nascer outra.

Não é preciso devolver o Frango.

LOBATO

Rangel:

Primo philologare... Não concordo com as glosas. O "deparar com" não o autoriza uma incorreção do Garrett. Se me dás com um "deparar com" em Garrett, aponto-te nele centenas do deparar certo. Se uma simples incorreção de classico fizesse lei, não haveria gramatica possivel. Nesses casos atenho-me ao genio da lingua e ao genio do proprio vocabulo. O "porém" inicial encontro-me com ele em Camilo e outros, ligando o que foi dito no periodo anterior ao que se vai dizer adiante, mas incide na minha observação acima; ofende o genio dessa conjunção, a qual conjuga coisas dentro do mesmo periodo, mas não conjuga periodos distintos. A proposito ha umas coisas luminosissimas em Ruy, na *Critica ao Parecer*. Escudo-me com ele. Quanto ao "lhe", idem. É muito novo para idiotismo. A ir por esse caminho, todos os erros contra a gramatica cairiam na "idiotice" e adeus lingua!

Aquela troça ás paulistanas visa uma coisa: que saia á arena algum Magriço de lance em riste em prol das damas ofendidas. Meio de cá me eu expluir estes Camilos polemicos de que ando ingurgitado. Mas parece que o tempo da Cavalaria realmente já passou; as damas, já sem macho que acuda por elas, se vêem na dura contingencia de virem á arena em pessoa, brandindo as sombrinhas. E com mulher não podemos discutir, porque a vitoria é facil demais: basta que lhes ergamos a saia em publico. A saia delas ou da gramatica delas (livra!)

Não me veio o ultimo numero da *Vida* e já reclamei. E os teus contos estão retidos no correio de Caçapava por insuficiencia de porte. Ja mandei o necessario para desen-crava-los.

Acho explicação do teu mal na falta do cigarro. Fume, homem! Com 600 milhões de cachimbos, fume que sara. "Fumar como um doido" está claro que é asneira, como tambem é asneira não fumar como um santo. Tambem te está faltando vida ativa. Ser juiz é incubar nevroses. É vida anti-animal. O animal no homem! O traze-lo bem tratado e saciado é alegria, saude e felicidade. Com um mês aqui viravas uma abobora.

Vou pintar um dia meu aqui na roça — o de hoje, por exemplo — e lá o compararás com um teu dia de juiz. É a *joie de vivre* e a nevrose.

Levantei-me hoje ás 6. Tomei um copo de leite de cabra e saí. Dei volta pelos terreiros, distribui umas ordens e voltei para o café da manhã com bolinhos de milho — que adoro. Nisto chega-me uma visita, o Angelo, fazendeiro e criador de gado meu visinho o qual sempre que vai a S. Paulo passa aqui pela fazenda para um dedo de prosa dos mais alentados e na vinda faz o mesmo. Tomamos o café de sucia e conversamos sobre mil coisas até ás 8 e meia, inclusive a guerra. Depois que o Angelo se foi, pus-me a assistir ao botar feijão ao sol, no terreiro ladrilhado. Depois dei volta por fora para ver a porcada e tive lá um atrito com um bode Toggenburg que me está virando uma fera. Lutei com ele, porque contra mim investiu de chifre e não arredava por mais que lhe batesse com um pau. Furioso, dei-lhe uma sova com uma enxada que apanhei por ali, e o olho da enxada forçou-o a dar-se por vencido. O bode afastou-se. Voltei para casa alagado em suor, cançadissimo, mas triunfante. Vencera o bode! Almoço. Na mesa conto a façanha, e Purezinha e duas primas que estão cá horrorizam-se com a “minha maldade”. Se fosse o bode que me moesse com o olho da enxada, elas se horrorizariam com a maldade do bode. Ouço-lhes o sermão enquanto vou comendo um rico tutú com torresmos e laranja de umbigo — e filosofo de mim para mim que o tal de *meter o pau* é o unico remedio que realmente cura nas fazendas. Digo-o em voz alta e elas vaticinam-me coisas pavorosas, vinganças, etc. Depois do almoço saio a cavallo, ver o serviço da colheita que justamente teve inicio hoje. Adverti severamente a um fiscal de que não me estava fazendo as coisas direito. Volto para o café do meio dia, que é sempre a 1 hora. Tomo o café, com mandioca frita. Vou para a rede da sala e pego num Barbey d’Aurevilly interrompido na vespera, sujeito horrivel, mas interessante. Ás 2 horas vou ver um cercado de porcas com cria para onde entraram hontem 70 leitõesinhos novos. Divirto-me com aquelle formigueiro de appetes e rabinhos enca-racolados. Conto-os. Falta um. Descubro-o morto a um canto, na palha. Era um maniguera — conheces esta palavra? Depois vou dali ver a malhação de feijão. Quadro pitoresco. Eles sabem escolher varas no mato — compridas,

rijas e bem flexíveis. Só de certos paus. E malham num ritmo lindo. As varadas conjuntas produzem um som especial que fica na memoria — *lhá, lhá, lhá...* Suo de ve-los suar naquilo e lembro-me de que é hora do banho na cachoeira. Para chegar á cachoeira tenho de atravessar o pomar velho. De passagem vejo um começo de erva-de-passarinho num pé de laranja. Trepo e extirpo a praga, e chupo varias laranjas. Desço. Alcanço a cachoeira e tenho o meu banho. Volto. No terreiro estão a varrer em montes o feijão malhado. Tomo duma vassoura de guanxuma e esquento o corpo, e fico varrendo até que me chamam para o jantar. O jantar é sempre ás 4 e meia. Janto. Ha um frango Orpington da minha criação, gordo e grande como um Perú. Vou saber umas coisas e dar umas ordens ao administrador, e volto para a Casa Grande. Sento-me numa das cadeiras de vime da varanda, a olhar a tarde que cai. O Guilherme vem para meu colo e começa a parolar.

— Papai, por que você não corta essa arvore? diz apontando para uma velha casuarina fronteira, em cujos galhos secos do topo estão pousados muitos passarinhos.

— Para que, meu filho?

— Para eu pegar os passarinhos.

Prometo cortar a arvore, *amanhã*.

Escurece e esfria. Recolho-me. Prosa na sala sobre almas do outro mundo. As mulheres falam dum medium celebre que anda assombrando S. Paulo. Nisto lembro-me de você e vou para o escritorio. Releio tua carta ultima e passo a responder.

Eis, Rangel, o que é a minha vida na roça. Os dias voam. Não ha tempo para nada e ha tempo para tudo. A minha hora literaria é hora furtada no meio do dia e á noite. Conte-me lá agora um teu dia de juiz, ó coruja de Themis!

LOBATO.

Rangel:

Horriavel começar um romance! É partir daqui, a pé, e lembrar-se a gente de que tem de ir até Méca — sem conhecer o caminho, abrindo picadas. Requer tremendas qualidades — e daí a minha admiração por você, autor de tantos romances sem titulo, apenas numerados... Que prodigio és, Rangel!

Tua carta recordou-me a tentativa d'*Os Faroleiros*, esboçada em Areias. Reli o conto. Chinfrim. Refi-lo inteiro e parece-me menos mau. Vou refazer outras coisas daquela epoca e quem sabe se não sairá o nosso projetado livro de contos a dois, com ilustrações? Com uma edição feita em Portugal, á Nogueira, erigiriamos um monumentozinho á nossa velha camaradagem. Pelo menos em português de lei seriam esses contos escritos, o que é merito nestes tempos de lingua bunda. Se não, veja. O Veiga Miranda tem nome, já pariu tres romances, mereceu do Oliveira Lima um artigo encomiasticississimo e, no entanto, pelos Serralhos de Apolo! que estilo, que nabiça! Mando-te uma amostra, coisa do *Jornal do Comercio*, Rio. Numa epoca em que a um Veiga dão-lhe com superlativos pelas ventas, nós venceremos com os nossos livros. A historia dos faroleiros é fantasia. De farol nunca vi senão a luzinha distante. Tem para mim esse demerito de ser todo imaginado, sem vinco de impressão pessoal e porisso mesmo procurei dar-lhe o tom da coisa vista e vivida. E engana, parece-me.

Reeditei *O Plagio*. Não era bem conto, sim coisa para bulir com o Artur Goulart e os Macucos daquele tempo. Não tenho o talento da composição. Tudo me sai cronica. No fundo não passo dum cronista.

Na *Revista Brasileira* do José Verissimo li uma novela dum Oliveira Paiva, cearense morto aos 30 anos, que me encheu as medidas. Penso em escrever um estudo sobre esse livro, *D. Guidinha do Poço*, a coisa mais nacional que tenho lido. Acho que se não morre tão moço, esse Oliveira Paiva seria o Messias do romance brasileiro. Vê se achas aí a revista. O romance começa no tomo 17. Infelizmente falta-me o final.

LOBATO.

Rangel:

Tatá é um belo conto, com um tipo magnifico, o Dr. Augusto. Podes extrair dele uma versão concentrada, cabível em sete ou oito tiras, e manda-la para a *Vida*, reservando a coisa como está para o volume. O conto galinaceo tambem está muito interessante; só observo que tambem devias dar á côr das aves tons galinaceos, como pedrez, carijó, malhada; e falar nas suras (sem rabo), nas calçudas e nas nanicas. Haverá aumento de pitoresco e propriedade.

Invejo-te a aula. A indiscreção dos decotes e o mais buliram com o Casanova que ha em mim e em toda gente. Conheces as *Memorias* desse genial maroto? São os seis volumes de coisas mais pitorescas e crespas que apareceram em todas as literaturas. Casanova correu a Europa inteira, passando a fio de espada todas as mulheres que encontrou, meninas e velhas — e conta as aventuras com uma vivacidade e colorido de incendiar um frade de pedra. Hoje, dadas as nossas condições sociais — sobrefudo aqui — os Casanovas atem-se á libertinagem de imaginação. E nas letras, que *pruderie!* Como se vai santificando o mundo!

A pandilha do *Estado* recusa os teus *Legionarios* como indecente. Se fossem um bocadinho coerentes deviam recusar-se a si proprios, porque são indecentissimos. Não te incomodes com esses juizos. Não valem um vento intestinal.

Iniciei na *Vida Moderna* uma especie de "Queijo":

O CENTRO DE CULTURA ARTISTICA DE ITAOCA

OU

LUCAS DE ESPARAVAO

*Historia Natural e Social dum Patriota de
Carapinha nos Tempos de Wenceslau*

Espero botar lá dentro todos eles, sem que nenhum o perca. O protagonista — Zé Correto, é a sumula de varios conhecidos nossos, meus e teus. Das tuas cartas depreendo que levas vida muito sem ação fisica. Precisas espairer, andar a cavallo, caçar; precisas, em suma, de quinze dias aqui neste meu sertão. Obtem de D. Barbara ferias conjugais e vem. Lembra-te: a vida é breve e envelhecemos 365 dias por ano.

Recebi grande quantidade de Camilos, e nos intervalos que estes tempos da colheita do café me folgam regalo-me. Entrementes, leio Barbey d'Aurevilly, um critico ultramontano, rico de verve como o Carlos de Laet. Que sova dá ele no Victor Hugo! Este Barbey fez tal reboliço em seu tempo que o Larousse, ao biografa-lo, esqueceu-se de que é um dicionario e dá-lhe uma pagina inteira de surra impiedosa. E no fim conclue: "Mas é uma pena, porque o raio do homem tem muito talento!"

Barbey aproxima-se do Camilo polemista na riqueza dos recursos viperinos e na maleabilidade da lingua.

Apareceu-me um novo amigo, um tal Nilo Cairo, medico. Como é interessante a carta que me escreveu! Ai vai ela.

Perguntas-me que acho da frase: "Desejo-lhe bons dias, senhor doutor!" Acho-a asnatica. Sei que se abusa desse solecismo na literatura epistolar, mas a mim me causa nojo. Quando me escrevia, o Nogueira usava e abusava do "lhe" no dirigir-se a mim — e me vinham nevalgias no nervo sintatico. Para a autoridade dos que a autorizam baseados no uso dos cretinos, dou uma banana. Acho que se trata de uma questão de asseio, de decencia. Quero a tua opinião de gramatico official do Estado de Minas.

LOBATO.

Fazenda, 16,5,1916.

Rangel:

Pobre Frango Sura! Cá me veio de cartãozinho humilde, acompanhado de tua carta, pedindo-me a opinião sobre o ovo que botou e um artigo no jornal. Está crente de que salvou, senão a Patria, pelo menos a parte feminina da Patria. Deu-me dó a caretinha dele no frontespicio do livro. É o Zé Correto, não ha duvida — e o Americo é mau *fessô* de português. O aluno unico não lhe recomenda muito a veia. Frango escreve com o serio de um "Imortal" da B. de Letras. O estilo dele me lembra o andar do Paulo de Moraes Barros, o homem de andar mais pausado e cauteloso de S. Paulo. O Felinto Lopes explica: "O Paulo anda assim de medo de perturbar o movimento de rotação da terra." O medo de ser interessante faz do Frango Sura um caixão de defunto.

Ando com saudades das tuas cartas antigas. As de hoje parecem apenas desencargos de quem já está farto de tanto Lobato. Até no papel encolheste, homem! Será a cavação gramatical?

Tenho muito a dizer, mas temo importunar um juiz tão grave, tão sem tempo para futilidades tais. Cumpre-me arranjar outro amigo, não resta duvida nenhuma.

O Beccari manda-te uma historia de cavalos e cocheiras. Não posso imaginar o que o nosso da Vinci pensa de Pegaso.

Haverá uma coisa mais sem expressão que a minha careta pelo Wash na *Vida Moderna*? Foi desenho feito cá na fazenda.

LOBATO.

Fazenda, 21,5,1916.

Rangel:

Encontrei na minha papelada uns capitulos do nosso *Queijo de Minas*, mas só na parte da tua colaboração. Não o terás inteiro aí na tua barafunda? Ando com vontade de reler aquela brincadeira. Uma pena, Rangel, sermos assim tão relaxados! Produzimos coisas e as perdemos. Quando a saudade vem, é tarde. Hoje eu dava bom dinheiro por uma coleção completa do *Minarete* e o que não darei por ela aos 60 anos!

E que tal um segundo *Queijo* para a *Vida Moderna*? Ou reeditar aquele, melhorado? Acho-te marasmado, Rangel. Vivo a propor planos e não te decides, foges com o corpo indecentissimamente. Será que ha em tua vida qualquer coisa que não corre bem e me escondes?

Mandei para a *Vida* um mundo de notas tiradas do meu *Diario*, que o Simões espalha pela revista como *sueños*. Infelizmente a Revisão colabora e me "melhora" de maneira apavorante...

LOBATO

Fazenda, 7,6,1916.

Rangel:

Anos de Prosa não conheço, mas *Os Brilhantes do Brasileiro* li em Caçapava e dele penso como você. Gautier, ha muito que não abro. Faz anos que li o *Fortunio*, *Mlle Maupin* e *Capitain Fracasse* (este, uma obra prima de sem-saboria, mas com ilustrações do Doré — é o que o salva.)

Ando a reeditar o Helio Bruma, com ilustrações, pela *Vida Moderna*. Segue um numero (tem volta) para te estudar a fazer o mesmo com os teus contos. Manda-os cá. Eu faço as ilustrações e remeto-os ao Simões Pinto, que é o mais belo pinto que conheço. Enorme. Um pinto do passaro Roca. A *Vida Moderna* está nas graças da gente do Cenaculo, a qual anda boicotando a pifia *A Cigarra* do rubicundo Pimenta, Gelasio.

Ando farto, saturado de literaturas. Absolutamente não escrevo, nem leio nada. A veneta agora é venatoria, alpinista e construtora. Estou pintando o caneco aqui na fazenda, erguendo cercas inexpugnaveis, á prova de porco e zebú, rompendo caminhos em morros virgens, plantando café, construindo casas — santo Deus! Uma revanche de quem passou meses inativo. Estou nessa boa atividade material de dirigir homens, utiliza-los como instrumentos para a realização de ideais. “Quero uma casa naquele morro!” Determino, especifico, ordeno. Os homens movem-se como formigas e a casa vai aparecendo. Disto imagino as delicias dum general no comando de formidaveis massas de homens. Mas como tudo me acode por epocas e crises iterativas, espero que o furor passe e venha a furo, pela milesima vez, a reincidente, intermitente e insofreavel postema anual da literatura — e então tentarei organizar o meu livro.

O Pinheiro anda graúdo. Tem entrevistado figurões e por ultimo ao Olavo Bilac. Deu duas colunas de entrevista *gommeuse*, com o jamegão no fim — Pinheiro Junior. É topetudo e irá subindo depressa. Que suba como um foguete. No nosso passinho de jabotis malandros, Rangel, e pelos nossos atalhos, chegaremos ao ceu muito antes dele.

LOBATO

Rangel:

E aquela babozeira da aproximação de Portugal e Brasil? Ah, eu não tolero essas coisas que não têm nada dentro — e os nossos jornais pelam-se por isso. Sendo lugar comum, patriotismo comum, ideia-mãe, coisa do não-fede-nem-cheira, é com eles. O Pinheiro, em nome do Nestor, me pergunta por que não tenho mandado mais coisas para o *Estado*. Respondi que quem tem um Zé Correto sempre no poleiro daquelas colunas, não precisa dum cavalo bravo da minha marca.

Na *Vida Moderna* um Saul Maia faz filosofia para moças. O Oswald de Andrade dá uns palminhos de futurismo e o Guilherme e o Inacio Ferreira criam uma lingua mista de português e francês muito engraçada. Aquelas coisas lisas e de cimento por onde andavamos e pensavamos que eram “calçadas” são “trottoirs”. Aquelas pequenas do Belemzinho que passavam rumo ás fabricas, com a garrafa do café com leite pendurada no dedo, são agora, “midinettes”. E na primeira coluna officiam sentenciosamente, em italico, um Bergstrom e o Julio Cesar da Silva, inevitaveis futuros academicos.

Mas vamos ás “midinettes” do Guilherme. Diz o meu Larousse sobre o Hospital do Midi, que deu o nome ao bairro do Midi donde saem as midinetes como saem sauvas dum formigueiro: “Desde a aparição da sífilis no reinado de Carlos VIII até meados do seculo 18, essa doença foi olhada como um castigo sobrenatural do “deboche” e os sífilíticos eram tratados com barbaro rigor. Restauraram contra eles as velhas ordenações contra os leprosos, e depois os admitiram em certo numero no Hôtel-Dieu de Paris. De lá os enviavam ao Bicetre, onde eram surrados antes de entrar”. E por fim crearam o tal Hospital do Midi para os sífilíticos homens. Para que as nossas meninas do Braz sejam midinetes é preciso que haja alguma sífilis nos miolos de alguém. Mas a literatura do Gui e do Ferrignac é bonita e elegante. Não tem nada de substancial, mas vale como sorvete de distração em dia de calor. Gosto. Leio. O que não leio é o Zé Correto. Ah, como me está atravessado na garganta esse espinho de bacalhau!

Quanto a não te responderem ás cartas, a culpa é só tua, Rangel. Você os trata com muita delicadeza, com muita humildade, e eles tomam tudo ao pé da letra. Seja bruto como eu, que eles derrubam as orelhas e atendem.

Mande mais sueltos para a *Vida Moderna*. E contos pequenos. Novos, improvisados. Quero ter o gosto de encontrar-me contigo lá. Sinto-me muito só entre tanta gente diversa de mim.

O Bernardo manda-me uma poesia onde põe em verso uma ideia minha (minha e de todo mundo: aquela da *Hoste-fagia*, de Cain como o pai da guerra). Se visses como o Bernardo me lisongeia e adula! Com que fim? Manda-me uma das cartas dele a você em que fale de mim; quero ver o que diz pelas costas. Duvido sistematicamente de todos os elogios. Têm sempre um gato escondido dentro.

Já leu a *Vingança* de Camilo? Belo *entrain!* O primeiro capitulo é dum comico soberbo, digno dos maiores comicos ingleses. Recebi um Antonio Cabral, *Camilo de Perfil*, onde encontro revelações curiosas. Num exemplar da *Reliquia* Camilo deixou isto em nota: "Este livro tem duas partes — a primeira é *porcaria*, a segunda é *maçada*. É uma pochade á Paul de Kock — chalaças hiperbolicamente inverossimeis — uma vontade despotica de fazer rir á custa de tudo; mas não é isso o que o torna um mau livro: é a falta absoluta de bom senso e bom gosto."

Quanta antipatia pessoal isto ressuma!

LOBATO.

Fazenda, 6,7,1916.

Rangel:

Passou cá uma quinzena o Pinheiro Junior e está aí a razão da demora na minha resposta. Levou o teu *Tatá* para a *Revista do Brasil* e te consultará a respeito. E eu mandei para lá o *Bocatorra* refundido, com os progressos feitos aqui na fazenda. Vejamos se o povo gosta de coisas assim horrendamente tragicas. Irão tambem *Os Faroleiros*, devidamente refeitos. E irá... um romance encomendado pelo Plinio! Vê que topete. O Pinheiro está aborrecido com o caso dos *Legionarios* e com medo de que estejas zangado com a *Revista*.

Não creio que estejas. Como zangar-nos com a unica janelinha de que dispomos, aberta para o publico?

O carão patriotico do Nogueira já lá appareceu num pulpito ad hoc, armado para continuar a catequese que a falta de papel do *Estado* interrompeu. Não ha duvida, o homem salva a patria.

Quando te asar ensejo, compra o Casanova. Não sei de memorias mais interessantes. E no genero erotico tenho uns classicos — Mirabeau, Aretino, Marquês de Sade, John Cleland. O genero de que falas é outro — é o pornografico. Não vale nada. Nestes que cito ha muita filosofia. É o fescenino filosofico, ou o documento humano, como nos do marquês.

LOBATO.

Fazenda, 10,7,1916.

Rangel:

Remeti á *Vida Moderna* o teu conto e o do Gorgulho. Não illustrei nenhum dos dois porque não ando de maré — nem aos meus. O furunculo *delineandi* é como o furunculo *scribendi*. Intermitente. Depois de periodos em que *tenho* necessidade de desenhar ou escrever, vem as fases de fobia. Estq̃u agora em fase de fobia, e bem sabes como respeito os histerismos dessa dama.

O *Barbeiro*, com a versão mandada, ficou tal eu o tinha na memoria. É um episodio só compreensivel pelos leitores casados, enfilharados, encencados na vida. A esses sobrevivem muitas vezes o desejo de pôr a trouxa ás costas, na ponta dum pau, e sair andando até o fim do mundo.

Tenho aqui outra coisa tua que quero mandar para a *Vida*. caso não te oponhas, uma cena de visitas, *Como se faz uma visita*. desovada no *Minarete*. Não ha nada que retocar — está otima.

O Nogueira anda meio estomagado comigo porque toquei com o dedo o tumor maligno, beletreante, que o ensandece desde o *Amor Imortal*. Para que avalies a que estado de exasperação lhe chegou o orgulho, aqui junto snas ultimas cartas. Derramei um pouco de agua fria nessa fervura e ele estorceu-se. Não me parece que o Nogueira venha a sobrenadar como artista. Seus contos, pelo genero que escolheu,

pela super-humanidade revelada, dar-lhe-ão nome nos intermundios siderais; cá na terra, não. Nós, terraqueos, queremos arte que espelhe a vida como a vemos e sentimos. Além de que o estilo do Nogueira revê Fr. Pantaleão do Aveiro e mais frades descritores de fontes, pateos de convento, a Bemfica e outros (veja-se *Seleto Nacional* do Aulete); ha lá abuso da palavra "serafico" e mais expressões defumadas, denunciadoras do ranço seminarista; e ha desprezo da observação pessoal. Tudo isso o faz um frade á paisana, tão destoante do nosso meio como do nosso tempo. No fundo é um teologo, é o bispo de Alexandria que fez lapidar a Hipatia. Tentamos, eu e o Ricardo, impor o Nogueira á nossa rodinha de S. Paulo, a qual, por pouco que valha, é exponencial — e nada conseguimos. A rodinha acha-o rançoso. O *Amor Imortal* não entra naquela roda, apesar das belezas reais que encerra. Isto digo-te eu aqui no maior segredo. Não deixes que transpire, vê lá! O orgulhoso Nogueira morreria de paixão.

O Bernardo pouco entendeu do que eu disse nas entrelinhas, e continua a literatejar em cartas mais que toda uma academia. Enquanto isso a filoxera lhe vai roendo a vinha. Mas aquelas teorias não se entendem conosco, que formamos um duo á parte, que não incomodamos o mundo com as nossas letras, que não andamos a pedir opiniões, nem a extorquir elogios de ninguem. Conversamos epistolarmente sem testemunhas e longe do publico. Tudo quanto dizemos é só para nós. Somos decentissimos, Rangel!

O que acentuas de Camilo, já o notou Purezinha. Ela gosta de ve-lo surgir por entre os personagens. Isso encanta-me a mim tambem — essa coragem de por-se de pé dentro do livro e mostrar-se, conversar com o leitor. Ha os cuidadosamente objetivos, como Flaubert, que só fazem falar aos personagens, nunca aparecem em cena, fingem que não existem. Camilo existe, faz questão de que saibam que ele existe e está sempre presente em tudo quanto escreve. Veja este pedacinho da *Maria Moisés*: "O tonsurado entreabriu um sorriso de forçada complacencia e não deu azo a que o espirito forte abrisse a valvula dos sarcasmos, por causa dos quais havia sido expulso dum convento graciano onde noviciava, e tambem porque sabia francês e lia o *Citador* de Pigault Lebrun, e chamava a carniceira da Revolução Francesa a grande operação de catarata social. *Dizia coisas como os socialistas de hoje, que estão a chocar o ovo de uma coisa*

peor, que ha de ser o socialismo de amanhã." Nesta frase está inteiro o Camilo de quê Purezinha gosta — o que não resiste e pula em cena.

Eu continuo a não achar salvação fora de Camilo, a ponto de não conseguir ler *Os Maias*. Já o Machado de Assis eu o alterno com Camilo. Donde concluo que em materia de estilo ha dois, Camilo lá e Machado aqui. Todos os mais cansam. Agradam muito no começo, como um pedaço de bolo inglês, mas acabam enfarando. Camilo e Machado são como o pão com manteiga — coisas de que ninguem enjoa nunca.

Rangel, não abandonemos o Camilo! É um par de halteres, um trapezio, uma barra fixa, um campo de futebol, um barco de regata ou um salão de ginastica dos mais completos onde apuramos *todos* os musculos da lingua. A razão de haver eu parado de escrever é que estou amolando o estilo no rebolo camiliano. Se me pega o fio, volto á arena. Se não, paciência. Fico de fora, no sereno.

LOBATO.

Fazenda, 8,8,1916.

Rangel:

Recebi carta e livrecos, que não servem para a experiencia porque demasiado crús. Vou mandar-te um para que conheças uma das obras primas do genero. Tambem o Beccard te manda uma *coisa* por meu intermedio. O nosso Leonardo da Vinci está nos saindo sexquipedal. Entrou no concurso para as armas de S. Paulo e recusaram-lhe o projeto. Danou, enfiou, e defende o seu tamanco na linguagem mais comica deste mundo. Lê isso e regala-te.

A *Vida Moderna* trouxe as tuas notas sobre o Euclides e uns sueltos que me parecem teus. Errei?

LOBATO.

Fazenda, 12,8,1916.

Rangel:

Não respondi á ultima ha mais tempo... adivinha por que! Por falta de papel! Aqui na roça, quando o papel acaba não existe o recurso de mandar a criadinha ao emporio da esquina em busca dum bloco.

Recebi *Os Faroleiros* e as notas, boas todas. Vão os galinaceos, que reli e estão no ponto. Quis anotar á margem, dispus-me a isso — nada me saiu. Tu não erras mais, infame! Tambem segue a opinião do Medeiros e Albuquerque sobre o *Policarpo Quaresma*. A do Osorio não vale nada. Esse Osorio não é Osorio, nem Duque, nem Estrada; é um cretino insolente. Critico!... Critico é Taine. Critico é Araripe Junior.

Cada vez mais pasmosa a burrice revisora da *Vida Moderna*! Pela asneira que te fez dizer, imagina as que, por alheias, não percebemos ou supomos ser originaes dos autores. Vivo a malhar erratas nos deslises que a revisão me faz cometer — e vai a burra e estropia-me tambem as erratas. Na errata ao ultimo capitulo publicado, onde pus "Parca" saiu "Porca!" Com a mão na consciencia, a burra achou que a palavra Parca com que a mimoseei era elogio imerecido e trocou o *a* pelo *o* — acertando!...

Essas mazelas da composição tiraram-me o gosto de continuar a historia natural e social dum patriota de goforinha nos tempos do Wenceslau. Vou mata-la, como matamos o *Queijo*.

LOBATO.

Fazenda, 30,8,1916.

Rangel:

Quando estive aqui, por varias vezes o Pinheiro voltou ao assunto da *Vida Ociosa* — se era boa "mesmo", se era coisa de valor, etc. Ele não sabe julgar por si. Respondi: "Não escrevo ao Rangel sugerindo que mande a *Vida* á *Revista*, 1) porque a recusa do primeiro conto foi um grande desaforo; e 2) porque não ha na *Revista* competencia para julga-lo. O que Rangel vai fazer é dar em livro a *Vida Ociosa*, com um

sucesso tremendo, e vocês terão de convencer-se de que não passam duns asnos.” Isso calou no animo do Pinheiro e o levou a escrever-te pedindo a *Vida*.

Quanto ao que me perguntas sobre ela, concordo com o Nogueira na supressão da Lua (como já disse em carta). E as mais observações do Nogueira parecem-me muito razoáveis. O Nogueira sabe o que diz. Só deves cortar isso. O resto corrigirás, sempre atento a um ponto: Prospero não é um caipira ignorante e sim um velho de algumas letras que decaiu por pobreza. Guia-te pelo Nogueira, e ao del Picchia (que ainda é muito tenro) deixa-o de lado. Também vou com o Nogueira no relativo á linguagem. Limpe-a do “insucesso”, do “banal” e do mais que cheirar a francês. Abaixo a França! A minha germanofilia me está beneficiando o vocabulario. Da antipatia pelo gaulês passei á execração do galicismo; e se de passagem pilho, mato-o entre as unhas como a um piolho.

Mande depressa a *Vida*, a tempo de apanhar o proximo numero — e sairemos juntos. Vou sugerir ao Pinheiro uma convergencia *casual* num futuro numero da *Revista* de todo o pessoal do Cenaculo — Ricardo, você, eu, Albino, Nogueira e Raul. Que tal a ideia? A vantagem de dar a *Vida* em revista é poderes te-la em forma impressa para a *passagem a ferro final*. Em manuscrito a gente não vê totalmente um livro.

LOBATO.

Fazenda, 2,9,1916.

Rangel:

A noticia da ressurreição chegou. O mal, se não é o que pensei, é embolia conjugal que enturvou o ceu, afuzilou relampagos e afinal descaiu para uma lua de mel serodia, com projetos de vidinha a dois, tal qual a preluzida nos tempos do noivado. Resta-me dar os parabens e calar-me, para não perturbar as delicias da paz em Varsovia.

LOBATO.

P. S. — A *Revista* anuncia o teu nome para colaborador de numeros proximos. E o *Tatá*? O meu horrendo *Boca-*

torta saiu. Se eu pudesse ouvir o mal que estarão a dizer dele por aí... Na frente todos elogiam. Oh, se pudéssemos ouvir o murmurado por trás, e conhecer as restrições, a assinação dos defeitos, que proveitoso não seria!

LOBATO.

Fazenda, 8,9,1916.

Rangel:

Lamento o teu nervoso. Conheço isso em mulher, e já é horrível. Mas num homem como você, sensível e além disso pedentario, e juiz, e gramatico, e professor, e escritor, a coisa agrava-se de um ponto para cada coisa que és. Eu sei de um remedio decisivo, mas é remedio para homem de fibra mais aventureosa: era te transformares em fazendeiro, em rei dentro dum pequenino estado. Tomavas desta minha enorme fazenda uns 300 ou 400 alqueires de terra para pagar um dia, como no caso dum meu bisavô. Numa viagem foi este bisavô conversando com um sujeito de pé no chão, ocasional encontro de acaso, e simpatizou-se. E acabou vendendo-lhe uma grande terra para ser paga depois que o homem formasse a lavoura e pudesse arrancar do proprio chão o preço. E o homem mourejou, criou o sitio com cafezais e o resto, pagou a terra e acabou rico. Os filhos dele são meus vizinhos aqui — e ainda desfrutam essa propriedade: os Pereiras. Por eles é que vim a saber da historia. Por que não reproduzirmos o lance, Rangel? Vinhas para cá, afundavas num sertão já manso e, como Robinson, ias, de par com a restauração da fibra estragada, formando uma fazenda. Só o prazer de crear, de tirar da terra bruta mil coisas latentes, vale por *vida nueva*, das que fazem ou refazem um homem. Seria algo esplendido. E da minha parte eu fazia mais: dava-te dado o pedaço de terra que iria ser o pedestal de tua saude e da tua prosperidade. Ser juiz — a vida inteira juiz! Isso achata a alma. Passar a vida inteira lidando com tiquinhas, a engulir escrituras, a almoçar meirinhos, a jantar autos, a defecar sentenças... Isso vai te embolorar a alma e as tripas. Isso está bom para o Frango Sura e aqueles cagados para os quais o Estado é o Ser Supremo de Robespierre. Aquele Frango.. Lá está no poleiro como sonhou, elogiado e publicado.

Guardo as tuas notas sobre Malazarte. Um dia talvez aborde esse tema. Ando com varias ideias. Uma: vestir á nacional as velhas fabulas de Esopo e La Fontaine, tudo em prosa e mexendo nas moralidades. Coisa para creanças. Veio-me diante da atençaõ curiosa com que meus pequenos ouvem as fabulas que Purezinha lhes conta. Guardam-nas de memoria e vão reconta-las aos amigos — sem, entretanto, prestarem nenhuma atençaõ á moralidade, como é natural. A moralidade nos fica no subconciente para ir se revelando mais tarde, á medida que progredimos em compreensãõ. Ora, um fabulario nosso, com bichos daqui em vez dos exoticos, se for feito com arte e talento dará coisa preciosa. As fabulas em portugûes que conheço, em geral traduções de La Fontaine, são pequenas moitas de amora do mato — espinhentas e impenetraveis. Que é que nossas creanças podem ler? Não vejo nada. Fabulas assim seriam um começo da literatura que nos falta. Como tenho um certo jeito para impingir gato por lebre, isto é, habilidade por talento, ando com ideia de iniciar a coisa. É de tal pobreza e tão besta a nossa literatura infantil que nada acho para a iniciação de meus filhos. Mais tarde só poderei dar-lhes o *Coração* de Amicis — um livro tendente a formar italianinhos...

LOBATO.

Fazenda, 13-9,1916.

Rangel:

Não tenho tido carta do Pinheiro Junior, nem sei o que, nosso, virá no proximo numero da *Revista*, mas vou escrever-lhe que nos ponha juntos, um ao pé do outro. Se o Ricardo e o Albino quisessem, podiamos combinar um numero inteiro só nosso. Seriamos, com o Nogueira, cinco, q suficiente para um açambarcamento. Lembrei-me de escrever ao Ricardo, mas desisti diante do seu proposito de não dar resposta a cartas. Que misterio isso e que desaforo! Mas quando for a S. Paulo falar-lhe-ei — tentarei arranca-lo da hibernação.

O Cenaculo, Rangel, onde vai isso! Estamos todos envelhecendo a grandes pernadas. Um balanço em tantas promessas desanima. Ricardo abandonou a musa para amigar-se com Themis. Lino, o Desmoulins, o Dantonzinho, renegou

tudo, as coleras divinas e o fogo sagrado, pelas lentilhas, ou o prato de feijão preto de um cartorio. Tito faz jornalismo com má graxa, peor papel e nenhum estilo. Albino filosofa para alunos ginasiais a tantos mil reis por mês. O Edgard Jordão está delegado e prende gatunos. Candido o Turista, lá anda pelos intermundios siderais a viajar a Grande Viagem. Raul... Estiveste com ele — com o nosso *barão do Directorio*? Dizem que anda como revisor da *Revista do Brasil* e desagradoando o Pinheiro com muitos gatos que deixa passar. Ou então já pulou de lá e continua, bem enfarpelado e surdissimo, a procurar emprego no Largo do Rosario. O Beccari saltou sem transição do Ceu para as cocheiras do Braz.

Atracados ainda ao Sonho, só dois: nós, os rijos abencerragens de vontade tesa e topetuda. A mim nem a fazenda, nem o caboclo, como a você nem o fôro, conseguem sopitar o nosso foguinho. Esqueci-me do Nogueira. Esse é todo um fogão. É uma imensa labareda de fogo greguês. Arde literalmente de patriotismo e, se não lhe acodem bombeiros, é capaz de incendiar Baependi e adjacencias. Que luciferinas entranhas escondia o sutil escolastico que lia Zola á chama azul do alcool no Minarete! Se tem deflagrado por lá naquele tempo, assava-nos a todos.

Restamos tres, em suma. E que tal a ideia de *renascermos*? Cairmos a fundo numa produção intensa — de qualidade? A mim ainda me faltam muitas leituras, mais Camilo, talvez o Bernardes da *Nova Floresta*. Que bem escreve esse raio de padre! Como deliberei aprender a lingua de ouvido, e meu ouvido é lerdo, despendo mais trabalho que os que vão logo ás regras — á Gramatica. Terminada a lição de Camilo e Bernardes, esses dois colossos, tentarei produzir algo. Por ora o que me sai são uns contitos de pé quebrado — e vejo você já sabedor da lingua e a correr! Anseio por ver-te publicado e sinceramente te digo que um livro teu me daria mais prazer que um meu. Agora não aconselho que dês livro — tudo está carissimo com a guerra, mas podes deixar o manuscrito pronto para quando voltar a normalidade. Que lindo não será! E depois publicaremos o nosso livro conjunto, por amizade, não por cabotinismo, como o Oswald e o Guilherme de Almeida.

Du bren, du bran...

Lê na *Revista* ultima o Olimpo Portugal; vê como escreve bem esse homem. Foi-me revelação.

LOBATO.

Fazenda, 20,9,916.

Rangel:

Se me has de corrigir depois de impresso, por que não agora em manuscrito? Segue *Gerebita*, evolução duns *Faroleiros* que fiz em Areias e leste. Escrevi ao Nogueira sabendo como se faz para imprimir livro em Portugal — ando com ideia de desovar uma coleção de contos. Dei balanço na bagagem e encontrei materia para 150 paginas. Que tal irmos de sucia, com outras 150 paginas para você?

O Zé Correto (o meu Frango Sura) aparece amiude no *Estadinho* com excelentes demonstrações de que é possible ser-se Conselheiro Acacio com 20 anos e gaforinha. Qualquer dia — estou vendo — o bicho penetra pela porteira dos fundos na *Revista do Brasil* e vai ornejar lá dentro. Aproveitamo-la enquanto está sem bode. No numero a sair nada virá nosso — para que haja espaço para o bagaceira duns medalhões.

LOBATO.

Arrumando ontem a papelada separei tuas cartas. Devo ter umas 400!

S. Paulo, 1,10,916.

Rangel:

Recebidas as notas sobre *Os Faroleiros* e *A Vingança ao Perova*. A razão de dares mais pela *Vingança* do que pelo *Bucatorita* é que este, como os *Faroleiros*, é coisa velha,

de Areias — quanto tempo vai! — que eu remendei mal e mal, ao passo que a *Vingança* é todinha de agora e coisa saída de um jacto. Veremos se para o diante conservo o tom e o ponto da *Vingança*. Pela *Colcha de Retalhos*, a sair, você o aqulatará.

Ricardo deu um ar de sua graça pelo *Estadinho* de hontem — bellissima tradução do Lecomte. Infelizmente só anda a traduzir.

Conheces Lima Barreto? Li dele, na *Agua*, dois contos, e pelos jornais soube do triunfo do *Policarpo Quaresma*, cuja segunda edição já lá se foi. A ajuizar pelo que li, este sujeito me é romancista de deitar sombras em todos os seus colegas coevos e coelhos, inclusive o Neto. Facilimo na lingua, engenhoso, fino, dá impressão de escrever sem torturamento — ao modo das torneiras que fluem uniformemente a sua corda d'agua. Vou ver se encontro um *Policarpo* e aí o terás. Baccoreja-me que temos pela proa o romancista brasileiro que faltava.

Nogueira escreveu-me, respondendo. Mais sibilino que todas as sibilas juntas. Nega sinceridade á sua attitude patriotico-retorica. Sempre o homem das mil e uma attitudes.

O Plinio Barreto prometeu no *Estado* uma critica ao *Amor Imortal* e até agora não achou tempo; mas gastou meia pagina da *Revista* com o livro do Frango Sura. E o Plinio é dos mais conscienciosos. Imagine agora os Osorios Estradas, os Caxias Caminhas e mais percevejos de Apolo que senhorearam a critica e distribuem varadas ou louros. Agora que desapareceu é que vemos o quanto valia o José Verissimo. Quem lhe occupa a vaga? O Osorio talvez se julgue o successor — mas que houve um passar de cavallo a burro, isso houve — e que burro!

Apareceu no Rio um Antonio Torres que sabe o que diz, diz o que quer e prende sempre. É um que se quisesse apanhar o bastão substituiria, e até com vantagem, ao velho Verissimo. Ele ou o Medeiros — se já não estivesse de miolo mole.

Isto de falar na critica e dar balanço aos criticos é sintoma de gravidez de livro. Mal a gente pensa em editar-se e já o pensamento nos vai para os tais juizes que declaram ao publico se somos genios, talentos, simples promessas ou

cavalgadas. Que asneira fazer um livro! Arriscar-se a dolorosas decepções — para que e por que, santo Deus!

LOBATO.

Fazenda, 8,10,1916.

Rangel:

Cá estou novamente na roça. Planejei e estive a pique de realizar-se a minha mudança para Santos, a advogar com o Heitor de Moraes, meu cunhado. Mas deu-me de repente tal nojo da civilização com seus cartorios, seus autos e oficiais de justiça, suas traficancias e tranquiubernias e pulhices, que voei para cá como quem vôa para uma Canaã. Antes os meus urupês daqui, de pés no chão, do que os urupês encolarinhados e de sapatos de verniz das cidades. Mal por mal, os daqui são meus inferiores socialmente — toco-os quando é mister, e como tocar da vida da gente os urupês de cidade que se nos agregam?

Recebi tua carta. O livro de contos, podes ficar com ele; possuo-o em duplicata. Não vi publicado o teu estudo sobre o Nogueira e tenho curiosidade de te conhecer como *critico publico*, grave e solene. Manda-me a coisa.

Não te incomodes com o F. e com o juizo do F. que só o tem suficiente para andar bem arreado e citar Paris a cada frase — perfeito tapuia deslumbrado em que se transformou depois que foi, viu e se convenceu de que Paris existe. Nem te ponhas com modestias e humildades nas cartas, que ele toma tudo ao pé da letra. Essa gente temos de trata-la d'alto, com certo estabamento. Quem tem poder intelectual para te julgar — e isso mesmo só para o fim especial de entreres com os teus romances para o *Estado* — é o Amadeu Amaral. Se outro qualquer se atreve a isso escreve-me, que o demoliarei em tres tempos.

Tenho lido Camilo — *A Brasileira dos Prazins*. Estou em meio, e se do meio para o fim não descair, terei esse livro como dos melhores da literatura portuguesa. Que ressurreição de tipos! Que possante naturalismo o de Camilo, o ro-

manticão! Cada vez mais o Eça me sabe a *mièvre*, a amaneirado, a simples *talento*, perto do *genio* que é Camilo. A cena da prisão do falso D. Miguel tem uma vida que você só encontra parelha em certas cenas de Shakespeare. Que prodigioso é o Camilo! E que besta é o F. que “não o consegue ler”... “Não o tolera”...

Teve a coragem de dizer-me isso. E eu respondi:

— A maior homenagem que jamais se prestou a Camilo é essa: não ser tolerado por você. Se o Camilo ainda estivesse vivo lá em S. Miguel de Seide, eu mandava-lhe um telegrama: “F. não gosta de você” e seria de ver o alegrão do velho.

Veio comigo muita coisa de S. Paulo — mas só leio Camilo, não acho graça nos outros — e sinto remorso do tempo que perco em outras leituras. Fora o Camilo lá e o Machado aqui, não ha salvação, Rangel.

LOBATO

Fazenda, 12,10,1916.

Rangel:

Em mãos tuas notas. Dei com os pronomes mal colocados e corei de vergonha. É indecentissimo colocar mal os pronomes, e a mim ainda me escapa um ou outro. “Biboca”: não encontro a palavra nos unicos dicionarios da casa, Moraes e Aulete. Por via das duvidas tiro-a de lá. “Estorcegões”: tens razão, não é o que me pareceu. “Medico da casa”: medico da familia; toda casa, ou familia, tem o seu medico, que mora muitas vezes longe. No meu caso o medico não morava no arraial — não ha medicos em arraiais — e veio da cidade proxima, chamado com urgencia. A intenção era essa, mas não ficou bem claro. “Prematuro fim”: sei que é lugar comum, mas nada acho melhor. “Talvez comova o calendario”: tomo o calendario como o convento dos santos. “Alcançar pé”: não concordo contigo; não é preciso ter pé para alcançar pé. E alem disso varejão tem pé; toda ponta de vara ou pau voltada para baixo é pé (pé do esteio, pé do mourão). “Mundeu”: os dicionarios dizem que é armadilha de apanhar caça, e eu tenho observado o pessoal cá da roça chamar assim a varias

especies de armadilhas, quer desabem ou não, inclusive um buraco recoberto em falso, onde a caça ao passar afunda.

Todas as mais observações me aproveitaram e se algum dia der o *Bocatorra* em livro, escoima-lo-ei desses senões. Faz lá agora o mesmo á *Vingança da Peroba*.

Confesso-te que o *Bocatorra* me desapontou, depois de tantos elogios que me rendeu a *Vingança*. Bem do *Bocatorra* só você falou, mas apontou um tal numero de senões que vi logo: louvavas mais por amizade ao pai do que por merito do filho. Muito indeciso andei em publica-lo. Coisas velhas, restauradas, nunca ficam potaveis.

Mandei para lá, a esperar a vez, *Colcha de Retalhos*, conto pequenininho e escrito dum jacto. Veremos se alcança melhor cotação e me ergue o cambio derrubado pelo horrendo negro. Estou com uma ideia: não mando mais nada sem um repasse aí pela tua fieira ou crivo, porque me envergonho muito quando me escapam deslises, sobretudo maus pronomes. Como é difficil esta peste de lingua portuguesa! Haverá alguma peor?

Conheces a *Aguia*, revista portuguesa orientada pelo grupo que pretende crear a "Renascença Portuguesa?" Há uma historia de saudosismo muito interessante. Querem os seus corifeus que seja toda uma filosofia nova. Portugal é a terra da saudade. Só o portugûes sente saudades, pelo fato das muitas viagens por mar e da vida afastada da patria. Isso creou no coração portugûes um sentimento novo no mundo e unico na Especie: a saudade. E malabarizam com isso e erigem o saudosismo ás alturas de filosofia racial. É curioso — mas bobinho a valer. O papa do Saudosismo é um Teixeira Pascoais, poeta, pensador, filosofo, publicista, etc. Pascoais! Cheira-me a nome de guerra, se bem que não haja nome absurdo que não exista em Portugal. Num *Almanaque de Lembranças* encontrei uma respeitavel matrona chamada D. Maria Encerrabodes! Se tens tempo a perder, corre os olhos na *Aguia*, que é bem curiosa e revela qualquer comichão lá em Portugal — alguma urticaria. Eles dizem que é movimento de ideias. Que seja Renascimento, duvido. Bisantismo de decadencia, isso sim. Não ha Renascenças com panelinhas e programas e um papa...alvo á frente.

LOBATO.

Fazenda 20,10,1916.

Rangel:

Ricardo matou-se. Que dizer depois disto? As palavras que me acodem são as mesmas que te acudiriam, irmãos que somos e que eramos dele. O mundo me parece mais apequenado, Rangel, e eu choro, choro. Tudo está menor, com a ausencia de Ricardo. Tudo mais velho, mais odioso, mais ruim. Tenho o retrato dele aqui defronte. Aquela expressão triste do olhar, tão premonitória do tiro! Cada vez que o olho, sinto uma bola na alma. Uma dor lá dentro. Ricardo, aquele nosso Ricardito, maravilhoso, morto, coberto de terra, apodrecendo. Morto! *Extinto!* Apagada para sempre aquela luz do olhar todo bondade e intelligencia extra-terrena. Parado aquele coração, o maior que ainda houve no mundo. O cavallo que ele beijou na rua Quinze, aquela noite...

Nós o que devíamos fazer era morreremos também, num suicidio em massa, do Cenaculo inteiro, como protesto contra a Estupidez da Vida.

Que tens dele aí? Vamos reunir tudo quanto ele produziu e enfeixar num livro lindo, que seja o nosso livro de cabeceira.

Que alma! Chego a crer na necessidade de haver ceu — pois onde, fora do ceu, abrigar-se a imensidão da alma do Ricardo?

LOBATO.

Fazenda, 29,10,1916.

Rangel:

Falas tanto nas minhas cartas que estou na suspeita de que se encham de coisas boas pelo caminho. Chegas a sugerir a absurda ideia da publicação! Estou curioso de rele-las e verificar que enxertos são esses, tão do teu agrado. Se eu fosse o Frango Sura ou outro qualquer dos muitos que te desconhecem a sutilissima ironia, era provavel que me iludisse. Mas conheço-me e também te conheço. meu tranca! E digo como o malandro: "Não brinca, mano!" Dois quilos de cartas! Quanto *nonsense* nelas, quanto sonhinho tolo! Mas desempe-

nharam uma grande missão. Com o troca-las anos a fio, o escrever-nos virou habito, e bom habito — e a vida é uma sedimentação de habitos.

Por falar em cartas, mando-te duas de minha irmã sobre a tragedia do Ricardo. Lá estão as pobres criancinhas em casa do Heitor — o novo Ricardito e a irmã. A *Capital*, no intuito de “salvar a honorabilidade” do M. (Que palavra comprida!) publicou umas tantas infamias sobre o nosso grande morto. escritas em lingua de negra suja. Aquela mulher é um problema moral que ainda não resolvi. Ou a entrevista dela n’A *Capital* foi torcida e ajeitada ou... não sei o que pensar. Mudemos de assunto.

Pretendemos editar os versos do Ricardo. Está á frente disso o Roberto Moreira, que talvez tambem prefacie o livro. O mais qualificado seria você, Rangel, e depois eu. Quem melhor que nós conhecia a maravilhosa creatura?

Tens aí, completo, o teu *De S. Paulo ao Guarujá?* Reli uns recortes truncados e senti saudades do resto. Quantas saudades! Como eramos felizes naquele tempo, sem o saber! As *Memorias dum Velho* que comecei no *Minarete*... Interrompi-as no momento de falar no Ricardo — sabes por que? *Porque eu dava o Ricardo como suicidado!* Vê que horrenda profecia!

Ricardo, Ricardo! Que obsessão!... Mudemos de assunto, se é possível.

Já te contei que me meti — ou, melhor, que me meteram — na politica? Politica do Buquira, uma viloca a uma legua daqui, séde do municipio onde está a fazenda. Dentro de poucos dias correrá a eleição municipal, a mais renhida que jamais houve. Botaram-me como “chefe da opposição”, e vou conhecer as “delicias da vitoria” ou as “agruras da derrota”. O curioso é que ando a rezar para perder, pois perdendo ganho — ganho a manutenção. do sossego em que sempre vivi e as mais mil coisas boas com que nem sonham os politicos. Domingo cheguei até lá e corri o risco duma “manifestação expontanea”, com vivas e flores. Quando me contaram do projeto, corei como menina de colegio e disse com o maior vigor aos cabos eleitorais: “Se me berram um só viva ou me lançam um só malmequer, volto a galope para a fazenda e adiro ao governo.” Em vista disso, a conspirata floral falhou.

Como é pitoresca a politica da roça! A cabala dos eleitores tabareus, as ameaças, as traiçõesinhas, as rasteiras, os

rabo-d'arraias, os pealos. O eleitor do mato é um prodigio de astucia. Fui cabalar um para ver. O homem mostrou faro de cachorro perdigueiro e me disse que "pela cara do novo delegado de policia ele *sabe pescar* qual o partido que tem o *apoio secreto* do governo" e só me daria resposta depois de ver a cara do novo delegado. Amanhã vou fazer uma "excursão eleitoral" pelo bairro dos Souzas. Um prodigio, Rangel!

LOBATO.

P. S. — Depois desta fechada, tive de abri-la para pôr as cartas da irmã, e aproveito o ensejo para mais alguma coisa. Ainda não cuidei de ensinar a ler aos pequenos, que aliás já conhecem todas as letras. Valerá a pena neste país saber ler? Teria ido á Presidencia da Republica o Hermes, se soubesse ler? Minha mulher, apesar de professora normalista, tem horror a ensinar filhos, e eu não tenho tempo... nem fé no alfabeto. Mas tua carta abriu-me os olhos e vou mandar vir os livros indicados. Outra coisa, antes que me esqueça: quero que me mandes as tuas regras de colocação dos pronomes. Desconfio sempre dos meus pronomes. Colocam-se nas frases meio politicamente.

Ando a ler as *Memoires de Mr. Goron, ancien chef de la Sûreté*. Como são curiosos os bastidores do mundo, e como seria o mundo sem graça, se todas as creaturas fossem bem comportadinhas como nós, Rangel! Os "anormais" funcionam como o sal, a pimenta, a mostarda, o coentro, a salsa da vida. O tal Goron estava numa situação privilegiada para bem observar o mundo da "haute et basse pègre". Para te "allécher", mando um volume.

Que tens aí do Ricardo?

LOBATO.

Fazenda, 5,11,1916.

Rangel:

Reli as cartas minhas que mandaste, e que saudades tive do que já lá vai nesses treze anos de palestra pelo correio! *Saudades...* Pela primeira vez ponho aqui esta palavra. E

sabe o que no fundo quer isso dizer? Velhice... Até os trinta anos, não ha saudade em peito de homem. Daí por diante começa a brotar, a crescer e viçar essa florzinha roxa, uma aqui, outra ali, e alastra-se, e com o dobar dos anos viramos um canteiro de saudades. Um canteiro de "perpetuas".

Poucas correspondencias haverá como a nossa, tão longa e tão fora do mundo. Estão nela os tempos loucos do Minarete, a guerra da Cainçalha, os primeiros namoros, os noivados, os primeiros filhos, as leituras, os sonhos de arte, as implicancias, a nossa Guerra dos Cem Anos com o Nogueira, cheia de treguas admirativas, os ciumes de D. Bar, os livros que idealizamos, a ambrosia do elogio mutuo de que fomos tão prodigos. Em suma: um riacho da mais cristalina amizade. Façamos de nossas cartas duas copias a maquina, bem batidinhas, em bom papel, para as relermos na velhice. São, afinal de contas, as nossas memorias intimas — mas memorias só para nós. Nem nossos filhos entenderão o que fomos um para o outro.

Delas vejo que prometi mil vezes pagar-te a visita que me fizeste em Areias. Mas um dia hei de surpreender-te — e estou vendo a cena! Chego, indago na estação onde mora o "senhor Juiz" e vou bater á tua porta. Campainha já sei que não há; em Minas ainda é nó-de-dedo. E eu bato: tóe, tóe, tóe. Ouço lá dentro uma voz: "Ha de ser algum pobre. Vá dizer que hoje não é sabado". O Nelo vem abrir com o "não é sabado na boca" mas dá com um sujeito que evidentemente não é pobre. "O senhor Juiz está?" pergunto. O Nelo entra e ouço-o dizer ao pai no escritorio: "Papai, está um sujeito exquisito, com ar de gente de fora. Tem cara de turco..." Uma voz grave sôa no escritorio: "Bar, veja quem é". D. Barbara abre a porta, dá comigo e sem querer deixa escapar um "Il!" muito parecido com o celebre "Eux!" do Tartarin de Tarascon. Seu rosto afogueia-se. Pensa no cabo de vassoura, agarra-o e zás!...

Eis, Rangel, a razão de haver eu abandonado a ideia da visita de surpresa: medo puro! Só irei visitar-te caso me apadrinhes com um *habeas-corpus* preventivo e que tenha o "Visto" dela. Outra razão da falha da surpresa está na ignorancia geografica das voltas que tenho de dar para cair af. Olho no mapa de Minas e tonteio. Parece-me o baratro. Só com um itinerario, como o dos Cruzados que iam para a Terra Santa. Manda-me um.

Esta semana sigo para S. Paulo com a familia e, caso venha o *habeas-corpuz*, de lá te avisarei da minha penetração em Minas — nesse Tibet que é Minas... Pena estar morto o Ricardo. Eu o levaria tambem. E tambem ao Raul. E chegados á casa do senhor Juiz, berrariamos do corredor o *Dé brin, o dé bran...* a tres vozes. Era o plano. O Destino não quis. O *Dé brin* a duas vozes tem menos graça.

Esteve uns dias aqui o Joaquim Correia — creio que já te contei isso. Como falha a memoria dos velhos! Vamos ficando *radoteurs*.

LOBATO.

Fazenda, 13,11,1916.

Rangel:

Vieram as cartas e a *Desforra*. Na cena do sapeçal noto um erro de observação: o sapé para colmo de casebre não se corta a foice; é arrancado com raiz. Sei porque este ano construi meia duzia de casinhas cobertas de sapé.

Relendo as minhas cartas assombrei-me das muitas maluquices que nelas pôs a minha insofrida mocidade, e a irreverencia para com os proprios amigos do peito. Imagine o que o mundo iria pensar do Tito e do Nogueira, com base no que eu disse deles — desses dois generosos e queridos amigos! Vou devolver as tuas, e quero saber que sensação te dá o passado.

Esteve cá cinco dias o Joaquim Correia, que disse te conheceu em Caldas. É verdade? O excelente Correia *exagera* um bocadinho. E eu estou de preparativos para uma estação em S. Paulo — um mês, dois, um ano, toda a vida. Que sabemos do futuro? Depois que para lá fui por tres dias e passei ano e meio, nunca mais me atrevi a marcar prazos.

Obrigado pelas regras pronominais. Vou segui-las; e se me acusarem de alguma má colocação, indigito você como o culpado.

Acabo de receber carta da *Revista do Brasil*, anunciando que figurarei nos numeros de novembro, dezembro e janeiro. Isto é sintoma de que minha cotação cresce. Em S. Paulo conversarei com eles sobre os teus contos e os convencerei de que és um genio ainda maior que eu!

Se tens algo inedito do Ricardo, manda ao Roberto Moreira. Andam a caçar tudo quanto ele deixou esparso pelos jornalecos e albuns de meninas. Propus-me historiar o Ricardo dentro da moldura do Minarete, com todos nós em redor, quais satellites do solzinho. Falam em polianteia para cima dele! Infamia. Ricardo é *nosso*, é do Cenaculo, era o Cão que Ladrava á Lua. Gente de fora não tem o direito de meter-se.

LOBATO.

Fazenda, 7,12,1916.

Rangel:

O teu conto não me parece bom no fim. Não se entende (opinião minha e de Purezinha). O final antigo era muitissimo melhor, tão melhor que entre todos os teus contos foi o de que guardei melhor lembrança — e justamente por causa do final. É preciso pintar o barbeiro indo embora, é preciso mostrar o caminho, rasgar um horizonte final como o do *Guaraní* — “E a palmeira perdeu-se no horizonte...”

O miquinho morreu. Deram-lhe lá um dia geleia de moco-tó, que ele comeu gulosamente e afinal morreu — sem assistencia medica. Enterramo-lo num formigueiro de ruivas para conservarmos a caveirinha. Todos da casa apiedaram-se, e houve olhos vidrados.

Que aconteceu com o Gelasio? perguntas. Nada. Simples implicancia coletiva. Ao Menotti apenas conheço de nome; nada sei dele. É inutil andares ajuntando e mandando opiniões sobre minhas literaturas. Não dou valor a essas reacções, nem as procuro. Escrevo porque tenho de escrever, porque sou forçado a escrever, para dar vasão ao pus dum furunculo *scribendi* de incuravel intermitencia — não para conquistar nome, gloria, o que seja. E a prova é que para não me inscreverem no rol dos literatos, a mim que não passo de simples

fazendeiro, voltei a usar os velhos pseudônimos com que me escondia no *Minarete* — Helio Bruma, Mem Bugalho e Chico Taboca (este invenção do Simões Pinto e saiu como o nariz dele). E não escrevo mais no *Estado* nem na *Revista do Brasil*, á qual havia prometido um artigo sobre o pintor Almeida Junior, porque estou em maré vasante e com horror aos literatos. As rodinhas do *Pirralho*, da *Vida Moderna*, do *Estado*, da *Cigarra* e outras que frequentei em meu ultimo mês em S. Paulo, fizeram-me mudar de opinião quanto a estes urupês daqui. O caboclo parece-me hoje açúcar refinado perto do açúcar preto que são os urupês citadinos de gravata. Que pulhas!

E o Nogueira que está ás raias da demencia com a ninfomania da gloria? Que fome ugolina de elogios! Não ha o que lhe baste. Dei-lhe pelo *Estadinho* uma groza de superlativos. Pensei que o empanturasse. Só serviu de aperitivo. Agora quer que eu leia tudo quanto ejacula e *dê opinião*. Este *dê opinião* traduz-se por: “Mais superlativos, Lobato! Aqueles não chegaram para a cova de um dente”. Acho que os criticos literarios devem sempre derrancar. Do contrario os fregueses acarrapatam-se, viram bernes. Quanto á venda do livro, não creio na “colossal” saída do livro. Vendem-se bem porcos de ceva e milho — que está a 7 mil reis o alqueire, um preção. Letras, é mentira. Nunca se vendeu bem um livro neste país, exceto os pornograficos. E livro atochado de filosofias como o dele, pode ser otimo; mas que se venda, duvido. Não ha publico para filosofias no Brasil.

Quando vens com a filharada passar um mês aqui? A casa é um convento. Cabem nela, não duas familias, mas cinco do tamanho das nossas. Já contei: tem 80 portas e janelas. A sala de jantar mede 14 metros de comprimento. Precisamos nos rever, Rangel. Do contrario encontramos-nos na rua um dia e não nos reconhecemos nos dois velhinhos.

LOBATO.

1917

S. Paulo, 10,1,1917.

Rangel:

Que bela gramatica és, amigo! Recebi o cartão e graças a ele tirei do lombo o peso duma duvida horrenda. Como o que me pareceu asneira vinha logo no começo do artigo do *Estado*, corei e tremi ante a hipotese de 50.000 risinhos de mofa gramatical. Quis consultar uma gramatica; só encontrei na minha biblioteca uns pedaços da gramatica francesa de Sevène dos meus tempos de escola e lá vi a tal Silepse. E armei-me com o Sevène para tapar a boca ao primeiro que me articulasse o desconchavo. Mas sem certeza nenhuma, porque desconfio que aquele Sevène é uma besta. Estive depois com o Amadeu Amaral e quasi o interpelei. O Amadeu tem cara de entender de silepses. Mas recuei. E se alguém me abordava falando do artigo, eu desconversava. Na redação do *Estado* descobri uma gramatica e abri-a furtivamente, como quem não quer; mas não tive animo de ir alem. Medo da verdade. Qualquer coisa lá no fundo das tripas me bacorejava que aquilo não era silepse. Por fim resolvi consultar-te. Recebi a resposta e respirei. Renasci, como se houvesse recebido na testa um beijo de Minerva. Obrigado, generoso amigo.

Ando com uma ideia. O Plinio Barreto insiste em que eu escreva um romance para a *Revista* e estou com ideia de um romance á Dumas ou Paulo de Kock, cheio de ação e dialogos, tudo tão violento que o leitor perca o folego. O publico anda farto de psicologia e descritivo — a mania dos nossos roman-cistas atuais e é a razão de deixa-los ás moscas.

Vamos fazer uma coisa: destrinçar o segredo dos eternamente lidos. Depois seguiremos a maneira deles, mas sem nos afastarmos da observação, do real, do verismo que está em nossa essencia.

Tens lido os meus artigos? Produziram efeito interessante: um despertar de consciencia adormecida. E por causa deles

relacionei-me com uma porção de artistas daqui, escultores e pintores. Entusiasmaram-se todos com a ideia da arte regional. O saci, sobretudo, impressionou-os muito. e eles (quasi todos italianos ou de outras terras) vêm consultar-me sobre o saci, como se eu tivesse alguma criação de sacis na fazenda. Finjo autoridade, pigarreio e invento — e eles tomam notas. Mas na realidade nada sei do saci — jamais vi nenhum, e até desconfio que não existe. Manda-me as tuas luzes. Como é o saci em Minas? Minha ideia é de que se trata dum molecote pretinho, duma perna só, pito aceso na boca e gorro vermelho. O Correia jura que já viu um, mas de duas pernas, embora andasse só com uma, aos pulinhos, como tico-tico — mas como posso acreditar no Correia depois de o ter pilhado em tantos *exageros*? Diz tambem que tem olhos de fogo — outra impossibilidade. Minha ideia de menino, segundo ouvi das negras da fazenda de meu pai, é que o saci tem olhos vermelhos, como os dos beberrões; e que faz mais molecagens do que maldades; monta e dispara os cavalos á noite; chupa-lhes o sangue e embaraça-lhes a crina. Consulte os negros velhos daí, porque já notei que os negros têm muito melhores olhos que os brancos. Enxergam muito mais coisas.

Tens lido o Frango Sura? É o proprio conselheiro Acacio que ressurgue de gaforinha e bacharel em ciencias juridicas e sociais. Lê o que ele anda a expluir pelo *Estadinho*.

LOBATO.

P. S. — O Simões Pinto, da *Vida Moderna*, quer uns dois ou tres quilos de literatura de tua fabrica para essa revista. Como lhe gabei os teus contos pequeninos, genero “O Destacamento”, Pinto assanhou-se como diante de quiréra. Mas mande só dos miudos, porque a revistinha dele é miuda.

Estou escrevendo da redação.

LOBATO.

Antecipadamente, obrigadissimo.

Simões Pinto — Rua S. Bento, 50

S. Paulo, 15,1,1917.

Rangel:

Recebi o pito. Mas ha tanta coisa a contar que não cabe em carta. Fica para a visita prometida, que será logo.

Não tenho perdido tempo aqui. A marreta canta na sinagoga de varios paredros, expoentes do snobismo paulistano. Até o pobre e extinto general Glicerio levou a sua dose na *Estatua do Patriarca*. Fiz cem relações novas e “estou consagrado”, se não mentem os lisongeadores. Hontem ouvi de pé firme ao Alfredo Pujol um elogio que me deixou de cara á banda — e que não ponho aqui por escrupulos da modestia. Acham-me um bando de coisas. Para mim, o que ha no fundo de tudo é medo. Os homens procuram aproximar-se e andar ás boas com os escritores que misturam acido formico á tinta.

Mas estou doido por voltar para a roça e reatar a nossa interminavel conversa carteadada. Tenho ainda, entretanto, de chegar até Mato Grosso. Quero ver se aquilo realmente existe ou é uma ficção geografica do Moreira Pinto, como deve haver muitas no planeta.

Em que correria tenho andado! Não paro, não durmo, perdi quilos de peso — mas como é boa a vida intensa! Até em dramas de amor alheio ando metido. Ha um curiosissimo caso do nosso jovem Barba Azul com uma jovem dansarina...

Adeus, adeus, adeus! Carta comprida, só na roça.

LOBATO.

Como vamos de letras? Qual o numero do teu romance no estaleiro? Tua responsabilidade está cada vez maior. Ha dias, numa roda de paredros dos mais pintados, afirmei que lá num socavão de Minas havia um desconhecido maior que todos eles somados uns aos outros e multiplicados pela Academia de Letras. “Quem é?” quiseram saber. “É a avó. Um dia vocês saberão”.

Estas minhas reclames podem te fazer mal em vez de bem, porque todos se metem a esperar coisa ultra-suculenta, e você é mimoso demais. O publico quer violencias, arrombamentos. Se um novo entra humilde, a pedir licença, todas as portas se fecham. É preciso aparecer de machado em punho, faca nos dentes e arrombar as portas a pontapés.

E o Sete Orelhas? Não encontraste nada a respeito? Eu tinha vontade de ser o Sete Mil Orelhas — todas cortadas aqui neste S. Paulo...

LOBATO

Fazenda, 3,3,1917.

Rangel:

A homeopatia!... Eu pensava como você; ou, peor ainda, não me dava ao trabalho de pensar coisa nenhuma a respeito. Não acreditava nem descreia — não pensava no assunto e pronto. Mas um dia sobreveio o “estalo” e fiquei tonto. O meu Edgárinho apareceu com uma doença no nariz. Isso na fazenda. Ele tinha dois anos. Corro a Taubaté. Consulto os médicos locais. “O melhor é ver um especialista em S. Paulo”. Vamos para S. Paulo. “Quem é o baita para narizes?” J. J. da Nova. Vou ao Nova. Examina, cheira, fuça e vem com um grego: “Rinite atrofica. Só pode sarar lá pelos 18, 20 anos — mas vá fazendo umas insuflações com isto” e deu-me uma droga e um insuflador. Voltamos para Taubaté, muito desapontados. Dezoito anos! Mas minha casa lá era defronte á duma prima. Vou ve-la. Tenho de esperar na sala de visitas um quarto de hora. Em cima da mesa redonda está um livro de capa verde. Abro-o. “Bruckner, O Medico Homeopata”. Instintivamente procuro a secção Nariz. Leio conjuntos de sintomas. Um deles coincide com os sintomas da rinite do Edgard. Prescrição: “Mercurius”. Entra a prima. Conto o caso do menino e aquele encontro ali. “Vale alguma coisa isto de homeopatia?” pergunto, ceptico. E ela: “Experimente. Não Custa.” Quando saí, passei pela farmacia. “Tem Mercurius?” Tinha. Comprei. Cinco tostões. “Almeida Cardoso — Rio”. Levo para casa. Falo á Purezinha. Sem fé nenhuma, dou automaticamente os carocinhos ao Edgard, mais do que mandavam as instruções. Cinco em vez de tres. Depois, mais cinco. De noite, mais cinco. No dia seguinte, o milagre: todos os sintomas da rinite haviam desaparecido!... Mas sobreviera uma novidade: purgação nos ouvidos. Cheio de confiança, corro á casa da prima atrás do livro de capa verde. Procuro “Ouvidos” e leio esta maravilha: “Ás vezes sobrevem purgação no ouvido por abuso de Mercurius, e nesse caso o remedio é Sulfur”. Vou voando á farmacia. Compro Sulfur.

Mais 500 reis. Dou Sulfur ao Edgard e pronto — sarou do ouvido! Sarou da Rinite, sarou de tudo! Preço da cura: 1000 reis. Pela alopatia, em troca da não-cura: varias consultas medicas, viagem a S. Paulo, drogas insuflantes e aparelho insuflador — e a desesperança.

Que fazer depois disso, Rangel, senão mandar vir um livro de capa verde e uma botica com todas as hemeopatias do Almeida Cardoso? Cem mil reis custou-me, e desde então curo tudo. Curo tudo em casa e no pessoal da fazenda. Fiquei com fama de magico. Vem gente dos sitios visinhos. “Ouvi dizer que o senhor é um bom doutor que cura” — e curo mesmo.

Chega a vir gente até do municipio visinho atrás dos “carocinhos magicos”...

LOBATO.

Fazenda, 17,4.1917.

Rangel:

Eis-me de novo no meu seio de Abraão. Deixei S. Paulo farto e refarto da comedia da civilização; e para que a ruptura fosse completa, não assinei jornal nenhum. Desde o dia 8 que estou sem saber quantos novos paises declararam guerra á Alemanha, etc. Que paz! Que alivio! Que decencia! Como cansa viver na atmosfera da beligerancia imbele do sapo que chia de longe, e odeia de longe, e apaixonou-se de longe, ou pateia de palanque, na rua, nos cafés, nas redações, nos artigos, nos discursos, sem nunca um minuto de serenidade! A nossa imbecilização é das mais curiosas: vem de cima para baixo, e decresce quando chega ao povo. Quanto mais conheço os paredros, mais admiro o equilibrio, a sensatez, a sanidade mental destes meus bons caboclos da roça. Quando Bilac aparece em S. Paulo, vira cachorrinha com todo um bando de cachorros atrás. Eles não se limitam a admirar Bilac: eles babam Bilac. Hoje não me espanto do Frango Sura querer mudar-se para S. Paulo. Aquilo é o habitat dele. O Frango nasceu em Minas por deslize. E muda-se para lá e ainda acaba chefe de todos aqueles cogumelos. Se o encontrar por aí, diga-lhe que se apresse, que vá conquistar S. Paulo, porque S. Paulo está a berros pedindo um frango sura.

E tu, homem feliz, poço de bom senso, virgem incontaminada que não trocas esse empireo de Santa Rita do Sapucaí pelas escarradeiras cheias de pontas de cigarro que se chamam “centros de civilização”, que fazes? Conta-me da tua evolução nos ultimos meses, porque tu vales mais que todos os camelidios que andam a apostar uns com os outros qual tem maior bossa. Acho, Rangel, que nunca mais arredo o pé do sertão. Que delicia conviver com estes porcos que engordo e como assados, e com estas vacas que me dão leite e manteiga! O leite das vacas paulistanas chama-se *suffisance*.

LORATO.

Fazenda, 22,4,1917.

Rangel:

Recebi a de 20. Pela irregularidade de tudo lá dentro, a *Vida Moderna* ainda acaba mudando de nome; passa ao que é, *Vida Airada*. Não merece a nossa atenção. Não vale a pena botar lá o *Queijo de Minas*. A tua *Desforra* está aqui. Não serve para sair nos tais volumesinhos. Muito grande. Vê coisa menor.

Menotti mandou-me *Ulisses*. Bela edição conseguiu ele! Mas aqueles desenhos serão realmente do Menotti? Estou achando-os bons demais. Nalguns ha traços de mestre. Evidentemente houve “inspiração”.

Espero o teu livro gramatical. Se queres opinião, manda um ao Adalgiso, que a dará com a mais alta competencia. Ainda agora recebo dele uma carta; está como revisor da *Revista* e queixa-se de meus descuidos e deslises. Vou responder que o meu colocador de pronomes é você, e tambem o meu mondador de ingramaticalidades; de modo que qualquer queixa contra mim deve ser encaminhada a você, pois assim encurtamos caminho. A indignação do Adalgiso é contra o *Engraçado Arrependido*, que mándei sem revisão rangelina, e portanto sujo, cheio de cascas de banana e carurús. O meu lava-cachorro é você, Rangel.

Mandei tambem *O Farol* — esse farol que vem desde Areias e está caindo aos pedaços de velho. É incrível como sou inimaginativo! Por mais que exprema o utero não sai

filho, quando não ha previa impregnação dos ovarios e gestação inconciente. Será todo mundo assim? Se quero parir á força, sem estar gravido, não me sai coisa nenhuma. Se tens aí algum esqueleto de conto encostado e que não queiras aproveitar, manda-mo, que o revestirei de carnes e jogarei com ele para cima da *Revista*. Aquilo está se tornando um Moloch insaciavel. Querem dar um conto meu em cada numero, como se eu fosse maquina.

Lidei este ano em S. Paulo com a fina flor dos literatos, e me convenci de que, com exceção do Adalgiso, nenhum vale você. O Adalgiso é o unico em S. Paulo que tem a inteligencia que eu quero: como olho de mosca, multifacetada. Inteligencia verdadeira me parece aquilo. Muitas outras ha lá, mas com menor numero de facetas.

Hontem li uma coisa de Almaquio Diniz, um pedaço de *Bodas Negras*. Não diz: "Os grilos cricrilavam"; diz: "Os orthopteros saltadores cricrilavam." Tambem li *Une Vie* de Maupassant e, ataquei *Le Lys Rouge* e varios Camilos novos. A sova nos tres Joaquins — o Teofilo Braga, o Silva Pinto e o Vasconcelos!... Homérica!

Bom. Chega. O estafeta vem entrando.

LOBATO.

Fazenda, 10,5,1917.

Rangel: .

Vai *A Desforra*. Está primorosa no descriptivo, que é o teu forte. Tens microscopio nos olhos. A *Vida Ociosa*, por exemplo, é uma seriação de miniaturas desenhadas a bico de pena. Hoje o gosto geral está mudando, voltando a Boccaccio e todos os *narradores*. Camilo em muitas novelas é modelar na narrativa. Nada mais vivo e movimentado que o começo da *Maria Moisés*: "O pequeno pegureiro contou as cabras á porta do curral; e dando pela falta de uma, desatou a chorar com a maior boca e bulha que podia fazer. Era noite fechada. Tinha medo, etc." Releia isso e veja como é "pinturesco" desde a primeira palavra até a ultima. O fim visado num romance ou conto deve ser o maximo de impressão no leitor com o minimo de meios. É neste sentido que voga o meu barco. Progrido em "concentração", fujo sistematicamente á "dilui-

ção". Prefiro fabricar um martelo de pinga a um barril de garapa azeda. E se a ilusão me não transtorna o senso critico, creio que estou com a verdade. Que verdade? A deduzida dos melhores capitulos das melhores obras dos melhores autores. Por que melhores autores? Porque mais intensa e duradouramente lidos. A *Desforra* ganharia se voltasse ao fogo para apertar o ponto. Ficaria metade em volume e o dobro em grau alcoolico.

A humanidade gosta de bebidas fortes — whiskey, rum, kummel, vodka e mais "fogos liquidos". Já os xaropes e aguas panadas, e mesmo a agua pura, têm menos fregueses — e com eles ninguem se vicia.

Esta minha observação vai com todas as reservas. Será assim no caso de aceitares como verdadeiro o meu criterio da concentração. Porque em boa critica todos os generos se equivalem, contanto que as obras sejam filhas do talento.

Ando a preparar um livro de contos — assinado Helio Bruma — coisas antigas refeitas. A refusão limita-se a podas, desgalhes, descascamentos — sempre "des", isto é, concentração. E sinto que ganham com o desbaste. Em regra somos na mocidade extremamente excessivos, folhudos como certas arvores tão enfolhadas que não ha ver nelas a beleza maior: o tronco e o engalhamento.

Tambem preparo para o chumbo o "Inquerito do Saci", que fiz no *Estadinho*. Dá 300 paginas, mas não aparece o meu nome. *Demonologo amador*, é como assino. Será livro popular e de vender bem. De modo que a minha estreia será um livro não assinado e feito com material dos outros. Meu só os comentarios, prefacios, prologos, epilogos — os admi- nculos, diria o Frango Sura.

Hoje escrevi á *Revista* (como por ordem tua) que ou publicassem a *Vida* ou devolvessem os originais. Estão a mangar contigo aqueles paredreos. Tiro-a de lá e publico-a em rodapé no *Estadinho*.

LOBATO.

Fazenda, 5,6,1917.

Rangel:

A *Vida Ociosa* vai afinal sair. Aquela intimação surtiu efeito. Respondeu o Plinio que a não devolveia porque ia publi-

ca-la já. Escute: já mandou *O Destacamento* para o Simões Pinto? O modo de publicação, paginado para livro, dá uns volumesinhos interessantes. O Simões é um pinto que vale a pena. Põe de vez em quando uns ovinhos curiosos. Está saindo lá agora uma coisa do Amadeu, mas o Amadeu é mais poeta que contista. Não lhe vejo nervo.

Sabe o que estou lendo com enorme agrado? Macaulay, o incomparavel, e Dickens. As memorias de Pickwick são um modelo de arte. Diz-se lá num capitulo o que os cacetissimos psicologos de hoje dizem em todo um livro. Acho arqui-preciosa a leitura dos ingleses: livra-nos de absorver a infecção luetica dos franceses: galiqueira mental que vai dessorando as nossas letras e fazendo-as um luar da francesa. E, fora dos ingleses, leio Camilo; não passo dia sem umas paginas.

Que tenho feito? Domingo, como amanhecesse chovendo, abanquei e pari *Pollice Verso*, uma violenta mercurial contra os medicos. É a historia dum facinora moderno, defendido por todas as leis e todos os preconceitos sociais, que mata um cliente rico para apresentar conta gorda no inventario. Vou manda-lo para o numero de junho em vez do *Faroleiros* que lá está — muito bem escritinho, mas que não passa dum “pot-pourri”.

O Presente da Loveling e o urso de Tolstoi são demonstrativos de que para bem dizer é mister escrever pouco e concentrado. A prolixidade é o grande mal. Antigamente eu “borrava” dez tiras e no ultimo “á limpo” obtinha vinte. Hoje borro dez para obter cinco. Podo impiedosamente — e nunca me arrependo. Hontem li no *Imparcial* uma critica do João Ribeiro que abunda nestas ideias. Aí vai.

O fato de não termos livros mostra que não somos literatos á moda comum. Você, juiz, nas horas vagas beletreia. Eu, fazendeiro, quando chove e não posso sair a cavallo é que me sento á mesa e esvurmo um berne. Que ligação temos nós com isso que se chama lá fora “literato”? Nem sequer os conhecemos. Você conhece o Menotti e lá um ou outro. Eu não conheço nenhum, nem quero conhecer. Enfarei-me dessa fauna depois que vi alguns de perto, inclusive Bilac. Aceitarei as obras dessa gente, não as pessoas.

Espero o teu livrinho de gramatica. E o Sete Orelhas? Nada até agora? De Caldas o Francisco Escobar mandou-me o que dele ha nas *Efemerides Mineiras* de Xavier da Veiga. É pouco. Não traz detalhes interessantes. Eu queria muito

encontrar o trabalho de um Galpi, ou Galdino Pinheiro, de S. João Nepomuceno. Em materia de orelhas, o meu Sete Orelhas foi batido longe pelo Bartolomeu Dias, que cortou 7800 num quilombo de escravos que assediou e destruiu. Levou-as de presente ao Conde de Bobadela. Que destino daria o conde a tal massa de orelhas? Come-las-ia sob forma de orelheira do Porto? Magnificos brutos eram os nossos antepassados. Ha em Calecut as 800 orelhas que Vasco da Gama cortou. Camões pula por cima delas nos *Lusiadas*.

Tens já aí o ultimo numero da *Revista*? Sai um conto meu de Areias, refundido. E tambem um do Nogueira, com belas ideias filosoficas desartisticamente apresentadas. O ponto fraco do Nogueira é a arte; e o forte, a filosofia. Diz em arte coisas incriveis. Acha, por exemplo, "majestoso, imponente, obra d'arte monumental", sabe o que? O palacio do governo de São Paulo, aquela nauseabunda indecencia architectonica, tão indecorosa que o proprio Congresso, que é um conglomerado de trufas, já condenou e mandou demolir. E assim outras coisas. Ele é filosofo e grande, mas só filosofo. Se pudessemos dizer-lhe isto, sem que aquele ouriço de orgulho se irritasse, que bom seria para ele e o mundo!

LOBATO.

Fazenda, 6,7,1917.

Rangel:

Retiro tudo quanto disse a proposito do teu estilo, em tantas cartas anteriores. Em vez de mudar alguma coisa, poder, concentrar, fazer, em suma, o que sugeri, não debes fazer coisissima nenhuma. Estás sedimentado definitivamente e lindo. Encantou-me tanto a *Vida Ociosa* que me envergonhei de todas as minhas velhas sugestões. Compreendi agora. Você nasceu miniaturista, tal qual Meissonier. Ha na pintura francesa dois casos typicos de miniaturismo: Mignard e Meissonier. Este pintou com grande minucia de detalhes, mas manteve-se grande; nas telas militares punha reflexos das coisas visinhas nos botões dos soldados, mas manteve-se grande. Seu nome figura entre os maiores pintores da França. Mignard fez a mesmissima coisa, mas sem talento; quanto mais miniaturava, quanto mais pintava pelinhos um por um,

menor ficava como pintor. Quando alcançou o prodígio de pintar um por um todos os pelos das pestanas dum filhote de pulga — assombro jamais realizado no mundo — Mignard ficou ainda menor que a pulga e acabou dando á lingua franceza uma palavra nova e pejorativa — *mignardise*. Você é um miniaturista nato, mas á Meissonier. Que lindos quadri-nhos parciais descreves para formar com eles o quadro grande!

Renego todas as minhas observações. Cara é estilo, vivo dizendo. E querer que por causa disto ou daquilo o visinho reforme o nariz ou a boca, é besteira. Sustente a cara que Deus te deu e Camilo apurou, e os Lobatos que vão ás favas.

Vais ver a *Vida Ociosa* classificada como a melhor coisa até hoje aparecida na *Revista do Brasil*. Eu chego a ter inveja. Tu me alijaste para a esquerda, bandido! Por que mudou a primeira forma do Zé Correto? Estava ótima, muito melhor que o José atual. José, José... Zé é o certo.

E a Academia, hein! Está capitalista agora. Vamos ter imortalidade remunerada, uma novidade no Parnaso. Apolo deve estar cismabundo.

LOBATO

Fazenda, 8,7,1917.

Rangel:

Espero o teu *Animal Estranho*, pela moderna. Nesta furia, acabaremos escrevendo com podão, em vez de pena! Botei ultimamente quatro ovos novos, da nova fase: *Pollice Verso*, *O Matapau*, *O Estigma* e *O Comprador de Fazendas*. Vou dar um livro inçado de dramas e mortes horrendas, mas com pantomima comica no fim, como nos circos. Já tenho prontos uns 15 contos, materia para umas 150 paginas. Se quisesses aparecer junto comigo, era boa a ocasião; mas tu és maroto — preferes andar só a mal acompanhado. A letra de fôrma melhora as obras boas (nada melhora as más); gostei muito da *Vida Ociosa* depois de impressa. Vais ver com que agrado te receberão. É uma arte pessoal que surge sem muletas, sem apelar para o apoio de ninguem, sem prisão a nenhuma escola, diferente de tudo quanto se escreve por aqui, em sarrafaçal ou parnasianamente.

Recebi o livrinho de gramatica e aprendi nele alguma coisa. O que acho é caro. Você, judeu, começa esfolando a humanidade.

Andou por cá um fazendeiro aí da tua zona, um Leite de Paraguassú. Conhece-te mal e mal. E agora espero outro. Andam com ideias de comprar-me a fazenda — mas não creio coisa possível: os mineiros são muito pechincheiros. O homem esteve me contando da calamidade que é a Rede Mineira. Diz que é peor que a Central. Por que não se amotinam vocês todos e não empastelam a caranguejola?

Aquele nosso grande poeta parece-se com a agua: é inodoro, incolor e insipido quando faz prosa. No verso, melhora. Mas vem surgindo um Guilherme de Almeida, cujo *Nós* revela muita coisa. Parece-me poeta de verdade — não apenas burlador de versos como o F., ou parnasiano de miolo mole, essas venerandas reliquias do passado, Alberto, etc. E Bilac, que era a salvação, deu agora para rimar filosofia alheia e fazer patriotismo fardado. Alberto está um perfeito *vieux beau*.

Bilac perguntou ao Heitor de Moraes por que motivo eu lhe fugia (isto é, por que o não incensava) e achou-me “exquisito”. Acostumou-se o grande poeta ao côro perpetuo de “Ohs!” da rodinha do *Estado*. Os literatos celebres lembram-me os politicos que jamais caem, como o Rodrigues Alves. Estes espantam-se duma oposiçãozinha; aqueles não admitem essa coisa linda que é uma pequenina animadversão gratuita. Porque têm um nome do tamanho dum bonde amarelo e moram no andor da apoteose, acham inadmissivel que um ignaro anonimo tenha a preguiça do rapapé e por higiene fuja ao beija-mão.

Guilherme é o balbucio duma corrente nova que acabará levando para o boeiro os lecomtistas de cabelos pintados com Juventude Alexandre. Tenho muita fé nesse menino de Almeida. São os dois de S. Paulo: Vicente de Carvalho, gloria legitima mas já sem uma asa, e Guilherme, uma linda manhã. O espaço entre ambos é inter-estelar: é o Saco de Carvão da Via Latea. Menotti tambem desponta, meio papagaio ainda, meio discursante; mas é capaz de dar coisa. Tem coragem. O resto, meu caro, é saparia de lagôa; coaxam rimadamente. No romance irrompeu o Veiga Miranda. *Resurreição* é positivamente bom, apesar da descaida do final. Como é dificil manter um romance no *crescendo*! Se a politica (a dos politicos e a literaria) o não arrastar, teremos em

Veiga um verdadeiro valor. Lembro-me d'O *Margarida* — o seu desastrado conto de estreia na *Revista do Brasil*. Pois evoluiu e melhorou muito. E é só naquele S. Paulo — uma cidade de 500.000 habitantes! Que penuria, hein?

Que coisa vem a ser o *Animal Estranho*? Por que não aproveitais *O Sebastião* aparecido no *Minarete*? Ha coisinhas otimas ali.

LOBATO

Fazenda, 21,7,1917.

Rangei:

Em mãos o *Comprador de Fazendas* e duas cartas. Cada vez que me devolves um conto, envergonho-me da ortografia. Quantos erros anotaste — zz por ss, yy por ii... Se algum dia eu virar literato de profissão, tenho de contratar o Alvaro Guerra para secretario dos pronomes e da ortografia. Os pronomes já me saem melhores, depois das abençoadas notas que você mandou. Como andavam desafinados, no meu período anterior ás notas!

Entristeceu-me a classificação de "chinfim" que deste ao *O Estigma*, coitadinho! Quanto ao fato, é verdadeiro, do lado científico e do entrecho. Foi coisa acontecida cá destas bandas. Para documentação do lado científico, segue como meu advogado um livro do Alberto Seabra. Quanto ao entrecho te direi que ha na cidade de C. uma senhora "marcada no peito com sangue espirrado", uma cobrinha e uns borrifos no lugar da cabeça. Está subentendido que não espiei o peito da dama, mas pessoa bem informada garantiu-me. E a causa dada pelo povo é que quando ainda em estado fetal essa dama foi testemunha dum crime: sua mãe matou a tiro de garrucha uma mocinha aparentada que criava e pela qual o marido passara a mostrar muito interesse. Abafou-se o crime; tratava-se de gente de posição. O tiro foi dado como casual. Meses depois nasce a atual dama estigmatizada, com a cobrinha e os respingos, situados em lugar correspondente ao em que levou o tiro a mocinha.

Em todo caso, como reputaste bom o estilo, consolo-me com o sopro.

Pelo que vi e li, gostaste do *Matapau*. Está aí um que "saiu atôa". A ideia era descrever o parasita vegetal que chamam aqui gameleira e é uma figueira. Isso feito, o resto, a associação com um sentimento e uma tragedia humana, brotou como a pena quis.

O teu *Animal Estranho* desdisse a má nota com que veio precedido. Foi gostadissimo. Purezinha, que, como rato para queijo, não erra na escolha do melhor, leu-o e releu-o, e fez que mais gente da casa o lesse. No *Pollice Verso* a tua observação coincidiu com a dela: que está muito insistido na-quele ponto das estrelas. Eu respeito os pareceres de Purezinha, porque é a unica pessoa que quando não gosta diz "Não gosto — Não presta". Os outros vem sempre com atenuações e panos quentes. Foi quem me revelou Camilo, e é sincerissima — e antes severa que benevola. Vai logo dizendo na cara: "Tire isto e mais isto. E' asneira. E aqui está comprido demais; corte." E acerta sempre. E como tem gostado muito da *Vida Ociosa*, aquilo é bom mesmo. Admirou sem reservas a cena da galinha a entrar pela sala a dentro, como tambem a do pinto que vomitava (cenas que melhoraste muito, na ultima fase).

Quanto ao meu livro, espero completar aí uns quinze contos que me agradem; publico-os na *Revista do Brasil* e depois de impressos dou-lhes a forma definitiva. Só então arriscarei nos quinze contos os dois contos de réis que me custará a edição. Não tenho pressa nem entusiasmo. Já estou muito longo do assanhamento dos dezoito anos.

Se me seduz uma ideia, ponho-a em conto, mas sempre com muita preguiça. O gosto vem depois, na polidura do borrão, no acepilhamento, no envernizamento: O ato bestial de parir um mostrengo informe, sujo de sangue e placentas, é o mesmo na arte e na vida feminina. O gosto da mãe começa depois de lavado e vestido o fedelho.

Li ou estou lendo a *Mulher Fatal* — conheces? Que otimo está ali o Camilo! Eu agora não o largo mais. Paro de frente das minhas estantes, corro os olhos sobre centenas de lombadas e invariavelmente pego um Camilo. Que desprezo de todas as regras da composição francesa! Quando se lhe depara lance de morder num adversario, larga da cena romantica com que está maçando o leitor e desanca. Na *Mulher*

Fatal ha isto. "Aí appareceu certa vez um archi-tolo (*) com grandes foros para maior gradação, etc." E embaixo da pagina a nota "(*) O senhor doutor Joaquim Teofilo Braga, na *Visão dos Tempos*, 1.^a serie". Imagine Flaubert fazendo isso na Salammbô!

Não lhe perdoavam nada a Camilo, mas com que furor revidava os assaltos! Ha dele não sei qual romance que em certo ponto está lamecha demais e "pau"; parece que Camilo mesmo percebe isso e, de repente, sem mais nem menos, larga a historia e dá uma surra tremenda nesse mesmo Teofilo Braga. Depois continua a historia, como se não tivesse havido coisa nenhuma.

Nas *Noites de Insonia* noto o capitulo "Os Tres Joaquins" que é um desaforo de genio. Ele encambulha tres Joaquins — o Teofilo Braga, o Joaquim de Vasconcelos ou dos Musicos e mais um terceiro, e lança-os com um pontapé á Posteridade. Quem se lembraria hoje desses tres Joaquins, se não fosse o poutapé camiliano?

Ando vendo-não-vendo a fazenda. Este mês resolvo. Poderemos então realizar um dos nossos velhos projetos: a estação á beira-mar juntos. Será lindo — mas quanto mais lindo se ainda vivesse o Ricardo e fossemos para Itanhaem ou Ubatuba os tres! Que saudades tenho do Ricardo! O tempo passa, mas a saudade não passa.

LOBATO.

Fazenda, 3,8,1917.

Rangel:

Acabo de ler o ultimo capitulo de *Vida Ociosa*. Se algum tranca me disser que não és o successor de Machado de Assis, leva bofetada nas ventas. Ninguem é juiz em materia propria. Teu juizo sobre a *Vida* é suspeito, não tem valor legal nenhum. Os outros é que têm de dizer, como eu, que aquilo é uma obra prima de psicologia e realismo da mais pura. Depois dos livros de Machado, nada appareceu em nossas letras que a iguale. Quero ter a gloria de ser o primeiro a dizer que a *Vida Ociosa* só pode figurar em nossas letras

junto ao melhor de Machado. E se depois de publicado o livro o mundo inteiro não disser a mesma coisa, paciência: é que o mundo inteiro é uma grande besta.

Vendi a fazenda a um senhor Alfredo Leite, de Vila Paraguassú; e embora ainda não passasse a escritura (será a 10 ou 15), já o movimento começou a correr por conta dele. Saio daqui para Caçapava, provisoriamente, e de lá tomarei rumo definitivo. Não tenho planos. Espero que o vento me leve para não sei onde. E se não houver vento, escolherei descansadamente um ponto do mundo para armar o meu rancho e viver. Duma coisa tenho a certeza que faço agora: ir visitar-te aí em Minas!

Adeus.

LOBATO.

Fazenda, 9,8,1917.

Rangel:

De fato, o Alvaro Silveira, com quem trago relações epistolares embora sem conhecimento pessoal, bolou as trocas, como verdadeiro habitante da Lua que é. Boa piada, o Sete Orelhas de Januaria! Imagino o assombro dos seus amigos recebendo lá o estranho pedido de informação.

O Alfredo Leite chegou hoje. Vamos lavrar a escritura amanhã. Vendo a fazenda e vou para o olho da rua com os trastes às costas, sem saber onde morar. Fico uns tempos em Caçapava, assuntando. O mais provável é cair em S. Paulo, já que estou com Portugal impedido pela guerra. Que bela ocasião' para a realização daquele sonho de viver uns tempos em Samardan, a aldeia de Camilo — ou em Cabeceiras de Basto! Mas o homem põe e Marte dispõe.

Penso em visitar-te aí antes de deixar Caçapava. Penso, penso... Quantas vezes já pensei nisso?

Espantou-me a rapidez do retorno do livro do Seabra. Ele quis converter-me e deu-me varias obras. Não nego o ocultismo, aceito tudo quanto eles têm como provado — mas meu horror ás trevas me vai deixando do lado do Sol. Tão lindo o Sol! Não me interessou o Eliphaz Levi. Nem o

resto. Tentei ler alguns: enfadaram-me. Acho que isto é mera questão de temperamento. O meu não vai com aranhos tecidos nas trevas.

O Pinheiro Junior pensa numa serie de "edições da *Revista do Brasil* e estamos em sua lista. Só aguarda a "baixa do papel." Tambem o Pinheiro põe e Marte dispõe.

Adeus. Vou fazer sala ao Alfredo Leite, que vem chegando duma vista d'olhos pelas divisas.

LOBATO.

Caçapava, 24,9,1917.

Rangel:

Demorei-me em escrever por causa da corrimaça. Estive meio mês no Rio e dez dias em S. Paulo, donde voltei ontem. Minha tenção era fixar-me no Rio, onde pelo menos ha *la natureza* e o Wenceslau; mas a mulher dispôs o contrario. Quer São Paulo e, pois, muito a contragosto, tenho de fixar-me em S. Paulo, terra bem peor que o Buquira. No Buquira ninguem se embasbaca com o Frango Sura.

O fim desta, porém, não é contar da minha vida, senão dar-te o meu abraço pela vitoria da *Falange Gloriosa*. A apresentação do *Estado* operou um efeito siderante. Os que te admiravam á socapa (medo de puxar fila), proclamam agora desassombradamente que és um Machadinho de Assis mineiro. Estás lançado, afinal! Agora é editar-se em livro e mandar D. Barbara ir bordando a farda da Academia de Letras. Os ouros ela encontra em qualquer empresa funeraria daí mesmo — ou no Rio, Casa Sucena.

Para fazer alguma coisa, resolvi tornar-me editor. Começo publicando os contos do Valdomiro Silveira, outros do Agenor Idem e o *Saci-Pererê*. Faço a experiencia com esses tres livros e, conforme correrem as coisas, ou continuo ou vou tocar outra sanfona. O *Saci* é um livro sui-generis — para crianças, para gente grande fina ou burra, para sabios folcloricos; ninguem escapa. Dará dinheiro. Depois edito você. Faço tal reclame de você que todo mundo em S. Paulo

está de olho em Santa Rita. Isso aí já nem é cidadinha mineira: é aquela sarça ardente da Biblia que Moisés olhava de olho arregalado. Jeovah Shammah!...

LOBATO.

Caçapava, 30,10,1917.

Rangel:

Na impossibilidade de escrever qualquer coisa, venho para esta nossa simbiose. Vai uma inferneira aqui em casa. São tres os diabretes e gritam e pinoteiam como tres maluquinhos. E ha as conversas, os ralhos da dona da casa, os rumores da rua. Nem carta é possível escrever. A nossa cabeça nos momentos de *fiat* é uma harpa eolia. Se no silencio dum gabinete só as emoções intimas gravitam pelos bordões, sai coisa. Mas se por eles se metem guinchos de crianças, ralhos de mães, as vozes da rua e o mais, o que nos sai é uma salgahlhada de pepinos crus. A' noite raro emudecem dois fonografos fronteiros e rivais. Apostam corrida. Mal ataca um deles a *Cabocla de Cazangá*, o outro muda a agulha e vem com o Hino Nacional — e a mistura vira Wagner. E mais noite a dentro, quando a voz de Edison cala, é o cachorro dum terceiro visinho que se põe a ladrar á lua. Ora, a quem saiu, como acabo de sair, da *Casa dos Ramires*, onde passei tres saudosos dias em visita áqueles amigos velhos, o bom Gonçalinho, o querido Titó, o Bento, a tia Rosa, a ouvir Gonçalo escrever e ler para mim a historia do seu Tructesindo avô, no silencio da torre, entre goles de chá forte e intempestivas serenatas do Videirinha, esta Caçapava, toda filhos grulhentos, cães poeticos e sons inimigos do estilo, derranca. E me dá inveja da tua tenda em Santa Rita, onde só ha o Nelo e nenhum fonografo, nem cão, pois nunca te queixaste dessas coisas. Ha silencio aí, Homem Feliz de Moura Rangel! Eis por que levã a cabo romances inteiros.

Fialho, é um estilo, Rangel! São dois os grandes estilos — Camilo e Fialho. Eça, que eu tanto admirava, parece-me, ao pé destes dois molossos, um alegre cosinheiro de operetas

parisienses. Um *arreglador*. Sabe o que é? Calão de “mam-bembe”. O trabalho deles aparece nos anúncios de espectáculo.

HOJE

HOJE

O REI BABAU

Arreglo de “Le Roi Bobeche” de Coignard

por

EÇA DE QUEIROZ

A palavra me arrepiou quando a topei pela primeira vez; hoje compreendo o valor expressivo do neologismo. Com grande talento, Eça arreglou Paris para uso de Lisboa.

Mas em Fialho ha genio, ha estilo. Possui ele uma visão toda artilhada de telescopios e microscopios. Vai logo aos recessos mais intimos, ás privadas, aos subterraneos da alma humana e revela as pudicas e escondidissimas escorren-cias. E quando descreve cenarios, usa lucilações de relam-pagos. “Quis a janela aberta: estava um dia supremo, vivo de sol, com tintas loiras de inverno sobre os montes”.

Nós, Rangel, nós do Minarete, viciados pelo senhor Emile Zola até no modo de pegar na caneta, pervertemo-nos com a maneira de Zola — otima e certa nele, porque era dele, mas pessima em nós porque nos sufoca o surto da *nossa* maneira; nós, Rangel, diriamos assim:

“Pedi que abrissem a janela. Fora, um dia soalheiro (interferencia do Eça) derramava o ouro de sua luz sobre a terra inteira, e nos montes punha tons alaranjados de outono.”

Nove palavras a mais e quatro calorias de expressão pic-torica a menos. E isso se nos contentassemos apenas com 28 palavras, o que seria um puro milagre de economia vocabular, dada a nossa verborreia incoercível. E hoje que o “natura-lismo” zolaico passou, ainda andamos patinhando por lá, como gente de anquinhas em estação de vestidos colantes. Eu já dei limpa de enxada em meu terreno, mas ha muito rebroto que preciso estar sempre quebrando. E’ preciso deixar o

chão totalmente livre das coisas plantadas, para que nele brotem as sementinhas que os ventos trazem — as guanxumas, os carurús, as beldroegas, os cordões-de-frade, as gramineas congeniais e personalissimas desse conglomerado de órgãos, sangue e células que Caçapava vê passar na rua e classifica no genero *Homo*, individuo Lobato. E como somos, |eu e você, uma velha parelha a puxar o mesmo carro, convido-te a emprender esta terrivel obra de sacha, extirpadora das ervas francesas. E melhores gadanhos não conheço, que o velho Camilo e este truculento Fialho. Gadanhemo-nos, Rangel! Com um ano deste regimen, curamo-nos da sarna galica. Para filosofia, Nietzsche, que é um tanque desbravador de tudo, e tem a sublime coragem de nos dizer: *Vade mecum? Vade tecum!* Queres seguir-me? Segue-te!

Tens aí *Novelas do Minho*? Lê "Maria Moisés", começa, as paginas mais profundamente descritivas e naturalisticas jamais escritas. Quando o tal naturalismo fotografico fez melhor? Veja a cena entre o abade, o desembargador e duas irmãs deste. E' Portugal inteiro.

Saiu no *Estado* mais uma escorrença minha. Ainda é produto do Lobato francês em transição. O Lobato limpo com cacos de telha e potassa caustica, desgafado da sarna galica, esse ainda não veio a publico porque o *Estado* não é o pica-deiro conveniente. Eia, Rangel! Na assembleia escassa dos que têm a coragem de apresentar os respectivos Eus em pêlo, entremos desassombrados com os nossos. E com um leteiro na bunda, á Raul Pompeia: "Mau, mas meu."

LOBATO.

Caçapava, 11,10,1917.

Rangel:

Ruy Barbosa me dá a impressão, na ciencia, duma superposição de autores; no estilo, duma superposição de classicos. Vejo nele Vieira, Bernardes, Latino, Frei Luiz, Herculano, Camilo — dele pessoalmente, só a sabedoria e fina arte do misturador. Ruy é uma grande Central telefonica a que vão

ter todos os fios; e do conglomerado ressôa uma voz eolea, de qualquer lado que bata o vento. E' uma focalização. Toda a ciencia, toda a literatura de todos os tempos e povos converge seus raios naquele refletor mental que os emburilha, funde e dá — como as cores fundidas dão a luz branca — esse clarão cegante, excessivo, que atrai todas as mariposas e afugenta todos os morcegos: RUY BARBOSA.

Ruy tem o genio dos cadinhos: funde. Falta-lhe o genio das retortas: que crea. Ruy dá "misturas" geniais; não dá "combinações" novas. Tenho para mim que Ruy é muito mais Força da Natureza do que Força Individual. E' um estuario amplissimo onde cada punhado d'agua que tomemos mostra o nome do afluente contribuinte; ou cada folha ou flor carreada conta de que arvore caiu.

Acho Ruy imenso como o Amazonas, mas sem a imensidade dum Shakespeare, dum Nietzsche, dum qualquer Grande Emissor de ideias. Dele me disse ainda ha pouco Martim Francisco em Santos: "Ruy é um grande escritor sem talento: porque não crea." Nada mais falso. Impossivel talento maior que o de Ruy. Chega até ás raias da genialidade — mas fica-se na categoria do genio sem medula creadora.

Eu já tive o meu periodo febril de ruysmo, igual ao teu de hoje: foi em fins de Afonso Pena e Nilo e todo o Hermes. Aquele Ruy combativo, cruel como Jeová, feroz como Ezequiel, foi a culminancia do "fenomeno Ruy". Mas ainda nessa fase funcionou como o refletor de todas as ansias, queixas e desejos da nação. Fez-se Voz da Natureza, Boca do País. Naquele tempo, por politica, estavas divorciado dele. Tentei conversar contigo sobre a Aguia que depenava o Avestrús e tu fugiste com o corpo. Hoje dá-se o contrario. Eu é que estou divorciado de Ruy... por motivos belicos. E não o leio. Como torço pela vitoria da Alemanha e Ruy é o paladino da derrota alemã, resumo a minha opinião sobre ele com a imbecilidade dum calouro: "E' uma besta!" Mas sei ou sinto que isso é pura imbecilidade minha diante de imbecis ainda maiores que eu. E se não o leio é na certeza de que se o ler a "besta" me converte com a sua logica de aço e cá me põe o germanismo de cuecas, de pernas para o ar. Porque o meu germanismo tem fundamentos grotescos: a causa numero um é ser aliadofilo o meu barbeiro; a numero 2 é serem aliados o *Estado de S. Paulo*, todos os meus amigos e toda gente. Ger-

manizando, eu me isolo do barbeiro, do jornal e duma sucia de amigos. Pura questão de hygiene mental.

A tua descoberta da serventia do vernaculo bem apri-morado como tampão do vazio de ideias, cai na regra de que a Forma salva tudo. Haja Forma, e o leitor, engodado pela beleza exterior, esquece-se de pedir beleza interior (ideia). E assim os patifes da Elegancia fazem com meia arte o que a pede inteira.

A minha *Cavaleria Rusticana*, que vou mudar para *Os Faroleiros* porque toda gente confunde "cavaleria" com "cavalaria" (que cavalos!), é uma colcha de retalhos cosida com panos de diversas épocas e de varias qualidades — linho, algodão, estopa. Coisas feitas e refeitas a intervalos nunca saem a preceito — e no entanto o Albino gosta imenso desse conto; ha de ser aquele constante som de mar; ele não tem cara, mas pode ter sido um viking em outra encarnação.

Estou guardando os rodapés da *Falange Gloriosa* para uma leitura de assentada. Todos a filiam ao *Ateneu* de Raul Pompeia. Que bestas! A unica aproximação é que nos dois romances a coisa se passa num collegio.

Mudo-me para S. Paulo na proxima semana. Fico na rua Formosa 53 até tomar casa. Adeus.

LOBATO.

S. Paulo, 4,11,1917.

Rangel:

Explica-se tudo. Não ha em Shakespeare tragedia igual á saída das covancas do Buquirá para uma fixação na rua Genebra 9, com estações de Passos em Caçapava e no 53 da rua Formosa. Brotam na vida comum batalhas que valem a de Verdun. Venci uma. Chamo vitoria ao fato de ver de novo nas estantes, embora atrapalhados e metade de cabeça para baixo, a infernal livralhada que sempre me perseguiu na vida. Lá na fazenda eu mesmo os encaixotei. Nunca deixo ninguem arrumar meus livros. Ainda ontem, se quisesse, não podia responder ao teu bilhete. Nem tinta, nem papel, nem mesa — e tenho tudo hoje no lugar, Rangel, graças á maravilhosa in-

venção da Roda. Se não fosse a Roda, como operar o milagre de transpor tantos moveis e caixas lá do alto da Serra da Mantiqueira para aqui, nesta rua Genebra? E em cidade nenhuma ha um monumento de gratidão á Roda!

E já pude tomar o meu gole de Camilo n'*O Vinho do Porto* — cem paginas do mais terrivel humorismo, onde, como sempre, ele esquece o assunto e vai cabritando, de associação em associação de ideia, pela estrada da Veneta afora — esbanjando provas de que é, como o Hotel Pereira em Taubaté, unico no genero.

Entrementes, o nosso Nacionalismo Vermelho — que tem varios pais, entre eles o Nogueira (que cá esteve, gordo e forte, sempre com aquelas teses que casam Bisancio com o seculo 30) e o indefectivel Frango Sura (sura só no apelido, pois está com rabos na alma) — estruge e muge, corcoveia e rabeia, e percorre a cidade em procura de inofensivas placas de firmas alemãs. Não sei, mas juro que á testa dos arrancadores da placa do Banco Alemão estava o Frango Sura, com o patriotismo mais erecto que um Lingam sagrado da India. As formas de rua da nossa guerra á Alemanha ainda acabam resuscitando o Mark Twain. Só ele, e com a mesma pena com que escreveu aquella historia da caça ao elefante branco, pode fixar o grotesco destes paspalhões do grito na rua.

Lá pela *Revista do Brasil* tramam coisas e esperam de liberação da assembleia dos acionistas. Querem que eu substitua o Plinio na direção; mas minha ideia é substituir-me á assembleia, comprando aquilo. Revista sem comando unico não vai. Mas a coisa é segredo — nada contes aos vereadores de Santa Rita; pode trazer complicações diplomaticas e ocasionar algum desvio na rota de Saturno.

O *Saci* está no prelo; depois, Ricardo!

Meu projeto de ir a Minas gorou. Venha você a S. Paulo. Meus projetos goram como ovos, porque não sou um, sou dois. Eu ponho, Purezinha impõe. Como a tua Barbara. Ambas são “imponentes”.

LOBATO.

S. Paulo, 8,12,1917.

Rangel:

Parabens pelos 33 do dia 21. Sou ano e meio mais velho. Meu *Saci* está pronto, isto é, composto; falta só a impressão. Meto-me pelo livro a dentro a corcovear como burro bravo, em prefacio, prologo, proemio, dedicatoria, notas, epilogo, em tudo com o maior desplante e topete deste mundo. Ontem escrevi o Epilogo, a coisa mais minha que fiz até hoje — e concluo com a apologia do Jéca. Virei casaca. Estou convencido de que o Jéca Tatú é a unica coisa que presta neste país.

Se o negocio correr bem, editarei outros livros — o teu dado no *Estadinho*, por exemplo. Aquilo é otimo. Purezinha não perde numero, mas faz restrições; acha que o exagero das *charges* prejudica o efeito.

Quanto ao meu livro de contos, fica para o Centenario da Independencia. Imagina que eu o quero ilustrado. E sabe por quem? Por mim mesmo. Ora, como desenho peor que um caranguejo, entrei no curso Elpons-Zadig-Wasth. Das 7 ás 9 da noite lá estou a desenhar modelo vivo. Varios colegas. Um, o dono da Casa Kosmos. Devo nestes cinco anos estar apto para ilustrar o meu livro, e então...

Quem vai cair nas minhas unhas editorais é você, juiz duma figa! Editar-te-ei inteirinho, com porcentagem dobrada; para os outros, 10% do preço de capa, tabela geral e universal; para você, 20%! Felizardo...

As minhas cartas antigas são ultra ingenuas; só as devolverei se me prometeres nada extrair delas nunca. Comprometem um cidadão que breve estará "negociante matriculado".

Adeus. São horas de ir desenhar um nu.

LOBATO.

S. Paulo, 11,12,1917.

Rangel:

Será possivel que afinal vamos nos ver depois de dez anos de interregno? Terás já uns fios brancos? Eu tenho uma duzia.

Moro na rua Genebra 9. Chega-se cá partindo da rua Direita, descendo o Piques, subindo a ladeira Santo Amaro e quebrando á esquerda. Com mil e quinhentos passos chegas do Largo da Sé ao meu numero 9. Vem, vem, que é tempo — já que eu não fui.

O que me increpas no estilo é certo. Reconheço-o e é deliberadamente que sorvo as brutezas de Camilo. Esse galego sôa a carne crua numa terra em que, a avaliar pelo “amarelão” do estilo comum, os escritores só se alimentam de marmelada branca. Em todas as literaturas eu procuro sempre o carnívoro — os Kiplings, os Menckens, os Gorkis — e ponho os alfenins de banda: Pierre Loti, Catulle Mendes e mais mimos de Venus. Meu regimen dietetico é o dos cloroticos: Ferro Bravais, bifes vermelhos, coisas bem azotadas. Evito farinhas. O fim em vista é mineralizar o Verbo para ver se não morro da tísica mesenterica do “estilo brasileiro”, para o qual devo ter predisposição congenial: “Colhe hoje mais uma primavera no jardim risonho da sua preciosa existencia, etc.” O estilo nacional, morno e sorna, revê capilé com goma, xarope de melancia, mingau de araruta.

Camilo é o estilo estadulho. Dá porradas geniais! Kipling é o estilo White Label. Enebria depressa. Gorki é vodka. Derruba. E nós? Alencar é capilé com Agua Florida, bebido em “copo de leite”. Macedo é capilé com canela, bebido em caneca de folha. Bernardo Guimarães é capilé com arruda, bebido em cuia. Coelho Neto é capilé com Grecia, bebido em anfora de cabaça. Machado de Assis é capilé refinado, filtrado, purissimo, bebido pela taça da cicuta de Socrates. Afranio é capilé com acido fenico. Ruy é... Mentira! Ruy não é capilé. Euclides tambem não é capilé — mas se o fosse, seria capilé com geodesia. Grandes ou pequenos, bons ou maus, em todos nós o capilé *perce*; como *perce* em todos nós, socialmente, as taras vindas naquela nau de Tomé de Souza que nos abasteceu a estirpe com 400 degredados e 40 jesuitas.

— Ora, eu sou tambem capilé — mas um capilézinho que se convenceu disso a tempo e procura avinagrar-se. Está claro que o não conseguirei nunca. Serei sempre, no fundo, um capilé com farofa — mas *reajo* e *procuro* desvencilhar-me da predestinação. Como não miro academias, nem gloria — coisas ao alcance da “habilidade” — divirto-me cá com os

meus tres espectadores, a pena, o papel e a tinta, no trabalho de embrechar fibras no que, por gomoso de nascença, não se comporta. E assim o que sai do meu laboratorio varia muito; ora entremostra fibras de emprestimo, porque o mingau intercalar escorreu (não era um bom *binding*, diria um inglês), ora é só mingau, porque as fibras alheias nele se dissolveram.

Quanto ás sinalefas, acho-as um elemento de força. Dizes que as tomo de Fialho. Não, porque não foi Fialho quem as inventou. São velhas como a lingua. Tomo-as da gramatica, como da gramatica tambem as tomou Fialho. Mas não ha duvida que Fialho delas abusou — e porisso obteve tons e efeitos fortes, nunca antes vistos na arraia miuda dos ecleticos.

Meu estilo está em formação. Talvez fique em formação toda a vida. O de hoje é uma fase. Fase de Lua Cheia, talvez precursora de mais equilibrada e discreta Mingoante.

Leio com encanto *History of England* de Sir Macaulay. E tambem leio as cartas de Taine. Nelas encontro este juizo, numa a Cornelio de Witt: “J’ai lu Macaulay que j’admire infiniment. Merci de cette idée.” Para que um dia me agradeças, aconselho-te a leitura dos *Essays* e tambem da correspondencia de Taine. Outro martir da má saude, o Taine — especie de Adalgiso Pereira. A sua correspondencia com E. de Suckau lembra a nossa em certos pontos. Ha uma eterna referencia a Edmond de About e Prevost Paradol, como na nossa ha uma eterna recorrencia do Ricardo e outros.

Que fim levou o Raul? perguntas. Se os pirarucús ainda o não devoraram, Raul vive e viça em Belem. Sumiu-se para lá depois da subida do Lauro Sodré e dos Chermonts, dos quais é amigo. Fizeram-no qualquer coisa importante na administração, com 800 mil reis por mês — zelar pela multiplicação dos carapanãs, marcar peixe-boi, qualquer coisa assim.

Tua carta me chama a atenção para a bisbilhotice do Veiga Miranda. De verdade só ha naquilo a fulminante saida do *Saci*. O resto é por metade fantasia, por metade sugestão — embora sejam coisas possibilissimas, se todos os *Sacis* sairem no prazo que espero. O que ele não disse e é certo, é que editarei as poesias do Ricardo. *A tout seigneur, tout honneur*.

Mas o momento não me parece proprio para qualquer iniciativa editoral. Só se cuida de guerra á Alemanha —

“Tiros”, quépis, Alsacia-Lorena, Izonzo, General Cadorna, von Mackensen, potocas. O nosso esforço de guerra se resume nessa “torcida” de longe, que o Frango Sura considera efetiva e decisiva. Com no futebol de domingo. Uma bola morta “ia entrando” no goal; um sujeito ao meu lado torceu o corpo como a lavadeira torce roupa e a bola entrou — e ele, ah, que ar de triunfo pessoal lhe vi na cara!

Um livro de sucesso comercial seria agora um: “*Brasil invicto, avante! Ao Reno, ao Reno!*” da autoria do Frango Sura, mas o Frango Sura está tão entretido em matar hunos nos seus jornais que ainda não pensou nesse “best seller”.

Doi-me ter filhos, Rangel. Como educa-los, nesta terra? Em que principios? Que moral ensinar-lhes? Nossa ascensão como povo é ladeira abaixo. A monstruosidade do hermismo não foi nenhuma crise; aquilo é endemico. Arrepiamo-nos porque Ruy levantou a tampa e disse ao país: “Veja!” Wenceslau tampou de novo — mas quem ainda se ilude quanto ao que refere e é debaixo da tampa? Cada vez mais me convenço da sabedoria do Ricardo. E, por falar, que é que nos mandas dele?

Estou com aquele conto gramatical a me morder a cabeça como um piolho. Vida, aventuras, males, doenças e morte tragica dum sujeito, tudo por causa da gramatica. Nasce em consequencia dum pronome fora do eixo e morre vitima de outro pronome mal colocado. Entram na personalidade do Aldrovando Cantagalo meia duzia de gramaticantes cá de S. Paulo. Coisa *pince sans rire*.

Todos me falam da *Vida Ociosa* e da *Falange*. E o mais que te digo é o que já disse: Purezinha dá-te grau 10. E bem sabes que o juizo dela vale ouro, porque é intuitivo e portas a dentro. É a unica pessoa que condenou uma porção de coisas que escrevi. Diz que não presta e acabou-se. Não justifica. Eu que me fomenta.

Adens.

LOBATO.

S. Paulo, 28,12,1917.

Rangel:

Devo-te muita parolice e se já não paguei é que cai nas unhas duma neurastenia das negras. Estado d’alma do ca-

çador que só tem uma carguinha de chumbo na espingarda picapau e não sabe no que atirar. Só vê passarinhos miudos — curiós, tico-ticos; nenhum jacú. Falta-me o jacú, Rangel! Não ha jacús nestes matos batidos.

Vejo ao longe uma ave exótica: a Europa. Não mais o projeto antigo da aldeia minhota, mas Paris. Acho que só de lá posso ver bem e bem estudar este Brasil. Cá dentro somos um pau da floresta, e os paus das florestas não podem fazer ideia das florestas em conjunto. Falta-lhes o longe da perspectiva aerea. Aquele soldado de Stendhal que andou perdido uma porção de tempo, muito se admirou mais tarde quando lhe disseram que “aquilo” havia sido a famosa batalha de Waterloo. Tenho de colocar-me longe para olhar e ver se o Brasil é coisa que mereça consideração. Possuem os que na America não são bugres puros, duas patrias: a mãe nativa, a mestiça simploria que nos pariu por obra e graça duma fecundação de europeu, e a mãe-de-creação, a Europa, que nos dá desde o berço uma lingua, aos 15 anos nos dá Robinsou e Julio Verne, aos 20 nos dá toda a França e daí por diante nos dá a “heimatlandia”, essa coisa sem patria, formada da secreção de toda a mentalidade universal. Acho penoso viver toda vida no regaço da mãe tapuia, ainda de argolas nos beijos da alma, embora vestida de Eloys Chaves e Wenceslaus e com o Freitas Vale ao colo. Mas minha fuga á Europa depende do fim desta maldita guerra.

Para apressar o desfecho, encarreguei uma prima de muito boas avenças com o Ceu de fazer uma promessa a um Santo Antoninho de chumbo que ela possui e é extremamente milagroso; promessa para que a guerra acabe logo, nem que seja com a vitoria do Wenceslau.

Que maravilha o antropocentrismo! Até aqui *eu* queria a perpetuação da guerra porque me regalava com os tremendos titulos e subtítulos dos jornais; mas já não a quero agora que vendi a fazenda por que está a me estragar a Europa com que sonho! *Eu!* Que maravilha os nossos pequeninos *eus!* Somos pequeninos centros a que vão ter todos os raios do universo.

Irá comigo o Wash Rodrigues, como cicerone, ou pedaço da patria tapuia; é o rei dos jesuitas, mas bom para a troca de impressões. Já você não pode ir: não vendeu a comarca!

Que bom seria, o mundo visto por nós dois juntos! Mas como dar asas a esse raizame em que você se transformou? De lá escreve-te-ei cartas como as do Presidente Debrosses...

Pretendo ir sem prazo de volta. Deixo os filhos num colégio, estudando o padre Feijó e outras beterrabas.

Eis, Rangel, o sonho atual — o meu livro atual, o romance em que trabalho com a “pena do devaneio na tela da imaginação”, como diria o Macuco. E para isso já me afastei do mundo das letras, onde me ia insinuando com a gazua daqueles contos do Buquira. Vai sair agora o *Matapau* e depois o resto do que escrevi no paraíso da fazenda. E pronto! Fica encerrada uma fase da minha vida e vou começar outra muito diferente: dedicar-me á pintura, afinal! Só a pintura me faz esquecer da vida.

Bom, chega de mim; agora você. Queres editar em livro a *Falange*? Resolva duma vez, porque estou habilitado a da-la depois do *Saci*. Estou tirando 2 milheiros. Que Africa, hein? Dos nossos só compareceu no inquerito sobre o saci — e excellentemente — o Nogueira.

Se por “saber português” entendes conhecer por miúdo os bastidores da Gramatica e a intrigalhada toda dos pronomes que vem antes ou depois, concordo com o que dizes na carta: um burro bem arreado de regras será eminente. Mas, para mim, “saber português” é outra coisa: é ter aquele *doigté* do Camilo, ou a magnificente *allure* processional do Ramalho, ou a sublime gagueira do Machado de Assis. Aqui em S. Paulo o brontosauo da gramatica chama-se Alvaro Guerra, um homem que anda pela rua derrubando regrinhas como os fumantes derrubam pontas de cigarro. As regras desse homem tremendo, quando vem ao bico da pena dos escritores, matam, como unhas matam pulgas, tudo o que é beleza e novidade de expressão — *tudo que é lindo mas a Gramatica não quer*. Outro gramaticão daqui escreveu em enorme tratado sobre a Crase; e consta que o Silvio de Almeida tem 900 paginas ineditas sobre o Til. O livro vai chamar-se: “Do Til”...

A esta gente o Camilo chamava lombrigas do intestino reto de Minerva. Estou com ideias de escrever um conto gramatical, *O Colocador de Pronomes*. Isto logo que me enjoi do curso do Elpons e volte á pena. O Plinio Barreto oferece-me a direção da *Revista do Brasil*, mas sou um bur-

rinho muito rebelde e chucro para ter patrão — e iria ter dois: Julio Mesquita e Alfredo Pujol.

Vê se tiras logo uma sorte grande, para irmos mamar juntos o leite da Isis europeia. Creio que Isis era uma vaca sagrada do Egito. E adeus. Acabou o papel.

LOBATO

1918

S. Paulo, 8,7,1918.

Rangel:

Recebi tua carta e a de D. Bar, e vi as muitas coisas que elas deixam entrever.

Os *Urupês* vão se vendendo melhor do que esperei, e neste andar tenho de vir com a segunda edição dentro de tres ou quatro semanas. Ha livrarias que no espaço duma semana repetiram o pedido tres vezes, e como os jornais ainda nada disseram, julgo muito promissora essa circumstancia. O *Saci Pererê* tambem se vende bem; estou já só com um resto — talvez um quarto da 2.^a edição. Se as coisas continuam assim, ponho mais uns ovos: faço um livro com coisas do *Minarete*.

Os meus negocios hoje cifram-se nuns dinheiros a juros (que infamia pôr dinheiro a juros! Devia ser proibido por lei.) e a *Revista do Brasil*, onde estou desenvolvendo furiosamente a propaganda. Espero dobrar-lhe a tiragem ainda este ano. E dou-te parabens pela prosperidade que anuncias — a tua prosperidade. É o que serve, como diz o galego. A alta do papel impede-me de lucros maiores na *Revista* e nos livros; mesmo assim, cada milheiro deixa liquido um conto e tanto... quando não encalha. A mim me favoreceu muito aquela campanha pró-saneamento que fiz pelo *Estado*. Popularizou a marca "Monteiro Lobato". O publico imagina-me um medico sabidissimo, e a semana passada tive um chamado telefonico altas horas da noite.

— "É o doutor Monteiro Lobato?"

— "Sim."

— "Doutor, minha mulher está sentindo dores. Poderá vir atende-la?"

Meu primeiro impeto foi ir e puxar para fora o filho daquele sujeito — depois contar o caso na rodinha. Mas a respeitabilidade venceu. "Não sou medico parteiro, meu caro senhor" — "Queira desculpar. Eu pensei que..."

Ele pensou que e eu penso que chegou a hora de publicar na *Revista* todos os teus contos do *Minarete*. Depois os reuniremos em livro e os soltaremos com grandes toques de caixa. Preciso dum romance para rodapé. Manda-me um daqueles "numeros". Sou hoje um dos que decidem do destino das coisas literarias do país. Curioso, hein?

LOBATO.

S. Paulo, 30,7,1918.

Rangel:

Chegaram os teus cartões. Ha dias fui com o Oswald em procura do velho Minarete — pela primeira vez desde aquele nosso tempo. Está na mesma coisa, só que pintado de fresco. O carvalho da entrada, maior; mas sempre sentimental e poetico, mormente agora que se despede das ultimas folhas amarelas. Os carvalhos conservam os seus habitos europeus; ainda não aprenderam o mau costume das arvores indigenas, de se conservarem verdes o ano inteiro — essa monotonia que desespera os pintores. Espiei do portão aquele "Paradou" da entrada, aquela cercadura de canteiros maltratados que nem a poda conheciam, e minha sensação foi de coisas idas — deliciosamente idas — paisagensinhas do *Tartarin de Tarascon* e do *Robert Helmont*... O que mudou, e desastrosamente, foi o arredor. Aquela rua de pinheiros, que ia do portãozinho á avenida do bonde da Penha lá embaixo, já não tem pinheiros, nem é de terra e matinhos marginaes; está sordida, infameamente calçada de paralelepipedos e compactamente edificada dos dois lados. Casas, Rangel, em vez daquelas sebes de espinheiro atrás dos pinheiros! A "cidade" alcançou a paisagem que aquilo ali era e matou-a. Em vez de paisagem, virou uma coisa reles chamada "Rua Cesario Alvim". Esse Cesario devia ter sido um sujeito prodigiosamente desinteressante, para interessar á imaginação dum lote de vereadores paulistas.

Mas a cidade alcançou o nosso Minarete, entalou-o dentro duma concreção chamada "casas do Braz", tão feias, coitadinhas, tão pobres, tão humildes... O grande terreno em volta do nosso chalé tornou-se um terreno pequeno. Lotearam a

maior parte da chacara e venderam-na aos miseraveis b'pedes que destroem as paisagens com a sua mania de morar em casas. Mas o Minarete, o nosso chalézinho amarelo, persiste, resiste, insiste. Está assediado pelo casario invasor, está sem os pinheiros da frente, está sem a paineira dos fundos — mas insiste, resiste, persiste. Não adere. Não alviniza-se. É um simbolo. Parece que está lá dentro a alma do Ricardo, de marreta em punho, escorando, detendo a invasão urbana.

É um simbolo. Nós cá fora tambem resistimos. Nenhum ainda aderiu. A Cainçalha morre, como o Ricardo, mas não se vende. O Albino, estive com ele em Ribeirão Preto; está cada vez mais Albino — rijo ali na filosofia, sempre a dar de ombros, sempre dubitativo, sem nenhuma certeza de coisa nenhuma. Você, aí nessa Estrela, continua uma fera, a produzir. O Nogueira, sempre tremendo, cada vez mais moço, ainda não engordou e revela-se nogueirissimo quando encontra um dos velhos cães. Insiste em Deus. Quer Deus. Impõe Deus com ferocidade teologica — esquecido de que o matou naquela famosa festa do Sant'Ana. Raul requinta-se na surdez. Teima em não ouvir. Para que isso de ouvir, uma coisa ao alcance de todos os asnos orelhudos? Está uma porta. Ha aparelhos de ouvir, mas Raul não quer ouvir eletricamente, como o Malta, que aderiu á Audição e anda cheio de pilhas electricas lá pelos bolsos de dentro. (Ninguem lhe aperta a mão, de medo de choque). Eu finjo que aderi, Rangel, mas não aderi, juro! O Tito tambem não aderiu: ainda perpetra horrendos trocadilhos. Ninguem mais sabe o que é trocadilho e Tito continua na ejaculação! É o ultimo tilburi do Trocadilho.

Meu livro esgotou-se no dia 26 — exatamente um mês após á saída. Estou a rever as provas da segunda edição — eu e o Adalgiso, esse maravilhoso mestre em virgulas e pronomes no lugar. Ele pega as menores pulgas e estala-as nas unhas, dizendo: "Tu és uma besta, Lobato". Não esperei uma saída assim, nem igualmente a boa recepção do publico e da critica. Mando-te alguns recortes (devolva-os) e umas cartas recebidas. Só a Livraria Alves vendeu 250 exemplares. A primeira edição deixou-me livre 1:500\$; e como a segunda edição me vai ficar em 960\$, não ha mais meio de perder dinheiro com a experiencia. Em virtude disso é possivel que para o ano eu bote um segundo ovo — coisas velhas, do *Minarete*. A clientela quer.

Vi, mas não tenho acompanhado o tal concurso. Como é concorrente, vou segui-lo.

Sairá no proximo numero da *Revista* o teu *O Destacamento*, e vá preparando mais coisas. Hei de publicar-te inteirinho, na *Revista* e depois em livro — e vais ver que teu triunfo será muito maior que o meu.

LOBATO.

S. Paulo, 17,8,1918.

Rangel:

Obrigado pelo oferecimento, mas prefiro que digam de meus livros os estranhos. Aos amigos quero-os calados: já lhes conheço a opinião e também conheço o grau de amizade de cada um. A amizade nunca foi boa critica. E, entretanto, recorreria a ela se o livro empacasse. Quem quer um filho empacado? Mas não empacou. Fui feliz. Não pedi juizo critico a ninguem e estou tendo mais e melhor do que realmente mereço. Ainda hontem falou a *Gazeta de Noticias* em artigo especial, e na vespera havia falado *O Paiz*. Mando os recortes. De você eu queria uma critica á nossa moda, confidencial, em carta — sobretudo apontando os defeitos. Um defeito apontado é muitas vezes um defeito corrigido. Já uma qualidade elogiada é quasi sempre um vicio futuro: o autor passa a apura-la em demasia e cai no excesso, como o economico cai na avareza ou o liberal na prodigalidade.

O Adalgiso Pereira apontou-me bom numero de deslises, que já foram evitados na segunda edição. A minha gramatica, você bem sabe, é de ouvido, e os ouvidos humanos sofrem as injunções da meteorologia: ora está mais fino, ora mais lerdo, conforme o tempo lá fora.

A *Revista do Brasil* vai bem. Quando me fiquei com ela, entravam em media 12 assinaturas por mês. Hoje entra isso por dia. Nesta primeira quizena de agosto registrei 150 assinantes novos. Meu processo é obter em cada cidade o endereço das pessoas que lêem e enviar a cada uma o prospecto da revista, com uma carta direta e mais coisas — iscas. E atijo em cima o agente local. Estou a operar sistematicamente

pelo país inteiro. Mande-me pois daí o nome das pessoas alfabetas menos cretinas e merecedoras da honra de ler a nossa revista. E aguardo a tua resolução sobre a *Vida Ociosa*.

LOBATO.

S. Paulo, 29,8,1918.

Rangel:

Estive pensando no seguinte: é preciso editar a *Vida Ociosa* e a *Falange Gloriosa* — você é o homem dos “osas”. O fato do teu romance ter saído na *Revista do Brasil* corresponde a quasi ineditismo. Ninguém lê essa maçada e irrespirável revista cheia de cracas academicas — Helios, Marios e outros plagiadores da dureza da peroba. Que perobas! Estás ali e estás tão inedito como se te publicasse o *Correio Paulistano*. É indispensável vires a publico em livro, porque o livro é como o germên que faz a palma, a chuva que faz o mar. Anda pois lá com as correções, elimina aquele final da expulsão do juiz, que está idiota e ninguém aceita e ainda hontem vi condenado por uma dama de faro apuradissimo — e manda-mo. Vou editar o Ricardo em setembro — “*Ipês*”. Já temos, paridos pelo prelo, o Nogueira e eu; saindo você e o Ricardo, restará em estado interessante só o Albino com o seu tratado de psicologia. E o Cenaculo terá vencido, hein?

Aquela historia do Adalgiso sobre o aspecto do livro é pura ancilostomose mental. O pobre Adalgiso é uma caixa de fosforos com os fosforos já queimados. Não dá fogo.

Sim, esqueci-me do Menotti. São tantos... Logo que eu tiver mais *Urupês* mandar-lhe-ei um. Onde está ele?

Parabens pelo juizado. Isso. Ferra-te no Orçamento *ad perpetuam*. A Patria necessita de bons carrapatos. Terás então o lazer preciso para cuidar da “tua obra”.

Eu já ando farto de tudo isto — desta reclame indecente dos jornais amigos, do celebre almoço que o Simões Pinto inventou, da *Revista* com seus Helios Lobos, desta Calabria paulistana, deste saneamento dos sertões do Belisario Pena, da geadá, de tudo... Felizmente os fiscaes da Sorocabana estão me processando por crime de injuria e calunia; conforta-me a

esperança de passar na cadeia alguns meses, a ler o Silvio Pellico e outros tratadistas do "pau". Palavra de honra que hoje me seduz mais a cadeia do que a Academia. Mas vais ver que me absolvem. Ando em maré de "caguira". Conhece esta palavra nova? Equivalente da "urucubaca" tão em uso no tempo do Hermes. Meu mal é curioso, Rangel. Excesso de *chance*. Tudo me sai sorteado. Um dia, de boca, te contarei mil coisas.

O José Maria Bello e *O Paiz* falaram dos *Urupês*. Vão os recortes e uma carta do Herman Lima, que não conheço pessoalmente. Quem merecia esta tremenda reclamação eras tu, meu Rangel, cem vezes mais artista que eu — e estás silenciado! Parece incrível que não descubram em meus contos a pura obra de carpintaria que aquilo é. Peças ajeitadas *ad hoc* para produzir efeitos cénicos ou sentimentais — coisa de "curioso" da roça, nada mais. Ando com vontade de arrazar o meu livro numa crítica tremenda e desmascaradora, com um pseudónimo. Já me engulha esse livro. Nem rever as provas da segunda edição pude — reve-lo seria rele-lo e meu estomago rebela-se. Vem-me impetos infanticidas. Por que o reedita então? Porque se vende. Já que o publico é besta, toca a explorar o publico. Mas isto cá só entre nós. Com os outros eu me tomo a serio e com a maior gravidade.

Resolve quanto á *Vida Ociosa* e escreve-me.

LOBATO.

S. Paulo, 19,9,1918.

Rangel:

O juizado te deu volta á cabeça. Escreves sobre o sobrinho toda uma xaropada e esqueces de me indicar o seu endereço, de modo que fico sabendo de tudo mas sem meios de dar a favor dele um passo pratico.

Parabens pelo juizado, e espero que desta feita te cures de metade de tuas doenças. Para a solenização do prodigioso acontecimento é indispensavel que venhas tomar um chope no Guarani. Eu se fosse o governo de Minas forçaria por lei todos os juizes mineiros a um mês annual de Rio ou S. Paulo,

a titulo de desasnamto. Um juiz enterrado anos a fio numa dessas bibocas opiladas que vocês chamam "cidades" cria bolores no cerebro; enche-se-lhe a alma de carunchos, baratas, percevejos, todos os perniciosas da estagnação. É condição de hygiene um periodico desasnar-se nestas metropoles safadas, onde ha francesas e outros revulsivos — nefastos como a estriquinina, quando ingeridos em doses macissas, mas beneficos como a estriquinina, quando sabiamente dosados. Ora, ha decadas que vives sopitado entre a filarmónica de Santa Rita do Sapucaí e o fitar o umbigo da vida introspectiva. Estás fatalmente com mais ostras na quilha do que navio alemão internado em porto neutro. A Harmonia Universal impõe-te um espreguiçamento, um *clean up* da casa cerebral. Inventa lá uma carta de bacharel que só possa ser tirada com a tua presença aqui; ou vem a chamado urgente do Tribunal de Justiça; ou vem trazido por um dos mil modos de vir inventados pelos maridos mais espertos que as esposas. Mas vem — e logo. Queremos ver a cara do novo juiz mineiro.

LOBATO.

S. Paulo, 30,9,1918.

Rangel:

O teu sobrinho (que ainda não sei onde mora) veio procurar-me, mas justamente quando eu não estava. Não teri o senso da oportunidade e isso deixou o negocio no mesmo pé. Não posso comunicar-me com ele porque nem ele nem o tio me favorecem com o endereço. Que familia desastrada!

Reclamo a berros os *Bem Casados*. A *Revista* anda á procura de bons romances e não ha noticia de nenhum melhor que o teu. Manda-mo a toda brida! Depois de impresso na *Revista*, fazes o repasse ultimo e soltamo-lo em livro.

Já pedi ás oficinas orçamento para a 4.^a edição dos *Urupês*. Como sai esse livro! Vende-se tão bem como o *Tenente Galinha*...

Adeus.

LOBATO.

S. Paulo, 12,10,1918.

Rangel:

Escapei da grande encrenca. Purezinha não viu a carta. Eu te disse aquilo muito de proposito para que tua mulher lesse. O caso foi assim. Esteve cá não sei quem de Minas e me contou que te achara excessivamente magro e tua mulher muito gorda. E vou eu então e escrevo aquilo, para que ela emagrecesse um pouco e desse modo se aproximasse do equilibrio conjugal quanto ao peso. Otimo o sistema das mulheres lerem as cartas do marido: serve até para fins terapeuticos.

Esteve cá a tua irmã e o sobrinho. Pouca valia tenho para colocar gente, mas talvez arrume o moço. Estou agindo.

Achei bastante "preciosa" a tua carta (no sentido de Molière) e com amabilidades que em geral só usamos com os inimigos ou os indiferentes. Será que o juizado já está agindo? E até para os amigos escreves em lingua "magistral"? Deixa-te disso, meu pulha, que ainda que vás para o Supremo para mim serás sempre o Rangel que fez de "gato pingado" no enterro do Orelha Gorda. Não ha grande homem para o criado de quarto de Napoleão.

Quando te removes para Estrela? Estou ansioso pelo teu ancoramento, a ver se cumpres o prometido á *Revista*. Que ou qual revista não desiste de publicar os *Bens Casados* mesmo como estão. Isso de melhorar o escrito velho não melhora coisa nenhuma; ha o caso do santeiro que de tanto apurar o olho do santo deixou-o cego. Manda-me os *Bem Casados* e pára lá com a burrice. Cheira-me a burrice de juiz — que é a peor. Eu queria, agora que a *Revista* é minha, ver-te ali como gato da casa, em todos os numeros, com coisas filologicas com romances e contos, espiolhados ou não. Vamos, meu juiz estrelado! Pendura a toga no porta-chapeus e "minaretiza" á moda velha.

LOBATO.

S. Paulo, 14,11,1918.

Rangel:

Se já sararam todos em tua casa, parabens. Parabens que ainda não posso receber porque tenho na cama tres filhos

e duas criadinhas. Só em minha mulher não deu a infernal gripe, mas deu no pobre Adalgiso. Acabo de vir do cemiterio onde o enterramos. Morreu hontem ás 7 da noite, dias depois de sair no *Estado* o seu ultimo artigo, um em que fazia a mais extravazante apologia do Gelsemium para a gripe. O nosso pobre Adalgiso deu essa droga como o remedio infalivel contra a peste — foi para a cama e morreu da peste. Das mortes havidas, nenhuma senti tanto. Que bela inteligencia! E das servidas pela mais primorosa cultura literaria. Fino, o Adalgiso. Ultra fino. Um encanto. Mas seu corpo era dos mais mal servidos de nervos e musculos. Teve tudo para uma esplendida vitoria no mundo das letras, mas falhou porque o corpo o não ajudava — corpo tão fraco que não resistiu á gripe, nem com a maçissa apoteose do Gelsemium.

O que tem havido por aqui e no Rio é um rosario de horrores e tragedias. Aquelas infernais pestes da Idade Media deviam ser assim. Um furacão inopinado. Rajadas de morte. Só quem aguentou o lance num centro populoso como este, pode fazer ideia.

Arranjei colocação para o teu sobrinho no Correio, mas justamente quando o Administrador mandou chama-lo, ele, *pá!* cai com gripe... Não tem o minimo senso da oportunidade.

LOBATO.

S. Paulo, 24,11,1918.

Rangel:

A peste penetrou em casa. Adoecemos oito pessoas — ou todos, menos Purezinha. Mas saramos todos e espero que estejamos quites com o flagelo em troca da perda de uns tantos quilos de carne.

Das mortes proximas e sentidas doeram-me mais a do Adalgiso e a do Simões Pinto. Adalgiso nestes ultimos tempos convivia comigo tal qual vocês do Cenaculo antigamente. Tenho-lhe a imagem — ou mil imagens — gravadas em todas as celulas do cerebro — e tenho aqui em casa todos os seus livros (a viuva entregou-mos para que os venda), e recortes de jornais, autografos. Pobre Adalgiso! Era a melhor inte-

ligencia de quantas sei por aqui, mas num corpo de valetudinário. Gibson devia ser assim.

Como ainda estou de resguardo e preso em casa, leio como nos bons tempos de Taubaté. Fechei neste momento um romance de Lima Barreto, *Isaias Caminha*. É dos tais legíveis de cabo a rabo. Romancista de verdade. Amanhã vou assinar com ele contrato para a edição dum livro novo, *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*, cujos originais já estão aqui. A letra é infamerrima e irregularissima. Ha trechos em que o autor positivamente cambaleia, e outros em que pára para "destripar o mico". Mas quanto talento de bom! Também contratei a edição de cinco livros do Martim Francisco, esse homem que chispa como curto circuito. A coisa vai, Rangel. Tenho esperanças de que desta brincadeira da *Revista do Brasil* me saia uma boa casa editora. Pena morarmos num país em que o analfabetismo cresce. Cresce com o aumento da população... Vou mandar-te a lista dos livros do Adalgiso; talvez alguma coisa te interesse. Avisa-me da fixação definitiva na Estrela. Uma cidade chamada Estrela! Ha um Mar-de-Espanha aí. Que é que não ha em Minas, Rangel!

LOBATO.

1919

S. Paulo, 27,1,1919.

Rangel:

Abri no *Estadinho* um concurso de coisas sobre o Saci-Pererê e convido-te a meter o bedelho — você e outros sacizantes que haja por aí. Dá o toque de rebate.

A *Revista* traz o teu *Fialho*. Deves fazer coisa idêntica sobre material nosso. A revista está se afastando do seu programa. Neste numero só falamos de coisas nossas o Me-deiros e eu. Tudo mais é coisa forasteira. Anda a nossa gente tão viciada em só dar atenção às coisas exóticas, que mesmo uma “revista do Brasil” vira logo revista de Paris ou da China. Nascida para espelho de coisas desta terra, insensivelmente vai refletindo só coisas de fora. Estou me preparando para um ensaio sobre lendas e mitos, e um dia te mandarei o programa para que colabores.

O *Queijo de Minas* ressuscitou na *Vida Moderna*. Foi o meio que achei de colaborar naquela indecência.

O ultimo numero da *Revista do Brasil* está “canino”; aparece você, o Ricardo, o Albino e eu. O Pinheiro tem a mania das “enquetes”. Quer abrir lá uma “enquete” mas não acha sobre o que, e pediu-me a opinião. Sobre que enquetar Rangel? Cotuca o cerebro a ver se sai o piolho duma ideia.

LOBATO.

S. Paulo, 8,2,1919.

Rangel:

Recebi a *Vida*. Parece-me aconselhavel substituir a simples enumeração dos capitulos, coisa anti-comercial, pela denominação dos capitulos, coisa comercialissima. Acho horrivel-

mente arido um romance de capitulos numerados. E é fertil o em que cada capitulo tem um titulozinho tentador. Como faz Mestre Machado. O do Léo Vaz tambem é assim. Tudo que nos livros predispõe bem o publico ledor e comprador, é agradável a Deus. Se queres, eu mesmo batiso os capitulos — ou então mandas-me daí os nomes.

Na primeira pagina vejo: *pios e regorgios* de aves. Queres dizer *regorgeio* ou os tico-ticos de Minas produzem *regorgios*? A gente aqui em S. Paulo nunca sabe ao certo como são as vozes ornitologicas dos outros estados.

LOBATO.

S. Paulo, 20,2,1919.

Rangel:

Recebi teu cartão. É tanto o serviço, mas tanto, tanto, que já nem me coço: falta de tempo. Eis a causa do meu silencio. A *Revista* cresce e engorda como bananeira, e a seção das edições toma corpo. Hontem saiu o romance do Lima Barreto; sai hoje o primeiro da serie Martim Francisco — e quantos na bica! O negocio vai crescendo de tal modo que já estamos montando oficinas proprias, especializadas na fatura de livros. Talvez o numero de março já seja feito em casa. Tambem iniciamos a importação de papel. Hontem chegou a Santos uma partida de 40 toneladas. Já meço literatura ás toneladas. Ha mil coisas a atender e o tempo vôa e não dou conta do serviço. Ah, os belos dias contemplativos da fazenda! Começo a não ler nada, estou no caminho da bestificação. Tres anos de vida como esta, e estou galego de balcão, com os pés virados para fora. Vendendo, vendendo coisas. Que sordido fiquei! Como estou traindo o Ricardo! Olegario, Ribeiro, Lobato & Cia Limitada — vê que horror! Meu nome, que aparecia no alto dos livros ou em baixo de artigos, virou agora objeto de registro na Junta Comercial. Creio que desta vez o virus literario que havia em mim, e você, miseravel Rangel, alimentou, está morto e bem morto.

O quanto é interessante, ativa, risonha e franca e perspectiva do negociante matriculado, é mesquinha, fechada e

arida a do literato — esse bicho caspento e sempre com o almoço em atrazo. Nosso país não comporta ainda a arte — nenhuma arte, fora a do galego de pé virado. A arvore-Brasil ainda não chegou na fase da floração. Ainda é um pé de mamona que nasceu ao léu, no monte de esterco lusitano. Machado de Assis, Pedro Americo, Bilac, Carlos Gomes: flores de papel de seda europeu amarradas nos talos do arbusto. Nada os liga ao pé de mamona, salvo a embira do amarrilho. Desbotam com o tempo e ficam tal qual flores secas de mastro de S. João em agosto. Quem se mete a literato no mamonal ou é tolo ou patife. E por esse motivo, creio que passo definitivamente de escritor a tirador de leite dos escritores. Esta industria tem enriquecido varios galegos analfabetos, ou “burros” de nascença; talvez tambem enriqueça a um sujeito que embora não burro de nascença seja um “burro deliberrado”. A *Revista* começou a prosperar depois que se deslitteratizou, isto é, que se afastaram os homens de letras que a dirigiam. Agora já não ha cabeças na redação; ha bundas. Somos cosinheiros. Todo mundo lê lá fora a *Revista*; aqui dentro quem a lê vai para o olho da rua. Seria perder tempo e paralizar a prosperidade da casa.

Somos uma leiteria com varias vacas lá fora. Você é uma delas. Temos aqui um leite que você produziu, chamado *Tatá* — que nunca sai porque nunca ha espaço. É um leite muito grande — é toda uma lata de leite. Você é vaca holandesa, das que dão leite demais, e dão leites muito compridos. Se puder meter a tesoura nesse conto e reduzi-lo a dois, ou a tres, seria otimo. E arruma logo o *Bem Casados* para sair sob forma de livro. O livro é leite transformado em queijo. Ha mercado para queijos. O *Vida Ociosa* tambem. Ficarás sendo uma vaca de dois queijos.

Adeus. Afí vem o professor de inglês. Estamos todos da *Revista* aprendendo a falar inglês — inglês comercial, o sorridente, e é hora da lição.

Abraça-te o amigo leiteiro.

LOBATO.

S. Paulo, 4,3,1919.

Rangel:

Que mudez é essa? É tão espesso assim o ar dessa Estrela? Que eu, abarbado com mil coisas, seja escasso e galo-

pante, entende-se; mas você, um juiz estelarmente vazio, não se entende. Que opilado me estás saindo! Picou-te acaso algum “barbeiro”? Estás já de papo? Quando mandas os originaes dos *Bem Casados* e da *Vida Ociosa* para o lançamento em livro? Anda, mexe-te, vive — sai dessa agua verde da Estrela — primaveriza-te, ó toupeira em hibernação! Raul contou-me ontem que lhe escreveste. Escreves a ele e a mim não, cachorro!

Aqui morre-se de trabalhar. Já temos oficinas proprias e problemas operarios. E firma registrada na Junta Commercial. Chamamo-nos na “praça” Olegario Ribeiro, Lobato & Cia Limitada! A “Praça”! Uma coisa seriissima, Rangel. Temos dum lado, literariamente, o Publico Ledor; e de outro, commercialmente, a Praça!... O proximo numero da *Revista* já será impresso em *nossas* oficinas, com tintas *nossas*, tipos *nossos* — e verás como melhorará de factura. Temos absoluta necessidade dum conto teu para o numero de abril. Manda um dos humoristicos. Não faz mal que não seja inedito.

O Publico, Rangel! A Praça!...

LOBATO.

S. Paulo, 13,4,1919.

Rangel:

Tive ideia do livrinho que vai, para experiencia do publico infantil escolar, que em materia fabulistica anda a ne-nhum. Ha umas fabulas do João Kopke, mas em verso — e diz o Correia que os versos do Kopke são versos do Kopke, isto é, insulsos e de não facil comprehensão por cerebros ainda tenros. Fiz então o que vai. Tomei de La Fontaine o enredo e vesti-o á minha moda, ao sabor do meu capricho, crente como sou de que o capricho é o melhor dos figurinos. A mim me parecem boas e bem ajustadas ao fim — mas a coruja sempre acha lindos os filhotes. Quero de ti duas coisas: juizo sobre a adaptabilidade á mente infantil e anotação dos defeitos de forma. Mas pelo amor de Deus não as elogie. Ando elogiado demais — como quem se regalou demais com mel e está com a boca a arder, e a querer tudo no mundo, menos mel... Desan-ca-me um pouco, Rangel. Sinto necessidade de humilhação...

LOBATO.

S. Paulo 20,4,1919.

Rangel:

Recebi carta e *Clamores Vãos*. Irra!... Será verdade todo aquele furor uterino? Mas, Rangel, onde ficam as minhas leitoras puritanas? Onde fica a honesta *pruderie* da *Revista do Brasil*, essa vestal? Se te publico o Nôe de Matos, decaio e decai a revista no conceito dos seus 3 mil assinantes envergonhadíssimos — gente que só faz as coisas atrás da porta. E este meu rebanho é precioso. Tenho de evitar estouros de boiada. Mande-me coisa moral, com casamento no fim e dedo de Deus. Agora compreendo a sabedoria do Buloz, aquele diretor da *Revue des Deux Mondes* que o Eça escorchou. E venha conto com teu nome, sim? Nada de pseudônimo. Conto, ouviu? Ha escassez por aqui de contos bons (como os nossos).

O discurso do Ruy foi um pé de vento que deu nos *Urupês*. Não ficou um para remedio, dos 7.000! Estou apressando a quarta edição, que irá do oitavo ao decimo segundo milheiro. Tiro-as agora aos quatro mil. E isto antes de um ano, hein? O livro assanhou a taba — e agora, com o discurso do Caci-Mór, vai subir que nem foguete.

E você, Juiz? Estou sequioso por ver-te na boca da critica — ver-te aclamado e com discurso do Ruy em cima. E tu te metes nas encolhas feito um bicho-de-conta, enrodilhado aí nessa Estrela, a matar “barbeiros”. Isso não é nada honesto, senhor Juiz.

A Academia, perguntas? Ah, Rangel, não tenho tempo nem de pensar nisso, apesar das sugestões havidas. O Vicente, com muito acerto, já o disse ao Julio Cesar: “O Lobato não tem feitio academico”. Nada mais certo. Nada pode existir menos academico que eu. Se eu vivesse no primitivo ceu, era mais provavel que fizesse camaradagem com Lucifer do que com qualquer anjo bem comportado. E depois, eu me sinto terrivelmente mortal. A “imortalidade” me assusta...

Tenho no prelo outro livro, sem nome ainda. Coisas velhas. Infame exploração da reclame do Ruy...

LOBATO.

S. Paulo, 1,5,1919.

Rangel:

Só agora, que as reclamaste com autoridade de Juiz, quasi sob vara, disponho-me a devolver-te as cartas. Mas antes quis rele-las. Estão comigo ha quanto tempo? E só agora pude correr os olhos sobre algumas. Que fotografias, meu caro! *Snap-shots*. Estamos ali inteirinhos, com os sonhos todos e a grande ansia de crear... Nas minhas noto tambem um furor de argentario que lembra o de Balzac. Quantos planos para enriquecer! Quanta negociata! Quanta imaginação! E quantas saudades me deram! Naquele tempo era você o meu publico — só você. Hoje sou um decaido: meu publico é toda gente. Recebo cartas de toda parte e vou me reduzindo á epistolografia telegrafica. Zás, trás — pronto! E nada do prazer antigo. O grande sonho realizou-se, e mais completo do que jamais me atrevi a desejar. *Ceguei*. Cheguei ao tal pais preluzido em nossos devaneios. E estou desapontado. Não vale o caminho, a travessia... Ou o encontrei aqui neste termino? Alguns espiritos encantadores e uma legião de “penetras”. Nas letras, como na politica, não sobe o que mais vale, senão o mais jeitoso. Olhe a escalada da Academia. A coisa que hoje eu mais desejo me é já um impossivel: voltar ao sossego da fazenda. Tanto que eu gostava de ler — e já não leio, *não tenho tempo*. Meu tempo não é meu, é duma porção de porcarias — negocios, “socialidades”. Começo a compreeuder aquela forma de evasão medieval: o convento. Virar Frei Pantaleão do Aveiro e numa bemaventurança terrestre, bem arrotada, esperar a morte na paz do Senhor, no vazio cerebral da paz do Senhor...

Minha situação é esta: sinto-me maduro e apetrechado para a expressão; tenho na cabeça belos germens de contos, romances, o diabo. E tenho, o que é mais raro, publico. Mas não disponho duma hora minha! Vou virando uma especie de mictorio literario. Quanto “homem de letras” passa por S. Paulo se julga no dever de vir dar a sua mijada de ideias em mim, lá no escritorio. E fala nos *Urupês*. Mija-me em cima aqueles contos e diz como absolutas novidades coisas que eu já ouvi cem vezes. — “*A Colcha de Retalhos! Que mimo!...*”

E as mijadas são tantas que eu vou para casa tresandando a literatura amoniacal. Felizmente ha o “banho desodorante” de todas as noites no Café Guarani — ou o que o René,

com cara de nojo, deve chamar a "roda do Lobato". Um dia te conto o que é a minha roda. Compõe-se dum "pau-d'agua", dum "tungador" engraçadíssimo, dum empregado de banco e mais coisas assim. Conversa-se de tudo, menos literatura e arte; e a obrigação é só dizer coisas interessantes e que façam rir — todos nos rimos continuamente, ainda que não haja graça. O "tungador" é um prodígio de giria malandra; conta com tal graça as patifarias que faz, que até as vítimas se regalariam, se o ouvissem. Nenhum deles sabe que sou escritor, porque eu funciono como uma coisa só: o "pagante". Ha dias o empregado de banco me perguntou, muito impressionado:

— É verdade, Lobato, que você tem um livro? Ouvi dizer...

Dei uma grande risada. "Se eu tivesse um livro, Gama, punha-o no sebo. Não tolero livros, nem gente que escreve livros".

Ele sossegou.

Ninguém compreende que eu me reúna todas as noites a essa roda, diante de chopes lá no Guarani, em vez de estar nos salões elegantes da *haute* conversando sobre os sonetos do Bilac. Mas eu, que passo o dia no escritorio exposto a todas as mijadas literarias com que hajam por bem mijar-me, sei que alívio, que desodorante, que repousante, é a "roda do Lobato".

Você aí nessa biboca se queixa do "barbeiro". Sim, esses insetos chupam o sangue, transmitem a papeira — mas não são *raseurs*, Rangel! Ah, os barbeiros daqui, os barbeiros bipedes! Que te direi destas minhocas que roem o duodeno de Minerva? Cada um deles é o centro do universo e "o mais" qualquer coisa. Poços de vaidade, sem fundo. Himalaias de suscetibilidade. A méta suprema, a Academia. Para entrar lá não ha o que não façam — até livros! Mas livros que só têm um intuito: receber as tremendas "dedicatorias de penetração". Dedicatorias-tatús, que abrem tuneis rumo aos objetivos. Dedicatorias cheias de adjetivos tilitantes, que provocam espasmos de deleite nas vaidades que as recebem. Ah, Rangel, você não sabe o que é a dedicatoria — sutil gazua literaria, velha como o mundo e sempre eficaz, porque é um cafuné.

Aquele nosso periodo aureo do Minarete no Belemzinho! Quanto mais vivo, mais dou valor a tão lindo sonho vivido.

**A-ca-zon-de-mo-ra-que-la
Me-ni-na-côr-da-çu-ce-na...**

Estou vendo o Ricardo a medir os versos desse soneto, a repeti-los vezes e vezes, com os olhos na nossa paineira do quintal... Que saudades! Quanta aurora dentro de nós!... Ricardo acertou, matando-se. Só vale a pena viver a manhã da vida — ou quando muito até ali pelas 2 horas da tarde. Tenho medo do anoitecer, Rangel...

Adeus. Escreve-me á moda antiga, para desencrostar-me a alma que está virando mais publica que uma mulher publica.

LOBATO.

S. Paulo, 26,5,1919.

Rangel:

Que ideia sinistra a tua, de publicarmos as nossas cartas! Seria dum grotesco supremo, porque cartas só interessam ao publico quando são historicas ou quando oriundas de, ou relativas a, grandes personalidades. No nosso caso não ha nada disso: não são historicas e nós não passamos de dois pulgões de roseira — eu, um pulgão publicado; você, um pulgão inedito. O interesse que achas nas tais cartas é o interesse da coruja pelas peninhas dos seus filhotes. Formam um album de instantaneos da nossa vida. Mas o publico quer penas de pavão, plumas de avestrús ou aigrettes de garça: não quer peninhas de filhote de coruja. Todos iriam rir-se de nós, alem de que estão cheias de maldadesinhas endereçadas aos amigos e conhecidos, sobretudo por mim, que tenho a mania de arrazar tudo, a começar por mim mesmo. Não. Varra com a ideia.

Ando querendo mudar para o Rio a *Revista do Brasil*. Em S. Paulo ela terá sempre o carater regional, provinciano e isso a diminue. Veja em França. Todas as revistas irradiam de Paris. As capitais são o centro natural de certas irradiações. E é bem possivel que eu mude a *Revista* ainda este ano.

Adeus. Ando num desanimo, numa neurastenia tragica. Faço tudo sem vontade, maquinalmente. Cada vez mais me convenço de que o Ricardo era de fato o mais inteligente de todos os cães: bem cedo resolveu o seu problema da vida. Nós

outros cá ficamos a viver — a fazer essa coisa tão sem graça que é viver... Para que viver, diga-me?

LOBATO.

Taubaté, 25,6,1919.

Rangel:

Só agora recebo, devolvida de S. Paulo, tua ultima carta. Estou em Taubaté desde o dia 5, para um mês ou mais de vadição absoluta, a ver se me curo das varias neurastenias que a vida paulistana vai inflitrando nos condenados a lhe absorverem algum gás urico ambiente. Aqui em Taubaté "ouve-se o silencio". Já prestaste atenção á musica do silencio? Parece a zoadá de milhões de grilinhos microscopicos que nos envolvem de todos os lados — e isso opera como eliminador das toxinas urbanas. Não fazer nada... Comer, dormir, não ler, viver como um pé de abobora: não ha melhor Urodonal. Você aí toma esse remedio a vida inteira — o que me parece grande erro. A paz do marasmo vale como medicamento; como alimento perpetuo, traz doenças contrarias. A solução da vida está no alternarmos coisas inversas — rumor e paz do silencio, pasmeira e tumulto, capital e cidadinha do interior. Deves organizar tua vida de modo a teres pelo menos cinco ou seis semanas de capital por ano. Estás ha tanto amachadado, assilvestrado, estrelado...

Estou organizando as coisas para a mudança de séde o ano que vem. Rio. Tenho de localizar-me no centro social do país. E então veremos um jeito de anualmente fazeres uma cura de Rio, que te produzirá o mesmo bem que a mim uma cura de Taubaté. Lembra-te, Godofredo, que a vida é um minuto e só temos uma vida — pelo menos aqui neste planeta. Se não equilibramos o nosso minuto, se o não vivemos bem, a hora da morte nos torturará com amargos arrependimentos.

O Rio! Dei de sonhar com ele agora. Parece-me que é lá o cranio dentro do qual têm de viver todos quantos funcionam como células encefalicas do país — nós dois, por mal nosso, somos materia encefalica. É lá compreensivel uma bolinha de materia encefalica localizada nesse coranchim do Brasil que é a Estrela? Ou naquele musculoso biceps que é

S. Paulo? Acho que essa qualquer coisa que nos agonia e neurasteniza não passa da sensação organica do mal-locamento, isto é, da nossa indevida situação no organismo nacional. Ao contrario do Conselheiro Rodrigues Alves, temos de dizer: "Aqui não é o nosso lugar". Eu me sinto uma abelha dentro dos tuneis dum formigueiro — e você aí deve sentir-se como flor nascida numa raiz. Desconchavo. Erro.

Hoje, pescaria no Paraiba. Já chegou a aranha que nos vai levar. Um dos meus pequenos, o Edgard, está num entusiasmo que dá gosto ver. Tirou a rede do gancho para leva-la. Ele confunde rede de pesca com a rede em que o Guilherme dorme de dia, embalado pelo nhem-nhem do gancho. Hontem ouviu a minha conversa com o Tunico sobre os tipos de rede de pesca usados pelos piracuaras do Paraiba... Pesca — a pesca que me evoca a tua *Vida Ociosa*, esse livro maravilhoso que teimas em não editar e que seria um sucesso de primeira ordem. Grande erro publicar romances em revistas mensais, um fragmento em cada numero. No mês de intervalo entre um pedaço e outro, o leitor esquece o fio — acaba não lendo o resto. De modo que apesar de saído na *Revista*, o teu romance continua positivamente inedito, e teimas em não da-lo em livro!...

É hora. O Edgard grita lá da rua que a rede e a lata de minhocas já estão na aranha... Adeus.

LOBATO.

S. Paulo, 6,7,1919.

Rangel:

Recebi a tua, resposta á minha de Taubaté. Ora até que enfim resolves soltar a *Vida Ociosa*! Vais ver o sucesso. Antes, porem, de tratar comercialmente a coisa, vou explicar-te onde estamos e ao que vamos. Acaba de fazer um ano que comprei a *Revista do Brasil*. Fiz isso por esporte, por falta de occupação depois que vendi a fazenda, e consumi um ano em apalpadelas e experiencia do negocio. Saiu melhor do que esperei. Para comprova basta uma olhadela no balanço. Quando fis a compra, o ativo era de 3 contos e o passivo de 16; custou-me portanto 13 contos. Hoje, um ano depois, estamos com um

ativo de 70 contos e um passivo de zero. Isto me induziu a tomar a coisa a serio e crear a Empresa Editora "Revista do Brasil" com o capital de 100 contos. Estamos organizando a sociedade e com planos de localiza-la no Rio. Entre as coisas futuras projetadas está uma seção argentina, para lançar coisas nossas, traduzidas, no mercado de lingua espanhola, que é grande. Estamos estudando a nossa associação com a Cooperativa Editorial Argentina e uma agencia de publicidade. Iniciaremos a serie com Alencar e outros antigos já em dominio publico, dando simultaneamente uma edição em português e outra em espanhol. Os bons livros brasileiros encontram grande saída em espanhol. Informam-me que o *Mulato* de Aluizio deu na Argentina dez edições (para apenas tres aqui). O meu *Urupês* vai ser lançado pela Cooperativa; estamos trocando cartas a respeito. Ora, tudo isto para te dizer que podemos lançar tambem lá a tua *Vida Ociosa*. Ao mesmo tempo aqui e em Buenos Aires. E este fato forçará aqui a atenção do publico. Que tal? Manda-me os originaes definitivos para calcularmos o custo da edição e fazermos proposta. Estou ansioso por te ver no giro.

O meu *Urupês* continua a sair bestialmente. Até enjoa. Tirei em fim de março mais 4 milheiros; pois só tenho em estoque uns 500 e estou premeditando a 5.^a edição. Vou dar agora *Ideias de Jeca Tatu*, coisas publicadas em jornal, sobretudo no *Estado*. Em seguida darei *Cidades Mortas*, contos de Areias e Taubaté, dados no *Minarete*. Ponho tudo passando em Itaoca, lugarejo imaginario. Depois...

E se entrasses para a nossa sociedade e viesses trabalhar conosco aqui ou no Rio? E poderíamos então entrar para a Academia os dois juntos, de braços dados, ocupando cada um meia cadeira. E de lá enviaremos um psiconema ao Ricardo: *Dé brin o dé bran, cabussaran! Vitoria!* E ele nos berraria através duma mesinha: *Té, Bezuquet! Vê, Pascalon, o Engraçado!*

LOBATO.

S. Paulo, 1,10,1919.

Rangel:

Recebi ontem tua carta quando estava acabando de rever O Gordo Antero, que achei estupendo e me fez dar uma

boa gargalhada na cena do anjo sem costas. Tu és um cão egoísta! Não me conformo com o teu irreduzível ineditismo. Ando já cansado de propor a edição de tuas coisas e não sei o que esperas. Estás mesmo um Jeca Tatú da peor espécie, acororado nessa Estrela do Sul como um bonzo diante dum Buda. Vamos ver se com a mudança para Tres Pontas te desembotas e crias pontas. No numero do Natal queremos dar uma revista melhor, mais gorda e com mais coisas decentes. É imperioso que colabores. Bota para cá o que tiveres mais á mão, na gaveta ou na cachola, e dá um pulo até aqui para conversarmos. Deves estar mais cheio de musgo que um pau velho lá da Serra da Bocaina. É preciso vires lixar-te, coçar-te, nesta civilização. Ha aqui uma coisa chamada “bonde elettrico” que anda sem burros, sabes? Vem ver a maravilha. E ha no Pinoni uma coisa fria, com gosto de abacaxi ou morango, chamada “sorvete” — escreva: “Sor-ve-te.” A gente toma-o com uma colherinha. Venha conhecer o bonde e o sorvete. Não imaginas como S. Paulo é maravilhoso. Lembra a Bagdad das *Mil e Uma Noites*. O ar é perfumado com os fumos dum incenso de origem americana, lá da terra do Edgard Poe, chamado “gasolina”. Escreva no caderninho: “Ga-so-li-na.” E paira no ar, de mistura, o espirito do sultão Harun Freitas Vale; lembra o gás sulfidrico do proprio Apolo. Pede uma licença e vem cá a esta delicia desencrostar-te dos musgos que te pegou essa miseravel Estrela do Sul, donde em boa hora vais sair, removido para Tres Pontas.

LOBATO.

S. Paulo, 21,10,1919.

Rangel:

Você estragou a *Ascensão*. Ha um fecho magnifico: o homem sobe, com aquela tragedia toda, colhe a orquidea e desce radiante. Ao chegar em baixo, porém, dá com a esposa (é preciso um arranjo novo para calhar este lance) e... oferece-lhe a flor! Se me dás licença, refaço o conto para acabar assim e assinaremos de sucia, Rangel & Lobato.

Vejo que Tres Pontas é lugar mais acessível que Estrela. As tuas cartas chegam mais depressa. Para a semana mandarei um dos meus novos livros.

Adeus.

LOBATO.

S. Paulo, 5,11,1919.

Rangel:

Se é assim, parabens por não te promoverem a ministro — se cada promoção te arraza assim dessa maneira. Andas o Pirro da magistratura mineira: com mais duas ou tres promoções de comarca, vais para o asilo de mendigos. Mas essa Tres Pontas, afinal dos finais, é ou não é melhor que a Estrela?

O Albino tambem me comunicou o casorio e do modo mais laconico. "Lobato: Casei-me. Albino." E parece que assim se livrou da tremenda portuguesa.

Aguardo a *Vida Ociosa*. Tenho no prelo varias obras, somando aí uns 15 mil volumes, inclusive novos *Urupês*, *Cidades* e *Ideias*. Tenho de explorar o nome que, diz você, até no sertão está popular. Tiro de cada um 4.000. Resta que o publico absorva tanta livralhada. Os *Urupês* entram agora no 5.º milheiro. Quando poderíamos imaginar isto, Rangel, se até a hipotese de achar editor era uma vaga probabilidade? e discutiamos os argumentos dos contos naquelas cartas que não acabavam mais?... E até para o Cinema vão meus contos entrar. Duas empresas rivais querem fazer *Os Faroleiros*, *O Estigma*, *Bocatorta* e *O Comprador de Fazendas*. Uma dessas empresas produziu uma fita *Caipirinha* que não é totalmente droga.

Estou editando um livro á Machado de Assis, de um novo, Leo Vaz. Creio que já o conheces da *Revista*. Tenho mais fé em contos do que em romance, porque a preguiça nacional aumenta e o conto é mais curto. Em janeiro estou habilitado a editar o teu. Condições: lucros divididos ao meio — Tabela especial para os amigos. Os outros só tem 10% e ainda acabo não lhes dando nada, como fazem os editores espertos. A

função do literato na vida é engordar os editores — e para que perturbar tão veneravel praxe!

LOBATO.

S. Paulo, 30,12,1919.

Rangel:

Gratissimo pela escovadela e conserto das *Ideias de Jéca Tatú*, que foi atamancado numa semana, depois de encalhado numa miseravel tipografia falida e mudado para outra peor ainda, que tambem ia falir ou mudar, não sei. Agora te mando um exemplar de edição mais decente, com a condição de dares o que tens aí ao porco mais magro de Minas. Aquilo não foi edição para gente ler e sim para porco magro comer.

A saída desses dois livros decepcionou-me ás avessas. Tirei de ambos 8 mil e antes que os jornais falassem vendi 4.500!... Já estou promovendo nova tiragem. Vendo-me como pinhão cosido ou pipoca em noite de "escavalinho" Por que gosta o publico de mim dessa maneira? Ando intrigado. Tudo que imprimo vâa. A 5.^a edição dos *Urupês*, como se retardasse no prelo, foi vendida antes de sair. Os pedidos das livrarias estavam tão acumulados que depois de feita a entrega bem pouco sobrou. Tenho de pensar já na sexta...

E você, infame! Eu sempre ansioso por lançar-te com todas as zabumbas e não te mexes. Venham logo os originais, que a nossa casinha editora vai de vento em popa — mas que vento: furacão! Não ha memoria de triunfo igual.

Otima a ideia do livro de poesias do Ricardo! Venha a coisa e com prefacio ou comentarios teus. Mas depressa, homem! *Time is money!*

LOBATO.

1920

S. Paulo, 17,1,1920.

Rangel :

Tens toda e não tens nenhuma razão. Tens-na no meu caso: não sou literato, não pretendo ser, não aspiro a louros academicos, glorias, bobagens. Faço livros e vendo-os porque ha mercado para a mercadoria; exatamente o negocio do que faz vassouras e vende-as, do que faz chouriços e vende-os. E timbro em avisar ao leitor de que não sei a lingua. Se por acaso algum dia fizer outro livro, hei-de usar aqueles letreiros das fitas:

CHAMINÉS

Contos de Monteiro Lobato, com pronomes por Alvaro Guerra; com a sintaxe visada por José Feliciano e a prosodia garantida no tabelião por Eduardo Carlos Pereira. As virgulas são do insigne virgulografo Nunálvares, etc.

Tudo, gente da mais alta especialização — e a critica que se engalfinhe com eles. Isso, para não haver hipotese de me sair coisa vergonhosa com a primeira edição de *Ideias de Géca Tatú*. Não houve o que não houvesse na impressão desse livro. Era numa pequena officina do largo do Arouche que estava de mudança, e era o ultimo trabalho que atamancavam lá. Quando vim a saber e quis acudir ao coitadinho, era tarde. Fui lá de noite. Encontrei o unico prelo ainda não mudado rodando na impressão da primeira folha. Pedi que parassem para eu examinar o serviço. Li varias paginas e corei até á raiz da alma. Não tinham feito revisão nenhuma. Erros indecorosos pululavam ali como pulga em cachorro sarnento. Corrigi o que pude. Era composição manual — uns tipos velhos, desbeiqados, indecentes. Tudo indecente. Estive lá até meia noite caçando pulgas no resto, mas desanimei: havia

mais pulgas do que estrelas no ceu. Mandei tudo para o inferno e fui dormir.

Pois a indecencia saiu e o publico absorveu os 4 milheiros dessa primeira edição, levando de choro as pulgas. Mas não me pejo de confessar a minha infamia. O publico — o respeitavel publico dos circos de cavalinhos — merece um pouco de atenção. Porque, afinal de contas, Rangel, é o publico quem marcha com os cobres. Has de crer que não tive a coragem de abrir esse livro, depois que mo entregaram impresso?

Sabe como se chama isso? Relaxamento, desordem, má organização. E foi bom que viesse num livro meu. Imagine que a vitima do desastre é lá a tua *Vida Ociosa!* Mas a *Vida*, vais ver! Juro que a ponho na rua sem uma só pulguinha, sem uma virgula errada.

Minha vergonha é daquelas que levavam os antigos a cobrir a cabeça de cinzas. Na India parece que num caso assim o sujeito besunta-se com bosta de vaca. Aqui, o cinico permanece com a mesma cara de sempre e embolsa os lucros da infamia...

Adeus. Um abraço do sordido, indecoroso

LOBATO.

S. Paulo, 14,2,1920.

Rangel:

Até que enfim pilho folga para te escrever sem pressa telegrafica. Já reli *Ideias* e fiz as correções. Imagine o meu odio: só agora verifiquei que o tipografo não respeitou a minha segunda revisão de provas e lá deixou tantos erros. Porisso saiu tão imundo, até com pasteis. Isso de graficos é uma canalha que não merece confiança nenhuma. Obrigam-me até a rever provas de maquina.

A *Vida Ociosa* ainda não chegou. Ao receber tua carta falavamos dela, eu e o Menotti: que era um crime deixa-la inedita. Felizmente acordaste e a coisa "evem" vindo. Vou caprichar na edição e da-la digna do autor.

Estrondoso triunfo está tendo o Léo Vaz. A primeira edição do *Jeremias* exgotou-se antes que os jornais tivessem tempo de falar — em pouco mais de quinze dias!...

Estou triste, Rangel, porque verifiquei que só escrevo coisas que prestem quando sob a influencia da indignação. É a minha musa, a Colera! Todos os meus contos e artigos brotam desse sentimento creador. Ora, com os anos, a fagulha da indignação vai arrefecendo, substituida pela tolerancia filosofica. Passo hoje meses sem um assomo dos antigos odios. Resultado: zero. Triste coisa a velhice...

Pretendia escrever-te longamente, mas nem ficando em casa tenho sossego. O Taunay acaba de telefonar-me e vem para discutir uma edição do Visconde. Por falar: iamos dar na "Resenha do Mês", da *Revista*, aquele teu estudo sobre o veterano da retirada da Laguna que ainda existe nessa Minas, mas na tipografia perderam-me o original. Manda outro, para que saia no numero de março. O de fevereiro está quasi pronto e deve aparecer logo — se S. Majestade o Operario não mandar o contrario. Andam lá em greve nas oficinas. Bom. Adeus. O Taunay chegou.

LOBATO.

S. Paulo, 15,3,1920.

Rangel:

Receberás aí um pedaço de carta. A atrapalhação é tanta que nem meter dentro do envelope uma carta inteira é coisa que faço direito. O teu conto sairá logo que haja vasa. Não o li ainda. A *Vida Ociosa* ficará para quando estivermos mais folgados. Atualmente somos obrigados a dar execução a uma serie de edições contratadas. Ai que saudades da boa vidinha de outrora, vazia de comercialidades, sossegada, com bezerros chamando a mamãe e o jumento zurrando pelas eguas! O meu lampeão belga lá da fazenda! E Areias com o Julinho; e Taubaté com o Eugenio e a bicicleta! Hoje é o turbilhão e o Otales, uma fera de menino que quer ficar Matarazzo e tem mais negocios na cabeça do que o Frango Sura tem piolhos na trunfa. Até com o xadrez da minha sala se implicou.

É um modo de dizer como o D'Argenton do *Jack*: "A vida não é um romance, Lobato".

LOBATO.

S. Paulo 23,3,1920.

Rangel:

Confirmo o cartão de 15, quanto ao teu romance. O triunfo das nossas edições está excedendo aos meus calculos; desde janeiro, 12 mil volumes vendidos: 4 mil *Cidades Mortas*, 4 mil *Ideias de Jéca*, 3 mil *Urupês* e mil *Jeremias*. Estamos a reeditar tudo isso e mais essas novidades do impresso incluso. Estão a sair *Sem Crime*, de Pápi Junior, lá do Norte, romance; *Madame Pommery*, uma obra prima de satira bordelenga, do Toledo Malta ou "Hilario Tacito": Tacito, porque aquilo é historia, e Hilario porque é historia alegre. E penso numa coisa revolucionaria e notavel: o *Dicionario Brasileiro*, cujo programa apparecerá em artigo meu no *Correio da Manhã*. Por modestia, attribuo a coisa ao Assis Cintra, um filologo novo que me appareceu e ao qual talvez eu encarregue da obra.

Comercialmente o negocio encorpa dia a dia. Já entram mais de 20 contos por mês. A coisa vai, Rangel — e vai tambem, embora meio empurrado, o *Amor Imortal* do Nogueira, cujo defeito é ser muito alto para a mediania do publico.

Ando a colaborar no *Correio da Manhã* e tive convite d'O *Jornal*. Cincoenta mil reis o artigo. Vou custear com as unhas a sucursal da *Revista* aberta no Rio, isto é, com esses artigos. Hontem escrevi dois; as porcas lá da fazenda eram mais ferteis — pariam seis, sete leitões de cada vez. Está me renascendo a facilidade antiga, amodorrada por falta de treino.

Flama e Argila não é livro vulgar, mas não fixa tipos. Li-o e conservo nomes na cabeça, mas "não vejo" as creaturas. Tem tido critica otima, mas o Menotti me disse que se vende pouco. O *Jeremias*, sim, está tendo saida excelente. Leste-o! Perpassa nele um humorismo displicente de quem não quer — tal qual o autor. Aquilo é o Leo escarrado. Uma especie de Machado de Assis sem a gagueira. S. Paulo está se saindo. Os "novos" entram "feitos" e impõem-se de jacto. Eu, o Léo, o Menotti e vai ver que tambem o Malta.

E você? Continua a encambar os contos humorísticos? Que venham. No que aqui está ainda não tive tempo de fazer aquele enxerto. É tanta coisa picadinha em que pensar, cuidar, fazer e mandar fazer... Sou eu para tudo na parte intelectual; o Otales só cuida da comercial. Pelo meu programa, a *Vida Ociosa* entra em cena em junho, e mandarei a ultima prova para o "repasso de autor".

E tua fuga até cá? Apresse isso; faça como o Nogueira, que vem sempre — e gordo de dar inveja no Correia, o ultra-magro da roda. Excelente Correia! Não me larga e é quem me julga os livros de versos apresentados, porque, como amaldiçoado das Musas, eu nunca sei se um verso presta ou não.

Raul aparece raras vezes, como uma sombra do passado. Surdissimo e cada vez mais solitario, porque os homens que ouvem fogem dos que não ouvem. Anda sempre em companhia de outros surdos, pois formam um clan e lá se entendem maravilhosamente bem. Tito, coitado! Que pena me dá o Tito — o nosso Titametro de outrora... Lino, prospero e fulgente, cá esteve recém-vindo de Buenos Aires, onde tem sogro Embaixador. Não perdeu uma só chispa. Albino casou-se, como você sabe, e ainda filosofa, incerto de tudo — até se teria feito uma asneira, casando-se. E eu... eu cá me fico, porque o papel está no fim.

LOBATO.

S. Paulo, 8,6,1920.

Rangel:

A carta do Ney não tem nenhum interesse publico. Confidencinhas caseiras sem importancia. Aí volta.

Estive no Rio uma boa temporada e de retorno esforço-me para a readaptação a este vacuo absoluto que é S. Paulo. Ah, Rangel, que saudades do tempo em que lá na fazenda eu lidava com leitões e pintos em vez de homens de letras! Que erro trocar a solidão da serra por esta *curée* da capital! Se não fossem as raízes — mulher e filhos — sumia-me de vez num fundão e passaria o resto dos meus anos acocorado á beira dum corguinho, de pito na boca e vara de pescar na mão.

E você? Satisfeito com a sorte? Ha quanto tempo não me escreves, não te abres em confidencias como outrora!

Tudo passa, disse aquela besta do Victor Hugo. Sinto que já passou a nossa fase de convivio epistolar. Matou-a a minha pressa, o remoinho idiota em que vivo, o turumbamba da cidade. A esgrimir de todos os lados contra inimigos e amigos, a dar e levar porradas, vai-se-nos a vida, chegam os cabelos brancos e mais a esclerose — e adeus vida! E, velhos, convencemo-nos que em vez de viver apenas esperneamos — apenas nos agitamos...

LOBATO.

S. Paulo, 11,6,1920.

Rangel:

Tarde piaste. A revista deste mês está pronta. Traz o teu *Croisé*, que é engraçadissimo. Como, entretanto, não circula por aí, o Binho nunca suspeitará que anda metido em letra de fôrma. Terrores vão os teus. Os Binhos não lêem.

Aqui vamos remando contra a maré. Nossa gente não tem educação comercial. Deixa de cumprir os compromissos com a mesma inocencia com que tira ouro do nariz. Credito, só para turco ou italiano. Quem o abre ao nacional, está perdido. Esse bicho é inocentemente, ingenuamente, sinceramente deshonesto, e nem sequer desconfia disso. Dá dó. Todos os nossos calotes, até aqui, foram nacionais.

LOBATO.

S. Paulo, 4,8,1920.

Rangel:

Queria pregar-te uma surpresa: dar a *Vida Ociosa* pronta quando menos esperasses. Mas o sentimentalismo entrou em conflito com o utilitarismo — e lá vão as provas para o teu repasse final. Falha a surpresa, mas escapas ao perigo de erros por descuido aqui. Creio que entre nós não é preciso contrato. Tudo meio a meio, como já combinamos. Mas é for-

goso que cortes aquele final com que toda gente — e com carradas de razão — se implica.

LOBATO.

S. Paulo, 30,8,1920.

Rangel:

Vieram as provas. Mandarei segundas. Dos dois titulos, melhor o velho. *Bonança!* Desenxabido demais. Molenga. Vê se achas coisa mais forte, mais sugestiva.

LOBATO.

S. Paulo, 4,10,1920.

Rangel:

Chegaram as provas completas de teu livro. Eu mesmo farei a ultima revisão, que será simples conferencia das correções finais. Vou começar com 2 ou 3 milheiros, e fica combinado que receberás os cobres aqui, pessoalmente.

LOBATO.

S. Paulo, 29,11,1920.

Rangel:

Entristeceu-me tua carta; é carta dum sujeito doente e arrazado. O remedio está na fuga por uns tres meses. Tire licença e venha. Ficas em minha casa, e eu te arranjo meios de ganhares aqui, sem esforço, o que te podarem na licença e mais as despesas da viagem.

Premio da Academia! Meu Deus, aquilo é para obras saidas no ano anterior. Só no concurso do ano que vem é que poderás apresentar o teu romance. Mas ha tambem um

concurso para coisa inedita. Entre nesse com os contos. Datilografe e mande.

O retardamento do teu livro veio de que encomendei um prefacio ao Malta e ele demorou um bocadinho. Só amanhã descem para a officina as provas desse prefacio já revistas — e 20 dias depois teremos o livro.

Lanço meu agora um verdadeiro filhote de livro — *Negrinha*, para fazer uma experiencia: se vale mais a pena lançar “livros inteiros” a 4 mil reis, ou “meios livros” a 2\$500. A simples logica do raciocinio não vale em casos desses; temos de experimentar. É o que me aconselharia Bacon, se ainda estivesse vivo e á mão.

O Torres escrevia-me, e cartas muito compridas. Cansei daquilo e a correspondencia morreu. Uma de suas cartas revelou-me que não era boa bisca — uma simples frase contra Bilac. Interessante! Eu “pio” ás vezes contra Bilac, mas se outra pessoa o ataca, eu dano. Acho prova de mau carater não gostar de duas coisas: Bilac e Machado.

Escute: se você vem depois do aparecimento da *Vida Ociosa*, não escapa aos massacres canibalescos a que damos o nome de “jantares”. Eu e o Malta já “fomos jantados” — e o nosso espanto no fim foi termos saído incolumes daquilo. Todos falam. Discurseira continua, mas arrazando o homenagem. No meu jantar, Maneco chegou a puxar faca, e no do Malta aconteceu uma coisa prodigiosamente comica.

A mesa era enorme, para uns trinta ou quarenta comensais, tudo gente da literatura e arredores. Raul sentou-se ao meu lado, e lá longe, na ponta da mesa, ficou o Malta — a vitima, como um carneiro na ara do sacrificio. Houve discursos em cima de discursos, cada qual mais doido, inclusive um monumental do Moacir Piza. Está claro que o Malta não ouviu coisa nenhuma, mas no fim levantou-se para agradecer a “homenagem”. Silencio geral de atenção. Subito, me vem uma ideia. Volto-me para o Raul e grito-lhe ao ouvido: “É de você que ele está falando, Raul!” O pobre Raul apurou-se, de olhos fixos no Malta e absolutamente “todo ouvidos”, na esperanza de assim pegar alguma coisa. Está claro que não pegou. A falação do Malta, lá longe, era para o Raul “cena muda”. E eu, dali a pouco: “Continua a falar de você, Raul. Diz que aquela cronica do *Minarete*, “Manhãs de rosa com alacridade de festivos sinos”, é plagio...” Raul

avermelhou. Seus olhos começaram a fuzilar o Malta. Dali a pouco, eu novamente no ouvido do Raul: “Está dizendo agora que você visitava o Macuco ás escondidas...” O Raul, rubro de colera, levantou-se: “Peço a palavra!” Eu fi-lo sentar-se á força e berrei-lhe ao ouvido: “A lei da jungle não permite que dois falem ao mesmo tempo. Depois que o Malta sentar-se, então você responde a arraza-o. Ele está abusando da tua surdez, Raul. Está dizendo infâmias sobre infâmias — e engraçadíssimas; não vê como todos se riem?” e continuei a atribuir ao Malta perfidias e mais perfidias contra o Raul, enquanto inocentemente o pobre Malta falava do papel de Hilario Tacito na “regeneração dos costumes paulistanos” e outras coisas do *pince sans rire*. Por fim, quando o Malta se sentou e “estrugiram os aplausos” (verdadeiro massacre), o Raul pôs-se em pé como impellido por mola. “Meus senhores! Esse homem acusou-me de plagio; esse homem insinuou relações minhas, secretas, com o Macuco. Esse homem...” Ora, o Malta não havia acusado nem insinuado coisa nenhuma, de modo que todos ficaram sem entender, com caras “no ar”. E o Raul a esmoer o Malta, a provar que não plagiara coisa nenhuma, que jamais conhecera o Macuco pessoalmente, que o Malta era o rei dos infames, que... E lá na ponta da mesa o pobre Malta a não compreender coisa nenhuma e a perguntar ao Moacir: “Que é?” E o Moacir a berrear-lhe ao ouvido: “Ninguem entende. O Raul está se defendendo dumas tais acusações que você lhe irrogou.” E o Malta, a compreender menos ainda: “Acusações? Eu?...”

Homem, Rangel, não me lembro nunca de haver assistido a uma situação mais digna de ser aproveitada num vaudeville. Sempre gostei dos surdos por causa disso: com eles acontecem coisas formidáveis. Na minha roda lá no escritorio tenho quatro — quando estão reunidos, eu saro de todas as neuras-tenias incipientes...

LOBATO.

1921

S. Paulo, 3,2,1921.

Rangel :

Seguem 40 *Vidas*, para os amigos e parentes. Querendo mais, peça. A encadernação anda caríssima; e talvez tenhamos de dispensa-la, enquanto o dolar estiver no que está. A percalina que o ano passado nos ficava em 2 mil reis o metro subiu a 5 e 6. Temos que ir temperando com brochuras, já que em materia cambial somos uns brochas. A edição foi de 3 milheiros e vai saindo regularmente. Todos dizem maravilhas do livro. Leu o Augusto de Lima no *Imparcial*? Estudando. Estás consagrado.

LOBATO.

S. Paulo, 9,2,1921.

Rangel :

Recebi tudo — revistas, *Onda*. Estou frio a respeito desta, e talvez não a publique. O nome é lindo — *Onda Verde!* — e merece aproveitada (como diz o Nogueira) em obra melhor.

É puro crime não publicares a *Falange Gloriosa*. Crime de morte. Que importa ao mundo o desagrado de meia duzia de nabos mineiros? Põe de lado o respeito humano e resolve. Por que timidez? Você hoje é um dos grandes desta terra. Tem direito de colocar-se *au delà du bien et du mal*.

Aproveitei a folga do carnaval e reli hontem a *Vida Ociosa*. Que pena seres o autor! Não poderás nunca saber que delicia aquilo é. Eu, cujo paladar já estragado só suporta Maupassant, Kipling e Anatole, já li teu livro tres vezes depois de saído. No catalogo novo que está no prelo classifiquei-o de "genial". O unico defeito é não ser romance de enredo intenso, dos que o publico adora e determinam grande

venda. O capítulo do *Sentenciado Lourenço* já está traduzido e de viagem para *La Nación*.

Pode pedir quantos exemplares quiser. A tiragem foi de 3 mil e sai lindamente.

Insisto na *Falange*. Não tens o direito de abafar esse filho. Nasceu? Pois então viva.

Mando-te o *Narizinho* escolar. Quero tua impressão de professor acostumado a lidar com crianças. Experimente algumas, a ver se se interessam. Só procuro isso: que interesse ás crianças.

LOBATO.

S. Paulo, 25,4,1921.

Rangel:

Cá espero o primo, por quem farei o que puder. A M. escreveu sobre o J. V. e este a mim sobre ela. Vê a carta. Classifica-a entre as feias — que desastre! Mulher feia merece pau, diz ele.

O Nogueira está trepidantemente apavorado com a próxima saída do *País do Ouro e da Esmeralda*: medo de ser demitido pelo Epitácio como bolchevista!... Fala até em recolher a edição... Mas ha de sair, e se causar escandalo (no que não creio), tanto melhor.

Venham os contos.

Lanço agora mais um meu, *Onda Verde* e outro para crianças — *O Saci*. E tenho novos na bica, sempre infantis — *Fabulas e Marquês de Rabicó*.

Andamos com ideia de alargar a empresa, com admissão de socios novos, e pôr o Francisco Escobar no meu posto. Assim terei tempo de produzir e atacar o encruado e celebrismo romance do qual já tenho o titulo e a errata.

Corre aqui que vens pela Semana Santa. Será possível, Santo Deus de Misericordia?

LOBATO.

S. Paulo, 25,5,1921.

Rangel:

O artigo do Nogueira no *Estado* sobre *Vida Ociosa* teve reflexos na venda. Cresceu a procura. Depois de encadernada faz melhor vista, como verás. Recebeu a critica do Moacir Deabreu? Mando aqui uma dum jornal campineiro. Agradece-lhe.

Tenho lido a tua colaboração n'*O Dia*, coisas que de fato não são da melhor colheita. Por que não enfiar lá os contos que tens aqui, com os nomes mudados? Ou pelo menos alguns saídos em jornalecos? Depois irão para o livro, tendo já dado a sua rendazinha.

O *Ouro e Esmeralda* do Nogueira está pegando boa imprensa, mas não é genero de grande saída. É filosofia social e o publico assusta-se. O meu *Narizinho*, do qual tirei 50.500 — a maior edição do mundo! — tem que ser metido bucho a dentro do publico, tal qual fazem as mães com o oleo de rícino. Elas apertam o nariz da criança e enfiar a droga, e a pobre criança ou engole ou morre asfiziada. Gastei 4 contos num anuncio de pagina inteira em jornal daqui. Faz de conta que é o Gelol. “Doi? Gelol.” E preparo outros: O *Saci* e *Fabulas*, este com silhuetas em negro do Voltolino. Nunca imaginei que 50.500 fossem tanta coisa! Encheu-me os vasio das nossas salas da rua Boa Vista. Tive de alugar uma vizinha, que tambem se encheu até o fôrro. E ainda acomodei milhares no porão lá de casa. Quando Purezinha viu aquilo, pôs as mãos na cabeça. “Você está louco?” O problema agora é vender, fazer que o publico absorva a torrente de narizes.

Experiencia, meu caro. Fora do processo do *trial and error*, como adquirir conhecimentos positivos?

LOBATO.

S. Paulo, 21,5,1921.

Rangel:

Recebi a de 18 e cá espero o homem dos 63\$500. Tambem forneci aqueles 100 a D. Bar. O livro do Nogueira foi rece-

bido melhor do que esperavamos. Está tendo ótima imprensa e conspícuas opiniões. Hoje devolvo-te a carta da M. e a crítica de que falei. Vou editar um livro de João Pinto da Silva em que ha um capitulo sobre você e a *Vida*.

Adeus.

LOBATO.

S. Paulo, 30,5,1921.

Rangel:

E o teu retrato? Tenho um aqui, mas indecoroso. Quero um "artístico". Vá ao Rio ou venha cá tira-lo, porque não creio nos fotografos de Minas. Zebús. A *Revista* está dando a "Galeria dos Editados", retrato de pagina inteira, em couché, de todos que têm a honra de virem a publico por nosso intermedio. Já saimos o Guilherme, o Malta e eu. A Posteridade exige que também tua careta figure lá.

Estamos em vias de aumento de capital; pulamos para 500 contos — e então estudaremos uma proposta de compra dos direitos autorais do teu romance e dos contos, de modo que possas arrumar a finança e acabar com essas eternas dividas. Pense lá quanto queres pelos dois livros.

A minha obra literaria, Rangel, está cada vez mais prejudicada pelo comercio. Acho que o melhor é encostar a literatura e enriquecer; depois de rico e, portanto, desinteressado do dinheiro, então desencosto a coitadinha e continuo. E não será longo o encostamento — uns tres anos, a avaliar pela violencia com que este negocio cresce.

LOBATO.

S. Paulo, 1,6,1921.

Rangel:

Recebi *Tempestade*. Vai traduzindo os outros contos shakespearianos, em linguagem bem simples, sempre na ordem direta e com toda a liberdade. Não te amarres ao original

em materia de forma — só em materia de fundo. Quanto ao *D. Quixote*, vou ver se acho a edição do Jansen. Venha logo!

LOBATO.

S. Paulo, 10,6,1921.

Rangel:

Jeremias, coisa seria! Livro que vai ficar, como o teu V. O. Incluo uma critica do *Diario Popular*. O *C. da M.* de hoje traz outra. Recebi o *Urupês* em espanhol lançado na Argentina. Bela edição. Garay. Galvez. Nos Estados Unidos quer traduzi-lo Isaac Goldberg. E em França, um Julien Fauvel. Livro de sorte.

Estamos a pescar socios para o aumento de capital da empresa. Cento e vinte contos já arrançados, mais 80 o mês que vem. Breve, nova fase e officinas proprias.

Não tenho lido *O Dia*, que não permuta conosco. Sai em dias certos? A *Novela Semanal* deu qualquer coisa tua. Vou mandar para lá aquele teu conto de bonecas.

Adeus

LOBATO.

S. Paulo, 17,6,1921.

Rangel:

Quem sabe pode e quer você empreitar um serviço de que precisamos? Pretendemos lançar uma serie de livros para crianças, como *Gulliver*, *Robinson*, etc., os classicos, e vamos nos guiar por umas edições do velho Laemmert, organizadas por Jansen Müller. Quero a mesma coisa, porém com mais leveza e graça de lingua. Creio até que se pode agarrar o Janssem como "burro" e reescrever aquilo em lingua deslitteralizada — porque a desgraça da maior parte dos livros é sempre o excesso de "literatura". Comecei a fazer isso, mas não tenho tempo; fiquei no primeiro capitulo, que te mando como amos-tra. Quer pegar a empreitada? A verba para cada um não

passa de 300\$, mas os livros são curtinhos e o teu tempo aí absolutamente não é "money". Coisa que se faz ao correr da pena. É só ir eliminando todas as complicações estilísticas do "burro". Se não tens por aí essas edições do Laemmert, mandarei.

LOBATO.

S. Paulo, 30,6,1921.

Rangel:

Não ha tempo ainda para julgarmos da comercialidade do teu romance, mas já vi que se ressentido do preço; 4\$000 é salgado; devia ser no maximo 3\$000. Isso retardará um pouco a saída da edição. Veio-me hoje carta do Tristão de Atahyde, e falando da *Vida* acha-a *excelente*; grifou duas vezes o adjetivo. E o Dr. Arthur Neiva entusiasmou-se tanto, que quando aparece por aqui não fala em outra coisa. Volta e meia cita um pedacinho. Aquilo é formidavel; e se o publico não se apressa, é que a "quantidade" sempre desprezou a "qualidade". Para tudo ha uma fabula. O galo encontrou uma perola. "Antes fosse um grão de milho", disse e passou. Você deu perola ao galo. Eu dou milho. Eis a razão do meu sucesso. Mas eu dou milho, meu caro Rangel, por uma razão muito simples: incapacidade de dar perolas...

LOBATO.

S. Paulo, 8,7,1921.

Rangel:

A publicação dos teus contos virá melhorar a saída do romance, de modo que é mais comercial imprimi-los agora do que depois. E não te incomodes com a parte economica do negocio — se dá ou não dá lucro para a casa. E' coisa que não tem a minima importancia. O importante é que você vá se imprimindo e imprima-se todo — nem que o editor leve a breca.

Li os *Oitenta Contos n'O Dia*. Interessante, mas frouxo no fim. Não acaba de modo satisfatorio para o leitor e para Apolo. Fecho de conto é como fecho de soneto; é o tudo! É onde está o busilis. Porque o conto inteiro não passa dum preparo para o fecho — e se depois de cacetearmos o leitor com o tal preparo lhe dermos fecho desapontante, ele diz como cá a dona Nêê: “Outro officio!” Mas apesar disso, esse teu conto bate longe o comum dos contos que aparecem, mesmo os assinados por gente grossa.

Temos editado brutalmente. Já trinta edições este ano, e mais quinze que estão para este mês — de dois em dois dias uma. Isto me cheira a recorde...

LOBATO.

S. Paulo, 25,7,1921.

Rangel:

Li a carta da D. L. Admiravel creatura! Creia, Rangel, que me deu impressão de talento ainda maior que o da M. E que dedicação, que nobilissimo espirito de sacrificio! Diante de coisas assim, invejo os milionarios: qualquer deles pode fazer feliz creaturas que tanto o merecem. Cada vez mais me conveço de que é na mulher que reside o melhor da humanidade. E talvez tambem o peor. O que quero dizer é que elas levam até o grau 100 qualidades ou vicios que nós homens só conseguimos levar até o grau 80.

Recebi uma carta da M. e varios dos seus contos. Vou le-los e dar opinião sincera. Sinto que ela merece. E o retratinho que veio mostra-a extremamente simpatica. Coisa interessante! Já quero bem á M. e á L., como se fossem velhas conhecidas — e o mais certo é não conhece-las nunca.

O romance do Nogueira vai hoje para as livrarias.

LOBATO.

S. Paulo, 10,8,1921.

Rangel:

Curiosas as cartas do V. Significam apenas um torneio esportivo de conquistador finamente requintado, que se compraz nas negações do caminho, pouco se interessando pelo fim. Quer mais uma para a coleção de borboletas. É um igual a todos que têm imaginação. Colecionar mulheres é o mais agitado esporte dos sensuais-imaginativos. O curioso é ver-me eu metido no embrulho lá deles, como tabela...

Pensamento que escapou a Chamfort: "Não te dispas, mulher, porque é a toaleta que te personaliza e te torna apetecível."

LOBATO.

S. Paulo, 29,9,1921.

Rangel:

Vieram afinal os contos. Pensei em po-los na "Coleção Brasilica", que é muito boa para vulgarizar um autor, dado o preço (1\$500) e ás tiragens (de 4.000), mas essa serie exige retrato na capa e não posso recorrer ao retrato que mandaste. Feio demais. Você era lindo antigamente, Rangel. Naquele retrato do Cenaculo, de 1903, eras a flor — e agora me mandas uma infame cara de coruja. Nunca! O "meu Rangel" era bonito. Esse do retrato não é o meu — ha de ser o do Francisco Sales, aquele bicho de oculos pretos, mais feio ainda.

Os versos do Ricardo já estão na oficina. Num mês saem. Infelizmente é verso e verso vende-se pouco. Parece que o país anda farto e refarto de poetas. E virou prosaico — isto é, amigo só de prosa.

Adeus. Estou hoje numa neurastenia que nem queira saber...

LOBATO.

S. Paulo, 8,10,1921.

Rangel:

O tempo corre tão depressa que já não me lembro de nada do sucedido no Rio — além de que é coisa que só de viva voz. E afinal vens! Vai realizar-se o milagre da quadratura do circulo! Custa-me a crer. Esfrego os olhos e releio tua carta. Sim, vens... Mas vens em janeiro e o provavel é me encontrares longe, de ferias. Não faz mal. Avisar-me-ás e virei ver-te. Ha quantos anos! Seculos. E desta feita has de tirar novo retrato e lindo. Aquele que veio está tão feio que não o publiquei na "Galeria dos Editados".

Cansado, Rangel. Preciso de ferias.

LOBATO.

S. Paulo, 27,10,1921.

Rangel:

Sabado convidei o Malta e o Raul para uma visita a você, lá no alto de Sant'Ana, mas o dia foi atribuladissimo, de modo que só ás 5 e tanto me desocupeí. Chegam os companheiros. Apronto-me. Na hora de sair, que é do endereço? Não houve meio de acha-lo, nem a carta onde mo comunicavas. Nem me ocorreu o nome de tua irmã, nem do teu sobrinho. Vê que tragedia a surmenage mental! Por falha da minha memoria a visita falhou — e fomos trucidar a magua com um aperitivo na esquina.

Esteve por aqui o Graça Aranha. Foi interessante o nosso encontro. O Jacinto, daquela livrariuzinha "O Livro", telefonou-me dois dias seguidos. Primeiro dia: "O Graça Aranha está em S. Paulo e quer conhece-lo." Fiquei ciente e agradeci. Segundo dia: "O Graça Aranha quer conhece-lo. Venha cá." Respondi: "Não posso. Muito serviço. Se de fato ele quer me conhecer, que venha procurar-me aqui". Sim, porque quando eu quero conhecer alguém, eu o procuro, não o mando chamar sob vara. E afinal o Graça Aranha veio hontem e conversamos longamente e ficamos amigos. Falou tão bem da *Vida Ociosa* que me entrou no coração. Eu

hoje avalio os homens pela capacidade de compreensão do teu livro. Amanhã vamos almoçar juntos.

LOBATO.

S. Paulo, 9,11,1921.

Rangel:

Mandei-te uma batelada de coisas: *Narizinho Arrebitado*, *La Nación*, *Plus Ultra* e *Nosotros*. O Garay traduziu o *Sentenciado Lourenço* para *La Nación*. Está entusiasmado contigo. Como todos, aliás. Só ouço elegios ao Rangel. Ha unanimidade. Vamos dar a *Falange Gloriosa*. Dizes que perdeste os recortes... Se é assim, poderei tirar copia da coleção do *Estado*. Tudo se arruma, quando ha boa vontade. Meu empenho é só editar novos, mas novos de talento. Medalhão não me entra aqui. Que gosto soltar livros de mumias, academicos, gente rançosa? Quero *tendrons*, brotos. Sinto-me velho, e para burro velho, pasto novo — diz o Manequinho Lopes.

LOBATO.

S. Paulo, 8,12,1921.

Rangel:

Não percamos tempo com os adjetivos da amabilidade e da modestia. Até fedem. E não duvide da saida do teu romance; por isso respondemos nós. A maquina está bem montada — a maquina de gavar gansos ou de obrigar este país a ler á força. O nosso sistema não é esperar que o leitor venha; vamos onde ele está, como o caçador. Persequimos a caça. Fazemos o livro cair no nariz de todos os possiveis leitores desta terra. Não nos limitamos ás capitais, como os velhos editores. Afundamos por quanta biboca existe. Ainda não recebemos a edição inteira, mas a *Vida* já está á venda em 400 localidades do Brasil.

Na *Revista* pus o Breno Ferraz na critica. Ele tem dedo e é serio, decente. Convidei o Amadeu e o Afranio Peixoto

para diretores, um aqui, outro no Rio. Eu me contento com ser o editor.

Mando-te o Narizinho colorido, formato album, e com ele uma revista que mostra a minha penetração na Argentina.

Não chegaram ainda aí os originais dum livro meu, novo, que vou publicar?

LOBATO.

1922

S. Paulo, 25,1,1922.

Rangel:

Passei as férias em Santos, como um anfíbio. Sinto-me salgado como um bacalhau de venda. E de retorno tomo a tua, das cinquenta cartas que encontrei sobre a mesa. O primeiro será sempre o Rangel. Falhou a ida á Argentina. Os maridos põem e os nervos das esposas pospõem. Vivo indo para a Argentina. Morrerei indo para a Argentina.

Aqui vive-se e muda-se. Mudamo-nos para a rua S. Efigenia 3-A — um grande armazem terreo onde adquirimos a feição normal dos grandes negociantes de cebolas. Vendemos cebolas literarias. Infelizmente, o ano começa escuro. Cambio sempre mau, país cada vez mais miqueado e poucas perspectivas de bons negocios. Que vontade de mudar de terra — ir viver num país vivo, como o dos americanos! Isto não passa dum imenso tartarugal. Tudo se arrasta.

Apareceu sobre a *Vida* uma critica desfavoravel no Rio Grande. Gaucho só entende de boi. Em compensação ouvi isto em Santos, dum homem de bela cultura: “É a melhor coisa que você editou, Lobato”.

Adeus, rua Boa Vista 52, onde comecei como um espermatozoario! Adeus salinha do xadrez, com os meus surdos, e o Maneco, e o Neiva, e tanta coisa já saudosa! Aquilo lá ainda era “arte”. Aqui na Santa Efigenia já somos só cebolas. O “Monteiro Lobato & Cia” está chegando ao fim. De repente viramos sociedade anonima ou qualquer coisa limitada e pronto...

LOBATO.

S. Paulo, 2,2,1923.

Rangel:

Ciente de tudo. Está me voltando a mania e creio que dou mais dois livros este ano. Como sempre, parto gemeo.

Um, de ideias e impressões extraídas daquele meu velho *Diário* de solteiro, com leve apuro da forma e da filosofia. Outro de contos — contos novos. Não dispenso teu juízo preliminar á moda de sempre. Ponho-os na *Revista* e depois dou-os em livro — o bom sistema.

O teu livro arrasta-se. Imagine que empastelaram a composição. Coisas de tipografia. Andam a compo-lo novamente.

LOBATO.

S. Paulo, 7,2,1923.

Rangel:

Estou numa duvida e preciso do teu parecer. Extrai daquele meu velho *Diário* de Areias e Taubaté materia para um pequeno volume. Mas dará livro? Valerá a pena? Lá vai a coisa e quero opinião. Se acaso votares pela publicação, lê com o teu olho de lince e tira as pulgas encontradas. Se vetares, lixo com os originais. Desde que tenho o *Diário*, escusa a devolução. Vens mesmo em agosto?

LOBATO.

S. Paulo, 10,2,1923.

Rangel:

Não sei onde pára a tua *Princezinha*... Perdeu-se aqui neste caos da minha mesa. Hei de encontra-la e dar-lhe destino. Estás mesmo de azar. As *Andorinhas* tambem encrencaram. Numa mudança de officina soltaram-nas e elas voaram. Creio que já te mandei dizer que estão a compo-las de novo. E são uns cágados lá. Mas um dia hão de sair. Tudo custa, tudo péga, tudo amarra. Eu, se fosse andorinha, voava para longe, como aquelas cegonhas do Braz Cubas...

Mundo da Lua é o nome do meu livrinho, porque de fato naquele tempo eu vivia no mundo da lua. Não me interessa a critica. Não o mandei para ninguem. Acho-o muito para mim, pouco para a critica e zero para o publico. Imprimi esse livro num papel maravilhoso, em elzevir, por que se destina a um publico muito especial: nós dois.

Critica... Conheces a de Torrendall? Segue. Se valer a pena, traduza-a para a *Revista*. Ou a *Revista* já deu isso? Não sei de mais nada. Estou virando um pedaço d'asno maior que um asno inteiro. Quem vai fazer um lindo livrinho, de sensações, é a Murila. Não te mandou ainda? Tem real talento aquela moça. É sincera, solida, honestissima de caráter. Admiro-a e respeito-a tremendamente.

Lá pelo fim do ano darei livro para o publico. Contos. Inda hoje escrevi um. *O Rapto*. Fui a Campos do Jordão com o Macedo Soares e na estação de Pinda vi um aleijado num carrinho, energico, a ralhar com os filhos que o puxam. *Senti* uma coisa: aquele homem, apesar de aleijado, era o importante e rico da familia, o que ganhava a subsistencia de todos com as esmolos recebidas. Daí o seu tom mandão, apesar de viver sem pernas dentro do carrinho. Um conto formou-se em minha cabeça, e de volta despejei-o no papel como quem despeja a bexiga.

Ando cheio de contos lá por dentro. Contos são bernas. A gente pega os germens aqui e ali, e eles ficam germinando, gestando-se em nossos misteriosos uteros subconcientes. Um dia, como o feto das mulheres aos nove meses, eles vêm á tona da consciencia e anunciam-se: "Queremos sair!" E então escrevemos aquilo com a facilidade com que as femeas dão cria. Os contos fluem da pena para o papel como um "berne de tempo", bem esvurmado. O curioso é que quando produzo um conto, de forma nenhuma o tenho completo na cabeça; tenho lá dentro uma só coisa: a ideia central do conto. Tudo mais se forma no ato de escrever. A primeira frase que lanço *determina* todas as mais. N'*O Rapto* não havia nem rapto nem nada; só havia esta ideia central: um cego que justamente por ser cego era o unico da familia que ganhava dinheiro e tinha importancia.

LOBATO.

S. Paulo, 15,2,1922.

Rangel:

A ideia da Academia falhou por birra minha. Não quis transigir com a praxe lá — a tal praxe de implorar votos, e

eles são extremamente suscetíveis nesse ponto. Um academico aqui de S. Paulo chegou a dizer: "Se o Lobato me pedisse o voto, claro que eu o daria; mas não pedindo, prefiro votar num pedaço de pau". Ora, não ha gosto em fazer parte dum gremio de mentalidade assim e não pedi nada a ninguem; fiz mais: mandei outra carta desistindo da minha candidatura. O Carlos de Laet não leu essa segunda carta em sessão, alegando que deixaria a Academia mal. "Seria o mesmo que pedir uma moça em casamento e depois escrever que não a quer mais. Todos ficam fazendo mau juizo da honra da "des-pedida".

Está aqui o Ronald de Carvalho. Falou da *Vida Ociosa* em tais termos que quasi o beije. Vou sugerir-lhe que escreva qualquer coisa a respeito. Excelente menino, o Ronald. A critica ainda não te fez justiça plena, mas ha de fazer. Vou ao Rio por 8 dias; se queres algo de lá, escreve.

LOBATO.

S. Paulo, 7,4,1922.

R.

Recebi o recorte do artigo *Lobatite*. Já é popularidade — e que coisa incomoda, pegajosa, a popularidade! Choro aqueles tempos antigos do *Minarete* em que eu escrevia de dentro da toca, ultra-escondido por cincoenta pseudonimos.

É preciso que venhas enquanto eu esteja cá. Em Dezembro saio de ferias, e em Janeiro vou a Buenos Aires por uns 15 dias. Só tomar o cheiro e conhecer pessoalmente mais um surdo da minha coleção: o Manoel Galvez, que me escreve sempre. Vindo agora, visitarás a exposição de pintura do Cesareo Bernaldo de Queirós, que tem fama de ser o maior pintor argentino e é realmente grande pintor. Estamos muito amigos. Anda agora a pintar o meu retrato aqui no escritorio: eu em mangas de camisa, com o *Narizinho* album entreaberto no colo, e ao fundo a minha secretaria na barafunda de sempre e os desenhos pregados na parede — o Maneco de barbas á Jeová, o Correia comprido como um gafanhoto...

LOBATO.

S. Paulo, 9,5,1922.

Rangel:

Recebi a de 6, com os *80 Contos* que vou ler no bonde, logo que saia para o almoço. Meu silencio explica-se: mudamos de novo (duas mudanças em dois meses, forçadas pelo crescimento excessivo!). Estamos agora na rua dos Gusmões 70, predio enorme onde instalamos afinal as tão sonhadas oficinas — e o mês inteiro correu na infernal dobadura da mudança. O Otales é incansavel. Lida com tudo com o maior desembaraço e eficiencia. Um grande menino. A maior descoberta que eu fiz na vida. E felizmente está agora tudo arrumado e já em pleno funcionamento. Venham, pois, os teus contos. Faremos o livro em maquinas nossas. Vivo a publicar bagaceiras, porque as coisas boas se retraem. Ha dias recebi uma carta do Silva Ramos sobre a *Vida Ociosa*, muito lisonjeira para você e para ele, visto como revela bom gosto e discernimento. Está ali um academicozinho decente. Poderás sair na "Biblioteca da Rainha Mab" ou em edição comum. Que preferes?

LOBATO.

S. Paulo, 15,12,1922.

Rangel:

É verdade! Ha quanto tempo não te escrevo! Mas houve muita coisa neste final de ano. A projetada fusão com o Leite Ribeiro forçou-nos a muitos estudos e viagens ao Rio e afinal fracassou. Não nos convinha o negocio. Mas para não perder o trabalho feito, aproveitamo-nos do bom ensejo e reformamos a sociedade, metendo varios comanditarios e subindo o capital para 1.000 contos. Entraram o Paulo Prado, que vai dirigir a *Revista*, Macedo Soares e outros. Vamos ampliar as oficinas e expandir o negocio. E eu vou passar um mês de ferias em Campos do Jordão. Terei lá o Ribeiro Couto e o Oliveira Vianna, dois companheiros.

Teu livro faz-se lentamente porque está abarrotada a oficina com as eternas coisas urgentes. A pobre da literatura

paga o pato, coitadinha. Quando querem, ou precisam encostar qualquer coisa, é dela que se lembram.

A *Vida* vai indo. O balanço de 30 de outubro acusou uma existencia de 396. Quer isso dizer que teremos para o ano a segunda edição. E havemos de faze-la de luxo. Queremos estrear a serie de luxo com o teu romance, que continua ainda a melhor coisa publicada. Sigo para Campos a 7 de janeiro.

LOBATO.

1923

S. Paulo, 16,1,1923.

Rangel:

Que interessante a M.! É unidade de um grande milhão esparsa pelo mundo. O milhão de creaturas femininas que anseiam por mil coisas vagas, incertas, bruxoleantes, indefiníveis — e que um casamento de amor contentaria pelo resto da vida. Sou hoje um honrado negociante matriculado na Praça de S. Paulo; não posso, pois, gastar o tempo da minha correspondencia sobre edições, etc., com esmiuçamentos da psicologia feminina — mas quanta coisa me sugere a M.!

Chegaram os contos. Vamos encadernar mil exemplares da *Vida*, a 4\$. *O Dia* te convidou por que já és “um nome”. E não te admires de novos convites. *La Nación* dará uma nota a teu respeito, acompanhando a tradução do *Lourenço*. Vês como o teu merito, apesar do teu retraimento e falta de reclame, está se impondo? E quando saírem os contos a coisa dobra.

Hontem fiz a conta e achei isto: minha tiragem está em 109.500 exemplares. Veja se era possível esperar isto ha dois anos e meio, quando soltei timidamente o primeiro milheirinho dos *Urupês!*

LOBATO.

S. Paulo, 13,5,1923.

Rangel:

Queixa-se o publico de que editamos muita borracheira. Mas que fazer, se um diabo como o Rangel tem mil romances “numerados” e até agora só permitiu a publicação de um? Por falar, *Vida Ociosa* está no fim. Vou mandar ver a tua conta. Temos logo de reedita-la.

Vieram as tiras. Aceito-as na quasi totalidade, as tuas observações. Resisto a algumas.

Geografia é ciencia sim — hoje. No tempo do nosso Lacerda não era... Virou ciencia, depois que o Lacerda morreu. Ciencia da boa, ciencia de alemão. Leia o Retzel.

“...e bem Brasil”: gosto de bulir com os patriotas. O Frango Sura arrepia-se todo quando esbarra em coisas assim.

“...das cosinheiras ao promotor”: não escalejo retoricamente e sim anoto um fato. Fui para a janela, eu, o promotor, e vi na outra janela a preta.

Mas não tenho tempo de nada — e ha tanta gente que vive “matando o tempo”! Por que em vez de mata-lo não no-lo vendem, a mim e ao Otales? Depois que me meti na industria, vivo esmagado por engrenagens. A gente enfia o dedo, a engenhoca segura-o, puxa a mão, puxa o braço e por fim nos moi o corpo inteiro. Mais uns anos desta vida e, estou bagaço de cana. Meu sonho era parar, mas com dinheiro no banco; e numa Paz do Senhor, como a minha fazenda do Buquira, retomar o fio dos *Urupês*. O que publiquei depois foram sub-produtos, como disse o João Ribeiro. Só agora estou dando produtos novos — e bons. Gosto dos meus ultimos contos. E estou com ideia dum romance historico — *Titila*. Tenho de estudar o primeiro imperio para romancear historicamente a famosa marquesa do Pedro I. É o nosso unico romance historico capaz de interessar vivamente o publico. A *Titila* titilava. Prendeu aquele garanhão durante 8 anos.

LOBATO.

S. Paulo, 10,9,1923.

Rangel:

Incrível. Vens a S. Paulo e pouco podemos estar juntos. Ou nós não nos gostamos em carne e osso e sim só epistolarmente? Começo a desconfiar... Desta vez tua visita coincidiu com a ausencia do Otales e a sobrecarga de serviço com que fiquei. Mas creio que não é isso.

Depois da mudança meti-me em automobilismo. Comprei um Ford e já ando a perturbar o transito da cidade. Hontem dei o primeiro tranco numa carroça, mas ainda não esmaguei nenhum pedestre. Curiosa a mudança de mentalidade que o automovel ocasiona. O pedestre passa a ser uma raça vil e desprezivel, cuja unica função é atravancar as ruas. Quem adquire auto promove-se de "pedestre" a "rodante" — e passa a desprezar os miseraveis pedestres que se arrastam pelas superficies, como lagartas. Quando estropia um pedestre, a sensação do rodante é de que libertou o mundo de um embaraço. E diz o Felinto Lopes que quando um chauffeur de praça vê varios pedestres formando um grupo na rua, infalivelmente lança o auto em cima, "porque mata dois ou tres com a mesma gasolina".

LOBATO.

S. Paulo, 7,10,1923.

Rangel:

Mandei tirar tua conta e considerar exgotada a edição. De fato está no fim. Restam uns 300 exemplares. Como vou ao Rio amanhã e demoro-me lá, dirige-te ao Otales, depois de recebida a conta.

As moscas! Vejo que são fontes de inspiração. Tens que ler o Fabre nos *Souvenirs Entomologiques* e admirarás a mosca e todos os bichinhos. Que maravilha o mundo superior do Instinto! Às vezes penso que a Inteligencia não passa de fase rudimentar do instinto — fase em que o instinto em formação ainda vacila, escolhe e erra. Sobre o assunto mandei um artigo para *La Nación*, que receberás quando sair.

O Raul Vergueiro escreveu isso sobre você. Está bem vivo e certo. Vergueiro não é critico dos que escrevem e se publicam. Fez porque gostou imenso do romance. Compreendeu-te. Raul é um dos tipos mais interessantes que conheço. Reduz tudo a piadas, e espirituosissimas.

As *Andorinhas* regressaram como pombos correios que tornam ao pombal. Breve estarão na rua. O titulo é bom.

Andorinha lembra movimento, revôo. Já “vida ociosa” lembra lentidão. Porisso o teu segundo produto livresco vai sair com maior velocidade que o primeiro. Quem não se sentirá tentado a adquirir um livrinho cujo titulo lembra os dias de sol nas fazendas, quando o ceu está azul e elas o riscam de vôos!

Raro leio, como sabes, mas agora ferrei nas *Memorias de Constant*, o criado de quarto de Napoleão. Obra desigual, evidentemente de varios autores, mas com trechos sangrentos de verismo — a passagem do Beresina, a morte de Lannes e a visita que sua mulher faz ao cadaver horrendo lá num *caveau*...

Estou revendo provas do meu livro — *O Homem que se Fez Macaco*, no qual reformo o Genesis e Darwin quanto ao surto do *Homo sapiens*.

LOBATO.

S. Paulo, 2,11,1923.

R.

Já de dias mandei as provas de *Andorinhas*, o livro encruado. Chegaram! Desconfio fugiram pelo caminho... O de que precisamos é que revoem depois de impressas.

LOBATO.

S. Paulo, 15,11,1923.

R.

Tudo calunias, Rangel. Fui ao Rio e a Belo Horizonte apenas a passeio, para descanso. Não fui “cavar” coisa nenhuma. Bem sabes do meu horror á cavação e da minha organica antipatia para com todos os governos. Apenas tratamos um album historico, de luxo, com o Assis Cintra e ele, por conta dele, andou a cavar subvenções. Os jornais atacaram-me, quando viram a Camara daqui destinar 30 contos para 300

exemplares do *Brasil de Outrora*. Era cavação do Cintra, só dele — mas eu nunca me defendo das acusações dos jornais. Não vale a pena. É perder tempo. Para o publico só vale a acusação, a calunia inicial. Se vem defesa, todos pulam por cima, não a lêem. E dizem: “Eu te conheço, meu santinho!”

Não vi Minas. Fui e voltei de noturno. Só vi Belo Horizonte, capital nova e, pois, incaracteristica. Deu-me a impressão duma cidade de 500 mil habitantes dos quais 450 mil estão perpetuamente viajando por longes terras. Diz o Nogueira: “É uma cidade maravilhosa, habitada por genios invisiveis e gnomos visiveis”.

O Raul fez um livro de sonetos satiricos e otimos. Até no nome é bom: *Sonetaços!* Titulo de primeira. Pontaço, lançaço... Com este livro do Raul, já somos cinco do Cenaculo que deram livros. E seriamos seis, se o Albino, naquela eterna indecisão, não estivesse feito o asno de Buridan diante da sua Psicologia: “Publico? Não publico?”

LOBATO.

S. Paulo, 1,12,1923.

Rangel:

O meu *Macaco* está desmentindo a especie. Não pula. Vai devagar. Parece mais um bicho-preguiça do que um macaco (“animal de trejeitos delirantes”, segundo a definição do dicionario do Padre Bacelar). A vendagem dos livros tem caido; todos os livreiros se queixam — mas o publico tem razão. Cambio infame, aperto geral, vida cara. Não ha sobras nos orçamentos para a compra dessa absoluta inutilidade chamada “livro”. *Primo vivere*.

As encencadas *Andorinhas* começam a armar vôo. Quando menos esperares, estão pousando aí. Quantas queres?

Tomo nota do teu plano de traduções. Estamos refreando as edições literarias para intensificação das escolares. O bom negocio é o didatico. Todos os editores começam com a litteratura geral e por fim se fecham na didatica. Veja o Alves.

LOBATO.

1924

S. Paulo, 3,1,1924.

Rangel:

Teu livro já está impresso e dobrado. Se demora, é por que a proximidade da abertura das aulas põe a mercadoria didática á frente de tudo mais. Só cuidamos agora de cartilhas, gramaticas, aritmeticas — todos os instrumentos de torturar as creanças.

Os projetos são cada vez maiores. Uma das possibilidades está no aumento de capital de modo a permitir-nos a fusão com a maior empresa grafica de S. Paulo, avaliada em 6 mil contos. Ou então nos mudamos mais uma vez para um grande predio proprio no Braz e entupimo-lo de maquinas novas — e até livros em branco faremos. Uma delicia. Não exigem revisão. Isso porque parece que obstruimos o estomago literario do país, o que nos força a entrar por industrias, ou campos novos. O livro em branco! Viva!

LOBATO.

S. Paulo, 7,4,1924.

Rangel:

Chegou a resposta á enquete de *Nosotros*. Muito boa mas excessivamente lisonjeira para mim. Aquela gente de Buenos Aires anda a supor que sou *alguem* nesta terra, e vive ás voltas comigo. O maior culpado é o Garay — e você tambem tem a sua culpazinha.

Entreguei a *Revista* ao Paulo Prado e Sergio Milliet e não mexo mais naquilo. Eles são moderuistas e vão ultra-moderniza-la. Vejamos o que sai — e se não houver baixa no cambio das assinaturas, o modernismo está aprovado.

Estamos em pleno *fervet opus* de reinstalação no novo predio da rua Brigadeiro Machado, no Braz. Cinco mil metros

quadrados de area coberta, tudo cheio de maquinas; entre elas, novidades: os primeiros monotipos entrados em S. Paulo. O linotipo compõe linhas inteiras; o monotipo funde tipo por tipo. Maravilha. Mas as oficinas esperam dar uma tacada na fabricaçãõ de livros em branco — esses livralhões comerciais. Livros em branco! O antigo Lobato do *Saci* e dos *Urupês* metido numa sociedade anonima para a fabricaçãõ de livros em branco! Pobres autores nacionais! Até um colega não quer saber de edita-los. Que o Otales aceitasse essa situaçãõ, compreende-se; ele não é escritor. Mas o pai do Jéca, o autor dos *Urupês*? Isto cheira-me a deserçãõ das mais indecorosas, Rangel.

Não sou mais nada. Não passo dum ex-escritor de rabo entre as pernas. E ás vezes me dá um medo. E se o arranhaceu desaba? Nós, que lá na rua Boa Vista não deviamos um vintem, agora devemos milhares de contos. Ha lá um mundo de linotipos e prelos e o diabo, adquiridos a prazo. O predio é uma beleza — é um monstro. Adquirido tambem — e a pagar-se em prestações mensais de contos e contos. Na rua da Boa Vista a nossa salinha nos ficava em 200\$000, e eu era infinitamente mais feliz. Jogava xadrez todos os dias na hora do expediente. Cultivava surdos...

LOBATO.

S. Paulo, 30,7,1924.

Rangel:

Uf!... Felizmente nada de grave nos aconteceu. Todos os cães estão vivos. Lá nas nossas oficinas da rua Brigadeiro, só duas granadas legalistas e marcas dumas 200 balas de carabina. Depois da debandada geral e da parada á força, já retomamos o trabalho. Os fugitivos vão ressuscitando, saindo das tocas.

Eu a nada assisti. Estava de ferias no Rio. Deixei o meu povinho em Santos, lá com o Heitor, e fui por mar. De volta do Rio, uma semana depois, tambem por mar, fiquei preso em

Santos até a evacuação de S. Paulo pelas forças do Isidoro. Que horror! Reentrei com a minha gente em S. Paulo no mesmo dia da evacuação, á tarde. Fios telefonicos por terra, casas em ruinas, paredes cravejadas de balas. Um burro morto na varzea do Carmo. Aspectos das cidades belgas e francesas depois da saída dos alemães. Mas a vitalidade de S. Paulo é muito grande. Reparará tudo com rapidez. Quando vim de Santos e entrei na cidade deserta, já havia homens remendando fachadas. A guerra havia terminado pela manhã e a reconstrução já estava em andamento.

A situação agora é de expectativa. Tudo no ar ainda. Que vontade de emigrar para não sei onde! Nem mais em S. Paulo, a terra classica da paz, existe paz hoje! Revolução em S. Paulo! Bombardeio de S. Paulo! Quem jamais admitiu semelhante absurdo?

LOBATO.

Rangel: -

Esse Valdez já me escreveu sobre o caso e já lhe respondi. Isso de traduções é uma eterna lastima. Alguns de meus contos aparecidos em revistas de Buenos Aires são até de irritar. E pelo que fazem nos meus contos, imagino a borracheira em que os lusitanos terão transformado as centenas de obras internacionais que traduziram. Tenho diante de mim a tradução do *The Vicar of Wakefield*, que é uma obra prima da literatura inglesa; pois o raio do labrego transformou-a em "bota" — com s. Gosto tanto desse livro, que me vem vontade de eu mesmo po-lo em língua nossa.

Fechamos a torneira aos poetas e aos literatos nacionais de segunda classe. Só editaremos gente de primeira e as boas coisas da literatura universal. Mas insisto em obter traduções como as entendo. Essas traduções infamerrimas que vejo por aí, não as quero de maneira nenhuma. Mas é difficil... O *Robinson Crusóé* você pegou, mas parou no começo. E ha as *Viagens de Gulliver*, e as *Mil e Uma Noites*, e *Peter Pan* — todas essas coisas que vêm galhardamente resistindo ao roçagar dos anos. O realmente bom, é de todas as patrias e de todos os seculos.

Venha a tempo de ver os buracos de bala. O rombo de granada em nosso portão lá na fabrica tem que ficar até que você o veja e apalpe.

LOBATO.

São Paulo, 30,8,924.

R.

Que tabareu! Que São Ozebio da *Capital Federal!* Vem, então, a S. Paulo e não *acha* a casa do Lobato? Não sabe que Bell inventou o telefone e ha aqui "listas telefonicas"! Cretino!

Breve te mandarei provas da *Tempestade*, com as emendas que fiz tendentes a pueriliza-lo um pouco mais. Os leitores vão ser crianças. Teu estilo estava muito "gente grande".

Lês Le Bon e eu nada! Que saudades do tempo em que eu tambem lia! A engrenagem não dá folga para coisa nenhuma intelectual. Acabarei esquecendo até o alfabeto.

S. Paulo está funebre e assim ficará até setembro — ou pelo resto da vida, se Bernardes erguer o patibulo ali na praça da Sé. O patibulo! Parecia um abantesma retorico e no entanto é coisa ainda desejada...

LOBATO.

S. Paulo, 15, 9, 1924.

Rangel:

Escreveu-me, sim. Podes ir, sim, traduzindo o *Dafnis e Cloé*. Eu já havia tido essa ideia. Dá um volumezinho lindo. Estamos agora com um programa de edições sem direitos autorais, coisas já em dominio publico, desde Dumas até Alencar. Se tens tempo, poderei dar-te muita coisa a fazer.

Sabe até o que quero? Verter a *Menina e Moça*, ou *Saudades* do velho Bernardim Ribeiro, em lingua quasi atual. Fiz uma parte, que já dei a imprimir. Depois te mostrarei. Aquilo está já muito recuado, muito antiquado; mas se o pusermos mais perto, em lingua, não digo de hoje, mas de pouco antes de Herculano, fica uma delicia. O rouxinol

que cantou, cantou e morreu — que amor! E' o melhor rouxinol que conheço. Os outros cantam e fazem cocô — o do Bernardim canta e morre...

LOBATO.

S. Paulo, 25,9,1924.

Rangel:

Já conclui a semi-desarcaização do Bernardim Ribeiro, mas coisa tão leve que o leitor nem sente. Nada se perdeu da ingenuidade daquele homem. De ilegível que era, ficou delicioso de ler-se. Fiz a experiencia hontem em casa, com as provas. Purezinha, sempre tão exigente, leu-o todo e com encanto. Só agora, Rangel, vai o Bernardim popularizar-se no Brasil. Antes apenas lhe citavam o "menina e moça", e os "imortais" recorriam ao seu rouxinol sempre que precisavam dum passarinho que não fosse virabosta. Eu tinha-o na estante e jamais o li. Pegava e largava. E como eu, todo mundo. Logo que sáia te-lo-ás aí. Vamos fazer uma linda edição. Aquele rouxinolzinho merece gaiola dourada.

Dafnis e Cloé não tenho. Vou ver se o encontro nas livrarias. Ha um romance encantador que está aos berros pedindo tradução: *O Vigario de Wakefield*, do Goldsmith, aquele a quem o Doutor Johnson chamou "imbecil de genio". Li-o com regalo. Se queres traduzir, mandarei o original inglês que tenho em casa.

Da edição das *Andorinhas* ainda ha no poleiro um bom lote: 2.185. Parece que saíram em má estação, de modo que a revoada se retardou. Setembro, mês quente. Era em junho, ou fins de maio, que as andorinhas lá da fazenda migravam. Que lindo! Um belo dia punham-se a reunir-se no telhado do casarão. Subito, voavam todas e davam varias voltas bem alto, e pousavam novamente. Toque de reunir para as retardatarias — e essas tambem vinham. Por fim, quando todas as da zona já estavam reunidas, erguiam-se de repente e lá se sumiam ao longe. O inverno na Serra é forte. Elas fogem para o quente do litoral. Findo o frio, regressam. Certo ano houve um erro, não delas, mas do tempo. Já se acabara o inverno e haviam voltado as coitadinhas, quando sobreveio uma onda de frio com geada á noite. De manhã

encontrei inumeras mortas, na estrada, nos buracos do barranco.

Aguardemos o "fins de maio" das *Andorinhas* do Rangel

LOBATO.

S. Paulo, 7,10,1924.

Rangel:

Li as paginas assinaladas no manuscrito e o resto. São as melhores e está um encanto a cena da mulher que se desfolha em nudez. Resta agora que o diretor real da *Revista* (eu sou honorario) aprove a "imoralidade". Ha sempre confusão de "beleza" com "imoralidade". Nossa era é Tartufa. Ha bispos, ha pulpitos, ha uma porção de velhos ultra-safados e porisso mesmo altamente "moralistas". Muito curiosa a questão da moralidade na arte. De nada serviu o *plaidoyer* de Flaubert... Não tenhas pressa com o Michelet. Faze-o sossegado. Acho otimo esse livro, apesar de meio grande. Podemos reduzi-lo com o corte da introdução. E se puseres pedra-hume na tinta, ainda poderás na tradução encurtar umas cincoentas paginas. Logo terás aí o meu *Menina e Moça* do Bernardim.

De fato, meu caro, já *passsei* literariamente, e estou com a vida ôca, porque era a literatura que a enchia. E por mais que me comercialize e industrialize, não ha tapar o vacuo. A vida agora é material, estúpida — e se não volto ás letras ou á pintura é por me parecer grotesco pensar em tais coisas em tal terra. Meu ideal hoje é um só: assegurar a independencia economica e emigrar para uma terra bem distante do fenomeno "sociedade".

O *Macaco* dava realmente um lindo romance á Wells — mas para que? O maldito "Para que?" matou o Ricardo e inutiliza todas as aptidões serias dos que nascem com um toquinho de asas. Nada vale a pena neste Brasil.

LOBATO.

1925

S. Paulo, 11,1,1925.

Rangel:

Já mandei os originaes do Michelet. Os contos extraidos das peças de Shakespeare vão para que escolhas alguns dos mais interessantes e os traduzas em linguagem bem singela; pretendo fazer de cada conto um livrinho para meninos. Traduzirás uns tres, á escolha, e mos mandarás com o original; quero aproveitar as gravuras. Estilo agua do pote, hein? E ficas com liberdade de melhorar o original onde entenderes. O *D. Quixote* é para veres se vale a pena traduzir. Aprovado que seja esse resumo italiano, mãos á obra. E tambem farás para a coleção infantil coisa tua, original. Lembra-te que os leitores vão ser todos os Nelos deste país e escreve como se estivesses escrevendo para o teu. Estou a examinar os contos de Grimm dados pelo Garnier. Pobres crianças brasileiras! Que traduções galegais! Temos de refazer tudo isso — abasileirar a linguagem.

LOBATO.

S. Paulo, 15,2,925.

Rangel:

Recebi o *Rei Lear*. Continua. Faze os mais interessantes, não todos, pois temos de experimentar o publico com os primeiros.

Vou esta semana para a roça, descansar um mês. Em junho, começo, estarei de volta. Até lá.

LOBATO.

S. Paulo, 8,3,1925.

Rangel:

O Edgard não está aqui. Quando voltar dar-lhe-ei o teu cartão e vai abrir a boca: será o primeiro que recebe. Um cartão de "gente grande" vindo pelo correio!

Andas com tempo disponível? Estou precisando de um *D. Quixote* para crianças, mais correntio e mais em lingua da terra que as edições do Garnier e dos portugueses. Preciso do *D. Quixote*, do *Gulliver*, do *Robinson*, do diabo! Posso mandar serviço? E' uma distração e ganhas uns cobres. Quanta coisa tenho vontade de fazer e não posso! Meu tempo é curto demais.

LOBATO.

S. Paulo, 5,4,1925.

Rangel:

Vai a *Menina do Nariz Arrebitado* e depois irá o nosso *Sargento de Milicias* com os pronomes no lugar e outras limpezas. Ficou muito mais decente que nas outras edições.

Tens aqui um credito. Dá as ordens.

A cidade de Passos dizem-me que é boa — e vejo que é mesmo, já que te recebeu com flores e musica.

Estive no Rio. Cheguei hoje. Pavoroso aquilo.

LOBATO.

S. Paulo, 10,6,1925.

Rangel:

O teu conto já estava composto e ia sair. Aí volta ele em provas. Se as coisas continuarem e a *Revista* ressuscitar, escrever-te-ei pedindo-o de novo. Em caso contrario, está o seu com o seu dono.

Nada sei de como desfechará o nosso caso. A situação peora. A Light, que prometera restabelecer a força este mês, avisa hoje que fará nova redução na energia fornecida. Só

podemos trabalhar agora 2 dias por semana! É como a horrenda seca que determinou esta calamidade continua, é voz geral que teremos completa supressão de força em novembro. O desastre que isto representa para S. Paulo é imenso; e como se juntou á crise da energia elétrica a crise de agua da Cantareira e a crise bancaria, o mal é enorme. Até o recurso de montarmos um motôr Diesel falhou; depois de assentado, faltou-nos agua para o resfriamento... Verdadeira calamidade, Rangel. O mesmo que um daqueles terremotos do Japão. Estou pensando em mudar-me, continue ou não com a empresa editora. Mudar-me para a beira dum rio — para a beira do Amazonas — do Mississippi... Isto de *secar* á moda cearense é horrível.

Ha por aí algum rio que não seque? Muda-te para perto dele, Rangel.

Em S. Paulo hoje tudo depende da eletricidade — o transporte, a industria, o aquecedor do banheiro, o fogareiro de emergencia, o fogão das cosinhas, o aspirador de pó, tudo, tudo. Se a corrente elétrica falta, tudo degradingola. Estamos completamente parados — e por quanto tempo assim? Tem havido missas pré-chuva, mas os deuses andam mais surdos que o Malta. Estamos aqui de cocaras na nossa empresa, parados, com os juros das dividas a crescerem, á espera de que chova e a Light se normalize. Eu podia prever tudo no meu negocio — menos isso: seca do Ceará em S. Paulo...

LOBATO.

S. Paulo, 10,7,1925.

R.

Lê o papel junto. A crise da energia elétrica da Light vai dar-nos um tombo — mas ha de ser tombo passageiro. Breve estaremos novamente de pé. As feridas cicatrizarão e em um ou dois anos ninguem falará mais no caso. E' a tempestade hoje; será o azul amanhã. Aviso-te porque és amigo; e antes o saibas por mim do que de boca alheia. Recebi o *Rei Lear*. Continue a traduzir, e tambem continue o

novo livro. A vitória é matematica. Perderemos uma batalha, mas no fim ganharemos a guerra — como os ingleses.

L

S. Paulo, 7,8,1925.

Rangel:

Teu artigo saiu hoje no *Estado* e impressionou. Ainda não posso dizer que rumo tomarão as coisas. Só em fins de setembro estará tudo liquidado, pois vai ser adiada a reunião de credores. Pensamos em propor concordata com 50%, mas eu torço pela liquidação. Antes construir uma casinha nova e só da gente, do que remendar um casarão de todo mundo. Havendo liquidação, lançaremos sem demora a Companhia Editora Nacional, pequenininha, com o capital de 50 contos em dinheiro e 2.000 em experiencia — e em poucos anos ficaremos ainda maiores que o arranha-ceu que desabou. Perder uma batalha não é perder a guerra — eu já te disse isto. Na nova sociedade ficamos só nós dois — eu e o Otales. Com ela provaremos ao país que somos de sete folegos. O que nos fez mal foi a montagem daquela enorme oficina. A nova empresa será só editora — imprimirá em oficinas alheias. A industria editora é uma e a impressora é outra. E como nada faremos a credito (que por felicidade não teremos), a nova arvore crescerá com solidez de granito, á prova de secas, terremotos e vulcões. Escreva. Como a experiencia foi dura, doravante admitiremos a hipotese de tudo — até de terremoto em S. Paulo. Seja lá como for, a dupla Lobato-Otales insiste, teima, pula e não larga a trincheira. Podes continuar a traduzir os contos shakespearianos. Não pares, como nós aqui, mesmo debaixo dos escombros, não paramos. Parar é morrer. E, por falar nos contos, recebeste a *Tempestade*? Que interessante! Justamente quando imprimimos a *Tempestade* de Shakespeare, tivemos a tempestade shakespeariana que nos botou por terra... Mas Caliban não vencerá. O dia de amanhã pertence a Ariel — ou a Prospero...

Um abraço do teimoso

LOBATO.

S. Paulo, 29,9,1925.

Rangel:

Parto amanhã para o Rio, de mudança. A nova empresa está formada e vai ter ramal lá. Desta vez construímos alicerces de cimento armado. A experiencia adquirida vale 10 mil contos. Antes de tomar casa fico uns dias com o Leonidio Ribeiro, rua S. Francisco Xavier, 367. Quero ver se moro em Santa Tereza, com vista para o mar. Oh, abrir a janela de manhã e exclamar: "Thalassa! Thalassa!" como espetacularmente fez o Tito aquela vez em Santos.

Voltarei algum dia a este S. Paulo? Gosto de S. Paulo destes seus platanos que perdem as folhas, deste seu clima sempre frio, destas suas garoas dentro da qual passeavamos á noite com o Ricardo, ouvindo-lhe os versos maravilhosos.

Taubaté... Areias... fazenda do Buquira... Caçapava... S. Paulo... Rio de Janeiro... E depois? Shanghai? Londres? New York?... Mas onde quer que estivesse ou estiver, sempre estive e estarei com você... com o Rangel do Minarete... com o Rangel de Caldas... com o de Silvestre Ferraz... com o de Santa Rita do Sapucaí... com o da cidade de Passos... com o de Tres Pontas...

LOBATO.

Rio, 7,10,1926.

Rangel:

Toca o bonde. Podes continuar a traduzir os contos de Shakespeare. O hiato que nos ocorreu na vida com o desabamento do nosso arranha-ceu já está fechado. A nova Companhia Editora Nacional vai prosseguir na obra, partindo do ponto em que a outra estava no momento do tombo. Com a diferença que o negocio agora é só nosso — meu e do meu velho companheiro — não ha acionistas nem capitalistas estranhos. E' um barquinho pequeno, mas com apenas ele e eu no comando, sem o amarramento que ha nas empresas em que os diretores têm que dar contas aos acionistas, ha de vencer e ser uma coisa formidavel.

Tenho cá o *Rei Lear*. Podes fazer o resto sem pressa, e em estilo que não perca de vista os leitores que vai ter —

meninas. Chegou aí algum exemplar do primeiro volume já publicado — *A Tempestade?*

Vamos ter muito trabalho de traduções, e se dispões de tempo e tens gosto para traduzir, conversaremos.

Adeus. Vai recomeçar a Inana!

LOBATO.

Rio, 8,11,1925.

Rangel:

Em mãos a de 26. Fiz leilão da minha casa em S. Paulo e montei outra aqui — rua Professor Gabizo 97. Vida nova, tudo novo. Não quero nada que lembre o passado. Quem vive a olhar para o passado é como quem caminha de calcanhares para a frente. A nova companhia está fundada e com todas as rodas girando. Eu e o Otales, só. Primeiro livro dado: o meu *Hans Staden*. Outros virão. Em tres ou quatro anos a nossa *Cia. Editora Nacional* estará maior que o Pão de Açúcar — e solida como ele. Fizemos proposta para a compra do estoque de edições e direitos autorais da falida, coisa que só em dezembro se resolve. Se a aceitarem, começaremos com um fundo de negocio cujo valor só nós — eu e o Otales — conhecemos, e rapidamente refaremos o perdido. A coisa que menos me mete medo é o futuro.

Fui convidado para dirigir um jornal e estou pensando. Não me seduz o jornalismo. “E a Academia?” perguntas. Não sei, Rangel. Tenho medo de academias. Toda academia é algemante, e não possuo o “feitio academico”, já o disse o Vicente de Carvalho. A Academia é bonita de longe, como as montanhas. Azulzinha. De perto... que intrigalhada, meu Deus! Que pavões! Quanta gralha com penas de pavão lá dentro!... E depois, aquela farda! Já figuraste o grotesco do fardão? Eu, metido naquilo! Você, metido naquilo! O Ricardo, metido naquilo, com o espadim de cortar papel á cintura... Não sei por que um academico fardado me lembra caixão de defunto. Os galões, talvez.

Gosto do Rio e sempre quis morar aqui. Ha umas coisas velhas. O Cosme Velho do Machado de Assis. A Ascurra. Mas a paisagem tropical me cansa. Sinto que vou logo me enjoar destes verdes eternos, destas palmeiras de presepe e

do eterno Pão de Açúcar. Meu sonho é a paisagem dos países frios, com invernos, arvores desfolhadas, outonos vermelhos, neve — e depois a maravilha que ha de ser a “ressurreição da côr” na primavera. Não tenho o indio ou o negro na alma. O tropicalismo me parece coisa de indio e negro da Africa.

Uma aventura terrivel, Rangel, ter de começar vida nova em idade que já pede aposentadoria — mas não deixa de ter seus encantos, como todas as aventuras. Vem passar as ferias aqui. A casa é grande e ha um quarto de hospedes com janelas para um pedraçal imenso. Lá no topo repimpa-se uma casa velha e atarracada, com um letreiro enorme no liso da pedra: *Fazenda Turano*.

Otales dirige tudo em S. Paulo e eu tomarei conta duma especie de sucursal aqui. Projetos, projetos.

Faço ponto na livraria Leite Ribeiro. Reunem-se lá figurões. Gosto de conversar com o Rocha Pombo, um excelente velhinho. O Almaquio Diniz não falha. E vem o Humberto. Esses homens que o Brasil do sertão conhece pelos jornais e admira como paredros, a gente os vê em carne e osso. São glorias e gloriolas que passam, fazem estação nos “pontos”, ingerem aperitivos e vão para casa com pacotes de empadinhas no dedo. Gosto do Antonio Torres. Faz ponto á noite no grande bar fronteiro, naquele bloco do Hotel Avenida. O chope é servido em rodelas de papelão, em vez de pires. Um papelão mataborrão, otimo para lapis-tinta quando está humido. E o Torres, em eterna guerra contra Portugal, escreve na sua linda letra em cada um daqueles discos de papelão: “*Duarte Leite, Encaizotador de Portugal no Brasil*”. Duarte Leite é o Embaixador português...

O Rio me dá ideia dum tremendo cancro que parasita e suga toda a seiva do Brasil Ou o Brasil dá cabo deste Rio de Janeiro, ou o Rio de Janeiro dá cabo do Brasil. O Artur Bernardes me disse isto em Belo Horizonte, antes de ocupar a Presidencia: “Só não mudarei a Capital Federal se me for impossivel. Nunca haverá governo decente nesta terra, enquanto a séde do governo for no Rio — naquele antro”. Eu hoje compreendo o que ha de certo em tais palavras.

LOBATO.

1926

Rio, 26,1,1926.

Rangel: .

Pois é. A vadiação forçada em que me encontro fez-me pensar no suicídio, não á moda do Ricardo, mas por meio da "imortalidade" academica. Aquilo está se transformando em matadouro. Nossos "imortais" morrem como formigas. Ha tantas vagas agora e tantas "quasi-vagas", que num momento de desespero inscrevi-me. Visitas não faço, mas mandarei uma carta a cada um fazendo um gentil rapapézinho. Serão 37 cartas — e fazer mais que isso repugna-me. Quanto á farda, não visto. E nem tomo posse. Pronunciar um discurso, de casaca ou farda — nunca! Sei que está assentada a eleição de Ademar Tavares, mas quero ver. Estou com alguma curiosidade.

Mando-te um *Staden*, a edição primogenita da nova companhia e, por coincidência, o primeiro livro que se publicou sobre o Brasil. E' obra realmente interessante e merecedora do sucesso que tem tido. A edição inicial de 3 mil está no fim. Vamos tirar outra e maior.

O Nogueira parece que tambem quer concorrer á Academia, e um jornal de hoje diz que "o Melo Viana vai pedir por ele". Pedir! O Nogueira, com dois livros excelentes, lá necessita pedir! A nossa Academia é essa indecencia por puro espirito de imitação: sua mãe, a Academia Francesa, é uma polaca velha dez vezes mais indecente. Leia as ironias do Anatole France a respeito.

LOBATO.

Rio, 11,2,1926.

Rangel:

Recebi teu cartão e leio agora o recado no frontespicio do livrinho — salvando-o. O mais, que não é teu, tomo-o como

sintoma da doença mental que está em desenvolvimento no Brasil: tenia nos miolos. Imagina que ao receber aquela filaríose pensamentifera eu estava lendo Chamfort, que é para mim o pensador numero 1 da França, em finura e verdade. De modo que ao envez da tua previsão "...que não lerás", li-o todo, já que no contraste reside o sabor das coisas e ninguém conheceria o doce do mel se desconhecesse o amargo das quassias. Minha politica literaria hoje é ficar nos extremos. Só ler os Balzacs ou os Macucos — os genios ou ós imbecis, já que estes são os mesmos genios ás avessas.

O bonde é cá no Rio um promotor de leituras. Ninguém escapa de dar ao bonde uma hora de vida por dia, e a leitura impõe-se como amenizadora dessa hora. Voltei a ler, eu que até do alfabeto já andava esquecido. E a ler "sucos" — vê lá: *Manon Lescaut*, *Guilherme Tell* de Schiller (que primor!), *La Bruyère*, *Chamfort*, *Courrier*, *Seigné*. Benjamim Constant no *Adolphe* e quanto mais coisas vêm numa coleçozinha azul de Nilson. Neste andar ponho-me aí um sabio com jús a uma cadeira de literatura não sei onde. Como vês, leio os grandes; e fora deles, só os do extremo oposto, igualmente interessantes. Ha um Jarbas Loretti, autor das *Vozes Andinas*, que é abrir e gosar ao acaso. Já comecei a cita-lo em meus artigos n'*A Manhã* — e hei de cita-lo até morrer. Faço empenho em revelar ao Rio o homem que diz coisas destas:

Homem, tens um jardim? Faze-o mais lindo e roseo;
Se acaso és caçador, caça o feroz famacosio
Que erra no Paraguai.

Mas, não! Queres dinheiro, ou libra, ou franco, ou rublo.
Não temes contemplar-me o cariz, se me enublo?
Sou irmão do Shangai!

Diz coisas assim ao acaso, pelo livro inteiro; e apesar de nas livrarias figurar na prateleira dos poetas, entre Hugo e Saturnino, vai se perpetuando ignorado!

O teu recomendado pensamenteiro não vale o Loretti, embora pense em ortografia portuguesa. Apesar do nome, não levará nenhum Napoleão a Waterloo, porque é um Waterloozinho de si proprio, para uso caseiro. Rangel, Rangel: que prodigiosos admiradores descobres nessas Minas Gerais, ricas de todos os minerios!

Minha segunda aventura na Academia... Da primeira vez me apresentei e logo depois me arrependi e retirei a apre-

sentação. Desta vez foi o Leonidio Ribeiro, grande amigo da-
qui, quem me empurrou. Inscrevi-me, e cheguei mesmo a
fazer duas ou tres visitas. Mas a velha vergonha voltou.
Larguei mão. Um dos meus competidores está se revelando
prodigioso na cabala. Faz tudo quanto eu não tenho animo
de fazer. A força dele, porem, estava no ineditismo. Como
não possuísse nenhuma obra que o exteriorisasse sob forma
grafica, dele diziam os seus cabos eleitorais maravilhas: que
era um genio todo latencias e, pois, merecia entrar como en-
traram Afranio e Graça Aranha, esses dois que se “imorta-
lizaram” ineditos mas depois produziram coisas excelentes e
desse modo perderam as aspas. Ora, você compreende que é
difícil lutar com um homem assim, armado com armas em
que eu não pego e tão tremendo de latencias. Eu, que dei?
Uns livros de contos. Mostrei, pois, as minhas cartas. E
ele? Ah, ele tinha lá dentro *Comedias Humanas e Divinas*
Comedias. Luta muito desigual. Desisti.

Mas aconteceu uma coisa curiosa. Não satisfeito com
a magnifica contagem de pontos, o Latente resolve dar amos-
tra das riquezas internas: mostrar um rabinho da *Divina*
Comedia ou um cabelinho da *Comedia Humana*. E, inopi-
nadamente, com surpresa geral, bota um livro, como franga
nova bota um ovo. Ouça agora esta.

Gosto muito do Coelho Neto e vou lá sempre. Da ultima
vez encontrei-o furioso (Neto é o maior padrinho do Latente).

— “Que houve, Neto? Que zanga é essa?”

E ele, brandindo no ar um livrinho:

— “E’ este sujeito. Deu-me um trabalhão preparar a
sua entrada na Academia e agora, que estava com tudo quasi
assegurado, sabe o que ele faz? Publica este livro — veja!
Mas já o adverti severamente pelo telefone: “Se você publica
outra coisa qualquer antes da eleição, retiro o meu apoio ao
seu nome e retiro até o meu voto pessoal!”

Rangel, Rangel: nós somos dois matutinhos do sertão...

LOBATO.

Rio, 7,5,1926.

Rangel:

Após longo silencio me chega uma tua, lembrativa das
boas cartas de dantes. E a nota ainda é a mesma: tua

luta com o problema economico. Ainda pagas dividas com o dinheirinho mais laboriosamente ganho deste mundo! Tudo por erro de localização. Minas é um estagno. (Existirá esta palavra? Brotou-me agora. Boa, não?) Breve reentraremos na ativa, e a Cia Editora Nacional te dará muito trabalho — e tambem te pagará o que a falida te ficou a dever. Nossa nova fase avança maravilhosamente bem, apesar de tão bêbêzinha: nasceu em fevereiro. Desde esse mês até hoje tivemos um liquido de 130 contos, e a aquisição do estoque de livros da velha companhia vai ser tacada. Decididamente temos estrela, porque é difficil conseguir, quem sai duma estrondosa falencia, o que estamos conseguindo em tão pouco tempo. E breve serão duas casas, uma em S. Paulo, a matriz, e outra aqui, a filial. E depois tres, quatro, cinco — uma livraria em cada capital do Brasil. Só de gramaticas do Eduardo Carlos Pereira vendemos de fevereiro até hoje 27.000. A edição do *Hans Staden* (recebeu?) foi um triunfo — 8.000 em tres meses — e está entrando nas escolas.

E tenho lido muito no meu gabinete de leitura ambulante, o bonde. Até Pascal, esse Nogueira francês em sua eterna bebedeira de Deus. Até Anatole e coisas inglesas.

Quem me estimula no inglês é a creatura mais bela e inteligente do Brasil: Rosalina. Rangel, Rangel: quem passou pela vida e não conheceu Rosalina, falhou — perdeu o bonde. E' a mulher da beleza triplice — fisica, moral e mental. Vou dizer dela aos argentinos pelo *Plus Ultra*, com um retrato de pagina inteira.

Aborreci-me de escrever n'O *Jornal* por causa da letrinha miuda e dos erros de revisão. Passei-me para A *Manhã* do Mario Rodrigues, que está com a maior tiragem do Brasil. Cada numero é um estouro de bomba. Mando-te alguns artigos. O *Patio dos Milagres* doeu e fez que o governo pensasse em assistencia aos pobres. Estava uma vergonha a mendicancia nas ruas.

Vou ver os *Bonecos* do W. Brandão, embora me falte fé nos novos. Estou de sorte. Fui traduzido na Siria por E. Kouri; na Alemanha por Fred Sommer; na França por Duriau. E como de muito tempo ando com a Espanha e a Argentina no papo, já apareci em seis paises. Quer dizer que só fali comercialmente.

Breve teremos de cuidar de você: nova edição da *Vida Ociosa*. Precisamos "gavar" este país com o teu romance.

Não ficarei muito tempo nesta terra. O calor!... Já te disse que não tenho o tropico no sangue. Detesto os verdes eternos, o calor quasi eterno, a tal primavera eterna que não passa da mais eterna e desesperante monotonia. Verde, verde, o ano inteiro! Tudo verde, como o *Menino Verde*, um album colorido com que me diverti em criança, companheiro do *João Felpudo*. Lembras-te disso? Pobres das crianças daquele tempo! Nada tinham para ler.

Ando com ideias de entrar por esse caminho: livros para crianças. De escrever para marmanjos já me enjoiei. Bichos sem graça. Mas para as crianças, um livro é todo um mundo. Lembro-me de como vivi dentro do *Robinson Crusoe* do Laemmert. Ainda acabo fazendo livros onde as nossas crianças possam morar. Não ler e jogar fora; sim morar, como morei no Robinson e n'Os *Filhos do Capitão Grant*.

LOBATO.

Rio, 8,7,1926.

Rangel:

Não sei se já te avisei da chegada dos artigos. Também comecei a ler o W. Brandão no livro mandado. Realmente, muito interessante e de grande pitoresco. Ha ali coisas deliciosas de observação e expressão. Pena escrever na tal cacografia portuguesa.

Sabe o que ando gestando? Uma ideia-mãe! Um romance americano, isto é, editavel nos Estados Unidos. Já comecei e caminha depressa. Meio á Wells, com visão do futuro. O *clou* será o choque da raça negra com a branca, quando a primeira, cujo indice de proliferação é maior, alcançar a branca e bate-la nas urnas, elegendo um presidente preto! Acontecem coisas tremendas, mas vence por fim a intelligencia do branco. Conseguem por meio dos raios N, inventados pelo professor Brown, esterilizar os negros sem que estes dêem pela coisa.

Já tenho um bom tradutor, o Stuart, e em New York um agente que se entusiasmou com o plano e tem boa porcentagem no negocio. Imagine se me sai um *best seller*! Um milhão de exemplares...

Conheces a série Tarzan? Curiosa e bem infantil. Anda em milhões. Eu me acho capaz de escrever para os Estados Unidos por causa do meu pendor para escrever para as crianças. Acho o americano sadiamente infantil.

LOBATO.

1927

Rio, 7,2,1927.

Rangel:

Recebi os livros e alegrei-me da tua volta á ativa, desta vez em rodapé. E do rodapé acabo de sair hoje, pois que *A Manhã* concluiu a publicação do meu "romance americano". Quero ouvir tua opinião, mas manda-lo-ei já em provas tipograficas para livro — e assim te filo mais uma revisão. Nunca me julguei capaz de conduzir um romance até o fim, e no entanto lá o pari em 20 dias. Como é "canja" escrever um romance! Disse-o hontem ao Coelho Neto e ele amoitou. Saiu um romance inteiramente desligado da minha velha literatura regional. Veio coisa do futuro — lá do ano 2228.

A nossa nova empresa editora vai com todos os ventos favoraveis. Cada edição, um triunfo. Do *Principe de Nassau*, do Setubal, tiramos 20.000 e já está perto do fim. Cheira-me que o romance historico é mina. Por que não pensas num? Bem dramatico, bem cinema? Ha em Minas aquele periodo aureo da mineração no Tejuco, ou no distrito diamantino. Com o Viriato já apalavramos um, *Chica da Silva*, que ha de fazer barulho.

Queres ver como entre nós vão as coisas evoluindo e está ficando yankee a nossa tecnica editora? Anos atrás, na velha companhia, quando tiravamos dumã obra 3.000 todo mundo achava arrojo de loucos. Pois hoje começamos muitas com 10.000; e se a obra tem qualidades excepcionais, começamos logo com 20.000, como o *Nassau* do Setubal. O meu *O Raio Louro* ou *O Choque das Raças* ou *O Presidente Negro* (ainda não o batisei definitivamente) vai sair com 20.000 no minimo. E soltamos a avalanche de papel sobre o publico como se fosse uma droga de farmacia, um Biotonico. Anuncios, circulares, cartazes, o diabo. O publico tonteia, sente-se asfixiado e engole tudo. Mando-te hoje a minha tradução do livro do Henry Ford e o Jean de Lery.

Não conheço o teu *Filha*. Filha do que? Eu, se fosse você, transformava-o em romance historico. *A Filha do Conde de Bobadela*, por exemplo. O publico prefere ler coisas de condes, duques, principes, reis e magnatas, em vez de aventuras e vidinhas miseraveis como a do M. J. Gonzaga de Sá. Aquele livro do Lima Barreto encaihou por causa disso. Que importa a alguem a vida dum M. J. Gonzaga de Sá que ninguem sabe quem é, nem quer saber? O publico reclama coisas e tipos diferentes dos que vê em redor de si — e é natural. Que me interessa um romance sobre a vida da minha cossinheira, se a tenho de aturar em pessoa todos os dias? Podemos fazer uma coisa, Rangel: refazer nossos livros! Nobilitar nos-sos personagens! Você transforma o Zé Correto em Barão do Onyx e eu faço do Jeca Tatú conde do papa.

Você nunca soube batizar o que escreve. *Filha!*... Quem no mundo comprará um livro com esse nome? Filha tem-se; não se compra. Na velha companhia mudei muito titulo. Punha de preferencia um nome feminino porque, em cheirando a mulher lá dentro, os leitores concupiscentes compram "para ver". Editar é fazer psicologia comercial.

LOBATO.

Rio, 12,2,1927.

Rangel:

Diga-me se recebeu *O Choque das Raças*. O teu silencio a respeito me causa especie. E estou com outro livro novo já com a cabeça de fora: *Mr. Slang e o Brasil*. Isso já não é ser lobo, dirás: é ser coelho... neto...

LOBATO.

Rio, 23,3,1927.

Rangel:

Passei a manhã de hoje emaçando cartas — como tenho cartas, meu Deus! Apesar do destroço que a cada mudança

nelas faço, ainda as conservo ás centenas; das que dizem algo interessante para a historia da minha vida e da vida contemporanea, não me desfaço. Tuas, quantas e quantas! Conservo-as todas. Desta feita parto para longe. Estou a fazer a bagagem. A 27 de abril sigo de mudança para os Estados Unidos, para onde fui nomeado Adido Comercial. Verei se lanço lá a edição inglesa do *Choque das Raças* e estudarei a hipotese do transplante da nossa segunda empresa editora. Se for possível, chamar-se-á *Tupy Publishing Co.* e ha de crescer mais que a Ford, fazendo-nos a todos milionarios — editores e editados. O Brasil é uma coisa perrengue demais para os planos que tenho na cabeça. Esses planos no Brasil permanecerão toda vida lendeas: lá virarão piolhos do tamanho de iguanodontes. O cargo assegura-me subsistencia e deixa-me liberdade de ação. Espero em dois anos dispensa-lo e ficar apenas o chefe da *Tupy Co.* Que sonho lindo! Que maravilha! Morar e ter negocio na maior cidade do mundo, onde os homens se envenenam com o fedor de gasolina de 800 mil automoveis! America, a terra de Henry Ford, o Jesus Cristo da Industrial! Mandei-te o meu livrinho em inglêz, *As Henry Ford is regarded in Brazil?* Sabes que recebi dele uma carta, lá de Dearborn? Logo irei a S. Paulo e te mandarei *Tempestade*. Incrivel que ainda o não tenhas recebido. Ficou um livrinho lindo. E resolverei sobre o caso do *Rei Lear*.

Qualquer coisa que queiras do Thomas (Edison) ou do Calvino (Coolidge) é íres dizendo.

J. ORATO.

Rio, 22,4,1927.

R.

Só partirei no dia 25 de maio, pelo *American Legion*. Para a semana vou a S. Paulo por uns dias. Não sei se te encontrarei lá. Foi para a America um telegrama da United Press sobre *O Choque*. Telegrama para uma cadeia de jornais. Uma revista americana deu noticia e falou da provavel edição inglesa. De lá te escreverei. “Lá,” agora, quer dizer New

York. De volta de S. Paulo tambem te escreverei sobre um negociinho. Adeus.

LOBATO.

Rio, 24,5,1927.

Rangel:

No momento de partir não me esqueço do grande amigo. Vai esta — a ultima que te escrevo do Brasil. Em New York City, Brazilian Consulate, U.S.A., terás, como sempre, o velho

LOBATO.

P. S. — Qualquer coisa que queiras da Cia Editora Nacional é só escreveres ao Otales Ferreira, que fica na direção de tudo. Já lhe recomendei que te pagasse a tradução do *Rei Lear*.

L.

New York, 17,8,1927.

Rangel:

Recebi tua carta. Em vez de pega-la do “seu Martins”, aquele estafeta que descrevi no *Suplicio Moderno*, peguei-a no Consulado. Interessante os nossos destinos. Você condenado a pular duma “cidade morta” para outra, e eu a saltar duma cidade viva para outra mais viva ainda: Taubaté — S. Paulo — Rio de Janeiro — New York...

Sinto-me encantado com a America. O país com que sonhava. Eficiencia! Galope! Futuro! Ninguem andando de costas! E ha aqui até sabiás... O *robin*, anunciador da primavera (o robin emigra no inverno e é o primeiro passarinho que volta quando a primavera vai romper), tem aquele mesmo papo côr de telha nova do nosso sabiá-laranjeira.

Passarinho aqui é gente, Rangel. Todos os bichos aqui são gente — cães, gatos, esquilos... E ha hospitais para os

bichinhos como não os ha aí para os jécas. Uma conhecida minha aqui de Jackson Heights mandou para o Hospital dos Passarinhos o seu canario hamburguês e o recebeu perfeitamente curado e alegre. “O pobrezinho havia amanhecido com a pata esquerda enganchada numa forquilha da gaiola e estava manquitolando...” foi como Mrs. Blunt me explicou o caso.

Rangel: eu sou um peixe que esteve fora d’agua desde 1882, quando nasci, e só agora caiu nela. Isto aqui é o mar do peixe Lobato. Tudo como quero, como sempre sonhei. E a patria aí custeia-me com 700 dolares por mês. Hei de devolver esse dinheiro com juros fabulosos. Meu plano agora é um só: dar ferro e petroleo ao Brasil. Estou em carteação com Mr. W. H. Smith, de Detroit, sobre um novo processo siderurgico, perfeitamente *fit* ás condições carbonicas do Brasil. Terei de ir lá estudar o processo e então visitarei a Ford e o Ford. Como você sabe, fui o tradutor do Ford no Brasil, e ao chegar a New York, quem encontro no cais de Hoboken? O agente geral da Ford em New York. Abordou-me, deu cartão e disse que tinha ordem de Mr. Ford para recebe-me e facilitar-me tudo. Foi otimo, porque vim com bagagem enorme (todos os meus livros, imagine) e onde guardar aquilo? O agente encarregou-se de tudo. Levou-me para o hotel numa Lincoln e guardou meus caixões nos depositos da companhia até que eu tomasse este apartamento. Tome nota: 205 — 24th Street — Jackson Heights, L. I. — New York City — USA.

Vê que gente gentil? Eu diante do Ford sou pulga magra diante do Everest. Pois o Everest desce das alturas, põe o microscopio no olho, enxerga a pulga magra e, em vez de esmaga-la entre as unhas, acolhe-a como se fosse gente! Será que pulga tambem é gente aqui?

LOBATO.

New York, 5,9,1927.

Rangel:

Recebi tua carta, como as recebia em Areias, em Taubaté, em S. Paulo. A maior invenção humana é o Correio.

Que dizer-te, Rangel? Isto é tão imenso, tão desmarcado, tão fora de proporções com o nosso mundinho aí, que é tolice querer dar uma ideia. Teatros, beleza feminina... os arranhaceus... o orçamento da cidade... o perpetuo Amazonas de automoveis...

Maomé sonhou com um paraíso de huris e o Ziegfeld realizou-o na terra, pondo-o ao alcance dos olhos (dos olhos só) de quem tem 3 ou 4 dolares no bolso. "Glorifying the American Girl" — é o moto desse homem, que em seu teatro reúne e exhibe quasi nua a flor da beleza americana. E é diante delas que um basbaque vindo daí primeiramente se extasia. Como bom basbaque, já me fui extasiar com aquele "glamour". Esta palavra tem enorme consumo aqui. "Gorgeous", também. As "girls" do Ziegfeld são todas "gorgeous". Esta palavra é filha do *se rengorger* dos franceses: estufar o papo, como os perús...

Sabe onde li tua carta? No trem de Corona, que é o que me traz para casa— trem subterraneo. Aí em Minas só as minhocas andam no fundo da terra; aqui todos nós, dentro de trens. Conta isso ao Chico Sales. Tomo esse trem numa caverna de Ali Babá, maravilhosa, chamada Grand Central, lá no fundo da terra, e o trem me leva pelo tunel que passa debaixo do rio Hudson. Eu estava passando sob o Hudson quando cheguei ao pedacinho em que falavas no jatobá. Parei e pensei comigo: "A cidadinha de Passos, um jatobá, Rangel olhando para o jatobá, e eu no fundo da terra, num trem electrico sob o Hudson, *vendo* o Rangel de olhos fixos no jatobá!" E repeti alto essa palavra "jatobá", pela primeira vez soada naquele tunel. Um americano ao meu lado olhou...

Meu romance não encontra editor. Falhou a Tupy Company. Acham-no ofensivo á dignidade americana, visto admitir que depois de tantos seculos de progresso moral possa este povo, coletivamente, cometer a sangue frio o belo crime que sugeri. Errei vindo cá tão tarde. Devia ter vindo no tempo em que eles linchavam os negros. Os originaes estão com o Isaac Goldberg, para ver se ha arranjo. Adeus, Tupy Company!...

O Brasil... Como está longe, no espaço e no tempo! Aí vivemos bem pouco adiante da era de D. Maria Primeira. O Antonio Torres dizia sempre: "Minas ignora que D. Maria

I já morreu". Acho que até S. Paulo não tem bem certeza da morte dessa rainha...

Moro em Jackson Heights, o mais belo bairro residencial de New York. Em certas ruas ha canteiros de tulipas, que as dividem pelo meio — canteiros estreitos mas compridos como as ruas. Quando florescem, que linda fita de côr de um extremo a outro! Tulipas, Rangel, aquilo que parecia privilegio da Holanda!

O americano troca o "t" por "r", de modo que até um inglês de Londres se atrapalha em New York. Ha dias pedi "water" num restaurante. O "waiter" — isso que aí vocês chamam garçon — olhou-me com cara d'asno. Repeti: "A glass of water, please!" Ele ainda ficou no ar uns instantes. Depois seu rosto iluminou-se (era um garçon inteligentissimo) e disse: "Warer?" (*uórar*), e trouxe-me a agua. "Tomato" é "tomeiro" — e eu sou "Mr. Lobeiro." Filha é "dórar" e "What of it?" é "Óróvet?". Fui comprar uma fita de maquina. "Standard ou pôrabal?" perguntou o homem. Espertissimamente adivinhei que "pôrabal" queria dizer "portable" — maquina portatil.

Se gostas de ler inglês, poderei mandar-te um milhão de coisas — sobretudo jornais e revistas.

So long, old chap!

LOBATO.

1928-1943

New York, 17,8,1923.

Rangel:

Será que já morremos um para o outro? Em parte é assim, tanto a vida nos soprou para rumos diferentes. No começo escreviamos-nos como riachos que correm. Era facil. As mesmas ideias na cabeça, os mesmos sonhos — e que bonitos os sonhos literarios da “primeira infancia” literaria! Hontem, mexendo numa gaveta (não é mais gaveta, é *file...*) encontrei uma velha carta e li-a cheio de saudades no nosso tempo, das nossas coisas, da nossa comunhão de ideias. Tudo tão longe agora, já em estado de *will-o-the-wisp* em minha imaginação... Eram faceis, a correspondencia e o mutuo entendimento naqueles periodos. Hoje é mais difficil. Tenho de falar daqui e é muito difficil falar das coisas que “só vendo”. New York é uma cidade que “só vendo.”

O *rush* deste país rumo ao futuro é um fenomeno, Rangel! Quando escrevi *O Choque*, pus entre as maravilhas do futuro a televisão. Pois já é realidade. O *Times* de hoje anuncia que a estação WCFW vai inaugurar comercialmente a irradiação de imagens. O sonho que localizei em seculos futuros encontro realizado aqui.

A primeira vitima da televisão vai ser a velha e boa Saudade, que no fundo é filha da Lentidão e da Falta de Transportes. A saudade desaparecerá do mundo. (Pobres poetas! Dia a dia vão perdendo as cocadas da sua quitandinha.) Porque a saudade vem de não podermos ver e ouvir a pessoa querida que está longe ou já morreu. Mas o radio e a televisão destroem o longe. Em breve futuro a palavra “longe” se tornará arcaismo. Como longe essa tua Minas, se poderei ver-te e ouvir-te daqui? E quanto ao longe da morte, logo o De Forest inventa uma valvula metapsicotonica para a comunicação entre vivos e mortos. Em vez de ter saudades do Ricardo, eu chego ao aparelho e ligo-me com a “frequencia ricardiana”.

— “Hello! É você, Ricardo?”

— “Sim...”

— “Pois eu estou aqui, meu caro, neste perpetuo curto-circuito que é New York”.

— “E o nosso Rangel, que fim levou?”

— “Inda ha pouco estivemos conversando. Sempre em Minas. Achei-o mais magro. É de tanto traduzir livros de moças, coitado. O Otales explora-o infamemente. E você aí, como vai?”

— “Eu estou me preparando para mudar de esfera.”

— “A frequencia é a mesma?”

— “Não. É outra, tome, nota” — e eu tomo nota da nova metapsicofrequencia do Ricardo.

Como ter saudades dum diabo desses?

Adivinhe quem apareceu por aqui!... O Otales. Tanto insisti que veio. Mas aconteceu-lhe um desastre horrivel: no terceiro dia, o choque desta besta do Apocalipse feita cidade de encontro á “mineirice” do Otales (ele é dum logarejo de Minas) causou-lhe um tal transtorno de nervos que o remedio foi correr á agencia da Lamport e pegar o primeiro vapor *South America bound*. De modo que o Otales esteve aqui só cinco dias, incluindo o da chegada e o da volta. Breve o Rippley do *Believe it or Not* está com desenho nos jornais: “O homem que fez a mais curta visita aos Estados Unidos” — e lá apparecera o Otales em mangas de camisas, ordenhando uma vaca tradutora mineira...

Estive em Detroit oito dias, vendo só duas coisas: a Ford e a General Motors. Mr. Smith, o meu hospedeiro, *manda* nas duas. O que vi dá um livro maior que a Enciclopedia Britanica; portanto, adeus.

LOBATO.

P. S. — Na Ford almocei com Edsel Ford na mesa redonda da *staff*, ou dos “executivos”. Sorensen é muito parecido com o Roberto Simonsen. Ao Ford velho não vi. Estava na Escocia.

LOBATO.

New York, 28,11,1928.

Rangel:

Tu quoque! Até você a publicar trechos de cartas minhas! Não ha nada que me desaponte tanto, porque sou um perante o Respeitavel Publico e outro na intimidade.

Lamentas que estejam a desaparecer as nossas preocupações comuns. Em parte é certo. Distanciamos-nos bastante em nossas orbitas, você seguindo uma muito coerente com os começos, com a vocação e as ideias centrais, e eu... Quando olho para traz fico sem saber o que realmente sou. Porque tenho sido tudo, e creio que *minha verdadeira vocação é procurar o que valha a pena ser*. Aquela minha furia literaria de Areias e da fazenda: quem visse aquilo proclamava-me visceral e irredutivelmente "homem de letras". E errava, porque o Lobato que fazia contos e os discutia com você está mortissimo, enterradissimo e com pesada pedra sem epitafio em cima. O epitafio poderia ser: "Aqui jaz um que se julgou literato e era metalurgista." Porque a minha vocação pela metalurgia é muito maior que a literaria. Jamais conversei com qualquer literato mais atentamente e mais encantado do que conversei com Mr. William H. Smith, o anjo Gabriel anunciador da metalurgia de amanhã. O ferro esponja, Rangel! Eis a beleza suprema. Perto do "sponge iron", todos os livros de Camilo e Machado de Assis só valem materialmente pelo papel, porque o papel contem carbono e o carbono é necessario á Reação diante da qual todos devemos nos ajoelhar porque é a mãe da Civilização: $FeO - O + C = FeC$.

Não te assustes. *FeO* é como a Ciencia de Mr. Smith denomina o que vocês aí, gente ignara, chamam "morro de ferro", "pedra de ferro", "ferrugem", etc. O Pico de Itabira não é pico de Itabira nenhum: é *FeO*, isto é, uma combinação do elemento *Fe*, vulgo ferro, com o elemento *O*, vulgo Oxigenio. No estado natural o *Fe* aparece mais agarrado ao *O* do que o Orelha Gorda era agarrado ao dinheiro. Mas se conseguirmos separa-los, divorcia-los, e depois casarmos o elemento livre *Fe* com o elemento *C* (ou Carbono), teremos a maravilha que é o *metal* chamado *Ferro*, com todas as suas modalidades de *Aços*. E temos o pai da Civilização! Abstrai-se dela o ferro e a que fica reduzida? Esta New York

imensissima voltará a ser aquela ilha de Manhattan que o holandês Peter Minuit comprou dos índios por 25 dolares. E não haverá nenhum Peter Minuit para compra-la de novo, porque Peter já era um filho da civilização europeia, filha por sua vez do ferro.

Isto é o que o brasileiro não compreende, Rangel, e só agora vim a compreender. O segredo de todas as prosperidades e culturas está no *FeC*, porque o *FeC* (ou aço) é a materia prima do *Instrumento* e da *Maquina*, e do *Instrumento* e da *Maquina* é que sai este belo horror chamado *Civilização*. *Vida Ociosa*, por exemplo, é um produto da *civilização* e, portanto, um produto do *Instrumento* e da *Maquina*, e, portanto, um produto do *FeC*. Porque para que esse livro existisse foi mister que existissem varios instrumentos de ferro e varias maquinas de ferro. *Instrumentos*: machado que corta a arvore na floresta, serra que divide o tronco em toras — e é no papel produzido com a polpa dessas toras que mestre Rangel escreveu o que pensou, com um instrumento chamado *pena*, feito de ferro. E *maquinas*: o carro que puxou as toras de madeira, o moinho que as reduziu a polpa, todas as maquinas do que chamamos uma “*fabrica de papel*”; e depois, o *trem* que transportou para tua Minas o papel em resmas, etc. De que modo escreverias o teu romance, se vivesses a vida do indio que não dispõe de ferro? Na areia das praias, com um panzinho, como fez Anchieta, para que o vento e as ondas o lessem e apagassem?

Estamos com uma empresa em organização no Rio para ferrar o Brasil, isto é: para produzir ferro pelo maravilhoso processo de Mr. Smith e com esse ferro construir as maquinas e instrumentos por falta dos quais ainda vagimos no “berço do atrazo”, como diria o Macuco.

Ah, Rangel, o Macuco! O nosso tempo do Minarete! És o unico amigo efetivo que me resta daquele tempo; efetivo porque produz efeitos a mim relacionados: carta, troca de ideias e impressões, elogios. Como nós nos elogiavamos, Rangel! Como gostavamos da comidinha! Todas as nossas cartas levavam bombons dentro, dos de licor interno. Elogios aos nossos estilos!

Conversar com você por carta foi o meu substituto de conversar comigo mesmo em noites de lua — porque nunca tive tempo de conversar comigo mesmo de dia e ainda menos

agora que minha vida virou um *rush* de *subway* no Times Square ás 5 horas. E só conversávamos um assunto...

A lua! Eu só falava comigo mesmo quando sozinho no campo, com a lua lá em cima. A lua, a velha lua... Sabe que a vi hontem?

Meu escritorio é na Battery Place, a praça á beira d'agua onde esta cidade começou, e chama-se assim porque foi onde os holandeses de Manhattan armaram uma bateria para se resguardarem dos indios. Como aquela fortaleza da Bertioga que o "coronel" Tomé de Souza construiu para defesa contra os tupinambás e onde esteve como artilheiro o Hans Staden. Pois é onde tenho o meu escritorio. Das janelas vejo a pequena praça mal ajardinada, com bancos, com o Aquario num extremo — um aquario cheio de focas que latem como cachorro e onde fui conhecer a piranha do Brasil. Depois, o cais e a agua, e a estatua da Liberdade, pequenina, lá longe.

Pois bem: hontem retardei-me no escritorio e quando sai, já noite, dei com a lua no ceu. Entreparei, comovido. Era a primeira vez que a via em New York. Será verdade? exclamei lá por dentro. Então ha tambem lua nesta terra? Lua sempre me pareceu uma coisa lá do Brasil, lá da fazenda, lá de Areias. E fui sentar-me num dos bancos da praça já deserta, com os olhos fixos na lua — na minha velha e boa lua! E quedei-me a recordar o passado. E lembrei-me da cena do Ricardito beijando o focinho do pobre cavallo de tilburi; e do Raul "tentando" ouvir; e do Albino vacilando; e do Nogueira lendo Zola á luz azul do teu fogareiro de alcool; e do Candido com as suas gravatas maravilhosas; e do Tito babando um trocadilho; e do Lino curto-circuitando estrepitosa e nervosamente; e do Correia *exagerando*; e de você carregando com cara funebre o caixão do Orelha Gorda enquanto mentalmente dava destino aos 100 mil reis que afinal não recebeu... Não houve o que aquela boa lua me não recordasse. Até da minha "egua moura" lá da fazenda. Excelente creatura! Um tanto nervosa. Levava-me á Caçapava no golpe — tres leguas. Um dia assustou-se com um jéca que seguia pela estrada com uma porção de balaaios na cabeça, nas costas, nos ombros — um verdadeiro "balaial" semovente que ela não compreendeu. E como não compreendeu, fez volta brusca e projetou-me longe. Lei da inercia. Ela interrompeu de subito o movimento do galope; eu, misero titere das

leis físicas, continuei no movimento adquirido. Tudo isso a lua de Battery Place me evocou.

Pois não é que no dia seguinte me chega tua carta! Com que prazer a li! Era a continuação do devaneio da vespera.

LOBATO.

New York, 20,6,1929.

Rangel:

Recebi a tua de 1.º deste. Falas num teu romance. Não sei qual é. Coisa das velhas ou nova? Quando sair, não te esqueças de mim.

Perguntas por que não figura meu nome nas "festas" á Miss Brasil... Se não estivesse fazendo tanto calor, eu te contaria o que é essa vergonhosa mistificação. Não ha aqui nenhuma de tais festas. Tudo é armado nos telegramas que o nosso consul e mais uns gatos pingados da colonia inventam para assombro do indigena *down there*. E o botocudo cái. O bonito, as "festas", é só nos telegramas que as folhas daí publicam. Tenho-os lido e córo de vergonha. Nunca supús que fosse possivel mentir com tamanho descaro — e com tanto sucesso *down there*.

'A verdade é esta. Miss Brasil, coitadinha, passou absolutamente despercebida aqui — nem podia ser de outro modo, imensa como é New York e indiferente a tudo que não seja Lindbergh, Dempsey e Babe Ruth. O tal concurso de beleza de Galveston *ninguem* aqui sabe que existe, porque nenhum jornal trata do assunto — é coisinha local, municipal, lá de Galveston, que tambem *ninguem* sabe onde é. É *somewhere*. Foi com dificuldade que consegui saber o resultado desse concurso, onde a pobre menina foi desclassificada, não obtendo nenhum dos onze lugares. O fato é esse. O mais é Consul Sampaio e reporters vindos daí. Mas pelos jornais has de ter visto como esse nada foi transformado em tremenda glorificação da beleza indigena. Manipulação pura!

Senti arrepios, Rangel, quando vi *O Estado de S. Paulo*, com toda a sua velha gravidade, consagrar paginas inteiras de telegramas e comentarios a uma *coisa inexistente* e que aqui manipulam numa sala contigua á minha. E que fazer! Quem se atreve a desmentir ou desmascarar a cinica mistifi-

cação? Cheguei a interpelar um dos autores. "Isso é uma infamia, Fulano. Não se abusa assim da boa fé de todo um povo." Sabe o que me respondeu? "Ninguém lá percebe nada, Lobato. Aquilo é um povo de sarambés." E seria muito fácil desmascarar esses patifes. Era só intima-los a mostrar os jornais americanos que hajam noticiado qualquer coisa. Cada vez mais me convengo de que a nossa gente é safada e cinica fora de conta e medida.

Ha dias assisti á germinação de outra "festa". Esteve cá um figurão da medicina brasilica, e o consul arranhou-lhe um telegrama para o Rio dizendo que ele fôra ou ia ser homenageado em Chicago ou Filadelfia com um banquete de 400 mestres da ciencia americana. O homem estranhou esse numero tão alto.

— "Quatrocentos? Não acha meio muito?"

— "É pouco," foi a resposta. "Vou botar 500" — e botou 500. E *down there* a taba encheu-se de ufania com tremenda homenagem dos "maiores mestres da ciencia americana ao nosso eminentissimo sabio". E assim tudo que vai daqui para aí.

Adeus. Que venha o romancete.

LOBATO.

New York, 13,3,1930

Rangel:

Recebi *Filha*. Bravos! Mais um broto da arvore que antigamente os numerava em vez de dar-lhes nomes! Comecei a ler e fui admirando a perfeição do estilo. Como acompanhasse a formação do teu modo de exprimir ideias e pintar cenas, naquele nosso tempo de correspondencia ativa e copiosa, leio-te hoje como ninguem nunca te lerá — comparando, vendo os progressos, as marchas de flanco, as variantes de curso, etc. Como quem passa por um lugar por onde já andou muito e vai vendo as minimas modificações operadas. E acho que teu estilo ainda descobriu meios de ganhar em pureza, boleio e elegancia. E duvido que entre nossos escritores haja algum que analise e diga melhor. Estou que chegarei ao fim do livro com a impressão de que mais uma vez te saiu do tutano uma obra prima.

— *Chegarei?*... Por que não chega já, se é tão pequeno o volume?

— Porque a leitura foi interrompida por um cabograma do Brasil. Meu filho Edgard apanhou gripe aqui e foi restaurar-se na terrinha natal, mas lá caiu com pneumonia. Num organismo fraco como o dele, uma pneumonia é coisa grave, de modo que fiquei aqui em suspenso, não podendo dar atenção a outra coisa. O periodo critico e decisivo é esperado para amanhã. Ou entra a melhorar ou leva a breca. Compreendes agora porque *Filha* ficou no meio do caminho. Interferencia do Edgard. Filho versus filha.

Adeus. Fica o resto para tempo de mais calma.

LOBATO.

New York, 26,6,1930.

Rangel:

Tirei hoje o dia para uma serie de cartas em atraso; e, embora seja a tua a ultima recebida, a ela respondo em primeiro lugar.

Já não gosto de te escrever, Rangel. A escassez de tempo, consequente ás mil tribulações novas com que o mundo inglês me sobrecarregou, força-me a te escrever ás carreiras, sem aquele sossego antigo, tão gostoso. Para os outros, galopo nesta Remington; mas para você eu queria escrever com as unhas, á moda de dantes.

Não posso. Não ha tempo. Não ha sossego de espirito. Esta New York é um maelstrom devorador de nervos.

Sabe que estou em vesperas de ressuscitar literariamente? A famosa comichão vem vindo — e terei de coçar-me em livro ou jornal. Só me volto para as letras quando o bolso se esvasia, e agora, em vez de pegar milhões de dolares, perdi alguns milhares na Bolsa. Resultado: literatura *around the corner*. E se não me sai logo uma tacada em que tenho grandes esperanças, boto livro, Rangel, boto jornalismo, boto literatura infantil! Se sai a bolada, então adeus Minerva!

Quando me chegou o teu *Filha* eu andava com o Edgard á morte no Brasil. Escapou, mas ainda não está totalmente bom. Logo que tive noticias de sua melhora, li teu livro. Minha impressão foi das mais estranhas. Era uma longinqua voz do passado — a voz dum mundo morto em que eu

já vivera. Um eco... Minha vida tem sido um tal romance de Edgard Wallace, um tal *rush* em direções tão opostas, que me sinto hoje a mil leguas do que fui e do que ainda és. Você ficou no mesmo canteirinho onde te plantaram. Permaneceu arvore e porisso dás lindos frutos e em cada estação uma safra. Eu virei nem sei o que — cigano, *jumping bean*, tudo-quer-e-nada-pega e acabei expatriado neste mundo tão avesso do nosso mundinho afro-latino. Passei de agua a vinho — a mais que vinho, a whiskey. De modo que quando me batem aqui jactos do passado, como *Filha*, fico-me besta, tonto, azoado de saudades do mundo perdido.

Perdido até na lingua. Nunca mais, senão ocasionalmente, li português. Meus jornais matutinos são o *Times* e o *Sun*. Minha *Revista do Brasil* é o *American Mercury*, com o tremendissimo Henry Mencken lá dentro. Meus autores: esse Mencken, O'Neil e tantos outros cujos nomes nada te dizem. Meus homens do radio são o Amos and Andy, o Floyd Gibbons e não sei quem mais. Meu enlevo é a risada *by air* de Julia Sandersen.

Até á musica me entreguei, eu, tão pouco musical. O jazz me deleita, e enlevo-me nos *songs*, nos *Broadway'hits*, no perpetuo marulho oceanico desta Broadway onde moro. Subo ao Chrysler Building e lá de cima penso em Areias, na Anastacia ama do Edgard, no Julinho Sampaio, no Bigeu tabelião. Eles estavam convencidos de que Areias era o umbigo do universo... Inda agora examinei a letra dum *song*. Dizer que a lingua destes menestreis é a inglesa, seria arrancar Dickens da cova. Veja se isto lembra qualquer daquelas coisas shakespearianas que lemos no Brasil:

AIN'TCHA

Ain'tcha kinda glad, Ain'tcha kinda gay,
When you hear me say I loves — ya
Tell me, baby, ain'tcha?
Don'tcha kinda miss that little bit of bliss
When a hug or kiss I gives — ya.
Tell me, baby, ain'tcha?

Parece tupi-guarani, mas é a lingua que New York fala — e pela estranheza da lingua podés imaginar a estranheza do resto, irrelembutivo de qualquer coisa nossa.

Estou avô, já sabes, duma americanazinha, a Joyce; e compreendo por que os vóvós ficam babões. É que, mais

vividos, sabem melhor apreciar o milagre que é a criança; quando somos apenas pais, estamos ainda muito moços, muito perto da criança, e não a apreciamos devidamente. A neta passa uns dias aqui e outros com a mãe, de modo que não cansa um lado nem outro. Talvez isto contribua para que a achemos tão engraçadinha.

Tenho vontade de fazer um livro sobre esta cidade. Inda ha pouco Paul Morand lançou o seu *New York*, muito bem observado, coisa rara nos franceses quando se afastam do *terroir*.

Tenho receio de indicar livros para o Otales. Já me sinto desambientado daí e não sei qual o gosto da nossa gente hoje. Gosto é coisa que muda muito e depressa. Ha aqui e no mundo sucessos de livraria na realidade monstruosos, como agora o *Sargento Griska* e o livro de Remarque, coisas de milhões e que no Brasil passam despercebidas. O nosso Brasil anda tão fora do mundo moderno, tão á parte de tudo, que necessita para o seu estomago de comidinhas *ad hoc*, meio seculo atrazadas do menu das grandes terras.

Tambem vou fazer mais livros infantis. As crianças sei que não mudam. São em todos os tempos e em todas as patrias as mesmas. As mesmas aí, aqui e talvez na China. Que é uma criança? Imaginação e fisiologia; nada mais.

Sabe que concentrei um *Robinson*? Otales encomendou-mo e fi-lo em cinco dias — um recorde: 183 paginas em cinco dias, inclusive um domingo cheio de visitas e partidas de xadrez com o Bemzinho.

Este Bemzinho (como Purezinha o apelidou) é a mais curiosa das creaturas. Germano-americano, mais germano que americano. Um dia apareceu-nos oferecendo os aspiradores Hoover. Trocamos umas palavras e ele só saiu á noite depois de jogar comigo vinte partidas de xadrez. Passou desde então a vir todos os domingos, sempre para o xadrez. Esteve na guerra e até agora ainda tem a zoadá do canhão nos miolos. Cultissimo. Sabe quanto filosofo ha na Alemanha, e enchemos os domingos com discussões de filosofia e xadrez. Mas o curioso é que não entendo o inglês germanizado dele, nem ele entende o meu inglês latinizado. Como conversam então? perguntarás — e eu explico. O Weissman diz uma coisa longa e magistral, que pelo jeito me parece Hegel. Eu respondo “ao que me pareceu que ele disse”. Ele não me en-

tende mas faz a mesma coisa: imagina que eu disse isto ou aquilo — e responde “ao que lhe parece que eu disse”.

Ha um ano já tenho este amigo em casa todas as tardes de domingo, e nunca entendi uma palavra do que ele me disse, nem ele outro tanto das que eu disse. Jogamos uma media de vinte partidas cada domingo. No intervalo entre as partidas ha essa sessão filosofica de *guessings* reciprocos. Lá pelas sete e meia o Weissman levanta-se, perfila-se, sauda-me militarmente e desaparece...

Ha de pensar que isto é blague, mas não é. Nunca duvides de nada do que te contarem dos Estados Unidos. Exemplo: estive ha dias numa conferencia dum Eisentein, diretor de cinema russo. Sentei-me junto a um casal de velhotes. Pegamos prosa. Saimos juntos no fim e na rua ainda conversamos um pedaço. A mulher havia estado no Brasil e muito apreciara as ruinas de Ouro Preto. Á despedida trocamos cartões. Olho: era o famoso De Forest, inventor da valvula de radio, o homenzinho que um mês antes (li nos jornais) ganhara contra a Radio Corporation uma demanda de cinco milhões de dolares por infração de patente...

Bom, hoje é domingo. O Arthur Coelho não tarda: é meu companheiro de conversas mecanicas e de invenções. E depois do Coelho tenho o Bemzinho...

Adeus

LOBATO.

S. Paulo, 3,12,1931

Rangel:

Esperamos-te pelo Natal, para, diante dum perú recheado, discutirmos o plano do Dicionario Webster Brasileiro — uma coisa colossal. Sim, meu caro: em minha caixa de segredos ha o diabo, tudo aguardando ensejo — e tambem que saia o negocio do ferro.

Vai bem este negocio. Tenho diante dos olhos amostras do maravilhoso aço produzido com o ferro-esponja que obtivemos nas experiencias do Rio. Aço de lamina Gillette, coisa que nunca houve no Brasil!

Amanhã entra a nossa proposta ao governo, num tremebundo relatorio tecnico de 90 paginas, que exhaure a questão.

Sindicato Nacional de Industria e Comercio, chama-se a nossa companhia. Mas nem vale a pena falar nisto: pensa que é literatura de ficção...

Quanto ao petroleo, continuo com esperanças de dá-lo ao Brasil num ano ou dois. Estou imprimindo um prospecto para o lançamento da Campanhia Petroleos do Brasil. Primeira fase: pequeno capital só para as experiencias com o aparelho Romero, o *Indicador de Oleo e Gas*. Bem sucedidos que sejamos, virá a companhia perfuradora e exploradora — e havemos de afogar em petroleo este país que nega as verdadeiras riquezas que tem.

Já viste *Reinações de Narizinho*? Vou falar na Editora que te mandem. Dei tambem *Alice no Pais das Maravilhas e Robinson*, tudo na mesma semana. E hontem falei no Radio com a filhinha do Otales, a Cleo, uma menina que é um encanto de desembaraço. Dialogamos inventadamente sobre o que nos veio á cabeça e todos gostaram. Acharam “uma coisa muito bem feita”. Não foi feita coisa nenhuma. Alguem me havia convidado para dizer algo ao microfone. Recusei. Nesse momento apareceu o Otales com a Cleo. Con-tei o caso e ela: “Vamos falar. Lobato!” e resolvi então aceitar o convite. “Sobre o que falarmos, Cleo?” E ela: “Sobre o sitio de dona Benta, sobre a Emilia, o visconde... Você pergunta e eu respondo.”

— “E se engasgarmos, Cleo?”

— “Eu desengasgo você e você me desengasga...”

Com um diabrete desses, quem não falará no radio? Meia hora depois estavamos no ar. Vê o recorte incluso, com o nosso retrato.

Vida ativa, Rangel, que delicia! Pena sermos um país ainda tão agna-choca. O que não era possivel fazer aqui, se houvesse mais compreensão, mais cultura universal, mais ciencia, mais eficiencia...

LOBATO.

S. Paulo, 6,6,1934.

Rangel:

Ando com preguença de atacar a tradução do Will Durant. Comecei o capitulo sobre Spinoza e parei. Mas é

estupendo! Não mexas nesse capítulo. E' meu! De repente, pego que nem sapo e não largo mais.

Tenho empregado as manhiãs a traduzir, e num galope. Imagine só a batelada de janeiro até hoje: Grimm, Andersen, Perrault, *Contos* de Conan Doyle, *O Homem Invisível* de Wells, *Pollyana Menina e Pollyana Moça*, *O Livro da Jungle*. E ainda fiz a *Emilia no País da Gramatica*. Tudo isto sem faltar ao meu trabalho diario na Cia. Petroleos do Brasil, com amiudadas visitas ao poço do Araquá. Positivamente não sei explicar como produzi tanto sem atrapalhar o meu trem normal de vida.

Gosto imenso de traduzir certos autores. É uma viagem por um estilo. E traduzir Kipling, então? Que esporte! Que alpinismo! Que delicia remodelar uma obra d'arte em outra lingua! Estou agora a concluir um Jack London, que alguem daqui traduziu massacradamente. Adoro London com suas neves do Alaska, com o seu Klondike, com os seus maravilhosos cães de trenó.

Ando a fiscalizar as traduções para o Otales, e bom dinheiro perde ele com essa fiscalização! Mas, faça-se-lhe justiça: perde-o com prazer. Prefere perder dinheiro a enfiar no publico uma tradução que eu condene. Que outro editor faz isso? Já perdeu assim mais de vinte contos este ano. E o publico enguliria do mesmo modo todas as infamias condenadas, porque o publico é o maior boeiro do mundo. Eu ás vezes até me revolto de dar tratos á bola em certos trechos de difficil tradução, ao lembrar-me do que é a media do publico. Mas sou visceralmente honesto na minha literatura. Duvide quem quiser dessa honestidade. Eu não duvido. Nem você.

S. Paulo, 16,6,1934.

Rangel:

Dividamos ao meio a *Story of Philosophy* do Will Durant e assinemos com iniciais os capitulos que traduzirmos. Juntos sempre, até na historia da filosofia... Minha ideia é fazer trabalho perfeito. O Otales não tem muita pressa. Durant merece todo o carinho, e nós temos responsabilidades.

Estou relendo, sabe o que? *A Vida Ociosa*, meio de matar as saudades daquele tempo. Juro que é obra prima até

á raiz da unha. Ponho-a ao lado do melhor de Machado de Assis. Mande um exemplar para a America, endereçada a uma professora minha amiga lá, Miss Pidgeon, que já esteve em Minas e sabe português. Se ela o traduzir e publicar, ficas universal. A nova edição que o Otales vai fazer, fatalmente provocará mais barulho que a primeira. O Brasil já está menos tabareu.

Tens ainda aquele artigo lindo que sobre o teu romance publicou *in illo tempore* o Moacir Deabreu? Se tens, mande. Queremos preparar uma publicidade especial. Quatorze anos já se passaram do primeiro lançamento. O romance está com a virgindade restabelecida. Entra para uma coleção nova intitulada "Os Grandes Livros Brasileiros", na qual só caberá o que realmente for grande e já estiver consagrado pelo tempo. Quatorze anos? Muito mais! Quatorze anos faz que esse livro está *out of print*. Não perdoo isso ao Otales. Deixar o Brasil sem *Vida* durante quasi uma decada e meia... O melhor livro que a Editora tem...

LOBATO.

S. Paulo, 7,10,1934.

Rangel:

Acabo de receber a carta de 18 e o recorte. Boa critica. Nesses dois palmos ha muitas ideias — e pela qualidade do critico acho que será coisa de ler-se a tal *Oscarina*. Se me aparecer de jeito, fisgo-a, apesar da minha cronica falta de tempo. Que estupidez, isto de dias de 24 horas! Acabo mudando-me para Netuno. Os dias lá têm 1916 horas.

Minha popularidade apavora-me. Com a ausencia e silencio de seis anos, esperei estar hermeticamente esquecido; mas vejo o meu nome por toda parte, ligado ao ferro e ao petroleo.

Que aventura tremenda, Rangel! Dar petroleo ao Brasil como quem dá cocada a uma criança! Se o governo me não atrapalhar, dou ferro e petroleo ao Brasil em quantidades rockefellerianas. As perfurações estão em marcha.

Tenho em composição um livro absolutamente original, *Reinações de Narizinho* — consolidação num volume grande dessas aventuras que tenho publicado por partes, com melho-

rias, aumentos e unificação num todo harmonico. Trezentas paginas em corpo 10 — livro para ler, não para ver, como esses de papel grosso e mais desenhos do que texto. Estou gostando tanto, que brigarei com quem não gostar. Estupendo, Rangel! E os novos livros que tenho na cabeça ainda são mais originais. Vou fazer um verdadeiro *Rocamboles* infantil, coisa que não acabe mais. Aventuras do meu pessoalzinho lá no ceu, de astro em astro, por cima da via Latea, no anel de Saturno, onde brincam de escorregar... E a pobre da tia Nastácia metida no embrulho, levada sem que ela o perceba... A conversa da preta com Kepler e Newton, encontrados por lá medindo com a trena certas distancias astronomicas para confundir o Albert Einstein, é algo prodigioso de contraste comico. Pela primeira vez estou a entusiasmar-me por uma obra.

O Otales está uma fera. Quanto maior a crise, mais livros lança. Hontem encheu uma pagina dos jornais com uma avalanche de anuncios. Otales foi a minha maior invenção. Começou comigo aos 17 anos e hoje é o dono unico da Editora Nacional. Já te contei que, quando na America, lhe vendi minha parte para sustentar um jogo de Bolsa (compra de titulos com margem) e perdi tudo? Mas se o petroleo me sai, fico mais uma vez endinheirado e volto a associar-me a ele e então, com o capital novo do "ouro liquido", havemos de revirar este país de pernas para o ar — e civiliza-lo á força.

Rangel, has de estar estranhando o tom euforico desta carta e pensarás que é o ferro ou o petroleo que vem vindo *around the corner*. Nada disso. É a perspectiva do encontro de tia Nastácia com Isaac Newton que me põe de bom humor. Imagine a coitada lá pelos intermundios, escorregando dum rabo de cometa, caindo de estrela em estrela e afinal aparada por um par de braços. De quem? De Sir Isaac Newton! E o Burro Falante, que andava gostando dela e com honestissimas ideias de casamento, derruba as orelhas, enciumado...

Adeus, Rangel. A literatura ainda é o meu consolo...

LOBATO.

Rangel:

Em mãos tua "carta". Tão pequena que tive de recorrer a um microscópio para enxerga-la. Perguntas que faço. Vivo! Que se pode fazer numa terra destas, senão viver? Se eu estivesse na America, onde ha estradas, acompanhar-te-ia nesse desejo compensatorio de nomadismo civilizado. Curioso esse retorno a um velho instinto selvagem! Fomos nomades durante milenios e milenios; mas de uns tantos seculos para cá a vida nos fez forçadamente sedentarios, fixos num ponto. Mas esse sedentarismo é apenas uma "segunda natureza" e muito tenra ainda, não encoscorada em rija cristalização. A nossa natureza verdadeira é a anterior — a do nomadismo. Pois bem: os americanos resolveram o problema do retorno ao nomadismo sem o abandono da civilização. Como? Com o trailer.

Mas essa maravilha da casa ambulante, que lá já beneficia os instintos nomadisticos de 400 mil familias, cá entre nós ainda é um sonho. Não temos estradas, não temos trailers, não temos dinheiro, nem coragem... nem anuncios. Esta União Jornalística Brasileira, de cujo escritorio te escrevo, só me dá prejuizos, contos e contos de reis, porque não consegue a publicidade que lhe seria mister para subsistir e dar lucro. Tudo apodrece por aqui, Rangel. Tudo arrasta.

Eu apodreço no petroleo; lido com ele ha oito anos e nada; não consigo vencer os embaraços officiais. E apodreço nesta UJB que é um sorvedouro. E apodreço no ferro, onde tambem só encontramos obstaculos (já estou no ferro ha 10 anos!). E você apodrece nas traduções. Por falar: leia a *Filosofia da Vida* do Will Durant, a maravilha das maravilhas. Mas leia a 2.ª edição, ainda no prelo. As segundas edições de coisas minhas são sempre melhores que as primeiras. Revi hontem as ultimas provas. Maravilha, Rangel.

Esse Adler esteve comigo mas tive preguiça de ataca-lo Ou medo! Adler — aguia... Preferi pegar *Towards the Stars*, de Bradley, livro de tremendas revelações mediunicas e que te aconselho. Pena não termos um Valentine. Este nosso mundo aqui anda tão chucro e sordido que o consolo é pensar em outro. A outra vida, o *au-delà*... Minha ideia é que

morrer significa passar do estado solido para o gasoso, como o bloco de gelo que com a mudança de temperatura derrete e se transforma em vapor. O vapor é invisível e tem propriedades totalmente diversas da do bloco de gelo, e no entanto é o proprio bloco de gelo reduzido a estado de vapor. E se resfriarmos o ambiente onde está o vapor, o vapor invisível condensa-se, vira liquido e depois vira o mesmo gelo que era no começo da experiencia. Eis a Reincarnação! Vapor condensado!...

Que aconteceu com o nosso Ricardo? Passou do estado solido para o gasoso; e simplesmente por isso se tornou invisível aos nossos olhos. Nada mais. Eu ando tão enjoado desta UJB e desta terra, cujos dirigentes tanto me atrapalham no ferro e no petroleo, que só aspiro uma coisa: passar para o estado gasoso e ir dar parabens ao "gás Ricardo" da sabedoria com que resolveu aos vinte e poucos anos o problema com que arcamos ainda. Rangel: que horror a vida dentro da atmosfera da incompreensão, da inveja e da malevolencia nacional! O supremo gosto entre nós é ver alguém cair, fracassar, levar a breca... Começo a duvidar da viabilidade da nossa sub-raça.

LOBATO.

S. Paulo, 15,4,1940.

Rangel:

Evidentemente perdeu-se uma carta que te escrevi logo após ao teu telegrama. Ah, Rangel, eu a chamar-te para aqui, e tu a chamares-me para aí... O bom será que a Magra nos chame aos dois para o outro mundo. Creio que o nosso lugar já é lá. Estamos "sobrando".

A ideia da Tebaida é boa — e quem sabe? Um "retiro espiritual" antes do vôo... Mas tudo depende de mil coisas, neste encrenacissimo país. Estamos agora em luta tremenda contra o maior obstaculo que ainda defrontou o nosso petroleo, obstaculo oficial mais duro que a diabase do Araquá. Imagine que a Cia. Petroleos foi impedida de continuar a perfuração do seu poço lindo, que já estava em 1530 metros; e a Cia. Matogrossense, coitada, com duas sondas montadas em Porto Esperança, com oficinas lá e o diabo, e engenheiros e o pes-

soal a postos, até agora não teve licença para perfurar! Já um ano e seis meses de espera. Espera de licença para tirar petróleo e salvar este país da miséria que o roi... Inda hoje escrevi uma grande carta ao chefe do governo denunciando a patifaria. Dará resultado?

Ora, essas coisas me têm aborrecido tanto, que passei a estudar o problema da morte como uma aspirina que cura tudo duma vez. Morrer e ir para o Inferno, que delicia! Porque se formos para o Ceu, encontraremos lá toda a turba dos sabotadores — tão influente e poderosa ela é. E, pois, como pensar em “retiro espiritual” em Belo Horizonte?

Continuo traduzindo. A tradução é a minha pinga. Traduzo como o bebedô bebe: para esquecer, para atordoar. Enquanto traduzo, não penso na sabotagem do petróleo.

Bom. Chega. O meu escritorio está cheio de parasitas. Tenho de parar para ouvi-los repetir o que disseram hontem e vão redizer amanhã. Que saudades do nosso Minarete, com o Nogueira ferrado no Zola e o Ricardo a medir versos. “A-ca-son-de-mo-ra-que-la-me-mi-na-côr-da-çu-ce...” Quem seria essa menina? A Beatriz? Nunca Ricardo me confidenciou os seus amores.

Bom. Entrou mais um — e este com cara de facada...

LOBATO.

S. Paulo, 17,9,1941.

Rangel:

Tambem me vou enfarando cada vez mais. Mas que fazer para enchimento dos dias de espera? Tenho agora diante de mim uma obra sobre Lincoln e hontem acabei a revisão do meu *Kim*. Leia-o, Rangel. Depois do *Livro da Jangal*, é a melhor coisa de Kipling. A primeira tradução do *Kim* lançada pela Editora era uma neblina. A gente lia e entendia vagamente. Otalles encomendou-me outra. Meu ultimo trabalho — ou “trabalheira” — foi retraduzir uma tradução do tremendo *For Whom the Bell Tolls*, do Hemingway. Encontrei “perolas do Agripino” nessa tradução, e das mais preciosas. Esta, por exemplo: — “What is this?” pergunta lá um cabra quando Jordan tira do bolso a frasqueira de absinto. E Jordan responde: “That is the real absinthe. That is

wormwood.” Wormwood é o nome inglês da nossa velha losna, o ingrediente do absinto; mas como se trata duma palavra composta — *worm*, verme; e *wood*, pau, madeira — lá o tradutor tomou a pobre losna como “bicho de pau podre” e verteu assim: “Isto é o absinto, uma bebida feita de bicho de pau podre.” E acrescentou: “No verdadeiro absinto ha verme de pau, cupim...”

Na primeira tradução do *Kim* também encontrei uma boa perola agripinesca. No original está: “We who go down to the *burning-gaths* cluch at the hands of those coming up from the River of Life, etc.” E na tradução vem: “Nós que vamos descendo para o campo do carnicheiro, etc”. Essa tradução de *burning-ghats*, ou fogueiras onde na India queimam os mortos, por “campo do carnicheiro”, deixou-me profundamente intrigado. Eu estava na prisão, cumprindo sentença, e matava o tempo com a nova tradução do *Kim*. Pus os olhos nas grades e fiquei a matutar naquele quebra-cabeças. De que modo fogueira de cremar defunto pôde virar “campo do carnicheiro?” Por fim descobri. Na tradução francesa do *Kim* deve estar *bucher*, fogueira, palavra que muito se aproxima de *boucher*, carnicheiro. O tradutor, que evidentemente traduzia do francês e não do inglês, confundiu as duas palavras e pôs “carniceiro” em vez de “fogueira”. Mas achando exquisito aquela “procissão rumo ao carnicheiro”, inventou o “campo” e botou “campo do carnicheiro...” O Agripino coleciona destas “perolas”, e se recorresse a mim eu lhe forneceria colares maravilhosos. Tenho uma coleção que vale ouro. E eu também solto de vez em quando a minha perolazinha. Na *Historia da Literatura* traduzi *The Village Blacksmith*, O Ferreiro da Aldeia por *A Aldeia de Blacksmith* — e mais que depressa o Agripino, com aquele seu bico de ave, *nhoc!* fisgou-me a perola e lá a pôs em sua coleção.

Mas o nosso tédio, Rangel, chama-se “velhice”. Somos uma porcaria. Somos uns cacos de pote. Nada mais nos sabe ao paladar, porque já perdemos o paladar. Você relê os velhos idolos da mocidade e desaponta-se. Eu não releio os meus para evitar o desapontamento. Camilo, Anatole... Levei varios Anatoles para a prisão e pouco li. Já não me sabiam como dantes. A beleza que encontramos nas coisas e nas gentes não estão nelas, estão em nós — e a idade a vai apagando. Mas Machado de Assis no *Braz Cubas* ainda não me desaponta.

Nem livros novos para crianças tive coragem de fazer este ano, apesar de ter na cabeça ideias magnificas. Vem vindo a indiferença por tudo. Se eu for para a Argentina, talvez ainda bruxoleie antes de apagar-me completamente. Aqui nesta terra, nem animo de bruxolear eu tenho. Não vale a pena. Depois que me vi condenado a 6 meses de prisão, e posto numa cadeia de assassinos e ladrões só porque teimei demais em dar petroleo á minha terra, morri um bom pedaço na alma. Espero que seja esse o meu ultimo desapontamento. Nada mais empreendendo, não correrei risco de nenhum outro.

Sessenta livros já traduziu você? Tremendo! Eu não sei quantos tenho, nem quero saber.

Estive em Taubaté depois de 25 anos de ausencia — lá de onde tanto te escrevi no tempo em que tinha mais literatura e sonho na cabeça do que hoje tenho odios e nojo de tudo. Nós nos *procuravamos*, Rangel. E tanto nos procuramos que nos achamos. Nós nos construimos lentamente, não nascemos feitos. E a nossa longa troca de cartas foi uma coisa linda. As duas chamas trocavam as suas fumaças — e nenhum de nós previu o que estava na frente. Você estacionou no meio do caminho, ocupado em distribuir justiça. Escreveu o melhor livro da epoca e amoitou — brochou — desinteressou-se. Eu continuei a produzir coisas e até agora ainda ponho meus ovos de galinha velha. Mas o que nunca jamais imaginei é que alcançasse as tiragens que tenho. Já passei do primeiro milhão e março para o segundo. Quando o ano passado o Otalles me apresentou a lista das minhas edições, uma a uma, arregalei os olhos: estava em 1.200.000, por mais absurdo que te pareça. E como isso aumenta de uns 100.000 por ano, vou morrer “bimilionario.”

Estamos agora aqui com a maravilha das maravilhas, que é a FANTASIA do Walt Disney. Já me delicieei se's vezes. Não a percas, Rangel. Faça uma viagem ao Rio especialmente para te assombrares com essa amostrazinha das tremendas coisas futuras que nossos netos verão. Uma vez em meninote fugi de Taubaté para ver a Sarah Bernhardt em S. Paulo — a Sarah, que era apenas uma coruja. Fuja de Belo Horizonte e vá ver a FANTASIA. Nós fomos uma FANTASIA, Rangel...

LOBATO.

Rangel:

Pois é. Perdi meu segundo filho, o Edgard, um menino de ouro, tal qual o Guilherme. Impossível filhos melhores que os meus, e talvez porisso foram chamados tão cedo. O Guilherme se foi aos 24 anos e agora o Edgard com 31. Ele nunca se esqueceu da primeira carta recebida pelo correio, uma tua.

Eu não me desespero com mortes porque tenho a morte como um alvará de soltura. Solta-nos deste estúpido estado solido para o gasoso — dá-nos invisibilidade e expansão, exatamente o que acontece ao bloco de gelo que se passa a vapor. Mas Purezinha não se conforma. Impossível maior desespero. E do ponto de vista humano, tem razão. Foram dois filhos perfeitos. Creia, Rangel, que não me lembro de nenhuma coisa má, ou levemente má, que eles hajam feito em vida. Quantos pais podem dizer isto?

O Guilherme era caladão, metido consigo, como esses que vivem em eterno monologo interior — e morreu a mais linda das mortes. *Passou* em pleno sono. Dormiu e não mais acordou para este mundo. Já o pobrezinho do Edgard sofreu muito — e com que estoicismo, Rangel! Com que filosofia de grande filosofo!

E assim vamos também nós morrendo. Morrendo nos filhos, pedaços de nós mesmos que seguem na frente. Morrendo nas tremendas desilusões em que desfecham nossos sonhos. E morrendo fisiologicamente no torpor das glandulas, no decair da vista, no desinteresse cada vez maior por coisas que na mocidade nos eram de tremenda importancia.

Se estamos aqui como numa escola de aperfeiçoamento, meus filhos acabaram o curso mais depressa que eu — prova de que eram melhores alunos do que eu. E tive de assistir á morte dos dois e ficar no maior desapontamento — “sobrando”...

LOBATO.

S. Paulo, 28,3,1943.

Rangel:

Vim do Otales. Anunciou-me que com as tiragens deste ano passo o MILHÃO só de livros infantis. Esse numero demonstra que meu caminho é esse — e é o caminho da salvação. Estou condenado a ser o Andersen desta terra — talvez da America Latina, pois contratei 26 livros infantis com um editor de Buenos Aires. E isso não deixa de me assustar, porque tenho bem viva a recordação das minhas primeiras leituras. Não me lembro do que li hontem, mas me lembro do meu *Robinson* inteirinho — o meu *Robinson* dos onze anos. A receptividade do cerebro infantil ainda limpo de impressões é algo tremendo — e foi ao que o infame fascismo da nossa era recorreu para a sordida escravização da humanidade e supressão de todas as liberdades. A destruição em curso vai ser a maior da historia, porque os soldados de Hitler leram em criança os venenos cientificamente dosados do hitlerismo — leram como eu li o *Robinson*. Para que bem avalies o que é a criança, mando copia duma carta recebida hontem, muito tipica das centenas que recebo dizendo sempre a mesma coisa, embora com menos expressão e intensidade.

Ah, Rangel, que mundos diferentes, o do adulto e o da criança! Por não compreender isso e considerar a criança “um adulto em ponto pequeno”, é que tantos escritores fracassam na literatura infantil e um Andersen fica eterno. Estou nesse setor ha já vinte anos, e o intenso grau da minha “reeditabilidade” mostra que o meu verdadeiro setor é esse. A reeditabilidade dos meus livros para adulto é muito menor. Não posso dar a receita. Entram em cena imponderaveis, inapreensiveis. A carta desta menina revela todo um mundo para o psicologo. E cartas assim constituem os verdadeiros premios que possa ter um escritor no fim da vida.

“Querido Monteiro Lobato:

Chamo-o assim porque desde pequenina me habituei tanto a você, “tivemos” tantas palestras juntos na minha imaginação, que não teria jeito de trata-lo de outra forma. Creio que somos intimos.

Aos oito anos li *Reinações de Narizinho* e vivi todos os lances do livro. Desde então tenho lido todos os outros da sua serie. Adoro a Emilia e desafio quem diga que a ama mais. Naquela epoca meus pais me haviam dado de presente uma boneca de pano que se parecia muito com ela (fôra mandada fazer especialmente, e essa boneca tornou-se a minha companheira de todos os momentos. Dormiamos juntas, abraçadinhas. E tinhamos muito de comum. Tudo quanto a sua boneca dizia ou fazia nos livros, era por nós (eu e ela) repetido em nossos brinquedos. Se não realmente, ao menos pelo metodo do "faz-de-conta". Essa boneca foi o meu idolo. Vivia sentadinha numa poltrona do meu quarto junto á estante das aventuras da Emilia. Certa vez, eu já bem taluda e de volta para casa nas ferias, recebi a noticia do desastre: um cãozinho novo, nascido em nossa casa e muito reinador, tinha-a estraçalhado completamente! Eu já estava com 13 anos e no curso secundario, mas não me envergonho de confessar que chorei. Chorei como um bebê. Chôro entremeado de soluços. Era um pedaço de mim mesma que lá se fôra para sempre!

Tenho varios retratos da Emilia nas paredes de meu quarto, mandados fazer segundo os seus livros, sempre com a indefectivel sainha de xadrez.

Desde que comecei a ler seus livros "resolvi" tornar-me escritora. Isso aos 8 anos! Que audacia!... Com o tempo, porém, verifiquei que para conseguirmos ser uma coisa é preciso "nascer-se" essa coisa e eu não "nascera", eis tudo.

O que você escreve eu devoro com delicia. Tudo! Livros infantis e não infantis. Seus contos e o mais são perfeitos. Não ha neles uma palavra superflua. Artigos que saíram antes da sua prisão, eu os devorei todos. Não pude ir visita-lo na cadeia, mas ficou-me sempre na lembrança essa prisão. Não a esquecia nem um só momento.

Lembra-se dum artigo seu em que diz ao reporter que se ele, reporter, começasse a entender você isso significaria que ele estava deixando de ser humano? Otimo! Em suma: você é unico!

Meus pais são do tipo antigo, cheios de preconceitos e essa foi uma das razões de o não ter visitado. Só saio com minha tia, já idosa, ou com uma criada, "cria" da minha avó, que é uma terrivel chaperonne.

Desejo imenso conhece-lo, mas não acho coisa possível. Com tão "ferrenha" familia, tornei-me cheia de inibições e sem confiança em mim. Eles não aprovam as minhas "audaciosas" ideias, como, por exemplo, querer ser apresentada a um homem.

Sou uma atormentada, cheia de curiosidades, e não podendo satisfazer nenhuma. Tudo é proibido. "Défendu", como diz a Superiora. "Não fica bem a uma menina."

Leio muito, mas ás tontas e ás escondidas. Sou dum ignorancia crassa, que me revolta. Desejaria saber ao menos o papel que represento na vida. Ah, se eu tivesse quem me orientasse as leituras, para não perder tempo com inutilidades...

O tempo que consigo roubar ao estudo é escasso, e somos tão vigiadas! Como sei escrever á maquina, elas pedem-me para fazer certos trabalhos; e gosto, porque gosto de escrever "maquinalmente". Fico só no escritorio e então devaneio. Foi o que succedeu agora, e resolvi realizar um velho sonho, escrevendo-lhe esta carta. Não creio que esteja cometendo nenhum crime, mas receio que você me ache enfadonha e não responda. Se alguém me perguntasse qual a oitava maravilha do mundo, eu diria: a Emilia, ou o seu creador, ou o Sitio do Picapau Amarelo, pois tudo se confunde.

Passos se aproximam. Adeus...

F."

Quando, ao escrever a historia de Narizinho, lá naquele escritorio da rua Boa Vista, me caiu do bico da pena uma boneca de pano muito feia e muda, bem longe estava eu de supor que iria ser o germe da encantadora Rainha Mab do meu outono.

Adeus, caro Rangel.

LOBATO.

★ Este livro foi composto e impresso nas oficinas da Empresa Gráfica da "Revista dos Tribunais" Ltda., à rua Conde de Sarzedas, 38, São Paulo, para a Companhia Editora Nacional, São Paulo, em setembro de 1944.



UNIVERSITY OF TEXAS AT AUSTIN - UNIV LIBS



3023936294

5917 3023936294